**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE ENFERMAGEM DE RIBEIRÃO PRETO**

Angélica Teixeira Gomes

**Sociodrama com estudantes universitários: um instrumento de
investigação e promoção de saúde mental**

**Ribeirão Preto
2019**

Angélica Teixeira Gomes

Sociodrama com estudantes universitários: um instrumento de investigação e promoção de saúde mental

Versão corrigida

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Enfermagem Psiquiátrica da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo, como requisito para obtenção do título de Doutora em Ciências.

Área de Concentração: Enfermagem Psiquiátrica.

Linha de Pesquisa: Enfermagem Psiquiátrica: políticas, saberes e práticas.

Orientador: Prof. Dr. Luiz Jorge Pedrão

Coorientadora: Prof^a Dr^a Daniela de Figueiredo Ribeiro

**Ribeirão Preto
2019**

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Gomes, Angélica Teixeira

Sociodrama com estudantes universitários: um instrumento de investigação e promoção de saúde mental. Ribeirão Preto, 2019.

391 p.. : il. ; 30 cm

Tese de doutorado, apresentada à Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto/USP. Área de concentração: Enfermagem Psiquiátrica.

Orientador: Pedrão, Luiz Jorge.

Coorientadora: Ribeiro, Daniela de Figueiredo.

1. Psicodrama. 2. Sofrimento Psíquico. 3. Estudantes. 4. Educação Superior.

GOMES, A. T. **Sociodrama com estudantes universitários: um instrumento de investigação e promoção de saúde mental.** 2019. 391 f. Tese (Doutorado) apresentada à Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo, para obtenção do título de Doutora em Ciências.

Aprovado em: ____/____/____

Banca Examinadora

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

A presente Tese foi realizada com apoio financeiro da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

Dedico este trabalho aos meus mestres de Psicodrama e à todos que compartilham esse modo de vida comigo. Que possamos continuar abertos à *revolução criadora* nesse mundo!

AGRADECIMENTOS

Iniciar os agradecimentos é sempre emocionante, à medida que permite o resgate do processo vivenciado ao longo do período de confecção da presente Tese. São tantos encontros, tantas histórias, disciplinas, leituras e resenhas; desafios próprios ao fazer de cada fase do processo da pesquisa, em que pude aprofundar, um pouco mais a cada dia, aquele campo em que estava mergulhada. Nesse sentido, as pessoas, os encontros, as trocas e orientações são sempre essenciais.

Gostaria de agradecer primeiramente ao Prof^o Dr^o Luiz Jorge Pedrão, que aceitou o desafio de realização de uma pesquisa-intervenção sociodramática e apoiou todo o processo de elaboração da mesma, mesmo nos momentos mais escuros e permeados por impasses. Obrigada pela paciência e pelas conversas sempre muito generosas. Obrigado por me aceitar como orientanda de doutorado e me permitir a realização de um sonho!

À minha querida amiga e coorientadora do presente trabalho, Prof^a Dr^a Daniela de Figueiredo Ribeiro - difícil mesmo é ter palavras para expressar tudo o que você significou e fez por mim e por esse trabalho de pesquisa, ao longo desses últimos anos. Gratidão pela parceria, pelas muitas e longas leituras, pela paciência com todas as minhas dúvidas e incertezas, e acima de tudo, por ter acompanhado amorosamente, como uma *doula*, cada momento da gestação e do nascimento do presente trabalho.

Ao Prof^o Dr^o Antônio dos Santos Andrade, pelas valiosas contribuições no exame de qualificação, que nos permitiu aprender o caminho importante do acompanhamento da processualidade na realização de um processo de pesquisa e a importância da revelação de dados, processos, percursos. Obrigado pelo apoio nos muitos momentos de dúvida durante a realização da pesquisa e por compartilhar sempre e de forma tão generosa os seus conhecimentos!

Aos jovens estudantes de Psicologia, participantes do grupo de pesquisa, pessoas que se tornaram tão queridas, não somente por oportunizarem a realização

desse processo, mas principalmente pelos Encontros que tivemos ao longo das sessões de grupo, verdadeiros mergulhos nas singularidades de todos nós! Todo o processo me fez ser uma pessoa mais inteira, uma psicoterapeuta mais sensível, uma psicodramatista que teve o privilégio de dirigir um grupo tão afetivo, vibrante, corajoso. Por vocês, essa pesquisa de Doutorado pode acontecer, muito obrigada!

À Elaine (Helô) por desenvolver o papel de ego-auxiliar com sensibilidade, aceitando com carinho, coragem e disponibilidade o convite para compor a “unidade funcional”! Muito obrigada Helô querida!!!

Aos meus colegas de disciplinas e de diversos grupos da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da USP, onde pude conhecer pessoas dedicadas à produção de práticas de cuidado em saúde mental, de forma crítica, afetiva, cooperativa. Foi uma alegria conviver com vocês!

Ao meu marido Thiago, parceiro de vida, companheiro de todas as horas, pela enorme paciência e por ter assumido absolutamente tudo enquanto eu me aventurava por um caminho de pesquisa árduo, mas extremamente sonhado! Amor, obrigado, sem você nada disso teria acontecido!

À minha filha Flora, que passou meses tentando chamar a minha atenção enquanto eu estava no computador, que colocava as provas na minha gaveta para pedir ajuda, que perguntava amorosamente se ainda faltava muito, que aprendeu a esperar a mãe terminar este trabalho com amor, coragem, paciência. Amo você filha!

Aos meus pais, sempre presentes, sempre no apoio, na retaguarda, dando suporte incondicional para que eu realize todos os meus sonhos. Gratidão amorosa e eterna aos meus dois modelos de vida!

À todos os grupos de Psicodrama vivenciados, à todas as pessoas que generosamente me proporcionaram a condição de ser psicodramatista. À minha amiga Marli, sempre incentivadora e companheira, que me apoiou imensamente em todas as etapas desse processo de doutorado, da inscrição ao dia da defesa, me amparando em tantos momentos difíceis. Obrigada amiga querida!!!

Agradeço ao meu irmão Leonardo e minha cunhada Marina pelo acolhimento amoroso na casa deles, em todos esses anos de USP. A minha irmã Fernanda pelo apoio com o resumo; a Maria do Socorro pela revisão paciente amorosa.

As coisas não querem mais ser vistas por
pessoas razoáveis:
Elas desejam ser olhadas de azul –
Que nem uma criança que você olha de
ave.

Manoel de Barros

RESUMO

GOMES, A. T. **Sociodrama com estudantes universitários: um instrumento de investigação e promoção de saúde mental**. 2019. 391 f. Tese (Doutorado) - Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2019.

Estudos atuais apontam o alto índice de prevalência de sofrimento psíquico na população de estudantes universitários e poucos estudos enfocam a dimensão qualitativa das vivências acadêmicas. A presente pesquisa, de natureza qualitativa do tipo interventiva, foi realizada por meio de um processo de intervenção grupal sociodramática com estudantes universitários de Psicologia, e teve como objetivo compreender as vivências de estudantes universitários e mapear situações desafiadoras e geradoras de sofrimento psíquico, assim como as vivências ampliadoras de potencialidade. Foram realizadas quinze sessões grupais baseadas na teoria psicodramática com 11 estudantes universitários de Psicologia de um centro universitário. Cada sessão foi realizada em três etapas: o aquecimento, o desenvolvimento com dramatizações e o compartilhar, em que foram realizadas trocas de ideias, opiniões sobre os sentimentos e conteúdos vivenciados. Após as sessões foram confeccionados processamentos relativos ao vivido a fim de realizar a análise psicodramática do processo grupal. Além disso, as sessões foram descritas de modo a apreender o processo de produção das falas e dos temas discutidos em cada sessão. Os resultados indicaram dificuldades nas vivências acadêmicas, no nível pessoal, vocacional, nas relações sociais e no âmbito acadêmico, que são fonte de significativo sofrimento psíquico. Destacou-se como as relações aluno-aluno podem assumir um aspecto competitivo que dificulta as interações sociais em contexto acadêmico. A relação professor-aluno também se destacou como fonte significativa de sofrimento e é notadamente vivenciada como uma relação de submissão. As demandas acadêmicas dos universitários de Psicologia se revelaram como provocadoras de sofrimento psíquico em função de diversos aspectos relacionados ao funcionamento do curso. Verificou-se também que as atividades e vivências desenvolvidas no grupo sociodramático possibilitaram novos modos relacionais a partir da revelação das diferenças nos modos de ser dos estudantes. Houve também a promoção da espontaneidade-criatividade no papel de estudante universitário de psicologia em alguns momentos do processo grupal, que permitiu o resgate de uma relação de interioridade com a vida e a emergência de possibilidades de vivenciar o papel de estudante de modo menos alienado, o que promoveu movimentação do sofrimento psíquico que permanecia inconsciente. Ainda, possibilitou que os estudantes questionassem o próprio modo de desempenhar o papel e questionassem as conservas culturais relativas ao desempenho desse papel e ao funcionamento institucional.

Palavras-chave: Psicodrama. Sofrimento Psíquico. Estudantes. Educação Superior.

ABSTRACT

GOMES, A. T. **Sociodrama with university students: an instrument for research and promotion of mental health**. 2019. 391 f. Thesis (Doctorate) – College of Nursing of Ribeirão Preto- University of São Paulo, Ribeirão Preto, 2019.

Current studies show the high prevalence of psychic suffering in the population of university students and few studies focus on the qualitative dimension of academic experiences. The present qualitative research is intervention based and was carried out through a process of sociodramatic group intervention. The research was conducted with university students of Psychology to understand the experiences of the students. The goal was to map challenging situations that generated mental suffering, as well as amplifying experiences of potentiality. Fifteen group sessions were conducted based on the psychodramatic theory with 11 Psychology students from a university. Each session was carried out in three stages: warm-up, development with role-plays and sharing, in which exchanges of ideas, opinions about feelings and session contents were carried out. After the sessions, elaborations were made in order to perform the psychodramatic analysis of the group process. In addition, the sessions were described in order to understand the process of producing the thoughts and the themes discussed in each session. The results indicated difficulties in academic experiences: personal, vocational, social and academic level, which are the source of significant psychic suffering. It was highlighted how student-student relationships can assume a competitive aspect that hinders social interactions in an academic context. The teacher-student relationship has also stood out as a significant source of suffering and is notably experienced as a relationship of submission. The academic demands of psychology undergraduates have proved to be a source of psychological distress due to several aspects related to the functioning of the academic course. It was also verified that the activities and experiences developed in the sociodramatic group allowed new types of relationships because of the revelation of the diversity of each student. There was also the promotion of spontaneity-creativity in the role of university student of psychology in some moments of the group process, which allowed the rescue of a relationship of interiority with life and the emergence of possibilities of experiencing the role of student in a less alienated way, which promoted the movement of psychic suffering that remained unconscious. It also enabled the students to question their own role and question the cultural preservation of the role and institutional functioning.

Keywords: Psychodrama. Stress. Students. Education Higher.

RESUMEN

GOMES, A. T. **Sociodrama con estudiantes universitarios: un instrumento de investigación y proveedor de salud mental.** 2019. 391 f. Tesis (Doctorado) – Escuela de Enfermería de Ribeirão Preto de la Universidad de São Paulo, Ribeirão Preto, 2019.

Estudios actuales apuntan el alto índice de prevalencia del sufrimiento psíquico en la población de estudiantes universitarios y pocos estudios enfocan en la dimensión cualitativa del discurrir el camino académico. Esta pesquisa cualitativa de tipo intervencionista fue realizada a través de un proceso de intervención grupal sociodramática con estudiantes universitarios de Psicología para comprender la vivencia de estudiantes universitarios y mapear situaciones desafiantes que generan el sufrimiento psíquico, así como vivencias amplificadoras de potencialidad. Fueron realizadas quince sesiones grupales basadas en la teoría psicodramática con 11 estudiantes universitarios de Psicología de un centro universitario. Cada sesión se dio en tres etapas: el calentamiento, el desarrollo con dramatizaciones y el compartir, donde se realizaron intercambios de ideas, opiniones sobre los sentimientos y sobre los contenidos vividos. Al finalizar las sesiones fueron elaborados procesamientos relativos a lo vivido con el fin de realizar el análisis psicodramático del proceso grupal. Además, las sesiones fueron descriptas visando el aprendizaje del proceso de producción del discurso y temas discutidos en cada sesión. Los resultados indicaron dificultades del vivir académico a nivel personal, vocacional, en las relaciones sociales y en el propio ámbito académico, que son fuentes del significativo sufrimiento psíquico. Se destaca como las relaciones alumno-alumno pueden transformarse en un aspecto competitivo que dificulta las interacciones sociales en el contexto académico. La relación profesor-alumno también se destaca como fuente significativa de sufrimiento y es muy notable que se la vive bajo la idea de sumisión. Las demandas académicas de los universitarios de psicología se revelaron como provocadoras del sufrimiento psíquico en función de diversos aspectos relacionados al funcionamiento del curso. Se pudo verificar que las actividades y vivencias desarrolladas en grupo sociodramático resultó abrir posibilidades a nuevos modelos de relaciones a partir de la revelación de las diferencias en la manera de ser de los estudiantes. Hubo también la promoción de la espontaneidad-creatividad en el papel de estudiante universitario de psicología en algunos momentos del proceso grupal, lo que permitió el recate de una relación de interioridad con la vida y la urgencia de posibilidades de vivir el papel de estudiante de manera menos alienada, lo que promovió el movimiento del sufrimiento psíquico que permanecía inconsciente. Además dio la posibilidad a que los estudiantes cuestionaran el propio modo de realizar su papel y cuestionaran el modelo conservador cultural relativos al empeño de este papel y al funcionamiento institucional.

Palabras clave: Psicodrama. Estrés Psicológico. Estudiantes. Educación Superior.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Caracterização dos participantes. Ribeirão Preto, 2019.....	63
Quadro 2 - Número de alunos interessados em participar da pesquisa. Ribeirão Preto, 2019.....	73
Quadro 3 - Sínteses temáticas relativas ao Tema 1 - desenvolvimento da autoestima.....	308
Quadro 4 - Sínteses temáticas relativas ao Tema 2 - A descoberta de si mesmo.....	313
Quadro 5 - Sínteses temáticas incluídas no Tema 1 - a construção do papel de psicólogo.....	319
Quadro 6 - Sínteses Temáticas do tema de discussão 1 - A relação aluno-aluno.....	325
Quadro7 - Sínteses Temáticas do tema de discussão 2 – A relação professor-aluno.....	337
Quadro 8- Sínteses temáticas incluídas na categoria 3 - As questões familiares.....	344
Quadro 9- Sínteses Temáticas relativas ao tema de discussão 1 estudo-aprendizagem.....	346
Quadro 10 - Sínteses Temáticas relativas ao tema de discussão 2 – Vivências realizadas nos estágios profissionalizantes.....	358

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	15
1.1 SOFRIMENTO PSÍQUICO NA UNIVERSIDADE	19
1.2 USO DE SUBSTÂNCIAS PSICOATIVAS	26
1.3 VIVÊNCIAS ACADÊMICAS E SOFRIMENTO PSÍQUICO	29
1.4 SERVIÇOS DE APOIO À SAÚDE MENTAL DO ESTUDANTE UNIVERSITÁRIO	35
1.5 GRUPOS E PSICODRAMA	40
1.5.1 O SOCIODRAMA NO CONTEXTO ACADÊMICO	58
2 OBJETIVO	61
2.1 OBJETIVO GERAL	61
2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS	61
3 MÉTODO	62
3.1 LOCAL	62
3.2 PARTICIPANTES	62
3.3 TIPO DE PESQUISA	63
3.4 PROCEDIMENTOS	73
3.5 ANÁLISE DE DADOS	75
3.6 ASPECTOS ÉTICOS	76
4 RESULTADOS	77
4.1 DESCRIÇÃO DOS ENCONTROS	77
4.1.1 Primeiro encontro: descrição	77
4.1.2 Síntese temática do primeiro encontro	87
4.1.3 Primeiro encontro: processamento	89
4.2.1 Segundo encontro: descrição	96
4.2.2 Síntese temática do segundo encontro	107
4.2.3 Segundo encontro: processamento	108

4.3.1 Terceiro encontro: descrição	111
4.3.2 Síntese temática do terceiro encontro	120
4.3.3 Terceiro encontro: processamento	122
4.4.1 Quarto encontro: descrição	125
4.4.2 Síntese temática do quarto encontro	138
4.4.3 Quarto encontro: processamento	139
4.5.1 Quinto encontro: descrição	142
4.5.2 Síntese temática do quinto encontro	163
4.5.3 Quinto encontro: processamento	165
4.6.1 Sexto encontro: descrição	169
4.6.2 Síntese temática do sexto encontro	177
4.6.3 Sexto encontro: processamento	178
4.7.1 Sétimo encontro: descrição	180
4.7.2 Síntese temática do sétimo encontro	192
4.7.3 Sétimo encontro: processamento	194
4.8.1 Oitavo encontro: descrição	196
4.8.2 Síntese temática do oitavo encontro	206
4.8.3 Oitavo encontro: processamento	207
4.9.1 Nono encontro: descrição	209
4.9.2 Síntese temática do nono encontro	218
4.9.3 Nono encontro: processamento	219
4.10.1 Décimo encontro: descrição	221
4.10.2 Síntese temática do décimo encontro	233
4.10.3 Décimo encontro: processamento	234
4.11.1 Décimo primeiro encontro: descrição	237
4.11.2 Síntese temática do décimo primeiro encontro	249
4.11.3 Décimo primeiro encontro: processamento	250

4.12.1 Décimo segundo encontro: descrição	252
4.12.2 Síntese temática do décimo segundo encontro	264
4.12.3 Décimo segundo encontro: processamento	265
4.13.1 Décimo terceiro encontro: descrição	266
4.13.2 Síntese temática do décimo terceiro encontro	277
4.13.3 Décimo terceiro encontro: processamento	278
4.14.1 Décimo quarto encontro: descrição	280
4.14.2 Síntese temática do décimo quarto encontro	286
4.14.3 Décimo quarto encontro: processamento	287
4.15.1 Décimo quinto encontro: descrição	289
4.15.2. Síntese temática do décimo quinto encontro	300
4.15.3 Décimo quinto encontro: processamento	302
5 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	305
5.1 AS SÍNTESES TEMÁTICAS: DIÁLOGO COM A LITERATURA	305
5.2 DISCUSSÃO ACERCA DO PROCESSO GRUPAL SOCIODRAMÁTICO	360
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	378
REFERÊNCIAS	381
APÊNDICE A	389
ANEXO A	391

1 INTRODUÇÃO

A entrada na universidade, mesmo que permeada pela alegria da conquista de uma vaga no ensino superior e pelos sonhos e expectativas acerca do futuro profissional, também se revela como um período crítico, de maior vulnerabilidade ao sofrimento psíquico. O contexto acadêmico apresenta uma série de novos desafios para o estudante, que deverá desenvolver diversas habilidades para lidar com tais desafios e ser bem-sucedido nesse ambiente (RAMOS et al., 2018).

Muitas vezes, para o estudante, seus problemas terminam quando a vaga na faculdade é conquistada. Ao dar início a seus estudos no novo ambiente, o estudante traz consigo diversas expectativas, idealizando que o novo ambiente educacional irá satisfazer suas necessidades e promover mudanças pessoais, conferindo-lhe condições de possibilidade de se tornar um profissional capacitado. As altas expectativas e idealizações podem ser frustradas desde o início do curso, chocando-se com a percepção da nova realidade, com todas as dificuldades encontradas: esse confronto de idealizações e realidade, quando não trabalhado, acarreta em dificuldades de adaptação e integração ao novo contexto, causando sofrimento psíquico que em muitos casos culmina na evasão (PELLÁ; MARTINS, 2018).

O que o estudante irá encontrar no ensino superior difere qualitativamente, em diversos aspectos, daquilo que vivenciou até o ensino médio. No ambiente acadêmico, as matérias seguem com maior flexibilidade, as aulas ocorrem de maneira menos sequenciada do que na escola e no cursinho pré-vestibular; o horário é mais flexível e os professores assumem não somente a função de ensinar, mas regular subjetividades, analisar e avaliar o grupo de alunos, promover relações entre o que foi ensinado em sala e aquilo que ocorre fora dela (MORENO; SOARES, 2014).

Nesse sentido, pode-se afirmar que dentre todas as questões que os estudantes carregam consigo como “calouro” universitário e que perpassam todo o processo de adaptação, integração e permanência no ensino superior, destacam-se inicialmente duas delas: a primeira, relacionada às expectativas e idealizações acerca do que irá vivenciar no contexto acadêmico; e que quanto mais distantes forem da realidade de funcionamento acadêmico- institucional, mais poderão causar sofrimento emocional e aumentar as probabilidades de evasão (idem, ibidem). E ainda uma segunda, mais relacionada ao modo como irá se adaptar ao novo contexto,

desenvolvendo as habilidades e competências necessárias para ser bem-sucedido na vida acadêmica (RAMOS et al., 2018).

Segundo Oliveira et al. (2014), a adaptação acadêmica refere-se ao processo de adequação do indivíduo frente às mudanças inerentes à experiência universitária. Os jovens estudantes vão precisar assumir uma postura ativa frente à aprendizagem, assim como corresponder às exigências de desempenho acadêmico, e se ajustarem a novas regras da instituição. Na perspectiva do autor, a adaptação acadêmica vai ser inferida a partir da apresentação de novas atitudes do indivíduo com relação ao próprio curso, à instituição; à capacidade de estabelecer novas relações de amizade e também se ocorrerá o aparecimento de estresse e ansiedade frente às mudanças acadêmicas. Nesse sentido, todo esse processo adaptativo ao contexto acadêmico constitui-se em um momento de vulnerabilidade para o jovem estudante, o que poderá desencadear repercussões para o desenvolvimento psicológico dos mesmos. Os autores destacam a importância de estudos teóricos e empíricos que busquem investigar como os jovens vivenciam essa etapa e as possíveis estratégias que desenvolvem para o enfrentamento do processo de adaptação.

Dentro deste contexto de investigação, a transição do ensino médio para a universidade, e o processo de adaptação, integração e permanência do estudante à esse novo contexto, seria válido questionar quais seriam especificamente as demandas e os desafios vivenciados pelos alunos, e o que deverão enfrentar ao longo da formação profissional?

Na visão de Almeida, Soares e Ferreira (2000), no processo de transição e adaptação à universidade, o aluno deverá enfrentar tarefas complexas e uma série de novos desafios em diferentes áreas das suas vidas: no nível acadêmico, precisará desenvolver novos ritmos e estratégias de aprendizagem, além de se adaptar a novos sistemas de ensino e avaliação; no nível social, novos padrões de relacionamento serão demandados, e a experiência universitária vai requerer o desenvolvimento de padrões de relacionamentos interpessoais mais maduros com a família, com os professores e os colegas, assim como a ampliação da rede social; no nível pessoal, surge a necessidade de desenvolvimento de um sentido mais forte de identidade, para o desenvolvimento do autoestima e de um maior conhecimento de si próprio, para o desenvolvimento de uma visão pessoal do mundo. Finalmente, no nível vocacional/institucional, o estudante deverá definir novas metas de carreira e desenvolver uma identidade vocacional, onde a especificação, a implementação e o

comprometimento com determinados objetivos vocacionais e institucionais assumem particular importância (ALMEIDA, SOARES, 2003; BARDAGI; HUTZ, 2011).

Depreende-se disso que, ao adentrar na universidade, o estudante assume um novo papel que requer o desenvolvimento de um esquema de estudos diferente daquele que vinha realizando até então, assim como a adaptação a novos métodos pedagógicos. Esse novo esquema poderá incluir a exigência de longas horas de estudo, com conseqüente conflito entre o dever e o lazer; a aprendizagem da gestão do tempo de estudos e a realização de avaliações e provas; o estabelecimento de novos vínculos afetivos, a competição entre os estudantes, as dúvidas e preocupações acerca das próprias capacidades de absorver as informações dadas ao longo do curso, a preocupação com os ganhos econômicos do futuro (NOGUEIRA-MARTINS; NOGUEIRA-MARTINS, 2018).

As dificuldades no processo de adaptação ao contexto acadêmico com todas essas demandas, podem provocar uma série de conseqüências negativas para o estudante e a sociedade, como a retenção e evasão escolares, ou mesmo o adoecimento psicológico (RAMOS et al, 2018). O período de formação acadêmica configura-se, assim, como uma fase marcada por diferentes desafios e demandas que podem ocasionar sofrimento psíquico, manifestado por meio de diferentes sintomas, como a depressão, a dependência química, as fobias, elevado índice de absenteísmo e isolamento. Nesse sentido, a população de estudantes universitários tem se revelado como grupo merecedor de especial atenção por parte das instituições de ensino e formação (GOMES et al., 2016; XAVIER; NUNES; SANTOS, 2008).

Entende-se que tantos desafios, inerentes à formação universitária, se constituem em um terreno fértil para o aparecimento do sofrimento psíquico. Segundo Andrade et. al. (2016), a vivência estudantil na universidade e o sofrimento que pode acompanhá-la ainda é uma questão pouco estudada. Na perspectiva dos autores, as vivências acadêmicas produzem situações que desencadeiam sofrimento psíquico e esse fato pode ser observado por meio de diversas manifestações psicossomáticas.

Para Gomes, Comoniani e Araújo (2018), muitos fatores do contexto acadêmico devem ser levados em consideração para a compreensão da produção do sofrimento psíquico durante o processo de formação universitária, tais como: a relação professor-aluno, as metodologias de ensino e modos de atuação do corpo docente, o processo de fragmentação do saber e o distanciamento entre teoria e prática, a estrutura curricular e o ambiente competitivo.

Segundo Silva (2010), os estudantes universitários se configuram como um grupo merecedor de especial atenção, pois além do esforço adaptativo às sempre crescentes exigências acadêmicas, precisam lidar com questões internas próprias do período de desenvolvimento em que se encontram. Segundo a autora, o período vivenciado na universidade pode gerar inúmeros conflitos e até mesmo desencadear transtornos, por se tratar de uma fase de transição, com muitas modificações na vida do indivíduo.

A missão das universidades não deveria estar focada somente na transmissão de conhecimento aos alunos, mas deveria também priorizar a formação integral dos estudantes, indo além do desenvolvimento intelectual e cognitivo, por meio do atendimento das diferentes necessidades psicossociais dos discentes (SOARES; VASCONCELOS; ALMEIDA, 2002).

Segundo Panuncio-Pinto e Colares (2015), promover a melhoria da condição humana em suas múltiplas dimensões deveria se constituir como um dos objetivos da universidade na atualidade. As autoras argumentam como a discussão atual acerca dos objetivos educacionais da universidade deveria incluir a necessidade de revisão de métodos, práticas, objetivos, currículos, assim como a elaboração de práticas de cuidado para a promoção de condições ao desenvolvimento integral do estudante. Nesse sentido, a universidade vem sendo chamada a se reorganizar e a ressignificar objetivos e práticas, assumindo o compromisso com a formação integral do estudante e desenvolvendo práticas que olhem para além do processo de ensino-aprendizagem, levando em consideração os momentos de vulnerabilidades pelos quais passa o jovem em seu processo formativo.

Levando-se em consideração o momento de vulnerabilidade que pode se configurar ao longo do processo de formação universitária, em função da complexidade de fatores que influenciam esse período e que podem levar ao sofrimento psíquico, comprometendo a saúde mental e a qualidade de vida dos estudantes, faz-se necessário o desenvolvimento de conhecimento aprofundado sobre essa fase estudantil, que deve levar em consideração não somente as características individuais e de personalidade do estudante, mas fatores do contexto e histórico institucional, práticas pedagógicas, relação professor-aluno, entre outros, que se relacionam com a produção do sofrimento psíquico na população universitária (PANUNCIO-PINTO; COLARES, 2015).

1.1 SOFRIMENTO PSÍQUICO NA UNIVERSIDADE

A fim de compreender a temática do sofrimento psíquico em contexto universitário, especificamente para compreensão dos fatores de sofrimento vivenciados pela população de estudantes universitários, foi realizada inicialmente a revisão da literatura acerca do assunto.

Pode-se afirmar que a literatura apresenta diversos estudos sobre a temática do sofrimento psíquico em estudantes universitários; alguns estudos atuais encontrados discutem ainda a importância da atenção à saúde mental desses estudantes, à medida que o sofrimento psíquico tem sido frequentemente encontrado nessa parcela da população (ANDRADE et al. 2016; CERCHIARI; CAETANO; FACCENDA, 2005; ROCHA; SASSI, 2013; SILVA et al., 2014, SILVA; COSTA, 2012; SOUSA et al., 2013; SEQUEIRA et al., 2013).

Para Horta, Horta e Horta (2012), existem diferentes possibilidades para abordagem do fenômeno do sofrimento psíquico nas populações. Os autores propõem o conceito de “distúrbio psiquiátrico menor” (DPM) para caracterizar conjuntos de manifestações de mal-estar psíquico, de caráter inespecífico, com repercussões fisiológicas e psicológicas que podem gerar limitações.

Na literatura especializada, o conceito de “distúrbio psiquiátrico menor” aparece também com outras nomenclaturas, como Transtornos Mentais Comuns e ainda Transtornos Mentais Menores (ANDRADE et al., 2016). Neste trabalho, os termos serão apresentados conforme apareceram nas diferentes pesquisas sobre a temática, a partir da revisão da literatura.

Os Transtornos Mentais Menores referem-se a sintomas depressivos, ansiosos e somatoformes que possuem elevada prevalência na população geral adulta. São representados por quadros menos graves e mais frequentes de transtornos mentais, que incluem sintomas como alterações de memória, dificuldades de concentração e de tomada de decisões, insônia, irritabilidade e fadiga, além de queixas somáticas como cefaleia, falta de apetite, tremores e sintomas gastrointestinais. Os transtornos mentais menores acarretam aos portadores custo elevado em termos de sofrimento psíquico, aumentando a probabilidade de instalação de transtornos mentais mais graves, além de causar grande impacto na qualidade de vida e nos relacionamentos (CERCHIARI; CAETANO; FACCENDA, 2005; ROCHA; SASSI, 2013).

Estudos nacionais a respeito da temática do sofrimento psíquico em universitários brasileiros, encontrados por Andrade et al. (2016), destacam que, nas universidades públicas brasileiras, os índices de prevalência de Transtornos Mentais Menores variaram entre 25% e 58%. Os principais sintomas relatados e investigados são os níveis de estresse, distúrbios psicossomáticos, irritabilidade, fadiga e insônia, dentre outros possíveis.

O aparecimento de Transtornos Mentais Menores (TMM) em estudantes universitários pode ser detectado desde que o aluno ingressa na universidade, sendo frequente em estudantes da área da saúde, dado o contato precoce que esses alunos têm com o sofrimento e a dor, devendo aprender desde o começo da formação a lidar com as situações de dificuldades vivenciadas por seus pacientes (SILVA; COSTA, 2012).

Andrade et al. (2014) conduziram uma pesquisa de natureza quantitativa, por meio de análise longitudinal de números absolutos e percentuais obtidos a partir da aplicação do *Self-Report Questionnaire* (SRQ-20) com grupos de alunos de todas as faculdades de Medicina do Estado do Ceará, objetivando descrever os diversos processos psicossociais, acadêmicos, pessoais e familiares que possam interferir positiva ou negativamente sobre o sofrimento psíquico no processo de formação de estudantes de Medicina em todas as escolas médicas do Ceará. Os autores acompanharam 40 alunos da Universidade Estadual do Ceará, do 2º ao 6º no do curso e 20% dos demais estudantes matriculados nas demais escolas médicas do referido Estado. A amostra foi dividida em dois grupos e os resultados apontam a presença de Transtornos Mentais Menores em 53,3% dos alunos da UECe, sendo que 20% dos alunos buscaram ajuda psicológica. Nas demais escolas médicas, os autores encontraram um índice de 48,5% de suspeitos de portar sofrimento psíquico, e 18,2% tiveram iniciativa de buscar ajuda. Diversos fatores psicossociais foram associados a esse sofrimento, como problemas pessoais e familiares, dificuldade de fazer amizades, privação de lazer, insegurança técnica; depressão, insônia e aumento no consumo de bebidas alcoólicas. Segundo os autores, esses resultados apontam que, a despeito do aumento progressivo da prevalência de alunos em sofrimento psíquico, ainda são débeis as iniciativas das escolas médicas e o reconhecimento do próprio adoecimento pelos alunos, o que não os motiva a buscar ajuda. A progressão cronológica do curso médico aumenta a prevalência do sofrimento mental dos estudantes, sendo fortes implicadores os processos ligados à formação acadêmica.

Porém, a grande maioria dos alunos em sofrimento psíquico não procura ajuda e, quando o faz, motiva-se essencialmente por questões pessoais ou familiares, desconsiderando os elementos acadêmicos visivelmente implicados no sofrimento. Os autores concluem que os currículos e os modelos de ensino médico precisam levar em consideração a forma como os estudantes lidam com o processo de formação em seu contexto biopsicossocial, nesse sentido, as escolas de formação devem tornar seus serviços de apoio psicológico mais integrados à execução dos planos de ensino, focando os dois últimos períodos acadêmicos e estendendo suas ações às unidades de cumprimento de internato. Além disso, oferecer suporte às tensões familiares e ao enfrentamento da adaptação à cidade em que o aluno vive deve fazer parte do apoio psicopedagógico. As instituições de ensino devem agir de forma ativa na oferta de apoio psicopedagógico aos alunos, reconhecendo os elementos naturalmente estressores e, auxiliando os alunos no enfrentamento dessas dificuldades.

O estudo de Costa et al. (2014) com 172 estudantes de graduação de Medicina, Enfermagem e Odontologia (47) da Universidade Federal de Sergipe e cursando os três últimos semestres, teve o objetivo de determinar a prevalência de Transtorno Mental Comum (TMC) e identificar potenciais fatores associados, entre estudantes de Medicina, Odontologia e Enfermagem. Como instrumento de coleta de dados os autores utilizaram o *Self Reporting Questionnaire* (SRQ-20) e um questionário desenvolvido pelos autores especificamente para identificar características socio-demográficas, aspectos pessoais e fatores relacionados ao processo educacional. A pesquisa encontrou uma taxa de prevalência de TMC em 33,7% da amostra pesquisa, o que indica que a taxa de prevalência de TMC é maior na população de estudantes universitários da instituição de ensino pesquisada do que na população em geral, cuja taxa de prevalência para TMC varia de 22% a 35%.

Os fatores associados mais fortemente ao TMC foram: não ter boas expectativas com relação ao futuro, não perceber o curso como fonte de prazer e sentir-se emocionalmente estressado. A carga horária excessiva de atividades dos cursos e a exposição contínua ao sofrimento humano e a morte são consideradas fontes de estresse para os estudantes dos três cursos pesquisados. Os autores concluem sobre a importância do cuidado e atenção à saúde mental para os estudantes da área da saúde, à medida que o estudo não encontrou diferenças significativas da prevalência de sofrimento mental em estudantes do curso de Medicina, Odontologia e Enfermagem. Estratégias importantes de atenção sugeridas

pelos autores são o oferecimento de apoio psicológico e psicopedagógico aos alunos, o desenvolvimento de programa de formação de professores e a criação de um ambiente mais propício ao desenvolvimento de relações interpessoais.

O estudo de Rocha e Sassi (2013) objetivou identificar a prevalência de transtornos mentais menores entre estudantes do curso de Medicina da UFPB e determinar a correlação com possíveis fatores de risco. Trata-se de um estudo transversal com 354 alunos do 1º ao 6º ano do curso, utilizando o *Self-Reporting Questionnaire* (SRQ-20) como instrumento. Os resultados encontrados apontam que existe alta prevalência (33,6%) de Transtornos Mentais Menores na população pesquisada, especificamente no curso básico (1º ao 4º ano). Os possíveis fatores de risco para TMM destacados no estudo foram: período do curso, idade, religiosidade, história familiar de TMM ou doenças psiquiátricas e as queixas psicossociais.

Silva et al. (2014) conduziram uma pesquisa com estudantes de Medicina de uma universidade pública no interior do estado de São Paulo com o objetivo de estimar a prevalência de Transtornos Mentais Comuns (TMC) entre estudantes de Medicina e estudar a associação entre apoio psicossocial e presença de transtornos. Participaram da pesquisa 434 estudantes e os instrumentos utilizados para coleta de dados foram: questionário sociodemográfico produzido pelas pesquisadoras; o *Self-Reporting Questionnaire* (SQR-20) que avalia a condição geral de saúde mental e a Escala de Apoio Social, que abrange cinco dimensões funcionais de apoio social. Os resultados encontrados indicam a prevalência de 44,9% de TMC nos estudantes e todos os domínios da Escala de Apoio Social mostraram-se fortemente associados à prevalência de TMC, especificamente na dimensão social e interação com os colegas. Tal resultado sugere a importância do desenvolvimento de diferentes estratégias para estimular e propiciar maior interação entre os estudantes. Segundo as autoras, programas de *mentoring*, serviços de apoio psicológico e o desenvolvimento de novas propostas pedagógicas, focadas em processos interativos de aprendizagem, podem auxiliar na diminuição da prevalência de sofrimento psíquico. Isso porque as estratégias de ensino centradas no aluno e operacionalizadas em pequenos grupos permitem uma maior interação dos estudantes, o que torna o ambiente de ensino mais saudável.

A pesquisa de Bonifacio et al. (2011) com 17 estudantes de 4º e 5º ano de Psicologia objetivou compreender quais os eventos estressores se apresentam ao longo do curso para esses estudantes e como ocorre o manejo dos mesmos. A

pesquisa buscou conhecer a presença de sintomas físicos e psicológicos relacionados ao estresse. Trata-se de uma pesquisa de abordagem quanti e qualitativa, e os instrumentos utilizados para a realização da pesquisa foram o Roteiro de Entrevista Semiestruturada de Investigação do Estresse e o Inventário de Sintomas de Stress para Adultos (*ISSL*). Os resultados da investigação evidenciam a vulnerabilidade dos estudantes do quarto e quintos anos do curso de Psicologia ao desenvolvimento de estresse. Os eventos estressores identificados pelos alunos participantes do estudo são as demandas de adaptação e integração ao mundo acadêmico e a novas formas de moradia (morar em república ou sozinho); a adaptação às contingências de ensino e aprendizagem, especificamente situações ligadas às exigências acadêmicas (prazos, carga horária, atividades extracurriculares, provas, final de semestre); a necessidade de organização do tempo e de atividades (os alunos deixam de fazer muitas coisas para se dedicarem exclusivamente à faculdade) e finalmente, o estabelecimento de novas relações interpessoais. Com relação às estratégias de enfrentamento normalmente empregadas para manejo da tensão e estresse, a maioria dos participantes relatou que busca lidar sozinho com as dificuldades vividas; os demais relataram compartilhar os problemas com amigos, pais e namorados(as). Apenas dois participantes do estudo relataram que, além da utilização das estratégias citadas acima, buscaram ajuda profissional (médica e/ou psicológica). Esses dados reforçam a relevância do estabelecimento, pelas instituições de ensino, de redes de apoio e de assistência aos estudantes, à medida que as exigências e demandas da vida universitária colocam diversos desafios aos estudantes, e esse processo não é vivido sem impacto na saúde física e psicológica da população universitária.

Bardagi e Hutz (2011) elaboraram uma sistematização acerca da produção nacional sobre a temática do estresse e estratégias de *coping* em estudantes universitários, a partir do mapeamento de publicações sobre o tema no período de 1999 a 2009, objetivando identificar os avanços e necessidades nessa área e subsidiar a elaboração de novos estudos sobre o tema no contexto universitário. Os resultados do levantamento apontam que grande parte dos estudos enfoca estudantes da área da saúde, há predomínio de estudos quantitativos e um aumento de produção a partir do ano de 2007. Nesse sentido, destacam como ainda são recentes e escassos os estudos sobre estresse e *coping* entre universitários no Brasil.

A vulnerabilidade do aluno universitário ao estresse foi confirmada nos resultados dos estudos revisados pelos autores, em que os índices de presença de

estresse são iguais ou superiores a 40% da amostra pesquisada. Esses estudos ainda apontam a correlação positiva entre estresse e depressão na população universitária pesquisada, o que enfatiza o potencial prejuízo à saúde mental e ao aproveitamento da experiência acadêmica por esses alunos. Os autores destacam a necessidade de ampliação de pesquisas com essa temática, principalmente utilizando um número maior e mais diversificado de alunos, seja mapeando-se de forma ampliada os eventos considerados geradores de estresse no ambiente universitário, em especial aqueles próprios à rotina e experiência acadêmica, assim como identificando o perfil dos alunos mais afetados pelos eventos estressores, para a criação de estratégias preventivas mais efetivas.

O estudo de Osse (2013) teve como objetivo geral mapear os serviços de atenção ao estudante universitário, o estado emocional e as necessidades dos mesmos, no contexto da Universidade de Brasília (UnB/DF), para obter subsídios ao planejamento e implementação de programas de proteção, prevenção e assistência estudantil. A autora realizou uma pesquisa com ação integral e sistêmica (PAIS) com estudantes dos diferentes *campi* da UnB, representantes discentes e Gestores dos serviços de Assistência Estudantil. Os instrumentos utilizados para a coleta de dados incluíram a aplicação de um “Questionário Sobre o Estado Emocional (QEE)”, desenvolvido pela própria pesquisadora; Grupos de Discussão com discentes de diversos cursos e representantes dos Centros Acadêmicos, além de Entrevistas Semiestruturadas com Gestores de Serviços de Assistência Estudantil da própria universidade.

Foram considerados e analisados 522 questionários e os resultados obtidos por meio do Questionário Sobre o Estado Emocional (QEE) apresentaram, em média, um grupo de estudantes com uma postura positiva em relação à vida, pois responderam que frequentemente apresentam sinais de bem-estar. No entanto, apesar de os resultados dos respondentes apresentarem-se dentro da média, em uma parcela dos investigados foram encontrados sinais de sofrimento psíquico acima do esperado para a idade, especificamente, entre aqueles que se encontram entre 19-24 anos. Nessa faixa etária, 38% dos respondentes apontaram dificuldades de atenção e alterações de sono, 33% indicaram sinais de dificuldades de concentração e 40% apresentaram sinais de ansiedade acima da média. Portanto, um grupo significativo, entre os participantes, apresenta sinais de necessidade de atenção.

A autora destaca como as instituições de ensino superior estão se multiplicando para atender à grande demanda de alunos da atualidade; porém, ainda falta o mesmo empenho para a adequação das instalações das políticas e dos processos educativos à diversidade de características e de expectativas desta população, existindo, assim, uma facilidade de acesso ao ensino superior com pouca preocupação pela experiência vivida pelos estudantes, especificamente no tocante aos fatores geradores de sofrimento psíquico. A autora conclui defendendo a importância da ampliação dos serviços de assistência estudantis.

O levantamento realizado pela Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior (ANDIFES), em conjunto com o Fórum de Pró-reitores de assuntos Comunitários e Estudantis (FONAPRACE, 2011), com 19.691 estudantes universitários, a fim de traçar um levantamento do Perfil Socioeconômico e cultural dos estudantes de graduação presencial das Universidades Federais Brasileiras, encontrou dados alarmantes acerca da necessidade de atenção e assistência à saúde mental do estudante universitário, visto que dificuldades emocionais afetam negativamente o desempenho acadêmico. O objetivo do estudo consistiu em conhecer a vida social, cultural e econômica dos alunos para subsidiar a formulação de políticas de equidade, acesso e assistência estudantil. Foram investigados as dificuldades emocionais, o consumo de substâncias psicoativas e a relação de estressores e atividades acadêmicas. Quase metade dos estudantes participantes da pesquisa (47,7%) relatou ter vivenciado crise emocional no período de realização do estudo. As principais dificuldades emocionais relatadas e que afetam o desempenho acadêmico dos alunos foram ansiedade (70%); insônia ou alteração significativa do sono (44%); sensação de desamparo/desespero/desesperança (36%), sensação de desatenção/desorientação/confusão mental (31%), timidez excessiva (25%), depressão (22%), medo/pânico (14%) e problemas alimentares (12%). Essas dificuldades interferem negativamente no desempenho acadêmico dos alunos, sendo que 61% da amostra pesquisada relatou falta de motivação para estudar ou dificuldade de concentração, e 48% relataram baixo desempenho acadêmico. Além disso, os resultados encontrados revelam também que 29% dos acadêmicos participantes da pesquisa já realizaram busca por apoio psicológico.

Os estudos aqui encontrados demonstram o interesse crescente de pesquisadores em pesquisas epidemiológicas e exploratórias acerca do índice de

prevalência de Transtornos Mentais Menores em estudantes universitários, haja vista que foram encontrados muitos estudos atuais explorando essa temática. A literatura do tema do sofrimento psíquico na universidade apresenta predomínio de estudos quantitativos e com a população de estudantes da área da saúde; explicada pelo fato de que essa população de estudantes está constantemente exposta aos conflitos da subjetividade humana, ao adoecimento físico e psíquico, e à morte. Nesse sentido, evidencia-se a necessidade de expansão desses estudos, tanto no que concerne à utilização de diferentes metodologias quanto à diversidade de cursos e áreas de atuação.

1.2 USO DE SUBSTÂNCIAS PSICOATIVAS

Para Xavier; Nunes e Santos (2008), o sofrimento psíquico pode se manifestar por meio de diferentes sintomas, como a depressão, a dependência química, as fobias, elevado índice de absenteísmo e isolamento. Por se constituir como um período marcado por diversos desafios, o tempo de vivência universitária pode ser propício à aquisição de comportamentos disfuncionais pelos estudantes, como o consumo excessivo de bebidas alcoólicas (SILVA; TUCCI, 2015).

Na atualidade, o consumo de substâncias psicoativas (SPA) por estudantes universitários constitui-se como foco de interesse de vários pesquisadores, principalmente porque as consequências nefastas resultantes da utilização de substâncias psicoativas interferem não somente no percurso acadêmico, mas podem influenciar negativamente o futuro profissional dos estudantes (SIQUEIRA; PEREIRA; SANTOS, 2013).

O uso pesado de álcool na população de estudantes universitários está relacionado a comportamentos como um maior envolvimento em acidentes e brigas, assim como contato sexual com maior número de parceiros de forma desprotegida, tornando-os vulneráveis às doenças sexualmente transmissíveis (HORTA; HORTA; HORTA, 2012). Segundos os autores, os estudantes universitários aumentam o uso de drogas ilícitas e tabaco quando estão ansiosos, deprimidos, cansados, estressados; ou ainda com ideias de culpa e baixa autoestima.

O baixo desempenho acadêmico resulta como uma das consequências negativas do consumo de álcool por estudantes universitários, manifestados por

comportamentos como chegar atrasado ou faltar às aulas, dormir em aula, menor rendimento em sala de aula e baixa frequência à biblioteca (PILLON et al., 2011).

Os dados do I Levantamento sobre o uso de Álcool, Tabaco e Outras Drogas entre Universitários das 27 Capitais Brasileiras apontam o período universitário como uma fase crítica e de vulnerabilidade para o início e manutenção do consumo de álcool, fator que emerge como foco de preocupações e impulsiona a busca por estratégias de intervenção que visem a diminuir o consumo de álcool e as consequências do uso abusivo do mesmo. (SILVA; TUCCI, 2015).

A pesquisa de Pillon et al. (2011) teve como objetivo identificar o padrão de uso do álcool e avaliar sua relação com os aspectos da prática religiosa entre os estudantes de enfermagem de uma escola do interior paulista. A amostra foi composta por 122 estudantes de enfermagem (78,2% da população pesquisada) de uma universidade pública de Enfermagem do interior do Estado de São Paulo e o instrumento utilizado para identificar o uso problemático de álcool foi o Teste de Identificação do Uso do Álcool (AUDIT), desenvolvido pela Organização Mundial da Saúde. O uso problemático de álcool foi observado em 25 (20,5%) dos estudantes de enfermagem. Os demais 97 (79,5%) obtiveram pontuação abaixo de oito, sendo identificados como abstêmios ou usuários de baixo risco. A pesquisa buscou identificar também a relação de prática religiosa e o abuso de álcool, e os resultados encontrados não evidenciaram o comportamento religioso como fator de proteção ao uso problemático de álcool.

Siqueira, Pereira e Santos (2013) realizaram um estudo quantitativo, de corte transversal, com 221 estudantes de Psicologia, uma amostra formada por 73,66% de todos os alunos matriculados no referido curso. O instrumento utilizado para a pesquisa foi um questionário. O objetivo foi traçar o perfil do uso de álcool e tabaco entre os estudantes universitários do curso de Psicologia da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Os resultados encontrados demonstram uma prevalência maior do uso de álcool nas universitárias do sexo feminino, na faixa etária de 18 a 24 anos e pertencentes à classe socioeconômica B. Em relação ao uso de substâncias psicoativas pelo menos uma vez no último mês, as mais usadas foram, respectivamente: álcool (52,49%); tabaco (13,12%); maconha (9,05%) e tranquilizantes (3,62%). As prevalências de uso de álcool encontradas no estudo são superiores às da população em geral, confirmando a necessidade de elaboração de programas preventivos sobre o uso de substâncias psicoativas específicos para os

estudantes universitários, assim como uma maior abordagem, nos currículos de graduação de estudantes da saúde, sobre o consumo (uso, abuso e dependência de SPA) e os impactos decorrentes desse uso para o indivíduo, a família e a sociedade.

O estudo de Silva e Tucci (2015) objetivou avaliar o padrão de consumo de álcool e suas consequências em estudantes de uma universidade federal brasileira, antes e após uma intervenção breve, intitulada BASICS, tipo de intervenção breve desenvolvida e padronizada para o uso com estudantes universitários. Participaram do estudo 32 estudantes universitários de uma instituição federal de ensino superior. Os participantes foram divididos em dois grupos, experimental e controle, e nos dois grupos houve diminuição das doses de álcool consumidas e redução das consequências negativas do uso abusivo de álcool. O resultado positivo obtido com a intervenção sugere a importância que um simples levantamento do padrão de consumo de álcool, a partir dos instrumentos especializados e utilizados no estudo, assim como o respectivo *feedback* sobre este padrão pode gerar efeitos positivos na diminuição do consumo de álcool e das consequências negativas decorrentes do uso entre estudantes universitários. Entende-se que o conhecimento acerca de um padrão de consumo de álcool de risco pode conscientizar os estudantes e gerar redução desse consumo, assim como das suas consequências.

Além do uso ampliado de substâncias psicoativas como uma manifestação sintomática correlacionada ao sofrimento psíquico, estudos encontrados por Andrade et al. (2016) revelaram diversas manifestações sintomáticas associadas ao sofrimento psíquico, desde queixas psicossomáticas até altos índices de absenteísmo e evasão.

Como se pode compreender tais dados?

As pesquisas aqui apresentadas revelam a presença de significativo sofrimento psíquico na população universitária, com elevado índice de transtornos mentais apresentados pela população participante dos estudos. Todos os estudos reiteram a importância da ampliação das políticas de assistência estudantil, por meio da estruturação de equipes multiprofissionais de saúde que possam dar suporte e encaminhamento adequado às demandas de atenção à saúde mental dos alunos (ANDIFES, 2011).

Os estudos sobre a prevalência de TMM na população universitária são fundamentais para subsidiar ações de prevenção e cuidado com a saúde mental dessa população, propondo melhorias no que tange não somente à qualidade de vida

dos acadêmicos, mas também que aprimore e auxilie na própria formação profissional (ROCHA; SASSI, 2013).

Os estudos acima apresentados confirmam a elevada prevalência de transtornos mentais menores em estudantes universitários e um alto consumo de substâncias psicoativas por parte dos mesmos, principalmente de álcool e tabaco. Esses dados indicam uma situação de risco ampliado para o aparecimento de transtornos mentais nessa população de estudantes e justificam fortemente a necessidade de uma atenção à saúde mental dos universitários por meio de ações que visem a manejar esse sofrimento e propiciem bem-estar no ambiente acadêmico (ANDRADE et al., 2016).

Os dados apresentados nas pesquisas anteriormente elencadas permitem a realização de diversos questionamentos: quais são os fatores causadores e de que modo se constitui o sofrimento psíquico dos estudantes? O que está acontecendo no contexto acadêmico para tantos estudos atestarem o desenvolvimento de sofrimento psíquico na população de estudantes? Quais são as vias utilizadas pelos estudantes para minimizar os fatores causadores de sofrimento? Quais estratégias utilizam para minimizar sintomas de ansiedade, estresse e depressão?

Pode-se afirmar, a partir dos estudos encontrados na literatura, a presença significativa de Transtornos Mentais Menores em contexto universitário, especificamente na população dos estudantes. Compreende-se que a ocorrência dos mesmos pode influenciar diretamente, e de modo negativo, o desempenho acadêmico e a qualidade de vida de alunos universitários, destacando-se a importância de estudos a fim de compreender as vivências acadêmicas relacionadas ao processo de produção de sofrimento psíquico (ANSOLIN et al., 2015).

1.3 VIVÊNCIAS ACADÊMICAS E SOFRIMENTO PSÍQUICO

Pode-se afirmar que o termo vivências acadêmicas procura abarcar o conjunto de situações ou variáveis próprias do contexto de vida do estudante universitário, buscando compreender o cotidiano vivido pelos jovens após a entrada na universidade e durante o processo de formação, e que exercem significativa influência no desenvolvimento pessoal, cognitivo e social dos mesmos (MATTA; LEBRAO; HELENO, 2017).

Segundo Almeida, Soares e Ferreira (2000), a problemática da adaptação e ajustamento dos estudantes ao contexto universitário tem aparecido na literatura psicológica como uma das principais problemáticas de investigação no ensino superior. O ajustamento dos estudantes ao contexto universitário tem sido conceituado como um processo complexo e multidimensional e que envolve múltiplos fatores de natureza intrapessoal e contextual. Os autores argumentam que apesar do reconhecimento da importância dos fatores de natureza contextual no processo de adaptação e ajustamento à universidade, ainda ocorre predomínio de estudos enfocando as variáveis intrapsíquicas, como o desenvolvimento cognitivo dos estudantes. Nesse sentido, vão propor que os estudos dedicados à compreensão das vivências acadêmicas ampliem o escopo de investigação. Em decorrência de tal proposta, o termo vivência acadêmica vem sendo utilizado na literatura psicológica aplicada ao ensino superior para referir-se a um conjunto geral de aspectos de experiências universitárias que exercem influência no desempenho e sucesso dos alunos. O uso do termo se consolidou na literatura dedicada à temática, ao possibilitar que às investigações extrapolassem a tradicional perspectiva intrapsíquica de abordagem, propondo o estudo dos elementos externos aos indivíduos, ou seja, as características dos contextos institucionais (Andrade et al., 2016).

As pesquisas realizadas sobre a temática das vivências acadêmicas e adaptação à universidade, por exemplo, apresentam dados reveladores sobre como a maioria dos alunos que ingressam no ensino superior deparam-se com desafios e percalços pessoais e acadêmicos de diferentes naturezas (SOARES; MELLO; BALDEZ, 2011).

Pachane (2003) compreende que o termo experiência ou vivência universitária deve abarcar todas as situações direta ou indiretamente relacionadas ao fato de o aluno estar realizando um curso superior. A autora argumenta que a compreensão das vivências acadêmicas e o impacto das mesmas na saúde dos estudantes devem considerar desde as expectativas anteriores ao ingresso no curso até as situações amplas proporcionadas ou favorecidas pela realização de um curso universitário, como a mudança da casa dos pais e de cidade, a realização de estágios, a ampliação da rede social; e aquelas mais diretamente ligadas ao curso e à universidade, como a prática acadêmica, aulas, pesquisas, relacionamento com colegas, professores, funcionários da instituição, etc.

Almeida, Soares e Ferreira (2001) construíram e validaram em Portugal o Questionário de Vivências Acadêmicas (QVA), objetivando ampliar o olhar sobre os

diferentes fatores que influenciam o ajustamento e o sucesso acadêmicos dos estudantes universitários. O objetivo do questionário é avaliar o modo como os estudantes percebem as próprias experiências acadêmicas na instituição de ensino que frequentam para, assim, inferir sobre a qualidade de sua adaptação ao contexto universitário. O questionário foi validado no Brasil em 2005 (QVA-r) e é bastante utilizado nas pesquisas de adaptação, integração e ajustamento dos estudantes universitários (IGUE; BARIANI; MILANESI, 2008; SANTOS et al., 2013; SARRIERA et al., 2012; SOARES et al., 2014; SOARES; MELLO; BALDEZ, 2011; AMBIEL; SANTOS; DALBOSCO, 2016).

O Questionário de Vivências Acadêmicas parte do pressuposto de que uma multiplicidade de aspectos de natureza pessoal, relacional e institucional podem afetar a experiência do estudante no ensino superior, e tais aspectos abarcam desde vivências ou problemáticas mais pessoais até características relacionadas ao curso e à instituição de ensino, passando também pelos grupos de interação que se formarão nesse contexto, como a relação com os professores, colegas, funcionários e a família, e que podem interferir de algum modo nas vivências acadêmicas. Nesse sentido, os estudantes universitários assumem diversos desafios no processo de adaptação e integração ao ensino superior, e o QVA se propõe a avaliar o desempenho discente nos domínios acadêmico, pessoal, social e vocacional, sendo subdividido em dimensões e escalas (ANDRADE et al., 2016).

Conforme visto anteriormente, a entrada na universidade vai exigir do estudante esforços contínuos de adaptação às diferentes demandas que irá encontrar. A realidade vivida como estudante até o ensino médio é bem diferente daquela vivenciada no ensino superior. Haverá uma necessidade crescente de ajustamento e adaptação e vários fatores podem influenciar a saúde mental dos alunos: desde a motivação para a realização do curso, a separação da família e amigos, a busca crescente de autonomia na aprendizagem; o desenvolvimento de habilidades para gestão do tempo e dos recursos; o desenvolvimento de habilidades interpessoais para o estabelecimento de novos relacionamentos, assim como o manejo de novas perspectivas profissionais e de carreira. São muitas as demandas, que podem se constituir em fatores de vulnerabilidade à saúde mental do discente universitário, tornando-os suscetíveis ao aparecimento de transtornos mentais. (SEQUEIRA et al., 2013).

Decorre desse fator a importância da compreensão dos diversos e múltiplos aspectos das vivências acadêmicas que podem levar ao sofrimento psíquico. A respeito dessa temática, foram encontrados alguns estudos, apresentados a seguir.

A pesquisa de Andrade et al. (2016), do tipo transversal de abordagem qualitativa e quantitativa teve o objetivo de levantar indicadores de sofrimento psíquico e as vivências acadêmicas de alunos de um curso de Psicologia situado em um município do interior paulista. Participaram desse estudo 119 discentes matriculados do 1º ao 5º ano do curso. Os dados foram obtidos por meio da aplicação de um questionário elaborado pelos autores. A análise dos itens da Escala Likert aponta que, no geral, os alunos possuem uma apreciação bastante favorável ao curso. Entretanto, os resultados obtidos por meio das questões abertas apontam de forma enfática uma real existência de sofrimento psíquico em função das atividades desenvolvidas pelos alunos do curso de Psicologia, relatada por 107 dos 119 respondentes (90% da amostra participante do estudo). As questões apresentadas pelos estudantes como causadoras de sofrimento são diversas e estão relacionadas à carga horária excessiva de atividades do curso e a natureza específica do estudo da Psicologia, pois mobiliza sentimentos e aborda temas de caráter pessoal nos alunos; as demandas emocionais vivenciadas nos estágios dos dois últimos anos do curso; a excessiva ênfase no desempenho acadêmico. Os alunos participantes citaram a necessidade de manutenção, pela universidade, de um sistema de apoio pessoal ao estudante.

Souza et al. (2013) desenvolveram um projeto para conhecer o perfil dos alunos de Psicologia em uma universidade particular no Rio Grande do Sul e realizaram diferentes intervenções relacionadas à adaptação à vida acadêmica desses alunos. Segundo os autores, ainda são poucos os estudos voltados à realização de intervenções grupais no contexto universitário, especificamente aqueles que objetivem facilitar a adaptação do estudante ao ensino superior ou que trabalhem com a saúde psicológica do estudante, especialmente de forma grupal. Os autores conduziram uma pesquisa-ação com 293 estudantes de Psicologia. Inicialmente realizaram um diagnóstico da situação da adaptação acadêmica dos alunos e avaliaram a prevalência de sintomas depressivos e ansiosos, por meio do Questionário de Vivências Acadêmicas (QVA-r); do Inventário Beck de Depressão – BDI e o Inventário Beck de Ansiedade- BAI. A análise dos dados oriundos do QVA-r aponta que os alunos participantes apresentaram maior dificuldade na dimensão

pessoal do QVA-r, o que foi corroborado pelas escalas de ansiedade e de depressão que apontaram para a prevalência de 23% de depressão e 31% de ansiedade, na amostra participante do estudo. De posse desses dados, os autores definiram intervenções focais e grupais por meio do Psicodrama e da Terapia Comunitária, sendo que dos 143 alunos que participaram das intervenções, 91% avaliaram-nas positivamente e conseguiram perceber mudanças em seu processo de adaptação acadêmica.

Gomes, Camonian e Araújo (2018) realizaram uma pesquisa- intervenção com 10 estudantes universitários dos cursos de Enfermagem, Biomedicina, Nutrição, Fisioterapia e Odontologia, da Universidade Federal da Região Sul Mineira, a fim de compreender a constituição do sofrimento psíquico, a partir dos sentidos configurados por estudantes em suas vivências no contexto universitário.

A partir dos pressupostos da Psicologia Histórico-Cultural, os autores compreendem o sofrimento psíquico como um processo que ultrapassa a esfera psicológica, abarcando também a esfera social. Em outras palavras, o sofrimento psíquico assume o caráter de um fenômeno psicossocial que vai além dos fatores e elementos internos do sujeito e contempla também os diferentes elementos que envolvem as condições de existência do mesmo, em suas experiências. Ancorados nessa perspectiva, promoveram encontros em grupo com os estudantes, objetivando fornecer espaços de fala que permitiram a investigação das vivências acadêmicas, dos afetos e sentimentos oriundos dessas vivências e provocando discussão grupal sobre essa temática. Os relatos apresentados pelos estudantes representam vivências solitárias e marcadas pelo medo, insegurança e diversas ameaças que afetam a formação acadêmica, a vida pessoal e o futuro profissional desses alunos.

Os resultados da pesquisa revelam como as dinâmicas pedagógicas instauradas na universidade pesquisada se apresentam como catalisadoras das vivências universitárias apresentadas pelos participantes: os relatos dos alunos apresentam falta de humanização na relação professor-aluno, altas exigências criadas pelos professores em suas disciplinas com consequente necessidade de obter notas altas para ser próximo do professor; disputa pessoal por notas e atividades. Ainda segundo os alunos participantes, o que parece mover o processo de escolarização vivenciado é a demanda por notas em detrimento do compromisso com o processo de aprendizagem e desenvolvimento. Nesse contexto, a competição entre os alunos emerge como característica marcante da vivência universitária, assim como o

desenvolvimento de relações sociais de reclusão e exclusão, derivadas da falta de correspondência aos padrões e processos educacionais desenvolvidos pelos professores, no bojo das dinâmicas institucionais e pedagógicas estabelecidas.

Pellá e Magnabosco-Martins (2018) defenderam, em sua pesquisa, a importância da compreensão qualitativa e contextualizada da temática saúde mental e sofrimento na universidade, a fim de fundamentar o planejamento de ações voltadas à produção de vida em contexto acadêmico. Na perspectiva dos autores, a compreensão da produção de saúde e de adoecimento emocional do estudante universitário requer a identificação e análise das experiências de vida na graduação com suas muitas vivências e múltiplos significados, que a trajetória no ensino superior pode produzir. Para atingir esse objetivo, de compreender as experiências de vida dos estudantes na graduação, realizaram uma pesquisa de natureza qualitativa, com seis estudantes do terceiro ano de Psicologia de uma universidade estadual localizada no Sul do Brasil. Os resultados do estudo revelaram que, na perspectiva dos participantes, destacou-se um sentimento de sobrecarga na realização do curso de Psicologia, em função de cinco fatores, como o fato de realizarem um curso público e integral com grade curricular extensa; a diversidade de teorias, disciplinas e práticas ministradas ao mesmo tempo no curso, junto a uma quantidade de leituras, reflexões e tarefas para além das aulas; o conteúdo denso e inquietante abordado no curso, assim como as exigências éticas da Psicologia. Essa última questão foi entendida pelos participantes como a intensa e contínua convocação do curso para a responsabilidade consigo e com o outro, a sociedade e o mundo.

A pesquisa de Scherer, Scherer e Carvalho (2007) com 12 estudantes de Enfermagem da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da USP constitui-se em uma pesquisa qualitativa por meio de observação participante, tendo como objetivo verificar se a intervenção de grupo de curto prazo pode proporcionar aos estudantes meios de lidar com o estresse, próprio da transição do aprendizado teórico para o prático. Foram realizados 16 encontros com o grupo, de 60 minutos cada. Os resultados foram categorizados a partir da análise de conteúdo e dos diferentes “tempos” do processo grupal (fase inicial, fase operacional e fase de término). Na fase inicial, as estudantes perceberam o impacto de suas idealizações sobre o curso e sobre os professores, estágio e de como se frustraram ao se depararem com o real, muito diferente do desejado. Nesse sentido, puderam compreender mais claramente o funcionamento da instituição escolar, aprendendo a conviver melhor com os

princípios estabelecidos na formação, nos estágios, nas disciplinas. Já na fase operacional, as estudantes puderam problematizar as singularidades do curso que lhes causavam ansiedade, as diferenças entre os professores, entendendo a importância de se adaptarem às diferentes demandas da vida acadêmica, desenvolvendo novas atitudes e comportamentos frente ao curso e ao grupo. As participantes atribuíram à participação no grupo como motor de melhoria dos relacionamentos com colegas, com professores, e no contato com os pacientes. A análise de conteúdo da fase final do grupo permitiu revelar a importância do grupo terapêutico como complementar aos grupos de estágio, à medida que permite refletir sobre o vivido em um contexto de experiências significativas. As alunas se perceberam mais seguras e conscientes de suas ações, enquanto aprendizes e futuras profissionais. O estudo conclui que a técnica grupal se constitui como uma ferramenta importante para ser utilizada com alunos de graduação de enfermagem que estão vivenciando a transição da parte teórica para a parte prática, tanto como fator de suporte e adaptabilidade dos alunos, quanto como estratégia didática.

Todas as pesquisas apresentadas reiteram a importância de uma compreensão qualitativa de como as vivências acadêmicas podem provocar sofrimento psíquico nos estudantes universitários, à medida que as diferentes dinâmicas de funcionamento instaladas nas universidades, nos diferentes cursos, engendram diferentes modos de relacionamento do estudante consigo mesmo, com o outro, com as demandas acadêmicas e institucionais. Além disso, ao longo do processo formativo, o estudante deverá construir o papel profissional e surgem as demandas de compreensão dos caminhos vocacionais e profissionais a serem trilhados, em que se destaca a importância da construção de metas de carreira para o desempenho no futuro papel profissional como mais um dos desafios do percurso acadêmico. Os estudos reforçam a importância de pesquisas que visem a investigar a produção do sofrimento psíquico em face das vivências acadêmicas, a fim de subsidiar políticas de assistência estudantil que promovam melhoria na qualidade de vida e na saúde mental dos estudantes universitários. Nesse sentido, foram encontrados estudos que relatam diferentes experiências de serviços de apoio à saúde mental estudantil.

1.4 SERVIÇOS DE APOIO À SAÚDE MENTAL DO ESTUDANTE UNIVERSITÁRIO

Em levantamento realizado acerca da oferta de serviços de saúde mental ao estudante universitário, Andrade et al. (2016) encontraram poucos estudos a respeito da temática. Segundo os autores, esse tipo de serviço destinado à população de estudantes universitários surgiu nos Estados Unidos no início do século XX, em função do reconhecimento de que, do ponto de vista psicológico, os universitários estão vulneráveis ao surgimento de diversas questões relativas a conflitos emocionais, sendo a responsabilidade de ajudá-los justamente da instituição em que estão inseridos. Já em território brasileiro, os autores apresentam como marco inicial do atendimento em saúde mental dos universitários o ano de 1957, quando foi criada, na Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Pernambuco, o primeiro Serviço de Higiene Mental e Psicologia Clínica, objetivando a oferta de assistência psicológica e psiquiátrica aos estudantes da instituição. Em seu levantamento a respeito da temática, os autores evidenciaram a escassez de estudos sobre serviços de atendimento psicológico para estudantes universitários na literatura nacional.

Segundo Oliveira e Silva (2018), no âmbito das instituições de ensino superior, tanto públicas quanto privadas, existem diferentes serviços organizados para o atendimento do público estudantil; especificamente após a instituição do Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior (SINAES), no ano de 2004, houve maior estímulo para a criação desses serviços por parte das instituições de ensino. À medida que o SINAES assume o objetivo de assegurar o processo nacional de avaliação das instituições de educação superior, dos cursos de graduação e do desempenho acadêmicos dos estudantes, propõe que as instituições de ensino sejam avaliadas levando-se em consideração diferentes aspectos institucionais; dentre eles, as políticas de atendimento ao estudante.

A literatura demonstra que o atendimento às necessidades psicológicas dos estudantes, por meio de propostas variadas de intervenção, ainda é escasso (RAMOS et al., 2018). Tais ações são de suma importância no contexto universitário, para oportunizar melhores condições de desenvolvimento humano aos estudantes e favorecer a adaptação dos mesmos, assim como para a promoção da saúde desta população.

Foram encontradas poucas pesquisas a respeito da oferta de serviços de saúde mental ao estudante universitário. O estudo de Peres, Santos e Coelho (2003) teve como objetivo descrever o Programa de Pronto- Atendimento Psicológico ao Aluno (PPAPA) realizado no contexto da clínica-escola de Psicologia da Faculdade de

Ciências e Letras da UNESP de Assis. O programa foi criado em 1998 para prestar atendimento psicológico aos alunos dos cursos de graduação da faculdade, visto que havia uma demanda cada vez maior de alunos universitários da instituição que procuravam o serviço de clínica-escola para atendimento psicológico. Os autores apresentaram as principais queixas trazidas pelos alunos e motivadoras da busca por atendimento psicológico: problemas de convívio com companheiros de moradia, ansiedade e estresse em virtude das atividades acadêmicas; queixas que denotam a existência de uma demanda de tratamento, tais como tentativas de suicídio e uso excessivo de álcool e/ou drogas. A procura pelo atendimento em função de uma demanda de adaptação revela uma dificuldade muitas vezes severa dos alunos em se desligar das pessoas queridas da cidade de origem e estabelecer novos vínculos na faculdade.

O trabalho de Buzeli, Costa e Ribeiro (2013) constitui-se como um relato de experiência em promoção de saúde e assistência estudantil, em que foram realizadas rodas de terapia comunitária com alunos da Universidade Federal do Mato Grosso, de agosto de 2010 a julho de 2011, semanalmente, com duração de 1 hora. A terapia comunitária configura-se como um tipo de intervenção grupal que objetiva o partilhar de experiências de vida, para que os participantes se tornem corresponsáveis na busca de soluções e superação dos desafios do cotidiano. O objetivo do trabalho foi promover a saúde dos estudantes universitários, por meio da criação de redes de apoio, a redução das angústias e ansiedades do cotidiano acadêmico e a retomada da autoestima. Os temas abordados nos encontros revelam aspectos do sofrimento estudantil importantes de serem ouvidos e trabalhados, como a saudade da casa dos pais, a solidão vivenciada no contexto acadêmico, a morte de pessoas queridas, a insatisfação com o corpo físico, as dificuldades econômicas, a preocupação com a carreira profissional, os conflitos familiares e com os colegas, o medo de não dar conta das tarefas curriculares e/ou cotidianas e obter notas abaixo da média. Segundo as autoras, o trabalho de intervenção por meio das rodas de terapia comunitária favoreceu a expressão de sentimentos que quando não são expressados tendem a interferir negativamente no bem-estar físico e mental das pessoas. A roda de terapia comunitária, além de ser um espaço para expressão dos sentimentos, também favoreceu o compartilhar, pelos participantes, das estratégias utilizadas para enfrentamento e resolução de seus problemas, configurando-se como uma prática

importante de cuidado na promoção da saúde, cidadania e na construção de redes de apoio social entre os estudantes da Universidade Federal de Mato Grosso.

Segundo Panúncio-Pinto e Colares (2015), os serviços de apoio ao universitário assumem uma grande importância na perspectiva de uma educação integral e devem funcionar de forma a favorecer a adaptação do estudante ao contexto acadêmico, que apresenta diversos novos desafios aos jovens estudantes; e trabalhem em uma perspectiva não somente clínico-institucional, mas de forma a buscar a promoção de saúde da população discente. Tais serviços podem se configurar como dispositivos de apoio para a instituição e para os alunos, funcionando como uma via de acesso que ofereça acolhimento às demandas dos alunos emergentes em cada período da formação acadêmica. As autoras apresentaram e discutiram a especificidade de um serviço de apoio ao estudante que funciona em uma faculdade de Medicina localizada em uma instituição pública no interior do Estado de São Paulo, em que se prioriza o atendimento das demandas dos alunos através de diversas atividades, como o atendimento psicológico, psicopedagógico e programas de Tutoria e Mentoring, sendo que com esses dois últimos, visam a oferecer suporte às diversas demandas oriundas do processo de ensino-aprendizagem.

Apesar de ainda existirem poucos estudos a respeito de trabalhos interventivos focados especificamente para a promoção de saúde à população universitária, as propostas de intervenção no contexto acadêmico para o atendimento às necessidades psicológicas dos estudantes são ferramentas importantes para o desenvolvimento de habilidades profissionais e interpessoais, fomentando também a orientação de carreira e a promoção de saúde (RAMOS et al., 2018). Nesse sentido, os autores apresentaram um relato de experiências das ações desenvolvidas no contexto da Universidade Federal do Espírito Santo, em um trabalho de parceria do departamento de Psicologia com a Pró-reitoria de Assuntos Estudantis e de Cidadania. Foi realizado um conjunto de intervenções enfocando as dimensões relacionadas ao planejamento de carreira, desenvolvimento de hábitos de estudo, e promoção da saúde mental dos universitários. Foram promovidas diversas oficinas enfocando esses temas, por estudantes de Psicologia e que atenderam, de 2015 a 2017, 705 estudantes da instituição. As oficinas foram avaliadas de forma positiva pelos participantes, que afirmaram a importância de espaços como esses para abordarem as questões relacionadas à vida acadêmica, à carreira, ao relacionamento interpessoal e ao bem-estar emocional.

Oliveira e Silva (2018) realizaram uma pesquisa qualitativa com 19 psicólogos atuantes na assistência estudantil, a fim de identificar e analisar as práticas desenvolvidas pelos mesmos no âmbito das universidades públicas federais mineiras. Os autores observaram que a maioria dos psicólogos que participaram da pesquisa trabalhava em equipes multidisciplinares, fato importante dada a multidimensionalidade das questões que afetam o estudante em contexto universitário e que podem provocar sofrimento psíquico. Além disso, destacaram que a forma predominante de atendimento ao estudante praticado por esses profissionais se dá em formato individual; porém, são práticas clínicas que se desenvolvem de forma articulada ao contexto educativo e institucional, haja vista que o objetivo das mesmas é proporcionar suporte psicossocial para que o estudante consiga sucesso acadêmico, considerando o contexto de vida do sujeito e seu processo educativo. No que concerne à diversidade de demandas que aparecem para atendimento, os participantes apontaram algumas questões desafiadoras de serem trabalhadas, porque extrapolam o campo técnico do psicólogo e exigem uma atuação articulada com outros setores, dentro e fora da universidade. Nesse sentido, a maioria dos participantes do estudo (65%) destacou como, em grande parte, a demanda dos estudantes se relaciona a questões institucionais e pedagógicas e que provocam dificuldades e sofrimento emocional discente. Problemas na relação professor-aluno, autoritarismo em sala de aula, abuso de poder no processo avaliativo e assédio moral, métodos de ensino e práticas educativas perversas e excludentes, modos de avaliação tradicionais, dentre outros aspectos, surgem como demandas para atendimento psicológico e emergem como desafiadoras para a prática do psicólogo escolar. Esses dados apontam a importância de um trabalho coletivo do psicólogo da assistência estudantil com outros atores institucionais, como coordenadores de curso, docentes, técnicos administrativos, que precisam ser convidados ao trabalho em parceria com o psicólogo, dado que muitas questões apresentadas pelos estudantes em suas demandas passam pelas questões de cunho institucional, como a relação dos alunos com os docentes, a organização curricular, as metodologias de ensino, propostas avaliativas, dentre outras.

De modo geral, essas pesquisas reiteram a responsabilidade das instituições de ensino e formação em proporcionar espaços de diálogo, para que os estudantes universitários possam expressar os diferentes conflitos vivenciados ao longo dos

cursos de formação, como medida protetiva à saúde mental e como ferramenta para ampliar o aproveitamento acadêmico dos discentes.

Os resultados das pesquisas apresentadas reforçam a urgência de as universidades desenvolverem diferentes estratégias para auxiliar na diminuição da prevalência de sofrimento psíquico na população estudantil. O estudo de Silva et al. (2014) sugere inclusive o estabelecimento de programas de *mentoring*, serviços de apoio psicológico e o desenvolvimento de novas propostas pedagógicas, focadas em processos interativos de aprendizagem, como medidas de proteção e promoção de saúde mental.

Partindo dos resultados das pesquisas aqui apresentadas, percebe-se a importância de estudos qualitativos acerca da vivência do estudante universitário e os principais conflitos e dificuldades encontrados na atualidade e que se constituem como fatores que comprometem a saúde mental discente. Compreender a experiência acadêmica tal como vivida pelo estudante universitário, com vistas a compreender os aspectos que produzem sofrimento psíquico e os diferentes caminhos possíveis para ressignificá-lo, apresenta-se como fundamental para o avanço do conhecimento a respeito da temática. A análise dos estudos anteriormente apresentados nos permite diversos questionamentos, por exemplo: quais fatores da vivência universitária constituem-se como estressantes e desencadeadores de conflitos emocionais? Como esses conflitos se desenvolvem, na visão dos estudantes? Quais as principais dificuldades vivenciadas nesse período? Como os alunos percebem e significam a experiência acadêmica, no que concerne à apropriação do papel de estudante universitário e às demandas desse papel? Para responder a tais questionamentos é que se realizou a presente pesquisa, uma investigação com estudantes universitários, por meio do método sociodramático, a fim de investigar as dificuldades vivenciadas pelos alunos, ao longo do período universitário, e oportunizar aos mesmos, espaços para expressão do sofrimento psíquico vivido no contexto acadêmico.

1.5 GRUPOS E PSICODRAMA

Faz-se necessário apresentar brevemente o panorama da obra de Jacob Levy Moreno, criador do Psicodrama, do Sociodrama e pioneiro em Psicoterapia de Grupo (MALAQUIAS, 2012).

Moreno nasceu em 1889 em Bucareste, Romênia e por volta de seis anos de idade mudou-se com sua família para Viena, Áustria. Foi médico psiquiatra, mas interessou-se por sociologia, psicologia social e antropologia. Defendia a ideia de que um procedimento verdadeiramente terapêutico deveria ter por objetivo alcançar a humanidade como um todo. Em sua juventude, ainda antes de se formar médico psiquiatra, Moreno envolveu-se em trabalhos com grupos até então carentes de atenção social, reunindo, por exemplo, grupos de crianças nos jardins de Viena para que pudessem contar e encenar histórias, de modo criativo e espontâneo; ou ainda trabalhando com prostitutas, buscou ajuda-las na compreensão do drama pessoal e coletivo que viviam e auxiliou-as a se organizarem como grupo, para elaboração de leis que pudessem protegê-las e o estabelecimento de uma rede de apoio mútuo (IDEM, IBIDEM).

Jovem estudante de Medicina na Viena das valsas, da efervescência e da renovação teatral, foi muito influenciado pelo pensamento de diferentes teóricos. No campo psicológico, pode-se destacar a influência de Freud, Dewey, Pavlov, Jung, Scheler. Na filosofia, Bergson, Husserl, Kierkegaard, Schopenhauer, Espinoza, Nietzsche, Marx. Na área da sociologia: Durkheim, Mead, Comte, Smith, Allport. Na pedagogia: Rousseau, Pestalozzi, Montessori, Froebel (ALMEIDA, 1991).

Quando ainda era estudante de Medicina, teve um breve encontro com Freud em 1912, que nessa ocasião já era figura famosa, mas em sua Autobiografia, narra como se opôs ao criador da Psicanálise, argumentando que Freud analisava os sonhos das pessoas, enquanto ele próprio, Moreno, dedicava-se a ensinar as pessoas a sonharem novamente (FONSECA, 1980; MORENO, 1997).

Desde 1908, Moreno maneja técnicas grupais que posteriormente dariam origem à psicoterapia de grupo, à sociometria e ao psicodrama. Os jogos de improviso que desenvolveu com crianças nos jardins de Viena; o trabalho preventivo com as prostitutas, oferecendo-lhes instrumentos para que se ajudassem mutuamente no nível psicológico; as atividades que desenvolveu em um campo de refugiados tirolezes, entre 1915 e 1917, em que buscou observar as interações grupais e suas características psicológicas, são consideradas experiências antecedentes do desenvolvimento de sua filosofia e obra teórica/técnica. Ainda estudante de Medicina, Moreno investigava e concebia a espontaneidade como matéria primordial para se rebelar contra o falseamento das instituições e a robotização do ser humano (ALMEIDA, 1991).

Em 1921, Moreno já havia começado seu trabalho como psiquiatra, mas essa atividade não era a única a que se dedicava. Muito antes de se aprofundar na construção de possíveis tratamentos, ele se interessou pela busca da essência do homem, sua conexão com o cosmos que integrava: não aceitava a compreensão do ser humano desprendido de suas micro e macro-relações situacionais (BUSTOS, 1992).

Nesse percurso, interessou-se pelo teatro e em função de sua visão de homem, evidentemente não aceitava o teatro tradicional. Fundou o Teatro da Espontaneidade, localizado próximo a Ópera de Viena, que funcionou como um teatro experimental e de representação espontânea. Tinha o objetivo de “libertar” o teatro do modo conservador de dramatização de textos prontos, e os atores de terem que representar um texto previamente escrito, um papel previamente determinado e que ignorasse as idiossincrasias da pessoa. A partir do teatro, considerava possível a investigação da espontaneidade no plano experimental.

A primeira sessão oficial de psicodrama aconteceu em 1º de abril de 1921. O cenário tinha como única decoração uma poltrona vermelha semelhante ao trono de um rei. No assento da poltrona havia uma coroa dourada. Na plateia, mais de mil pessoas, que foram convidadas a figurar no cenário, sentar-se no trono e atuar como rei, enquanto aqueles que permaneciam sentados funcionariam como júri. A proposição era que as pessoas presentes seriam o elenco, os atores, mas também seus dramaturgos, pois o enredo da peça estava presente no “inconsciente social dos que, no cotidiano, viviam as expectativas e desempenhavam papéis verdadeiros” (ALMEIDA, 1991, p. 48). A temática da peça era a busca por uma nova ordem política através do papel do rei coroado: a plateia era convidada a subir ao palco e um de cada vez, expor sua visão de líder. Ninguém foi aprovado como vencedor nessa primeira sessão e ser o “salvador da Áustria”. Nesse sentido, o psicodrama nasceu como ato político: naquele momento, Moreno inaugurava o psicodrama, mas também, sem saber, o sociodrama, à medida que buscava analisar a produção psicológico-social de uma coletividade (IDEM, IBIDEM).

Durante uma das sessões no Teatro da Espontaneidade, em 1923, Moreno descobre acidentalmente, durante uma das sessões, a ação terapêutica da representação. Trata-se do celebre caso Barbara e George, casal que se conheceu no próprio Teatro da Espontaneidade. Barbara era uma atriz especializada em papéis ingênuos e românticos. George era poeta e assíduo espectador dos espetáculos de

Barbara. Um dia, procura Moreno para dizer que em casa, a atriz seria grosseria, chegando mesmo às agressões físicas. Moreno prepara todo um trabalho dramático para que Barbara possa melhorar suas atitudes com relação ao marido, convidando-a a dar vida a personagens diferentes daqueles que interpretava até então. George narra para Moreno a melhora de Barbara em casa e o médico propõe então mais um passo no processo criativo-curativo: convida-os a encenarem sua vida conjugal no palco. Em seguida, Moreno passa a atendê-los a sós, analisando junto com a casal o desenvolvimento das sessões. Surgia assim o teatro terapêutico e com ele, a abordagem terapêutica do casal e da família. A partir daí, Moreno formula de modo mais consistente suas ideias psicodramáticas, e o teatro da espontaneidade se transforma no teatro terapêutico, e este no Psicodrama (ALMEIDA, 1991; FONSECA, 1980).

Em 1925, deixando a Europa, Moreno vai instalar-se nos Estados Unidos, especificamente em Nova York. Prossegue os contatos que tivera com o mundo do teatro, onde fora buscar o núcleo de sua teoria; algumas de suas ideias foram acatadas pelo famoso Actor's Studio em Nova York. Moreno foi de forma gradual ganhando espaço em solo americano, fazendo-se conhecer pelo trabalho e pela dedicação ao psicodrama, ao teatro da improvisação e ao teatro terapêutico, suas criações vienenses (ALMEIDA, 1991).

Já em 1927 faz a primeira demonstração pública de Psicodrama nos EUA, apesar das dificuldades com a língua. Nesse período conseguiu validar o diploma de médico em solo americano e foi trabalhar em um hospital como psiquiatra e psicoterapeuta; gradualmente foi assumindo muitas atividades e desenvolvendo ainda mais suas ideias e propostas terapêuticas. Ao desembarcar nos Estados Unidos, encontrou um país envolvido no tema das relações humanas, da maior e melhor produtividade no trabalho, dos dados estatísticos, da operacionalidade das teorias, das propostas behavioristas e do pragmatismo. Fazia parte do ideal americano o homem *metrum* e no bojo das propostas de investigação dessa temática, até as relações humanas deveriam ser medidas (ALMEIDA, 1991).

Logo que realizou sua imigração para solo americano, Moreno dedicou-se a dois grandes projetos que o ajudaram a assentar definitivamente as bases da psicoterapia de grupo e da sociometria (FONSECA, 1980). Fez um profundo estudo de uma escola de reeducação para moças em Nova York e dedicou-se também a um projeto referente à reeducação dos prisioneiros de Sing-Sing (Nova York) com a

finalidade de aplicar um método grupal na classificação dos presos. Ao chamar a atenção do governo americano para o emprego da sociometria em comunidades, executou grande número de estudos, especialmente sobre delinquência. Durante a segunda guerra mundial, a sociometria foi utilizada como método de seleção de oficiais das forças armadas. Ao assumir essa proposta investigativa em Sing-Sing, Moreno apresentou uma nova proposta para a investigação das sociopatias e psicopatias no seio da sociedade: estudar os criminosos presos em função de sua participação no pequeno grupo social, para superar a dicotomia indivíduo isolado versus massa indisciplinada (ALMEIDA, 1991). É um primeiro esforço para abordar de maneira integrada o individual, o biológico, o psicológico e o sociológico. Estava claro para Moreno, já nesse período, que as pessoas não vivem de forma exclusivamente individual, mas também não vivem diluídas na multidão; ao contrário disso, a personalidade se forma e interage a partir do pequeno grupo afetivo, sendo moldada no jogo dinâmico das atrações e rejeições. Nesse sentido, Moreno se propôs a investigar a massa carcerária redistribuindo-a em pequenos grupos, por meio da análise das relações interpessoais ali estabelecidas (IDEM, IBIDEM).

Após a investigação em Sing-Sing, Moreno publicou um relatório expondo suas conclusões e utilizando, pela primeira vez na literatura científica mundial, a expressão psicoterapia de grupo, que entendia nesse momento como a análise das correntes emocionais que ligavam de modo inconsciente os participantes do grupo. Em 1932, Moreno desenvolveu ainda um amplo trabalho de grupo em um internato de reeducação de moças consideradas “delinquentes” na cidade de Hudson, no Estado de Nova York. O trabalho se prolongou até 1938, mas antes disso, em 1934 resultou em uma das obras mais importantes de Moreno, *Quem Sobreviverá?*; considerada por muitos psicodramatistas contemporâneos como a fonte de exposição de tudo o que Moreno pensou, vivenciou e idealizou sobre grupos sociais. Tratava-se de um modo novo de ver as relações humanas, em que a análise individual e subjetiva era superada em direção a análise grupal, objetiva, psico-sociológica. Em uma época onde a psicoterapia ainda centrava-se no sujeito, a proposta de aplicá-la às inter-relações que se desenvolvem nos grupos foi uma grande e significativa revolução (ALMEIDA, 1991).

Em 1936, Moreno mudou-se para a cidade de Beacon, nas imediações de Nova York, onde criou um hospital psiquiátrico *open door*, que funcionava como uma clínica de psicoterapia e onde Moreno instalou posteriormente o primeiro Teatro de

Psicodrama e o Instituto de Formação em Psicodrama, que funcionou em Beacon até 1982. Em Beacon, Moreno se ocupará da formação de médicos, psicólogos professores; profissionais dedicados à formação para abordagem das relações humanas. A partir de sua obra, termos como sociometria, desempenho de papel, sociodrama e psicodrama entraram no vocabulário da psicoterapia de grupo, da formação profissional e da pedagogia (SCHUTZENBERGER, 1970).

Moreno desenvolveu diferentes teorias para leitura e investigação dos “processos e fenômenos grupais, como a teoria da espontaneidade-criatividade, dos fenômenos tele-transferência, dos papéis e dos vínculos” (MALAQUIAS, 2012, p. 20). Abordava o ser humano como um gênio em potencial, sendo subjacente a toda sua obra um ideal de ser humano, espontâneo, capaz de criar continuamente sua própria vida (BUSTOS, 1992).

A teoria da espontaneidade - criatividade é considerada a pedra angular da visão moreniana de homem. Sem essa compreensão, o psicodrama se transforma em um mero recurso técnico (IDEM, IBIDEM).

A partir da visão de Moreno, o homem é concebido e estudado através de suas relações interpessoais: o homem moreniano é um ser em relação. Desde que nasce, irá compor agrupamentos humanos e se relacionar no interior desses grupos, constituindo-se como sujeito e desenvolvendo a própria identidade numa relação dialógica, envolvido em uma rede social (MALAQUIAS, 2012).

Logo ao nascer, a criança é inserida num conjunto de relações, constituída em primeiro lugar por sua mãe, pai, avós, irmãos, tios, dentre outros. A esse conjunto inicial de inter-relações Moreno chamou de Matriz de Identidade. No início de seu desenvolvimento na Matriz, quando não há distinção entre ela e a mãe, a criança vivencia a sociedade através da mãe iniciando seu processo de socialização e integração na cultura.

Segundo Moreno, o desenvolvimento da criança foi estudado através das mais diversas correntes. Porém, um ponto de vista teria sido descuidado, justamente o de estudar o ser humano como gênio em potencial. Moreno não partiu de uma visão de doença, mas de saúde: observando os maiores gênios da humanidade, afirmou que nestes aparecem as expressões mais dramáticas de certas capacidades que deveriam ser latentes a todos os seres humanos. Ao nascer a criança já apresenta essas potencialidades, a disponibilidade para ser um gênio criador, que muitas vezes,

em função das coerções morais, sociais e culturais, não se revelam. (FONSECA, 1980).

Na visão moreniana, o homem possui recursos inatos, como a espontaneidade, a criatividade e a sensibilidade. Tais recursos podem ser alterados ou prejudicados pela ação do ambiente e dos sistemas e regras sociais. Quando se instalou em território americano, Moreno passou a denominar a espontaneidade como *fator E*; segundo Gonçalves, Wolff, Almeida (1988) ao apresentar a espontaneidade como um fator, Moreno estava sendo irônico com características do ambiente cientificista norte-americano daquele período, em especial, as teorias fatoriais da Psicologia, que considerava a personalidade como a resultante de diversos fatores, que se procurava detectar e medir.

Para Moreno (2008):

Ao nascer, o bebê transfere-se para um conjunto totalmente estranho de relações. Não dispõe de modelo algum, de acordo com o qual possa dar forma aos seus atos. Defronta-se com uma nova situação, mais do que em qualquer outra época de sua vida subsequente. A essa resposta do indivíduo a uma nova situação – e à nova resposta a uma antiga situação – chamamos espontaneidade. Para que o bebê viva, essa resposta deve ser positiva e sem falhas. Deve ser rápida, reagindo ao estímulo do momento. Essa resposta pode ser mais ou menos adequada. Deve existir, pelo menos nos momentos cruciais, uma certa soma desse fator e (espontaneidade). Um mínimo de espontaneidade já é requerido no primeiro dia de vida (p. 101).

Pode-se perceber como o autor descreve a espontaneidade como um fator presente no ser humano, ou seja, o *fator E*, que está ligado à capacidade de responder adequadamente a uma nova situação ou de responder de maneira inédita, renovadora ou transformadora a uma situação preestabelecida. Moreno conceituou a adequação como adaptação e marca pessoal, o que implica o ajustamento do homem a si mesmo. Ser espontâneo é estar presente nas situações, procurando transformar seus aspectos insatisfatórios; estabelecer uma nova situação significa criar algo a partir do que já é dado, o que nos remete ao conceito de criatividade (PEREIRA, 20011).

Além disso, na visão moreniana, a criatividade é indissociável da espontaneidade. O *fator E* permite a manifestação da criatividade, isto é, a disponibilidade do ser humano para o ato criador. Criar significa aplicar o potencial humano em uma ação transformadora, integradora, que proporciona crescimento e maturação ao indivíduo que cria (IDEM, IBIDEM).

A possibilidade de modificar uma dada situação, descobrindo ou estabelecendo situações novas, implica na capacidade de criar, produzir a partir de algo que já é

dado, alguma coisa nova. Todo resultado de um processo de criação ou de um ato criador pode vir a se cristalizar como conserva cultural. Pode-se definir as conservas culturais como objetos, como obras de arte, comportamentos, usos e costumes, que se mantêm idênticos, em uma dada cultura. À medida que o homem paralisa no cultivo respeitoso daquilo que já produziu, somente conservando e cultuando o que está pronto, perde sua espontaneidade (GONÇALVES; WOLFF; ALMEIDA, 1988).

Moreno entendia ainda espontaneidade como um fator de iluminação, comparando-a metaforicamente a uma lâmpada que se acende em um quarto escuro e graças a qual tudo fica claro, visível. Quando a luz se apaga, as coisas permanecem no mesmo lugar, mas uma condição essencial desaparece. Nesse sentido, Moreno acreditava que a cegueira que faz o ser humano agir sempre numa direção unilateral, em função do hábito ou das conservas culturais, pode desaparecer em dados momentos em função da espontaneidade quando a “cegueira” se vê substituída por um momento de enriquecimento perceptivo do mundo que nos cerca.

Outro ponto importante é que Moreno pretendia que o ato espontâneo-criador ocorresse no nível das relações sociais, ou seja, da Tele, dos Papéis, do Encontro. Acreditava que o homem essencialmente espontâneo e criativo florescia em relações télicas. Moreno definia a Tele como o conjunto de processos perceptivos que permite uma valorização correta do mundo circundante (FONSECA, 1980).

A criança já seria dotada dessa capacidade de distinguir objetos e pessoas em seus aspectos essenciais, sem distorções. Tele é um fenômeno de interação, pertencente aos vínculos, uma ligação elementar entre as pessoas, considerada como o fundamento de todas as relações interpessoais sadias. Não existe enquanto característica individual, somente da relação. Nesse sentido, pode-se pensar em relações télicas quando há presença de espontaneidade-criatividade nas pessoas que integram a relação. Na ausência de espontaneidade - criatividade, as relações podem estar marcadas por aspectos de experiências anteriores, conservadas e não relacionadas à experiência presente, tal como vivenciada no aqui e agora (MARTIN, 2016).

Moreno acabou por opor o fator Tele à transferência tal como conceituada por Freud. Considerou a transferência como patologia da Tele, a medida que aquela se caracteriza pela presença de distorções e equívocos nas relações. Argumentava que o objetivo do Psicodrama seria reavivar a espontaneidade e a tele, retomando relações saudáveis e livres de apegos ao passado. Ao opor o conceito de

transferência ao conceito de tele, Moreno vai chamar a atenção para a possibilidade de relações espontâneas, não cristalizadas, em que se pode partir de uma abertura ao outro que se desdobra numa abertura do outro, em que ambos os sujeitos são capazes de viver a realidade presente, mergulhando a fundo na relação que se dá e em que se impõe um mutuo conhecimento.

Naffah Neto (1997) realizou uma revisão dos principais conceitos de Moreno a luz da fenomenologia. Na perspectiva existencialista e fenomenológica, o homem só existe enquanto ser em relação, tornando-se quem é a partir das diferentes relações que estabelece ao longo da vida. O autor retoma as diferentes conceituações dadas por Moreno ao longo sua obra, discutindo as imprecisões conceituais e confusões que muitas vezes aparecem na obra do autor. Na visão desse autor, Moreno deixou sua obra inacabada e aberta para a recriação, destacando a importância de os psicodramatistas estarem atentos aos fundamentos filosóficos dos conceitos que embasam suas práticas, em um processo contínuo de transformação e superação que é próprio da construção do conhecimento.

Ao retomar as diferentes definições de espontaneidade dadas por Moreno, discute a visão de espontaneidade como a resposta de um indivíduo diante de uma situação nova- e a resposta nova a uma situação antiga, atribuindo à resposta espontânea ainda as características de criatividade, originalidade; e que através do teste de espontaneidade poder-se-ia observar e medir o grau de adequação e originalidade de uma resposta. A crítica de Naffah Neto (1997) irá recair justamente na noção de adequação como fator componente da espontaneidade:

A espontaneidade jamais poderá ser concebida como uma relação de adequação, mas antes, como a capacidade de reconquistar, através da ação, essa relação de interioridade e de sentido que caracteriza a relação sujeito-mundo, cada vez que ela é rompida ou cindida por uma mudança inesperada da situação. Ante uma transformação abrupta, que cega ou imobiliza momentaneamente o sujeito, roubando-lhe o sentido da situação, a espontaneidade consiste sobretudo numa capacidade de se abrir perceptivamente, alargando seus horizontes espacial e temporalmente e reconquistando através da ação a continuidade de sentido do mundo que se transforma; é reconquistar-se como parte integrante e atuante na situação, é fazer-se uma presença (p. 48).

A conduta espontânea será caracterizada assim como um esforço de abertura e de recuperação do real, e não a uma adequação a determinados parâmetros desse

real, constituindo-se em uma relação de compromisso entre sujeito e mundo, e não de ajustamento.

Na visão de Almeida (1991) Moreno não realizou uma sistematização rigorosa de suas idéias, mas suas criações ousadas e inovadoras o colocaram em um lugar de destaque na história da psicologia social e das psicoterapias. Entretanto, de 1942 a 1974, Moreno dedicou-se à organização e consolidação de seu pensamento, articulando e estruturando a teoria socionômica (Socionomia), com as seguintes disciplinas: Sociodinâmica, Sociometria e a Sociatria. Um vasto campo a ser estudado a partir da extensa bibliografia original e da prática consequente: o psicodrama se inspira no teatro, se funda na psicologia social e na compreensão da dinâmica do pequeno grupo e das inter-relações humanas e se desenvolve por meio das atividades lúdicas, nos jogos psicodramáticos e na ação dramática, se propondo à experiência do encontro télico em busca de novas possibilidades existenciais.

Conforme citado anteriormente, Moreno intitulou como “Socionomia” o conjunto geral de sua obra. O termo sócio vem do latim *socius*, cujo significado é “companheiro” e nomia vem do grego *nomos*, que significa “regra”, “lei”, que regula. O conceito carrega o sentido da própria definição dada por Moreno, como sistema teórico-prático: o estudo das leis do desenvolvimento social e das relações sociais; ou ainda o estudo das leis que regem as relações humanas. O termo traduz a tentativa de Moreno de criação de uma nova teoria sociológica, ou microsociológica.

Naffah Neto (1997) produziu uma revisão crítica da obra moreniana, e na análise do autor:

A socionomia surgiu como algo mais que uma simples teoria sociológica, pois se propunha como uma revisão de antigas correntes e visava a transportar suas complexas elaborações teóricas para o nível da realidade vivida no cotidiano, perseguindo no presente e por meio de investigações diretas, o complexo estrutural dos intercâmbios e das interações humanas, tal como se realizava, se cristalizava ou se transformava na realidade concreta e como esta era vivida e produzida por cada sujeito humano (p. 128-129).

A leitura do autor supracitado permite compreender como ao longo do desenvolvimento de sua obra Moreno se propôs a colocar em suspenso explicações anteriores do fenômeno social que se sustentavam em especulações e elaborações abstratas. O projeto socionômico desenvolvido pelo autor ficou conhecido como uma microsociologia, uma vez que objetivava conhecer o fenômeno social, sua estrutura e sua dinâmica, como se pudesse observá-lo por meio de um microscópio. Moreno

buscou uma compreensão do campo social partindo de seu interior, estudando os átomos sociais e a maneira como estes se interligavam formando redes sociais (RIBEIRO, 2004).

A sociometria investiga a organização grupal, a estrutura das relações no interior dos grupos e busca a mensuração de relação entre as pessoas, utilizando para esse fim o teste sociométrico. Na visão de Bustos (1992) o conceito de sociometria foi passando por diversas progressões e a princípio, quando Moreno o utilizou pela primeira vez nos trabalhos de intervenção na prisão de Sing-Sing, enfatizava excessivamente o *metrum* apesar de Moreno estar interessado, efetivamente, na reformulação dos grupos humanos. Foi ainda durante o estudo realizado na referida instituição que Moreno desenvolveu o teste sociométrico, utilizando questionários cujos resultados se expressam mediante sociogramas – esse termo também foi usado pela primeira vez por Moreno nesse período. Através do sociograma se poderia ter uma visão imediata de como estão os grupos, divididos nos seus sentimentos positivos e negativos, pólos de atração, rejeição, indiferença e neutralidade. Ou seja, pode-se analisar assim as forças atrativas e repulsivas dentro dos grupos sociais (FONSECA, 1980).

Moreno propôs como o objetivo da sociometria o estudo das relações interpessoais para desvelar a estrutura latente dos grupos, ou seja, seu modo de funcionamento e sua organização psicossocial. Ao identificar os padrões de relacionamento que compõem uma configuração grupal, definindo-se sua estrutura, seria possível compreender o *modus operandi* de determinado grupo (RIBEIRO, 2004).

A sociodinâmica pode ser entendida como a parte da socionomia que estuda a maneira como os indivíduos estão organizados em função de seus papéis estabelecidos no grupo; é conhecida também como Teoria dos Papéis, teoria fundamental para compreensão da visão moreniana acerca do desenvolvimento sócio-psíquico do indivíduo, inserido em sua matriz de identidade (RIBEIRO, 2004; MALAQUIAS, 2012).

Segundo Moreno (2008):

A matriz de identidade é a placenta social da criança, o *locus* em que ela mergulha suas raízes. Proporciona ao bebê humano segurança, orientação e guia. O mundo em torno dele é denominado o primeiro universo, porquanto possui muitas características que o distinguem do outro, o segundo universo. A matriz de identidade dissolve-se gradualmente, à medida que a criança vai

ganhando em autonomia – isto é, desenvolve-se um certo grau de auto-arranque numa função após outra, tais como a alimentação, a eliminação, a capacidade de agarrar coisas e a locomoção; começa a declinar a sua dependência dos egos auxiliares. O primeiro universo termina quando a experiência infantil de um mundo em que tudo é real começa se decompondo em fantasia e realidade. Desenvolve-se rapidamente a construção de imagens e começa tomando forma a diferenciação entre coisas reais e coisas imaginadas (p. 114-115).

Destaca-se como a matriz de identidade se constitui então como o molde, a placenta social, em que se darão as primeiras vivências da criança quanto à formação, percepção e aprendizado emocional. O primeiro padrão de interação e de conhecimento do mundo pela criança vai ocorrer no interior da família, que irá orientar o vir a ser dessa criança em conformidade com os papéis sociais cristalizados de pai, mãe e até de filho, a medida que antes do nascimento do bebê já existe uma expectativa quanto ao seu desempenho (RIBEIRO, 2004).

É importante considerar, nesse sentido, que a matriz de identidade e os diferentes modos de interação aí estabelecidos, em função dos papéis sociais, acabam funcionando como um contexto de aprendizagem e continuidade dos padrões sociais pela criança, através das relações complementares entre papéis e contrapapéis. A teoria moreniana estabelece que os papéis são unidades culturais de conduta, relacionando-se a delimitação de atuação dos indivíduos no contexto da sociedade. Papel é antes de tudo uma experiência interpessoal e necessita de dois ou mais indivíduos para ser posto em ação. O papel pressupõe sempre um contrapapel, o que determina uma relação (FONSECA, 1980; RIBEIRO, 2004).

Moreno se refere também no trecho supracitado que é na matriz de identidade que o bebê receberá seus primeiros cuidados. Ao nascer, o bebê desempenha papéis psicossomáticos definidos por Moreno como aqueles que definem as funções biológicas da espécie, como comer, dormir, urinar; e mesmo os mais instintivos como mamar, dependem de certo grau de improvisação. Ao vivenciar esses papéis, aparecem as primeiras formas de relação da criança com seu meio ambiente, possibilitando a emergência de uma consciência corporal, que iniciará a formação da identidade da criança (RIBEIRO, 2004).

Segundo Moreno (2008), o primeiro universo termina quando a criança vai ampliando sua capacidade de autoarranque, ou seja de realizar as ações de forma mais independente. Além disso, a medida que a experiência infantil de um mundo em que tudo é real passa a diferenciar entre a fantasia e a realidade, surgem então os

Papéis Sociais (reais) e os Papéis Psicodramáticos, relativos ao mundo imaginário, da fantasia.

Nos papéis sociais operam predominantemente a função da realidade, estes correspondem a dimensão da interação social. Nos papéis psicodramáticos, opera essencialmente a fantasia e a função psicodramática. Segundo Moreno (2008), a função psicodramática é a contrapartida da função da realidade. Os papéis psicodramáticos correspondem à dimensão mais psicológica da vida psíquica, à dimensão psicológica do eu (GONÇALVES; WOLFF; ALMEIDA, 1988).

A teoria moreniana estabelece que os papéis são unidades culturais de conduta, sendo que o papel se compõe de duas partes: seu denominador coletivo e seu diferencial individual (FONSECA, 1980). A medida que a experiência da realidade permite a adoção, pelo indivíduo, de diferenciados papéis, para além dos papéis psicossomáticos, instala-se variadas possibilidades de interação dos papéis sociais e psicodramáticos.

De acordo com o grau de liberdade e espontaneidade vivenciado no desenvolvimento de um novo papel, Moreno observou que esse processo passava por três fases distintas: a) o *role-taking*, que consiste na tomada do papel ou adoção do papel, em que há a imitação dos papéis a partir dos modelos disponíveis; b) *role-playing*, que é jogar o papel, experimentar novas atuações no papel, incluindo aspectos pessoais no desempenho do mesmo; c) *role-creating*, que consiste na criação no papel, ou seja, a atuação no papel social é reconfigurada de acordo com aspectos pessoais, acontecendo de forma espontânea e criativa. (RIBEIRO, 2004; GONÇALVES, WOLFF, ALMEIDA, 1988).

A Teoria dos Papéis pode ser entendida como central na teoria moreniana, a medida que revela sua teoria de desenvolvimento sócio-psíquico, que ocorre no interior da matriz de identidade. Segundo Ribeiro (2004, p. 26):

Papel, ou *rôle* em Francês (*role* em Inglês, *rol* em castelhano) significa “aquilo que deve recitar um ator numa peça de teatro”, ou seja, uma função legitimada e de atuação restringida por uma ordem. A partir do século XI, esse termo foi empregado também no sentido de “função social, profissão”. Observa-se que esse sentido da palavra papel já indica sua inserção na ordem social e sua função de manutenção da conserva cultural.

Os papéis sociais emergem, então, como reflexo de uma estrutura social rígida que se impõe por meio das instituições sociais vigentes, as quais constituem as matrizes de identidade dos indivíduos.

Será no interior das estruturas sociais rígidas, que pode ser considerada como a própria conserva cultural da vida em sociedade, que vão se desempenhar papéis sociais em conformidade com padrões pré-estabelecidos. Conserva cultural foi o termo utilizado por Moreno para designar os padrões sócio-culturais cristalizados e mantidos a todo custo na vida em sociedade. Desse modo, as instituições sociais vigentes, que tendem a funcionar de modo conservado visando a manutenção do *status quo*, dificultam a experimentação do novo na constituição das matrizes de identidade dos indivíduos, assim como no desempenho dos diversos papéis sociais (RIBEIRO, 2004).

Desde as primeiras experiências com o Teatro da Espontaneidade, Moreno observou um conflito primário no ator entre o seu papel dramático e a sua pessoa privada. Posteriormente, observou esse conflito em suas pesquisas com grupos, quando analisou que havia oposição, no nível sociométrico, entre a organização oficial do grupo e suas organizações espontâneas. Finalmente, no nível individual, ele percebeu um conflito entre interesses coletivos e interesses privados, o que provocava uma cisão interna. Nesse sentido, segundo Moreno, o grau em que a pessoa privada é diminuída ou massacrada depende do quanto seus papéis sociais são compatíveis ou não com seus papéis privados (IDEM, IBIDEM).

Em sua revisão referente aos conceitos morenianos, Naffah Neto (1997) observou criticamente a função do papel em nossa sociedade, em sua dinâmica de construção histórica. Na perspectiva do autor, a noção de papel assim como utilizada na obra moreniana surge a partir da divisão social do trabalho, que provocou uma cisão no indivíduo e em consequência, alienação, passando a ser por um lado mero marionete, e por outro lado, uma pessoa privada, que na realidade não existe, é uma abstração construída como refúgio do conteúdo pessoal que não pode ser expresso pelo papel social (RIBEIRO, 2004). Os papéis sociais surgem, assim:

Como produto da clivagem do sujeito em duas dimensões opostas: a coletiva, cristalizada como papel, e a privada, que se separa como pessoa. Essa é a maneira como sujeito se defende da sua atuação alienada no papel. Existiria uma pessoa, escondida, camuflada, que pertence só a si mesma e que garante a ilusão da existência de um outro “eu”, diferente daquele que está sendo no mundo, nas relações com os outros, nos papéis sociais. Como já foi dito, a clivagem nasce com a divisão social do trabalho, que se instaura como princípio fundamental do capitalismo. A divisão do trabalho em intelectual e material, e seu produto, a propriedade privada, geraram uma contradição entre interesses coletivos e particulares. A consciência alienada passou a estranhar os interesses coletivos e a buscar apenas bens particulares. No âmbito do trabalho, o produto (conserva cultural) passou a

ser mais importante que o processo de produção (ato criador) (RIBEIRO, ANDRADE, 2000, p. 13).

Dentro dessa perspectiva, pode-se afirmar que enquanto o sujeito não toma consciência dessa clivagem (na qual se estrutura a adoção e o desempenho dos papéis) essa vai se naturalizando e provocando um espaço cada vez maior entre o coletivo e o privado, dificultando a integração do sujeito. Os papéis sociais passam a ser desempenhados de modo a “colar” na pele, no corpo; as máscaras passam a se confundir com o corpo transformando-se em atitudes conservadas, desempenhadas de modo a corresponder aos padrões sociais. Nesse sentido, só será possível o surgimento do sujeito espontâneo-criativo, a superação da pessoa privada que aparece após a “clivagem”, quando ocorrer a desalienação, a integração do sujeito, quando o coletivo e o privado coincidem, e papel e pessoa não se diferenciam. O sujeito arrisca-se a questionar seu lado coletivo – os papéis - e o drama vivido pode ser revelado (RIBEIRO, 2004).

Em sua revisão da obra moreniana, Naffah Neto (1997) irá propor uma revisão dos conceitos de papéis sociais e psicodramáticos propostas por Moreno (2008). Argumenta que os papéis sociais são aqueles prescritos pela coletividade, produtos da conserva cultural e designados sempre com um certo grau de rigidez. Os papéis decorrentes da brecha entre a fantasia e a realidade vai chamar de papéis imaginários. Por fim, os papéis psicodramáticos são aqueles desempenhados de modo a incluir a criação pessoal, flexibilidade e liberdade, devendo designar, necessariamente:

A emergência de uma nova síntese entre imaginação e ação, entre espírito e corpo; justamente a retomada do sujeito como existência una e dissolução de sua clivagem anterior em papel social e pessoa privada (em que o papel circunscrevia a ação e, a pessoa privada, a imaginação (idem, ibidem, p. 211-212).

O autor argumenta que não se deve conceber papéis sociais como opostos aos papéis psicodramáticos, a medida que é justamente na explicitação e “desconservação” dos papéis sociais que se cria condições de possibilidade para a emergência dos papéis psicodramáticos, havendo assim convergência entre o ator e o drama, entre a ação e a imaginação.

Após essa explanação sobre alguns conceitos de Moreno, assim como da sociometria e da sociodinamica, resta ainda apresentar aspectos referentes a

Sociatria. Como estava interessado nas situações presentes e concretas, Moreno buscou modos de intervenção que promovessem transformação social, utilizando métodos experimentais. Nesse sentido, a Sociatria procura desenvolver métodos terapêuticos para abordagem das relações sociais, onde encontramos o Sociodrama, o Psicodrama e a Psicoterapia de Grupo. Pode-se afirmar que são três formas de trabalho em grupos que propõe uma abordagem das problemáticas existenciais por meio da ação dramática.

Segundo Moreno (2008) a psiquiatria praticada no início do século XIX mantinha as características da medicina “somática” praticada nesse momento histórico: entendia o organismo individual como o local do padecimento físico. A psicanálise, segundo o autor, é uma das formas máximas de expressão dessa concepção do processo saúde-doença, privilegiando a ideia de um organismo individual específico como local do padecimento psíquico. O autor irá questionar tal premissa da inexistência de padecimento para além do próprio indivíduo, propondo o tratamento das relações vividas no grupo, dos papéis que os indivíduos assumem nessas relações (e como assumem), deslocando assim, as possibilidades de tratamento do sofrimento psíquico para o grupo.

A Sociatria vai tratar da visão moreniana (sócio)psicopatológica, desenvolvendo propostas de intervenção. Na perspectiva de Naffah Neto (1997), ao revisar a obra moreniana:

São é o indivíduo espontâneo- criativo, capaz de relações télicas, continuamente lançado no presente e podendo retomar e transformar suas formas de existir em relação a cada situação vivida; são é o indivíduo capaz de catalisar a imaginação com vistas à transformação da realidade, de retomar os papéis sociais cristalizados e fixos que o circunscrevem e recriá-los, invertê-los, transformá-los na vivência das próprias relações em que se vê lançado; são, em síntese, é o indivíduo capaz de viver numa unidade entre o real e o imaginário, podendo fluir livremente entre estas duas dimensões, sem, contudo, fixar-se em nenhuma delas. E o que define o indivíduo ‘enfermo’? O aprisionamento ao passado, a repetição de relações conservadas, os vínculos transferenciais, o fechamento perante situações reais e presentes, a incapacidade de inverter, recriar e transformar os papéis; em síntese, o desencontro e a clivagem entre o real e o imaginário (p. 215).

A partir dessa perspectiva, pode-se pensar as modalidades de “tratamento” dos grupos humanos desenvolvidas por Moreno como projetos de realização de uma revolução criadora, que possa oferecer instrumentos a fim de superar a clivagem vivenciada pelo indivíduo entre o papel social e a pessoa privada, recuperando a

liberdade vivida no nível dos papéis psicodramáticos, tornando-se um sujeito integrado e presente em si mesmo, reestabelecendo uma relação de compromisso com o mundo, e não de ajustamento, adequação. Os métodos sociátricos, como o psicodrama, o sociodrama e a psicoterapia de grupo, têm o objetivo de recuperação da espontaneidade e da criatividade do ser humano, através da superação de padrões de comportamentos estereotipados, com valores e formas de participação na vida social que acarretam a automatização do ser humano (GONÇALVES; WOLFF; ALMEIDA, 1988).

A sociatria propõe o tratamento dos grupos humanos utilizando-se os métodos de ação, entre eles a psicoterapia de grupo, o psicodrama, o sociodrama, o teatro espontâneo, o role playing, os jogos dramáticos. Como foge aos objetivos do presente trabalho uma exposição aprofundada das características de todos esses métodos, sugere-se a leitura específica de obras sobre métodos sociátricos (MORENO, 2008; FOX, 2002; NERY; CONCEIÇÃO, 2012).

Enquanto no Psicodrama o principal sujeito da intervenção é o indivíduo, abordado a partir de seus papéis e relações, no Sociodrama se objetiva explorar os grupos como unidades a serem investigadas e “tratadas”- assumindo-se tratamento no sentido de transformação social. Segundo Ribeiro (2004), um grupo pode ser pensado como uma microunidade social que representa a sociedade como um todo, ou seja, o grupo pode ser considerado como uma célula, enquanto a sociedade é o organismo. Moreno propõe a revolução criadora, entendida como transformação social por meio de um trabalho que favoreça a espontaneidade das microestruturas que são os grupos, a fim de liberar a criatividade, entendida como autocriação, ou ainda, a restauração do poder re-criador da vida em sociedade.

O Sociodrama como um dos métodos sociátricos foi utilizado no presente estudo para investigação dos conflitos do estudante universitário e visou a facilitação da espontaneidade-criatividade neste papel, durante o processo grupal sociodramático.

Segundo Nery et al. (2006) o Sociodrama surgiu do Teatro Espontâneo, desenvolvido por Moreno no início do século XX, e tem como objetivo pesquisar e tratar os grupos e as relações intergrupais, seus conflitos e sofrimentos, privilegiando a participação ativa dos sujeitos no grupo.

Pode-se afirmar que enquanto no Psicodrama a abordagem grupal estaria direcionada para um grupo de indivíduos privados, o verdadeiro sujeito do Sociodrama

seria o grupo, objetivando-se trabalhar com problemas ou temáticas sociais, centrado nos conceitos da teoria dos papéis e na teoria da espontaneidade-criatividade (RAMALHO, 2008).

Segundo Moreno (2008):

O verdadeiro sujeito de um Sociodrama é o grupo. Não está limitado por um número especial de indivíduos; pode consistir em tantas pessoas quantos os seres humanos que vivam em qualquer lugar ou, pelo menos, quantos pertençam à mesma cultura. O Sociodrama baseia-se no pressuposto tácito de que o grupo formado pelo público já está organizado pelos papéis sociais e culturais de que, em certo grau, todos os portadores da cultura compartilham. Portanto, é incidental a questão de saber quem são os indivíduos, ou por quem o grupo está composto ou quantos o formam. É o grupo, como um todo, que tem de ser colocado no palco para resolver os seus problemas, porque o grupo, no Sociodrama, corresponde ao indivíduo no psicodrama (MORENO, 2008, p. 413).

Depreende-se dessa passagem como a proposta moreniana, via abordagem sociodramática do grupo, se relaciona primeiramente com a possibilidade de investigação grupal de aspectos de determinada cultura, assumindo que no interior das mesmas, os homens são sempre *interpretes de papéis*. A medida que toda e qualquer cultura é caracterizada pelo conjunto de papéis que impõe aos seus membros, o Sociodrama objetiva revelar “uma ordem cultural por métodos dramáticos” (IDEM, IBIDEM, p. 414, grifo do autor), reunindo indivíduos pertencentes a essa cultura e dispostos a representarem esses papéis no espaço grupal.

O Sociodrama se propõe, nessa visão, a promover um espaço para o desempenho espontâneo de papéis, a fim de promover novas aprendizagens para os relacionamentos interpessoais. Por meio da intervenção sociodramática procura-se observar o desempenho dos papéis sociais, investigando os sofrimentos coletivos que perpassam o grupo quando desempenham determinado papel. Busca-se proporcionar ao grupo a vivência terapêutica de seus conflitos no espaço dramático, facilitando a dramatização das situações-problema e promovendo bem-estar em diversos aspectos sociais, como a justiça, a dignidade, o respeito às diferenças, a consciência social e política de modo crítico, a promoção da paz, o desenvolvimento de redes sociais de apoio, a construção conjunta do saber, a democracia (NERY, 2012; MARTIN, 2016).

A proposta do Sociodrama como forma de tratamento da problemática grupal desloca primeiramente o *locus da terapia* do indivíduo para o grupo; em segundo lugar, o *agente de terapia*, até então exclusivamente o médico ou o psicoterapeuta, passa a ser também os integrantes do grupo; e finalmente, o veículo da terapia, que

até então era o médico e o potencial interpretativo do mesmo, se desloca também para os mais variados instrumentos, que se pode utilizar no sociodrama: dança, música, teatro, cinema, entrevistas, contos de fadas, debates, dentre outros (MORENO, 2008).

Moreno acreditava, dessa maneira, que através do Sociodrama, todo o grupo seria colocado no “palco” para tratar de seus problemas e aprender com o enfrentamento das situações cotidianas. O grande desafio seria o desenvolvimento de métodos de ação profundos que alcançassem a problemática grupal, revelando-a e provocando a catarse social (FOX, 2002; BUSTOS, 1992).

Compreende-se assim como o foco do Sociodrama recai nos grupos sociais como por exemplo, aqueles formados por indivíduos pertencentes a uma mesma instituição, ou ainda aqueles que os indivíduos possuem um papel em comum. Por meio desse método, busca-se realizar a leitura das relações intragrupais, assim como desenvolver um modo de intervenção grupal com vistas à transformação dos papéis cristalizados, não espontâneos (RIBEIRO, 2004).

1.5.1 O sociodrama no contexto acadêmico

No contexto universitário, o sociodrama moreniano vem sendo utilizado para promoção de saúde mental e como estratégia de facilitação do processo ensino-aprendizagem, conforme os resultados das pesquisas apresentadas a seguir.

Ramos- Cerqueira et al. (2005) conduziram grupos de Sociodrama com alunos de 6º ano de Medicina, objetivando possibilitar aos alunos a identificação de aspectos positivos e negativos da sua trajetória acadêmica, assim como sentimentos a ela relacionados. O Sociodrama foi escolhido pelos autores por tratar-se de recurso que possibilita o trabalho com grupos, enfocando a revelação dos conflitos internos desse grupo e buscando, a partir da compreensão desses conflitos, possíveis resoluções. É um procedimento adequado para o estudo das inter-relações culturais de pessoas que estão num processo contínuo de interação e permuta de valores. Os pesquisadores conduziram os grupos com os alunos por dois anos consecutivos e todas as sessões grupais foram registradas por escrito.

Para condução do Sociodrama, os autores utilizaram contos de fadas como recursos para que os estudantes identificassem sua trajetória estudantil e o momento que estavam vivendo. De modo geral, os autores avaliaram que a utilização de jogos

e dramatizações nos encontros grupais pôde auxiliar a expressão dos afetos experimentados pelos alunos ao resgatarem situações vivenciadas ao longo do curso médico. Através da leitura e dramatização de contos de fadas, as resistências foram atenuadas e os alunos puderam catalisar afetos e angústias vividos na formação, reaproximando-se da própria experiência emocional, pois muitas vezes, utilizam mecanismos de defesa para suportar o contato com o sofrimento do outro, o paciente. Além disso, apareceram nos encontros grupais a preocupação dos alunos com os exames de residência, fantasias paranoides e depressivas associadas ao medo de fracassar como futuro médico. Outro aspecto percebido pelos autores é que o grupo de alunos pôde fortalecer a identidade e a coesão grupal, fragmentada pelos tempos do internato, permitindo que a turma se reencontrasse e construísse o final da formação conjuntamente. Os autores acreditam que trabalhos de intervenção nas escolas médicas, que mobilizem afetos e vivências são fundamentais para ampliação de espaços de humanização dos futuros profissionais, através de estratégias grupais que possibilitem reflexão e catarse.

Colares e Andrade (2009) realizaram uma pesquisa intervenção junto a estudantes de Medicina com o objetivo de investigar os efeitos de uma atividade prática reflexiva fundamentada no sociodrama educacional. Realizaram nove encontros de grupo reflexivo, com duração de 2 horas, e uma atividade prática-reflexiva ao final. Os participantes foram dez estudantes de Medicina de uma universidade pública, alunos do segundo ao quarto ano, com idades de 18 a 23 anos, sendo 7 participantes do sexo feminino e 3 de sexo masculino. Os resultados encontrados pelos autores nos grupos reflexivos apontam as dificuldades e conflitos vivenciados pelos alunos participantes da pesquisa, ao longo da formação, e que se constituem, segundo os autores, no Sociodrama educacional do estudante de Medicina. As falas representam dificuldades advindas desde a entrada do aluno no curso médico, a vida como calouro, sua relação com o veterano, com a instituição, a família e a sociedade como um todo. Na atividade de avaliação do processo grupal, os alunos relataram que participar do grupo permitiu o estabelecimento de um espaço para trocas, apoio, aprendizado e, acima de tudo, foi uma experiência que favoreceu a organização das ideias e pensamentos advindos da experiência acadêmica. Técnicas próprias do Psicodrama, experimentadas no grupo, tal como “se colocar no lugar do outro” permitiram para os alunos a possibilidade de aprender a lidar com a perspectiva do outro. Nesse sentido, o grupo acabou por favorecer o compartilhar de

sentimentos, bem como elucidar em algumas ocasiões os conflitos que surgem frente à trajetória acadêmica. Sobre esse ponto, os alunos reiteraram a importância de compartilhar, na vivência grupal, angústias e ansiedades até então vividas solitariamente.

Os autores concluem indicando a importância da instituição e aprimoramento de atividades formativas reflexivas no ensino de graduação que permitam a expressão da espontaneidade, promovendo assim mudanças nas representações que os indivíduos possuem sobre os papéis sociais vividos em contextos educacionais.

Avaliando-se as pesquisas apresentadas, nota-se a necessidade de ampliação de pesquisas com metodologias diferentes de investigação, à medida que tais estudos são fundamentais para subsidiar o desenvolvimento de programas de apoio psicológico específicos para a população universitária, assim como a ampliação da discussão a respeito da assistência estudantil.

As exigências e demandas da vida universitária colocam diversos desafios aos alunos e esse processo não é vivido sem impacto na saúde física e psicológica da população universitária. De acordo com Bardagi e Hutz (2005), verifica-se uma necessidade de elaboração de estratégias de auxílio aos universitários que sejam criadas em função das dificuldades específicas dos mesmos, para não repetir fórmulas preestabelecidas para outros públicos. Afinal, as instituições educacionais não deveriam estar atentas somente ao desempenho acadêmico, à frequência escolar ou à formação profissional dos alunos, uma vez que se constitui em um espaço de formação integral do estudante.

A produção do conhecimento científico sobre a experiência do estudante universitário se justifica e é fundamental para a compreensão qualitativa da temática da produção do sofrimento psíquico na universidade, haja vista que esse conhecimento é importante para o planejamento de ações voltadas para a promoção de saúde mental no ambiente acadêmico. É fundamental possibilitar aos alunos espaços de fala, de diálogo, de escuta, incentivando práticas de cuidado para que as pessoas tenham a oportunidade de falar, expressar e refletir sobre o sofrimento vivido, compreendendo aquilo que faz sofrer e construindo novos modos de subjetivação, novos sentidos para a própria experiência como aluno universitário.

2 OBJETIVOS

2.1 OBJETIVO GERAL

Compreender as vivências de estudantes universitários e mapear situações desafiadoras e geradoras de sofrimento psíquico, assim como as vivências ampliadoras de potencialidades.

2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Investigar os desafios acadêmicos, pessoais, sociais e vocacionais vividos pelos estudantes universitários.

Compreender as relações interpessoais vivenciadas pelos participantes da pesquisa no cotidiano acadêmico.

Investigar os benefícios do sociodrama para promoção de saúde mental, entendida como espontaneidade-criatividade nas relações interpessoais acadêmicas.

Resgatar o espontâneo-criativo de grupos e pessoas para favorecer o aproveitamento acadêmico.

3 MÉTODO

3.1 LOCAL

O presente estudo foi desenvolvido em uma escola de Psicodrama localizada em uma cidade do interior do estado de São Paulo. Trata-se de uma clínica de psicoterapia psicodramática e de um centro de formação em Psicodrama reconhecido e licenciado pela Federação Brasileira de Psicodrama (FEBRAP). O local possui um Teatro Terapêutico destinado ao atendimento de grupos de psicoterapia, a formação em Psicodrama, às atividades vivenciais sociodramáticas. A pesquisadora obteve autorização da diretora do espaço para realizar a pesquisa no local, ao longo de todo o ano de 2017. A escolha por realizar a pesquisa na escola de formação em psicodrama se deu por razões práticas, à medida que os encontros do grupo aconteceram todas as sextas-feiras das 15h às 17h e pôde contar com um local fixo, pois na faculdade não havia uma sala que poderia ser destinada fixamente para esse fim, o que comprometeria o andamento do grupo.

3.2 PARTICIPANTES

Participaram do presente estudo 11 estudantes universitários de Psicologia de um centro universitário municipal localizado em um município do interior do estado de São Paulo.

O quadro a seguir apresenta a caracterização dos participantes.

Quadro 1- Caracterização dos participantes. Ribeirão Preto, 2019.

Nome	Sexo	Idade	Série da faculdade	Tipo de residência	Exerce atividade remunerada	Outras experiências no Ensino superior
Bruna	Feminino	20 anos	3º ano	Mora com a família.	Não	Não
Laura	Feminino	19 anos	3º ano	Mora com a família.	Sim	Não
Andressa	Feminino	20 anos	4º ano	Mora sozinha.	Não	Não
Ingrid	Feminino	21 anos	4º ano	Mora sozinha.	Não	Não
Ícaro	Masculino	21 anos	4º ano	Mora com a família.	Não	Não
Tadeu	Masculino	22 anos	4º ano	Mora com a família.	Não	Não
Isis	Feminino	23 anos	5º ano	Mora com a família.	Não	Não
Anahí	Feminino	22 anos	5º ano	Mora com a família.	Não	Não
Jéssica	Feminino	23 anos	5º ano	Mora com a família.	Não	Não
Aurora	Feminino	24 anos	5º ano	Mora com a família.	Não	Sim
Felipe	Masculino	28 anos	5º ano	Mora com a família.	Não.	Sim

Fonte: elaborado pela autora.

Conforme pode-se verificar no quadro, o grupo de pesquisa foi composto por 2 estudantes do terceiro ano; 4 estudantes de quarto ano e 5 estudantes de quinto ano. As idades dos participantes variaram entre 19 e 28 anos. Três participantes eram do sexo masculino e 8 do sexo feminino. Somente duas integrantes do grupo deixaram a família de origem e vieram de outra cidade para estudar, e residiam sozinhas em moradia alugada. Somente uma estudante realizava atividade remunerada, trabalhando em empresa da própria família. Outro ponto de caracterização é de que dos 11 participantes, somente dois já haviam realizado outra experiência no Ensino Superior, e os dois abandonaram o curso após dois anos cursando e resolveram fazer Psicologia.

3.3 TIPO DE PESQUISA

Este trabalho se caracteriza como uma pesquisa-intervenção de natureza qualitativa, embasada no referencial teórico-metodológico do Psicodrama.

A pesquisa qualitativa trabalha com valores, crenças, hábitos, atitudes e opiniões. É um tipo de pesquisa adequada para o aprofundamento da complexidade de fenômenos, fatos e processos particulares e específicos de grupos mais ou menos delimitados em extensão e capazes de serem abrangidos intensamente (MINAYO, SANCHES, 1993).

Para Brito (2006), o modo de se fazer ciência calcado nos pressupostos positivistas fundamentou epistemologicamente as ciências naturais e sociais, contribuindo muito para o progresso tecnológico do Ocidente e permitindo várias transformações na compreensão da natureza e do potencial humano. Entretanto, notadamente a partir da Segunda Guerra Mundial, cresceram em volume e intensidade às críticas ao modo positivista de pesquisa e na atualidade, grande número de pensadores se dedicaram a pensar novos parâmetros científicos para subsidiar a produção de conhecimento nas ciências sociais, humanas e da saúde.

No bojo dessas críticas, argumenta-se que toda ciência é socialmente produzida, posto que se realiza como atividade humana histórica e culturalmente situada, problematizando-se a influência do positivismo nas ciências sociais e a consequente utilização da filosofia e dos conceitos matemáticos para a explicação da realidade (BRITO, 2006; MINAYO, 2008).

Questionam-se assim pressupostos estritamente racionalistas de se pesquisar, com o consequente primado da observação e da experimentação, o raciocínio hipotético-dedutivo e indutivo, e os princípios da replicabilidade, previsão e controle; em contrapartida, busca-se um modelo de ciência que priorize a dimensão qualitativa da experiência (BRITO, 2006).

Em decorrência das inúmeras críticas ao modelo positivista, desenvolveu-se um amplo espectro de métodos de investigação e, nesse sentido, a opção metodológica de uma investigação assume uma importância central na discussão epistemológica contemporânea. A opção por uma metodologia de pesquisa estará ancorada nos preceitos epistemológicos do pesquisador; especificamente no caso da metodologia qualitativa, esses se definem como uma visão compreensiva e interpretativa dos fenômenos investigados (IDEM, IBIDEM).

Na visão da autora supracitada, os termos metodologia e método referem-se aos aspectos concretos de uma investigação, que podem ser empregados em função de posições epistemológicas distintas. O termo epistemologia, nesse sentido, refere-se ao âmbito filosófico da pesquisa, à definição própria da natureza da investigação

ou do processo de compreender um fenômeno ou uma dada realidade, em toda sua complexidade.

A diferença entre a posição epistemológica qualitativa e positivista, nessa linha de argumentação, pode ser encontrada pelo exame dos diferentes pressupostos epistemológicos em que se ancoram: a diferença está na compreensão do que é ciência, ou na natureza do processo de produção de conhecimento, e não somente na opção pelas técnicas de coleta e análise de dados.

A epistemologia refere-se assim ao âmbito filosófico, no interior do qual metodologia e método se articulam. O termo metodologia abarca o aspecto conceitual, às características teóricas dos processos de gerar conhecimento, ao passo que o termo método descreve a dimensão pragmática desses processos. A autora ainda propõe:

Sob um referencial epistemológico qualitativo, a metodologia assume uma relevância central na medida em que o **como** é entendido enquanto uma das maneiras de explicar o **quê**, com tema e metodologia constituindo pólos indissociáveis da realização das premissas do pesquisador. As estratégias de pesquisa, os métodos, perdem seu status de garantia na busca da verdade e passam a ser compreendidos como escolhas dos pesquisadores que denotam o significado impresso ao seu tema de pesquisa (IDEM, IBIDEM, **negrito da autora**).

Nessa passagem em destaque, a autora frisa a premissa de que o conhecimento é social e historicamente produzido, e que os fenômenos e o significado dos mesmos modificam-se a partir de diferentes contextos. Além disso, destaca-se a importância da conexão entre metodologia e método, à medida que a visão de mundo, a teoria de predileção do pesquisador, norteará suas escolhas metodológicas. Quando o “como é entendido enquanto uma das maneiras de explicar o que”, entende-se que o método de investigação produz a teoria, não visando confirmá-la ou refutá-la.

A autora irá nomear o referencial teórico-metodológico do Psicodrama como uma das metodologias possíveis para o pesquisador social se utilizar, no âmbito da epistemologia qualitativa, e que pode ser integrada ao debate científico contemporâneo em sua originalidade e complexidade (BRITO, 2006; WESCHELER, 2007).

Todo o conjunto teórico e prático do Psicodrama constitui-se como uma metodologia qualitativa capaz de oferecer diversos recursos para a pesquisa com pessoas e grupos. A semelhança de outras formas de investigação psicológica criada

ao longo do século XX, o Psicodrama revela-se uma metodologia original de pesquisa qualitativa da subjetividade, que valoriza a dimensão particular e complexa que o fenômeno assume em diferentes momentos (BRITO, 2006).

Contro (2009) aponta que muito mais do que fornecer estímulos originários ao surgimento da pesquisa qualitativa, o método psicodramático tem se desenvolvido de modo simultâneo e entrelaçado a ela. Desde os anos 1930, Moreno já realizava pesquisas institucionais, por meio da Sociometria, questionando diferentes princípios das pesquisas sociais vigentes no período e já preconizando, por exemplo, alguns pressupostos da pesquisa-ação.

Segundo Rocha (2006), a pesquisa-intervenção traz como referencial teórico-metodológico a análise institucional que surge na França na década de 60 e na América Latina nas décadas seguintes, tendo como principais referências Lourau, Lapassade, Guattari, Barenblit, entre outros. Os principais conceitos que embasam essa visão servem como ferramentas de intervenção nas ações coletivas, e procede-se a uma reconceitualização de grupo e da instituição; à análise das demandas, destacando-se os analisadores históricos ou construídos e a análise da transversalidade e das implicações, sendo que o método na análise institucional não se reduz a uma questão de procedimento, mas uma postura frente ao trabalho, ao outro, à vida.

A pesquisa-intervenção traz como proposta a criação de “dispositivos de análise da vida dos grupos na sua diversidade qualitativa” (p. 171). Nesse modo de pesquisar, busca-se apreender o movimento, as rupturas, que as ações individuais e coletivas imprimem no cotidiano, observando-se os processos em desenvolvimento que “produzem permanentemente a realidade na qual cada um de nós e os diferentes grupos são um modo de expressão” (ROCHA, 2006, p. 171).

A noção de qualitativo na pesquisa intervenção não se restringe a uma interpretação, explicação ou qualificação do quantitativo, do “dado colhido”, visto como a extremidade de um processo, como um fato acabado, matéria estável. O que se busca por meio da pesquisa intervenção:

É dar visibilidade às ações, aos rituais, às práticas que instituem um objeto, uma individualidade como algo em si mesmo. Os discursos e as normas produzidos em uma coletividade são práticas constitutivas da realidade e é isso que nos cabe investigar, ou seja, os movimentos permanentes dos processos de subjetivação. *Qualitativo* está ligado aos sentidos produzidos nas relações sócio-historicamente determinadas, afirmando a alteridade e as turbulências que nos movem a analisar, a dialogar, a buscar entender o que vivemos. As palavras mudam de significado em função dos sentidos que vão

sendo agenciados nas práticas de acordo com as relações de força implicadas naquele momento. Os sentidos são a virtualidade das ações, estando aquém e além das palavras que significam o que experienciamos (ROCHA, 2006, p. 171)

Vale destacar ainda que a pesquisa intervenção enquanto uma investigação qualitativa está pautada no paradigma ético-estético-político proposto por Guattari, em que ética é o reconhecimento da alteridade, entendida não como tolerância ou intolerância ao outro, mas ao desafio da convivência para se chegar em acordos temporários e não em consensos redutores. A dimensão estética convida a possibilidade de criação de novos modos de existência, já que não há conhecimentos universais a serem aplicados; a política, à responsabilidade frente aos efeitos produzidos pelas práticas- no caso da prática da pesquisa, o alinhamento aos processos de transformação (ROCHA, 2006; RIBEIRO, 2018).

Para Contro (2009), a pesquisa psicodramática pode ser considerada como do tipo qualitativa e participativa, transitando ainda entre a pesquisa intervenção e a pesquisa-ação crítica. Após realizar um cartograma das principais características da pesquisa ação crítica e da pesquisa intervenção, que têm em comum, essencialmente, a preocupação de que a pesquisa seja motor de transformações sociais, o autor apresenta como o método psicodramático se aproxima dos referenciais de ambos os modos de pesquisar. Pode-se afirmar que o método psicodramático irá se aproximar da pesquisa ação crítica quando esta se oferece ou é solicitada para um assunto a explorar. Apesar de o processo grupal manter-se importante como fluxo de criação, o foco continua sendo o tema estipulado previamente. Por outro lado, se aproxima da pesquisa intervenção quando suas atenções estiverem mais voltadas para a produção de novos modos de subjetivação, ou “para a construção de alternativas inusitadas do vir a ser” (CONTRO, 2009, p. 21).

Ao se fundamentar em um paradigma ético-estético-político, a pesquisa-intervenção conduz à experimentação de outros modos de existir, oportunizando a criação de possibilidades, transformando para conhecer, a medida que o “significado emerge das práticas e é inquieto e perspectivo” (CONTRO, 2009, p. 19). Esse será o posicionamento assumido na presente pesquisa, uma pesquisa-intervenção de natureza qualitativa que assume o Sociodrama como método de intervenção grupal.

Para Nery et al. (2006), no Sociodrama como método de pesquisa qualitativa, a interação grupal constitui-se como foco da investigação, pois nessa perspectiva,

acredita-se que no microcosmos se refazem as relações vividas no macro, quando as pessoas, ao assumirem papéis e reproduzirem as dinâmicas relacionais, os conflitos, a cristalização de papéis, demonstram as principais dificuldades vivenciadas em determinado contexto social. Nesse sentido, a autora define o Sociodrama como um método de pesquisa interventiva, que busca compreender os processos grupais e intervir em uma de suas situações-problema, por meio da ação/comunicação das pessoas. Através desses encontros e da metodologia sociodramática, o pesquisador proporciona ao grupo, seja por demanda ou por consentimento, um momento para abordar os temas ou os conflitos que lhe são peculiares. Nesta experiência, procura viabilizar a expressão das pessoas e suas tentativas de resolução dos conflitos.

Com relação à sua tipologia, o Sociodrama pode ser de dois tipos: os temáticos e os relacionados aos conflitos que surgem no momento do encontro grupal. Os Sociodramas temáticos induzem a um preaquecimento nos participantes, a medida que expõem previamente as demandas da clientela por meio dos temas que refletem seus dramas (NERY, 2012). Já os sociodramas dos conflitos que emergem no momento do encontro grupal permitem que o diretor e o grupo busquem um protagonista ou tema protagônico no decorrer do encontro. Na presente pesquisa, utilizou-se a segunda modalidade, e os conflitos trabalhados emergiram no decorrer dos encontros grupais, após aquecimento dos participantes do grupo.

Quanto à sua utilização, pode-se ainda utilizar o sociodrama em um único ato sociodramático, ou em vários encontros, constituindo-se assim como um processo sociodramático com uma clientela específica em que busca-se aprofundar temas, questões e conflitos vivenciados pela mesma. Na presente pesquisa, utilizou-se essa segunda opção, sendo realizada uma pesquisa- intervenção sociodramática em que se promoveu um processo grupal com 15 encontros.

Na perspectiva apresentada por Malaquias (2012), todos os métodos de ação seguem a composição e as etapas da sessão sociátrica, que instrumentalizam o psicodramatista na leitura dos fenômenos grupais e no manejo técnico. Nessa perspectiva, as sessões de Sociodrama desenrolam-se levando em consideração sempre três contextos:

- 1) Contexto social: refere-se a cultura na qual os sujeitos estão inseridos, é a chamada realidade social, regida pelo tempo cronológico e pelas leis e normas sociais, é o espaço de prescrição de determinadas condutas e

comportamentos aos indivíduos que integram a vida em sociedade. É do contexto social que emergem as situações a serem trabalhadas pelo grupo.

- 2) Contexto grupal: é constituído pelo próprio grupo, os participantes, o diretor e os egos auxiliares. A interação entre os membros do grupo vai ocorrer a partir dos papéis sociais específicos, mas em um contexto de continência próprio à vivência terapêutica; esse contexto difere-se do social pela sua maior liberdade, tolerância e compreensão. É no contexto grupal que se delineia o tema da sessão.
- 3) Contexto dramático: acontece no “palco psicodramático” e é o espaço destinado à ação dramática, é o lugar do “como se”, em que tempo e espaço são fenomenológicos. Nesse contexto os membros do grupo assumem personagens, dão vida a fantasias, imagens, experiências, assumindo papéis psicodramáticos. Surge a possibilidade, no contexto dramático, de realizar uma junção dos dois contextos anteriores “numa só dimensão: no palco se vai da situação vivida no grupo à situação vivida na sociedade; os elos se restabelecem, o real e o imaginário evidenciam suas raízes comuns” (NAFFAH NETO, 1997, p. 194). Busca-se gerar um *plus* de realidade, chamada realidade suplementar, e a medida que se pode habitá-la, emerge a possibilidade de que os membros do grupo tentem conjuntamente experimentar a espontaneidade-criatividade.

Além dos três contextos, a sessão sociodramática utiliza cinco instrumentos, que são os elementos empregados para executar o método e as técnicas psicodramáticas. São eles:

- 1) Diretor: é quem coordena o grupo e possui conhecimentos da teoria socionômica e treinamento nos métodos de ação. O diretor assume as funções de produtor, terapeuta e analista social, conduzindo as etapas da sessão, intuindo e levantando hipóteses, fazendo intervenções técnicas a fim de oportunizar a resolução dos conflitos.
- 2) Ego-auxiliar: é a pessoa a serviço do diretor e do grupo. Pode ser um profissional também treinado em métodos de ação e que forma uma unidade funcional com o diretor, com papéis sociais diferenciados. Assume também 3 funções: de ator, encarnando o papel requerido pelo protagonista, de agente terapêutico e de investigador social. O ego auxiliar pode contribuir para que a vivência seja a mais terapêutica possível, ajudando o grupo a se

expressar. Além disso, pode emergir do grupo um ego auxiliar natural, que venha a desempenhar um papel solicitado pelo protagonista na dramatização.

- 3) Protagonista: será a pessoa em torno da qual se centraliza a dramatização. É autor e ator, a medida que traz a cena para dramatizar e ao mesmo tempo a desempenha. O protagonista representa o grupo ao dar voz aos dramas, às angústia e temores vividos. Pode ser um ou mais membros do grupo, ou ainda um subgrupo, como no Sociodrama.
- 4) Palco: é nesse espaço que a ação dramática acontece, fazendo emergir a realidade suplementar, constituindo-se no espaço do como se, no qual os papéis psicodramáticos são desempenhados. No palco se opera o contexto dramático.
- 5) Plateia: compõe-se de todos os membros do grupo presente e que assumem a função de observador- participante.

Quanto à forma de realização do encontro, o Sociodrama também deve se desenrolar segundo as seguintes etapas: aquecimento, dramatização e o compartilhar (FERREIRA, 2010).

- 1) Aquecimento: objetiva preparar os participantes para o encontro; é o momento de criação de um ambiente de confiança e a partir do qual emerge o tema a ser trabalhado na fase seguinte, a dramatização. É quando ocorre a preparação, o relaxamento, o aquecimento do grupo para a busca de um problema comum e do protagonista adequado. Pode-se pensar que é o momento em que o tema do “encontro” vai se explicitar e o indivíduo ou subgrupo cuja problemática melhor exprimir esse tema, vai ser escolhido como protagonista. O aquecimento é uma fase essencial e fundamental para compreensão do processo terapêutico do psicodrama e divide-se em duas fases: aquecimento inespecífico e específico. O aquecimento inespecífico pode ser pensado como as falas, os movimentos e as expressões iniciais, atividades corporais cujo objetivo é de preparação para o encontro. O aquecimento específico sensibiliza e direciona o grupo para a atividade sociodramática, podendo ir até aquela parte da sessão onde a temática do encontro se explicita e requer o nível dramático (NAFFAH NETO, 1997).
- 2) Dramatização: nesse segundo momento, denominado dramatização, espera-se que os participantes sejam capazes de representar, no universo do

“como se”, sua situação atual e possibilidades de transformação. Para Nery (2005), essa etapa visa “à compreensão fenomenológica do conflito e às tentativas de resolução do mesmo” (p.137). É no momento da dramatização que se desenvolvem as cenas, mobilizando o conflito interno, grupal e o tema do grupo pode ser explorado no espaço do como se- que é o espaço entre o real e o imaginário (MALAQUIAS, 2012). A dramatização busca promover a expressão espontânea dos indivíduos e grupos, para que ocorra a recriação dos papéis rigidamente desempenhados na situação real e revividas no contexto dramático. É quando o grupo ou o indivíduo podem reviver pela segunda vez aquilo que outrora provocou sofrimento, e nessa atuação, revela-se a oportunidade da realização de ações reparatórias, permitindo que o protagonista se refaça, se transforme. No momento da dramatização, atua-se em uma realidade suplementar promove a catarse de integração: conflitos são revisitados e integrados, novos modos de viver e agir podem ser encontrados, pode-se dar voz a sentimentos silenciados, reprimidos; pode-se pedir ajuda, expor expectativas e segredos. É no palco que o indivíduo encontra oportunidade de superar a clivagem entre os papéis sociais e pessoa privada, e a dramatização pode permitir o resgate de uma relação de interioridade com a vida (NAFFAH NETO, 1997).

3) Compartilhar: Ao final da dramatização, segue-se a etapa dos comentários, momento para que os participantes revelem as repercussões do evento sobre eles.

Após a sessão de Psicodrama ou Sociodrama, revela-se também de fundamental importância o momento do **Processamento**, descrita como um momento destinado à reflexão sobre o que foi vivido e ao estabelecimento de correlações entre teoria e prática. Na presente pesquisa, a pesquisadora realizou os processamentos após os encontros, buscando registrar e compreender por meio do texto escrito o processo grupal vivenciado e as atuações dos participantes.

Por fim, em uma sessão de Sociodrama também podem ser utilizadas as técnicas clássicas do psicodrama, conforme as hipóteses realizadas pelo diretor para promover as intervenções necessárias ao resgate da espontaneidade-criatividade e liberação de condutas automáticas e conservadas, conforme a sócio e psicodinâmica da cena e de seus integrantes. Algumas técnicas são consideradas básicas e serviram de base para o desenvolvimento de várias outras. As principais delas são:

- 1) Técnica do duplo: o duplo consiste na expressão, pelo ego auxiliar ou pelo diretor na função de ego auxiliar, de emoção não verbalizada do protagonista ou membro do grupo, e que as vezes não é consciente, a fim de auxiliar na expressão de sentimentos e conteúdos que o indivíduo ainda não pode ou não sabe dizer. Após a aplicação da técnica do duplo busca-se perguntar ao indivíduo aquilo que fez sentido para ele e ajudou na expressão de seus sentimentos.
- 2) Espelho: quando um ego auxiliar faz o papel psicodramático do protagonista, que pode se ver de fora, como em um espelho e assim obter melhor percepção de si mesmo. É uma técnica utilizada para oferecer ao indivíduo um momento de auto-observação, para ampliar a percepção sobre as situações e vivências.
- 3) Solilóquio: consiste na expressão em voz alta pelo protagonista e pelos membros do grupo de pensamentos, sentimentos ou percepções, solicitadas pelo diretor. Por meio do solilóquio busca-se dar mais espaço para a irrupção de conteúdos inconscientes.
- 4) Inversão de papéis: o diretor solicita ao protagonista que troque de lugar com a pessoa ou personagem que estiver dialogando na cena; é o momento que o protagonista pode “jogar” o papel do outro, sendo o outro e interagindo. Na aplicação dessa técnica é importante que o diretor promova um aquecimento do participante pedindo que se imagine no lugar do outro, como esse outro se sente, como pensa e age, e realiza uma rápida entrevista no papel, para que o protagonista possa ir assumindo cada vez mais esse outro.
- 5) Concretização: essa técnica consiste na materialização de objetos inanimados, emoções, conflitos, partes corporais, doenças orgânicas, por meio de imagens, movimentos e falas dramáticas. É quando o diretor pede aos membros do grupo ou ao protagonista que mostre com o corpo, concretamente, o que determinados sentimentos e experiências provocam, dando vida aquilo que estava antes no plano verbal.

As técnicas podem ser utilizadas quando perde-se o fluxo da dramatização, quando o grupo está “desaquecido”, ou para explicitar emoções até então inconscientes do protagonista mas “intuídas” de modo empático pelo diretor e ego-auxiliar. Durante a realização dos encontros do grupo no processo de pesquisa, foram utilizadas várias técnicas de ação para promover a cocriação e a liberação da espontaneidade-criatividade no desempenho do papel de estudante universitário, e

não foram utilizadas somente no momento da dramatização, mas também no contexto grupal, obedecendo-se aos princípios de uso (MALAQUIAS, 2012).

3.4 PROCEDIMENTOS

Para dar início à realização do presente estudo, a pesquisadora procurou o centro universitário municipal por intermédio de uma professora do curso de Psicologia, responsável pela disciplina relacionada ao Psicodrama. Após a avaliação do projeto de pesquisa pela pró-reitoria da faculdade, o mesmo foi encaminhado para ao Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo, para apreciação, atendendo às normas estabelecidas pela Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde, e, após aprovação, sob protocolo CAAE 62229716.2.0000.5393 (ANEXO A), a pesquisadora deu início ao processo de recrutamento dos participantes.

O contato com os alunos foi realizado da seguinte forma: todos os estudantes do terceiro, quarto e quinto ano do curso de Psicologia do centro universitário municipal, matriculados no primeiro semestre de 2017 foram convidados para participação no estudo pela professora da disciplina de Psicodrama. Foi ainda explicado para os alunos, em sala de aula, os objetivos da pesquisa, uma breve explicação sobre o método do Sociodrama e qual seria o dia para realização dos encontros (sexta-feira das 15h às 17h). Os alunos dessas salas interessados em participar da pesquisa assinaram uma lista de interesse, que foi entregue para a pesquisadora pela professora responsável.

O quadro abaixo ilustra o número de alunos matriculados nas turmas convidadas, assim como o número de interessados em participar do estudo:

Quadro 2 - Número de alunos interessados em participar da pesquisa. Ribeirão Preto, 2019.

Série	Número de alunos matriculados no 1º semestre de 2017	Número de inscritos para participação na pesquisa
3º ano de Psicologia	35	12 alunos
4º ano de Psicologia	37	15 alunos
5º ano de Psicologia	30	7 alunos

Fonte: elaborado pela autora.

A pesquisadora então preparou uma lista com nomes dos alunos e série e compôs uma caixa com os nomes já recortados. Em seguida, realizou um sorteio para convocação dos alunos, a fim de compor o grupo. Foram sorteados 12 alunos para realizarem a entrevista inicial com a pesquisadora, a fim de dar início à composição do grupo.

Deu início pela turma do terceiro ano: dos 12 alunos que se inscreveram, os quatro primeiros sorteados explicaram que não poderiam participar do estudo no horário pois haviam escolhido um estágio para fazer, depois que assinaram a lista. A pesquisadora então realizou um novo sorteio e dessa vez, conseguiu agendar duas entrevistas; outras duas pessoas disseram que não poderiam participar, uma por motivo de trabalho e outra em função do horário do grupo. Somente no terceiro sorteio a diretora conseguiu agendar mais duas entrevistas, esgotando as possibilidades dos alunos inscritos no terceiro ano. Entretanto, no dia marcado para as entrevistas, duas alunas não compareceram, e não retornaram os telefonemas da pesquisadora. Desse modo, somente duas alunas do terceiro ano aceitaram compor o grupo da pesquisa.

Com relação à turma do quarto ano de Psicologia, dos quatro primeiros sorteados, somente duas puderam agendar a entrevista e aceitaram a participação na pesquisa. As outras duas alunas justificaram que não poderiam participar no horário do grupo. A pesquisadora realizou então um novo sorteio e os dois primeiros participantes selecionados aceitaram participar, deixando a entrevista agendada.

Com a turma do quinto ano, os quatro primeiros participantes sorteados aceitaram participar e agendaram a entrevista. Além disso, outro aluno inscrito procurou a pesquisadora, após o sorteio, para pedir a participação no grupo, pois mesmo não tendo sido sorteado, possuía grande interesse pessoal em participar do grupo, em função da temática abordada. Como duas participantes do terceiro ano haviam desistido, havia vagas no grupo e o participante do quinto ano foi aceito.

Após o sorteio e o aceite de todos os participantes, foram agendadas entrevistas individuais com os alunos, a fim de estabelecer um primeiro contato com a pesquisadora, para esclarecimento dos objetivos da pesquisa, assinatura do TCLE e resolução de dúvidas dos participantes. As entrevistas ocorreram no próprio local em que foi realizado a pesquisa, o Teatro Terapêutico da escola de Psicodrama localizada no município.

Em seguida à realização de todas as entrevistas individuais, esclarecimento de dúvidas e a assinatura do TCLE, o primeiro encontro do grupo foi agendado para o

dia 31 de março de 2017. Foram realizadas 15 sessões de Sociodrama com os alunos, de março a setembro de 2017, com duração de 2 a 3 horas. Como forma de registro dos dados, para posterior análise, os encontros grupais foram gravados, a partir do consentimento dos participantes, conforme proposto no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e foram elaborados, pela diretora-pesquisadora, processamentos de cada sessão, descrevendo detalhadamente a forma de aquecimento, a dramatização e o compartilhar dos participantes, obedecendo no registro a metodologia de realização (as etapas) do sociodrama. Além disso, os processamentos realizados após as sessões tinham o objetivo de refletir sobre a sociometria grupal e destacar os momentos de liberação de espontaneidade-criatividade no papel de estudante universitário.

Os instrumentos utilizados na condução do Sociodrama são os mesmos criados por Moreno para realização dos diferentes métodos sociátricos, como o Psicodrama, o Axiodrama, o Teatro Espontâneo, conforme explicado anteriormente quando se identificou os contextos, as etapas, os instrumentos e as técnicas básicas da sessão de Sociodrama. São eles: o Diretor, a equipe de egos auxiliares, o protagonista e os participantes do grupo, denominados como plateia; o palco. Além disso, é preciso definir o cenário onde o encontro se processará, que em geral, deve ser uma sala confortável, com possibilidade de acomodação do grupo de participantes.

3.5 ANÁLISE DE DADOS

Para a realização de uma análise de conteúdo *stricto sensu* seria necessário filmar os encontros do grupo, o que ficaria impossibilitado tanto pela quantidade de sessões e de dados, quanto pelo método utilizado que utiliza recursos da ação e não permite somente a análise em um plano verbal. Em função disso, os encontros grupais sociodramáticos foram registrados na íntegra por meio de gravador de voz, diante da autorização dos participantes e foram confeccionados processamentos ao término de todas as sessões, que se configura em uma das etapas do Psicodrama.

As sessões foram inicialmente transcritas na íntegra e resultaram em 1200 páginas a serem analisadas. Esse material foi lido repetidas vezes até que pudessem ser descritos de uma maneira compreensiva para o leitor. Buscou-se assim delinear e

descrever o vivido conforme ocorrido nas diferentes etapas da sessão: aquecimento, dramatizações e compartilhar, buscando-se privilegiar o processo de produção de falas dos participantes, de modo a acompanhar o fluxo de criação produzido pelo grupo, a cada etapa da sessão.

Em seguida a essa descrição foram levantados e definidos os temas tratados em cada sessão, configurando as sínteses temáticas da sessão. Por fim, foram apresentados os processamentos escritos após as sessões e que incluíram uma análise psicodramática de cada uma das sessões, em que se buscava observar a sociometria, o protagonismo e os movimentos espontâneos-criativos.

A análise do material produzido nos encontros seguiu os seguintes passos:

1° Foram delineadas e descritas as etapas da sessão: aquecimento, dramatizações e compartilhar.

2° Foram identificadas as sínteses temáticas conforme discutidas em cada sessão.

3° Em seguida foram apresentados os processamentos das sessões realizados no decorrer da pesquisa, à luz de alguns aspectos da teoria psicodramática.

3.6 ASPECTOS ÉTICOS

O projeto da presente pesquisa foi apreciado e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos da Escola de Enfermagem de Ribeirão da Universidade de São Paulo, sob protocolo CAAE 62229716.2.0000.5393 conforme já citado, em conformidade com a Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde que regimenta as cautelas necessárias nas pesquisas incluindo seres humanos.

Foi oferecido aos participantes do grupo de pesquisa que concordaram em participar, o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (APÊNDICE A), procurando assegurar a privacidade, o sigilo e a autonomia dos membros.

É fundamental salientar que todas as informações recebidas tiveram caráter confidencial e, mesmo que os resultados possam serem apresentados em congressos e artigos científicos, as identidades deles foram alteradas, para a preservação do sigilo ético.

4 RESULTADOS

4.1 DESCRIÇÃO DOS ENCONTROS

4.1.1 Primeiro encontro: descrição

Data: 31/3/2017

Duração do encontro: 2h30

Número de participantes: 11

Objetivo: apresentação da unidade funcional e dos participantes, estabelecimento do contrato de sigilo.

Contextualização do encontro: o encontro ocorreu no local, data e horário previamente definidos com os participantes. A pesquisadora os recebeu alegremente na sala de espera do local, convidando-os para tomarem café enquanto aguardavam. Conforme chegavam, pegavam café, água ou chá e eram encaminhados pela diretora para o teatro psicodramático. Os participantes já se conheciam e alguns conversavam animadamente sobre temas da faculdade, enquanto outros observavam em silêncio. Às 15h30 pontualmente todos os 11 participantes haviam chegado e a diretora então deu início ao encontro, dando boas-vindas aos estudantes universitários.

Aquecimento inespecífico: após a apresentação da diretora e do ego auxiliar, a diretora comentou brevemente sobre a história do projeto de pesquisa. O grupo estava silencioso e o clima expresso era de curiosidade. Foi conduzida uma caminhada de reconhecimento pelo espaço externo do teatro psicodramático, em silêncio e individualmente, a fim de relaxar os participantes e integrá-los ao local. A diretora solicitou que, durante a caminhada, os participantes encontrassem no espaço algo que estivesse relacionado ao seu momento de vida. Os participantes realizaram a atividade de forma silenciosa e todos estavam mais sintonizados consigo mesmos, não havendo interação entre os mesmos. A caminhada durou cinco minutos. Depois que todos retornaram para o teatro psicodramático, se apresentaram dizendo o nome, a série que está cursando na faculdade e compartilhando o que mais chamou atenção ao longo da caminhada. Com exceção de Felipe e Tadeu, os demais comentaram em seu compartilhar sobre os sentimentos vividos para vir para o grupo e para saber quem seriam os demais participantes. Nesse momento foi proposto o contrato de sigilo grupal e ressaltada a importância do sigilo para preservar a privacidade dos

participantes e a integridade do grupo. Em seguida, foi proposta uma brincadeira de apresentação com as letras do nome em duas vertentes: primeiramente cada participante escolheu uma característica pessoal a partir de uma letra de seu nome; em seguida, escolheu uma característica como estudante de Psicologia. Essa atividade gerou um clima de maior descontração e leveza no grupo.

Aquecimento específico: foi proposto um relaxamento corporal de autocuidado como modo de reconhecimento da própria corporeidade, tensões, sensações. Os participantes tiveram um tempo para automassagem, explorando o toque em diferentes partes do corpo. Essa atividade foi conduzida com as luzes apagadas e música suave, tendo duração de 8 minutos e proporcionou um clima de relaxamento e afetividade, possivelmente revelando o cansaço vivenciado pelos alunos, a tensão em estar em grupo e maior contato consigo mesmo. Após o momento de autocuidado, foi solicitado que os participantes subissem ao palco psicodramático e continuassem explorando o tema “Que estudante sou eu”? A sugestão era que os participantes caminhassem pelo palco, como estudantes de Psicologia caracterizados pelas palavras-características que escolheram na brincadeira de nomes e sentindo como essas características revelavam o momento que estão vivenciando como estudantes. Foi pedido também que se recordassem da jornada que realizaram até chegar no presente, desde o primeiro ano da faculdade. Após cinco minutos, a diretora fez o convite para que se agrupassem com os colegas de sala que estavam presentes.

Dramatização: depois que todos os participantes estavam reunidos em subgrupos conforme a série da faculdade, a diretora pediu que individualmente demonstrassem com o corpo, para os colegas, como estavam se sentindo no aqui-agora como estudante de Psicologia. Após todos apresentarem sua imagem individual, foi proposto que conversassem sobre como foi vivenciar esse momento no palco, o que descobriram de si mesmo e construir uma imagem coletiva que traduzisse o sentimento do grupo sobre “ser estudante de Psicologia”.

A proposta realizada era que apresentassem as imagens grupais uns para os outros: enquanto um grupo apresentava, os demais participantes assistiam à apresentação sentados na “plateia”.

O primeiro grupo a apresentar foi a dupla do terceiro ano, e na imagem, as duas participantes estavam em pé, uma ao lado da outra, com os braços estendidos para frente, cabeças viradas para lados opostos. O título dado pela dupla à imagem foi “Procura”, exprimindo a busca que estão experimentando nesse momento do curso e

que descobriram terem em comum, quando conversavam. Segundo Bruna e Laura, estar cursando o terceiro ano de Psicologia se traduziu para elas em um sentimento de “gratidão”, por poderem realizar o curso que escolheram, e também de “desabrochar”, pois estão se descobrindo pessoal e academicamente, começando a fazer as próprias escolhas, inclusive dentro da faculdade de Psicologia.

O grupo do quarto ano apresentou uma imagem em que todos estavam em pé, em círculo, com as mãos apoiadas um no ombro do outro, de cabeça baixa e olhos fechados. O grupo nomeou a imagem como “Pilar” e revelaram terem vivido um momento de encontro *como alunos do quarto ano* no palco, pois não são do mesmo grupo de amigos na sala de aula, mas são colegas e se reconheceram como tal, sentindo a importância que um tem na vida do outro para apoiar e dar sustentação emocional, principalmente nesse início de quarto ano que vem sendo estressante para eles, dada a quantidade de atividades profissionalizantes que assumiram nessa fase do curso e que possibilitou a emergência de um sentimento geral de incapacidade para ser psicólogo.

Os participantes do quinto ano, que estavam em cinco, apresentaram uma imagem em que se sentavam um ao lado do outro e um por um, levantavam-se para colocar algo nas mãos dos outros, lembrando a brincadeira de “passar anel”. A imagem é divertida e o espírito de brincadeira promove descontração no grupo. Nesse sentido, dois participantes relataram que foi o primeiro momento desde o início do quinto ano que sentiram mais leveza no papel de estudante universitário de Psicologia. O grupo intitulou a imagem de “Brincadeira de aliança”, referindo-se ao clima lúdico que conseguiram experimentar na construção da imagem, assim como ao sentimento de despedida que acessaram juntos, dada a formatura próxima. Revelaram como vivência acadêmica nesse início de quinto ano o cansaço pelo aumento no “peso da responsabilidade com os estágios e atendimentos” e a tristeza pela despedida próxima da turma e da faculdade.

Os participantes do quarto e do quinto ano relataram que a tomada de consciência acerca das mudanças vivenciadas ao longo dos anos de graduação foi bastante emocionante, pois tiveram a oportunidade de perceber o processo de transformação vivido.

Compartilhar: no compartilhar, o grupo demonstrou integração a tudo que foi proposto ao longo da sessão e eles compartilharam livremente suas vivências,

complementando as falas uns dos outros e reconhecendo semelhanças e diferenças na vivência realizada no palco.

O participante Tadeu deu início ao compartilhar, relatando o quanto todo o encontro foi forte para ele, à medida que se permitiu viver intensamente tudo o que foi proposto. O participante referiu-se especialmente a dois momentos vivenciados na sessão, que foram importantes para ele: a atividade de autocuidado, pois a partir dela se deu conta da falta de “carinho” com que tem se relacionado consigo mesmo:

“Esse momento que a gente teve pra se tocar e se conhecer foi muito forte pra mim a questão desse carinho né, que a gente fez na gente mesmo, porque as vezes a gente para de ter isso por vários motivos, ou por falta de tempo, ou porque a gente começa a ter muito mais autocritica do que carinho e autoamor eee foi muito emocionante esse momento pra mim sabe? De sentir esse carinho, porque eu senti que fazia tempo que eu não tinha esse carinho e aí foi muito forte pra mim” (Tadeu, 4º ano).

Além da atividade de autocuidado, o participante Tadeu também destacou a importância do encontro com os colegas de sala no subgrupo, em cima do palco, pois apesar de não ser tão próximo deles na sala de aula, sentiu-se à vontade em compartilhar o espaço grupal com eles, pois percebeu como podem ser apoio um para o outro nesse momento do curso. Tadeu finalizou sua fala demonstrando satisfação com o encontro e animação para os próximos:

“E foi muito bom encontrar com a minha sala com eles, representando, a gente até conversou e é muito real que...ainda bem que são essas pessoas sabe? Fico muito feliz por serem eles que estão aqui apesar de algumas vezes a gente nem conversar tanto mas eu acho que a gente está se aproximando cada vez mais são pessoas de quem eu me sinto muito à vontade e que a gente está junto e que eu gosto muito sabe? E acho que foi muito bom isso, essa imagem representou muito a gente, esse apoio, que a gente se dá mesmo sem ter que falar, saber que tem o apoio ali, sem ter que abrir...eu fico tranquilo, fico animado, agitado, porque eu queria mais internamente” (Tadeu, 4º ano).

Quando Tadeu terminou de falar, Anahí imediatamente pediu a palavra, dizendo-se mobilizada pela fala do colega, pois sentiu a mesma emoção ao realizar a atividade de autocuidado:

“Eu compartilhei o mesmo que o Tadeu, me identifiquei muito com o que ele falou, nessa questão de se tocar que foi a primeira vez assim na vida que eu me toquei e me senti porque geralmente quando a gente fazia isso, eu fazia isso, era muito superficial tipo eu me tocava assim cabeça e tal, nesse intuito de querer sentir mas eu não sentia era muito, tipo sempre eu passava a mão mas era muito superficial, hoje eu não sei porque eu consegui éé dar esse carinho a mim mesma foi muito bom assim a sensação, esse tocar, eu nunca fiz isso comigo mesma, então foi muito bom eu me senti muito bem, é eu estava mais cansada quando eu cheguei, é engraçado né, eu cheguei cansada, fiz as atividades e fiquei melhor, era para eu estar mais cansada por ter feito” (Anahí, 5º ano).

A participante comentou ainda que foi importante olhar para sua história como estudante, pois percebeu o quanto se transformou ao longo do curso:

“Ééé essa questão de ir relembando desde o primeiro ano de faculdade, é eu entrei por um motivo nada a ver tipo se eu for pensar hoje em dia, eu pensava algo tipo nada a ver com meu pensamento de hoje, então eu fico feliz pela evolução que eu tive assim e foi muito bom relembando ano a ano que você vê cada crescimento de cada ano e eu conseguia distinguir certinho a minha mudança de cada ano assim o que eu consegui mudar do primeiro do segundo, do segundo pro terceiro, e foi tipo gradativo... é eu lembro que eu entrei tipo pensando nessa questão de comportamental tipo era muito como que o ser humano age, os mistérios da mente humana, vamos assim dizer e hoje em dia eu vejo mais a maturidade né, eu vi algo muito científico digamos assim, hoje eu vejo a naturalidade né nesse sentir, experimentar, é essa liberdade mesmo eu acho que é mais assim mesmo, descobrimento, eu entrei com uma cabeça super fechada e hoje em dia é completamente, por isso que eu falo nada a ver o começo com hoje” (Anahí, 5º ano).

Após falar de forma emocionada sobre suas mudanças ao longo do curso, Anahí também destacou o quanto se sentiu emocionada quando se encontrou com os colegas em cima do palco, à medida que se deu conta de que no final do ano será a formatura deles:

“E foi legal aqui no palco encontrar com o pessoal rola até uma emoção, porque tipo último ano e aí eu fui lembrando também quando eu conheci cada um tipo foi bem legal, tipo lembrar, as vezes do primeiro encontro assim com cada um, no primeiro ano, tipo totalmente diferente também de hoje em dia, então foi muito bom essa experiência, é juntar com todos assim, na hora que a gente juntou me deu uma emoção, a gente foi juntando aí eu já imaginei nossa último ano...cada um vai seguir seu caminho...ah é isso assim, me senti muito bem” (Anahí, 5º ano).

Logo após essa fala de Anahí, um breve silêncio no grupo, e a participante Jéssica pediu para compartilhar, comentando que foi muito bom para ela a realização de todas as atividades e que durante o trabalho no palco, o que chamou sua atenção foi a diferença entre as imagens corporais individuais, que apresentavam diferentes experiências de sofrimento, como cansaço, tristeza, peso, sobre como estavam sentindo-se como estudantes de 5º ano de Psicologia, e que se transformou totalmente quando foram construir a imagem grupal, pois nesse momento se deram apoio e permaneceram unidos, o que foi bom para ela. Jéssica também comentou que se sentiu tocada em perceber o quanto se transformou ao longo do curso:

“O tempo passou e já deu 5 anos e olha o tanto que a gente mudou, nossa, eu era muito diferente no primeiro ano, no físico e também no meu jeito de me colocar na sala é muito diferente, tipo não sei nem se tem alguma coisa ainda aqui do que eu era no primeiro ano e o tanto que a gente vai perdendo algumas coisas no caminho eu senti que os anos foram passando e a gente foi ganhando algumas coisas mudando algumas atitudes perdendo outras aumentando outras né...e foi uma mudança muito grande, muito bom, tá acabando né” (Jéssica, 5º ano).

Ao finalizar o próprio compartilhar, Jéssica questionou o grupo, em tom de brincadeira, se não ficaram curiosos em saber o que havia atrás da “cortina” do palco e todos se descontraíram, revelando que também sentiram curiosidade. O clima no grupo se descontraíu. Ingrid pediu a palavra, ressaltando o quanto foi forte a vivência

no palco para ela, primeiro ao se dar conta da transformação que ela e os colegas viveram ao longo dos três anos de faculdade, mas principalmente porque sentiu a diferença nos relacionamentos entre os colegas de sua sala; que era uma turma muito desunida e agora estão se aproximando mais, estreitando mais os vínculos, e ela pôde sentir no palco que estavam realmente juntos, dispostos a se aproximar e apoiar uns aos outros:

“É uma coisa muito feliz por a gente tá junto, por a gente saber que pode apoiar um no outro, foi uma coisa muito assim, antes eu tava nossa né a imagem que eu fiz pra mim mesma, tipo nossa quanto coisa que eu tenho que lidar que tanto de problema de preocupação coisa pra fazer mas ao mesmo tempo a gente está aqui, juntos, a gente tem o apoio um do outro, por isso que é pilar, a gente pode contar um com o outro, a isso é muito gratificante muito feliz você poder contar com alguém entendeu? Isso é muito importante, é um pilar mesmo, ainda mais, até eu falei pra Andressa, a gente mora, nossa família é de outra cidade ter isso é muito importante, e foi nesse sentido mesmo, nossa é um vínculo muito forte, sei lá fiquei muito emocionada com tudo que aconteceu, ver eles falando também que vai acabar nossa...não quero chegar nesse momento que vai acabar entendeu? É muita descoberta ainda pela frente, muita coisa ainda” (Ingrid, 4º ano).

Quando Ingrid acabou de falar, referindo-se a como ainda tem coisas para descobrir antes do final da faculdade, Aurora se colocou imediatamente, dizendo que também tomou consciência do quanto estão se aproximando do fim da faculdade, mas pela primeira vez, vivenciou esse “fim” de uma forma renovada, e todo o encontro a fez sentir-se mais leve:

“E falando em fim, eu também sinto esse fim, fim de tanta coisa não só da faculdade, coisas que eu quero que tenham um fim, coisas que eu não quero que tenha um fim mas com relação a faculdade me veio, hoje especialmente me veio essa questão do fim de uma forma transformada que foi um, que é a parada, é a primeira parada de uma grande viagem acho que na vida né, é a primeira parada de uma grande viagem então esse fim é uma parada né, uma estação que a gente vai entrar, porque a gente vai entrar ainda em outras estações e vai ficar saudade daquela estação de tudo que você viveu naquelas estações, os lugares, as pessoas que você conheceu, me deu essa sensação, e ao mesmo tempo que dá uma sensação de saudade e aquele aperto que você vai ter que se despedir também dá uma empolgação do novo que vem, e daquilo que de lá vai continuar também algo sempre continua né? Sejam relações, sejam as sensações...e engraçado que eu cheguei aqui de um jeito e to totalmente diferente, assim to super descontraída, me deu uma leveza muito grande e...eu fico grata por isso também...ééé...eu estava sorrindo de nervoso e agora to sorrindo mesmo” (Aurora, 5º ano).

Aurora também retomou a fala de Tadeu e Anahí, destacando o quanto a atividade de autocuidado permitiu que ela percebesse o desafio com que vem tratando a si mesmo, no papel de estudante:

“E foi bem forte ver também é a questão do tocar a si mesmo como o Tadeu e a Anahí falou porque ééé, o jeito que eu tenho lidado comigo mesma, como estudante também, tem sido algo bem destrutivo assim né... eee eu acho que até para o estudante a gente tem que ter paciência com a gente mesmo não se autocobrar tanto, entender seu tempo e eu não tenho feito isso, então ser estudante pra mim tem sido difícil e poder me tocar e me sentir com afeto, porque eu senti afeto por mim mesma aqui foi muito importante pra mim é...e associar éé no jeito que eu to lidando comigo mesma como estudante então eu fiz essa associação” (Aurora, 5º ano).

Aurora finalizou sua fala observando que sentiu gratidão, ao encontrar-se com os colegas de sua sala no palco, pois observou o quanto tem uma relação diferente com cada um, mais próxima ou distanciada. Entretanto, Aurora compartilhou com os colegas que era um “grande prazer” (sic) conhecer cada um deles e ser da mesma sala. Nesse momento Jéssica pediu a palavra e fez uma observação, dizendo que ao ouvir Aurora se deu conta de que não irá fazer estágio com nenhum dos quatro colegas que estão no grupo de estudantes e sentiu-se triste com isso; Aurora brincou com Jéssica que irão se encontrar no grupo, e os participantes se descontraíram bastante, brincando com a resposta da colega. O burburinho do grupo se encerrou, quando Isis começou a compartilhar sobre o que vivenciou ao longo do encontro. A participante destacou também a importância do encontro com os colegas de sua sala, no palco, no subgrupo, pois se sentiu muito amparada por eles no momento de construção da imagem corporal coletiva, à medida que sua própria imagem corporal individual expressava muito cansaço e tristeza no papel de estudante de quinto ano de Psicologia. Isis acrescentou um novo olhar para o trabalho desenvolvido no subgrupo, retomando a importância do brincar como atividade terapêutica: sentiu que nessa atividade, vivenciou com leveza pela primeira vez o quinto ano, desde que as aulas começaram, em fevereiro:

“Eu me senti assim pelo pessoal amparada e quando a gente sentou né eu até brinquei que ai surgiu a brincadeira e pela primeira vez nesse ano eu vi o quinto ano de uma forma leve pela primeira vez...sabe porque? A gente passa assim um transtorno no quarto ano ai a gente pensa que o quinto vai ser melhor ai vem o TCC... então pra mim foi muito bom esse momento assim de poder brincar, de poder no papel de aluna poder ter um momento mais leve né porque o quinto ano... (Isis, 5º ano).

Isis compartilhou com o grupo como está sentindo pesado o começo do quinto ano, em função da quantidade de estágios, de atendimentos que está realizando:

“Eu até comentei com eles assim o peso do quinto ano porque é uma responsabilidade assim né, quem começou a atender quem começou a fazer alguma coisa assim de atuação a gente sente assim, vem a demanda ai você atende o paciente você sai assim da sessão e você tem um tanto de coisa para processar e ai no outro dia você está em outro estagio ai você está numa instituição ai tem o peso da instituição, ai no outro dia você atende outro paciente ai tem esse outro peso... (Isis, 5º ano).

Isis continuou sua fala, reafirmando o quanto a atividade em subgrupo no palco foi importante para ela sair, mesmo que brevemente, do sentimento de peso da responsabilidade em função das demandas do quinto ano. A participante comentou ainda que gostou bastante dos colegas de sua sala que estão no grupo, pois é bem próxima de todos, inclusive Aurora é sua amiga íntima. A participante frisou que só

não possui um convívio mais próximo com Jéssica, mas que sentia-se bem com ela e isso era importante, pois veio para o encontro preocupada com quem seriam as pessoas que estariam no grupo. Em síntese, Isis comentou para finalizar que gostou muito de todos os participantes que foram sorteados para montar o grupo de universitários.

O participante Felipe se colocou logo depois de Isis, e de forma breve compartilhou que gostou de todas as atividades realizadas e que a interação com os colegas de faculdade faz muito bem para ele, pois nessa convivência sente-se querido. Felipe finalizou dizendo estar animado para os próximos encontros. Em seguida, Ícaro pediu a palavra e em seu compartilhar, feito de forma breve e sintética, destacou ter vivido um momento de intensa emoção em cima do palco, quando estavam no subgrupo, e os colegas disseram o quanto notaram uma transformação nele ao longo dos quatro anos. Ícaro relatou que reconhecer as mudanças pessoais vividas, ao longo dos quatro anos, o deixaram emocionado, mas que logo “cortou” esse choro:

“O que me marcou mais foi nós quatro sentados conversando que há muito tempo eu bloqueio uma parte emocional minha assim não sei nem a quanto tempo eu não choro mais pra você ter uma idéia...acho que ninguém aqui nunca me viu chorar, talvez o Tadeu...mas o resto né...e me veio vontade de chorar uma hora só que eu logo cortei e foi muito forte essa hora que o pessoal falou pra mim também que eles viram essa mudança, do ponto onde eu parei de ser mais emocional, comecei a usar mais a razão...eu comecei a trabalhar mais a cabeça e a deixar de lado minhas emoções de propósito e acho que foi bom mas aqui eu posso começar a tentar me ver mais, na sala eu acho difícil mas aqui por confiar em todo mundo que está aqui e pra mim foi muito positivo nesse aspecto” (Ícaro, 4º ano).

Após sua fala, o participante Ícaro explicou para o grupo que precisava sair, pois teria um compromisso às 18h. Despediu-se de todos e foi embora. Bruna então pediu a palavra e sua fala foi rápida, tensa. Compartilhou com o grupo que o ambiente estava “favorável” (sic) por isso criou coragem em compartilhar, pois quando está em grupo geralmente deixa para falar no final. Bruna revelou que durante o trabalho no palco acessou em si mesma um sentimento de gratidão por estar na metade do curso de Psicologia, pois sonhava em fazer essa faculdade e em muitos momentos de sua vida teve dúvidas se iria conseguir realizar esse sonho. Contou que durante a conversa com sua colega de sala, Laura, realizada no palco, sentiu-se muito bem pelo fato de a colega sentir-se como ela, feliz e agradecida por estar realizando o curso que sonhou. O sentimento de gratidão emergiu na conversa, ao perceberem que fizeram a escolha de curso certa para elas. Além disso, Bruna destacou ter percebido o quanto cada subgrupo apresentou vivências diferentes:

“E depois a Laura foi falando da imagem dela e a gente acabou compartilhando a mesma coisa e depois eu percebi como cada sala compartilha o mesmo sentimento é totalmente diferente eu e ela aqui procurando algo, o pessoal tá ali mais firmado em alguma coisa e eles estão mais, não sei, meio que no desespero e feliz e triste e olhando isso assim eu poderia ficar desesperada pra ver o que eles estão passando mas acho que não tem necessidade de fazer isso agora, dá medo, mas acho que tudo tem seu tempo vamo com calma vamo viver o terceiro primeiro e acho que é isso mesmo...como cada sala vive uma coisa...e eu descobri pelo menos isso, o que ela está vivendo, o que ela está vivendo é praticamente a mesma coisa que eu isso é muito bom ter ela aqui porque a gente pode trabalhar isso juntas” (Bruna, 3º ano).

Logo que a participante terminou sua fala, a colega Laura, também do terceiro ano, começou a compartilhar que está em uma fase de sua vida de autodescoberta, de procura de si mesma, e que conversar com Bruna foi gostoso exatamente por identificar que a colega está passando pela mesma busca de si mesma. Com relação ao vivenciado no grupo, Laura comentou que a apresentação das imagens dos subgrupos a deixou emocionada e que todo o encontro foi bom, pois chegou para o grupo cansada e estava sentindo-se mais “leve”.

A última participante a compartilhar foi Andressa, que começou destacando em tom de brincadeira que se sentiu ansiosa por ser a última a falar. O grupo se descontraíu, rindo e Andressa continuou dizendo que gostou do encontro, que veio animada para dar início ao grupo. Revelou que percebeu maior dificuldade pessoal com as atividades realizadas no palco, pois sentia vergonha, e que quando foi proposto que se reunissem em subgrupo ela sentiu vontade de chorar. O participante Felipe a interrompeu nesse momento, dizendo que todos sentiram vontade de chorar:

“Andressa: até o momento que a gente estava aqui embaixo estava muito bom só que pra mim subi no palco a energia muda muito as luzes também, olhar no olho me incomoda, mas eu olho, mas me incomoda, eu tenho medo de ser invasiva eu acho mesmo sabendo que eu não vou ser... e hora que foi pra juntar com a nossa sala nossa parece que meu coração até sorriu né e o que ficou pra mim assim foi mesmo, me deu um sentimento de saudade, porque eu sei que eu vou sentir saudades disso, tipo ‘aproveita agora’, porque eu sei que eu vou sentir saudades disso depois, da sala de estar com todo mundo e nossa foi muito forte assim, me deu até vontade de chorar na hora acho que o grupo sentiu isso..(Andressa, 3º ano).

Felipe: acho que todo mundo sentiu vontade de chorar (Felipe, 5º ano).

Ingrid: desde o inicio (Ingrid, 4º ano).

Andressa contou para o grupo que também estava sentindo o “peso do quarto ano” (sic), pois em sua opinião até o terceiro ano o curso de Psicologia foi tranquilo para ela, mas que desde que o quarto ano começou estava sentindo-se ansiosa com o excesso de atividades e em muitos momentos sentiu-se em dúvida se iria conseguir realizar todas as atividades necessárias. Por isso foi importante para ela a imagem

que o grupo construiu, de suporte, de apoio, pois deu-se conta do quanto isso é importante nesse momento do curso:

“Então a gente sai do sexto semestre, até o sexto semestre é muito tranquilo a gente mal tem aula, aí você entra no sétimo muda muito...então...muda da água pro vinho, de repente você começa a ter aula todos os dias todos os horários você nem tem tempo de almoçar já tem que estar num lugar com outras pessoas e a noite também...então é duro...e por isso suporte, a gente precisa se dar suporte...” (Andressa, 4º ano).

A participante compartilhou que depois que o grupo de sua sala apresentou a imagem, alguém da plateia disse a palavra “fechado”, e que isso a incomodou, pois eles estavam vivenciando mais a busca de suporte e que nesse momento não sentia sua turma “fechada”. Após sua fala, Ingrid, que é da sala dela, reafirmou que somente agora a sala está se abrindo mais, pois até agora era uma sala “fechada”, com muitas “panelinhas”. Andressa concordou com ela e voltou a falar sobre como estava sentindo o peso do quarto ano, em função do excesso de atividades. Quando finalizou, Tadeu, que é da sala dela, virou-se para a diretora e disse:

“É o que eu te falei na entrevista de sentimento de não vou dar conta sabe? O que que está acontecendo tá todo mundo muito angustiado por isso que não vai dar tempo o que que tem que fazer o pessoal se perde você está fazendo uma coisa e aí esquece de fazer outra e a gente chega na aula e ninguém leu o texto porque tem dez mil pra ler e ninguém leu o texto e fica todo mundo da sala com aquele sentimento de nossa sou um bosta” (Tadeu, 4º ano).

A fala de Tadeu mobilizou Felipe e Aurora, que voltaram a falar como muitas vezes sentiram-se incapazes de dar conta da demanda do curso e, portanto, incompetentes no papel de alunos. Felipe destacou que era difícil ter tantas atividades para realizar e que não sente que realizou todas de forma satisfatória, presente no que estava fazendo. Andressa então comentou que por todas as questões apresentadas percebia a importância do grupo de estudantes, pois poderia ser um suporte para desempenharem o papel de alunos.

Nesse momento o grupo já havia ultrapassado o horário e se aproximava das 18h. A diretora então fez o convite para encerrarem o encontro, pedindo que cada um dos participantes falasse uma palavra sobre como estavam sentindo-se no final da sessão:

Isis: leveza

Felipe: areado

Bruna: gratidão

Andressa: gratidão

Ingrid: gratidão

Tadeu: libertação

Laura: alegria

Anahí: sinceridade

Jéssica: transparência

Aurora: diversidade

Angélica (diretora): amor

Elaine (ego-auxiliar): presença

4.1.2 Síntese temática do primeiro encontro

Tema 1- O (des) afeto por si mesmo

A atividade de autocuidado revelou, na perspectiva de Tadeu, Felipe e Aurora, o desafeto com que veem se tratando como pessoa e como estudantes de Psicologia. Tadeu e Aurora perceberam, ao se tocarem com carinho, como estão relacionando-se consigo mesmos de forma destrutiva, com autocrítica e cobrança. Tadeu percebeu um distanciamento de si mesmo e alívio pelo carinho que se proporcionou. Aurora reafirmou a importância de não se autocobrar tanto como estudante e aprender a ter paciência consigo mesma. Anahí revelou ter chegado muito cansada para o encontro e com a atividade de Autocuidado, sentiu-se leve e descansada.

Tema 2- Importância do Encontro com os colegas de sala no palco e da vivência em subgrupo: reconhecimento de si e possibilidade de apoio e transformação das vivências acadêmicas

Tadeu, Ingrid, Ícaro e Andressa, estudantes do quarto ano, relataram a emoção sentida ao se encontrarem como colegas de sala em cima do palco, pois desse encontro diferentes vivências foram acessadas. Tadeu disse que não eram próximos na faculdade e que a possibilidade de se aproximarem no grupo e darem apoio uns para os outros foi emocionante para ele. Ingrid se colocou na mesma direção, dizendo-se emocionada pela possibilidade de desenvolverem uma relação de suporte e apoio no grupo, pois em sua percepção, a sala deles era desunida e com muitas panelinhas. Ícaro revelou ter se sentido invadido por uma intensa emoção no palco, quando os colegas disseram que ele havia mudado bastante durante os três primeiros anos do curso. Ícaro disse que se reconheceu nessa fala dos colegas, pois percebeu ter

bloqueado sua dimensão emocional e se fechado para falar de si mesmo, e que reconhecer esse movimento teria sido importante e o deixado emocionado. Andressa reconheceu sua dificuldade em realizar as atividades no palco e que sentiu alívio por se reunirem em subgrupos com os colegas de sala, pois nesse momento se sentiu mais à vontade. Reconheceu que o início do quarto ano estava sendo desafiador para ela, pelo aumento na quantidade de atividades a serem realizadas e que se deu conta da possibilidade de o grupo funcionar como apoio emocional para eles, em função do que precisam enfrentar na faculdade. Bruna e Laura, estudantes do terceiro ano, afirmaram que reconhecer a semelhança de suas vivências nesse momento do curso, de gratidão por estarem realizando o curso que sonharam e um sentimento de busca para descobrirem mais sobre si mesmas, provocou identificação entre elas, proporcionando valorização do encontro e fortalecimento do vínculo. Andressa afirmou que o encontro com os colegas no subgrupo provocou emoção e vontade de chorar, o que foi confirmado por Felipe e Ingrid, que disseram ter sentido vontade de chorar desde o início do trabalho no palco.

2.1 Visões sobre o final da faculdade

Anahí compartilhou com o grupo como ficou emocionada ao encontrar-se com os colegas em cima do palco, quando se juntaram no subgrupo, pois teve consciência de que seria o último ano juntos como estudantes de Psicologia, haja vista a formatura próxima no final do ano. Aurora compartilhou com os colegas como a vivência realizada no palco, revisitando o percurso de realização da faculdade e o encontro com eles nos subgrupos, possibilitou que ela visse o final da faculdade de forma diferente e nova, saindo da tristeza provocada pelo final do curso e percebendo como estavam finalizando um ciclo e dando início a outro.

2.3 Importância do brincar em grupo como atividade terapêutica

Isis revelou para o grupo a importância do trabalho com seus colegas de sala, em subgrupo, pois após conversarem sobre as tensões vivenciadas por eles como estudantes de quinto ano, nasceu espontaneamente uma brincadeira no subgrupo do quinto ano, em que todos participaram, o que permitiu a liberação das tensões que estão vivenciando nesse começo de quinto ano e que ela vivenciasse de forma mais leve pela primeira vez o último ano do curso. Jéssica revelou como percebeu a diferença entre as imagens corporais individuais e a imagem produzida pelo subgrupo, que era muito diferente das representações iniciais.

Tema 3- Reconhecimento das mudanças pessoais vivenciadas ao longo do percurso da faculdade

Anahí, Jéssica, Ingrid e Ícaro compartilharam a emoção sentida quando resgataram a trajetória vivenciada ao longo do curso e como passaram por processos de transformações pessoais, a ponto de não sentirem mais semelhanças com quem eram no início do curso, e modificaram a si mesmos e o modo de ver o curso de Psicologia.

Tema 4- Diferentes vivências acadêmicas do estudante de terceiro, quarto e quinto anos de Psicologia

Bruna compartilhou com o grupo que percebeu diferença nas vivências apresentadas pelos subgrupos. Em sua percepção, os grupos destacaram desafios e responsabilidades próprias à cada período do curso. Andressa corroborou a fala de Bruna ao afirmar sua percepção de que essa responsabilidade aumenta de forma intensa do terceiro para o quarto ano.

4.1 Sentimento de gratidão e realização por estar no curso de Psicologia

Bruna e Laura comentaram o sentimento de gratidão que vivenciaram no palco por estarem no terceiro ano de Psicologia, por confirmarem a certeza pela escolha do curso e perceberem a luta vivenciada para chegar até a faculdade.

4.2 Sentimento de incapacidade frente às demandas do quarto e quinto anos

Em função da mudança que perceberam como drástica entre o terceiro e o quarto anos do curso, Andressa e Tadeu relatam um sentimento de impotência, de dúvidas a respeito da própria capacidade de realizarem todas as atividades do quarto ano e medo do fracasso. Tadeu revelou que estava percebendo em sua sala de aula um sentimento de incapacidade e medo de não conseguirem assumir o papel profissional no futuro. Isis revelou como estava sentindo o peso da responsabilidade pelos estágios do quinto ano e como tem experimentado esse peso sentindo cansaço e tristeza.

4.1.3 Primeiro encontro: processamento

“Eu percebi como cada sala compartilha o mesmo sentimento” (Bruna, 3º ano).

No início do encontro, o clima grupal de tensão, expectativa e curiosidade era dominante. É como se as perguntas ecoassem no ar: afinal, quem serão os

integrantes desse grupo? Como será o funcionamento? Será que eu vou gostar? Será que vou encontrar o que estou buscando?

Os participantes sentaram-se próximos aos colegas de sala, de modo que 3º, 4º e 5º ano permaneciam juntos, em um bloco “inseparável”. O fato de compartilhar esse espaço novo com colegas de sala já conhecidos exprimia um ar de “segurança”.

Após a caminhada no espaço externo, quando todos os participantes retornaram para o teatro psicodramático, a diretora fez o convite para se apresentarem, destacando nome, série da faculdade e o que chamou atenção durante a caminhada. O primeiro a se apresentar foi Felipe, dizendo o nome, série do curso e o que lhe chamou atenção no espaço externo. Felipe é breve e quando finalizou, ocorreu um silêncio de um minuto. Tadeu então começou a se apresentar, referindo-se a como estava sentindo-se em vir para o grupo de estudantes universitários:

“Eu sou o Tadeu, sou do quarto ano, e to achando muito legal estar aqui, eu to aqui olhando e me sinto a vontade com praticamente todo mundo, mesmo sem ter tanto contato, acho que daqui o que eu tenho mais distância é do Felipe não sei porque, acho que a gente não tem muito contato assim e um pouquinho da da ...”(interrompe a fala e olha para Aurora, que diz o nome).

Com essa fala, Tadeu parece começar a esclarecer o clima emocional de tensão e curiosidade sentido pela diretora no início do encontro; como se por meio de olhares e rostos tensos os participantes expressassem ansiedades e medos próprios de início de um grupo.

Após a fala de Tadeu, a participante Ingrid se apresentou, revelando os motivos que a trouxeram até o grupo e esclarecendo ainda mais o clima dominante no início da sessão: os estudantes começaram a revelar uma vivência de busca: seja de um caminho; seja de si mesmo. Na fala de Ingrid, aparece sutilmente a tentativa do reconhecimento de si em meio ao grupo, quase como uma tentativa de afirmação da própria singularidade:

“Meu nome é Ingrid e eu to no quarto ano estar aqui eu to confortável to bem com as pessoas e eu vim pra cá, não sei dizer ao certo assim, mas eu vim com um sentimento de procura sabe, uma procura sabe, não sei, é algo que eu sinto vontade de fazer e eu cheguei aqui bem ansiosa, eu tava lá fora e , eu observei muita coisa mas o que me chamou atenção foi uma árvore, não de porte grande, porque ela estava seca mas mesmo assim ela tinha uns frutos sabe tipo, por mais que ela tivesse seca ela tinha folha ainda, e isso me lembra muito, tipo, se for olhar pra mim, uma questão que por mais que as coisas estejam difíceis a gente sempre pode florescer entendeu? E nada acaba, sempre você pode fazer isso se tornar algo e isso me lembra muito uma questão tipo de esperança, eu tenho muito comigo, eu acredito nas coisas, pode mudar, mudança essas coisas, eu acredito, então essa questão de renascer sabe, eu acho muito bonito então é algo que me chamou muita atenção eu fiquei bastante tempo focada nela, muita gente também não ia achar isso bonito mas eu achei lindo, foi isso” (Ingrid, 4º ano).

Apesar de virem do mesmo contexto social, a faculdade de Psicologia, os participantes não se conheciam intimamente, e mesmo compartilhando esse novo espaço grupal com os colegas de sala, o ambiente ainda não era “conhecido”, seguro. Nesse sentido, foram se revelando de forma controlada e protegida, mostrando aquilo que é aceitável socialmente em uma busca de diferenciação de si no espaço grupal. Dizendo de outro modo, no início do encontro, os participantes parecem reproduzir as condutas apreendidas como corretas no contexto social- a faculdade.

Em seguida à fala de Ingrid, novamente um silêncio tenso, quebrado pela participante Andressa, que irá revelar uma característica da sociometria inicial do grupo: os alunos do quarto e quinto ano já se reconhecem mais próximos como colegas do curso de Psicologia, mesmo que não tenham amizade; e todos revelam um “desconhecimento” das participantes do terceiro ano.

Os participantes vão esclarecendo o misto de sentimentos vivenciados no início desse encontro grupal: ansiedade, expectativa, curiosidade e a preocupação com a formação grupal, conforme revelado ainda pela fala da participante Isis, logo após a fala de Ingrid:

“Meu nome é Isis, eu to no quinto ano, também to confortável, eu admito assim que quando falou que seria terceiro, quarto e quinto ano eu fiquei um pouco assim ansiosa, por saber quem seriam as pessoas, porque tem pessoas que eu não converso não conheço então não no sentido negativo assim aí não tem ninguém que eu não goste algo assim, mas foi aí quem será né? Me deu um pouco de curiosidade, de ansiedade sim, porque é algo que a gente precisa, formar esse grupo, então eu fiquei ansiosa, aí agora chegando aqui eu to muito confortável, muito confortável assim, todas as pessoas, as duas eu não conheço muito né (aponta para as duas integrantes do terceiro ano) porque a gente não se vê, já o pessoal do quarto ano (risos, os colegas riem também) e da minha sala, então assim é um grupo que eu fiquei muito feliz a hora que eu fui vendo todo mundo chegando” (Isis, 5º ano).

E assim continuam as apresentações, em que os estudantes vão comentando como se sentiram em vir para o grupo, e as reações que tiveram ao reconhecer quem seriam os demais integrantes. Em todas as falas, reafirmou-se a ansiedade e curiosidade sentidas em vir participar desse grupo, e desse modo, ao revelar-se, o clima de ansiedade e tensão aos poucos foi sendo esclarecido e dissipado.

Em seguida à realização das apresentações, a diretora propôs o contrato de sigilo grupal, explicando sobre a importância do mesmo para preservar a privacidade dos participantes e a integridade do grupo. O grupo permaneceu em absoluto silêncio e apesar da diretora insistir se havia alguma pergunta sobre a questão do sigilo, ninguém se manifestou, e o clima se tornou mais tenso. A fim de criar um campo mais relaxado, foi proposto nesse momento uma brincadeira de apresentação com as letras

dos nomes, feita de duas maneiras diferentes, conforme descrito anteriormente. Os participantes brincaram e se descontraíram com essa atividade, permitindo maior descontração e leveza no grupo, assim o clima começou a se tornar mais favorável. O participante Tadeu brincou que gostaria de se apresentar como um “estudante de Psicologia”, o que provocou muita descontração no grupo, e a voz de Felipe se destacou: “muito criativo Tadeu”.

A partir desse momento, o grupo mostrou-se mais relaxado e alguns participantes inclusive soltaram mais a postura corporal, encostando-se no sofá. Quando a diretora perguntou, ao final da brincadeira: *“e aí estamos mais presentes, mais tranquilos?”*, os participantes riram e responderam afirmativamente, agitando-se na sala, descontraídos. Nesse momento, o grupo demonstrou aquecimento para passar ao contexto dramático e a diretora explicou que a partir desse momento iriam trabalhar no “palco psicodramático”, convidando-os a tirarem o sapato, explicando que essa ação é um modo simbólico de entrega à vivência que está por vir. Os participantes riram e começaram a tirar os sapatos, a participante Andressa questionou, entre risos: *“é agora que vem a música?”*. Ingrid respondeu: *“com certeza”*, rindo e todos os demais silenciaram. Ingrid e Andressa demonstraram, por meio da brincadeira, uma visão acerca das técnicas psicodramáticas.

Importante destacar que os estudantes do quarto e quinto ano já possuíam contato com o Psicodrama e as técnicas vivenciais, à medida que no curso de graduação que frequentam têm a disciplina de Técnicas de grupo e Psicodrama, em que esse referencial teórico- metodológico é estudado e vivenciado. As alunas do terceiro ano ainda não tiveram contato especificamente com a abordagem psicodramática.

Ao longo de todo o trabalho de “autocuidado”, o clima foi de silêncio, entrega. Todos os participantes realizaram a atividade de olhos fechados. A diretora apagou as luzes do teatro e colocou música instrumental de fundo. Quando foram convidados a subirem ao palco, não hesitaram e rapidamente estavam todos caminhando pelo contexto dramático demonstrando aquecimento para a ação.

A dramatização revelou-se o momento mais relaxado do encontro, pois quando reunidos em pequenos grupos puderam compartilhar com os colegas de sala como estão se sentindo como estudantes de Psicologia e produzir uma imagem coletiva a respeito desses sentimentos. O encontro com os colegas em cima do palco foi relatado como de grande emoção e muitos revelaram conter o choro nesse momento:

“Acho que todo mundo sentiu vontade de chorar” (Felipe, quinto ano).

Os integrantes do grupo do quarto e do quinto ano conversaram animadamente entre eles, e se movimentavam corporalmente em cima do palco, preparando a cena. Já as duas participantes do terceiro ano permaneceram sentadas mas conversaram bastante entre elas. Esse momento durou dez minutos e o clima já era completamente diferente do início da sessão. Nesse sentido, pode-se perceber que o trabalho em subgrupos com os colegas de sala funcionou como uma boa estratégia para diminuição de comportamentos defensivos, possibilitando a liberação de espontaneidade-criatividade do papel de estudante de Psicologia. O drama vivenciado pelos estudantes nesse papel pôde se revelar de forma autêntica e em conformidade com o vivido no aqui-agora.

No momento da dramatização, as imagens grupais revelaram diferentes vivências acadêmicas, conforme a especificidade de cada série do curso: terceiro, quarto ou quinto ano expressaram sentimentos diversos sobre a experiência de ser aluno de determinado período. Após as dramatizações, a diretora acendeu as luzes do teatro e convidou os participantes para a realização do compartilhar. Seguiu-se um silêncio de um minuto, em que os participantes olhavam para a diretora, sorriam, mas não diziam nada, modificando-se muito o clima com relação ao final das dramatizações, em que falavam ao mesmo tempo e a agitação era grande. De volta ao contexto grupal, novamente o clima de introspecção. O silêncio foi rompido pelo participante Tadeu, cujo compartilhar mobilizou a fala de Anahí, que se identificou com o colega. Tadeu está no quarto ano e Anahí no quinto, e ao compartilharem vivências semelhantes, aproximam-se afetivamente um do outro, demonstrando o início de uma sociometria grupal diferente do início do encontro, em que os participantes se sentiram à vontade quanto sentados próximos aos colegas de turma.

Ao longo do compartilhar, outras falas e movimentos foram revelando a sociometria vivida no contexto social e trazida para o grupo: quando a participante Jéssica colocou-se, após a fala de Anahí, destacou a diferença entre o que estava sentindo como estudante individualmente e apresentou ao subgrupo e a imagem coletiva produzida com os colegas. Sua fala introduziu a possibilidade de o movimento individual ser transformado a partir da vivência grupal, liberando potencial espontâneo-criativo, e que esse movimento a fez se sentir relaxada. Mas quando

Jéssica brincou, ao final de sua fala, sobre sua frustração em não haver nada atrás da cortina, ocorreu um corte no fluxo de produção iniciado e o grupo silenciou-se. Um certo estranhamento se fez no ar e Ingrid retomou o processo de compartilhamento, destacando a emoção sentida em encontrar-se com os colegas em cima do palco, e essa experiência foi citada como importante por todos os outros participantes do quarto ano.

Aurora, aluna do quinto ano, retomou também a importância do encontro com os colegas no palco: à medida que estão separados pelos diferentes estágios, encontram-se pouco na faculdade, o que tornou o momento no palco bastante especial. Jéssica se mobilizou e comentou:

“É eu estava pensando aqui agora ouvindo a Aurora falar que sobre os estágios, eu não estou no estágio com ninguém aqui, eu estava no estágio com vocês de criança e eu mudei tipo ontem” (Jéssica, 5º ano).

E Aurora respondeu, provocando grande descontração no grupo e risadas:

*“A gente se vê aqui!” (Aurora, 5º ano).
Risos.*

“A gente se vê por aqui! Grupo, a gente se vê por aqui!” (Felipe, 5º ano).

Todos riram muito com a brincadeira dos colegas, o grupo se dispersou. Nesse momento, Jéssica apareceu como uma voz dissonante no grupo, pois a cada comentário, parecia não conseguir mobilizar os colegas e silenciava-se. Isis, que também é do quinto ano, começou então a realizar o compartilhar. A participante resgatou em sua fala a intensidade do vivido no palco, à medida que especialmente para ela, pôde vivenciar o quinto ano com leveza pela primeira vez, na brincadeira com os colegas, no momento de criar a imagem e realizar a dramatização. Quando comentou sobre sua expectativa para saber quem seriam os integrantes do grupo, Isis revelou também a relação que possui com os colegas de sala do quinto ano, dizendo-se próximo de todos (Aurora, Felipe, Anahí), mas distante somente de Jéssica; apesar de serem da mesma sala, não têm um convívio próximo. Desse modo, o “isolamento” de Jéssica com relação ao grupo do quinto ano também pareceu se revelar.

Ao longo do compartilhar, o clima no grupo era de relaxamento, intimidade e entrosamento. Felipe se colocou dizendo que gostou muito de todo o encontro e que estava animado para os próximos. Revelou que ao longo da troca no subgrupo,

começaram reconhecendo o peso de estar no quinto ano e aos poucos foram relaxando e acabaram fazendo uma brincadeira na imagem, e essa experiência permitiu que se sentisse mais integrado como estudante. A vivência realizada no palco, nos subgrupos, apareceu na fala dos participantes como qualitativamente diferente do vivido até então no contexto grupal: o campo tenso transformou-se em campo relaxado, houve diminuição das resistências e barreiras pessoais e liberação de espontaneidade-criatividade no papel de estudante de Psicologia. O encontro realizado com os colegas no palco permitiu que os participantes acessassem uma maior compreensão de si mesmos, a partir do Outro, ocorrendo por parte dos participantes valorização desses Encontros. Para os alunos do terceiro ano, houve fortalecimento de vínculo; para os estudantes do quarto ano, destacou-se a possibilidade de apoio mútuo se forem além dos conflitos vividos entre as “panelinhas” da sala de aula; por fim, para os alunos do quinto ano, a brincadeira possibilitou rematizar o peso da responsabilidade com os estágios e as angústias advindas com a proximidade do final do curso.

A fala de uma participante, do terceiro ano, destaca a percepção de que as dramatizações revelaram diferentes vivências acadêmicas do estudante de terceiro, quarto e quinto anos de Psicologia, e nesse sentido, fatores diferentes de produção de sofrimento emocional, em função das diversas e desafiadoras demandas de cada período do curso.

Para sintetizar, pode-se afirmar que se inicialmente no contexto grupal os participantes apresentavam um clima de tensão e curiosidade, no contexto dramático tiveram experiências de encontro e encontraram novas respostas para as situações com as quais estão lidando, demonstrando que o primeiro encontro proporcionou a liberação de espontaneidade-criatividade. Nesse sentido, vários participantes relataram estarem sentindo física e emocionalmente “bem melhor” do que estavam quando chegaram para o encontro.

A partir dessas observações, concluiu-se que o grupo chegou apreensivo e curioso quanto à proposta de grupo de apoio sociopsicodramático para estudantes universitários, e conseguiram obter bem-estar com as atividades de relaxamento corporal e com a troca nos pequenos grupos no contexto dramático, o que liberou emoções até então inconscientes e possibilitou a liberação de espontaneidade-criatividade.

4.2.1 Segundo encontro: descrição

Data: 7/4/2017

Participantes: 8 (Felipe, Jéssica, Ingrid, Isis, Laura, Aurora, Andressa, Ícaro).

Ausentes: 3 (Bruna, Anahí, Tadeu)

Duração do encontro: 2h22minutos

Objetivos: trabalhar o reconhecimento do eu-estudante e promover maior interação entre os participantes.

Contextualização do encontro: nesse dia, três participantes faltaram à sessão. Tadeu avisou no encontro anterior que não viria pois passaria por uma cirurgia dentária; Anahí e Bruna justificaram a ausência minutos antes do encontro, pelo grupo do whatsapp, pois estavam “presas” na faculdade em função da chuva pesada que caiu no horário da sessão. O primeiro a chegar ao encontro foi Felipe, adiantado 20 minutos, e a diretora permaneceu com ele na sala de espera tomando café e aguardando os demais participantes, que chegaram aos poucos, comentando sobre a dificuldade de locomoção em função da chuva e conversando animadamente. O grupo atrasou 10 minutos para começar.

Aquecimento inespecífico: a diretora iniciou o encontro dando as boas-vindas aos estudantes e convidando-os para tecerem comentários sobre o encontro anterior. Os participantes apresentavam expressões de cansaço, e o clima no início do encontro era de tensão e silêncio. Isis e Jéssica quebraram esse clima quando compartilharam que ficaram sentindo-se muito bem após o primeiro encontro, mas o restante do grupo permaneceu calado.

“Nossa, foi muito bom! Eu sai daqui na sexta e aconteceu um tanto de situação assim estressante e frustração assim geralmente quando acontece, eu to esperando uma coisa e não acontece ou acontece de uma forma diferente eu fico muito frustrada e irritada ao extremo e eu fiquei uma paz que eu me desconheci...e eu tenho certeza que foi daqui porque fui justo assim que eu sai e foi tudo acontecendo e dando errado e eu em paz” (Isis, 5º ano).

“Também fiquei muito bem! Já gostei bastante e já fiquei ansiosa para a próxima, queria voltar de novo....fiquei muito bem...” (Jéssica, 5º ano).

Após os comentários das duas participantes, o grupo silenciou, participantes trocaram olhares com a unidade funcional. A diretora então comentou com o grupo sobre a possibilidade de mudança de horário do encontro da semana seguinte, pois seria feriado nacional nas próximas duas sextas-feiras. O grupo todo se engajou na discussão de um possível horário para a realização do próximo encontro, e Laura

permaneceu em silêncio. A diretora buscou incluí-la na discussão, perguntando se ela teria alguma sugestão e Laura comentou que iria viajar por duas semanas, portanto não poderia participar das próximas sessões. Os demais concordaram em realizar a sessão na quinta-feira dia 13 de abril pela manhã, às 9h, no mesmo local. Após o grupo conseguir um acordo para fechar a data de reposição da terceira sessão, a diretora explicou que em função dos outros feriados, haveria ainda uma pausa de três semanas na realização do grupo. Essa discussão durou 20 minutos e todos, com exceção de Laura, que estava abatida e silenciosa, participaram com propostas, chegando a um consenso. Após esse momento, o grupo mostrou-se agitado e disperso. Ícaro e Ingrid conversavam entre eles em tom de voz “baixa”, e Jéssica os observava. Andressa estava encolhida no sofá, com a cabeça “deitada” no encosto. A diretora então sugeriu um trabalho corporal, e os participantes silenciaram totalmente. Foi proposto que os participantes realizassem exercícios de respiração e relaxamento, com música suave, a fim de sintonizarem com o próprio corpo e habitarem o aqui-agora do contexto grupal, identificando os sentimentos presentes. O movimento do grupo era silencioso e com pouca interação entre eles. Quando foram convidados para subirem ao palco, tiraram os sapatos antes do pedido da diretora e em silêncio, passaram ao contexto dramático.

Aquecimento específico: Os participantes foram convidados a caminhar pelo palco psicodramático, buscando demonstrar com o corpo os diferentes sentimentos que acessaram em si mesmo durante o trabalho corporal. A instrução dada era que a cada estado corporal experimentado, expressassem de forma “maximizada”, e todo o corpo deveria demonstrar como estavam se sentindo. Caminharam no palco maximizando os estados corporais, concentrados e não interagiram entre eles, as expressões faciais sérias, tensas. Demonstraram diferentes expressões corporais como cansaço, preguiça, dor de cabeça, dor na coluna. Em seguida, movimentaram-se livremente pelo palco, experimentando movimentos corporais opostos aos que estavam fazendo até o momento. Laura e Andressa estavam mais retraídas e andavam devagar, com a cabeça abaixada; encolhidas. O clima era de tensão, solidão, tristeza. A diretora propôs, então, aos participantes que escolhessem um local no palco para se acomodarem e que em seguida, fizessem um solilóquio. Sentaram-se distantes uns dos outros no palco. Ícaro sentou-se de cabeça baixa, Ingrid encolheu-se em um canto do palco, abraçada às pernas; Laura sentou-se ao meio e

com a cabeça abaixada, chorava. Começou a emergir, ainda de forma tímida, os afetos experimentados pelos estudantes nesse encontro, por meio dos solilóquios:

Ícaro: comodidade (não realiza o solilóquio)

Ingrid: desgaste

“Eu sou o desgaste... to ferida, to cansada, to indisposta, to acabada...(chora bastante e se encolhe)”

Jéssica: cansaço

“Eu sou o cansaço...tá tão pesado, tão difícil, tá tão tampado, tá difícil mexer, tá cansando, tá machucando”

Andressa: Dolores

“Eu sou Dolores...tá doendo minha garganta, as minhas costas, meu coração, tá doendo tudo”

Felipe: medo

“Eu sou o medo...medo de fracassar, medo de não conseguir, medo do julgamento dos outros, medo...”

Laura: sono

“Eu sou o sono...devido a rotina cansativa, corrida, que cobra demais, faz a gente ficar doente, resfriada, mal consigo cuidar de mim”.

Aurora: grito contido

“Grito contido, que muitas vezes se transforma em silêncio, eu me petrifico para não ser ouvido, mas estou cansado de ser escondido”.

Isis: tentando

“Eu sou tentando...tentando ficar bem, tentando conseguir, tentando se encontrar, tentando conseguir...”

Ao realizarem o solilóquio, Ingrid e Laura se emocionaram e choraram bastante. A diretora subiu ao palco e as acolheu, se colocando ao lado de cada uma, enquanto realizavam o solilóquio. Quando os participantes terminaram de “pensar alto”, havia bastante conteúdo emocional mobilizado. A diretora propôs a divisão em subgrupos, a fim de melhor trabalhar os afetos que apareceram e utilizando como critério sociométrico a semelhança/identificação entre os solilóquios. Os participantes deveriam se aproximar então daquela pessoa cuja palavra fosse próxima da sua própria: Ingrid se aproximou de Andressa, que se aproximou de Laura, que permaneceu sentada, ainda chorando. Felipe, Ícaro, Isis e Jéssica se aproximaram de Aurora, que permaneceu em pé e de olhos fechados. A diretora sugeriu então que permanecessem em dois grupos, a partir da configuração que emergiu:

Grupo 1: Felipe, Ícaro, Aurora, Isis, Jéssica (medo, comodidade, grito contido, cansaço, tentando).

Grupo 2: Ingrid, Andressa e Laura (desgaste, sono, “Dolores”)

Os participantes permaneceram nos subgrupos por vinte minutos, realizando a troca da experiência vivenciada no palco e construindo a imagem coletiva, a fim de dramatizar o que partilharam em comum, vivenciado no papel de estudante.

A diretora permaneceu junto ao grupo 2, à medida que duas integrantes estavam silenciosas e haviam se emocionado ao longo do aquecimento. Ingrid e Laura estavam emocionadas, cabeça abaixada, não conseguindo olhar para as companheiras de grupo. A diretora esteve junto a elas ao longo desse tempo de partilha, incentivando-as a se expressarem, mesmo que brevemente. As falas apresentadas trouxeram experiências de solidão, questões conflituosas nos relacionamentos familiares e sensação de fracasso na vida. A diretora respeitou o tempo de cada uma e acolheu as participantes, ajudando-as a se colocarem e a entender que tipo de “cena” gostariam de fazer. O grupo, então, escolheu uma cena em que todas permaneciam em círculo e em silêncio, com a cabeça baixa e de olhos fechados.

O primeiro grupo produziu a cena de modo mais independente e conversaram ao longo de todo o tempo, sendo os primeiros a se apresentar. Enquanto um grupo apresentava, o outro permanecia na plateia, assistindo.

Dramatização: o grupo 1 foi formado por quatro integrantes do quinto ano e um integrante do quarto ano, e conversaram animadamente ao longo do tempo que permaneceram no subgrupo. Apresentaram a cena “Eu grito”, bastante impactante, pois utilizaram todas as palavras ditas pelos integrantes para criar a saída grupal das dificuldades em comum percebidas, durante a conversa no subgrupo, todas relacionadas a um sentimento de paralisia e medo frente às questões do cotidiano universitário, causadoras de sofrimento psíquico:

Apresentação do Grupo 2 (Aurora, Jéssica, Felipe, Isis e Ícaro).

Cena: “Eu grito” (Os participantes em fila um ao lado do outro, e um a um se alternam para frente, dizendo uma frase para a plateia dando voz e sequencia um à fala do outro).

Ícaro: eu fico aqui parado, não consigo mexer, não tenho reação, mas sei que eu posso sair disso, parece que tá contra mim...

Jéssica: eu fico aqui parada, e eu também fico aqui cansada, também fico aqui imóvel sem conseguir e querendo muito mexer...

Felipe: eu fico aqui parado, eu fico aqui cansado, tenho medo do fracasso

Isis: eu fico aqui parada, eu fico aqui cansada, com medo do fracasso, mas tentando, tentando, e tentando...

Aurora: eu tenho comodismo, tenho cansaço, tenho medo, posso fracassar, mas vou continuar tentando, porque diante de tudo isso, mesmo não sendo ouvida, eu grito...

Todos juntos: eu grito!

O grupo que está na plateia bate palmas, e os participantes do Grupo 1 descem do palco, em silêncio.

O grupo 2 foi formado por duas participantes do quarto ano e uma do terceiro ano. Durante a apresentação da cena, as participantes permaneceram em silêncio e a diretora recorreu à técnica do “duplo” para dar voz aos sentimentos das mesmas.

Apresentação do Grupo 2 (Laura, Andressa, Ingrid)

Cena: “Silêncio” (as três participantes sobem ao palco, sentam-se em círculo e permanecem olhando para o chão, em absoluto silêncio).

A diretora sobe ao palco e, atuando como ego-auxiliar, realiza o duplo das participantes.

Duplo de Ingrid: tô tremendo por dentro, to em carne viva, só quero ficar aqui, quietinha, só quero ficar quietinha, porque ninguém nunca me entende mesmo...

Duplo de Andressa: não sei onde eu to, parece que to meio passada meio perdida, com dor, dor na garganta, dor nas costas dor no corpo inteiro, sentimento de muita solidão, de estar sempre tão sozinha...nossa gente difícil, tem um lugar que para, tem um lugar que deita na cama e para, queria descansar...

Duplo de Laura: não sai...é tão doído, tão doído, tá tão aterrado que nem sai...não sai...então eu venho aqui, para ver se encontro algo, para não sei bem, mas to procurando algo que me permita ser eu mesma...

A diretora se afastou do grupo, ainda em cima do palco e as observou. O grupo permaneceu em absoluto silêncio, mesmo quando a diretora voltou a perguntar se gostariam de falar algo ou dar continuidade ao duplo. Como Ingrid e Laura choravam bastante, a diretora respeitou o momento e convidou os demais participantes para subirem ao palco, e todos permaneceram sentados formando um círculo. Depois de alguns minutos de silêncio e acolhimento, os participantes foram convidados à leitura de um poema de Moreno, como modo de finalização da dramatização do grupo 2. Os participantes leram o poema inteiro, alternando entre eles:

*Eu te criei
Para que sejas tu mesmo,
Para lutar por si mesmo,
Para lutar por teu nascimento
E por tua morte.
Teu nascimento é o teu direito.
Tua vida é o teu direito.*

*Tua morte é o teu direito.
 Não permitas que ninguém os levem de ti.
 Não permitas que ninguém seja o teu senhor.
 Ninguém com exceção de Mim,
 Que te criei
 E que te dei esses direitos.
 (Moreno, As Palavras do Pai).*

Em seguida, cada um escolheu uma frase do mesmo para representar o que estavam vivenciando no momento:

Laura: teu nascimento é o teu direito

Ingrid: não permitas que ninguém os leve de ti

Andressa: para que sejas tu mesmo

Jéssica: para lutar por si mesmo

Ícaro: não permitas que ninguém os levem de ti

Felipe: para lutar por si mesmo

Isis: tua vida é o teu direito

Aurora: tua morte é o teu direito

Após esse momento, o clima emocional do grupo tornou-se descontraído, então a diretora convidou-os para fazerem um círculo e darem um “grito coletivo”, assim, libertando-se do “grito contido” apresentado por Aurora ainda na etapa do aquecimento. A participante sorriu e concordou com a diretora, assim como os demais. O grupo realizou a ação e pediu para repeti-la por mais duas vezes. Muito riso, apertos de mão, as expressões se encaravam divertidas. O grito coletivo pareceu sacudir o grupo e transformar totalmente a atmosfera. Quando terminaram, a diretora solicitou que todos dissessem uma palavra sobre como estavam se sentindo e emergiram expressões como *a vida vale a pena (Aurora); leveza (Laura); movimento (Jéssica); explosão (Isis); liberdade (Andressa); sutileza (Ícaro); coragem (Ingrid); o grito (Felipe)*.

Compartilhar: quando convidados a descerem do palco, o fizeram falando ao mesmo tempo. Ingrid perguntou para a diretora se poderia levar o poema para casa e a diretora disse que era um presente para eles. Isis brincou com Ingrid que iria colar no caderno. Dois participantes pediram licença para ir ao banheiro e nesse instante, em meio ao burburinho e já sentada no contexto grupal, Jéssica começou a dizer para o grupo:

Jéssica- “gente eu posso contar uma coisa vou ter que contar...eu decidi mudar o meu tcc semana passada...ficou tudo bem, mudei, agora eu vou fazer sociodrama temático, e o meu sociodrama temático tem um poema e tem também musica...ficou parecido com o de hoje”.

Risos no grupo.

Jéssica: era só isso

Ingrid: gente, como dizer para minha orientadora que ela não é mais minha orientadora?

Risos. Começam a se distrair com outros assuntos e falam sobre orientação de TCC.

A diretora sugeriu que fizessem uma pausa e esperassem os demais integrantes retornarem para o teatro psicodramático. Quando voltaram, a diretora retomou, solicitando aos participantes que voltassem ao vivido no palco, sentindo o que foi importante, como a experiência vivida os afetou, a fim de retomarem o compartilhar com a presença de todos. A participante Jéssica se colocou então, afirmando como no papel de estudante universitária, a problemática envolvendo o trabalho de conclusão de curso e as incertezas acerca de qual caminho seguir revelavam-se como a *questão* para a qual vem buscando respostas:

Jéssica: “falar do tcc acho que tem tudo a ver com o que eu vivi no palco, que eu acho que trocando em miúdos até agora eu acho que eu escondi muito o que eu realmente queria no TCC o que eu realmente queria fazer e muito muito devagar muito aos poucos eu fui escolhendo tentando encontrar um caminho, e não deu certo e eu estou tentando de novo...até eu encontrar um caminho que desse certo...antes eu queria trabalhar com sofrimento de estudantes também, ai agora eu quis trabalhar relações de trabalho...mas eu ia trabalhar com janela de johari agora eu mudei, quero fazer sociodrama também” (Jéssica, 5º ano).

Quando Jéssica terminou de falar, Ingrid imediatamente começou a realizar o seu compartilhar. Estava com o semblante mais tranquilo e havia parado de chorar. Falou devagar:

Ingrid: eu sou uma pessoa muito esquisita...eu me acho esquisita, porque, não que aqui seja um momento terapia tá? (Risos) já não basta a sessão que eu tive hoje...porque eu faço as coisas e não queria fazer...sabe? Às vezes eu não falo o que eu queria falar...e eu só fiz isso essa semana, então estou de parabéns então as vezes eu me surpreendo comigo mesma com a minha capacidade de me boicotar ...ai meio que foi isso que eu trouxe hoje... para mim foi muito difícil falar desse tema, porque é um tema que eu venho vivendo faz dois anos sabe? Então é muito difícil pra mim falar disso, é algo que tipo ta vivo em mim e até hoje eu soffro por conta disso e não parece que vai ser resolvido tão cedo...então é muito difícil sabe assim eu acho que de qualquer coisa que eu poderia trazer hoje esse é o tema mais difícil então por isso que realmente pra falar disso e difícil, pode contar nos dedos as vezes que eu falei no assunto gente...então foi muito difícil pra mim hoje aqui mais eu acho que eu até que eu consegui bastante dada as circunstancias e agora tipo eu to tranquila aqui...tipo não resolveu nada mais eu to tranquila...não é que não resolveu nada...o problema continua ali entendeu? Mas eu to tranquila, tipo eu to criando coragem no processo...

Jéssica: eu acho que se for esquisito então eu também sou esquisita...

Risos. Todos concordam, Ícaro diz “uhu”.

Felipe: o Felipe ideal não faria isso mas o Felipe real faz muito (risos)

O grupo se dispersou, falando ao mesmo tempo. Aurora comentou que precisaria sair mais cedo para realizar um atendimento. A diretora perguntou se ela gostaria de compartilhar o que viveu e Aurora respondeu que ainda estava “elaborando sua fala”. A diretora então perguntou quem mais gostaria de comentar o que viveram nesse dia. A fala de Jéssica sobre o TCC, seguida pelo comentário de Ingrid a respeito do “tema do dia” (e que tema seria esse?), pareciam sugerir a busca pela afirmação de si mesmo na vida pessoal e também no papel de estudante universitário. Logo após a fala de Ingrid, um breve silêncio e Felipe iniciou o compartilhar:

Felipe: “eu acho que essa semana foi uma bosta e to feliz que tá acabando e que to melhor pelo menos agora...os gritos foram catárticos...eu senti muito mal comigo mesmo essa semana, falhei comigo mesmo muitas vezes, com outras pessoas também...e...(olha de lado para Isis)”

A diretora percebeu Felipe olhando para a participante Isis, que estava sentada no mesmo banco que ele, porém separados por dois outros participantes. A diretora questionou Felipe se ele estava realizando um pedido de desculpas para a colega de sala e de estágio e ele respondeu:

Felipe: aqui? É houve...eu deixei ela esperando uma hora num dia que não podia atrasar e tá assim muito foda...a faculdade está foda pra todo mundo mas assim eu não to conseguindo lidar com isso muito bem to meio que desistindo antes da hora assim...nossa eu não vou dar conta...eu lembro que teve uma vez que uma pessoa falou pra mim, uma terapeuta falou pra mim que eu era perfeccionista eu falei ‘tá doida perfeccionista?’ aí ela explicou que quando eu quero fazer de um jeito muito bom e quando eu vejo que ou vai dar muito trabalho ou eu não vou conseguir ser daquele jeito eu desisto, simplesmente deixo quieto... aí não sei se isso tem a ver, sei que foi uma semana muito triste pra mim, fiquei muito mal...mas bola pra frente..vamo ver...

Enquanto Felipe se colocava, a colega Isis permaneceu muito séria, olhando para a diretora. Felipe continuou sua fala relatando que possui muitas faltas na faculdade e que isso o está incomodando muito, o fato de não conseguir se organizar para ir à aula ou chegar no horário, nos estágios. Felipe destacou que em toda sua vida como estudante, sempre se considerou “procrastinador” e nunca se prejudicou por isso, mas nesse final de faculdade estava incomodado com seu comportamento e sentindo-se mal pela própria falta de organização. Afirmou que não gostaria de terminar a faculdade sentindo que não mudou, não realizou as atividades com qualidade. Contou ainda como está considerando “pesado” os estágios, especialmente o que começou a realizar no hospital psiquiátrico, em que vai em dupla com a colega Isis. Destacou que está tendo dificuldades para dormir, o que piora sua condição de acordar cedo para ir para a aula e para os estágios.

Jéssica apresentou-se mobilizada pela fala de Felipe e comentou que ao contrário de Felipe, ela e Isis comentaram enquanto conversavam no subgrupo que estão dormindo “demais”, para “fugir de tudo”. Nesse momento, a participante Ingrid perguntou para a unidade funcional:

*Ingrid: pra mim é igual...vocês acordam numa boa? (pergunta para unidade funcional)
O grupo explode numa grande gargalhada.*

Felipe: vocês normais, adultos?

Ingrid: é vocês que não são esquisitas.

Todos riram muito. A diretora respondeu à pergunta deles, em seguida o ego auxiliar também respondeu, e após sua fala, Aurora se colocou, de certo modo revelando algo sobre uma *certa organização necessária para dar conta do recado*, nesse caso, da vida acadêmica:

Elaine (ego-auxiliar): eu acho que isso vem do caos...eu acho que o caos é muito a sobrevivência assim...então é muito difícil a gente se organizar, a gente tem a nossa organização caótica, de dar conta desse caos...mas essa organização, aquela coisa mais assentada, eu acho que a gente só consegue, eu tenho pensado nisso quando a gente está num nível mais organizado de vida, fora desse caos, já passou a tempestade....a tempestade eu acho complicado a gente conseguir...

Aurora: é difícil porque às vezes você está, é, tá todo mundo te vendo tão bem e você está horrível né...e parece que você está fazendo tudo certo...e quando você está se sentindo super bem fica todo mundo te olhando como se você fosse uma bosta... (risos) Tipo, você está fazendo no seu tempo, tá achando que tá tudo certo, tá feliz mas tá todo mundo falando ‘você tá atrasada, tá péssimo’...é um contraste...

A participante continuou relatando como essa desorganização culmina em um sentimento de incapacidade, gerando sofrimento psíquico:

“E é agressivo, muito agressivo pra mim é...dói, tem dia que você se sente uma bosta, que você não deu conta, você tentou, fez o máximo, mas não deu conta e ninguém entende porque você não deu conta, acha que você tá fazendo corpo mole, mas você estava se matando...aí por isso que você vai lá e bebe um pouquinho...pra relaxar...só um pouquinho...” (Aurora, 5º ano).

O participante Felipe emendou à fala de Aurora: “só um pouquinho” e todos falaram ao mesmo tempo; se agitaram e brincaram com a quantidade de bebida que ingerem e o que bebem. O grupo se dispersou e a diretora voltou a intervir, questionando se estão falando sobre uma sensação de dívida com a faculdade. O grupo continuou agitado e os participantes comentaram sobre a sensação de dívida e a impressão de que “*não vão dar conta*”, ou de que apesar de tudo o que fazem na faculdade, ainda é *insuficiente*. Aurora se despediu de todos pois precisou sair mais

cedo. A diretora pediu que aqueles que ainda não tinham se colocado, comentassem um pouco sobre como estavam se sentindo. Isis pediu a palavra realizando o compartilhar:

Isis: “essa semana inteira eu senti que eu não ia dar conta...e isso é muito novo pra mim porque eu nunca senti que eu não iria dar conta assim de não vou dar conta eu tenho medo eu tenho receio eu fico ansiosa mas eu sempre sei que eu vou dar conta, assim em vários ou quase todos os aspectos e essa semana não, essa semana juntou tudo eu comecei todos os meus estágios é também desesperador, comecei todos, to atendendo em todos, do hospital psiquiátrico e aí eu senti um peso assim porque todos os pacientes são casos muito pesados assim e aí você vai na supervisão você já sentiu aquilo na sessão a hora que você vai na supervisão parece que amplia né? (risos) Assim minhas supervisoras são maravilhosas as duas então assim nenhuma trata um caso como se fosse assim ‘ah tá’, elas vão entrando e compreendendo a dor da pessoa e a gente fica meu deus do céu, olha essa pessoa está confiando em mim com um sofrimento desse tamanho que eu não sei se eu tenho capacidade para ser o que ela precisa né...e os vários pacientes assim cada um tem uma necessidade de mim..” (Isis, 5º ano).

E assim contando para os colegas o peso da responsabilidade que está sentindo nesse princípio de quinto ano, Isis pareceu apresentar outro tema revelado pelos participantes nesse encontro: será que vou dar conta de ser psicólogo? Como estudante o peso do papel, vivido por meio dos estágios, pareceu acarretar em sofrimento psíquico, conforme foi revelado pelos participantes do quinto ano. E também como esse peso da responsabilidade, o excesso de atividades, tem sido vivido. Compartilharam sobre uma sensação de desorganização, de não serem bons o suficiente ou adultos o suficiente. Isis completou sobre como está vivenciando o papel de estudante:

Isis: nossa eu senti um peso essa semana assim então eu acho que os meninos falou, o que a gente estava conversando de dormir porque é o momento assim ó de fugir igual o Felipe falou, tipo, eu chego em casa, durante o dia, essa semana eu to assim eu chego, durante o dia eu faço tudo e bem, eu acordo 05h30 para ir na academia volto e começo o dia e faço to inteira e tudo mas a hora que chega a noite uma tristeza do tamanho do universo um vazio uma falta de sentido e eu pensando nossa podia ler algo sobre isso nossa o paciente falou disso vou pesquisar...nossa não consegui fazer nada só consegui ver uma série que fala da menina que se matou (Isis, 5º ano).

O grupo se agitou, começaram todos a falar sobre a série em questão trazida por Isis. A diretora pediu que retomassem, pois já estava na hora de encerrarem. O excesso de atividades e a responsabilidade advinda dos estágios profissionalizantes do quinto ano, em que passam a ter contato maior com o sofrimento humano, revelou-se uma fonte de sofrimento psíquico. Os participantes interpretaram essa experiência como “medo de crescer”:

Isis: sintetizando tudo eu acho que a gente conseguiu pensar nosso grupo que o que esta protagonizando é o medo de crescer... o medo e a dificuldade de crescer... assumir as responsabilidades da vida e banca-las...

Felipe: medo de virar adulto.

Silenciam-se. A diretora pediu que Laura, Ícaro e Andressa comentassem também como estavam se sentindo. Laura falou brevemente que chegou muito cansada mas que estava sentindo-se muito melhor do que quando chegou. Não fez comentários sobre a vivência realizada no palco e somente afirmou:

Angélica: como é que foi estar aqui hoje Laura?

Laura: foi legal...foi muito bom...é porque hoje a Bruna não veio e ela me avisou que não ia vim aí eu pensei nossa eu vou sozinha, mas não foi ruim isso, foi legal

Angélica: sentiu parte do grupo?

Laura: senti sim...

A participante silenciou e observou a diretora, que respeitou o silêncio. Andressa pediu para falar:

Andressa: então essa semana foi difícil eu to desde segunda feira, não, desde o final de semana conversando menos e não querendo falar muito e no grupo da aula de quarta eu não queria ir, não tinha vontade de falar, e mexeu muito comigo lá...e agora eu fiquei sem voz sabe? Então...e aqui também eu não to com vontade de falar...mas eu to saindo bem...a hora que minha voz melhorar eu falo (Andressa, 4º ano).

Silêncio novamente. Andressa observou a diretora e sorriu. O clima era de finalização, e o tema repetido ao longo de todo o encontro em diferentes variações se reforçou na fala de Ícaro, o último a realizar o compartilhar:

Ícaro: eu não vim de uma semana muito boa não...eu tenho o mesmo problema do Felipe assim eu sou muito procrastinador sabe? E eu venho tentando mudar isso mas é tão difícil mudar isso, nossa, é muito difícil...(Ícaro, 4º ano).

Felipe: deixa pra mudar amanhã né? (risos)

O grupo se divertiu com o comentário de Felipe e riram bastante. Ícaro continuou seu compartilhar, revelando como tem se desafiado a superar o comportamento procrastinador, buscando novas formas de se organizar para dar conta das demandas vivenciadas no papel de estudante universitário de Psicologia:

Ícaro: e não vou deixar então assim é eu to tentando já melhorar, tanto que foi um dilema muito grande eu entrei no quarto ano e falei nossa até que é tranquilo aí depois começou e eu pensei nossa não é tranquilo...e aí que eu entrei nesses dilemas que eu estou hoje mas eu to sentindo que eu to conseguindo ser mais organizado sabe eu criei um meio que um roteiro assim do que eu tenho que fazer para tentar saber o que eu tenho que fazer no dia pra chegar na hora certa não atrasar em nada

e fazer, cumprir o que eu tenho que fazer....então assim, foi uma semana difícil, mais pesada mas ta melhorando agora...(Ícaro, 4º ano).

E com essa fala, Ícaro finalizou o encontro grupal, reforçando o que foi compartilhado por Felipe, Ingrid, Isis, Aurora, Andressa: estão finalizando nessa sexta-feira uma “semana difícil” em função das demandas vivenciadas na faculdade. Laura, silenciosa como única representante do terceiro ano, somente revelou: *“eu cheguei muito cansada aqui porque minha semana foi muito puxada mas eu tô saindo mais leve”* (Laura, 3º ano). Não falou sobre sua vida acadêmica, mas relatou alívio emocional em função da participação do encontro. E assim, o grupo chegou ao final. Quando a diretora encerrou, ainda escutou Felipe dizer para o grupo:

Felipe: eu comprei uma agenda pra me organizar mas ficava em branco

Ícaro: e agenda eu nem compro mais porque fica em branco nos primeiros dias eu escrevo depois...

Ingrid: nossa eu não vivo sem agenda

Ícaro: então eu fiz a planilha coleí no caderno e vou tentar seguir...estou melhorando

Despediram-se animadamente e todos vieram dar um abraço na unidade funcional. “Até semana que vem”!

4.2.2 Síntese temática do segundo encontro

Tema 1- Sentimentos negativos decorrentes das vivências acadêmicas

Laura, Andressa, Ingrid, Isis, Ícaro, Jéssica, Aurora e Felipe apresentaram no palco diversos sentimentos negativos e sofrimento emocional decorrentes das experiências vivenciadas na faculdade ao longo da semana no papel de aluno, por diferentes motivos. Ao longo do todo o processo de aquecimento, as falas demonstraram vivências de cansaço, medo, sono, incapacidade, comodismo. Nesse sentido, o aquecimento corporal no palco permitiu que individualmente encontrassem as dificuldades vivenciadas e sentidas a partir do corpo, expondo o sofrimento vivenciado com liberdade, para além de falas organizadas e racionais. Ícaro apresentou um sentimento de comodidade; Ingrid de desgaste, Jéssica de cansaço; Andressa de dor corporal; Felipe de medo; Laura de sono; Aurora apresentou uma experiência de grito contido e Isis que estava tentando ficar bem e conseguir se encontrar.

Tema 2- Identificação e afirmação dos próprios anseios e buscas como estudante universitário:

A busca de afirmação do próprio caminho como estudante revelou-se na fala de Jéssica, ao comentar sobre o trabalho de conclusão de curso e toda a problemática envolvida na escolha do tema e do referencial teórico-metodológico, destacando como essa é uma escolha que a estava mobilizando e desafiando a realizar uma escolha e assumi-la.

Tema 3- Gestão do tempo: falta de organização, procrastinação e sentimento de incapacidade

Felipe, Isis e Ícaro revelaram a dificuldade de organização e gestão do tempo de estudos, somados ao trabalho em campo (estágios), compartilhando como se constituem em desafios geradores de sofrimento emocional, evidenciados pelos sentimentos de desorganização e incapacidade frente às diversas demandas acadêmicas. O sentimento de estarem vivendo um excesso de atividades e demandas, revelados por Felipe e Ícaro, é vivido de forma a suscitar comportamentos procrastinadores e de fuga da realização de atividades, na percepção dos dois participantes. Isis apresentou uma vivência nova para ela como estudante, pois em sua perspectiva nunca sentiu desconfiar da própria capacidade de dar conta de todas as atividades de estágio que precisaria realizar ao mesmo tempo, o que estava provocando nela angústia e preocupação.

Tema 4- Angústias vivenciadas ao assumir o cuidado psíquico do outro

Isis e Felipe revelaram as angústias que estão sentindo em função da quantidade de atividades a serem desempenhadas ao mesmo tempo e o contato com o sofrimento humano nos estágios de psicoterapia. De forma mais enfática, Isis e Felipe relataram as angústias sentidas e verbalizadas por eles como o “peso da responsabilidade” e o “medo de crescer” que estão experimentando a partir das vivências nos estágios profissionalizantes, suscitados em função do contato com o sofrimento humano e a aprendizagem dos diferentes modos de intervenção no mesmo.

4.2.3 Segundo encontro: processamento

“O que está protagonizando é o medo de crescer ...o medo e a dificuldade de crescer...” (Isis, 5º ano).

Os participantes chegaram aparentando cansaço e estavam silenciosos. Sentaram-se mais misturados, turma do quarto e quinto ano. Laura do terceiro ano sentou-se próxima à diretora e permaneceu silenciosa durante todo o aquecimento. Andressa estava com dor de garganta e também praticamente não falou durante toda a sessão.

No início, quando a diretora questionou como ficaram do último encontro, somente Isis e Jéssica compartilharam que ficaram muito bem e relacionaram ao vivido na sessão. Jéssica inclusive afirmou que estava ansiosa para retornar. Os demais permaneceram em silêncio e as expressões faciais tensas e abatidas pareciam exprimir cansaço, desânimo, sofrimento emocional. No contexto grupal, a interação entre os participantes não fluía naturalmente, e a diretora resolveu modificar o aquecimento específico. Ao invés de trabalhar com um iniciador intelectual, o poema de Moreno, propôs um trabalho de aquecimento corporal de relaxamento e depois de concretização das emoções. Ao longo de todo o aquecimento específico, os participantes demonstraram introspecção e não interagiram entre eles.

Foi somente no palco, durante a caminhada pelo espaço seguida pelos diferentes solilóquios, que as vivências emocionais começaram a se revelar: medo, cansaço, dor, desgaste, sono. Quando realizaram o solilóquio, permitiram-se individualmente a expressão do sofrimento vivenciado que provavelmente não seria possível no contexto grupal, por meio da fala racional. Duas participantes se emocionaram bastante ao longo do aquecimento e do solilóquio, revelando por essa via aquilo que ainda não podiam expressar em palavras.

Quando a diretora realizou a proposta de divisão sociométrica em subgrupos, conforme as palavras ditas no solilóquio, as correntes emocionais vivenciadas se revelaram: em um grupo, conteúdo emocional ligado às questões do desenvolvimento pessoal: conflitos no átomo familiar; dificuldade de afirmar-se nas próprias escolhas, desafio de nomear aquilo que é vivido no nível emocional. Apesar de a diretora ter aplicado a técnica do duplo para que pudessem reconhecer o que estavam vivenciando, as participantes permaneceram em silêncio, expressando-se por meio do choro. Ingrid, Laura e Andressa estavam bastante mobilizadas emocionalmente. A participante Ingrid colocou que vem se sentindo constantemente “esquisita” e que o tema do encontro veio ao encontro com uma questão que ela vem trabalhando. Pode-se pensar que a leitura do poema de Moreno, entendido como tema do dia pela participante, ajudou-a a se apropriar e nomear possíveis dificuldades vivenciadas,

como o desafio de reconhecer, nomear e afirmar a si mesma nos diferentes papéis que desempenha.

A participante Laura também revelou ter sentido apreensão por vir ao encontro como única representante do terceiro ano, à medida que sua colega Bruna avisou antecipadamente que não viria. Mas ao final do encontro, revelou que esse desconforto inicial se dissipou e ela pôde sentir mais leveza com tudo o que foi vivenciado. A participante estava bastante emocionada ao longo do encontro e comentou de forma breve, no subgrupo, questões vividas na relação com seus pais. Percebe-se como em um processo grupal, os problemas são convidados a aparecerem e emergem com toda a força do existir, e apesar de estar em foco o papel de estudantes, Laura revelou que os problemas aparecem com a força da verdade do momento e necessidade de cada um, independente da proposta, do foco do grupo.

Por outro lado, o grupo 1, formado pelos estudantes do quinto ano: Jéssica, Isis, Felipe, Aurora e um participante do quarto ano, protagonizaram as dores das vivências acadêmicas e a produção do sofrimento psíquico. Conversaram entre eles sobre as dificuldades vivenciadas ao longo da semana na faculdade e produziram um “grito coletivo”, concretizando dessa maneira as angústias vividas no papel e encontrando uma saída espontânea-criativa para revelar o que era difícil sem aquecimento, no contexto grupal. Apropriaram-se do sofrimento vivido e elaborado posteriormente no compartilhar, em que se mostraram soltos e integrados.

Nessa sessão, o grupo começou a assumir novas configurações sociométricas, em função das correntes emocionais vividas e possibilitando que fossem além da divisão por “salas”, abrindo espaço para uma nova configuração grupal, por maior identificação télica e não somente por pertencerem à mesma sala.

Quando realizaram a troca em subgrupos no palco, o grupo 1 pôde começar a procurar novas respostas aos desafios vivenciados na faculdade, como a necessidade do aprendizado a respeito da organização do tempo das atividades; a busca por escolher um caminho dentro da própria formação, definindo interesses e prioridades, em função da demanda que enfrentam no papel. Nas palavras da participante Isis, “o medo de crescer” constitui-se como o tema protagônico do encontro, e a construção de novas respostas para esse desafio permaneceu como o passo necessário para ensaiarem. Com essa descoberta, o grupo finalizou o segundo encontro.

Em síntese, pode-se afirmar que na etapa do compartilhar os participantes foram convidados a compartilhar livremente o que vivenciaram no encontro do dia.

Felipe relatou a importância da troca que realizaram no subgrupo, em que puderam falar sobre as dificuldades que estão experimentando no quinto ano e essa partilha foi muito positiva para ele. Compartilhou as dificuldades enfrentadas ao longo da semana na faculdade e pediu desculpas para Isis, por tê-la deixado esperando muito tempo para uma atividade de estágio. Isis não respondeu e Felipe continuou seu compartilhar, revelando sensação de incapacidade frente às demandas da faculdade. Aurora, Isis e Jéssica se identificaram com as questões trazidas por Felipe e apresentaram suas próprias. Ao longo de sua fala, Isis comentou que entendia as dificuldades de Felipe à medida que também está sentindo o “peso” do quinto ano. Verificou-se que o “grupo 1”, formado em grande parte por integrantes do quinto ano, revelou o tema protagônico da sessão, ou seja, os medos e angústias vivenciadas nessa fase do curso. A maior parte do compartilhar foi realizada pela fala dos participantes do quinto ano. Ao final, a diretora convidou Laura, Ícaro e Andressa para compartilharem como estavam e eles o fizeram de modo rápido.

As falas revelaram sintomas de sofrimento psíquico relacionadas às vivências universitárias, especialmente as experimentadas pelos estudantes do quinto ano de Psicologia, que protagonizaram o encontro. Os estudantes compartilharam sentimentos de desorganização, de vazio, de medo, principalmente em função dos estágios e dos atendimentos dessa etapa do curso, em que realmente entram em contato com o sofrimento humano e assumem a responsabilidade em desenvolver uma prática de acompanhamento psicoterapêutico de um semelhante. Apontaram também a quantidade de atividades a serem desempenhadas como um fator de desorganização, à medida que não conseguem “estar inteiros” em todos os compromissos e sentem-se atropelados. Ao final do encontro, algumas falas apontaram alívio em terem participado do encontro e a necessidade de buscarem novas respostas frente às situações vivenciadas no curso, especialmente para os alunos do quinto ano.

4.3.1 Terceiro encontro: descrição

Data: 13/04/2017

Participantes: 8 (Anahí, Jéssica, Ingrid, Isis, Bruna, Tadeu, Ícaro, Andressa)

Ausentes: 3 (Felipe, Laura, Aurora).

Duração do encontro: 2h30

Contextualização do Encontro: em função de feriado no dia do grupo (sexta-feira), o encontro foi realizado um dia antes, na quinta-feira pela manhã, conforme combinado no encontro anterior. Os alunos não tiveram aula nesse dia. O encontro estava marcado para as 8h e os participantes chegaram aos poucos; sonolentos e silenciosos. A diretora os aguardou com um café da manhã, que foi aquecendo o grupo e promovendo interação. Felipe e Aurora enviaram mensagens pela manhã que não viriam e todos se divertiram com o fato de eles não terem “acordado para o grupo” (sic). Laura avisou que não viria. O ego-auxiliar também não pôde participar.

Aquecimento inespecífico: a diretora ofereceu um café da manhã aos participantes e apesar de chegarem sonolentos para o encontro, foram descontraindo-se durante o café e começaram a conversar animadamente. Depois que entraram no teatro psicodramático, a diretora propôs uma atividade corporal que teve dois momentos, um primeiro individual, em que cada um pôde “acordar” o próprio corpo com diferentes exercícios; e um segundo em duplas, em que acordaram as “costas” uns dos outros com massagem. O critério para escolha das duplas foi de proximidade espacial naquele momento. O aquecimento inespecífico objetivou realizar um contato maior dos participantes consigo mesmo e com os demais integrantes do grupo, e o trabalho corporal promoveu integração e descontração.

Aquecimento específico: a diretora convidou os participantes para subirem ao palco, caminhando tranquilamente como “estudantes de Psicologia”. Em seguida pediu que escolhessem uma cena vivida na faculdade ao longo daquela semana, solicitando ainda que dessem um título para essa cena. Os participantes caminharam brevemente pelo palco e disseram um título para a cena escolhida:

Jéssica: rejeição

Isis: desafiador

Ingrid: tensão

Anahí: felicidade

Andressa: raiva

Ícaro: grupo

Tadeu: interrogação

Bruna: contato

Foi proposto então que permanecessem em duplas, as mesmas formadas anteriormente, no momento da atividade corporal, e compartilhassem as cenas escolhidas. Essa proposta possibilitou maior interação entre os participantes, que conversaram animadamente. Ao longo da conversa nas duplas, a diretora notou envolvimento de todos. Esse momento durou 10 minutos e na sequência, os participantes foram convidados para se sentarem em círculo, ainda no palco e convidados a contar a cena narrada pelo colega.

O primeiro a compartilhar foi Tadeu (4º ano), que contou a cena de Bruna (3º ano), sua parceira na dupla:

Cena vivenciada no estágio de Psicologia Hospitalar, no terceiro ano:

“Ela contou sobre o estágio de hospitalar que eles estão fazendo as visitas agora, tendo contato com os pacientes, conversar no terceiro ano e ela falou que uma coisa que atraiu muito ela foi o olhar de um paciente que ela chegou lá para conversar trocar uma ideia e ele ficou com um brilho no olhar sabe, um sorriso no rosto quando viu elas, a forma como ele expressou a presença delas lá foi muito verdadeira e sincera sabe? Dele estar feliz e que a presença delas lá de alguma forma melhorou o dia daquela pessoa mesmo que fosse só um pouquinho”.

Em seguida, Bruna narrou para o grupo a cena de Tadeu:

Conflitos nas relações interpessoais na faculdade:

“É a palavra que ele falou foi interrogação né? E a cena que ele falou foi quando ele estava na sala dele e a Joana, eles tiveram um relacionamento né e ela estava indo para sala e aí meio que os dois se toparam e ela virou o rosto e ele também e acabou essa situação meio assim e ele ficou se perguntando porque? Porque pra ele de certa forma incomoda muito ter esse distanciamento não ter esse contato e ele falou assim que com os amigos e ex namoradas ele tem um contato super tranquilo, tem uma amizade muito grande e ele falou que nunca tirou nunca excluiu ninguém da vida dele até hoje independente do que tenha acontecido ...esse tipo de reação dela de virar o rosto não poder falar nada não cumprimentar ele não entende”.

A dupla formada por Isis (5º ano) e Ingrid (5º ano) apresentou as cenas seguintes:

Conflitos nas relações interpessoais na faculdade:

“A Ingrid ela falou tensão, e ela contou de um fato que tem uma pessoa na faculdade que elas não se dão bem né, a pessoa considera ela como uma inimiga por conta de situações passadas que aconteceram e que para a pessoa ela não conseguiu seguir em frente então ela considera a Ingrid como uma inimiga...e essa pessoa está na sala em que a Ingrid é monitora e ela vai é aplicar uma prova para essa sala...eee..aí a cena que veio pra ela é que essa menina pediu para a professora para que a Ingrid não aplicasse a prova nela e aí a cena que veio foi a Ingrid conversando com a professora e a professora falando que a menina pediu para não seja a Ingrid, e ela ficou tensa assim... parecido com o Tadeu de você ter que ver a pessoa todos os dias e pra pessoa ali só faz coisas pra prejudicar tem várias outras situações que a pessoa quer prejudicar ela, então nesse sentido ela vê essa cena de tensão, tensão se ela fosse aplicar, tensão de não aplicar...”

Cena vivenciada no estágio de psicoterapia:

“A Isis falou a palavra desafiador e contou sobre um paciente que ela está atendendo e esse paciente ele é agressivo, mas não no sentido de agressivo entendeu? Ele é um paciente que desafia

tanto ela, eu acho que é um desafio até para o paciente mesmo que está ali eu acho...mas é um desafio muito grande para ela atender ele sabe? Eee ela falou de um momento que aconteceu nessa última sessão que eles tiveram em que o paciente pela primeira vez ele demonstrou emoção, ele deixou o sentimento dele não racionalizou não levou para a mente e tentou fazer alguma coisa para fugir da sessão, ele trouxe essa coisa do sentimento, ela até falou a palavra, desafia a –dor separadamente, que é o que o paciente começou a fazer eu acho...”

Em seguida, Anahí (5º ano) compartilhou a cena de Jéssica (5º ano), e vice-versa:

Cena vivenciada no estágio de Psicologia Organizacional:

“A palavra da Jéssica foi rejeição ela contou sobre o estágio de organizacional que ela foi para uma consultoria esse ano estava tipo totalmente jogada ela, eles, ela fazia projetos, fazia as coisas ela ia mostrar eles falavam “ah vamos deixar para a semana que vem” aí chegava na outra semana não vamos deixar mais... tipo ela fazendo vários projetos várias coisas e eles deixando, deixando, aí teve um momento que eles perguntaram: “ah mas isso aí será que é realmente necessário”? Totalmente ignorando as coisas como se fosse algo, isso porque é algo de consultoria eles ignorando esses projetos...é ela também falou dos horários que chegava lá ela tinha que ficar, porque tem um horário da sala específico? Então ela tinha que chegar pra ficar esperando pra entrar na sala onde ela iria fazer então ela ficava tipo metade do tempo dela só esperando pra poder entrar, aí quando ela entrava e fazia também era ignorado os projetos enfim aí ela chegou e pediu para sair de lá aí ela falou que tem umas duas três semanas que ela saiu, e agora está se perguntando se é uma área que ela quer continuar seguindo porque ela se sentiu rejeitada lá”.

Cena vivenciada no estágio PIBID:

“A palavra que a Anahí falou foi felicidade e ela falou assim que ficou muito feliz por causa de uma vivência do PIBID que ela fez e que as crianças foram muito, as crianças se expressaram é incrível a capacidade que as crianças tem... diferente da gente as crianças tem uma capacidade a mais de se soltar de atuar, de estar ali verdadeiramente, as vezes a gente trava mas as crianças eles entram na verdade, deu um clique e eles estão lá e ela ficou muito feliz assim de ver eles se expressarem foi a primeira vez que ela sentiu uma felicidade ali, com a expressão das crianças...”

E por fim, a dupla formada por Ícaro e Andressa apresentaram as cenas:

Relacionamentos interpessoais positivos em sala de aula:

“Então o Ícaro falou para mim que a palavra dele foi grupo eee ele me falou o grupo porque na semana passada na nossa sala na quinta feira a gente comemorou os aniversários do mês na sala pela primeira vez eee... é comemorou e nesse dia levaram bolo salgadinho teve nossa, colocou muitas musicas tal todo mundo participou né (...) é durante a aula, então o Ícaro falou para mim que naquele dia ele sentiu realmente o grupo que agora a nossa sala é um grupo que ele viu a sala como um grupo mesmo e que agora ele está se sentindo melhor né, mais com ele não com a situação isso né?”

Cena vivenciada em sala de aula, durante atividade de grupo:

“A palavra dela foi raiva eee...nas aulas de grupo a professora ela passou alguns trabalhos que alguns grupos estão fazendo é sobre algumas dinâmicas assim é de aquecimento, de relaxamento, como se fosse um sociodrama só que sem a dramatização, tão direto eee num desses grupos que teve o tema mexeu muito com ela que era...o do grupo do Tadeu...é mas ela não ficou mal com os meninos ela ficou mal com o tema porque é um tema que mexe com ela principalmente na hora que ela recebeu um espelho que ela teve que se olhar um pouco e não sentiu bem na hora que o grupo estava fazendo ela sentiu que estava todo mundo se entregando, menos ela, mas ela já leva essa questão para a terapia faz tempo e está até pensando em fazer duas vezes por semana”.

Quando Ícaro começou a contar sobre a cena apresentada por Andressa, que se passava em sala de aula durante uma atividade vivencial dirigida pelo grupo de

Tadeu, que estava presente no grupo, ele se espantou e perguntou para Andressa: “meu grupo? A colega respondeu afirmativamente, ressaltando que não ficou mal com o grupo dele, e sim sentiu-se mal durante a vivência que realizaram. Tadeu demonstrou espanto, assim como Ingrid; os dois são da sala de Andressa e Ícaro, todos do quarto ano. Quando Ícaro terminou de contar a cena de Andressa, a diretora pediu que os participantes se aproximassem da cena que mais se identificavam, incluindo a própria cena, e formaram-se então duas duplas e um grupo. Anahí estava sentada ao lado de Jéssica e colocou a mão nos ombros da colega, que permaneceu sentada em seu lugar. Isis aproximou-se de Bruna, que também escolheu Isis. Todos os participantes do quarto ano se reuniram em um único subgrupo, aproximando-se de Andressa, que permaneceu em seu lugar. A diretora então perguntou para Andressa se ela gostaria de trabalhar sua cena no palco e a participante respondeu afirmativamente. A diretora ainda sugeriu para o grupo que essa cena fosse dramatizada primeiramente, e que se tivessem tempo poderiam escolher ainda uma segunda cena. Houve concordância de todo o grupo e a diretora então permaneceu junto com Andressa no palco, explicando para os outros participantes que poderiam descer e sentar-se.

Dramatização: foi dramatizada a cena apresentada por Andressa, vivenciada em uma atividade em sala de aula. A dramatização contou com a participação de vários membros da plateia como egos auxiliares. As técnicas do psicodrama mais utilizadas foram duplo, espelho, inversão de papéis, solilóquio e Encontro do Eu grande com o Eu pequeno (CUKIER, 1992, p. 85). As duas cenas, a primeira, vivenciada em sala de aula, e a segunda, vivenciada quando a protagonista tinha seis anos, traziam como temática questões relacionadas à constituição da autoimagem, da autoestima e experiências de rejeição e preconceito em relacionamentos interpessoais. A dramatização iniciou-se com a vivência em sala de aula e aprofundou-se em um psicodrama, em que uma cena vivenciada na infância foi resgatada e relacionada às dificuldades atuais da protagonista. Os integrantes do grupo foram escolhidos como egos-auxiliares e participaram bastante mobilizados da dramatização, desempenhando os papéis elencados pela protagonista com desenvoltura. As cenas apresentadas pela protagonista remeteram a experiências de preconceito e rejeição, revelando um momento de bloqueio da espontaneidade-criatividade que foi relacionado pela protagonista como uma possível matriz de suas dificuldades com a própria autoestima, em se assumir e mostrar-se nas relações

interpessoais, à medida que segundo ela, sentia muita vergonha em se colocar quando está participando de atividades grupais.

Compartilhar: No compartilhar, o grupo estava bastante mobilizado emocionalmente. Após um breve silêncio, a diretora pediu para os participantes que evitassem falar de Andressa, e convidou-os a sentirem e compartilharem como a dramatização vivenciada pela colega os afetava. Isis foi a primeira a se colocar, e estava bastante emocionada:

“É esse drama eu acho que é um drama que todo mundo passou, eu espero que não, mas acho que sim... e eu passei muito disso também, principalmente na minha adolescência por ser fora dos padrões também né (Isis, 5º ano).

A participante compartilhou com o grupo uma cena que viveu na adolescência em que se sentiu discriminada, por ser fora dos padrões nos aspectos físicos, e como essa experiência de preconceito teve forte impacto na sua autoimagem e autoestima. Isis contou que desde essa experiência decidiu-se por afirmar suas potencialidades, buscando destacar-se naquilo em que se considera boa- como ser estudante, namorada, filha e não se afligir mais por questões ligadas à imagem corporal. Contou também que uma dificuldade atual que percebe em sua vida se dá pelo fato de que na faculdade, como estudante, o grupo de sua sala a coloca como melhor aluna, e isso faz com que sofra, pois muitas vezes os colegas pensam que ela não tem nenhum tipo de dificuldade, o que a faz sentir solidão:

“Lá na faculdade eles dão certificado e eu ganhei e eu ganho muito né, também, esse certificado e pra mim foi tão ruim...sabe? Hoje eu já aprendi lidar com ele, ponho ele no lattes...vejo um proveito para ele...mas no começo foi muito ruim...porque as pessoas...pode ser que não, mas eu senti que as pessoas começaram a me ver diferente a partir desse certificado... e assim as pessoas...tem hora que é bom você ouvir ‘nossa como você é inteligente, nossa como você consegue’, mas tem hora que é ruim porque tem pessoas, a pessoa está te fazendo um elogio mas você sente algo tão negativo... e aí desencadeia nos meus complexos de não poder errar... por sempre estar sobre os holofotes das pessoas...” (Isis, 5º ano).

Após sua fala, Isis estava bastante emocionada e silenciou, encolhida no sofá. A diretora agradeceu sua participação e a acolheu, incentivando os demais participantes a se colocarem. Ingrid pediu a palavra, dizendo que sentiu alívio por não ter sido escolhida por Andressa para ser ego-auxiliar da dramatização, pois toda a vivência mexeu muito com lembranças negativas dela, principalmente de quando sentia muito o preconceito das pessoas com relação a ela, durante o Ensino Fundamental II:

“Meu coração tá assim pequenininho sabe? Apertado tá doendo...mil coisas na minha cabeça agora...vendo a situação eu pensei nossa ainda bem que eu não estava em nenhum papel ali dentro...porque nossa...eu sofri muito na minha época de fundamental II, antes assim do colegial ... muito... nossa é horrível sabe? Autoestima é uma coisa que eu não tinha... nada...aí um dia eu decidi mudar...eu falei não, chega... eu dei um não...não quero mais passar por isso na minha vida... e resolvi mudar e tipo quem me conheceu antes quem me conheceu depois fala são duas Ingrids...tipo duas Ingrids completamente diferentes...porque eu mudei muito, muito...mas só que aí eu fiquei muito, nem eu me reconhecia...acabei perdendo também minha identidade...quando eu entrei para a psicologia que eu consegui trabalhar mais sabe? Consegui achar algo mais eu... tentar lidar com a dor que eu sentia e também tentar lidar com o que eu tinha me tornado, que também não era algo que eu gostava...aí estamos aqui tentando...mas lembrar disso é uma coisa que eu não gosto de jeito nenhum eu não gosto procuro não pensar...procuro não pensar...teve uma hora que eu estava aqui e pensei ‘nossa eu vou é rezar ‘pra sair’” (Ingrid, 4º ano).

Ingrid ainda revelou para o grupo o quanto estava emocionada, pois sempre se considerou com problemas de autoestima e a partir da vivência de Andressa pôde reconhecer o quanto vem lutando em sua vida para ser aceita como é nos diferentes grupos de que participa. Ingrid se emocionou e finalizou o próprio compartilhar. O clima era de tensão e forte mobilização emocional, e a diretora respeitou o silêncio da participante e do grupo.

Após um minuto, Tadeu pediu para se colocar, dizendo que estava sentindo raiva, pois toda a dramatização o fez perceber a violência gratuita que perpassa as relações interpessoais e causam dor, diminuindo a autoestima. Além disso, percebeu que a vida em sociedade dificulta a construção de uma autoestima saudável:

“E todo mundo aqui acho que já passou por algum momento...autoestima...acho que todo mundo tem esse problema porque a gente se preocupa muito na sociedade com o outro, o que que o outro vai pensar, o que que o outro vai falar, o que que eu to fazendo o que, o que...como que isso vai ser...porque isso é muito dolorido também porque você fica tentando se enquadrar e para de olhar para si e seguir seu coração, seguir as coisas que você quer, porque você acha que o outro não vai gostar isso me da raiva” (Tadeu, 4º ano).

Tadeu continuou sua fala, compartilhando com Andressa e o grupo que a vivência mexeu muito com ele à medida que sempre teve problemas com autoestima, sofreu muito *“bullying”* (sic) na escola e sempre se sentiu um *“patinho feio”*. Contou que recentemente essa sensação estava muito forte, em função do término de um relacionamento, e que ao longo da vivência pôde perceber o quanto quer se fortalecer e se respeitar sendo como é, aprendendo a gostar de si *“independente dos outros”* (sic). O participante diz que foi muito desafiador ser *“ego auxiliar”* da vivência pois é difícil colocar-se no lugar do outro e sentir o que deve ser dito.

Enquanto Tadeu se colocava, a participante Jéssica pediu licença para sair e ir ao banheiro, causando uma pausa e um silêncio no grupo. Após sua saída, Tadeu

voltou a se colocar e de forma emocionada, disse para Andressa, que é sua colega de sala:

Tadeu: porque a coisa que eu sempre achei mais bonito na Andressa é a cor dela...porque eu sempre achei sua cor muito bonita sabe? Morena sabe? Da cor do pecado? (Tadeu, 4º ano).

Andressa sorriu para Tadeu, estava bem relaxada no grupo, encostada no sofá. Nesse momento, a participante Bruna se colocou, mobilizada com a fala de Tadeu:

“Acho que o Tadeu falou o que eu ia falar...as questões que ela trouxe foi o que me chamou atenção quando eu vi ela, eu achei ela bonita por conta da cor, dela ser morena no caso, o cabelo, eu achei ela linda por conta disso e me comoveu muito isso ter sido um problema na infância e tudo mais, eu achei muito agressivo ééé essas palavras isso que ela viveu, muito agressivo e o tanto que permeou esse tempo todo...a gente não tem noção o tanto que isso afeta né? Acho que é muito sério...o jeito que a gente se coloca para as pessoas...me tocou muito...e eu me identifiquei em algumas partes quando ela fala que se sentiu feia...porque quando pequena eu tinha muito disso eu tinha uns seis anos eu acho eu tinha muito disso...colocava uma roupa nossa não gostava aí por fim eu resolvia não ir e eu ia na igreja e as vezes eu chegava na porta da igreja e pensava não vou entrar porque eu to feia...e aí vinha as meninas que eu estava acostumada, vinham conversar, elas conversavam comigo aí depois de muito custo eu entrava nossa eu tinha muito problema de autoestima também e uma questão que ela trouxe que eu me identifiquei foi essa questão da defesa éé as vezes uma pessoa fala alguma coisa assim que eu não concordo ou que me ofende de alguma forma eu não me coloco da forma como seria adequado as vezes eu falo ‘ah não vou falar isso não, deixa pra depois’ e as vezes eu vou guardando então isso me tocou dessa forma também...” (Bruna, 3º ano).

Bruna comentou ainda que foi a primeira vez que vivenciou um psicodrama e o quanto sentiu-se tocada com a experiência, pela força de Andressa em dramatizar suas experiências e por ter tocado as questões de autoestima dos presentes. Em seguida, o participante Ícaro comentou também o impacto do psicodrama, revelando o quanto foi forte para ele, emocionalmente, participar como ego- auxiliar, pois sentiu como é dolorido para uma criança a vivência de preconceito com cor, raça, peso, estatura, nível socioeconômico. Ícaro relatou também ter vivido “bullying” na adolescência:

“Achei bem importante trabalhar isso hoje...são questões que mexem com a adolescência de todo mundo né? Acho que eu também já passei por isso...quando eu era gordinho assim e cabelo comprido ninguém gostava de mim e não tinha amigo... ou gostava só porque eu jogava bola ...então eu acho que é um drama...foi muito forte” (Ícaro, 4º ano).

O participante Tadeu brincou com Ícaro que na atualidade o “jogo virou” e todos riram muito, pois Ícaro é considerado o aluno “mais bonito da sala” (sic). Ícaro se divertiu com o comentário, que trouxe mais leveza para o clima grupal.

Anahí pediu então a palavra, relatando que percebeu o quanto possui uma criança ferida e traumatizada dentro dela, que precisa ser cuidada e acolhida para que a adulta se desenvolva e não guarde as próprias dificuldades para si mesma:

“Eu sempre fui muito submissa, minha criança foi sempre muito submissa e isso eu fui aprendendo tanta coisa tanta coisa, que hoje em dia me afeta em muitos aspectos assim da minha vida e é por isso que eu falo que eu sinto ódio porque eu não aguento mais ter que lidar com complexos...cada mínima coisa eu sei quando minha criança está agindo dentro de mim...eu sei quando não sou eu, agora Anahí de 22 anos, eu sei quando é Anahí criança eu não sei em que ponto específico da minha criança eu acho que foi tipo desde pequena até a adolescência, tipo, sempre submissa sempre guardando coisa, guardando, guardando, e hoje em dia me afeta muito e eu não to sabendo lidar aí me dá muita raiva quando eu sei que é a criança que está agindo dentro de mim aí eu fico com raiva disso, nossa, não aguento mais isso, então isso me afetou muito” (Anahí, 5º ano).

Contou também para o grupo que sentiu muita raiva ao longo da dramatização de Andressa:

“Ao mesmo tempo que eu queria muito acolher a criança eu também queria bater de frente com quem estava fazendo aquilo pra tipo, acorda, você não está vendo o que você está falando pra essa criança o que que no futuro ela vai ter que ela vai ter que lidar, então foi uma mistura assim, ao mesmo tempo que eu misturei com coisas minhas, e foi essa mistura de querer acolher com muito ódio assim muita raiva” (Anahí, 5º ano).

Quando Anahí terminou de falar, a diretora e o grupo viraram-se para Jéssica, pois faltava somente ela para realizar o compartilhar. A participante então comentou, falando rapidamente, que gostou muito do psicodrama vivenciado e que se identificou com várias questões, principalmente com a fala de Isis. Em seguida, silencia-se, dizendo que não gostaria de falar mais nada. Jéssica parecia tensa e se contraiu no sofá. A diretora agradeceu sua participação e reafirmou que ela poderia compartilhar somente o que fosse possível. Jéssica sorriu, em sinal de agradecimento.

Para finalizar, a diretora voltou-se para Ingrid e perguntou se ela estava sentindo-se bem, pois aparentava ainda cansaço e tristeza. Ingrid disse que iria melhorar e a diretora então perguntou se poderia “fazer um duplo” dela. Ingrid concordou e a diretora sentou-se ao lado dela, dizendo:

Angélica (duplo de Ingrid): eu tenho tanta história...um milhão de histórias mas eu não quero falar agora...ainda bem que eu vou para a terapia...tenho tanto para chorar...ainda bem...tenho muita coisa pra chorar...é muito choro pra chorar...(Angélica, diretora, atuando como ego auxiliar e aplicando a técnica do duplo em Ingrid).

Ingrid chorou bastante após o duplo e o grupo permaneceu em silêncio. A diretora aguardou ao lado dela, enquanto se acalmava e perguntou se ela gostaria de falar algo ou se poderiam encerrar. Ingrid disse que estava sentindo-se melhor e que

ficaria bem. A diretora então voltou-se ainda para Jéssica, perguntando se ela também permitiria a realização de um “duplo” dela. Jéssica concordou e então a diretora também sentou-se ao seu lado, começando:

Angélica (duplo de Jéssica): eu sei o que é ser rejeitada... eu não quero falar mais nada quero ficar quieta (Angélica, diretora, realizando a técnica do duplo com a participante).

Jéssica se encolheu bastante e chorou, a diretora, sentada ao seu lado, lhe deu um abraço e permaneceu com ela por alguns minutos. O clima no grupo era de respeito, acolhimento, intimidade. Os participantes olharam respeitosamente para Jéssica, como que a abraçando com os olhos. Depois que a participante se acalmou, a diretora convidou o grupo para subir ao palco e realizarem um encerramento em círculo, de mãos dadas. Nesse momento, o participante Tadeu perguntou para a diretora:

Tadeu: porque será que a gente não dá conta de falar às vezes? Fico pensando nisso (Tadeu, 4º ano).

Angélica: será que as vezes a gente está muito mobilizado e não dá conta? As vezes é muita emoção e pouco tempo para processar.

Tadeu: ah tá...porque em mim às vezes é vergonha sabe? Eu fico lá com vontade mas tenho medo de parecer bobo...(Tadeu, 4º ano).

Os participantes riram do comentário, o clima tornou-se relaxado e todos subiram ao palco, em clima de despedida, para encerrar em um abraço coletivo.

4.3.2 Síntese temática do terceiro encontro

Tema 1- Conflitos e importância dos relacionamentos interpessoais na faculdade:

Tadeu e Ingrid relataram cenas vivenciadas na faculdade em que apareceram conflitos interpessoais com uma colega e com a ex-namorada. Esses conflitos apareceram como causadores de sofrimento psíquico em função da incompreensão, por parte de Tadeu e Ingrid, dos motivos pelos quais essas duas pessoas os tratavam com tamanha raiva e hostilidade. Por outro lado, Ícaro destacou a importância da amizade entre os colegas de sala, percebida por ele quando ao longo daquela semana se juntaram para comemorar os aniversariantes do mês, ressaltando como para ele, os

relacionamentos interpessoais positivos entre os colegas de sala tornavam o clima grupal mais favorável para a convivência. Ícaro, Tadeu, Ingrid e Andressa, os quatro participantes do quarto ano trouxeram como “cenas marcantes” ocorridas durante a semana na faculdade situações envolvendo colegas de sala, ex-namorada, atividade de grupo em sala de aula, revelando possíveis conflitos interpessoais entre colegas e dificuldade de relacionamentos mais autênticos.

Tema 2- Sentimentos positivos e negativos despertados nas vivências de estágio prático e de observação:

Isis e Jéssica revelaram sofrimento psíquico em função de vivências no contexto dos estágios: Jéssica apresentou a dificuldade que vivenciou na realização do estágio de psicologia organizacional em que percebeu suas propostas de atuação e intervenção rejeitadas pelos donos da empresa do estágio. Isis comentou sobre as dificuldades sentidas por ela ao começar a assumir pacientes em psicoterapia individual, relatando sentir angústia pelo peso da responsabilidade em entrar em contato com o sofrimento humano. Anahí revelou a alegria sentida ao conseguir desenvolver um trabalho de intervenção com crianças, que segundo ela, foi bem-sucedida à medida que as crianças se entregaram e participaram ativamente da proposta. Bruna também revelou a emoção sentida ao entrar em contato com um paciente no contexto hospitalar, em um estágio de observação.

Tema 3- Conflitos despertados pelas atividades vivenciais de grupo realizadas na faculdade:

Andressa revelou para o grupo a raiva que sentiu em participar das atividades vivenciais de grupo com sua sala de aula, que segundo ela, trouxe à tona sua baixa autoestima e a dificuldade de exposição em grupo. A dramatização da protagonista retomou uma cena vivenciada na infância que relacionou com suas dificuldades atuais de autoestima e Andressa revelou o desejo de superação do modo negativo de ver a si mesma.

Tema 4- Experiências de rejeição, discriminação e preconceito vivenciadas pelos participantes durante adolescência

Isis, Tadeu, Ícaro e Ingrid compartilharam terem vivido algumas cenas de preconceito e discriminação durante a adolescência e relataram diferentes modos de lidar com essas experiências. Isis comentou que apesar das rejeições vividas pela sua aparência física, buscou se afirmar em diferentes áreas da vida e hoje exerce grande cobrança em si mesma para não errar em suas atividades acadêmicas. Tadeu

revelou ter sofrido preconceito em função de sua aparência na época do colegial, assim como Ícaro. Ingrid revelou ter identificado algumas experiências de rejeição na época da adolescência que a fizeram sofrer bastante.

4.3.3 Terceiro encontro: processamento

“Porque será que a gente não dá conta de falar às vezes? Fico pensando nisso” (Tadeu, 4º ano).

O sol da manhã parece ter promovido uma tonalidade emocional diferente para esse encontro. A mudança da sessão do grupo para o período da manhã, em um dia que não tiveram aula, de certo modo revelou a disponibilidade dos participantes com o grupo e com a proposta da pesquisa. Diferente da sessão anterior, Andressa foi a primeira a chegar e estava bastante falante. Conversava com Ingrid, Tadeu e Ícaro, na sala de espera. Jéssica também interagia com eles, participando da conversa entusiasmada. Já as participantes Isis e Anahí chegaram silenciosas e durante o café, conversaram pouco.

O trabalho corporal realizado no aquecimento inespecífico promoveu interação entre todos, e apesar de realizarem a atividade em silêncio, o clima passou a ser de intimidade. Quando subiram ao palco como estudantes de Psicologia, os participantes estavam bem à vontade, o que se confirmou na conversa em duplas que realizaram. A interação entre os participantes parecia ocorrer de forma natural e livre.

Ao compartilharem as cenas vivenciadas durante a semana na faculdade, apareceram episódios de alegria e realização com as atividades da faculdade; por outro lado, surgiram cenas relacionadas às experiências de conflitos interpessoais com colegas e a mobilização de dificuldades pessoais durante uma atividade vivencial em sala de aula.

Desde o primeiro encontro, Andressa comentou sobre como se constituía um desafio para ela participar de grupos e atividades vivenciais. Na sessão anterior, estava sem voz e quase não falou, comentando somente que tinha se sentido mal e com raiva em um trabalho realizado na faculdade. Nesse encontro, a participante conseguiu trazer a cena em que tinha se sentido mal: durante a proposta vivencial do grupo de Tadeu, desenvolvida em sala de aula no contexto de disciplina com a temática grupal. A revelação de Andressa parece ter gerado surpresa no grupo, e

todos os participantes do quarto ano escolheram a cena da colega para ser dramatizada. A escolha da protagonista pelo grupo confirmaria algo vivido por todos os participantes do quarto ano, como uma caixa de ressonância, no que tange às dificuldades e aos diversos conflitos nos relacionamentos interpessoais? Ao longo da conversa em duplas, ainda na etapa do aquecimento, todos os participantes do quarto ano referiram-se a cenas vividas na faculdade envolvendo os relacionamentos interpessoais, demonstrando confiança para mergulharem em seus problemas cotidianos: Ícaro comentou o sentimento de que as relações entre os colegas de sala estavam mais amistosas, e que conseguiram comemorar de forma alegre os aniversariantes do mês; Tadeu e Ingrid comentaram sobre um conflito com colega e ex-namorada; Andressa revelou o conflito pessoal vivido durante atividade vivencial.

No início da dramatização, Andressa revelou que tem dificuldade de se olhar e de ser olhada- por isso a vivência em sala de aula a incomodou tanto. Na dramatização, relacionou a raiva sentida no momento da atividade ao fato de ter “baixa autoestima” (sic). A afirmação desse sentimento de menos- valia a faz se lembrar de uma cena vivida na infância em que viveu discriminação e preconceito relacionados a fatores raciais e socioeconômicos, e essa segunda cena foi dramatizada de forma bastante emocionada. Andressa comentou emocionada, ao observar a cena vivida aos seis anos de idade e representada pelos colegas como egos-auxiliares:

“Eu não era uma menina ruim... eu só queria brincar...” (Andressa, 4º ano).

Ao longo do compartilhar, os participantes foram identificando e revelando como a cena protagonizada por Andressa os afetava, e diferentes experiências de preconceito e discriminação foram compartilhadas pelo grupo.

Isis compartilhou sua dificuldade atual em ser a melhor aluna da sala: sua fala marcada pelo choro permitiu que contasse para o grupo como se sente solitária e sobrecarregada pelo fato de *não poder errar*.

Ao se colocar, Ingrid também fez emergir um aspecto interessante da sociometria do grupo: por não ter sido escolhida para participar da dramatização como ego auxiliar, à medida que os outros dois colegas de sala foram convidados por Andressa para subirem ao palco, pode ter entrado em contato com sentimento de rejeição nas relações sociais? Ingrid não foi escolhida por Andressa, e esse

sentimento pode ter traduzido o status sociométrico que ocupa na sala de aula: o quanto sente-se escolhida pelos colegas e integrada ao grupo?

“Vendo a situação eu pensei nossa ainda bem que eu não estava em nenhum papel ali dentro...porque nossa...eu sofri muito na minha época de fundamental II, antes assim do colegial muito”. (Ingrid, 4º ano).

Desde o primeiro encontro, Ingrid vem tentando traduzir-se e entender-se: comentou com o grupo que se sente “esquisita” na maior parte do tempo, mas ainda não sabe explicar o motivo. No segundo encontro, mostrou para o grupo grande sofrimento, e disse não conseguir falar de si mesma quando necessita e que muitas vezes se cala e isso a faz sofrer. No terceiro encontro, retomou uma cena de rejeição vivenciada com uma colega de faculdade que provocou dor e angústia, demonstrando um movimento de busca e de compreensão de si mesma nas relações que vivencia.

Anahí retomou a “criança submissa” (sic) que sente carregar dentro de si e que na percepção dela, precisa muito ser acolhida, cuidada, para ser superada. A adulta precisa cuidar da criança submissa para sentir-se livre e não guardar somente para si aquilo que dói, que faz sofrer.

Tadeu, o colega responsável pela atividade vivencial que desencadeou a raiva sentida por Andressa na sala de aula, foi escolhido pela protagonista para fazer o papel dela. Tadeu comentou no compartilhar o quanto sentiu raiva ao longo da dramatização, ao se dar conta do nível de violência que perpassa as relações sociais e diminui o potencial espontâneo-criativo e a autenticidade das pessoas. Ao final, questionou a diretora sobre porque aparece a dificuldade de fala e quando ouve a resposta da mesma, revela a si mesmo:

Tadeu: ah tá...porque em mim as vezes é vergonha sabe? Eu fico lá com vontade mas tenho medo de parecer bobo...(Tadeu, 4º ano).

A vergonha sentida em situações de exposição de si mesmo nas relações interpessoais pareceu se revelar, e a dramatização da cena permitiu que os participantes, à própria maneira, se remetessem às próprias dores vivenciadas nas relações interpessoais e que geraram vergonha e sentimento de rejeição, assim como momentos em que não se sentiram aceitos e escolhidos pelos outros.

Tadeu comentou a vergonha que sentiu muitas vezes quando precisou se colocar e acabou optando por se calar, por medo de parecer “bobo” (sic); Ingrid

começou a falar sobre as dores vivenciadas nas relações em sua época do Fundamental II, em que vivenciou experiências de discriminação e preconceito; Bruna trouxe a vergonha que sentia de si mesma quando era criança; Ícaro falou sobre situações de discriminação vivenciadas na escola durante a adolescência. Anahí retomou a criança submissa que parece carregar dentro de si e que gostaria de superar para sentir-se mais livre. Isis também retomou sua adolescência e algumas experiências de discriminação vivenciadas nessa época, mas se emocionou ao falar de seu complexo atual de “não poder errar” (sic). No começo da sessão, Jéssica compartilhou o quanto vinha se sentindo rejeitada por profissionais da empresa em que estava realizando o estágio de Psicologia Organizacional e ao final do encontro, se emocionou bastante após o duplo realizado pela diretora, em que foi colocado o termo “rejeição”, que pode ter evocado os sentimentos decorrentes da experiência de não ser escolhido, de ser rejeitado, como ela pareceu se sentir após sair da empresa em que estagiava.

Nesse espírito de dor, marcado pela colocação dos próprios problemas e dores por parte dos participantes e busca de respostas, finalizamos a terceira sessão. O grupo despediu-se de forma afetuosa e o clima era de intimidade e amorosidade. Juntos, compartilharam e nomearam diferentes vivências desafiadoras, que incluíam feridas pessoais antigas; que foram suscitadas pela necessidade de encontrarem novas respostas às novas situações vividas no contexto de formação profissional.

4.4.1 Quarto encontro: descrição

Data: 19/5/2017

Participantes: 7 (Ingrid, Tadeu, Andressa, Aurora, Ícaro, Bruna, Jéssica)

Ausentes: 4 (Anahí, Isis, Felipe, Laura).

Duração do encontro: 2h30

Contextualização: após 1 mês de pausa dos encontros do grupo, em função de feriado nacional, viagem da pesquisadora para congresso de Psicodrama e exame de qualificação do doutorado, as sessões foram retomadas nesse dia, no mesmo local e horário previamente combinado com o grupo. A diretora marcou a retomada do grupo pelo aplicativo whatsapp, enviando mensagem aos participantes cinco dias antes do dia em que seria realizado o quarto encontro. As participantes Laura, Isis e

Anahí retornaram a mensagem avisando que não poderiam participar. Felipe não retornou a mensagem e não avisou que faltaria. Assim, estavam presentes 7 dos 11 participantes. Bruna (3º ano) foi a primeira participante a chegar ao encontro, seguida por Aurora (5º ano). Acomodadas na sala de espera, enquanto aguardavam a chegada dos demais participantes, comentaram com a diretora “estarem felizes” pela retomada do grupo. Ícaro (4º ano) foi o terceiro participante a chegar e assim que entrou na sala de espera, cumprimentou a diretora alegremente e realizou perguntas sobre o congresso que a pesquisadora havia participado, demonstrando interesse em participar de próximos eventos da área. Quando Andressa, Ingrid, Jéssica e Tadeu chegaram, juntos, a diretora convidou todos para entrarem no teatro psicodramático e darem início ao encontro. O clima era de descontração e retomada, recomeço.

Aquecimento inespecífico: Jéssica, Ingrid e Ícaro estavam mais animados e puxavam conversa com os colegas e a diretora. Aurora e Bruna estavam mais silenciosas e observavam a conversa dos demais. Logo que o grupo se acomodou no teatro, Jéssica disse que tinha vindo “preparada para viver um Psicodrama”. Todos riram e Tadeu então comentou que estava com “saudades” do grupo e que estavam faltando 3 pessoas. A diretora explicou que Laura havia enviado mensagem particular, pelo aplicativo whatsapp, avisando que não viria. Perguntaram ainda de Felipe, Anahí e Isis e a diretora comentou que somente Felipe não comunicou sua ausência. O clima no início era de dispersão. Ícaro e Tadeu estavam sentados um ao lado do outro e conversavam em voz baixa. A diretora começou então dando boas-vindas aos participantes e pedindo para que comentassem como haviam passado ao longo desse 1 mês, para se aquecerem. Ingrid então pediu para a diretora contar sobre o congresso e por alguns minutos, houve um breve compartilhamento sobre o congresso de psicodrama. Na sequência, a diretora convidou os participantes para falarem livremente como estavam se sentindo em retornar para o grupo e como haviam passado no tempo que permaneceram sem realizar os encontros. Dirigiu-se especificamente para Andressa, perguntando como ela havia se sentido após o último encontro, em que havia sido protagonista, pois seria importante ela contar para o grupo como havia ficado após a dramatização. A participante estava bem encostada no sofá, com as pernas estendidas no palco, relaxada e em uma postura observadora. Começou sua fala comentando com o grupo que “estava com preguiça” de vir ao encontro, mas que depois que chegou sentiu-se bem. Andressa comentou ainda que apesar de o grupo não ter se encontrado ao longo do mês, o grupo do quarto ano

realizou muitas “vivências sociodramáticas” em sala de aula e portanto, não “deixaram de falar desse tema”:

“Assim hoje me deu um pouco de preguiça, assim, eu estava querendo vim mas assim acho que por causa do tempo de chuva, mas a hora que chega aqui... a hora que eu chego aqui é bom, bom tá aqui, mas mesmo que a gente ficou esse tempo sem o grupo na nossa sala tá tendo técnicas de grupo então não deixamos de falar disso entendeu né? Toda quarta tem as vivências então ainda está bem presente em nós, pelo menos na nossa sala, a gente está vivendo muitas vivências” (Andressa, 4º ano).

A diretora perguntou para Andressa se ela já havia aplicado a própria vivência e Andressa respondeu que sim e que o trabalho havia sido ótimo. A diretora então explicou para o grupo que Andressa havia mandado mensagem “no privado” do WhatsApp solicitando auxílio para realização da atividade e que por esse motivo estava querendo saber o resultado. A participante então compartilhou com o grupo:

“Eu conto...éééé....fui eu que sugeri o tema, na época...é, metade do grupo quis e a outra metade do grupo não quis, metade do grupo queria amor e o outro queria 5 sentidos, aí deu um pouco de atrito no grupo em si, mas aí a gente conversando o que tinha a cara do nosso grupo era mesmo o amor, então, a gente sempre esteve no papel de estar vivendo a vivência, é diferente você conduzir uma vivência, é muito diferente estar fora, e é muito difícil fazer uma vivência, gente dá muito trabalho sabe? E tem que ter muito cuidado, então a gente pensou em cada parte com muito cuidado mesmo, porque a gente sabia que podia suscitar diversas emoções na hora” (Andressa, 4º ano).

A participante Ingrid, que é da sala de Andressa, a interrompeu nesse momento, dizendo:

“Eu chorei o tempo todo” (Ingrid, 4º ano).

Andressa continuou sua fala explicando como o seu grupo da faculdade preparou a vivência sobre o tema do amor universal e que todos da sala elogiaram muito o trabalho deles, inclusive a professora, o que teria suscitado um sentimento de realização no grupo. Todos escutavam atentamente a participante:

“É nós tiramos todas as carteiras da sala, fizemos cantos, com almofadas assim...A professora a hora que entrou na sala ela falou: “gente o que vocês fizeram?” ” Suscitou muita coisa... aí no aquecimento específico foi música romântica só para cantar porque a nossa sala nós sentimos que brincar não era muito o que a sala estava querendo mais sabe? Todas as os vivências tiveram brincadeira, não a gente saiu um pouco disso. Aí foi isso a gente pensou, na hora da vivência a gente falou um pouco desse amor universal, então para pensar desde quando era bebe, falamos dessa falta de amor, dessas questões, agora pensa numa cena, aí foi para o soliloquio...foi muito bom...assim nós pensamos em cada detalhe e escutar o compartilhamento também foi satisfatório, assim não sei como cada um saiu de lá, mas eu falo por mim sai assim sabe, parece que com um dever cumprido sabe? Parece que era o que eu tinha pra levar pra sala, aquele cuidado... a gente tinha acabado de sair de

uma vivencia que não tinha dado muito certo e aí foi muito bom. Não sei como cada um saiu de lá mas...a gente tentou acolher todo mundo que estava lá...e foi isso” (Andressa, 4º ano).

Após esse relato sobre a atividade vivencial realizada na sala de aula, que a deixou visivelmente animada, Andressa comentou sobre o seu protagonismo, vivido na última sessão. De forma breve, compartilhou com o grupo que tinha ficado muito bem e sentindo-se leve, e que tinha esgotado o tema no palco, não pensando mais no assunto. A diretora devolveu para Andressa que a estava percebendo mais livre, mais solta para se colocar e a participante concordou, dizendo, entretanto, que estava “cansada” de participar de vivências. Nesse momento, a participante Jéssica pediu para sair da sala, causando espanto no grupo e provocando alguns instantes de silêncio. Andressa retomou sua fala afirmando que está sentindo sua sala “cansada” de fazer vivências:

“E como está tendo muita vivencia a nossa sala parece que está desaquecendo...não dá essa impressão? Parece que a gente não quer mais? Todo mundo na hora que vai compartilhar fala “ah eu não queria vir hoje” (Andressa, 4º ano).

E Tadeu, que também é do quarto ano, imediatamente se colocou:

“É medo de enfrentar né...o pessoal não quer enfrentar...no começo o pessoal estava ainda...acho que o pessoal estava ainda mais desaquecido aí agora como já está, tem uma sequência aí, o pessoal acho que está ficando mais aquecido, então é muito difícil você chegar lá e não entrar, não se envolver porque mesmo se você ficar lá parado e não falar nada você tá ali no meio né tá acontecendo você tá se envolvendo então eu acho que o pessoal chega...apesar que o pessoal fala muito que não queria ir mas eles vão....ééé tem um ou outro que tá faltando assim toda quarta feira pra não ir só que...mas o pessoal vai e aí aquece muito e aí depois reclama, mas fica esperando o próximo também...eu vejo que as vezes tem uma resistência pra entrar no problema mesmo não deixar vir porque tem vergonha, esse negócio de chorar no meio da sala, ou de falar das coisas” (Tadeu, 4º ano).

Ao que Ingrid respondeu com ênfase:

“Ah eu choro mesmo...” (Ingrid, 4º ano).

Tadeu continuou afirmando que percebia um resultado melhor nas vivências quando havia formação de subgrupos:

“Eu acho que quando forma subgrupos dentro do grupo todo tem um resultado melhor eu to vendo isso na sala também, das vivencias que tiveram que junta alguns pequenos igual teve na de vocês também né que a gente juntou com o sentimento que a gente trouxe soliloquio então aí eu acho que é mais fácil que as pessoas se abrem mais...mas tá sendo ótimo” (Tadeu, 4º ano).

Andressa então voltou a se colocar, concordando com Tadeu dessa vez, apesar de ter afirmado que estava “desaquecida das vivências”:

“Ah sim, e é o ano inteiro” (Andressa, 4º ano).

Um breve silêncio se fez na sala. Tadeu e Ingrid olharam para a diretora sorrindo, Jéssica já havia voltado para a sala e acompanhava a discussão sorrindo. Bruna estava totalmente silenciosa observando o grupo. A diretora então quebrou o silêncio, perguntando quem mais gostaria de compartilhar como passaram o mês. Tadeu então retomou sua fala:

“Eu to bem com isso, com essas vivencias e tal, eu estava sentindo falta de vim aqui, apesar que eu sei que foi uma pausa boa até porque você foi lá né e como você está dirigindo aqui a gente, acho que você volta com uma bagagem diferente com uma consciência maior....e eu to tranquilo essa semana eu to mais...to meio assim preguiçoso meio na minha assim” (Tadeu, 4º ano).

O participante continuou compartilhando com o grupo que está cansado pois viajou muito e para diferentes lugares no último mês, para ir a um funeral e também para ir ao médico em São Paulo, portanto está sentindo-se cansado, desanimado da faculdade e que passou a última semana “tocando violão e jogando vídeo-game”, para “desestressar”, apesar de ter muitas atividades da faculdade para fazer, não conseguiu se mobilizar para realizar nenhuma. Tadeu brincou que está se dando férias e Ingrid o lembrou que precisavam fazer um trabalho juntos. Os dois riram e o grupo permaneceu em silêncio, em um clima de falta de intimidade, integração. Ingrid brincou com Tadeu que poderiam fazer de forma relaxada o trabalho desse professor e o colega sorriu para ela, silenciando-se. Ocorreu um silêncio breve e a diretora agradeceu a fala de Tadeu, que ainda disse, finalizando sua fala e mobilizando os comentários de seus colegas de turma:

“Mas a vivência delas foi bem forte também...e é bem aquela coisa eu estava muito aquecido na vivencia de vocês entendeu? (vira-se para Andressa) Até comentei com o Ícaro...eu estava assim ô, querendo falar...aí chegou uma pessoa no grupo aí eu desanimei...(risos), desaqueci sabe...parece que chegou aquela pessoa e eu desaqueci...(Tadeu, 4º ano).

Ingrid: comigo aconteceu a mesma coisa...foi a mesma coisa...e é a mesma pessoa...

Tadeu: aí eu estava assim eu já estava prontinho para falar...comecei...a professora tinha acabado de falar porque ela estava no nosso grupo

Andressa: porque a professora entra no meio

Tadeu: é...aí eu comecei a falar assim eu ia falar uma coisa aí ele já chegou e eu travei (risos)

Ingrid: comigo foi a mesma coisa, eu não falei, eu fiquei muda

Angélica (falando com Tadeu): te inibiu? A pessoa te inibiu? Porque não é próxima de você?

Tadeu: é...só que aí o Ícaro também falou e aí foi bom pra mim escutar o Ícaro falar porque de certa forma o Ícaro deu voz a alguma coisa que eu queria ter dado voz então de certa forma foi bom escutar...

A diretora, então, comentou com os participantes que uma das dificuldades dos grupos se dá justamente por conflitos não trabalhados entre os participantes e os estudantes permaneceram em silêncio, por quase um minuto. A participante Ingrid então começou a se colocar, dizendo estar muito cansada e que muitas coisas aconteceram com ela ao longo do mês em que não houve encontros do grupo, e que por esse motivo chorou muito na vivência realizada pelo grupo de Andressa:

Ingrid: aconteceu muita coisa que, de certa forma eu não soube lidar e quando eu não sei lidar com algo eu fico introspectiva, por isso que na vivencia eu só chorei, só chorei, do começo ao fim, sai chorando, chorei em casa, chorei mais, fui para a terapia chorei de novo (risos)...e sei lá tá acontecendo um monte de coisas, em todos os sentidos até da faculdade, no estágio e eu to confusa então...eu não sei elaborar o que eu estou sentindo não...só to cansada (Ingrid, 4º ano).

A participante fez uma pausa e continuou comentando como está se sentindo cansada e “fugindo de tudo” o que aconteceu a ela e que precisaria enfrentar, mas que não está sabendo lidar com seus sentimentos. A participante falou de si mas sem revelar os acontecimentos que a deixaram tão “cansada”, “fugindo” e com dificuldade de lidar consigo mesma. A diretora então comentou com Ingrid que estava a percebendo cansada, mas que ela ainda não parecia sentir-se à vontade para falar sobre o tema. Ingrid concordou e brincou que precisava ir para sua cidade natal, pois estava sentindo necessidade de “colo de mãe”. Comentou ainda brevemente sobre um relacionamento que está iniciando e Tadeu interferiu quando a participante fez esse comentário, dizendo para Ingrid que ela está insegura “por nada” (sic).

Andressa e Ícaro, também do quarto ano, permaneceram totalmente em silêncio. Ingrid ainda comentou com o grupo que resolveu pedir mudança de orientador de TCC em função das dificuldades de relacionamento com sua orientadora. Ao que Jéssica, do quinto ano, respondeu: “que bom, é um começo” (sic). Ingrid sorriu e após o questionamento da diretora, Jéssica explicou que tem a mesma orientadora de Ingrid e a relação com a mesma é bem “complicada” (sic).

Após esse momento, o grupo voltou a ficar em silêncio e um clima de estranhamento e de falta de espontaneidade continuava. Jéssica, do quinto ano, olhou para Ícaro e disse: “você falou que iria falar primeiro então pode falar”; ao que o participante replicou: “você já começou então pode continuar”. Os dois riram e o grupo

permaneceu em silêncio por mais quase um minuto. Tadeu se levantou e fez um “carinho” na perna de Aurora, que estava bastante silenciosa e não disse uma palavra durante todo o encontro. Tadeu estava sentado próximo a Aurora e perguntou se ela estava sentindo-se bem, ao que a participante respondeu afirmativamente, sorrindo para o colega de grupo.

Ingrid então comentou com a diretora que estava sentindo o grupo tenso para falar. A diretora respondeu que estava sentindo o mesmo, que estava notando um desaquecimento no grupo, ao que Ingrid complementou:

“Hoje tá todo mundo assim óó “não quero ser protagonista”...a gente estava numa discussão dentro do carro que ninguém queria ser protagonista... Mas nem é pela questão do grupo...é medo de acessar o que a gente sabe que está aqui dentro”...(Ingrid, 4º ano).

Ingrid, Jéssica e Ícaro vieram juntos para o encontro, “de carona” no carro de Jéssica. Logo após a fala de Ingrid, a participante Andressa respondeu, em tom de brincadeira e gerando descontração:

“Eu não estava com medo não eu já fui”... (risos).

Ingrid e Andressa riram juntas e seguiu-se novamente um silêncio de um minuto. A diretora então comentou com o grupo que estavam desaquecidos para um protagonismo, em função da pausa de um mês nos encontros, e por isto estava propondo que se colocassem no contexto grupal, a fim de criar uma oportunidade para reconhecerem como cada participante estava retornando para o grupo. Tadeu comentou brevemente que gostaria que tivesse um protagonismo, apesar de ele achar que não era ele, e todos riram muito. Jéssica então se colocou:

“Agora eu vou falar...eu não fiquei com medo do protagonismo, mas na verdade eu fiquei pensando assim eu não quero ser protagonista mas eu queria que tivesse um protagonismo entendeu?” (Jéssica, 5º ano).

Todos riram bastante e o grupo se descontraíu. Jéssica continuou dizendo que estava sentindo falta do grupo e que se sentiu animada por voltar:

“Nossa estava com muita saudade, estava esperando muito voltar, teve uma semana, que eu não sei qual semana que foi, mas que eu fiquei mal, aí eu fiquei pensando assim nossa tinha que ter ido no grupo, tinha que ter tido grupo essa semana, que as vezes eu não teria ficado mal né, mas sem querer a gente assimila desse jeito né? Eu não sei mas eu sinto...agora eu vou falar hein...eu sinto que aqui é como se fosse uma terapia entendeu? E as vezes eu falo para as pessoas e as pessoas falam que não, que não é terapia, que eu tenho que procurar uma terapia e tal, que é um trabalho e tal...tá eu sei, mas eu sinto que é uma terapia porque eu to falando de mim e eu acho que em todo momento

que eu tiver falando de mim, olhando pra mim é terapêutico... então eu sinto que é uma terapia, e eu sei que eu preciso muito então eu gosto muito de vim, estava ansiosa pra vim” (Jéssica, 5º ano).

A participante continuou contando como estava se sentindo constantemente ansiosa, à medida que muitas questões da faculdade estão gerando “stress” nela, com relação a vivências nos estágios, especificamente, no estágio de Psicologia Organizacional que se desligou recentemente. Como Jéssica já havia apresentado essa experiência na última sessão, que, entretanto, não foi escolhida pelo grupo para ser trabalhada dramaticamente, a diretora perguntou se ela gostaria de comentar o que havia acontecido no estágio. A participante respondeu:

“Eles me chamaram para fazer estágio na empresa, me falaram que a empresa queria muito tal e a gente elaborou projetos e aí por exemplo, eu chegava lá eu não podia entrar, eu ficava esperando uma hora, uma hora e meia lá fora pra fazer meu estagio e aí eu entrava e aí eu fazia tipo sabe estagiário que faz o que ninguém mais faz?” (Jéssica, 5º ano).

Jéssica relatou ainda as dificuldades que vivenciou na relação com uma funcionária da consultoria em que estagiava, que não permitia que ela implementasse “nenhum projeto” como estagiária:

“Ela me colocava pra imprimir folha, me colocava pra telefonar pras pessoas pra dar retorno, entendeu? E eu queria fazer o projeto que a gente tinha combinado de fazer né...aí eu começava a pedir o projeto, mas não dava certo, a pessoa desviava e aí chegou num ponto que eu fui ficando muito mal sabe? E fui percebendo que a gente não estava fazendo nada, nada do que a gente tinha planejado aí eu pedi essa reunião pra falar pra eles que estava muito ruim o estágio pra mim que eu tava tipo sentindo que eu era muito, muito mal tratada sabe? Eles combinavam as coisas e depois descombinava aí eles fizeram isso né...” (Jéssica, 5º ano).

A participante relatou ainda que quando foi conversar com os diretores da consultoria, os mesmos disseram para ela “*tomar cuidado com a própria agressividade*”, o que culminou em seu desligamento da empresa. Jéssica disse que desde então sente-se incompreendida, injustiçada, e que tem muitas dúvidas se “serve” para atuar nessa área, à medida que se encantou com a mesma desde o quarto ano e seguiu realizando o estágio, mesmo não sendo obrigatório. Mas que não gostaria de trabalhar essa cena no palco. A diretora acolheu o comentário e respondeu para Jéssica que talvez, em outro momento, ela e o grupo poderiam estar mais preparados para ela vivenciar essa experiência no palco. Jéssica agradeceu e sorriu para a diretora.

A participante Bruna então começou a se colocar, revelando como se sentiu durante o período de pausa do grupo:

“Nesse período eu senti muita falta daqui, como a Jéssica falou aqui pra mim é uma terapia, eu não to fazendo mas aqui eu sinto como se fosse, foi um período tenso porque...quando parou estava em semana de prova, e na semana de prova minha avó faleceu foi muito ruim, véspera de prova, foi muito ruim mesmo porque minha avó ela representava a figura de mãe tanto pra mim acho que pra família toda e depois disso...todo mundo sabe que a família vai se separar depois disso depois que ela morreu porque era o único motivo que a gente se juntava era pra ver ela depois disso ninguém vai se ver mais tipo ir na casa um do outro sabe?” (Bruna, 3º ano).

A participante continuou compartilhando com o grupo as questões familiares vivenciadas após a perda da avó e o grupo a escutou atentamente. Bruna falou rápido e sem pausas e quando finalizou, comentou com o grupo que ainda era difícil para ela se colocar, pois sentia “vergonha”. Aurora disse que a “entendia” e os demais permaneceram em silêncio.

Os últimos a compartilharem como passaram no período de pausa do grupo foram Ícaro e Aurora. Ícaro contou para o grupo que estava bem na faculdade e que no último mês teve muitos conflitos com sua namorada, mas que ainda era difícil para ele falar sobre isso, reafirmando que já estava melhor. O grupo silenciou e após um minuto, todos olharam para Aurora, que ainda não havia se colocado. A participante então comentou com o grupo:

“Me desculpe ficar adiando minha fala to meio silenciosa esses tempos então...” (Aurora, 5º ano).

A diretora retornou para Aurora ficar tranquila e falar somente daquilo que se sentia à vontade. A participante estava abatida e cabisbaixa, ao longo de toda a sessão, mas continuou compartilhando com o grupo:

“Inclusive eu to meio atemporal essa semana, to sentindo o tempo de maneiras diferentes então...não to indo na faculdade, to acordando qualquer horário, não to conseguindo acordar e sei lá não tem cronologia não to conseguindo sentir cronologia e não vejo isso como algo negativo não, não é por estar mal..é por querer estar do modo como é pedido para a gente estar sabe? Nessa rotina acelerada, nessa sociedade que pra mim as vezes é muito doente sei lá talvez é até um mecanismo meu as vezes inconsciente meio consciente-inconsciente que faz meu corpo meu sentir ficar assim atemporal e sei lá está sendo difícil estar aqui sabe? Estar na realidade que eu to inserida mas não que seja ruim viver assim, só acho que...precisa de mudança, mas acho que é difícil saber por onde começar...(risos) eu to falando tudo meio embolado mesmo porque eu to pensando demais....ééé ...acho que é isso assim, eu... estudo, ééé, e a coisa pratica do dia a dia pra mim não tem sido prioridade, não mais do que encontrar sentido pra isso tudo pra vida, éé minha razão principal (risos).... não sei...acho que é isso... até eu faltei da faculdade a semana inteira quase...não porque eu queria mas porque eu não consegui ir...” (Aurora, 5º ano).

Quando Aurora interrompeu sua fala, o participante Tadeu se manifestou imediatamente, mobilizado pela fala da participante:

“E eu acho que ela falou também é que essas coisas não são vistas né? Porque parece que você não está fazendo nada e as pessoas te julgam e aí você fica até se sentindo mal por estar se respeitando desse jeito...é engraçado porque ela fala e eu compartilho muito do pensamento dela, do sentimento também, acho que por isso que antes dela falar, desde o começo eu estava olhando pra ela estava me sentindo muito conectado sabe? Até perguntei pra ela se ela estava bem porque estava muito forte aqui...e uma coisa que eu penso muito também, que é bem presente em mim essa coisa de, meu tempo, de ‘ah não to a fim de fazer isso agora’ e ter que, ter que acordar cedo, ter que fazer tal coisa tal hora, é muito maçante né, ainda mais o 4º ano assim, eu não sei como que é o 5º, mas tá sendo mais maçante ainda tem coisa pra fazer toda hora e aí você não pode ter o seu tempo, igual eu falei de tocar um violão ou jogar um vídeo game, você não tem tempo pra isso você faz isso você tá ferrado” (Tadeu, 4º ano).

Ao que Aurora respondeu, em continuidade à fala de Tadeu:

“Não né, é tipo isso, ninguém te pergunta como é que está, ‘e seu TCC’, e ‘você vai se formar e ninguém te pergunta como você está?’ (Aurora, 5º ano).

A discussão apresentada por Tadeu e Aurora mobilizou o grupo, e Tadeu ainda comentou sobre a quantidade de faltas que possui em uma matéria porque a professora não permite “cinco minutos de atraso”. O grupo se agitou falando dessa professora e em meio ao burburinho, a participante Bruna, do terceiro ano, pediu a palavra:

“Com tudo assim que ela falou, a gente é obrigado assim a fazer muita coisa...a gente acabou assim de sair de semana de prova e já tem mil coisas pra fazer...tanto assim que no dia que minha avó morreu no outro dia assim a gente tinha aula, porque não ia ter prova a professora deu aula normal eu não queria ir, tinha que entregar trabalho, não queria, fui totalmente obrigada é muito ruim isso porque eu não estava me respeitando, a gente tem que passar nossos limites pra ter nota acho que não só na faculdade mas em tudo, é muito isso que ela falou mesmo...é meio que a gente vai contra, a gente estuda pra entender que assim a gente não deve fazer isso, a gente deve nos respeitar mas ao mesmo tempo eles cobram isso...então é muito ruim...” (Bruna, 3º ano).

A participante Aurora complementou:

“Mas é isso, é muito difícil quem acredita nisso é muito fácil falar nas teorias, é muito bonito isso, ‘respeite a individualidade de seu paciente’, respeite as pessoas, mas na própria rotina da nossa faculdade e na vida, você tem que ter muito papel e muita postura assim dura...” (Aurora, 5º ano).

O grupo se agitou bastante e começaram a falar ao mesmo tempo sobre as contradições do curso de Psicologia, que propõe ao mesmo tempo o “respeito ao ser humano” e em paralelo exige um ritmo de alta produtividade de tarefas e aulas para os alunos. Os participantes concordaram uns com os outros e se agitaram; como o tempo do grupo já estava quase esgotado, a diretora entrevistou e propôs, dado que todos já haviam se colocado, que seria interessante se pudessem subir ao palco para realizarem o encerramento. Os participantes concordaram e imediatamente tiraram os

sapatos e subiram ao palco, descontraídos e falantes nesse momento. O clima de descontração apareceu e mostraram-se soltos uns com os outros.

Aquecimento específico: após verificado que o aquecimento inespecífico havia atingido o objetivo de criar maior proximidade dos participantes de si mesmos e dos integrantes do grupo, a diretora sugeriu que os participantes caminhassem pelo palco, percebendo como estavam se sentindo e retomando frases, palavras, que foram ditas no contexto grupal. Pediu ainda que cada um resumisse em uma palavra o que estavam anteriormente dizendo; que traduzissem em uma palavra o que compartilharam individualmente. Em seguida a diretora pediu que os participantes escolhessem uma almofada para representarem essa palavra e que permanecessem em círculo, com a almofada na frente e sem darem as mãos, somente observando uns aos outros.

Dramatização: a diretora propôs um jogo dramático de inversão de papéis dos participantes com as palavras-chave. A ego auxiliar participou do jogo dramático repetindo a mensagem que cada palavra havia dado aos participantes, sendo utilizada a técnica do espelho. Com os participantes em círculo e as almofadas no chão, de diferentes cores, se observavam e sorriam. A diretora então pediu que se apresentassem com a palavra escolhida, dizendo quem eram e que isso traduziria como cada um estava retornando para o grupo. As palavras ditas pelos participantes foram:

Andressa: crescimento

Ícaro: desafio

Jéssica: ser

Tadeu: intensidade

Ingrid: perda

Bruna: tensão

Aurora: solidão

A diretora então propôs que os participantes trocassem de lugar com as almofadas e no “papel” das mesmas, enviassem uma mensagem para seu “portador”, o dono da palavra. A instrução dada aos participantes foi: “o que essa palavra veio dizer para você”? Aos poucos, foram se colocando, e conforme terminavam a

mensagem, o ego auxiliar fazia um espelho de cada um, de modo que todos ouviram o que “sua palavra” teria vindo dizer como mensagem:

Aurora (como solidão, falando para Aurora): “que ela pode ser...que eu sou uma boa companhia, pra ela desenvolver mais autoconhecimento, se conhecer mais, ter mais coragem de viver, e de se abrir...”(Aurora, 5º ano).

Tadeu (intensidade): “que intensidade pode ser pesada mais mas é muito melhor ser intenso do que ser superficial, ele só precisa aprender a ser intensidade, a lidar com ela” (Tadeu, 4º ano).

Jéssica (ser): “que ser é muito diferente de estar, toma cuidado com o que você é, com o jeito que você está” (Jéssica, 5º ano).

Bruna (tensão): que tem momentos que eu vou aparecer muitas vezes com bastante intensidade só tem que aprender a respirar e não ter que se preocupar em manter uma postura certa” (3º ano).

Ingrid (perdida): eu estou perdida...eu sei que é difícil para você lidar com isso, você gosta de ter o controle de muita coisa, mas não precisa ser forte, você pode não saber o que fazer, as vezes não sabe mesmo” (Ingrid, 4º ano).

Ícaro (desafio): não tem como saber o final se você não chegar né, você aceita o desafio do jeito que você quiser e enfrenta os desafios” (Ícaro, 4º ano).

Andressa (crescimento): que eu estou feliz em ver como você cresceu e mesmo sendo difícil criar autonomia é realizante ao mesmo tempo ver como você evoluiu em poucos meses..é bom, é legal” (Andressa, 4º ano).

Conforme o ego auxiliar ia “trocando de papel” com as palavras, repetindo-as por meio da técnica do espelho, os participantes sorriam e dois se emocionaram. O clima no grupo era de intimidade e afetividade nesse momento, dissipando-se totalmente a tensão do contexto grupal.

Depois que todos trocaram de papel com suas palavras e vivenciaram o espelho, foram convidados a “abraçarem” as almofadas e caminharem brevemente pelo palco, carregando com cuidado aquilo que estavam vivendo. Após dois minutos, a diretora sugeriu que realizassem um círculo no palco, e todos colocaram as almofadas de frente para si mesmo, formando um círculo colorido por esse objeto. Ainda no círculo, dois exercícios foram propostos, primeiro que se apresentassem como a palavra que os representava e contando como era retornar nesse estado para o grupo. Foi um momento marcado por ternura e carinho mútuo:

Tadeu: eu sou o Tadeu, chego aqui com a minha intensidade, pode ser bom mas é difícil de lidar, eee, mas eu aplico isso em todas as minhas relações de alguma forma não sei se está certo ou errado mas é como eu faço...eu tenho que aprender a lidar com isso também, porque isso me afeta muito, não é só os outros que tem que aturar isso né...sou eu que tenho que lidar com isso também...mas to aqui para aprender e acho que to caminhando bem...” (Tadeu, 4º ano).

Angélica: bem vindo Tadeu-intensidade!

Andressa: “eu sou Andressa, venho aqui com meu crescimento, ele tá baixinho agora mas ele tá grande ...que me diz que até estar aqui é um desafio e é essa busca mesmo de evolução, de expansão, expandir...isso...” (Andressa, 4º ano).

Angélica: bem vinda Andressa-crescimento!

Jéssica: “eu sou Jéssica, eu sou o Ser, porque eu posso ser uma infinidade de coisas que eu estou descobrindo como ser e como fazer” (Jéssica, 5º ano).

Angélica: bem vinda Jéssica-Ser!

Bruna: “eu sou a Bruna, eu vim com a tensão, diferente da Andressa ela está alta ééé acho que vivi muita coisa, muitos momentos de tensão e eu acho que a atitude que eu tenho me deixa mais tensa ainda, então eu acho que com a ajuda do grupo e conforme meu crescimento vai me ajudando a diminuir essa tensão e também a lidar com ela” (Bruna, 3º ano).

Angélica: bem vinda Bruna-tensão!

Ingrid: “eu sou a Ingrid, eu trouxe aqui né uma pessoa que sou eu um pouco perdida, um pouco bastante, mas isso é bom porque as vezes a gente fica perdido pra se encontrar, e eu preciso seguir sempre pensando que eu tenho que resolver as coisas, tudo sempre tem seu tempo, estou perdida e tenho que aprender isso” (Ingrid, 4º ano).

Angélica: a gente precisa aprender a ser perdida também né... bem vinda Ingrid-perdida!

Aurora: “eu sou Aurora e minha solidão é sempre minha companhia e agora me acompanha bem mais forte...as vezes ela é uma grande amiga as vezes uma grande inimiga mas ela tá comigo e acho que é isso que importa né e ela é parte de mim...eee, ela hoje não se sente muito só e acha bonito de ver cada um aqui sente até nesse momento feliz de estar nesse grupo e de fazer parte também desse momento, especialmente né, e do que virá...” (Aurora, 5º ano).

Angélica: bem vinda Aurora-solidão!

Aurora sorri abertamente e se mostra mais relaxada e solta no grupo, muito diferente do início.

Ícaro: “eu sou Ícaro, trago meus desafios é, muitas vezes eu não sei como agir diante deles, muitas vezes eu nem sabia que eu ia ter um desafio e eu tenho que aprender cada dia mais a como lidar com esses desafios de forma positiva aprendendo sempre mais porque senão eu fico muito estável e acho que isso pode até ser positivo mas pode se tornar negativo” (Ícaro, 4º ano).

Angélica: bem vindo Ícaro-desafio!

A diretora pediu ainda que nesse momento olhassem uns para os outros, devagar, e repetissem, em um cumprimento, uma saudação calorosa: “que bom que você está aqui!” Essa brincadeira gerou uma mistura de vozes e risadas entre os participantes, que se divertiram com o momento. Tadeu ainda disse para Ícaro: “que bom que você está aqui e que sua mãe fez você” e todos riram bastante, descendo do palco.

Compartilhar: os participantes foram convidados a descerem do palco, e a diretora perguntou se estavam todos bem, se alguém gostaria de comentar o vivenciado. Como ninguém se manifestou e o tempo do grupo já havia excedido, a diretora agradeceu a presença de todos e encerrou o encontro, pedindo que cada um

disse uma palavra de como estava saindo do encontro. Nesse espírito de brincadeira e descontração, encerramos o quarto encontro do grupo, após a pausa de um mês desde o anterior.

4.4.2 Síntese temática do quarto encontro

1- Dificuldade de participação em atividades vivenciais na sala de aula: conflitos interpessoais

Andressa retomou no início da sessão suas dificuldades pessoais em participar das atividades vivenciais realizadas no curso, por exigirem um nível de exposição pessoal que a incomodava. A fala de Andressa, narrando cansaço em participar de vivências, foi antagonizada pela fala de Tadeu, ao afirmar que não estava se sentindo cansado de participar das atividades, porém notava que sua dificuldade e que talvez a de alguns colegas de sala fosse a exposição pessoal na sala, em função de conflitos sociométricos existentes, e que já percebia evolução da turma nas vivências.

2- Competição entre o grupo de alunos do quarto ano: os trabalhos em grupo

Ao comentarem sobre a realização de atividades vivenciais no contexto de uma disciplina sobre grupos, Andressa, Tadeu, Ingrid e Ícaro, alunos do quarto ano de Psicologia, revelaram a competição que percebem perpassar os subgrupos de sala ao realizarem as atividades e os conflitos vividos no contexto social. A participante Andressa estava se sentindo realizada pela atividade que havia aplicado na sala e com a sensação de dever “cumprido” e foi muito elogiada pelos colegas de grupo, como Tadeu e Ingrid. Porém, quando os colegas problematizaram os conflitos sociométricos e a dificuldade de exposição, Andressa se calou e não tocou mais no assunto, reafirmando o quanto estava realizada com a aplicação de sua vivência.

3- Sentimento de desânimo e cansaço devido à sobrecarga de atividades da faculdade

Tadeu, Aurora e Bruna relataram sensação de cansaço e falta de sentido com relação às atividades acadêmicas, que sobrecarregam o aluno, impossibilitando que tenham tempo livre para descansar ou se dedicar a outras experiências. Aurora afirmou sua percepção de que falta cuidado com o ser humano no interior do curso de Psicologia, destacando a dissociação entre teoria e prática.

4- Dificuldade de atuação vivenciadas nos estágios profissionalizantes

Jéssica relatou a dificuldade que encontrou em estágio da área organizacional, à medida que não conseguiu realizar intervenções específicas e que somente recebia tarefas que não eram da área, sentindo-se frustrada e rejeitada pelos contratantes do estágio e entrando em conflito pela dúvida se realmente vai conseguir seguir trabalhando nessa área.

5- Importância do grupo sociodramático como suporte emocional para vivências pessoais e acadêmicas:

Bruna e Jéssica relataram ter sentido falta de participar do grupo durante a pausa realizada e que para elas o grupo funcionava como um espaço terapêutico de suporte, à medida que não estão realizando psicoterapia individual. Bruna inclusive mencionou sobre o estresse pelo qual passou ao perder a avó em semana de provas e não poder se ausentar da faculdade; por ter sido um período de tensão, sentiu falta dos encontros grupais.

4.4.3 Quarto encontro: processamento

“Hoje tá todo mundo assim óó “não quero ser protagonista”...a gente estava numa discussão dentro do carro que ninguém queria ser protagonista... Mas nem é pela questão do grupo...é medo de acessar o que a gente sabe que está aqui dentro”...(Ingrid, 4º ano).

A impressão de que as relações sociométricas não estavam favoráveis a um mergulho na própria experiência emocional guiou o olhar da unidade funcional por todo o encontro. Esse parecia ser o clima de quase todo o quarto encontro, em que os participantes passaram todo o início da sessão esquivando-se do medo de “ser protagonista”. Afinal, o que estaria sugerindo esse medo de se expor na sala de aula e também no grupo? Como aquecimento inespecífico, a diretora pediu para os participantes falarem livremente de si mesmos, sobre como estavam sentindo-se em retornar para o grupo após o intervalo entre a terceira e a quarta sessões. Andressa foi a primeira a se colocar, sua fala e sua postura transformaram-na em “observadora participante” do grupo. Começou dizendo sobre a “preguiça de vir” e não demonstrou ligação sociométrica com nenhum dos outros integrantes ao longo do encontro. Ao retornar com uma postura de distanciamento, Andressa não compartilhou sobre o próprio protagonismo e disse não ter pensado mais no assunto. Durante todo o

encontro, pareceu isolada com relação ao grupo, e seus colegas de sala Tadeu, Ícaro e Ingrid elogiaram a atividade desenvolvida pela colega, relatando como ao final da mesma puderam perceber os conflitos existentes na sala com alguns colegas, que pareceu ter cortado o fluxo espontâneo que haviam experimentado. Andressa não teceu comentários sobre a percepção dos colegas e manteve uma postura de observadora, demonstrando distanciamento dos demais participantes. Entretanto, Ingrid e Tadeu pareciam estar mais sintonizados entre si, demonstrando formarem um par sociométrico que antagonizava a fala de Andressa. O modo como retornou para o grupo, após o protagonismo do terceiro encontro e disparado pela participação na vivência realizada pelo grupo de Tadeu, somado ao fato de ter realizado sua “vivência do quarto ano” com esmero, teria sido suficiente para encerrar sua participação no grupo de pesquisa? Aos poucos, as diferentes colocações de Tadeu pareceram revelar os conflitos sociométricos da turma do quarto ano de Psicologia, evidenciados pelo processo de realização das vivências e atualizados no contexto do grupo de pesquisa. Competição, rivalidade, dificuldade de cooperação, o que estaria sugerindo a fala de Tadeu?

“Mas a vivência delas foi bem forte também...e é bem aquela coisa eu estava muito aquecido na vivência de vocês entendeu? (vira-se para Andressa) Até comentei com o Ícaro...eu estava assim ó, querendo falar...aí chegou uma pessoa no grupo aí eu desanimei...(risos), desaqueci sabe...parece que chegou aquela pessoa e eu desaqueci...(Tadeu, 4º ano).

Ingrid: comigo aconteceu a mesma coisa...foi a mesma coisa...e é a mesma pessoa...

Se num primeiro momento do grupo a temática apresentada pelo grupo do quarto ano foi predominante, sugerindo os conflitos sociométricos vivenciados pelos participantes no contexto social e criando um clima de aparente “desaquecimento” do grupo e falta de intimidade, em um segundo momento as falas de Jéssica, Bruna e Aurora trouxeram maiores dificuldades pessoais e apontaram um certo nível de sofrimento psíquico no modo de vivenciar as demandas acadêmicas. As três participantes relataram terem sentido falta dos encontros do grupo, afirmando como o mesmo vem sendo experimentado por elas como suporte social e emocional para as diversas experiências causadoras de sofrimento psíquico. O drama da construção do papel profissional pareceu se revelar na fala das participantes como marcado pelo excesso de atividades que se desintegram da pessoa, produzindo um processo de

formação em que ocorre, na perspectiva das participantes, dissociação entre as dimensões afetivas e cognitivas.

Durante todo o aquecimento inespecífico, os participantes relatavam genericamente as dificuldades experimentadas ao longo do período em que não houve as sessões grupais, mas o clima era de falta de intimidade, demonstrando talvez um certo nível de desaquecimento do grupo e a presença de conflitos vivenciados no contexto social e atualizados no grupal, apresentado principalmente pelo grupo do quarto ano. Tadeu, Ingrid e Ícaro pareciam formar um trio sociométrico; já Andressa apresentava-se isolada. O drama vivenciado no contexto externo, na sala de aula da faculdade, parecia tomar forma também no grupo, e a competição demonstrada durante a sessão poderia estar evidenciando as dificuldades sociométricas vivenciadas pelos alunos do quarto ano e vividas também no grupo de pesquisa. Além disso, quando Andressa problematizou mais uma vez a própria resistência em participar das vivências na sala de aula, tema trabalhado também no terceiro encontro, pareceu revelar a possível dificuldade de exposição pessoal, mas também grupal, devido à competição. Sua fala sobre o “cansaço em participar das vivências” foi antagonizada por Tadeu, que ampliou o olhar sobre a questão ao retomar a dificuldade pessoal de exposição perante colegas com os quais tinha dificuldade na sala.

Aurora, Bruna e Jéssica parecem ter se conectado entre si principalmente após a fala de Aurora, que revelou o sofrimento que tem sentido como estudante, inclusive com dificuldade de frequentar a faculdade. O clima emocional ao longo da fase de aquecimento inespecífico, no contexto social, era de distanciamento e falta de integração. Nesse sentido, a diretora sentiu a importância de um trabalho de aquecimento específico que promovesse maior sintonia entre os participantes, provocando maior percepção de si mesmo e criando condições para um reconhecimento do outro e assim, trabalhar os conflitos que se revelavam no contexto grupal.

O jogo dramático experimentado no palco relaxou o ambiente e permitiu que os participantes reconhecessem a si mesmo, as questões pessoais vivenciadas e o que estão sentindo necessidade de afirmar a respeito de si, revelando o processo de busca de afirmação da própria singularidade. Ao trocarem de “papel” com os próprios sentimentos, falaram de modo mais livre de como estavam buscando entender o que sentem, quem são, o que estão vivendo. Nesse sentido, revelaram estados

emocionais como o reconhecimento e a afirmação de experiências de tensão e de solidão; a afirmação livre de um modo intenso de ser que pode provocar incômodos; a confirmação da busca pelo crescimento e a sensação de estar perdida dentro de si mesma, junto ao desafio de tornar-se quem se é. A participante Aurora inclusive revelou o nível de sofrimento psíquico que está sentindo como estudante, sentindo-se atemporal e sem cronologia, não conseguindo ir à faculdade ou realizar as atividades necessárias. Ao afirmar que ninguém se interessa em saber como ela está, mas somente se ela está fazendo o TCC, contou para o grupo a profundidade do sentimento de solidão pelo qual está passando. Com a realização da atividade no palco, Aurora pôde liberar espontaneidade-criatividade, conectando-se aos demais integrantes e permitindo-se experimentar a liberdade em ser aceita exatamente como está. Ao final, estava visivelmente relaxada e comentou estar sentindo-se feliz por pertencer ao grupo, em que cada um pode ser quem é. Nesse sentido, o exercício realizado em cima do palco, quando puderam observar a diversidade que cada um trazia para o grupo e saudar a mesma por meio da brincadeira, repetindo a frase “que bom que você está aqui”, proporcionou relaxamento e integração entre os participantes, resgatando o processo vivido antes da pausa de um mês e preparando o grupo para os próximos encontros.

4.5.1 Quinto encontro: descrição

Data: 26/5/2017

Participantes: 7 (Isis, Felipe, Anahí, Jéssica, Aurora, Ícaro, Ingrid)

Ausentes: 3 (Tadeu, Andressa, Bruna).

Duração do Encontro: 3h30

Contextualização: quatro dias antes da realização do quinto encontro, a participante Laura entrou em contato com a diretora pelo aplicativo whatsapp para comunicar que não iria permanecer no grupo. Nesse dia, Tadeu, Andressa e Bruna avisaram que não viriam pelo whatsapp. Os participantes chegaram aos poucos, causando atraso de quarenta minutos no início do grupo. Estavam agitados e justificaram o atraso em função de atividades acadêmicas. A última a chegar foi a participante Isis, às 15h40, e somente então o grupo teve início.

Aquecimento Inespecífico: depois que todos já estavam presentes e acomodados no teatro, a diretora comentou com o grupo o desligamento da participante Laura, por motivos pessoais. Os estudantes demonstraram compreensão pela saída da mesma. Em seguida, foi proposta uma breve meditação e relaxamento com exercícios de respiração, o que proporcionou um clima de maior tranquilidade. Após essa atividade, a diretora convidou os participantes que estavam na sessão anterior para escolherem uma cena vivenciada na sessão, a fim de comentar com o grupo. A participante Jéssica relata para os colegas que estava ansiosa para voltar para o grupo e que a sessão anterior foi importante, pois teve a oportunidade de elaborar o desligamento do estágio de Psicologia Organizacional:

“Eu estava muito ansiosa pra vim tipo foi muito bom voltar...foi muito bom voltar eu estava muito ansiosa pra voltar...aí eu não queria chorar e chorei...fui lembrando de várias coisas” (Jéssica, 5º ano).

Em seguida, Ingrid contou que a sessão passada teria sido importante para aceitar o quanto está se sentindo perdida, podendo fazer as pazes com esse sentimento. Além disso, Ingrid destacou o quanto foi importante para ela a vivência realizada no palco, em que todos puderam se observar e saudar a presença de cada um que estava presente, confirmando o quanto o grupo funciona como um apoio emocional para ela:

“A palavra que me veio da última vez foi muito de aceitação porque você pediu para falar o que a gente sentia e depois a gente estava em círculo cada um falou como se sentia, cada um tinha uma palavra e isso foi bom porque eu estava perdida e foi bom, eu aceitar esse sentimento foi bom porque o mais difícil pra mim era eu aceitar que eu estava perdida então só de eu ter aceitado já foi um passo entendeu? E depois a gente falar um para o outro “que bom que você está aqui” isso também não sai da minha cabeça...foi engraçado porque quando você perguntou quando a gente estava relaxando aqui isso foi a primeira coisa que me veio sabe? E é como se fosse uma questão de porto seguro, aqui, foi muito bom saber que você pode aceitar o que você está sentindo eu sai daqui muito bem...foi bom, foi reconfortante, é como se fosse um respaldo” (Ingrid, 4º ano).

Ingrid comentou ainda que após o grupo, realizou uma sessão de terapia individual em que confirmou a necessidade de parar de fugir de uma experiência vivenciada na faculdade que lhe causou sofrimento, e que agora sentia-se pronta para compartilhar no grupo:

“Depois disso que eu estava perdida eu fui na terapia, levei em terapia muita coisa e no meu dia a dia mesmo porque eu sai com um pensamento daqui de que eu ia parar de fugir do que eu estava sentindo, de fugir do palco, eu pensei ‘Ingrid se acontecer com você você não vai fugir’...porque eu não sou de fugir das coisas e de uns tempos pra cá depois de umas coisas que aconteceram eu estou fugindo de tudo...de tudo mesmo aí eu fiquei pensando mesmo que eu não ia fugir...e o que me veio a hora que a gente estava aqui relaxando foi medo, eu to com medo, e é medo de acessar uma coisa que eu sei que eu não quero acessar entendeu? Mas que eu vou acessar...e é medo de muita coisa...eu

to com medo em todos os aspectos... eu to com medo e o medo me impede tanto de seguir, tanto de escolher alguma coisa e eu fico perdida, entendeu?” (Ingrid, 4º ano).

A diretora então questionou Ingrid se ela já sabia localizar o que estava provocando esse medo e a participante confirmou que já sabia e que após a sessão anterior conseguiu se entender melhor, deixando a sensação de estar perdida e sentindo-se pronta para compartilhar com o grupo o que a incomodou na faculdade, que apesar de já ter ocorrido há algum tempo, era uma vivência importante para ela e que havia a deixado perdida e desorganizada. Nesse momento, Ingrid comentou com Jéssica que na semana anterior havia sido importante a colega falar novamente sobre o desligamento do estágio de Psicologia Organizacional, apesar de já haverem se passado alguns meses, pois deu condições para que ela percebesse que o tempo não impede que uma experiência continue provocando sofrimento:

“Por exemplo meu problema de 3 meses atrás não é meu problema atual, hoje eu olho e vejo que não é nada, passou, e quando você estava falando eu até pensava nisso, ‘vai passar’, deixa, se permita’, quando eu me permiti viver a dor, passou, mas agora eu to com outra maior ainda...e a gente está aqui pra enfrentar isso ... é a vida” (Ingrid, 4º ano).

O grupo se descontraíu com o comentário de Ingrid, que provocou risadas. A participante Aurora começou então a comentar sobre o vivenciado no último encontro, demonstrando uma “soltura” muito maior em relação à sessão anterior, assim como uma fala mais livre:

“Foi mais pro final é quando estava todo mundo em roda eeee a gente não falou, se olhou, estava conectado ali, a gente deu as mãos também...e eu acho que soa pra mim muito importante esse momento de compartilhar.... porque.... é complicado quando você realmente pode compartilhar porque a maioria estava compartilhando algo mais negativo, uma dor, um sentimento nesse sentido né, de dificuldade de si, uma fraqueza, um limite, um medo e acho que é difícil você achar um espaço em que você realmente você possa falar isso e que você se abra pra falar de verdade o que você está sentindo...e ali naquele momento eu senti isso de verdade...em roda ali, que a gente realmente tinha aberto ali...nem em palavras...só de estar em roda ali e estar exposto àquele momento...foi mais abstrato assim...porque as vezes falar das fraquezas de si ou da sua dor incomoda as pessoas e te incomoda também porque você não quer incomodar também eee saber que tem um lugar onde não vai estar incomodando é muito bom...foi isso que ficou pra mim...tenho tido necessidade de falar da minha dor, e tenho tido pouco espaço pra falar dela...então o pouco espaço que eu acho pra falar dela pra mim é muito importante...uma dor que as vezes me deixa engasgada...com dor no peito literalmente...”(Aurora, 5º ano).

A diretora percebeu que seria importante afirmar o movimento emocional que Aurora estava verbalizando, ajudando-a a compreender o processo que ela estava vivendo e relatando no grupo; sua fala demonstrava um movimento de saída da

solidão que relatou na sessão anterior, assim como um maior pertencimento ao grupo, ao que a participante respondeu afirmativamente:

“É, bem isso...esse lugar, essas pessoas...em conjunto...foi bem isso assim, e eu vi possibilidades...porque as vezes a dor te corta possibilidades você fica só nela né...por mais que você aprenda, estude e viva, e sabe que tem pessoas que te ama, você fica nela, as vezes você mergulha nela e só ela existe né...e aí você engasga, explode por dentro...” (Aurora, 5º ano).

Em seguida, Ícaro, que também estava presente no quarto encontro, confirmou de forma assertiva o que as demais colegas estavam falando, sobre a importância do grupo no processo de autoconhecimento e como, na percepção dele, já criaram um vínculo de confiança para compartilhar sentimentos negativos e experiências promotoras de sofrimento psíquico:

“E ver o vínculo de confiança que a gente está criando aqui dentro né, porque não é fácil falar de muita coisa que a gente fala...e a gente está falando dessas coisas, então eu acho isso muito importante, foi o que mais ficou pra mim semana passada...” (Ícaro, 4º ano).

Quando o participante finalizou sua fala, a diretora voltou-se para Isis, Anahí e Felipe, solicitando que comentassem como haviam passado no período de intervalo sem os encontros grupais. Isis então comentou que assim como Jéssica, estava ansiosa para retornar ao grupo, e havia ficado chateada por não poder comparecer ao encontro anterior. Frisou que assim como os colegas disseram, já percebia o espaço grupal como um local para se revelarem como são e como estão, de forma autêntica:

“Me veio esse sentimento assim parecido com o que todo mundo falou, de ser um lugar que pode falar, você não precisa ficar pensando assim, ‘nossa mais será?’ Aqui não, aqui eu to podendo falar ainda mais assim que tem muitas pessoas que eu tenho muito contato, pessoas que eu tenho pouco contato...mas aqui todo mundo parece que fica igual, todo mundo pode falar...é esse sentimento que eu to notando...preparem-se para me ouvir (risos)” (Isis, 5º ano).

Isis compartilhou ainda com o grupo que chegou muito agitada e ansiosa para o encontro, mas que após o relaxamento estava se sentindo mais calma e presente. Em seguida, Felipe, que também não esteve no encontro anterior, contou das dificuldades que está vivenciando no papel de estudante e como tem sentido cada vez mais dificuldade de organização para a realização dos relatórios de estágio:

“Cara eu nem sei o que eu estou sentindo no momento eu to tentando levar fazer as coisas e ir fazendo para...tipo....o que é pra fazer em ação é ou estar presente num grupo ou dar uma aula ou fazer um atendimento, é ruim, mas ainda vai, tipo assim, a antecipação disso ainda é ruim mas eu vou lá fazer porque tem gente que tá contando comigo para que isso seja feito...mas na hora de elaborar isso de passar isso pro papel nossa eu, é um sofrimento, eu vou usar sofrimento mas nem sei se é

essa a palavra e elaborar isso também não é fácil e eu to preferindo fugir...ontem, por exemplo, ontem eu terminei minhas coisas era, era umas 16h, 17h, e 18h eu deitei e dormi e dormi até hoje 6h fiquei 12h dormindo...eu acordava, ia lá tomava uma água fumava um cigarro eu ficava pensando nossa o tanto de coisa que eu tenho que fazer, mas não, vou deitar vou dormir porque..quem sabe eu acordo em outro corpo, uma outra pessoa que não tem essas coisas pra fazer...” (Felipe, 5º ano).

O comentário final de Felipe mobilizou o grupo, que se divertiu com a expressão usada por ele ao final de seu comentário. Felipe ainda complementou sua fala, afirmando ter um sentimento de incapacidade para dar conta de todas as demandas do quinto ano. Aurora, Jéssica e Isis, que são colegas de sala de Felipe, se mobilizaram com a fala do colega, concordando que o quinto ano tem provocado uma série de dificuldades vivenciais acadêmicas, como lidar com a sobrecarga de atividades práticas e teóricas, além do aprendizado de se tornar psicoterapeuta, exigente para eles por se sentirem responsáveis pelos pacientes e por entrarem em contato com dramas humanos concretos e profundos. Iniciaram então uma discussão sobre as dificuldades do quinto ano e diferenças com relação ao quarto ano:

“O diferente que eu acho tipo assim, é que ano passado você tinha umas coisas pra fazer, que eram coisas assim você pega e faz, todo mundo faz, é assim que começa é assim que vai ser o meio é assim que vai ser o fim...esse ano tudo depende de você, então não é um peso externo, não é igual assim, lá você tinha, era tipo tabelado, todo mundo vai começar assim, todo mundo vai fazer no meio assim, todo mundo vai terminar assim, agora esse ano, você que precisa trabalhar suas questões pra atender um paciente que te pega no seu calo, você que precisa ir pra o estágio, você que precisa cronometrar o seu tempo para o seu TCC, então tipo assim, demanda uma demanda pessoal que você tem que estar inteiro em tudo, igual ano passado a gente fragmentava ia fazendo as coisas assim, esse ano não dá...parece que quando você tenta fragmentar assim não tem como...você não consegue fragmentar para diminuir o peso porque você tem que se cuidar o tempo todo é você, você...” (Isis, 5º ano).

Ingrid, que é do quarto ano, comentou com os participantes, em tom divertido, que eles estão deixando-os assustados, e que ela estava achando interessante a discussão sobre a diferença entre o peso do quarto e do quinto ano e que era uma pena as alunas do terceiro ano não estarem presentes, à medida que, para ela, o terceiro ano foi “muito tranquilo”. O grupo se dispersou comentando e discutindo a respeito das dificuldades do quarto e quinto anos e então Felipe finalizou sua fala, afirmando:

“Eu ainda fico na impressão que é algo assim, não desvalorizando o que as meninas estão falando mas eu ainda fico com um negócio que sou eu que to com muita dificuldade, que eu vejo, eu sinto que o pessoal tem instrumentos tipo consegue cronometrar o tempo consegue sei lá concentrar, produzir... eu sinto que eu sou muito improdutivo que eu não consigo e isso me dói muito...” (Felipe, 5º ano).

Nesse momento, Anahí interferiu e respondeu para Felipe que acreditava que a maioria dos alunos do quinto ano estava se sentindo desorganizada e “empacada” com o excesso de atividades para realizar, e que ela mesma tem se sentido cada vez mais estressada. A participante começou a compartilhar com o grupo como tem se sentido confusa e que há muito tempo não se sentia tão perdida a respeito dos próprios sentimentos, relacionando essa “confusão” às experiências vivenciadas no quinto ano:

“Eu não sei estou confusa...tipo, de verdade, to bem confusa...é uma mistura de sentimentos uma hora vem coisa boa outra hora ruim eee assim ah muito tempo que eu não fico tão confusa assim aí vem essa coisa esse peso do quinto ano também tipo...uma hora é bom por causa dos estágios porque nossa estou me sentindo muito bem só que ao mesmo tempo que é bom é ruim o estágio...eu atendo...por exemplo eu estou com um paciente que eu estou atendendo ele duas vezes na semana e tipo ao mesmo tempo que é bom que desenvolve bem a terapia nossa eu saio de lá, nossa por isso que fala que a gente é um recipiente né, teve uma terapia que eu fiquei com uma dor no meio da sessão começou a me pesar tudo as costas aqui e eu vi que era da sessão sabe? Que eu estava pegando muita coisa dele ee não é só ele tem outros pacientes” (Anahí, 5º ano).

A participante continuou comentando com o grupo que além das dificuldades relacionadas aos atendimentos, sente-se mais sobrecarregada por precisar fazer diversos relatórios de atendimentos. Além disso, existe ainda a necessidade da pesquisa do trabalho de conclusão de curso, o que a deixa bastante angustiada pois está “travada” com relação ao TCC. Anahí contou para o grupo que esse excesso de atividades a tem deixado muito estressada e diferentes sintomas físicos começaram a se manifestar, como crises de tontura e dificuldade para dormir, assim como um sentimento de impaciência nas relações sociais que a tem feito “ser agressiva com todo mundo”.

“Semana passada de noite, eu não sei se eu estava muito cansada, nunca aconteceu isso comigo pela primeira vez eu estava de noite assim, eu estava mexendo no notebook sentada na cama e me veio uma tontura do nada sabe quando você roda e fica rodando assim? E quando você para você até fecha o olho e a cabeça fica rodando, me veio essa tontura, começou até a me dar um ataque na hora gente que que está acontecendo? E eu estava na cama eu tive que jogar o notebook eu não sabia o que eu fazia porque estava rodando, minha cabeça começou a rodar, eu fui tentar levantar eu quase cai no chão e eu sentei, não parava a tontura eu falei gente que que está acontecendo, aí eu deitei apaguei a luz, fiquei, acalmei, parou, foi muito estranho e nunca mais...nunca me deu isso, foi a primeira vez que me deu isso, nunca mais me deu...e eu não sei parece que está acontecendo umas coisas estranhas eu falo gente que que tá acontecendo?” (Anahí, 5º ano).

A participante compartilhou ainda que a única atividade que tem feito bem para ela é “tocar piano para desestressar”. O grupo escutou Anahí atentamente e o clima tornou-se tenso. Felipe comentou nesse momento sobre como estava sentindo o “peso dos atendimentos” (sic) no quinto ano, e que no futuro provavelmente iriam

reclamar da “falta de pacientes”. Ingrid então voltou-se para a diretora e questionou quantos pacientes ela já havia conseguido atender por dia, e o grupo explodiu numa gargalhada. A diretora propôs então para Ingrid um duplo, e a participante concordou. A diretora então deu início ao duplo:

“Angélica (fazendo o duplo de Ingrid): quantos pacientes você atendeu por dia Angélica? Conta pra nós? Como você conseguiu? Como é que você deu conta assim de tudo? Como é que deu conta? Gente do céu eu não vou dar conta dessa faculdade não...vai piorar desse jeito está todo mundo desse jeito aí? É assim mesmo que fica? Sério? Não vai melhorar não? Como é que faz? E outras pessoas falam isso né, que saem do atendimento com dor, como é que faz Angélica, o que que faz? Eu to te perguntando porque eu quero saber, gente como é que faz pra ser psicólogo gente que negócio difícil...nossa que difícil...eu to sentindo assim tanta...ai nem sei nem sei mais...de tão perdida que eu estou...parece que era uma coisa fácil agora não é fácil mais...que agonia, como que você deu conta, conta pra nós...eu to achando que eu não vou dar conta não...”

O grupo permaneceu em total silêncio nesse momento. Após a aplicação da técnica, a diretora voltou para seu lugar; Ingrid e o grupo permaneceram em silêncio. A diretora então pediu que os participantes percebessem como estavam se sentindo após a realização do duplo, e como esse momento havia reverberado em cada um. Isis comentou que estava muito surpresa pela realização da técnica, pois havia se reconhecido pela mesma; sentiu que vem fazendo essas questões para si, como estagiária do quinto ano.

Ingrid então comentou com o grupo:

“Não sei é um desespero...é um desespero, não sei se é de todo mundo, vou falar de mim ...é um desespero por algo é como se fosse desconhecido porque enquanto você está na faculdade você está aprendendo e é pra isso que a gente está na faculdade para aprender , pra cometer erros e um dos motivos que eu to muito mal foi por um erro, mas não foi um erro, foi uma questão de aprendizagem e a gente aprende com os erros e essa questão que posso formar, tipo, é uma responsabilidade muito grande, você é um profissional mesmo” (Ingrid, 4º ano).

A estudante continuou comentando como está sentindo-se insegura a respeito do futuro profissional, e Jéssica, Aurora e Felipe brincaram com ela que no presente estão preocupados se vão conseguir realizar o trabalho de conclusão de curso. Apesar da brincadeira, o clima é de angústia, ansiedade, e a diretora resolveu dar início ao aquecimento específico, solicitando aos participantes que escolhessem um único sentimento que traduzisse como estavam se sentindo como estudantes de quarto e quinto anos:

Felipe- incapaz

Jéssica- desesperança

Ícaro: pressão

Ingrid: fracasso

Anahí: medo

Aurora: medo

Isis: força

Jéssica: lá e cá

Aquecimento Específico: após a escolha dos sentimentos que os “traduzisse” como estudantes universitários de Psicologia, em que houve predominância de sentimentos negativos (incapacidade, fracasso, medo, medo, pressão, força), a diretora propôs que subissem ao palco e caminhassem, aproveitando a caminhada para deixar o sentimento “crescer” no corpo e concretizando o mesmo por meio de uma escultura. Caminharam por alguns instantes e aos poucos foram apresentando diferentes posturas corporais que concretizavam o sentimento escolhido. A diretora então pediu que de olhos fechados, de dentro da escultura, cada um realizasse um solilóquio, e todos fizeram, de forma breve:

Anahí: eu sou o medo, e eu vim lhe mostrar o quão perdida você pode ficar

Ingrid: eu sou o fracasso e vim lhe dizer que tudo pode dar errado

Felipe: eu sou a incapacidade e vim dizer que você não vai dar conta

Ícaro: eu sou a pressão e eu sempre vou te acompanhar

Jéssica: eu sou a desesperança e eu vim te dizer que dói muito e é muito difícil se equilibrar, então tenta sair disso porque senão você vai cair

Isis: eu sou a força eu vim dizer que sentir dor e as vezes não conseguir não é um fracasso

Aurora: eu sou o medo eu não sou de todo ruim eu posso ter algum fim mas não tente fugir de mim

Foi pedido então que procurassem novos movimentos corporais, simbolizando uma busca de saída do estado em que se encontravam. O grupo aderiu à proposta e aos poucos novos movimentos foram surgindo no palco. Após esse exercício foram solicitadas novas palavras, e diferentes posturas e sentimentos surgiram:

Aurora: agir...mesmo com medo, de expor, de expor as fraquezas, de falhar mas agir...viver...

Felipe: autônomo

Isis: relaxamento

Ícaro: calma

Anahí: paz

Ingrid: tentar de novo, reerguer

Jéssica: lá e cá

A participante Ingrid estava bastante emocionada e a diretora então subiu ao palco, permanecendo ao lado dela enquanto se acalmava. Após alguns instantes, a diretora solicitou que se aproximassem das pessoas que haviam dito palavras semelhantes a deles, e após repetirem as palavras uns para os outros, foram formados dois subgrupos. O grupo 1 foi formado por Isis (relaxamento), Ícaro (calma) e Anahí (paz); e o grupo 2 foi formado por Felipe (autônomo), Aurora (agir), Ingrid (tentar de novo) e Jéssica (lá e cá). Após a formação dos subgrupos, a diretora convidou os participantes para compartilharem entre si cenas de dificuldades vivenciadas na faculdade e que tenham sido marcantes para eles. Pediu ainda que, após todos terem compartilhado, escolhessem uma das cenas dos integrantes para dramatizar no palco, sendo que a cena deveria ter começo, meio e fim. Os participantes permaneceram nos subgrupos por 20 minutos conversando e o clima era de descontração e entrosamento. O grupo 2, formado por Ingrid, Aurora, Felipe e Jéssica solicitaram a participação da diretora na cena, como ego auxiliar, para fazer um personagem. Quando os dois grupos haviam finalizado a montagem das cenas, a diretora pediu que os participantes escolhessem qual seria o primeiro grupo, e escolheram o Grupo 1, formado por Isis, Anahí e Ícaro.

Dramatização: o primeiro grupo dramatizou uma cena que se passava na supervisão de estágio e no atendimento do paciente de psicoterapia individual.

O grupo 1 dividiu o palco em duas partes, do lado esquerdo, colocaram duas almofadas de frente uma para a outra, sinalizando a sala de atendimento psicoterápico. Do lado direito, também colocaram duas almofadas uma de frente para a outra, sinalizando a sala de supervisão. O grupo realizou a dramatização em 4 cenas, que se passavam alternando o atendimento ao paciente e a supervisão de estágio. Isis assumiu o papel dela mesma, como estagiária de psicoterapia individual; Anahí assumiu o papel da supervisora de estágio e Ícaro atuou como o paciente.

A dramatização se desenvolveu da seguinte forma: na primeira cena, Isis e seu paciente (representado por Ícaro) estão conversando no final da sessão, sentados

frente a frente. Isis diz para o paciente que percebe evolução no processo terapêutico do mesmo, à medida que ele vem dando mais sentido à própria história. O paciente pergunta para Isis se ela não está dizendo “isso só para agradar”, ao que ela nega, afirmando que realmente acredita na evolução do processo. Isis se levanta e muda de lugar, caminhando para a “sala de supervisão” e sentando frente a frente com Anahí, que faz o papel de supervisora.

Na cena 2, Isis está na supervisão de estágio relatando para sua supervisora esse diálogo com o paciente ao final da sessão. A supervisora orientou Isis para que ela conduzisse menos o paciente e o auxiliasse a enxergar o próprio processo de desenvolvimento. Isis concordou em silêncio com a supervisora, balançando a cabeça afirmativamente; então se levantou e voltou para a sala a “sala de atendimento”, sentando-se de frente para o paciente e dando início à cena 3.

Nessa cena, que novamente se passa ao final da sessão, o paciente diz para Isis-terapeuta que já tinha falado “tudo” e que gostaria de ouvi-la. Isis então devolveu a pergunta para o paciente, questionando quais ligações e sentidos ele percebeu a partir do que abordou na sessão; o paciente reafirmou que já havia dito tudo e que queria saber qual a visão de Isis do que ele estava falando. Nesse momento, Isis abaixou a cabeça e permaneceu em silêncio, olhando para o baixo, a expressão triste e perdida. Ícaro, representando o paciente, também abaixou a cabeça e permaneceu em silêncio. O clima na cena é de angústia, tensão. A diretora então subiu ao palco e sentou-se ao lado de Isis, pedindo que ela realizasse um solilóquio, abaixo transcrito:

“Eu não queria ter que mudar o jeito de conduzir, eu não queria ter que jogar pra ele porque eu ofereço esse suporte pro processo dele, ele precisa de que alguém fale que está dando certo, que ele está conseguindo, eu não queria ter que ficar pensando no que dizer eu só queria ser terapeuta do jeito que eu sou mas eu tenho que fazer diferente...eu sei que...vai ser bom pra ele também, eu confio plenamente na minha supervisora mas ela não...não é assim que eu sou e isso está gerando um incomodo tanto em mim quanto nele...de ter que mudar” (Isis, 5º ano).

Isis silenciou e permaneceu quieta, séria, olhando para o paciente. A diretora saiu da cena e então Ícaro, retomou o diálogo, se despedindo da terapeuta e comentando: “ah hoje foi bem chato né”. Ao que Isis respondeu: “até semana que vem”.

Isis então se levantou e retornou para a sala de supervisão, sentando-se de frente para Anahí e dando início à cena 4. Começou dizendo para a supervisora que o paciente não tinha conseguido ver “nenhuma conexão” na própria fala e que ela, Isis, havia visto vários sentidos para o que ele trouxe de conteúdo para a sessão, mas

que permaneceu em silêncio. Contou ainda para a supervisora que ao final da sessão o paciente afirmou que a mesma “foi chata”. A supervisora- Anahí respondeu, de maneira tranquila, que estava percebendo o desagrado de Isis com a orientação, mas que era importante para o paciente perceber a si mesmo. As duas então permaneceram em silêncio, Isis se encolheu em si mesma, de cabeça baixa. A diretora então se aproximou das duas e pediu que Anahí fizesse um solilóquio como supervisora:

“Por mais que pareça muito difícil é fazer essa, ir contra o modo como você ia éé, a mudança faz parte e o não entendimento também, por mais que pareça perdido a gente, na vida quando a gente, a gente precisa se perder pra poder se encontrar, então não veja isso do lado negativo mas sim como o lado bom”. (Anahí no papel da supervisora de estágio).

Anahí silenciou-se como supervisora e ficou olhando para Isis, séria. Novamente tensão na cena. A diretora pediu para Isis dizer com liberdade para sua supervisora o que estava sentindo, mas ela permaneceu em silêncio. As duas colegas sorriram uma para a outra, depois ficaram sérias se olhando. Isis recomeçou a falar:

“Eu só quero que...ele viva o processo...só não quero que ele desista...eu não acho que é hora dele olhar pra ele mesmo porque ele não consegue ver, ele precisa de uma continência precisa de um suporte...ele precisa...” (Isis, 5º ano).

Isis falava em tom de voz baixo e estava muito cabisbaixa. A diretora se aproximou e perguntou para Isis se poderia “fazer um duplo dela” e Isis balançou a cabeça afirmativamente, em concordância.

Angélica (duplo de Isis): você não sabe como é estar aqui, você não sabe como é não saber, você não sabe como é sentir aquilo que você sente, querer fazer do seu jeito e não poder...

A diretora continuou o duplo e Isis se encolheu em si mesma e chorou bastante, abraçada nas próprias pernas. Quando finalizou, a diretora perguntou para ela se o duplo se aproximava mais do que ela sentia e Isis confirmou com a cabeça, ainda chorando. A diretora esperou ela se acalmar e perguntou se nesse momento ela poderia falar novamente com a supervisora, sobre o que estava sentindo com tudo isso. Após 1 minuto de silêncio, Isis respirou fundo, muito mobilizada emocionalmente; olhou então para a supervisora e voltou a chorar, porém seguiu adiante, dizendo:

Isis: você não viu...ele pedindo para...por uma palavra, por algo que desse o suporte...você não viu o quanto foi difícil, sofrido, pra ele, olhar para a própria história, para as próprias falas e não conseguir ver ligação nenhuma...e eu estava vendo e eu queria devolver...eu sei que você não me

obriga a fazer nada você só me aconselha eu faço se eu quero, mas é muito sofrido, muito difícil porque é muito triste quando uma pessoa não consegue reconhecer o processo dela, só consegue ver as bostas, só consegue ver o lado feio...e pode ser que seja positivo sim mas foi horrível me sentir incapaz...eu me senti incapaz de não oferecer o que seria menos doloroso (Isis, 5º ano).

Anahí como supervisora, olhando para Isis com tranquilidade, respondeu em uma atitude acolhedora, que havia somente sugerido uma mudança na condução do processo, nunca com a intenção de feri-la e que jamais poderia imaginar o que sua orientação havia causado. Em função de tudo isso a supervisora diz que talvez fosse melhor Isis seguir da maneira como considerasse mais adequada para o processo de atendimento do paciente. Quando Anahí terminou de falar, a diretora perguntou para Isis se gostaria de “trocar de papel” com a supervisora e ela respondeu afirmativamente. As duas então trocaram de lugar, Isis invertendo o papel com a supervisora. Após alguns instantes em silêncio no papel de supervisora, Isis olhou para Anahí e começou a falar:

Isis (agora no papel de supervisora): Isis eu acho que o que você está sentindo é a frustração de que por mais que a gente queira ajudar o paciente ele faz o próprio caminho e as vezes na terapia nem sempre vai ser flores, as vezes vai precisar que o paciente se sinta desconfortável, vai precisar que seja chato vai precisar que seja sofrido porque as vezes é.... A nossa profissão não é de evitar o sofrimento, mas a sua presença com ele, e estar ali, é um suporte, mesmo que as vezes ele vai ter que olhar para a dor dele, mesmo que as vezes vai ser dolorido pra ele, independente do que você fale ou deixe de falar, que você pergunte ou deixe de perguntar, a sua presença é um suporte pra ele, infelizmente você não vai conseguir deixar que tudo seja lindo, porque as vezes ele vai precisar entrar em contato com esses dois e nem sempre você vai ser aquela que vai conseguir transformar em flores, as vezes você vai precisar conseguir entrar na bosta junto com ele e estar ali e está tudo bem... não se sinta, não pense que você deve fazer mais do que você pode, você está dando o seu máximo

Anahí, no papel da colega Isis, apresentou bastante impacto, e após alguns segundos observando a colega, disse que a fala de “Isis-supervisora” foi de grande esclarecimento e que ela não teria mais o que dizer. A diretora então pediu que as duas participantes trocassem de lugar, respirassem fundo, sentindo se ainda gostariam de dizer mais alguma coisa. As duas balançaram a cabeça negativamente, se levantaram, caminharam alguns instantes pelo palco, finalizando a dramatização do Grupo 1.

Os participantes desceram do palco bastante mobilizados, e a plateia permaneceu em silêncio. Como o horário de encerramento do grupo já estava ultrapassado, a diretora questionou os participantes sobre como queriam prosseguir, se preferiam realizar o compartilhar e finalizar ou continuar com a cena do Grupo 2, para depois ao final compartilharem. Os participantes escolheram realizar a cena do grupo 2, e com exceção de Aurora, todos disseram que não tinham problema em

permanecer até acabarem. Aurora explicou que precisaria sair para ir atender e a diretora convidou-a para comentar sobre o vivido até o momento, e a participante comentou:

“Foi surpreendente...eu não sei...é como se e a gente estivesse lá de novo...e ainda mais porque eu faço parte da supervisão da Isis então ...eu...revivi... eu estava lá quando ela estava...quando ela narrou todo o caso e tal e por mais que as vezes eu sinto que ela ficou incomodada, eu não sabia o tamanho desse caso, dessa situação pra ela, estando do lado dela, sendo uma grande amiga dela eu não sabia o tamanho e poder saber a profundidade disso pra ela foi importante pra mim e importante ver né... eu acho que como estudante é...eu vou falar, pra mim, a estudante ideal é a Isis sabe? Vou falar mesmo o que eu...e eu sou tipo aquela estudante muito é descompromissada sabe? Não que eu seja, mas o meu jeito de não ter a eficácia que ela tem em tudo o que ela faz com as coisas da faculdade, a força que ela trouxe aqui, eu me cobro muito ter essa força sabe? Não é uma rixa entre nós duas, mas é só o jeito mesmo...eee...e aí parece que ela impacta no jeito de ela ser, mas não é, ela tem os limites e as fraquezas dela mesmo com essa força toda né...e então eu venho trazer que eu não tenho que ser o jeito dela eu tenho que entender que o jeito que eu sou, e tentar ser o meu melhor do meu jeito como estudante eu acho que foi isso...(risos)” (Aurora, 5º ano).

A participante interrompeu sua fala e sorriu para a diretora, que agradeceu a participação dela e perguntou se ela estava bem em ir embora sem participar da dramatização do grupo dela. O grupo permaneceu em silêncio. Aurora disse que estava muito bem e se despediu de todos, dando um abraço em Isis ao sair. A diretora perguntou então se gostariam de iniciar a segunda cena e todos concordaram, o segundo grupo subiu ao palco e iniciaram a segunda dramatização.

Grupo 2: Ingrid, Felipe, Jéssica

A dramatização do grupo 2 apresentou uma cena vivida por Ingrid ao aplicar uma atividade vivencial em sala de aula. Ingrid e duas colegas de turma ficaram responsáveis por preparar uma vivência para a sala, no contexto de disciplina sobre grupos. Na primeira cena da dramatização, os participantes espalharam diversas almofadas pela sala, para simbolizar os colegas. Ingrid assumiu o papel dela mesma, Felipe assumiu o papel de uma das colegas de Ingrid que também estava na direção da vivência. Jéssica fez o papel de uma participante da vivência e convidou Ícaro para também subir ao palco, a fim de assumir o papel de estudante do quarto ano. Ícaro não havia participado da preparação da cena, mas aceitou participar da dramatização. Depois que todos assumiram “seus lugares” no palco, Jéssica iniciou a cena, estabelecendo um diálogo com o colega em pé ao seu lado. Comentou com ele: “hoje é dia de vivência, vamos lá” e os dois sentaram-se no palco, de frente para Ingrid e Felipe. Felipe então se dirigiu para “os colegas” convidando-os para se aquecerem e olhou para Ingrid de modo interrogativo. Ingrid então convidou os colegas para começarem a se aquecer fazendo “mímica” e os colegas não se levantaram,

permanecendo imóveis olhando para Ingrid. Felipe então começou a falar alto, dizendo:

Felipe (no papel da colega de sala de Ingrid): vamos todo mundo fazer mimica vamos virar animal agora, vamos virar animal, tipo um pássaro

Os colegas então começaram a imitar pássaro e saíram batendo asas pelo palco, com as expressões fechadas. A cena assumiu um clima emocional tenso e os “dois colegas” realizaram as atividades mecanicamente, com a expressão séria. Enquanto isso, Felipe e Ingrid estabeleceram o seguinte diálogo, em voz baixa e expressão tensa:

Felipe: vai Ingrid vira animal Ingrid, faz alguma coisa

Ingrid: eu não sei deu errado

Felipe: eu sei mas faz alguma coisa

Depois Felipe vira-se para os colegas e diz: Vamos gente faz animal

Jéssica: eu sou um pássaro eu to aqui ó

Ícaro: que saco

Jéssica e Ícaro conversam entre eles no palco, reclamando da vivência.

Nesse momento, Ingrid solicitou que a diretora-pesquisadora assumisse o papel da professora deles na cena, que também estava na sala de aula. A diretora-pesquisadora subiu ao palco e permaneceu onde a protagonista solicitou. Ingrid então saiu da frente “da sala”, dos colegas e caminhou até a professora, dizendo que não sabia como sair da situação, pois a vivência tinha dado “errado” e ela não conseguia continuar. Ingrid começou a chorar e escondeu o rosto com as mãos. No papel da professora, a diretora deu um abraço em Ingrid e disse para ela parar um pouco e sentir a proposta inicial, o que ela gostaria de propor inicialmente para a sala. Ingrid então chorou bastante e a diretora pediu que ela realizasse um solilóquio, abaixo transcrito:

“É que desde o começo, quando a gente tinha programado de fazer a vivência tipo as meninas do grupo elas não queriam fazer sabe? Elas não queriam fazer nada, estavam negativas desde o começo, então deixaram tudo pra mim, tipo, eu, sozinha, fazer uma vivência sabe? (recomeça a chorar e para de falar)...elas não queriam pegar direção, nem ego auxiliar, ficaram tudo jogadas, tipo Ingrid faz tudo, você que gosta dessa matéria se vira sabe? Ai na hora tinha que imitar um animal aí elas viraram pra mim ‘vai lá Ingrid vira bicho’, a Ingrid é diretora, a Ingrid vira bicho, o que que a Ingrid faz sabe? (Ingrid, 4º ano).

Como Ingrid estava muito emocionada e conversando entre lágrimas, a diretora perguntou se ela achava possível falar com liberdade para os colegas o que estava sentindo ou se outra pessoa poderia fazer o papel dela. Ingrid pediu para alguém

representá-la e escolheu Jéssica. A participante assume então o papel de Ingrid na dramatização e ao começar, ela se vira para Felipe, no papel da colega de vivência de Ingrid e diz, em tom de voz muito elevado e brava:

“Jéssica (no papel de Ingrid): deixa eu te falar uma coisa, você vai ter que assumir que você não quer fazer, NÃO VAI DAR (grita), olha eu não vou conseguir, você acha que eu vou conseguir fazer isso aqui sozinha, olha o tanto de gente nessa sala e você acha mesmo que eu vou fazer isso sozinha? Você acha que por acaso sei lá, devo ser superdotada ‘e ah eu dou conta’, olha pra você e assume, ASSUME (grita novamente com Felipe), ou então você vai tomar (...), tá decidido, assume, ou você vai falar pra mim ‘oh eu não vou fazer eu não quero participar ou você vai lá falar com a Fabi, mas aqui ficar aqui comigo sem fazer nada, ‘ah vira um animal’, JURA? SÉRIO? É só isso ou tem mais alguma coisa? Só isso? Assume, vira homem, fala não vou fazer não quero... você pode não saber, não sei o que acontece com você mais, nossa sala é grande, tem gente na nossa sala que eu não me dou bem, eu não me sinto a vontade de estar aqui, eu acho que você também não, não é fácil estar aqui, é diretor, é ego, a gente aprendeu, ou você então você não leu nada? Você leu não leu? A gente aprendeu que não é fácil e você está me deixando aqui sozinha? Sério? É isso mesmo? Você não vai falar nada? FALA ALGUMA COISA (gritando com Felipe) (Jéssica, 5º ano, realizando um duplo de Ingrid durante a dramatização)”.

Ingrid chorou bastante ao longo da dramatização. A diretora permaneceu ao seu lado, amparando-a. Jéssica fez a dramatização intensamente, falando bem alto e em alguns momentos gritando com o colega. Quando ela finalizou, a diretora perguntou para Ingrid se ela gostaria de acrescentar algo à fala de Jéssica e ela disse que não, que a colega falou tudo o que ela queria dizer. Felipe no papel de colega de Ingrid, com o corpo encolhido e de cabeça baixa, expressão triste, pede desculpas para Ingrid e diz que está se sentindo muito mal. Fala ainda com a professora para encerrarem o trabalho, pois o grupo não tem condições de prosseguir. A cena fica muito tensa e a diretora convida Isis e Anahí, que estão na plateia, para permanecerem ao lado de Ingrid. Depois dirige-se para Felipe e pede que ele faça um solilóquio no papel:

“Eu to perdido, eu não sei exatamente o que fazer, eu acho que a Ingrid é uma pessoa que assume muito as responsabilidades e é mais confortável deixar em cima dela...eu acho difícil conduzir, é, ter a espontaneidade que ela tem para conduzir as coisas, então o jeito que ela sempre faz as coisas assim despachada, eu achei que ela ia fazer isso de novo e fiquei na zona confortável...eu não to acostumado com essa posição, eu acho que...não sei o que fazer.... não sei o que fazer...fico quase que paralisado assim, e fico na defensiva”. (Felipe, 5º ano, fazendo o papel da colega de Ingrid na dramatização).

A diretora perguntou para a protagonista se ela gostaria de ouvir ou falar mais alguma coisa para “a colega” dela e ela disse que não, que era exatamente isso que gostaria de ter ouvido no dia da vivência. A diretora perguntou se alguém gostaria de dizer algo e Ícaro respondeu afirmativamente, pois estava presente na sala no dia da vivência e estava confuso sobre se falava o que viveu no dia e o que está sentindo

agora. A diretora sugeriu que ele se aproximasse de Ingrid e falasse com ela com liberdade, olhando nos olhos, o que estava sentindo no momento. Ícaro se aproximou de Ingrid e emocionado, começou a dizer:

“Eu vou te falar de mim...eu estava presente lá, senti a dificuldade que vocês tiveram mas eu entrei desde o início, tanto na mímica quanto na parte do animal eu senti que realmente ficou muita coisa nas suas costas, eu percebi que as pessoas deixavam muito de lado e...me ajudou muito, muito...como a vivência do Tomás, foi muito forte em mim aquilo, aquilo sussurra em mim até hoje, então eu sei que você fez o que você pôde, e o que você pôde foi o suficiente para mim, então eu acho que você já fez muito, porque me ajudou muito...” (Ícaro, 4º ano).

Ingrid voltou a se emocionar bastante enquanto Ícaro falava com ela. Quando ele terminou ela agradeceu. Jéssica ainda disse para a colega: “nunca desista dos seus sonhos” e Ingrid sorriu, pois Jéssica retomou a fala da professora Fabi no final da vivência feita na sala de aula. Pediu então para dar um abraço em todos no grupo e realizamos um abraço coletivo por quase um minuto, encerrando a cena do grupo 2. Em seguida, a diretora propôs que permanecessem por mais alguns instantes em círculo e ensinou uma música para os participantes, para cantarem juntos encerrando a dramatização:

*Que bom que a paz seria
Que bom que a paz será
Que boa parceria
Essa aqui que a gente está
Fazendo aqui nesse lugar. (Autoria desconhecida).*

Os participantes pediram para cantá-la por mais três vezes e se divertiram bastante com a letra. Antes de descer do palco, a diretora pediu ainda que cada um dissesse uma palavra:

Isis: entendimento

Ícaro: amizade

Ingrid: amizade

Anahí: empatia

Jéssica: sentimento

Felipe: parceria

Emocionados e festivos, todos desceram do palco e se acomodaram no contexto grupal, a fim de dar início à etapa do compartilhamento.

Compartilhar: o tempo de realização do grupo já havia excedido por 1 hora e meia, mas os participantes decidiram ficar ainda mais um tempo para realizarem o compartilhar. Somente Ícaro explicou que teria de ir embora em função de um compromisso, despedindo-se de todos os demais participantes com um abraço. Após sua saída, Anahí pediu para falar, dando início ao compartilhar:

“Bom hoje foi muito bom porque eu saí um pouco de mim, porque eu acho que eu estava tão, tão presa em mim, é claro que é bom você ter esse momento introspectivo pra...só que eu já sou muito introvertida e eu estava num momento de introspecção então eu acho que assim que esses tempos parecia que eu estava muito dentro de mim e eu estava entrando muito em conflito e foi bom hoje eu saí um pouco de mim e ver um pouco do outro, foi mais um alívio assim, eu to me sentindo muito bem” (Anahí, 5º ano).

A participante continua sua fala elaborando sobre como foi participar da dramatização com Isis, pois teve a oportunidade de reconhecer como nas relações sociais tem dificuldade de falar de si, se colocar e muitas vezes dá espaço somente para “o outro”. Contou ainda para o grupo que achou muito interessante a dramatização de Isis, pois ficou muito tocada com a técnica da troca de papéis:

“Mas aí eu queria comentar que eu achei muito, não engraçado mas por exemplo, na cena da Isis né ééé quando ela contou pra mim e para o Ícaro aqui, na hora eu até falei assim pra ela que ela precisava aceitar isso né, eu te falei que você precisava aceitar que o psicólogo a gente vai estar sempre tendo erros né? Eu até falei pra ela você precisa aceitar e tudo mais, mais aí hora que chegou na cena, ela na minha frente falando para a supervisora eu me senti tão tocada que eu fui contra o que eu falei pra ela ali, eu acho que eu fui muito no acolher, eu falei as palavras de acolhimento mas não foi de enfrentamento, e aí depois que ela quis trocar e aí ela foi a supervisora eu vi que nesse momento ela precisava era questões internas não questões externas, então eu acho que foi bom a troca ela se tornar supervisora porque eu fui no acolher só que eu acho que ela não precisava muito desse acolher no sentido dela continuar porque ela precisava enfrentar aquilo, então quando ela se tornou supervisora ela falou com as palavras de enfrentamento ela falou ‘você precisa né saber que faz parte do processo que vai ser doloroso para vocês dois para o paciente e para você’ então eu vi que ela estava falando com ela mesma no sentido de enfim... nossa demais, tanto que quando ela virou supervisora e falou aquilo pra mim eu fiquei até assim ó (fica de boca aberta) eu pensei ‘nossa realmente era isso’, e por isso que eu não tinha nada a falar eu falei que foi esclarecedor mesmo porque foi esclarecedor ee...mas assim de hoje foi isso mesmo, foi bom eu sair um pouco desse meu mundo interno” (Anahí, 5º ano).

A participante finaliza sua fala agradecendo o grupo, pois a dramatização e a possibilidade de se colocar no lugar do outro permitiu que saísse do sentimento de solidão e isolamento e estabelecesse vínculo com todos, o que a fez se sentir melhor e menos perdida, à medida que também precisa aprender que como futura psicóloga, não precisará dar “conta de toda a demanda do paciente”.

Felipe pediu então para falar, comentando que gostou muito do encontro e se surpreendeu com a vivência de Isis, pois estava presente no dia da supervisão e não notou que a colega havia ficado incomodada. Isis respondeu: “eu também não sabia até agora” e todos riram bastante. Felipe continuou sua fala, comentando que

percebeu como muitas vezes ele também se sente perdido nas supervisões de estágio psicoterápico, por não entender a relação entre a teoria e a prática. Felipe citou especificamente a supervisão de um professor e enquanto ia falando, Isis interferiu e complementou várias vezes a fala do colega, pois participa da mesma supervisão. Felipe compartilhou ainda com o grupo como “tem medo” de ser um peso para os colegas de sala, como o personagem que dramatizou na cena, e então perguntou para Isis se é um peso para ela. Os dois desenvolvem um diálogo sobre o modo de trabalharem juntos e o grupo escutou silenciosamente:

Felipe (5º ano): aí na dramatização da Ingrid a hora que a Jéssica começou a me pressionar me caiu numa coisa assim por um momento eu fiquei paralisado por causa que eu fiquei ... as vezes eu fico pensando do jeito que eu estou nesse negócio totalmente paralisado com esses negócios meu da faculdade eu fico com medo de estar sendo peso para alguém igual eu estava sendo peso para a Ingrid no 'role' me deu uma coisa...que que eu pensei eu acho que eu nunca ia tomar uma atitude tão filha da puta igual os amigos dela tomaram de além de não fazer ainda pressionar ela, eu tento assim fazer o máximo que eu posso de não ser um peso eee isso ficou muito forte pra mim assim na hora da dramatização da Ingrid, dessa minha preocupação de não estar sendo um peso para as pessoas principalmente para a Isis”.

Isis (5º ano): não Felipe você é uma pessoa muito parceria e eu vejo assim o esforço imenso que você faz para estar lá no hospital que é muito pesado, acho que eu só sinto o peso na hora de programar as coisas sabe? Porque tipo assim as vezes eu te mando....porque eu também deixo as coisas para a última hora então nisso a gente combina, mas tipo assim o meu última hora é sempre antes do seu sabe? Tipo assim então a única coisa que eu me sinto.

Felipe: de tomar a iniciativa?

Isis: é, de tipo assim, o que a gente vai fazer amanhã, sabe, tipo assim? Então as vezes o peso que fica é que tipo assim eu penso assim 'putz se eu não pensar nada pro grupo vamos chegar lá e não vai ter nada'.

Felipe: hum.

Isis: só que tipo assim eu entendo que talvez pra você tudo bem que você chega na hora improvisa da certo mas eu não sou assim sabe? Eu gosto de planejar por mais que eu procrastine eu gosto de planejar então eu acho que é a única questão assim que as vezes que poderia pegar, é que as vezes eu sinto assim que se eu não pensar nada se eu não planejar a atividade não vai ter nada sabe? É isso...”

A diretora questionou os participantes, sugerindo que talvez possam combinar de a cada semana um deles assumir a direção da atividade no hospital. E eles continuam:

Felipe (5º ano): é uma coisa de combinar...eu já estava sentindo isso , eu fico pensando 'nossa será que eu falo alguma coisa', mas é aquele negócio, eu acredito que eu vou dormir e acordar no corpo de outra pessoa entendeu?(risos) Quando a Isis chega no domingo ou na terça feira sempre ela chega e fala 'ou vamo fazer tal coisa', eu falo 'vamo uhuuu vamos fazer, então eu sou uma pessoa que eu não sou muito líder eu sou muito melhor liderado

Isis (5º ano): e eu já sou líder demais

Os dois riram desse último comentário, assim como os colegas e o clima no grupo é de bastante intimidade nesse momento, em que ocorre um “encontro” entre Isis e Felipe, dado que todos estão em um movimento espontâneo-criativo. Em seguida, Isis deu início ao próprio compartilhar, refletindo sobre como a vivência no palco possibilitou que ela tomasse consciência das dificuldades pessoais que está enfrentando para assumir o papel de psicoterapeuta:

“Tipo assim o que eu entendi no palco é que na verdade a questão que me tocou foi perceber que eu não vou conseguir fazer com que ele não sofra sabe tipo assim”? O meu conflito interno é aquilo assim eu querer oferecer o que o paciente quer, e não o que ele precisa porque as vezes o que ele precisa é ver as bostas as vezes o que ele precisa é o sofrimento de olhar a própria história e ver que ele não consegue ver ligação nenhuma que ele não consegue ver bonito nenhum que ele não consegue ver caminho nenhum, progressão nenhuma , evolução nenhuma sabe? As vezes ele precisa olhar isso para talvez ir começando a ligar sabe?” (Isis, 5º ano).

A participante ainda diz para a colega Anahí que foi importante ela acolhê-la em todos os momentos, pois percebeu que foi “ganhando coragem” para enfrentar as próprias dificuldades, que nesse caso, seria a cobrança de “oferecer para o paciente o que ele quer e não o que ele precisa”. Isis está visivelmente à vontade no grupo e relata felicidade e gratidão por todo o processo vivenciado, que lhe trouxe uma outra visão do que está vivendo como estagiária.

Em seguida, Jéssica se colocou e fez uma pergunta que trouxe estranhamento para o grupo, levando todos os participantes a olharem para ela com expressão interrogativa:

Jéssica (5º ano): pra mim tá tudo certo, eu só queria perguntar uma coisa, eu queria saber se a semana passada esses buracos aqui no palco tinha?

Risos no grupo.

Jéssica: sério gente, parece que é novo

O grupo silencia, olham com estranhamento para Jéssica.

A diretora então perguntou para Jéssica como ela estava se sentindo após as dramatizações e a participante respondeu:

“Não está tudo bem eu senti que eu gostei muito de hoje eu fico feliz porque eu não sou protagonista, enquanto estiver assim acho que está bom sabe? E eu achei que algumas falas, de todo mundo né, as vezes eu me identifico muito e sinto ‘nossa eu também passo por isso’ e algumas eu sinto que é muito ao contrário, comigo sabe? E aí parece que eu fico aqui vendo as pessoas, ouvindo as pessoas e me respondendo mentalmente sabe? ‘eu faço isso’ , ‘mas eu não faço isso...’ (Jéssica, 5º ano).

Nesse momento, o clima no grupo fica tenso e todos continuam olhando espantados para Jéssica. A diretora então pergunta para a participante se ela não se compara muito com as pessoas, em uma postura de busca mais do que é o “certo e errado”, em detrimento de uma busca de liberdade para si mesma. Jéssica então responde que está se sentindo muito perdida:

“Não eu acho que eu to muito perdida eu to no fundo do poço mesmo, na escuridão, mas acho que passa” (Jéssica, 5º ano).

Felipe comentou então com Jéssica que ficar perdida era procurar os “buracos” do palco e todos riram bastante, inclusive a participante, que em seguida se calou e disse que já havia terminado o compartilhar, reconhecendo-se perdida. Ingrid então pediu a palavra e contou para o grupo que estava sentindo alívio emocional em função da dramatização, e agradeceu todos pela participação na mesma. Ingrid relatou ainda que já havia três semana que só falava desse assunto na psicoterapia individual, mas que com a dramatização, pôde reviver a dor e colocá-la para fora, encontrando alívio para a sensação de fracasso vivida desde o dia da experiência. A participante ainda comentou sobre a relação com as colegas de sala com quem realiza as atividades acadêmicas:

“As duas elas me ajudam muito mas em outros trabalhos, qualquer outra matéria que você pensar elas fazem de tudo entendeu? Exceto se fala da Fabi...elas não gostam de nada que é técnica grupal ou psicodrama ou algo desse tipo...então elas nesse sentido elas não fazem absolutamente nada, mas em outros quesitos elas são muito boas, e foi justamente por isso que eu não quis falar mal, pra nem criar uma imagem do tipo ‘ah elas não faz nada’, porque elas fazem sim eee nesse dia foi horrível, acho que foi o pior dia meu na faculdade de quatro anos eu queria me esconder em algum lugar e sumir do mapa, eu fiquei a vivência toda depois escondida, bem no canto, onde ninguém me enxergasse... então a Fabi olhou pra mim com e eu falei ‘não Fabi aqui não dá para eu falar’, tipo, tá, o certo era eu falar, mas não dava tipo é grupo de sala, as meninas estavam ali, era impossível falar ali, não tinha como eu falar ali...ai eu não falei né, guardei pra mim...aí depois disso ainda minha psicóloga não podia me atender, tive que ir outro dia aí fui guardando isso, fui guardando, guardando, inclusive não faço mais grupo com elas teve um trabalho que foram marcar e eu simplesmente não fiz com elas”. (Ingrid, 4º ano).

Ingrid comentou com o grupo que a partir da dramatização, pode sair da sensação de fracasso que estava vivendo, pois desde o dia da vivência vinha sentindo que o erro era dela e não um desencontro do grupo com quem estava trabalhando:

“Na hora de verdade ..eu odeio fazer coisa mal feita...o que eu levei mais em terapia individual foi na questão de me sentir um fracasso de eu não ter conseguido...no dia eu levei para o eu, e depois fiquei levando em terapia no eu por duas semanas aí eu sai desse eu, eu sai, aí eu trouxe aqui algo...porque eu acho que se eu tivesse trago direto pra cá seria muito do eu, seria muito eu sentindo

um fracasso, bem diferente acho sabe? Mas eu levei em terapia individual antes...aí isso passou aí na hora do compartilhar eu não pude compartilhar eu falei brevemente que eu estava me sentindo mal, e que eu estava me sentindo meio que um lixo né e tipo eu sempre falei, sempre falo na sala, porque eu gosto muito de terapia grupal, essas coisas né? Então todo mundo falava 'ah a Ingrid vai seguir essa área', então o peso em mim parece que foi maior sabe? E na hora eu levei muito pra questão, 'nossa isso é algo que eu quero que eu gosto e eu não consegui fazer', eu levei muito pra esse lado na hora, e agora não, agora eu vi que foi tudo um desencontro do grupo, foi difícil ver isso'" (Ingrid, 4º ano).

A participante continuou compartilhando com o grupo como vivenciou grande frustração pelo insucesso da atividade, pois se identifica muito com trabalhos de grupo. Nesse momento, Jéssica interrompeu a colega e disse para o grupo:

"Eu também escolhi organizacional, e eu também tive essa decepção, que eu acho que se eu não tivesse o quinto ano eu largaria a faculdade" (Jéssica, 5º ano).

A diretora comentou que era importante Jéssica encontrar essa percepção, questionando se ela estava se sentindo menos perdida e a participante respondeu afirmativamente, emocionada. Felipe novamente brincou que ela "havia achado o buraco" e todos se divertiram. A diretora entrevistou, perguntando se gostariam de comentar mais alguma coisa, pois era necessário encerrar o encontro. Os participantes estavam muito à vontade e com dificuldade de encerrar, continuavam ainda comentando sobre a importância do processo grupal para compreenderem o que vivenciam como estudante:

Isis: eu acho que é uma proposta muito boa fazer esse grupo, apesar de não ser terapia de grupo

Risos no grupo.

Angélica: é sociodrama do papel de estudante

Isis: não vai economizar um tempo e um dinheiro absurdo da minha terapia individual

Risos no grupo. Os participantes começam a se levantar, despedindo-se.

Grupo finalizou em clima de descontração e intimidade. Depois que todos vão embora, Anahí conversou com a diretora, questionando sobre a possibilidade de alteração do horário do grupo em função de um atendimento que realiza. A diretora explica que seria difícil alterar o horário do grupo, pois todos já haviam se organizado, mas que poderiam conversar sobre o assunto na semana seguinte. Anahí agradeceu e foi embora.

4.5.2 Síntese temática do quinto encontro

Tema 1- Importância do grupo sociodramático para transformar as experiências vividas na faculdade: novas saídas na relação professor-aluno; aluno-aluno; aluno-paciente

No começo do encontro, Jéssica, Ingrid, Aurora, Ícaro e Isis afirmaram o reconhecimento do grupo como espaço para nomear, acolher, compreender e transformar as experiências vivenciadas na faculdade. Na percepção deles, o grupo está funcionando como um dispositivo de acolhimento e suporte para aceitar as dificuldades pessoais vividas e encontrar novas respostas espontâneas para lidarem com os desafios acadêmicos. Reconheceram o grupo sociodramático como um espaço para reconhecimento e aceitação para sentimentos de paralisia no papel; sentimentos de fracasso, da sensação de estar “perdido”. Os participantes afirmaram no início do encontro a percepção de que conseguiram estabelecer um espaço grupal de apoio mútuo, baseado na confiança para o compartilhamento de questões pessoais e de experiências negativas vividas na faculdade. Compartilharam experiências e durante as dramatizações, foram encontradas novas saídas para os diferentes dramas apresentados por eles nesse encontro. A dramatização de Isis permitiu uma nova saída para o enfrentamento da relação professor-aluno, quando ela conseguiu fazer a inversão de papéis com sua supervisora de estágio e olhar com os olhos da professora a orientação que estava sendo dada pela mesma, o que ampliou a compreensão dessa orientação e permitiu que Isis percebesse o que a estava fazendo sofrer como psicoterapeuta-estagiária. Isis pôde construir um novo olhar para a relação aluno-paciente, por compreender os conflitos que estava vivendo no papel de estagiária de psicoterapia e o drama que sentia para sempre dar respostas para os conflitos e angústias do paciente. A dramatização de Ingrid permitiu que enfrentasse o conflito que tinha vivido com as colegas na realização de atividade acadêmica em grupo, compreendendo o processo vivido e transformando o conflito na relação aluno-aluno.

Tema 2- Diferenças entre vivências do quarto e quinto ano de Psicologia, na percepção dos alunos

Felipe, Isis, Aurora realizaram uma discussão entre eles sobre como percebiam a diferença dos desafios e responsabilidades inerentes ao quarto e quinto ano, e na perspectiva deles, que são alunos do quinto ano, as dificuldades na última série

aumentam em função do peso da responsabilidade dos estágios, pois entendem que devem assumir a responsabilidade pelo acompanhamento do atendimento psicoterápico dos pacientes, o que pode provocar medo, confusão e paralisia no papel. Argumentaram ao longo da discussão sobre o tema que os estágios do quarto ano são mais direcionados pelos supervisores, o que auxilia na atuação. Somado aos atendimentos do quinto ano, a confecção dos relatórios e a elaboração do trabalho de conclusão de curso são sentidas por esses participantes como uma grande demanda de atividades desafiadoras e difíceis, pois devem aprender a gerenciar o tempo para realização das mesmas e entrar em contato com o sofrimento humano concreto. Felipe reafirmou que estava com um sentimento contínuo de esgotamento e paralisia no papel de estudante, e que apesar de realizar a parte prática dos estágios, os atendimentos, estava com dificuldade de realizar a parte teórica, os relatórios.

Tema 3- Angústia vivenciada ao assumir o cuidado psíquico do outro

Anahí revelou para o grupo que estava saindo dos atendimentos clínicos com dores no corpo por sentir que concretizava as dores do paciente no próprio corpo. Anahí também revelou que estava desenvolvendo diferentes sintomas psicossomáticos, como dificuldade para dormir e tonteiras, relacionadas em sua percepção ao excesso de atividades e demandas dos atendimentos. Felipe, Ingrid e Isis se mobilizaram com essa fala, o que pôde explicitar os medos e angústias que enfrentam para assumir o papel profissional, questionando-se sobre a própria capacidade em assumir o mesmo no futuro. Ingrid inclusive questionou a pesquisadora a respeito de quantos atendimentos ela como profissional já teria assumido como terapeuta, e após a aplicação da técnica do duplo, Ingrid revelou que entendia que eles alunos estavam na faculdade para aprender e que nesse contexto poderiam cometer erros, mas que como futura profissional sentia medo em ver-se atuando e assumindo a responsabilidade do papel.

Tema 4- Desafios na realização dos trabalhos e estágios em grupo: conflitos nas relações interpessoais

A participante Ingrid apresentou uma experiência negativa vivenciada na elaboração de um trabalho em grupo em função das divergências com as colegas que não conseguiram trabalhar de forma espontânea, resultando em um trabalho de intervenção que lhe despertou sentimentos de incapacidade e fracasso. A vivência dramatizada pela participante proporcionou que Isis e Felipe, colegas de sala e de

estágio, conversassem sobre os próprios desafios que enfrentam como dupla de estágio, problematizando as dificuldades vivenciadas na parceria e possíveis soluções para as mesmas.

Tema 5- Questionamento do aluno ideal e possibilidade de problematização da relação de competição entre os alunos

Aurora comentou sobre o impacto que sentiu com a dramatização de Isis, pois sempre considerou a colega como a aluna ideal, que consegue realizar todas as atividades da faculdade sem dificuldade, e o quanto foi importante para ela perceber que Isis também tem suas dificuldades, o que provocou nela o sentimento de que deve aprender a explorar o próprio potencial e descobrir suas próprias dificuldades, deixando de se comparar com a colega e não se sentir inferior por aquilo que considera ser o “aluno ideal”.

4.5.3 Quinto encontro: processamento

“Que boa parceria essa aqui que a gente está fazendo aqui nesse lugar!”

A diretora iniciou o encontro convidando os estudantes a olharem retrospectivamente para àquilo que vivenciaram na sessão anterior e que gostariam de compartilhar com o grupo.

Ingrid chegou ao encontro se dizendo disposta a revelar para o grupo uma experiência recente em que se sentiu fracassada na faculdade, por ter cometido um erro, e que estava se aquecendo para trabalhar essa situação no grupo já há algum tempo. Agradeceu a Jéssica por ter comentando novamente, na quarta sessão, sobre como se sentiu rejeitada pelos donos da empresa em que realizava estágio de Psicologia Organizacional, pois esse compartilhar da colega a incentivou a voltar a fala de sua própria experiência dolorosa vivenciada na faculdade. E foi nesse movimento que iniciamos o quinto encontro: Ingrid se propondo a enfrentar uma experiência dolorosa.

Após o compartilhar das experiências dos integrantes que haviam participado do encontro anterior, Felipe e Anahí comentaram sobre como estavam se sentindo perdidos e adoecidos no papel de estudante, dada as demandas do quinto ano, o que provocou uma discussão entre todos acerca das diferenças das atividades, demandas e responsabilidades do quarto e do quinto ano. O grupo estava se aquecendo com

naturalidade, e conforme cada um ia colocando como estava se sentindo no papel de estudante, os outros iam se reconhecendo, em uma conversa coletiva que incluía a todos e tateava o sociodrama vivido no papel de estudante. Anahí contou para o grupo que se sentia depositária das dores dos pacientes nos atendimentos e isso a tem deixado muito cansada: Ingrid perguntou então para a diretora sobre a quantidade de pacientes que ela já conseguiu atender em um único dia. Toda a discussão parecia sinalizar o medo de se tornar psicólogo, a angústia de não ser capaz de exercer esse papel. A diretora resolveu realizar um “espelho” de Ingrid, a fim de investigar dramaticamente a questão. Após o espelho, Ingrid especificamente abordou o medo de “errar” quando estiver atuando no papel profissional, em função de uma vivência recente na faculdade em que sentiu-se incompetente e fracassada e que suscitou um processo de dúvida sobre as escolhas que havia feito até o momento, em termos de abordagem e área de atuação. O grupo estava bastante integrado e os participantes se colocavam espontaneamente, demonstrando liberdade uns com os outros.

Para dar continuidade ao drama então revelado pelo grupo, a diretora propôs como aquecimento específico um iniciador mental, pedindo que cada participante escolhesse uma palavra que os representassem como estudantes de Psicologia no momento e sentimentos negativos emergiram, demonstrando vivências de sofrimento emocional. A diretora então sugeriu que realizassem movimentos corporais distintos dessa experiência, buscando com o corpo movimentos de “saída” desse estado emocional inicial assim como novas palavras. Houve liberação de espontaneidade-criatividade, pois movimentos corporais contrários aos iniciais, assim como palavras diferentes, surgiram no contexto dramático. O grupo parecia pronto para se aprofundarem no sociodrama apresentado e a diretora então sugeriu a formação de subgrupos, com a proposta de que os integrantes de cada grupo menor compartilhassem uma cena vivida na faculdade recentemente, escolhendo uma delas para dramatizarem, representando o grupo todo. Orientou que a cena dramatizada deveria ter início, meio e fim. Os participantes trabalharam em grupo demonstrando descontração e liberdade.

A primeira cena dramatizada foi apresentada por Isis e se passava em dois momentos: o primeiro em um atendimento de psicoterapia e o segundo na supervisão relativa a esse atendimento. Isis revelou para o grupo o conflito interno em que tinha entrado a partir de uma orientação dada por sua supervisora, e de certo modo, o quanto discordava dessa orientação e não pôde dizer para a mesma. Durante a cena

desenvolvida no palco, a diretora realizou um duplo de Isis, abrindo espaço para que emergisse a experiência ainda não verbalizada pela participante, ou como ela havia se sentido mal com essa orientação dada pela supervisora. Nesse sentido, quando pôde realizar a inversão de papéis com a supervisora e repetir as palavras da mesma, criou uma nova fala, direcionada para ela mesma, de dentro de suas dificuldades. Essa cena permitiu uma saída do sofrimento trazido por ela e a criação de uma nova saída para a relação professora-aluno; aluno- supervisor, além de uma nova compreensão para Isis de como estava se posicionando perante o paciente. Pôde então criar uma nova visão para a relação aluno-paciente, e em sua perspectiva, a inversão de papéis com a supervisora permitiu que visse claramente sua necessidade em dar respostas para o paciente e mostrar sempre o lado positivo das experiências humanas, mesmo que o paciente não esteja ainda percebendo com esse olhar. A troca de papéis realizada entre a protagonista e sua supervisora permitiram um novo olhar para o drama vivenciado. Anahí, que participou da dramatização, mostrou-se bastante tocada em vivenciar e compreender essa postura, pois segundo ela compartilhou ao final, compreendeu que foi somente quando Isis assumiu o papel de supervisora, na inversão de papéis, que pôde ver a si mesma e o conflito que estava vivendo com a supervisora e com a realização do atendimento; na troca de papéis, Isis compartilhou que se entendeu, olhando-se do ponto de vista da supervisora, reafirmando que o seu conflito com os atendimentos consiste em justamente querer ajudar o outro com aquilo que ela considera positivo e necessário, e que percebeu o quanto precisa aprender a estar com o outro “na bosta” (sic).

Já a cena do segundo grupo passava-se na sala de aula durante uma atividade de intervenção em grupo com os colegas de sala, foi uma cena trazida por Ingrid. A participante pode reviver pela segunda vez e nesse sentido, liberar todo o sofrimento que havia experimentado quando ela e grupo de trabalho não conseguiram “desenvolver com êxito” a atividade de intervenção grupal, no contexto de uma disciplina. Ingrid mostrou na dramatização como se sentiu sozinha e perdida no desenvolvimento do trabalho, e como sentiu o abandono das colegas e a dificuldade de cooperarem e trabalharem juntas no desenvolvimento da proposta vivencial. Com a dramatização, pôde resgatar o choro, o sentimento de fracasso que viveu na experiência em função da alta expectativa que tinha sobre si mesma para o desenvolvimento do trabalho, por se identificar bastante com as propostas grupais. Ingrid percebeu, ao final da dramatização, que tinha tomado para si a

responsabilidade de desenvolver o trabalho, e que foi o grupo todo dela que não conseguiu desenvolver a proposta da maneira como havia imaginado. Saiu da experiência sentindo-se individualmente fracassada e no palco, pode se permitir resgatar a solidão vivida, desenvolver um diálogo com as colegas por meio dos egos auxiliares, o que provocou nela uma sensação de alívio, uma nova visão sobre a relação aluno-aluno.

Durante a apresentação das duas cenas, a diretora entrevistou com diferentes técnicas do psicodrama, como solilóquio, duplo, espelho, inversão de papéis. Anahí, Ícaro, Felipe e Jéssica foram também os egos auxiliares das dramatizações, o que gerou grande mobilização emocional nos protagonistas das cenas e nos integrantes dos grupos. Ao final das dramatizações, a diretora convidou para uma finalização em círculo e ensinou uma música para o grupo, gerando grande descontração e divertimento nos participantes.

Nesse sentido, o grupo apresentou um movimento de liberdade e cumplicidade desde o início do encontro, ocorrendo em vários momentos o processo de circularização (FONSECA, 1980). As falas confirmavam como já sentem confiança em falar de si com liberdade, pois acreditam que serão aceitos do modo como são no contexto grupal. O encontro revelou também como as vivências profissionalizantes do quarto e do quinto ano apresentam-se como vivências de sofrimento acadêmico, à medida que assumir o papel profissional de psicólogo acarreta diferentes desafios, tais como as dificuldades dos atendimentos, do contato com a subjetividade humana, a responsabilidade em estar com outro ser humano ouvindo-o em seus dramas, os desafios do trabalho em grupo e a comparação entre os estudantes.

O processo de trabalho de grupo vivenciado na faculdade pôde ser revelado no contexto dramático, colaborando para que compreendessem o modo de se relacionar com os colegas, de trabalhar em grupo, indo além de uma postura individualista e se aproximando de um modo mais autêntico de estar nas relações. Essa dramatização permitiu que os participantes Isis e Felipe olhassem para a própria relação de parceria nos estágios, refletindo de forma espontânea e afetuosa as dificuldades que estão encontrando.

No momento do compartilhar, Anahí demonstrou um movimento diferente dos encontros anteriores e foi a primeira a se colocar, contando para o grupo a sensação de alívio e bem-estar que as dramatizações possibilitaram para ela. Anahí relatou que estava se sentindo perdida dentro de si mesma e com a vivência no palco pode

experimental maior conexão com o outro, saindo de dentro de si e vinculando-se, o que permitiu que se sentisse muito melhor, liberando espontaneidade-criatividade, tanto que foi a primeira a compartilhar e estava bastante mobilizada, inteira no grupo, bem diferente do sofrimento apresentado no início da sessão.

Felipe compartilhou que a dramatização permitiu que olhasse como está fugindo da faculdade e sentindo-se incapaz justamente porque não acredita que pode ser psicólogo, pois nunca se considerou um bom aluno e muitas vezes teve receio de ser um peso para os colegas.

Ingrid compartilhou que a dramatização foi importante pois vivenciar a cena no palco a libertou da sensação de fracasso, permitindo que entendesse as dificuldades do seu grupo de colegas em realizar a atividade de intervenção, saindo da culpabilização de si mesma.

Isis ressaltou a importância da dramatização e da troca de papéis vivenciada no palco, pois pôde perceber que como psicoterapeuta, seu desafio será não desejar “poupar” o outro do sofrimento emocional, auxiliando a liberar espontaneidade-criatividade.

Aurora precisou sair mais cedo, antes da segunda dramatização, porém comentou com o grupo a surpresa vivida com a dramatização de Isis, pois sempre a considerou a “aluna ideal” e nunca imaginou que os atendimentos de psicoterapia pudessem gerar angústia na amiga.

Ícaro participou das duas dramatizações e foi justamente na dramatização de Ingrid, que é sua colega de sala, que pode revelar para a colega como ela era importante para ele e que todo o trabalho desenvolvido por ela na sala de aula havia sido importante para ele se perceber, apesar dos desencontros vivenciados na aplicação da proposta dela e de suas amigas.

Em um clima de entrega e cumplicidade, o grupo se encerrou com todos cantando, em círculo, no palco: “que boa parceria essa aqui que a gente está fazendo aqui nesse lugar”.

4.6.1 Sexto encontro: descrição

Data: 02/06/2017

Participantes: 6 (Aurora, Isis, Ingrid, Andressa, Bruna, Jéssica)

Ausentes: 4 (Anahí, Felipe, Tadeu, Ícaro)

Duração do Encontro: 2h20

Contextualização: antes do encontro, os participantes Felipe, Ícaro e Tadeu avisaram pelo grupo do whatsapp que não poderiam participar do grupo. Felipe viajou para um congresso, Tadeu e Ícaro justificaram que estavam envolvidos com um trabalho da faculdade e não poderiam vir. Anahí avisou para a diretora no final do encontro anterior que teria um atendimento para realizar no horário do grupo e que talvez atrasasse, mas acabou faltando. Assim, estavam presentes no encontro Aurora, Isis, Ingrid e Jéssica, que vieram ao encontro anterior; e Bruna e Andressa, que estavam ausentes da última sessão.

Aquecimento Inespecífico: o grupo chegou silencioso e as participantes relataram cansaço. Começaram comentando quem avisou que não viria. Bruna comentou que correu muito para chegar ao grupo pois estava atarefada na faculdade. Andressa era a mais silenciosa e observava as demais, sentada no canto do sofá. Aceitaram o convite para realizarem uma atividade de enraizamento corporal, em que puderam escolher “ser” diferentes tipos de árvores e plantar-se no solo, se movimentando como essa árvore, enraizando-se e percebendo o que gostariam que fosse absorvido pela terra, do que gostariam de libertar-se e o que gostariam de fortalecer. O exercício provocou um clima de relaxamento no grupo; as participantes realizaram a atividade de forma silenciosa e de olhos fechados. Ao final, Isis comentou que foi uma atividade gostosa e que proporcionou muito relaxamento. Ingrid contou que chegou muito cansada e com sono, mas que com a atividade estava se sentindo mais presente.

Aquecimento Específico: a diretora convidou as participantes para projetarem em uma tela branca imaginária uma imagem vivida nos últimos encontros, objetivando integração das participantes ausentes do último encontro e também para que percebessem o próprio movimento de participação e de pertencimento ao processo grupal. Após o aquecimento específico, Ingrid comentou como estava se sentindo e retomou a importância do encontro anterior para ela:

“Eu to um pouco cansada, bem cansada...muito cansada (risos), nossa eu quero é dormir, quando eu cheguei aqui....agora melhorou, bastante...porém continuo cansada...foi muito bom o que a gente fez aqui, jogar para a terra...nossa foi muito bom mesmo...e quando você pediu para vir uma imagem do que aconteceu semana passada, me veio primeiro o momento da minha cena, que eu fui protagonista, e me veio depois o momento que a gente estava no palco, cantando, que a gente entendeu errado a letra da música, foi muito engraçado ... aí foi esse momento de dor e logo depois tipo o riso sabe? Essa intimidade que a gente estava naquele momento...e isso me mostrou muito a minha mudança, sabe? De como tudo aqui me fortalece, e isso me trouxe uma paz muito grande, no

sentido de eu to fazendo o que eu quero, no caminho certo, e está sendo muito bom, sabe? Uma coisa muito positiva...foi isso” (Ingrid, 4º ano).

Ingrid compartilhou com o grupo a dramatização realizada na semana anterior e como foi de grande alívio para ela perceber que havia participado de um trabalho em grupo desastroso, saindo da paralisia que estava como estudante. As participantes ausentes perguntaram o que havia acontecido e Ingrid retomou a cena que vivenciou na sala de aula, a dramatização no palco, explicando com detalhes para as colegas. Enquanto Ingrid narrava suas experiências, a colega Andressa, que é a da sala de Ingrid e estava presente no dia que essa dirigiu a atividade vivencial, comentou:

Andressa: é mas a impressão que eu tinha que estava de fora eu senti o grupo...eu lembro que eu perguntei ‘mas quem que é o grupo que está conduzindo’?

Ingrid: é e eles levaram para o lado que a sala estava muito cansada mas não era isso, o grupo estava sem união

Andressa: é todo mundo percebeu no dia que não foi... é igual eu falei eu também senti que foi o grupo eu não senti que foi a sala, a sala estava muito desanimada a gente tinha acabado de sair de prova já fazendo a gente ser bicho...

As duas riram do comentário de Andressa, e o grupo continuou silencioso. Ingrid e a diretora continuaram compartilhando com o grupo o que puderam compreender após a dramatização e todas escutaram atentamente. Andressa participava também, comentando com Ingrid como percebeu a confusão feita pelas colegas ao desenvolverem o trabalho, à medida que o grupo todo pareceu estar perdido. Ingrid concordou com Andressa e disse ter entendido essa questão no palco, e que a partir disso parou de se culpar pelo “fracasso da vivência”, pois na sala de aula não havia conseguido dizer para as colegas o quanto sentia que elas haviam se desorganizado na preparação do trabalho:

Ingrid: “Como que eu chegava para 30 pessoas, as meninas da minha sala que eu achava que elas não tinham participado que eu senti que eu estava sozinha, como é que eu olhava para a sala, 30 pessoas que convivem, com 3 pessoas que fazem parte do meu grupo e falava isso? Era impossível falar isso não tinha como eu falar isso aí eu guardei pra mim e eu não gosto de guardar nada pra mim porque fica né? E isso foi piorando, piorando...

Andressa: é que eu acho que a nossa sala, toda sala que tem técnicas de grupo tem muita questão de sala, pelo que eu já escutei falar assim, nossa sala não surge, não surge...

Ingrid: não mesmo

Andressa: eu acho que a gente esconde um pouco sabe?

Ingrid: a sala não deixa

Andressa: igual ela podia muito bem ter falado na hora que tinha espaço para ela poder ter falado mas não fala, eu sinto que a sala não expõe o que acontece

Elaine (ego-axiliar): entre vocês?

Andressa: entre nós assim, a gente entra nas vivencias tudo mas leva pra questão de fora né, não tem essa abertura pra poder falar dentro da sala

Ingrid: a sala por mais que seja muito unida tb é desunida

Andressa: é

Ingrid: é tb porque o grupo da nossa sala é muito grande...por exemplo, na última que teve de vocês, do amor (fala com Andressa), teve um pequeno grupo lá do meu, que era de dor, lembra, o Tadeu por exemplo não expos nada que sentia, porque quem estava no grupo era o aquele outro, que é amigo da ex dele, ele não ia expor

Andressa: aí não adianta

Ingrid: é o grupo é muito grande, 30 pessoas e nem todo mundo ali é amigo, tem inimigo na nossa sala é porque você não conhece as tetras (risos).

Nesse momento, Andressa se calou e sorriu, observando o grupo. A diretora então destacou que elas estavam tendo a oportunidade de compreender a sociometria da turma, os conflitos interpessoais, e que também seria importante compreender esse desafio do trabalho em grupo, à medida que o grupo de Andressa havia se organizado para realizar uma atividade vivencial bastante coesa, o grupo de Ingrid já havia encontrado dificuldade de sintonia para preparação da vivência em sala de aula, conforme entendido na dramatização anterior. As duas participantes escutaram atentamente. A diretora perguntou ainda para as duas estudantes do quarto ano se elas percebiam muita competição entre os colegas de sala, e as duas responderam afirmativamente, que além de perceberem competição entre os grupos na percepção delas, alguns professores incentivavam esse comportamento em outras disciplinas:

Ingrid: igual da Rosa...a gente fez lá..ai a Rosa 'ai vcs elevaram o nível', eu não gostei do que ela falou, elevar o nível do grupo, agora os próximos grupos tem que ser tão bom quanto

Andressa: quem falou isso?

Ingrid: a Rosa (referem-se a outra professora, outra disciplina)

Andressa: pra sala?

Ingrid: foi... é porque a gente tinha, a professora, a gente fez um trabalho sabe? E o trabalho foi muito bem elaborado tinha um consenso do grupo ficou muito bom o trabalho, você não foi? (perguntou para Andressa)

Andressa: não não fui

Ingrid: então foi muito bom o trabalho, ai depois que a gente finalizou o trabalho a professora chegou e falou assim que foi muito bom o trabalho e foi o primeiro grupo a apresentar, que os próximos

tinha que ser tão bom quanto, não com essas palavras entendeu, mas tinha que seguir o padrão que a gente começou com um padrão bem alto, porque não ficou aquela coisa maçante, a gente fez uma coisa diferente

Andressa: um teatro

Ingrid: é aí ela fala isso entendeu? E isso leva um ar de competitividade e eu não gostei do que ela falou

Andressa: é aí o meu grupo que vai ser agora depois de vocês estava nessa 'nossa o que nós temos que fazer agora tem que ser criativo'

Ingrid: porque ela falou isso

Andressa: eu falei gente nós não temos esse perfil o nosso vai ser slide mesmo não é slide que nós gosta de fazer? Vai ser slide gente não tem que ter teatro porque o outro fez teatro

Ingrid: é o que eu penso por isso que eu não gostei do que ela falou

Risos no grupo. As participantes silenciam e após alguns segundos, Ingrid agradeceu o grupo, reafirmando a importância da última sessão para que ela resgatasse o fluxo criativo no papel de aluna. Contou para o grupo que desde a semana anterior conseguiu “destravar” vários trabalhos que estavam parados, inclusive o projeto de trabalho de conclusão de curso, que conseguiu pesquisar e realizar a introdução teórica.

Após a fala de Ingrid, a participante Isis começou a compartilhar com o grupo o que tinha vivenciado na última sessão, quando protagonizou uma cena vivenciada no estágio de psicoterapia. Explicou para as participantes ausentes como havia ocorrido a dramatização e como a cena apresentada por ela conectava-se com a cena de Ingrid:

“Então foi uma cena muito forte, assim, de perceber isso que eu não tinha dado conta, até o grupo de sexta eu nem tinha sentido que isso tinha me incomodado que quando a minha supervisora, ela não pediu, ela sugeriu que eu fizesse diferente, me incomodou profundamente e eu não tinha me dado conta, até eu subir no palco né, que aí no começo a gente trocou também eu fiz um soliloquio e aí no soliloquio que eu fui perceber, eu falando pra ela que não é assim que eu não queria fazer isso, que eu achava que eu não precisava, então eu não tinha me dado conta até então e aí veio muito de encontro com o da Ingrid no sentido de incapacidade que a gente se sente assim como profissional que as vezes tem situação assim que a gente não sabe nem como prevenir, esses sofrimentos mesmo da atuação que vem, então a gente está aprendendo e o quanto é difícil quando as vezes não sai como a gente quer, como a gente não consegue ficar tranquilo” (Isis, 5º ano).

Isis compartilhou ainda com o grupo que ficou muito bem após a dramatização e sentiu maior liberdade para ir atender ao paciente na semana seguinte, mais aliviada no papel de estagiária de psicoterapia, ao entender que não precisaria dar soluções

rápidas para o conflito do paciente. Contou ainda que passou a semana bem, está cansada, mas não “acabada” e que todo o aquecimento havia feito ela sentir-se bem.

Em seguida, Andressa pediu a palavra e compartilhou com o grupo que não pôde vir na semana anterior pois foi embora para sua casa, que é em outra cidade, participar de uma festa. A participante comentou ainda estar se sentindo dolorida por ter contraído um resfriado, e que estava “tranquila”. A fala dela foi breve e assim que terminou, houve um silêncio de alguns segundos no grupo, quebrado pela participante Bruna, que compartilhou estar muito bem, alegre, e que não compareceu ao encontro anterior porque não teve aula e, portanto, tirou o dia de “folga”. A diretora questionou Bruna sobre como ela havia se sentido com a saída de Laura e a participante respondeu que a princípio ficou preocupada, com medo de se sentir deslocada, mas que depois escolheu continuar participando, à medida que vivenciar o grupo configura-se como uma oportunidade de autoconhecimento. Bruna complementou ainda que nas sessões em que escutou os colegas do quarto e do quinto ano se colocarem, sentiu-se apreensiva com o futuro, mas que acabou entendendo que cada série têm os próprios desafios:

“É eu fico olhando elas falando e não fico afobada com isso não...no começo eu até ficava, eu pensava, ‘nossa será que eu já estou no terceiro ano e tenho que pensar alguma coisa’”, e que eu gosto...mas não...porque no quarto ano eles pedem né, um projeto de TCC...mas eu não sei ainda...igual agora no terceiro a gente já está tendo um preparo para isso, para não sofrer tanto no quarto ano...mas eu to tranquila, não vou ficar preocupando não, depois vai encaminhando, até mesmo nos estágios, só tivemos 3 só mas ainda não tive problemas...então é isso” (Bruna, 3º ano).

Em seguida Bruna compartilhou com o grupo algumas questões familiares pelas quais estava passando e que a deixaram ansiosa, mas que no momento conseguiu acalmar-se e estava tranquila, feliz. Quando ela finalizou, a participante Jéssica virou-se para a colega Aurora e pediu para ela “falar primeiro”. Aurora então comentou com o grupo que não estava se sentindo bem:

“Quando você pediu para visualizar a tela em branco e olhar alguma coisa da semana passada eu não consegui visualizar nada não, só uma menina perdida na imensidão branca...só isso que eu consegui visualizar...uma menina perdida na imensidão branca....não tinha nada para os lados...branco...e o branco muitas vezes se refere ao nada né...” (Aurora, 5º ano).

A participante estava com uma aparência abatida e permaneceu de cabeça baixa enquanto falava, apresentando dificuldade em olhar para o grupo. Contou para o grupo que estava tentando elaborar experiências difíceis vivenciadas no contexto

familiar, especificamente na relação com o pai, o que a tem prejudicado bastante na faculdade:

“Eu me sinto uma menina mesmo perdida...e ai eu acho que eu senti tanto tanto que eu me desconectei então hoje me sinto fria por dentro, fria...porque ai gente credo...que minha vida não é muito fácil, não é muito fácil assim o que eu tenho passado, o que eu tenho vivido e tudo difícil...e eu me sinto sozinha assim....numa imensidão branca, da tela branca que você falou pra gente visualizar...eu me sinto até distante do que acontece na faculdade...eu sei que eu tenho que estar lá que eu tenho que viver mas não sei muito onde eu to...acho que é isso...eu acho que to me cobrando amadurecer sabe? Ser psicóloga...ser mulher, mas eu tenho me sentido muito criança por essa dor” (Aurora, 5º ano).

Aurora expôs para o grupo questões pessoais, relativas ao universo familiar, mas sempre de cabeça baixa e parecia estar muito envergonhada:

“Eu até falo que eu estou cansada da minha família, to cansada de falar de família, quando entra no estágio e começa a falar relação família, pai e mãe.... eu estourei com esse assunto porque eu sei que é importante mas eu não estou conseguindo, porque eu tenho raiva e sentir raiva do meu pai é ruim, é ruim dizer isso né?” (Aurora, 5º ano).

A diretora então propôs para a participante se poderia fazer um “duplo” dela, e Aurora aceitou.

Dramatização: a diretora realizou o duplo de Aurora, que emocionada e sempre “encolhida em si mesma”, escutou atentamente:

Angélica (duplo de Aurora): eu me sinto uma menina mesmo perdida...e ai eu acho que eu senti tanto tanto que eu me desconectei então hoje me sinto fria por dentro, fria...porque ai gente... minha vida não está muito fácil, não é muito fácil assim o que eu tenho passado, o que eu tenho vivido e tudo difícil...eu tenho vergonha de falar para vocês mas eu me sinto sozinha assim....numa imensidão branca, da tela branca que você falou pra gente visualizar...eu me sinto até distante do que acontece na faculdade...eu sei que eu tenho que estar lá que eu tenho que viver mas não sei muito onde eu to...acho que é isso...”

Após o duplo, Aurora disse para o grupo que se sentia muito envergonhada de abordar esse assunto, e que estava se cobrando muito para dar conta dessas angústias sozinha, para permanecer como boa aluna na faculdade, mas que não estava conseguindo e por isso, criou coragem para compartilhar:

“Eu...acho que to me cobrando amadurecer sabe? Ser psicóloga...ser mulher...mas eu tenho me sentido muito criança por essa dor...” (Aurora, 5º ano).

A participante permaneceu por um tempo compartilhando com o grupo sobre essas experiências familiares e como muitas vezes sentiu vontade de desistir da

faculdade, por não encontrar condições de realizar as atividades acadêmicas, pois se sente muito angustiada e perdida:

“Eu já quis desistir bastante e já fiz coisas para que eu precisasse desistir mas não foi...e ainda tem toda a cobrança do que tem que ser feito na faculdade e minha mãe me cobra que eu não to fazendo não to produzindo, porque que eu to triste tenho que tomar um remédio, que eu to depressiva e...só me falam o que eu to ninguém me pergunta como eu acho que eu to e porque que eu to assim porque apontar é fácil né? Mas eu queria que eu mesma pelo menos reconhecesse o meu esforço sabe? É eu to fazendo a minha obrigação mas pra mim foi um grande esforço” (Aurora, 5º ano).

O grupo escutou atentamente e quando Aurora finalizou sua fala, disse que estava aliviada por ter um espaço para falar, mas que estava sentindo “vergonha do grupo”. A diretora então propôs que as participantes falassem com Aurora como sentiram enquanto estavam ouvindo a ela, e todas o fizeram de forma afetuosa, dando início à etapa do compartilhamento.

Compartilhar: a primeira a pedir a palavra foi Isis, que é muita amiga de Aurora na faculdade e estava emocionada por ouvir a colega; levantou-se e as duas deram um longo abraço. Isis comentou com a amiga que ficava emocionada de ouvi-la:

“Eu só consigo pensar no tanto que eu te amo...porque a Aurora é uma das minhas melhores amigas então é uma relação muito profunda assim...não sei me desperta uma emoção também... eu as vezes tenho vontade de ficar abraçada com ela também então é difícil pra mim ficar ouvindo assim tudo que eu já passei assim junto com ela né, as vezes tipo claro é sofrido porque na correria a gente não consegue igual ontem né Aurora...ontem eu falei assim pra ela, ela estava com muita raiva sei lá ela estava estranha e eu falei assim ‘como você está’? O que está acontecendo? Ela falou ‘não consigo falar em palavras agora’... então quando eu ouço ela eu fico pensando que eu amo muito ela e foi difícil me conter aqui eu queria logo já correr e abraçar ela” (Isis, 5º ano).

Aurora agradeceu e disse para Isis que ela também era muito importante para ela, e que a amizade das duas na faculdade vinha lhe dando apoio para continuar no curso.

Uma por uma, todas as participantes foram comentando com Aurora como a viam na faculdade, sempre muito criativa e poética, e que todas tinham muito admiração por ela. A participante Bruna disse para Aurora, esclarecendo para o grupo a dificuldade em vencer a vergonha da exposição pessoal para ter espaço de fala verdadeiro e livre, conseguindo expor aquilo que se quer esconder:

“Eu acho que eu entendo a importância dela falar aqui sobre isso, essa questão que ela trouxe de agressividade, de tentar diminuir a dor pra tentar lidar com a vida, é muito difícil fazer isso eu acho que eu já me vi fazendo isso algumas vezes também...e é muito difícil você conseguir falar aquilo que você quer esconder e...foi muito forte mesmo” (Bruna, 3º ano).

Aurora ouviu as colegas atentamente, se emocionou e ao final, agradeceu a todas. A diretora então propôs que o grupo realizasse um “abraço coletivo” em Aurora,

e todas se levantaram e se aproximaram da participante, que ficou em pé recebendo o abraço. Ao final desse momento, Aurora estava visivelmente mais presente no grupo e conseguia olhar para as colegas, sorrindo de forma tranquila.

Jéssica disse então para Aurora que sentiu muita empatia ao ouvi-la e que também está passando por problemas familiares. Aurora respondeu que gostaria de ouvi-la, pois também se abriu no grupo (as duas são da mesma sala, do quinto ano). Jéssica compartilhou com o grupo sobre uma questão familiar pela qual está passando e emocionou-se bastante, sendo acolhida pelo grupo. Após a fala de Jéssica, a diretora convidou o grupo para realizarem um círculo em cima do palco e encerrarem o encontro. Jéssica estava bastante emocionada e o grupo permaneceu no palco em roda e em silêncio, por alguns instantes. A diretora então agradeceu a presença de todas e encerrou a sessão. O clima no grupo era de ternura e acolhimento.

4.6.2 Síntese temática do sexto encontro

Tema 1- Importância do grupo sociodramático: resgate da espontaneidade-criatividade no papel de estudante

Ingrid compartilhou com o grupo a dramatização realizada na semana anterior e como foi de grande alívio para ela perceber que havia participado de um trabalho em grupo desastroso, saindo da paralisia que estava como estudante e que havia conseguido desenvolver o projeto de trabalho de conclusão de curso e finalizado outras atividades que estavam por fazer e que ela estava com dificuldade de terminar. Isis revelou para o grupo ter sentido muito bem após a dramatização e conseguiu viver maior liberdade para ir atender ao paciente na semana seguinte, pois estava mais aliviada no papel de estagiária de psicoterapia, ao entender que não precisaria dar soluções rápidas para o conflito do paciente.

Tema 2- Padrão competitivo dos alunos do quarto ano:

Ingrid e Andressa, as duas integrantes do grupo pertencentes à turma do quarto ano presentes na sessão, revelaram como percebem a competitividade entre os alunos em função dos trabalhos realizados em sala de aula. Além disso, destacaram como os conflitos interpessoais vivenciados e “silenciados” pelos alunos da turma do quarto ano, por não serem enfrentados, acabavam atrapalhando as relações interpessoais na sala de aula e portanto, comportamentos mais autênticos e

aprendizagem mais cooperativa entre os subgrupos. Ingrid e Andressa também revelaram a percepção de que a competitividade entre os alunos foi incentivada por uma professora, quando esta apontou a excelência de um trabalho apresentado pelo grupo de Ingrid em outra disciplina.

Tema 3- Sofrimento psíquico e conflitos familiares

Bruna comentou com o grupo que estava passando por questões familiares conflituosas que estavam a deixando ansiosa. Aurora também compartilhou com o grupo questões referentes à relação com o pai e com sua família que estavam provocando sentimentos negativos nela e a sensação de estar perdida na vida, o que estava causando dificuldades em realizar e estar presente nas atividades acadêmicas.

4.6.3 Sexto encontro: processamento

“Uma menina perdida numa imensidão branca” (Aurora, 5º ano).

Um encontro diferente de todos realizados até então. Se em um primeiro momento, as participantes chegaram compartilhando sobre a importância do encontro anterior para a retomada do potencial espontâneo-criativo como estudantes, em um segundo momento os dramas pessoais vivenciados no contexto familiar também apareceram demonstrando a importância de um espaço grupal confiável e sigiloso para que os participantes pudessem de forma autêntica colocar aquilo que faz sofrer e bloqueia a espontaneidade no papel de aluno.

Logo no início do encontro, Ingrid retomou em sua fala a importância do encontro anterior, em que puderam falar de momentos difíceis vivenciados na faculdade e ao mesmo tempo, compartilhar a alegria de estarem juntos no final, aprendendo mais sobre si mesmo e sobre o outro:

“Aí foi esse momento de dor e logo depois tipo o riso sabe? Essa intimidade que a gente estava naquele momento...e isso me mostrou muito a minha mudança, sabe? De como tudo aqui me fortalece, e isso me trouxe uma paz muito grande, no sentido de eu to fazendo o que eu quero, no caminho certo, e está sendo muito bom, sabe? Uma coisa muito positiva...foi isso...” (Ingrid, 4º ano).

A participante confirmou a importância do espaço grupal para dar suporte à compreensão das dificuldades vivenciadas enquanto estudantes universitários, e reafirmou como em diversos momentos eles experimentam dúvidas sobre as escolhas

a serem feitas dentro do próprio curso e a dificuldade de compreender qual caminho querem e podem seguir como futuro profissional. Ingrid demonstrou bastante compreensão do que havia ocorrido com ela na faculdade, de como toda a experiência com a atividade na sala de aula gerou um sentimento de incapacidade como estudante de Psicologia e como futura profissional, mas que a partir da dramatização da semana anterior, resgatou-se como estudante e voltou a jogar esse papel com mais desenvoltura. Quando Ingrid se colocou, compartilhando sobre a dramatização, sua colega de sala Andressa, que não tinha comparecido ao encontro anterior, confirmou que também percebia uma dificuldade na sala delas de enfrentar as tensões vividas entre os diferentes subgrupos. As participantes puderam revelar a competitividade que marca as relações dentro da sala de aula, e que as tensões e conflitos não são verbalizados e trabalhados pelos alunos, provocando um clima de rivalidade na turma.

Após esse diálogo entre Ingrid e Andressa sobre a situação sociométrica na sala delas, Isis também se colocou a respeito da sessão anterior, enfatizando a importância da mesma para ela compreender as dificuldades vivenciadas como futura psicoterapeuta, indo além da insegurança que estava sentindo. Isis e Ingrid estavam visivelmente relaxadas e integradas ao grupo.

Nesse dia, a diretora e o grupo acolheram Aurora, que até este encontro permaneceu mais calada sobre suas questões pessoais, e nesse dia pôde falar mais sobre si mesma. A diretora propôs a técnica do espelho ao perceber a importância de Aurora reconhecer e legitimar o que estava contando para o grupo, assim como para o grupo perceber o esforço que a participante estava fazendo em se abrir e se revelar a partir de um assunto sofrido para ela. Revelou-se um clima de intimidade e confidencialidade, quando Isis comentou com Aurora a importância da amiga em sua vida e como a amava, afirmando que durante todo o tempo que Aurora se colocava, sentiu vontade de abraçá-la e colocá-la no colo. Bruna também se colocou, dizendo para Aurora que percebeu grande coragem da parte dela em se colocar, e que havia se identificado quando Aurora comentou que muitas vezes escondia a própria dor e evitava falar da mesma, por ser difícil falar daquilo que se quer esconder. Andressa e Ingrid também comentaram com Aurora como a consideravam uma “pessoa linda” (sic); poética e que gostavam muito dela. Aurora agradeceu a devolutiva das colegas e demonstrou uma aparência mais relaxada e sorridente.

Quando Jéssica disse que também estava vivendo questões familiares difíceis, Aurora pediu para a colega se colocar, haja vista que ela tinha feito “grande esforço”

(sic) para se revelar nessas questões. Jéssica falou sobre o que estava vivendo e chorou bastante, apresentando grande mobilização emocional. Foi acolhida pelo grupo e pela diretora, em um círculo no palco. Em um clima de respeito e silêncio finalizou-se a sexta sessão.

4.7.1 Sétimo encontro: descrição

Data: 09/06/2017

Participantes: 7 (Isis, Ingrid, Tadeu, Anahí, Jéssica, Felipe, Aurora)

Ausentes: 3 (Bruna, Ícaro, Andressa)

Duração do Encontro: 2h30

Contextualização: os participantes Ícaro, Andressa e Bruna avisaram pelo grupo do whatsapp que não viriam ao encontro desse dia. No início do encontro, a diretora e o grupo combinaram sobre a sessão de encerramento do semestre, que ficou marcada para o dia 30 de junho, no dia, horário e local do grupo. Além disso, em função do feriado do dia 16 de junho, combinaram uma troca de horário de realização do encontro do grupo, ficando agendada para o dia 22 de junho de 2017, uma quinta-feira.

Aquecimento Inespecífico: os participantes foram convidados a contarem brevemente sobre como passaram desde o último encontro. Ingrid foi a primeira a se colocar, comentando com o grupo que passou a semana dormindo muito pouco e que por isso estava se sentindo exausta; e que inclusive dormiu depois do almoço e teve muita dificuldade para acordar e vir ao grupo. Ingrid contou ainda como em função da insônia, deixou todos os trabalhos da faculdade “em dia”:

“Eu não conseguia dormir e ficava mexendo, um dia eu fui deitar lá em casa e fui dormir, era nove e meia e pensei “nossa eu tenho esse tempo todo pra dormir” aí eu fiquei mexendo e mexendo e nada de dormir, eu fiz tudo o que eu faço pra dormir, já relaxei, fiz de tudo e eu não dormia, inclusive quando eu relaxava e fazia alguma coisa eu ficava mais esperta, aí eu falei assim ‘quer saber? Vou fazer trabalho’, aí eu fazia trabalho, eu fiz todos, adiantei todos, não tenho nenhum trabalho para fazer” (Ingrid, 4º ano).

Para finalizar sua fala, a participante contou sobre duas matérias que está com dificuldade em ir à aula, por não estar gostando e o grupo se mobilizou falando de duas professoras específicas; o modo de darem aula e se relacionaram com os alunos. O grupo estava disperso e o comentário de Tadeu sobressaiu às diferentes vozes:

“Ontem foi engraçado, uma coisa que eu fiquei pensando, que a gente estava no hospital, aí a gente estava saindo, aí eu virei para a minha dupla que é a Cristiane né, e falei assim “nossa parece que as férias não chegam, né, ainda bem que já está no fim do mês”, aí ela- “Tadeu hoje é dia oito”, aí eu “nossa eu tinha esquecido totalmente que era dia oito” (Tadeu, 4º ano).

Diferentes temas apareceram nesse momento, sinalizando o cansaço dos participantes como estudantes universitários. Ingrid e Tadeu comentaram ainda especificamente sobre a quantidade de faltas em duas matérias e que não poderiam faltar da aula até o final do semestre. Tadeu compartilhou com o grupo que faltou muito da faculdade e também das sessões do grupo porque estava viajando para ir ao médico em São Paulo e tem se sentido muito cansado. O clima no grupo era de desânimo e cansaço, e todos estavam “esparramados” no sofá. Entretanto, demonstravam “presença” no contexto grupal e nesse início, aqueciam-se verbalmente. Isis comentou que estava muito cansada, mas que fez questão de vir ao grupo. Disse ainda que teria que sair mais cedo por um compromisso familiar. Jéssica disse que continuava se sentindo perdida sobre si mesma, desanimada com todas as atividades da faculdade. Aurora agradeceu o grupo pela sessão anterior:

“Foi muito bom, eu agradeço, agradeço muito a todos e a vida pela oportunidade de me abrir um pouco, foi muito importante, né? Não dá para falar com palavras, eu espero que... foi bem amplo, bem importante, profundamente importante pra mim, obrigado gente. Mais um foguinho aí, acendeu mais um pouquinho” (Aurora, 5º ano).

Aurora estava visivelmente melhor, mais relaxada e olhava para os companheiros de grupo, sorridente. Em seguida, Felipe, também do quinto ano, compartilhou com o grupo o desconforto que viveu durante a semana, com a sessão de fotos para a formatura:

“Foi um pouco estranho essa semana, na terça-feira a gente tirou fotos pra formatura e tal, e eu me senti meio estranho assim, parece que eu não estava pertencente aquela emoção que estava dominando todo mundo de fechamento de ciclo, de coisa, eu estava meio, parece que não era comigo assim, sabe? Parece que eu estava vendo uma outra turma, embora, assim, muito da felicidade do pessoal passasse ali porque são pessoas que eu gosto e que estava feliz, mas eu estava me sentindo assim, parece que gente “nossa o que eu estou encenando mesmo? Por que é que eu tenho que ficar feliz?” (Felipe, 5º ano).

Felipe continuou comentando o estranhamento sentido pela sessão de fotos, que não conseguia sentir felicidade e não tirou foto com nenhum dos professores, o que o deixou chateado posteriormente. A participante Aurora, também do quinto ano, que estava mais solta e participativa nessa sessão, disse para o colega:

“Eu ia falar Felipe, não é só você porque, eu sinceramente, eu estava lá cumprindo mais uma coisa... sabe tipo assim quando tem que fazer um relatório, tem que tirar foto eu estava tipo assim, estava um sorriso muito superficial no meu rosto nas fotos, porque por dentro tem ish... Eu entendo o que o Felipe está dizendo, só estava para cumprir... porque eu não queria ser a chata que não estava lá e eu tenho consideração por todo mundo e queria estar com a classe, mas as fotos pra mim eram irrelevantes, de verdade”. (Aurora, 5º ano).

A diretora perguntou para os participantes se a atividade de fotos teria se configurado como um “protocolo burocrático” e eles concordaram, respondendo que, no entanto, teria valido a pena a companhia dos colegas. Felipe então disse que tinha observado muitas pessoas felizes e que se cobrou por estar vivendo a atividade com estranhamento. Aurora, Isis e Jéssica, também do quinto ano, responderam:

Aurora: a companhia que valeu, né? Por mais que estava aquela correria

Felipe: é que tinha muita gente assim, tinham algumas pessoas que estavam animadas, realmente feliz com aquilo

Aurora: estavam animadas... e isso foi bom

Isis: realmente conectadas com o sentimento né? Porque eu estava dissociada

Aurora: é eu também

Felipe: eu também

Jéssica: eu também parecia que estava dissociada

Aurora: a gente tentava se abraçar “ai tá acabando”, mas não

Isis: eu não estava sentindo nem um pouquinho de nada daquilo

Aurora: eu fui uma boa atriz gente, de verdade

Após a fala de Aurora, a participante Isis também se colocou a respeito do tema:

“Eu também... foi numa época muito ruim também, eu não achei uma data boa não, estava tipo, tem que preocupar com essas fotos, tem que fazer isso, aff” (Isis, 5º ano).

Ingrid comentou com os colegas que eles “atuaram” bem porque pareciam felizes em tirar as fotos. Jéssica disse então que não queria perder o investimento “na maquiagem” e todos riram muito. Ingrid ainda elogiou a brincadeira que o grupo do quinto ano fez com os professores e então contaram para a unidade funcional o que havia ocorrido. Isis finalizou esse momento comentando que a sessão de fotos havia ficado superficial e que deveria ser feita no final do ano, depois que todos estivessem aprovados, pois nesse momento estavam exaustos.

Em seguida, a participante Anahí começou a se colocar, explicando que não veio ao encontro anterior porque estava realizando um atendimento. Pediu para o grupo para compartilhar sobre o mesmo e foi ouvida silenciosamente:

“Eu até queria assim, só fazer um comentário, até desse atendimento porque foi algo que me marcou muito e semana que vem não vai ter supervisão, e acho que foi meio pesado, até que hoje eu estou muito cansada, porque esses atendimentos nossa, está puxando muito da gente, nossa ontem de noite eu até passei mal, eu fiquei muito mal, eu apaguei, eu quase cheguei a desmaiar de tão mal que eu fiquei, só que, acho que não sei se a pressão caiu, não sei o que foi, acho que eu fiquei o dia inteiro na faculdade e eu não, eu comi um lanche e não almocei comida mesmo, e fiquei o dia inteiro até às três e quinze na supervisão e três e meia eu atendi ele e nossa, depois que eu atendi ele eu fiquei muito mal” (Anahí, 5º ano).

A participante contou para o grupo o que tinha vivenciado na sessão de atendimento com a criança, em que se sentiu muito agredida pelo paciente por ele tê-la “enganado” durante a realização de uma brincadeira:

“A criança que eu atendo ela sempre sofreu bullying, sempre foi, sabe, agredida verbalmente, não tem amigos e ontem eu fui agredida por ele, nossa eu me senti muito ruim, porque foi tipo assim, eu acho que eu me senti no lugar dele, porque ele zuou de mim, ele meio que assim estava debochando de mim assim, e eu senti ele me agredindo numa brincadeira assim, sabe? E eu via na expressão dele, sabe? Tipo, ele querendo agredir e eu deixei porque eu não sei se foi como se eu tivesse me sentido no lugar dele, tipo deixando, ou se ele precisava daquilo, tipo assim, ele sabe, porque ele sempre foi a vítima, então não sei se ele precisava, enfim, mas eu sai de lá muito ruim” (Anahí, 5º ano).

A diretora pediu que a participante contasse um pouco mais sobre a experiência vivenciada no atendimento e Anahí compartilhou que estava brincando com a criança de um jogo de esconder cartas, e o paciente encontrou todas as cartas que ela havia escondido, mas ela não encontrou nenhuma, então o paciente disse, rindo, que não havia escondido as cartas. Anahí sentiu-se muito mal por ele ter se divertido em enganá-la e que já havia passado pela supervisão e entendido o vivido, mas que mesmo assim ela havia ficado muito mal com a situação, ao entender como os pacientes podem agredir os terapeutas. Todos ouviram Anahí atentamente e quando ela finalizou, o clima no grupo era de tensão. A diretora então pediu que entrassem em contato com a história da colega e percebessem em uma palavra como estavam se sentindo a partir do que ouviram:

Jéssica: lugar

Isis: inconformada

Felipe: surpresa

Aurora: impacto

Ingrid: indignação

Tadeu: raiva

Anahí: aflição

Aquecimento Específico: a diretora convidou os participantes para subirem ao palco, caminhando como estudantes de Psicologia que se sentia “inconformado, surpreso, impactado, indignado, com raiva e aflito”. Depois pediu que encontrassem um lugar no palco para se deitarem confortavelmente e depois que todos se acomodaram, conduziu um relaxamento corporal. Após, conduziu um psicodrama interno, pedindo que os participantes realizassem uma viagem no tempo, visualizando-se um ano antes de entrar na faculdade de Psicologia, resgatando a pessoa que era e estabelecendo um diálogo com essa pessoa. Pediu ainda que cada participante colocasse um “nome” no eu do passado, caracterizando quem era antes de entrar na faculdade e estabelecendo um diálogo com o “eu” do presente.

Dramatização: carta para o eu do passado. A proposta realizada foi que escrevessem uma carta para si mesmo um ano antes de entrar na faculdade. O objetivo da atividade foi revisitar a história da escolha vocacional e levantar percepções a respeito do processo pessoal vivenciado ao longo do curso. Os participantes realizaram a atividade sentados no contexto dramático, com as luzes apagadas, após o relaxamento corporal e o psicodrama interno. O clima ao longo da atividade era de bastante introspecção e Isis e Jéssica choraram bastante enquanto escreviam as cartas. O tempo de realização dessa proposta foi de 15 minutos.

Compartilhar: os participantes foram convidados a ler suas cartas, mas somente se sentissem à vontade para tal, e para compartilharem como vivenciaram a realização da atividade. Jéssica comentou com o grupo que escreveu a carta pensando que não iria ler, pois do contrário não conseguiria escrever. A diretora reafirmou que ela poderia escolher não ler a carta e somente comentar como foi a realização da atividade. Jéssica então ficou em silêncio, dizendo que não gostaria de ser a primeira. Isis então pediu a palavra, explicando para o grupo que teria de sair mais cedo do encontro. Emocionou-se bastante na leitura da carta e agradeceu o grupo pela oportunidade de realizar a vivência, pois pôde perceber o quanto a faculdade foi transformadora em sua vida:

“Bom para mim foi muito ruim, o começo de voltar porque, um ano antes, assim pegou bem na ferida, porque um ano antes, eu fiquei um ano depois que eu terminei o colegial, porque eu prestei o vestibular na UFTM, que era o meu sonho de estudar lá, aí eu passei na primeira fase e na segunda não. E aí esse um ano antes foi o ano que eu fiquei sem fazer nada, só trabalhando, num ambiente horrível, eu sofri muito, eu estava trabalhando numa fábrica no escritório e a pessoa que trabalhava comigo, ela acabava comigo, assim, eu não sabia, era meu segundo emprego, então tinha muita coisa que eu não sabia fazer e eu perguntava para ela e ela não respondia... Eu chegava do serviço, saía cinco horas e eu chegava em casa e chorava, chorava e chorava. Foi assim, até quase um episódio depressivo, eu não tinha sentido, sabe? Tanto que o nome que eu dei foi “Isis vazio”, porque a minha vida não tinha sentido, assim, eu acordava e ter que ir para aquele ambiente horrível de trabalho era insuportável, sabe? Mas eu precisava, sabe? Precisava do dinheiro e vinha a frustração de não estar estudando, porque eu sempre queria psicologia, eu sempre soube, sempre gostei muito de estudar, então tipo assim, estar parada, vinha todo aquele sentimento. Foi muito ruim voltar lá, sabe? Eu tive dificuldade no começo, na hora em que você perdeu” (Isis, 5º ano).

A participante comentou ainda, antes de ler sua carta, o quanto a faculdade trouxe sentido para sua vida, e que ao longo dos cinco anos estudando Psicologia conseguiu sair do sentimento de vazio que vivenciava de forma constante, até então:

“Então assim, o primeiro momento foi muito difícil e muito dolorido, sabe? Foi muito ruim, mas na hora de escrever a carta, veio assim, uma sensação tão prazerosa de poder falar para essa Isis que as coisas mudaram, sabe? Que assim, parece que a faculdade foi um marco em todos os sentidos, até eu conheci meu namorado no ano da faculdade, sabe? A gente começou juntos, e tipo assim, tudo mudou. Então a faculdade, por mais que tenha sofrimentos e que a gente reclama das coisas, eu passei por uns momentos difíceis também, mas eu me vejo tão realizada, tudo o que aconteceu durante a faculdade foi realizador, até os sofrimentos tiveram sentido, porque antes os sofrimentos eram vazios, eram sofrimentos que não me levavam a lugar nenhum, só na dor, só na dor, só na dor, e eu não tinha força assim, sabe? Então esse primeiro momento foi muito difícil, muito doloroso de lembrar, porque é como se antes da faculdade eu só visse uma escuridão assim, eu demorei para conseguir acessar, sabe? Mas era preciso, então eu consegui e aí eu escrevi a carta” (Isis, 5º ano).

A participante leu sua carta e chorou bastante. A diretora a acolheu, agradecendo a participante e comentando sobre a beleza que percebeu no processo de desenvolvimento vivido por ela. Os participantes olharam com ternura para Isis, que agradeceu novamente o grupo pela escuta e oportunidade.

Anahí então pediu para compartilhar, explicando que não gostaria de ler sua carta, somente contar como foi vivenciar a atividade. Contou para o grupo quem era antes de entrar na faculdade, e que foi difícil voltar ao passado, pois considera hoje que era uma pessoa muito perdida, com muitos “traumas”:

“Voltar no ano antes de começar a faculdade foi um pouco difícil porque, assim, difícil de lembrar né? Eu acho que eu não estava conseguindo lembrar direito, eu não sei se era assim, muitos traumas ou muitas coisas assim que eu tinha e eu não conseguia lembrar bem ao certo... mas meu nome de antes eu coloquei ingênua né, Anahí ingênua, porque hoje, aqui comentando um pouquinho da carta, antigamente eu vivia com muita máscara, eu fui falando aqui ao longo da carta e tudo e foi muito bom ir escrevendo porque eu fui relembrando todos os passos assim da faculdade e tudo o que eu fui deixando de ser e coisas que não eram minhas, corpos estranhos, digamos assim, que faziam eu criar essas máscaras, eu nunca me senti eu mesma e foi na faculdade que eu encontrei, digamos, a espontaneidade porque eu nunca fui eu mesma eu sempre fui outra pessoa, nunca fui eu mesma. Na escola, até o terceiro colegial, sempre parecia que eu colocava uma máscara e ficava com aquilo,

incorporava aquilo e nunca agia com espontaneidade, nunca fui eu mesma, e eu deixei isso, e questões de traumas também, no terceiro colegial eu acho que eu colocava muito máscaras porque eu tinha muitos traumas, muitas coisas internas não bem resolvidas dentro de mim. E que hoje em dia eu me sinto bem resolvida, eu compreendi, ingênua porque eu me sentia uma estranha e aí eu falo “você não é uma estranha” era o sentimento né de estranheza. Mas eu deixei, eu larguei tudo isso para trás, eu falei aqui que eu consegui me compreender ao longo do curso, porque a psicologia te ensina, né? A gente quando têm esses traumas, essas coisas não resolvidas, a gente pensa que é uma loucura nossa, que a gente é assim, né? Só que a gente não compreende que realmente são coisas que a gente não conseguiu resolver ou nunca enxergou isso mesmo, né? Estava inconsciente” (Anahí, 5º ano).

A participante comentou ainda sobre como pôde perceber, enquanto escrevia a carta, o processo de transformação vivido durante a faculdade:

“Então é muita gratidão como a Isis falou, muita gratidão porque hoje eu consigo agir segundo as coisas que eu quero, me sinto uma pessoa muito forte, eu não uso mais máscaras, eu sou eu mesma, enfim, nossa eu me sinto muito bem realizada assim, sabe? Uma pessoa muito forte. Parecia que as coisas eram muito, porque eu usava muito máscaras, eu acho que eu via as coisas assim muito superficiais, eu vivia muito no campo da imaginação, eu sempre imaginava situações, mas nunca agia realmente, eu sempre vivi no campo imaginativo e por eu sempre ter sido uma pessoa introvertida eu não colocava aquilo para fora, então, e por ter coisas que eu não conseguia compreender em mim, muitas vezes também, nossa, colegial, ensino médio, quantas vezes eu ficava chorando no quarto, eu não saía para fazer as coisas, eu não me compreendia, eu me achava uma estranha, eu não entendia nada, sabe? De mim. Aí eu ficava imaginando situações de eu sair e ficava feliz, mas só no campo imaginativo mesmo, eu nunca vivia, e depois que eu entrei na faculdade eu passei a viver, eu saí dessa imaginação e fui para a realidade mesmo e passei a viver mesmo as coisas, né? E as coisas eram muito superficiais, né? Então eu comecei a compreender as coisas e eu sinto que eu sou uma pessoa muito forte hoje, muito forte e é isso, me sinto muito realizada” (Anahí, 5º ano).

Anahí finalizou sua fala agradecendo o grupo pela oportunidade de ver como na atualidade pode “viver sem máscaras”. O clima no grupo era de intimidade e logo após a fala de Anahí, a participante Aurora pediu para compartilhar, pois assim como Isis, teria de ir embora mais cedo. Disse para o grupo que tinha gostado da atividade e que gosta de realizar essas viagens ao passado no seu dia a dia. Compartilhou em seguida sobre como era sua vida antes de entrar na faculdade de Psicologia e que sua primeira opção profissional havia sido Educação Física:

“Eu lembro que eu nunca imaginei fazer psicologia na minha vida, não tinha pensado nisso, eu sempre imaginei um curso só, eu ia fazer educação física e era isso, eu amava esportes, era o único lugar que eu me sentia livre, dentro da quadra, que eu me sentia eu, era só ali, sabe? Que eu podia me soltar, tirar todas aquelas vestes e tudo, aquele jeito doce que eu sempre me exigia ser muito doce, muito educada, lá eu podia ser mal-educada, podia correr, podia empurrar as pessoas, lá eu podia pedir desculpa também, mas eu podia ser tudo, não precisava ser só uma coisa, ser só bonitinha, legal, porque aquilo me cansava, mas eu tinha que vestir isso porque eu sempre tive para mim que eu tinha que agradar as pessoas, tem que agradar todo mundo, eu era assim... Então eu era uma aluna boa, na medida do possível me esforçava para ser excelente, calada, em casa eu tentava, em cada lugar eu era o que queriam que eu fosse para agradar e isso era difícil, né? Aí eu coloquei Aurora trancada, porque realmente a Aurora, ela estava trancada lá dentro, não saía, bem trancada, eu também não falava muito, nem cumprimentava as pessoas na verdade, minha vergonha era tanta que eu não cumprimentava as pessoas, e assim, o esporte ele era essencial para mim, ele era muito mais que esporte, não sei, lá eu me descobri muito, então eu achei que eu ia fazer educação física” (Aurora, 5º ano).

Aurora contou para o grupo que passou em uma faculdade fora de Franca, mas não conseguiu morar em outra cidade e retornou para a casa dos pais. Começou a fazer educação física em uma faculdade de sua cidade, tendo desistido do curso dois anos depois do ingresso, quando ficou por um ano cuidando de sua avó, que estava doente, e quando ela faleceu, resolveu fazer Psicologia:

“E aí foi quando eu fiquei um ano parada mesmo, sai e fiquei um ano parada, fazendo, é, eu lembro que eu comecei a fazer cursinho e aí fiquei muito vazia, nossa, aí eu descarregava, em alguma coisa eu tinha que descarregar e aí eu descarregava em exercícios, eu tinha que descarregar, eu estava vazia...eu lembro que a minha avó ficou muito doente e aí ela foi o meu objetivo, ela precisava de alguém para cuidar dela, então eu fiquei cuidando da minha avó, antes de fazer faculdade, e aí eu cuidava, ela estava muito doente mesmo e o convívio com a minha avó foi a única coisa que assim, que realmente me levou a esse curso, de alguma forma. Não sei, a gente teve uma conexão tão bonita, espiritualmente assim, ela entendia o que eu dizia, os outros não entendiam, ela entendia, e eu conseguia ajudar ela na dor dela física, porque ela não podia levantar, ela não conseguia respirar, ela tinha que fazer, então era uma troca que me preencheu tanto, né? De eu poder fazer essa troca e aí acabou que ela faleceu, né? E eu acho que foi no primeiro ano que ela faleceu, eu me lembro, acho que foi isso, ou antes de eu entrar, e eu vi ela morrendo, então foi muito, e eu queria ter visto, foi importante para mim, foi um adeus para um recomeço ali, eu não sei, a morte dela foi um adeus para um outro recomeço da minha vida também, sabe? Eu não sei explicar isso, estou falando tudo confuso” (Aurora, 5º ano).

Aurora contou ainda para o grupo sobre como foi importante essa convivência com sua avó no momento final da vida dela, pois sua avó era uma pessoa muito alegre e positiva, e ela, Aurora, sempre se considerou muito “melancólica”. Compartilhou com o grupo ainda como está se sentindo nesse momento final do curso:

“Foi bonito ter acompanhado ela, ela foi uma mestre para mim, sabe? Naquele momento que eu estava super vazia, não sabia o que fazer. E aí eu entrei na psicologia e aí foi outra guerra, né? Outra batalha muito grande, eu digo que foi uma guerra, uma batalha que está acabando agora, todo dia para mim é uma batalha, sabe? Viver para mim é uma batalha. Está acabando essa guerra e eu estou ansiosa para ver qual vai ser a outra guerra que vai começar e eu não quero que acaba essa porque eu estou com medo da outra, porque se essa já foi difícil imagina a outra, porque eu já estou machucada e eu ainda não recuperei gente, calma aí, preciso de recuperar, preciso de treinar para a próxima batalha, só que não dá tempo, né? O tempo me pega muito” (Aurora, 5º ano).

A participante encerrou sua fala dizendo que está cansada de viver “fins” e que especificamente o final da faculdade está sendo bem dolorido de vivenciar, mas que a partir da vivência compreendeu que faz parte da vida esse processo dolorido, aceitando-o. A participante resolveu ler sua carta depois que compartilhou o processo da escrita, finalizando sua fala com a leitura da mesma. Quando finalizou, pediu desculpas para o grupo por precisar sair antes do encerramento. Aurora, Isis e Anahí foram embora mais cedo, juntas. Anahí não teria dito para o grupo anteriormente que

precisaria sair mais cedo, e então explicou que precisaria ir com as colegas “de carona”.

Após a saída das três participantes do quinto ano, permaneceram no grupo Felipe e Jéssica (quinto ano); Tadeu e Ingrid (quarto ano). Tadeu pediu para falar, contando para o grupo que tinha gostado de escrever a carta, pois pôde lembrar de quem era e do que “veio perdendo” ao longo do caminho. Contou para o grupo que fez cursinho antes de entrar na faculdade pois não tinha certeza do curso que gostaria de fazer. Ao final desse um ano, resolveu fazer Psicologia e apesar de ter passado em uma faculdade fora, resolveu permanecer em sua cidade natal. Contou ainda que ao escrever a carta, percebeu que era “bobinho” ao entrar na faculdade:

“Mas foi muito bom a época assim que eu descobri que eu queria mesmo psicologia, tentei UFTM igual a Isis, depois eu passei, quando eu comecei aqui eu passei lá também, mas acabei optando por ficar e eu estava lembrando e acho que mudei bastante desses tempos, sabe? Acho que teve coisa positiva, porque eu era meio bobinho, mas teve coisa que era melhor do jeito que era, só que até na carta que eu, eu falo muito de não me arrepender das escolhas que eu fiz, sabe? Que eu acho que tudo foi bom, faz parte do caminho, as coisas que eu perdi devem estar em algum lugar também e o que for para retomar a gente retoma, né? Só que por enquanto a gente vai caminhando, sem dar um passo para trás, tentando dar um passo para frente...” (Tadeu, 4º ano).

O participante então leu sua carta para o grupo e ao terminar, comentou sobre como a fala de Anahí no começo da sessão, ao narrar sobre o atendimento da criança, provocou um sentimento de raiva nele, pois o fez pensar nas experiências negativas de agressão que teve durante a faculdade, nos relacionamentos interpessoais:

“E o que a Anahí falou do paciente, né? Me veio raiva porque não é só o paciente que faz isso, né? Não é só uma coisa da terapia, o tanto de pessoas, até em sala de aula, ou que a gente convive que não perde uma oportunidade para vir ficar uma coisa agressiva ou falar uma palavra para te diminuir de alguma forma assim sutil, mas “nossa você está, hein?”, sabe? Da aquela cutucada, aquela cara de desgosto, de raiva, de alguma coisa que você sente né, às vezes você até fica meio assim, e você não responde, não fala nada, se não é muito explícito a gente nem sabe como devolver ou se proteger assim... e isso anda muito presente para mim também, sabe? Inclusive eu acho que essa doença que eu tive esses dias foi muita coisa que eu estava e que foi fervendo dentro de mim, muitas coisas” (Tadeu, 4º ano).

Tadeu finalizou sua fala assim e agradeceu o grupo pela oportunidade. A diretora fez uma brincadeira com Tadeu, perguntando se ele não estaria precisando devolver algumas agressões para “alguém”. Tadeu então respondeu:

“Eu estava precisando me achar primeiro e me defender certo” (Tadeu, 4º ano).

Após essa fala, um breve instante de silêncio e então Felipe começou a se colocar, contando que nomeou o eu do passado como Felipe perdido. Leu sua carta

para o grupo, contando que dessa vez havia “acertado”, que a Psicologia era o curso certo para ele e teria conseguido se descobrir como pessoa no curso, superando várias dificuldades do passado, mas que ainda restava o desafio final, de se formar e ele estava se boicotando, desacreditando que poderia ser um bom profissional no futuro. Após ler sua carta, Felipe compartilhou com o grupo:

“Antes de entrar, né, eu passei por vários cursos, mas sempre era um misto de o curso não ser o meu curso, eu não saber quem eu era, eu tinha problema de relacionamento, não conseguia me relacionar com as pessoas, tinha fobia social, então era muito sofrido. Então eu comecei a fazer terapia e fiquei um tempo parado, um ano anterior de fazer psicologia eu estava parado, mas eu já estava melhor, já estava conseguindo me relacionar, tinha amizades e tal, saía, porque antes disso era bem pior, eu ficava só preso dentro de casa, e aí comecei a fazer terapia e comecei a me interessar por psicologia, eu li “Quando Nietzsche chorou”, que para mim aquilo lá foi “e isso aqui, isso aqui faz muito sentido para mim, é isso aqui que eu preciso para mim, para me encontrar na minha vida, é isso que eu quero fazer”. Aí eu entrei no curso...e no curso eu vi que, nossa, eu cresci muito durante o curso, muitas realizações, só que agora nesse momento parece que eu voltei para trás naquelas mesmas, pontos cegos que eu tenho em relação a mim mesmo e que voltaram agora com muita força nesse fim, atualmente” (Felipe, 5º ano).

O grupo escutou Felipe atentamente e quando ele terminou sua fala, a diretora perguntou qual aspecto positivo de si mesmo o participante havia descoberto durante o curso. Felipe respondeu que sua terapeuta individual e um supervisor de estágio de psicoterapia haviam dito várias vezes o quanto ele era sensível e empático com as pessoas:

“Então, eu não sabia não, mas muita gente fala de, é engraçado né, você vê só, não sou eu que estou me validando, são as outras pessoas que estão me validando, mas. Eu acho assim, que eu sou afetivo, minha terapeuta fala muitas vezes que eu sou afetivo. É dentro da psicologia assim, até o professor fala, o dia que o professor me falou isso assim, então deve ser muito, ele falou assim “ou você consegue sacar, você entende as coisas, sabe? Você tem umas sacadas legais. Parece que faz muito sentido, você consegue dar sentido para as coisas”, eu falei “ah que legal”, e eu vejo que é meu assim, isso” (Felipe, 5º ano).

Felipe contou para o grupo que até acreditou quando o professor falou bem dele e que percebeu em si essa capacidade empática, mas que ainda não se sente seguro em pensar que será um psicólogo competente.

A próxima participante a se colocar foi Ingrid. Compartilhou com o grupo que foi difícil escrever a carta para o eu do passado e relembrar tudo o que viveu no período de ingressar na faculdade, pois ainda sente-se muito culpada por vivências do período, em que se colocou em situações destrutivas. Reconheceu como sentia-se sozinha e perdida, pois sempre foi muito calada, muito quieta e sofreu “bullying” na escola principalmente no Ensino Fundamental. Antes de vir para a faculdade, Ingrid revelou para o grupo que seus pais se separaram e foi um período bastante

perturbador para ela e sua família. Segundo ela, escrevendo a carta, pôde perceber o quanto, ao tomar a decisão de mudar de cidade para fazer faculdade, estabeleceu um divisor de águas em sua vida, à medida que na faculdade de Psicologia começou a se encontrar, compreendendo mais a si mesma:

“E hoje você me fez lembrar de tudo, essas, esse percurso, que por mais que tenha sido muito, muito difícil, nossa eu passei por coisas na minha vida que eu achei que eu nunca fosse passar saber e eu superei tudo isso, eu consegui passar por tudo isso...e eu ter dado a volta por cima de tudo isso, o que me ajudou foi a psicologia, tanto na questão de autoconhecimento quanto de profissional, porque eu vi que realmente é isso que eu quero, e a fase que eu passo hoje é total, tipo, ‘nossa eu passei por tudo isso, sabe’? Tudo isso aqui passou, às vezes eu choro por ‘nossa mano, passou, sabe’?” (Ingrid, 4º ano).

Ao finalizar, Ingrid disse que sentia gratidão por poder participar do grupo de universitários, que ajudou a confirmar as escolhas feitas ao longo da faculdade e sentir-se fortalecida em seu caminho.

Jéssica foi a última participante a realizar o compartilhar de sua carta para o eu do passado. Ao longo da escrita, emocionou-se bastante e a diretora permaneceu por um tempo ao seu lado, acolhendo. Escutou todos atentamente e deixou para se colocar ao final, dizendo:

“É muito ruim pra mim falar e acessar, me acessar, dentro de mim, para mim é horrível porque eu acho que tem muita coisa aqui dentro e eu luto muito para disfarçar tudo o que tem aqui dentro e fazer o que mais ou menos eu acho que é normal, sabe? E aí quando acessa eu pareço que perco o controle e daí não faço mais o que eu acho que deveria ser feito. Então foi difícil mesmo, eu não vou me emocionar mais não, mas assim eu me emociono acho que por isso” (Jéssica, 5º ano).

Jéssica disse que foi muito difícil escrever a carta porque percebeu o quanto se perdeu de si mesma durante a faculdade e que hoje só consegue ver maldade nas pessoas. Contou para o grupo que entrou para a Psicologia como um bebê ingênuo que acreditava no potencial das pessoas, que sentia desejo em conhecer as histórias de vida das pessoas pois acreditava que todos podem ter um lado bom; era afetuosa e carinhosa. No momento, sente-se constantemente desconfiada e acredita que perdeu a crença nas pessoas, sentindo-se em constante luta com esses sentimentos. Jéssica destacou para o grupo que ao escrever a carta, pôde entender quantas coisas suas foi perdendo pelo caminho universitário.

“Eu tenho um pouco de saudade do que eu era antes da faculdade, né? Um ano antes da faculdade. Eu coloquei o meu nome de Jéssica Bebê e eu assinei como Jéssica criança, justamente porque eu acho que eu era muito bebê, muito imatura, muito ingênua, e eu acho que os anos se passaram e eu evolui muito pouco, eu cresci muito pouco, e eu fiz muito, parece que vivi muito, sofri muito, sorri muito, mas foi muito pouco, foi muito pouco cheio de sentido, muito sem valor, muito, eu não sei falar, eu achei que foi muito pouco e eu acho que, eu olho para trás e eu sinto muita saudade, porque eu acho que eu perdi algumas coisas minhas que eram minhas e eu deixei, fui deixando e aí

hoje parece que eu fico tentando resgatar isso, mas eu não consigo, não pertence a mim mais, então assim, eu acho que eu era muito sensível, era muito afetiva, eu era muito doce, sabe? amigável, boazinha, e hoje eu acho que eu não sou nada disso. E eu perdi isso, tipo, perdi, eu acho que eu fui deixando no caminho, entendeu? Eu acho que eu fui desacreditando muito das pessoas e eu acho que isso é terrível, sabe?” (Jéssica, 5º ano).

Ao final de sua fala, contou para o grupo que escreveu duas letras de música e fez alguns desenhos no final da carta, pois estava muito emocionada e não conseguiria terminar. Disse que está sofrendo muito. A diretora sugere para Jéssica que talvez fosse bom ela retomar a psicoterapia individual para colocar sentido em tudo o que está vivenciando com mais profundidade, pois muitas vezes no grupo não é possível aprofundar nos dramas individuais toda sessão. Jéssica disse que já fez psicoterapia muito tempo e que no momento está resistente em voltar. Chorou bastante e a diretora voltou a afirmar que a faculdade pode provocar várias transformações, no nível pessoal, relacional, intelectual, e que tudo isso é desafiador e precisa ser compreendido e integrado em nossas vidas. Nesse momento, Felipe, que também é do quinto ano, da sala de Jéssica, pede a palavra, dizendo para a colega:

“E a faculdade de psicologia é muito, bom eu não fiz as outras, né? Mas eu acho que é muito, precisa ser assim, né? Não tem como você passar incólume a ela, só com as teorias e aprender uns negócios...nossa, se você não viver o negócio e eu acho que é muito isso, não tem jeito de você ser a mesma, eu vejo isso lá na faculdade, todo mundo assim, e você mesmo, você mudou durante a faculdade e agora tem que aceitar, ver o que é essa mudança, ter uma compreensão disso, porque é muito, você vê, é tanta vivência, tanto desafio você lidar com outras pessoas, nossa é muito, te tira, cada dia, assim, cada semestre, te tira uma pele e fica aquela pele nova, meio sensível assim, mas que vai virar casca que vai virar outra coisa, mas é realmente, sei lá, eu acho que a faculdade é muito foda, muito foda” (Felipe, 5º ano).

O grupo se mobilizou por alguns instantes com essa fala, comentando sobre a intensidade das transformações vivenciadas na faculdade de Psicologia e como é difícil passar pelo processo sem acompanhamento psicoterápico. Jéssica então se acalmou, dizendo para o grupo que iria pensar no assunto.

A diretora convidou então os participantes para realizarem um círculo no palco e desse modo, finalizar o grupo, despedindo-se do que havia sido vivido e encontrando dentro de si qual sentimento seria importante levar embora. Solicitou ainda que os participantes dissessem uma palavra.

Jéssica: eu vou procurar

Tadeu: caminhada

Felipe: caminho

Ingrid: mudança

Ao final, despediram-se da unidade funcional de forma afetuosa, encerrando o sétimo encontro.

4.7.2 Síntese temática do sétimo encontro

Tema 1- Cansaço físico e emocional vivenciado ao final do semestre:

Ingrid, Tadeu e Jéssica comentaram sobre o sentimento de cansaço vivenciado ao final do semestre, revelando dificuldades para acordar cedo para ir à aula, o que acarretou problemas com faltas, assim como insônia e sentimento de esgotamento.

Tema 2- Sentimento de falta de sentido da sessão de fotos do quinto ano: vivências acadêmicas relacionadas ao encerramento do curso

Felipe comentou como se sentiu estranho ao participar com os colegas da sessão de fotos do quinto ano, e que parecia estar fazendo a atividade no automático e sem sentido. Aurora, Isis e Jéssica, também do quinto ano, se mobilizaram com a fala do colega e todos revelaram a estranheza que viveram durante a sessão de fotos, revelando uma percepção de falta de conexão consigo mesmo que experimentaram nesse momento, por não comungarem com outros colegas da alegria vivenciada por eles na sessão de fotos.

Tema 3- Sentimentos negativos vividos após atendimento de paciente em estágio de psicoterapia:

Anahí compartilhou com o grupo que estava se sentindo mal em função de uma situação vivida em um atendimento de criança em psicoterapia, pois estava sentindo-se pessoalmente atacada pela criança. Chegou para o encontro buscando colocar um sentido na violência que tinha vivido e que ela percebeu que muitas vezes perpassa as relações, de modo particular, a relação terapêutica.

Tema 4- Relatos de transformações vivenciadas ao longo do curso de Psicologia

Isis e Anahí revelaram que escrever a carta para o “eu do passado” permitiu que percebessem o processo de transformação vivenciado ao longo do curso, pois puderam ao longo dos cinco anos de faculdade, descobrir o próprio potencial e diferenciar-se de quem eram até então. Isis comentou que sempre teve o sonho de cursar Psicologia e que se emocionou por estar se encaminhando para o final da graduação, à medida que percebeu como pôde se desenvolver ao longo da mesma e

muitas vezes se destacar como a melhor aluna do curso. Isis, Aurora e Felipe relataram o sentimento de vazio que sentiam até entrarem na faculdade. A partir da experiência como estudante de Psicologia, puderam sentir maior liberdade para ser quem se é, descobrindo-se a si mesmo e descobrindo um sentido para a própria vida.

Aurora, Tadeu e Jéssica destacaram a batalha que viveram para realizar a faculdade, que em função de diversas e diferentes experiências, provocou sofrimento psíquico. Aurora revelou que suas dificuldades no âmbito familiar tornaram a realização do curso mais difícil, pois teve problemas com a família que dificultaram sua presença na faculdade. Jéssica sentiu que perdeu muita da própria sensibilidade e confiança nas pessoas durante a faculdade, pois viveu muitas experiências de rejeição e frustração com relações sociais no âmbito acadêmico. Tadeu revelou que um relacionamento que viveu durante a faculdade também provocou nela algumas dificuldades emocionais e relacionais.

Por outro lado, Isis revelou como a realização da faculdade possibilitou que ela saísse do sentimento de vazio que vivia até então e encontrasse um propósito para sua vida. Anahí reconheceu e revelou ter vivido um grande processo de transformação pessoal realizando o curso, pois na faculdade pôde abandonar muitas máscaras que usava nas relações sociais para começar a ser ela mesma. Felipe revelou o quanto sentiu-se grato por ter permanecido e se encontrado no curso de Psicologia, pois já havia passado por duas experiências acadêmicas que abandonou. Reconheceu ter crescido muito realizando o curso e no momento atual sua angústia era a dificuldade sentida por não se ver formado e atuando no futuro. Ingrid revelou que ao longo da faculdade foi se encontrando mais como pessoa, pois com o curso e a psicoterapia foi compreendendo mais de si mesma.

Tema 5- Vivências de dúvidas profissionais antes da faculdade

Felipe, Aurora e Tadeu relataram como se deu o processo de escolha para cursarem Psicologia. Para Felipe, o curso foi sua terceira experiência de graduação, e antes disso abandonou dois cursos diferentes. Aurora começou a fazer outra graduação e deixou no segundo ano, após uma pausa de um ano, resolveu fazer Psicologia. Tadeu revelou que fez cursinho para se decidir entre Psicologia e outro curso e acabou optando pela mesma.

Tema 6- Vivências de dúvidas sobre o futuro pessoal e profissional

Jéssica e Felipe revelaram a ansiedade que sentem com o final do curso e as preocupações acerca do futuro profissional, em que emergem dúvidas se serão

capazes de assumir a profissão e encontrar um caminho de atuação profissional. Esse sentimento já havia sido revelado, de modo incipiente, no início da sessão, quando comentaram sobre a sessão de fotos para a formatura e como essa constitui-se em uma vivência dissociada, indicando a importância de cuidado com as vivências de término experimentadas ao final do curso.

4.7.3 Sétimo encontro: processamento

“E a faculdade de Psicologia...não tem como você passar incólume a ela” (Felipe, 5º ano)”.

O grupo como um fluxo, um ponto de apoio: em alguns dias se organizam para vir, em outros não. A chegada de Tadeu para a sessão, após duas faltas, e a ausência de Ícaro e Andressa, fizeram a diretora se atentar para o fato de que estão “se revezando” para participar do grupo, vindo uma sessão, faltando outra. Nesse encontro, a chegada de Tadeu foi comemorada, pois não aparecia há duas semanas. Estava com dificuldade em ir à aula e em vir ao grupo. O que estaria acontecendo com Tadeu? Com o grupo do quarto ano?

Nesse dia, os participantes demonstraram cansaço e desânimo no começo da sessão, e a diretora solicitou que comentassem um pouco sobre como haviam passado a semana. Após as queixas de cansaço e ansiedade para as férias, Felipe comentou algo que mobilizou o grupo do quinto ano: o quanto tinha se percebido dissociado na sessão de fotos para a formatura, estranhando o fato de participar dessa atividade, ao não acreditar que conseguirá se formar e ser psicólogo. Os colegas do quinto ano revelaram a dificuldade em resgatar a alegria para vivenciar o momento, ou mesmo comemorar a formatura próxima. Viveram a sessão de fotos como mais uma atividade burocrática e não encontraram sentido para a mesma; ou quem sabe não estavam conseguindo se conectar internamente com o que estão vivendo, no nível dos papéis psicodramáticos?

A diretora sentiu a proposta de voltar ao eu do passado como importante: afinal de contas, quem eram antes de entrar na faculdade? Porque escolheram Psicologia? Como vivenciaram o curso? Como estão se sentindo nesse momento do curso?

Os participantes foram convidados a ler suas cartas e compartilhar como foi a realização da atividade. Todos escreveram as cartas para o “eu do passado” e no compartilhar, Anahí devolveu para o grupo que estava sentindo-se melhor à medida

que olhar para sua história permitiu que ela percebesse o quanto se desenvolveu e descobriu-se ao longo do curso, conquistando maior espontaneidade, e que essa vivência permitiu que saísse do sentimento de incapacidade e angústia que chegou ao grupo, em função do atendimento. Ao longo do compartilhar apareceram diferentes temas. Aurora, Felipe e Tadeu relataram como vivenciaram dúvidas vocacionais e profissionais antes da entrada na faculdade, mas que escrevendo as cartas puderam tomar consciência do quanto se desenvolveram ao longo do curso e como sentem que fizeram a escolha profissional adequada para eles. Nesse sentido, a escrita da carta para o “eu do passado” permitiu aos participantes perceberem o processo de transformação vivenciado ao longo do curso, pois puderam rever-se e diferenciar-se de quem eram até então, experimentando novos modos de ser com liberdade, em um processo de afirmação de si mesmo no papel de estudante universitário de Psicologia. Entretanto, Aurora e Jéssica relataram que o percurso da faculdade se constitui numa “batalha” para elas e Felipe afirmou sua preocupação sobre como será assumir o papel profissional no futuro.

Todos tiveram tempo para se expressar com tranquilidade e o grupo apresentou bastante entrosamento. O clima nesse dia foi de intimidade e cooperação, sendo que realizaram a atividade proposta e compartilharam livremente as próprias histórias durante o compartilhar, demonstrando confiança uns nos outros e um movimento de circularização nos vínculos. A proposta de revisitar a história individual desde a entrada na faculdade proporcionou um sentimento de “afirmação” da escolha do curso para todos os participantes, ao retomarem a historicidade da constituição da matriz profissional e o quanto se desenvolveram ao longo da mesma. Entretanto, Jéssica retomou o quanto está experimentando um sentimento de caos nesse momento final do curso, em função de diversos conflitos interpessoais vivenciados tanto em sala de aula quanto nos estágios, emergindo uma vivência de dúvida a respeito de si mesma e da própria capacidade de ser psicóloga.

Se no começo do encontro os participantes do quinto ano chegaram desanimados com a sessão de fotos para a formatura, relatando uma experiência de dissociação, pois não encontravam sentido na atividade e não sentiam alegria com a mesma, ao final, todos puderam resgatar um pouco do que vivenciaram ao longo do curso e o que teria sido significativo para cada um, resgatando a si mesmo de forma mais inteira, revisitando a própria história e as diferentes conquistas, liberando assim o potencial espontâneo-criativo. Ao final da sessão, tinham se dado conta de porque

era difícil aproximar-se do final da faculdade e o quanto coloca-se como desafiador saber encerrar, observando e dando sentido para todas as dificuldades e as conquistas vivenciadas no contexto acadêmico, e colocando-se aberto para os desafios do futuro.

Permaneceram até o final do encontro Felipe, Ingrid, Jéssica e Tadeu, que finalizaram o grupo bastante mobilizados com o sofrimento apresentado pela colega e incentivando-a a buscar maior compreensão dos desencontros relacionais vividos ao longo da faculdade.

4.8.1 Oitavo encontro: descrição

Data: 22/06/2017

Participantes: 6 (Isis, Ingrid, Tadeu, Aurora, Ícaro, Andressa)

Ausentes: 4 (Bruna, Anahí, Felipe, Jéssica)

Duração do Encontro: 2h40

Contextualização: esse encontro ocorreu com intervalo de 15 dias após o último, dado o feriado do dia 15 de junho de 2017. Os participantes se dispuseram a vir no período noturno nesse dia, e o encontro iniciou-se às 19h. A sala utilizada para o aquecimento do grupo também foi diferente, dado que o teatro psicodramático estava ocupado no horário. Como essa sala era aberta, logo após o aquecimento específico a diretora convidou o grupo para se deslocarem para o teatro, pois fazia muito frio. Todos confirmaram participação no encontro, mas 4 participantes faltaram e somente Jéssica avisou que não viria.

Aquecimento Inespecífico: a diretora aguardou os participantes na sala de espera e quando estavam todos presentes, explicou que o encontro teria início em uma sala diferente, mas que depois iriam para o teatro terapêutico. Ingrid demonstrou animação com a proposta, questionando a diretora se poderiam “gritar” nesse espaço. A participante estava falante e entusiasmada. Tadeu observava o grupo e cantarolou uma música no trajeto até a sala. Andressa, Isis, Ícaro e Aurora estavam silenciosos e ao entrarem na sala sentaram-se imediatamente no chão, observando os demais. Isis comentou que estava cansada e com frio. Ícaro não disse uma palavra, estava com a aparência entristecida. A diretora então questionou porque haviam se sentado, e os participantes protestaram: Isis disse que estava muito cansada e desanimada; Aurora disse que gostaria de ficar embaixo “das cobertas”. Com exceção de Ingrid e

Tadeu, os demais estavam sentados com o aspecto de muito cansaço. Apesar dos protestos, a diretora convidou-os para ficarem em pé e realizarem um círculo, posicionando-se bem próximos uns dos outros, a fim de reconhecer quem estava presente e se aquecer fisicamente. Os participantes se observaram então com ternura e sorrisos tímidos apareceram. Permaneceram nesse círculo por dois minutos e então a diretora pediu que caminhassem pela sala, silenciosamente, buscando relaxar e soltar o corpo, reconhecendo a própria corporeidade e também o local. Como a sala tinha bastante espaço, os participantes puderam se locomover sem esbarrar uns nos outros. Isis caminhava lentamente e mais voltada para dentro de si; Aurora também andava devagar e olhava fixamente o chão; Andressa andava mais rápido e olhava para o espaço e para as pessoas. Tadeu e Ingrid caminhavam vigorosamente, olhando para a sala, para o espaço, expressões sérias. Em seguida foi feito o convite para realizarem a concretização de sentimentos por meio de imagem, pedindo que demonstrassem com o corpo como estavam chegando para o grupo nesse dia. Com exceção de Ingrid, que permaneceu em pé, todos realizaram a escultura deitados no chão. Depois que todos encontraram a imagem individual, a diretora convidou-os para realizarem um solilóquio, que foi feito na seguinte ordem:

Tadeu: eu estou cansado, mas eu não posso descansar ainda, tenho que ficar, me manter em pé, eu não posso deitar

Isis: eu estou com frio, está faltando calor, está faltando aconchego, está faltando à luz, eu queria só deitar embaixo das cobertas e deixar minha mente descansar, mas ela não para

Aurora: talvez eu não queira falar, talvez eu só queira partir, talvez eu tenha que ficar para depois saber para onde ir

Andressa: nossa, eu estou cansada até para falar, eu acho, mas ainda tenho força, eu vou dar conta

Ícaro: fechado, parece que tudo o que eu quero, tudo o que eu almejo é mais difícil para mim do que pra outra pessoa, pra mim nunca dá certo

Ingrid: eu estou ansiosa, mas eu estou cautelosa, eu estou pensando muito

Como o solilóquio revelou ansiedade, cansaço e esgotamento físico, a diretora fez a proposta de um trabalho corporal mais específico, objetivando promover descontração e relaxamento para o nível de cansaço que estavam revelando. Os participantes aceitaram e a diretora propôs que experimentassem movimentos corporais no plano alto (em pé, correndo, dançando, andando lentamente); médio (engatinhando, imitando gato); baixo (rolando no chão, arrastando-se como cobra, alongando as costas no chão). O grupo permaneceu em absoluto silêncio realizando

a proposta e houve entrega e presença por parte dos participantes. Para finalizar, foi proposto ainda que “localizassem” um local no corpo que estivesse dolorido e massageassem o mesmo. Esse momento durou alguns minutos e em seguida, foram convidados a se levantarem devagar, para caminhar novamente pelo espaço, notando diferenças do estado inicial. Como estava muito frio no espaço externo e a sala de trabalho corporal era aberta, a diretora convidou o grupo para se deslocarem ao teatro psicodramático, o que fizeram em silêncio.

Aquecimento específico: já no teatro, no contexto grupal, a diretora convidou para comentarem como estavam após a realização do aquecimento, pedindo que comentassem livremente o que haviam percebido de “si mesmo”. O grupo permaneceu em silêncio por quase dois minutos, e então Ingrid comentou:

“Está foda hoje” (Ingrid, 4º ano).

O comentário da participante foi imediatamente seguido por uma fala de Tadeu:

“É engraçado, eu estou tentando lembrar, tipo, deixar vir alguma coisa assim, pois é, parece que está nessa, tipo, não sei se eu relaxei muito e aí fiquei sabe?, eu não estou sentindo cansaço, não estou “oh meu Deus, quero sair daqui” (Tadeu, 4º ano).

A diretora comentou com Tadeu se ele estava sentindo diferente do cansaço que apresentou ao realizar o solilóquio e o participante respondeu que sim, visto que a atividade corporal havia feito bem para ele, pois experimentou realizar cada um dos movimentos propostos em seu tempo e ritmo, o que lhe causou uma sensação de liberdade e bem-estar. Tadeu contou para o grupo como estava sentindo-se fisicamente esgotado em função de noites sem dormir pela demanda de atividades e trabalhos para entregar na faculdade; além disso, havia dormido pouco por ter saído na noite anterior.

“Eu estou meio assim também, acredito que tem muita gente aqui que está dormindo um pouco, mas essa semana antes das duas horas eu não dormi nenhum dia, então eu acho que eu tenho um cansaço físico, mas o de energia assim acho que não tanto, sabe? Acho que mais também porque está nesse fim e aí dá aquele gás, porque tem que fazer, tem que terminar, então vamos terminar, então vem essa energia” (Tadeu, 4º ano).

O participante compartilhou com o grupo que ainda precisará finalizar um relatório de estágio feito em grupo e nesse momento, Isis fez uma pergunta para o colega:

“Isis: vocês estão gostando ainda?”

Tadeu: do que?

Isis: de trabalhar em grupo?

Ingrid: nossa eu to

Tadeu: eu gosto, eu acho, sei lá

Isis: até o final do ano você vai estar odiando os seus amigos

Aurora: é uma indireta, é uma indireta

Tadeu: não eu estou tranquilo porque eu estou dando graças á Deus que é em grupo na verdade...porque a gente está se dando muito apoio, sabe? E eu to fazendo alguns grupos com outras pessoas, sabe? E tem um que um fez mais, ai tem outro que aquele, e não é tipo uma coisa forçada, tipo “ah, você fez mais no outro, agora eu vou fazer”, sabe? É natural, então a gente está tipo se equilibrando, sabe? Estou mais cansado, ai o outro faz mais, não tem o que falar, sabe? Então eu acho que isso está bom e a gente está se dando apoio e está fazendo tudo”.

Tadeu continuou contando para os colegas que apesar de apreciar o trabalho em duplas, trios ou grupo, está tendo dificuldade com a realização de um relatório de estágio de testagem psicológica porque sua companheira na prática possui necessidades especiais e ele precisou assumir as intervenções e os relatórios. Compartilhou com o grupo sua “dupla” dificuldade com esse estágio específico, de testagem psicológica:

“Eu não sou muito bom com uma coisa que é pré-estabelecida, que está tudo certinho, igual o exame... é, para eu pegar e fazer isso me desgasta muito porque eu fico toda hora assim “nossa agora eu tenho que fazer tal coisa, agora” e se eu não fizer certinho eu fico “caramba, errei”, sabe? “Merda!”, eu fico puto, porque tem que ser daquele jeito, sabe? Então ai isso está me desgastando mais, porque tem que fazer correção e tudo muito coisinha... eu acho que é por ai, de ter que fazer certinho, será que eu vou dar conta de fazer certinho, sabe? Apesar que eu acho que dá conta sim, tranquilo...só que ai eu estou em um trio, uma tem uma deficiência visual, então ela tipo tem uma limitação para me ajudar desde a aplicação até na correção, né? Ver tabela, essas coisas assim, fica complicado. Então tem parte que dá para ela fazer, digitar a entrevista, né? Isso ela consegue, mas essa outra parte já do teste já não, e a minha outra, a outra pessoa que está no trio vai viajar, querendo ou não, ele vai fazer um curso, então amanhã ele vai de manhã e volta domingo e é para entregar isso na segunda” (Tadeu, 4º ano).

Quanto Tadeu terminou de falar sobre como está sentindo o peso de realizar o relatório sozinho, apesar de estar em grupo, a participante Ingrid, que é sua colega de sala, ofereceu-se para ajudá-lo a terminar o relatório no final de semana, pois já havia entregado. Tadeu aceitou a oferta da colega e agradeceu, modificando sua expressão facial e demonstrando alívio.

Em seguida, o grupo silenciou alguns instantes e a participante Andressa compartilhou com o grupo que teve dificuldade em realizar o trabalho corporal e se

entregar, pois o tempo todo sentia-se “desesperada” (sic) com a quantidade de trabalhos que precisaria entregar para a faculdade nos próximos dias. Contou que estava se sentindo muito ansiosa pelo excesso de demanda, principalmente porque deveria finalizar tudo em três dias, porque irá viajar de férias. Andressa estava muito agitada e falava apressadamente, fisicamente parecia que iria se levantar a todo momento:

“Eu vou falar, porque eu estou muito ansiosa, eu estou achando que eu vou surtar, juro por Deus, vou até levantar. Gente, essa semana, olha, eu falei até para a Rita na supervisão, falei “agora eu estou sentindo aquela linha entre saúde mental e patologia, sabe?” Estou sentindo que está balançando, mas eu vou conseguir, eu vou lá mas eu volto. Gente eu estou em uma ansiedade, numa angústia, que Deus é pai, está vendo? Eu estou assim. E é muita coisa para fazer, gente vocês não tem noção, sabe? Tipo assim, você coloca seis matérias mais quatro estágios, fora o projeto, então assim, é muita coisa. E eu vou viajar, falta uma semana para mim viajar e ficar um mês, eu estou desesperada gente...eu estou aqui desesperada porque eu não tenho tempo para sentar na frente do computador para procurar nada, sabe? Não dá, não dá tempo mais de responder o whatsapp, dá tempo gente? Sabe, não dá. Você tem que escolher as pessoas que você responde porque não dá tempo. Eu ando chorando tanto, eu ando saindo da faculdade chorando assim, e parece que a coisa não acaba, não acaba. Mas eu estou feliz. Não, dá esse desespero, mas eu estou feliz, sabe?” (Andressa, 4º ano).

Quando Andressa terminou de falar, Tadeu pediu a palavra e disse o quanto sentia-se desgastado por ter de ficar desde as 7h da manhã até a noite por conta da faculdade, sem poder realizar nenhuma outra atividade ao longo do dia que não seja dedicada à mesma.

Andressa concordou com o colega e continuou compartilhando com o grupo que o excesso de atividades para fazer e pensar ao longo do dia a deixa muito ansiosa, por ter de pensar em várias “tarefas” ao mesmo tempo. Compartilhou que ao mesmo tempo que está pensando nos relatórios, precisa pensar na viagem, na comissão de formatura, e não consegue sentar-se para finalizar suas atividades.

A diretora convidou Andressa para fechar os olhos e tentar “escutar o coração”, centrando-se, mas a participante recusou, dizendo que estava muito ansiosa para fechar os olhos e que gostaria de contar para o grupo que apesar de sentir tamanha ansiedade, também estava feliz pela viagem de férias a ser realizada e por ter passado na Iniciação Científica. Isis parabenizou Andressa, que agradeceu. Ao final de sua fala, disse para o grupo:

“Nossa, eu acho que eu não aconselharia as pessoas a fazerem psicologia não. Nossa gente é muito pesado, né? a gente sofre muito, sabe? É desgastante assim, é não dormir, é chorar, é nossa, ter vontade de matar os outros. Por que sério tudo é em grupo, tudo é em grupo, esse ano, então tudo o que você faz é em grupo, até as pessoas que você tem contato diariamente assim você começa a ver a pessoa muito e começa a ter atrito, sabe? Mas a gente assim é muito aberto um com o outro assim, o meu grupo, às vezes a gente se xinga assim, mas se entende, né? Então é muita coisa, é muito pesado mesmo, assim, até hoje eu acho que está pesado aqui na nuca, sabe? E é muito

conhecimento, sabe? Muito conhecimento, você acaba não captando nada eu acho, porque é muito jogado, sabe? Nem sei a hora que passar o quinto ano eu te falo o que é que ficou disso. Eu não consigo nem ver férias, não consigo, mas é o que eu quero, igual a hora que eu vi o resultado lá, eu falei “nossa eu me esforcei para isso”, sabe? Ai vem a felicidade assim” (Andressa, 4º ano).

Andressa continuou compartilhando com o grupo um pouco mais sobre a alegria de ter passado na iniciação e em fazer a viagem de férias. O grupo a escutou silenciosamente e quando finalizou, fez-se um breve silêncio. A diretora notou a tristeza e tensão de Ícaro e perguntou se ele estava se sentindo bem. O participante respondeu que estava mais ou menos, mas que ainda não gostaria de falar. Ingrid então comentou:

Ingrid: ah, não sei, eu estou mais focada para outra coisa mesmo, porque vocês estão tão desesperados, né?

Tadeu: eu estou vendo que você não está

Ingrid: não

Tadeu: a gente estava falando e você estava assim “não estou entendendo esse povo”

Ingrid: eu não estou nem um pouco desesperada com a faculdade, na verdade, nada, eu já fiz tudo o que eu tinha que fazer, falta uma coisa só mas aí eu termino amanhã. Por isso que eu ofereci ajuda, eu já fiz tudo já, eu fui fazendo no decorrer. É que desse ano eu peguei firme, sabe? Tipo acontecia uma coisa e eu já fazia no mesmo momento, igual o nosso estágio lá de escolar, então, tipo, eu não sei, eu não tenho nada para fazer não, eu já fiz tudo, já fiz até para o semestre que vem, do psicodiagnóstico, já deixei pronto também. Então é, eu não tenho preocupação de faculdade nenhuma. Eu estava ansiosa mais por outras coisas mesmo” (Ingrid, 4º ano).

Nesse momento, Ícaro disse: “ah pela vida amorosa”, brincando com Ingrid, que respondeu também sorrindo que não está vivenciando nenhuma questão amorosa, e que exatamente por esse motivo sua vida acadêmica “caminhou em dia”. Contou para o grupo que ganhou um carro do pai e está muito feliz com esse presente.

O grupo escutou Ingrid silenciosamente. O clima era de desânimo e tensão. A participante comentou ainda sobre um encontro que teve com a ex- namorada e enquanto falava, Tadeu e Isis faziam comentários esporádicos, brincando com a participante. Quando Ingrid finalizou, a diretora também brincou que ela já estava de férias e estabeleceu-se o seguinte diálogo entre os participantes:

Angélica: já está praticamente de férias já, já está com o espírito de férias já

Ingrid: eu estou pensando em tudo o que eu vou fazer, eu vou comer tudo o que eu quero

Isis: nem fala em comer

Tadeu: eu vou jogar vídeo game

Ingrid: eu vou jogar muito vídeo game, vou zerar GTA

Ícaro: eu estou pensando na faca que eu vou usar para cortar o pulso

Tadeu: eu comprei um jogo pensando nas férias já

Ingrid: nossa me chama, vamos jogar hoje

Os participantes riram e se descontraíram. A diretora voltou a atenção para Ícaro, destacando o comentário dele sobre “cortar o pulso”. Ícaro respondeu que estava brincando e olhou para os demais participantes. Isis então começou a falar:

“Ai eu estou maníaca, deu para perceber, né? Eu estou assim, estou na pressão que todo mundo está, acho que no quinto ano o que melhora é que é mais gostoso né? Assim, pelo menos para mim. Todos os meus estágios são assim um xuxuzinho, essa semana eu finalizei e só faltou o hospital que eu vou finalizar semana que vem para entrar de férias” (Isis, 5º ano).

A participante continuou sua fala compartilhando com o grupo sobre as vivências bem-sucedidas que teve no estágio em hospital psiquiátrico e como sentiu-se muito realizada com essas experiências. Ingrid comentou que apesar de “adorar” realizar os estágios e as intervenções, sente-se como Tadeu, muito esgotada por ter de realizar tantos relatórios, o que provoca muita ansiedade nela:

“Mas ai tem esses pesos dos relatórios, foi igual o Tadeu falou né? Tipo assim, se fosse um relatório por vez, estava tranquilo, estava perfeito, mas como junta todos, ninguém fica só no prazeroso mais... ai quando estava ali fora, o que me veio assim foi a dor nas costas de ficar, sabe? Na frente do notebook, essa imagem que eu não aguento mais, sabe? Toda hora eu tenho que chegar, abrir o notebook e aparecer a telinha do Word, essa imagem, tipo assim... e ai como eu estou ficando ansiosa porque tem que fazer as coisas e é um negócio assim, eu tenho estágio todos os dias da semana então não têm como eu adiantar os relatórios, porque assim eu penso “hoje eu vou fazer um relatório”, mas não, para amanhã eu preciso planejar a atividade que eu vou fazer lá no grupo, o que é que eu vou fazer, a não, mas para hoje eu tenho que transcrever uma sessão que eu atendi para mostrar na supervisão. Então assim, são coisas diárias, então você tem que viver um dia de cada vez sabe? Ai o que é que aconteceu, eu comecei, toda vez, ano passado eu fui e agora assim eu aguentei o máximo, mas não consegui, ai me desencadeou compulsão alimentar, muito forte assim, sabe? Porque, e eu sei que é extremamente compulsão, sabe?” (Isis, 5º ano).

A participante continuou sua fala por mais algum tempo, contando para o grupo como desde o quarto ano vem lutando com seu peso e com a compulsão alimentar, tendo engordado sete quilos desde o último ano, fato que em sua perspectiva, está diretamente relacionado com as exigências da faculdade:

“Então tipo assim, esse ano eu estava indo na academia, tal, estava me alimentando de uma forma mais saudável, comendo quando realmente era preciso, e ai agora de um mês para cá, comecei a não ter tempo para ir para a academia, e ai foi indo, foi desencadeando, desencadeando e ai eu fico nisso, e ai eu fico bem chateada, sabe? Porque é tudo, eu estou tentando assim me por tarefas para o dia “hoje eu vou fazer isso, e só isso, se eu terminar isso, está ótimo”. Ai eu fico o dia inteiro, e ai você começa e o trem não flui e eu volto, sento e faço, e isso está maneirando minha ansiedade, mas está

difícil, aí eu vejo e penso “gente, depois para mim recuperar isso”, aí eu já fico ansiosa, além da ansiedade normal, eu já fico ansiosa de recuperar o que eu estou ganhando agora, porque tipo assim, não é saudável, eu fico com vontade de comer qualquer coisa, sabe? Não é tipo, uma coisa ou outra, é qualquer coisa, porque para mim o maior prazer que tem é comer, que preenche, porque do resto é como se tivesse uma máquina assim, que fosse sugando, então eu tenho que produzir, porque fazer um relatório, até os próprios atendimentos é isso, é você com o que você tem, você oferece, né? Você produz, então eu estou nisso assim, esse buraco que nunca é preenchido, esse buraco que nunca é preenchido porque é essa questão do ‘nunca acaba’... e é assim que eu estou” (Isis, 5º ano).

Quando Isis finalizou sua fala, a diretora perguntou para a participante se poderia “fazer um espelho” dela, e Isis aceitou. A diretora então pediu que Isis se sentasse em outro lugar, e que ficasse observando a diretora realizando o espelho. O grupo permaneceu em absoluto silêncio.

Angélica (como espelho de Isis): eu acho que eu estou assim que nem você, meio maníaca, porque assim, não, tem um lado bom, né? Um lado que você vai é, eu estou fazendo cinco estágios, então você vai vendo os pacientes desabrochando, você vai vendo as pessoas se desenvolvendo, fazendo vínculo, tem esse lado bom, mas por outro lado, é tanta coisa para fazer que a imagem que eu vi a hora que eu estava lá fora é até dor aqui, é aquela imagem de eu no notebook assim, você já até sabe que vai abrir e vai ver a tela do Word. Aí você tem todos os dias aquela quantidade de relatório para fazer, de coisa para escrever e para processar, e então assim, aí o que é que eu percebi, que eu voltei, aí eu caio na compulsão alimentar, entendeu? Porque é tanta coisa para fazer gente, desde o ano passado, esse maldito quarto ano. Eu sei que assim, que dá resultado, que é bom, que é bom ser psicólogo, você vai vendo as pessoas melhorarem, mas é tanta coisa para fazer, e aí eu fico com esse vazio, porque assim, essa compulsão assim, porque comer tem início meio e fim, então é uma atividade que tem começo meio e fim, então você vai, você come e você preenche esse vazio. Porque eu estou exausta, exausta, esgotada, aí eu como, como, como. Vocês entendem? (Angélica, diretora, no espelho).

Quando a diretora finalizou o espelho, Isis disse:

“Acho que é um paradoxo do tudo e do nada, que sempre me pega, porque eu sou a pessoa do tudo e aí quando você dá tudo fica nada, só que sempre sou cem por cento em tudo, com todos, então acho que esse vazio ele vem disso” (Isis, 5º ano).

A participante silenciou, assim como o grupo, por alguns instantes. A diretora então agradeceu a Isis por ter se colocado e perguntou para Aurora e Ícaro se eles gostariam de comentar sobre o que estavam sentindo. O clima era de introspecção e reflexão.

Aurora rapidamente pediu para falar, dizendo para o grupo que o tema do “paradoxo do tudo e do nada” apresentado por Isis a atraiu, pois ela sente que vive muitos paradoxos. Aurora contou para o grupo que por um período esteve tão sobrecarregada que quase sucumbiu, mas que o fortalecimento do lado espiritual a ajudou a sentir a vida como movimento e assim descobriu a importância de viver “as férias no dia a dia”. Disse ainda que ao descobrir que a vida é movimento, percebeu

a necessidade de realizar somente o possível a cada dia, pois do contrário, se a vida for somente realizar tarefas, ela sente que cairia em um enorme vazio. Comentou ainda com os colegas que percebe que a faculdade os deixa muito dissociados, realizando tarefas técnicas mecanicamente e que ela não quer mais fazer desse modo, pois descobriu que a vida não é somente a faculdade.

“Eu cheguei num ponto esses dias para trás que eu realmente explodi por dentro assim, e aí eu fiquei sem vida no meu corpo e lá dentro também, eu não queria levantar nunca mais, só ficar ali até eu me dissipar, sabe? E a partir dessa experiência eu pude ver, eu não sei o que aconteceu, mas alguma coisa me levantou e eu levantei, eu precisava levantar, é as pessoas cada detalhe de uma palavra, cada detalhe, de o vento batendo no meu rosto foi me dando, é, juntando os pedaços da explosão, sabe? E foi incrível, aí eu percebi que, eu falo do jeito que eu vejo, porque às vezes a gente estuda tanto o equilíbrio entre mente, corpo e espírito, e aí a gente fica só na mente e no corpo e esquece do espírito, né, eu pensei que é ele que nesses momentos mais incertos e que a gente tem a sensação de não controle, porque realmente a gente não controla nada, mas a gente gosta de sentir que está controlando, é ele que ajuda a gente a lidar, aí eu sei lá, meu lado espiritual parece que veio nessa explosão e veio me dizer que eu nunca vou ter férias, as férias não vão vim a vida ela é movimento, ela sempre vai trazer um trabalho, mesmo nas férias, e as minhas férias elas tem que estar num espaço do dia que eu vou poder sorrir com a alma e respirar, cada dia, ela não tem que seguir um espaço de tempo, que eu vou desesperadamente, igual eu estou tentando fazer os meus trabalhos, tentar aproveitar meu tempo livre, e isso para mim não seria férias, seria mais um desespero, porque vai chegar, entendeu? Eu acho que viver assim é tão vazio, e aí eu percebi que a gente tem que se ligar ao percorrer, eu tinha esquecido disso. Ao percorrer, ao agora aqui... e fazer o que eu posso... sem querer ser reconhecida, assim, sem querer fazer perfeito, fazer o que é meu, o que eu posso. É, encontrar a paz dentro de mim e não lá fora, não sei, então eu pude depois de muito tempo sentir que ainda tem vida aqui, muita na verdade, ela só precisava acordar, não sei, acho que é isso. Então eu estou muito bem, não sei, eu não digo que eu estou bem, eu digo que eu estou viva, e é bom sentir que eu estou viva...” (Aurora, 5º ano).

A fala de Aurora é seguida por um período de silêncio no grupo. A diretora então quebrou o silêncio respondendo para Aurora que ela parecia ter se conectado consigo mesma, pois estava se mostrando diferente das semanas anteriores. Aurora concordou e disse que percebeu que tem outras paixões para explorar na vida e que a faculdade está muito “tecnicista” e que não quer que a faculdade seja sua “essência” na vida. Nesse momento, Tadeu começou a se colocar, comentando a fala da colega:

“Eu acho que o ponto que ela tocou, que é, que é muito assim, que é o ponto chave é quando você fala não é viver as férias, um mês de férias, fazer coisas, tipo “ah eu tenho tempo livre então vou fazer alguma coisa, tipo jogar vídeo game, viajar”, até viajar que todo mundo vê viagem como “estou bem, descanso”, mas as vezes não sabe, porque você faz isso tão no automático para fugir, tipo “ah eu tenho que fazer isso para ficar bom” que você não vive a essência, né? Não é algo, como você disse, as férias de cada dia, viver as férias de cada dia, de ter aquele momento que você fez alguma coisa que é congruente como a gente fala, né? Que você parece que te dá energia, que te ilumina, igual quando eu falo de ontem de eu ter saído e tal, para mim fez esse papel, sabe? Porque eu fiquei pensando assim “eu quero sair hoje, eu quero ir para algum lugar, eu quero ir lá comprar uma coxinha, ficar lá e curtir”, eu fui e fiquei lá, estava um momento muito legal, eu quis ficar e fiquei lá até muito tarde, fui dormir era quatro da manhã, acordei as sete fui para a faculdade, mas mesmo assim eu não estou com a sensação esgotamento, sabe? Eu não sei porque eu tinha que sair para aproveitar, era porque aquilo estava demandando, sabe? E é isso, essas coisas que eu acho que é muito difícil a gente perceber e saber escolher para fazer, mas que faz toda diferença” (Tadeu, 4º ano).

Após a fala de Tadeu, a ego auxiliar Elaine pediu para contar sobre uma peça de teatro que assistiu, intitulada “A alma imoral”, e que a fez pensar muito sobre esse processo de viver fiel a si mesmo ou fiel ao sistema de produção. O grupo escutou atentamente e pediram para anotar o nome da peça. Elaine ainda sugeriu o livro para os participantes, que demonstraram interesse pela indicação.

Em seguida, como o tempo estava se encerrando, a diretora convidou Ícaro para comentar como estava, pois, ainda não havia se manifestado. Ícaro disse que se sentia muito fechado ainda para falar, mas que estava chateado com questões da faculdade, pois percebeu que algumas coisas não estão dando certo para ele como parece dar para outros colegas. Foi breve em sua fala, e ao finalizar, observou o grupo e a unidade funcional. A diretora perguntou se ele gostaria de falar mais sobre essas frustrações e Ícaro disse que não gostaria de falar sobre o assunto no momento.

Após a fala de Ícaro, Andressa pediu para sair pois precisava ir embora mais cedo, em função de todas as atividades que ainda tinha para realizar. A diretora respondeu afirmativamente e ela então despediu-se do grupo.

Dramatização: depois da saída de Andressa, a diretora convidou os participantes para encerrarem o encontro no palco, por meio de uma imagem corporal coletiva. Perguntou se eles concordavam em realizar a imagem de forma intuitiva, sem combinarem previamente. O grupo concordou e subiram ao palco em silêncio. Individualmente, foram procurando um lugar para se colocar, e então começaram a rir. Tadeu então encontrou uma imagem corporal e todos os demais foram compondo com a imagem iniciada por ele. Ingrid foi a última a encontrar um modo de se colocar na imagem. Permaneceram na mesma por alguns instantes, em silêncio e ainda durante a concretização da imagem, a diretora pediu que cada um dos participantes dissessem uma palavra:

Isis: apoio

Tadeu: nada

Aurora: renascer

Ícaro: incapacidade

Ingrid: companheirismo

Compartilhar: depois que todos se colocaram com palavras, a diretora convidou-os a descerem do palco e os participantes ainda comentaram, em tom de brincadeira, sobre a dificuldade em permanecerem na imagem, brincando com Ingrid sobre como ela havia demorado para falar a palavra dela. O grupo estava bastante descontraído nesse momento, muito diferente de como chegaram. Tadeu disse ainda que a fala de Aurora lembrou-lhe de uma música, *“Counting Stars”*. A diretora então pediu para Tadeu cantar a música e todos sentaram-se no palco para ouvir. Isis cantou junto com ele. Em seguida a diretora encontrou a música em um aplicativo de celular e a colocou para tocar. Todos cantaram juntos, ainda em cima do palco. Ingrid e Isis inclusive dançaram. O clima no final era de bastante descontração e conversaram animadamente. Após a música, despediram-se da diretora, do ego auxiliar e resolveram sair juntos para comemorar o final do semestre, dirigindo-se para um restaurante próximo.

4.8.2 Síntese temática do oitavo encontro

Tema 1- Vivências de cansaço e estresse do fim do semestre:

Tadeu, Isis e Andressa relataram cansaço e esgotamento físico, em função das diferentes demandas e atividades do final do semestre (atendimentos nos estágios, relatórios de estágios, trabalhos para disciplinas, provas). Andressa revelou para o grupo que estava muito ansiosa e que quase não conseguiu se concentrar no aquecimento. Revelou ainda que sentiu ao longo da semana que iria “surtar” a qualquer momento, em função da quantidade de tarefas a realizar. Isis revelou para o grupo que estava tendo manifestações psicossomáticas advindas do cansaço, como a ansiedade, sentimento de esvaziamento e compulsão alimentar, em função da quantidade de tarefas a serem feitas.

Tema 2- Estratégias para lidar com o estresse de final de semestre:

Tadeu revelou para o grupo o modo como tenta lidar com a ansiedade e o cansaço físico gerado pelo acúmulo de atividades no final do semestre, como sair à noite, se permitindo relaxar das atividades, o que é bom até certo ponto, pois acaba interferindo nas horas de sono. Isis comentou sobre a importância de planejar as atividades diariamente, compartilhando que busca controlar sua ansiedade programando atividades diárias, e que isso a está ajudando. Aurora destacou a importância de se conseguir ter uma vida mais espontânea e criativa, refletindo sobre

a importância de não se dedicar exclusivamente para a faculdade e resgatar que seres humanos são também espirituais, dizendo de forma bastante poética que a vida não é só produção e atividades técnicas, conforme exigido na faculdade, e que seria preciso todos os dias resgatar o sagrado que habita em cada um deles.

Tema 3- Sobre a realização de atividades acadêmicas em grupo de colegas:

Tadeu comentou sobre a ansiedade vivida e o peso sentido pela quantidade de trabalhos e relatórios para entregar, mas que o fato desses trabalhos poderem ser feitos em grupo ajudava bastante. Isis comentou que até o final da faculdade eles iriam “odiar” fazer trabalhos em grupo, o que foi corroborado por Andressa, que revelou o quanto em sua percepção, o fato de grande parte dos trabalhos serem realizados em grupo provocava conflito entre ela e os colegas, devido às diferenças que nota entre o comprometimento das pessoas ao realizarem os trabalhos.

Tema 4- Busca de novas respostas para as demandas da faculdade:

Aurora comentou com o grupo como percebeu a importância de se relacionar de forma diferente com as demandas da faculdade, dado que as mesmas continuarão existindo e ela percebeu a importância de não se submeter às exigências técnicas da faculdade, buscando explorar outros modos de estar na vida, inclusive para conseguir realizar as atividades acadêmicas.

4.8.3 Oitavo encontro: processamento

“E aí eu percebi que a gente tem que se ligar ao percorrer, eu tinha esquecido disso. Ao percorrer, ao agora aqui...” (Aurora, 5º ano).

Os participantes chegaram ao encontro apresentando movimentos diferentes. Ingrid mostrou-se animada, os demais aparentavam cansaço e conversaram pouco na sala de espera. A impressão que passavam ao chegar é que estavam realizando mais um compromisso, mais uma tarefa, dentre todas as outras que se já se comprometeram como estudantes de Psicologia. O clima no início era de desânimo, tensão, e a proposta lúdica de trabalhar com o corpo, imitando diferentes animais, fazendo movimentos rápidos, dançando, parece ter quebrado um pouco esse clima de esgotamento e desânimo.

O fato de mais uma vez terem aceitado trocar o dia do encontro, em função dos feriados, e virem realizar o grupo à noite, em pleno final do semestre, pareceu revelar

o compromisso dos participantes presentes com o processo grupal e com a possibilidade de encontrar respostas mais espontâneas-criativas no papel de estudante universitário, a partir do Encontro com o outro, no contexto grupal.

Chegaram muito cansados e a atividade corporal realizada parece ter promovido relaxamento, de tal forma que apresentaram dificuldade em “sair de dentro de si” e se colocaram no início da sessão. A fala inicial de Tadeu, ao comentar que estava cansado, mas não a ponto de “querer sair correndo daqui”, parece ter revelado as dificuldades dos participantes em estarem presentes, em função do excesso de atividades para realizar, o cansaço vivido no final do semestre, em função do acúmulo de trabalhos para entregar; e o relaxamento experimentado no aquecimento inespecífico. Todo o esgotamento dos participantes foi se revelando ao longo da sessão, em que puderam comentar sobre o modo como veem experimentando a relação com a faculdade.

Quando Tadeu apresentou para o grupo a tensão que estava vivendo por precisar finalizar um relatório sozinho, Ingrid se ofereceu para ajudá-lo, o que modificou completamente a expressão facial de Tadeu. Ao desespero de Tadeu e Andressa com a finalização do semestre, Ingrid fez um contraponto, mostrando-se tranquila e afirmando que já havia entregado todas as atividades, disponibilizando-se para cooperar com o colega nesse momento. Quando Andressa contou para o grupo que apesar de todo o estresse que estava vivenciando, em função do excesso de tarefas para realizar e gerenciar ao longo do dia, o quanto estava feliz por sua aprovação na Iniciação Científica, Tadeu, Ingrid e Ícaro silenciaram, não reagindo com entusiasmo à notícia da colega. Ao longo de todo o encontro, Ícaro permaneceu silencioso e quando falou, referiu-se às frustrações vividas na faculdade.

Ao longo da sessão, as falas de Isis e Aurora parecem se antagonizar: por um momento, Isis apresentou sua luta para realizar todas as atividades com excelência, o que a participante entendeu que acaba provocando um sentimento de vazio, expressado pela compulsão alimentar. Isis revelou o nível de esgotamento vivido no nível corporal, para desempenhar o papel de aluna com excelência. Em seguida, Aurora comentou o quanto descobriu em si mesma a necessidade de não se submeter às demandas institucionais, à medida que a faculdade exige deles somente tarefas técnicas que não levam em consideração outras dimensões do ser humano.

Dessa maneira, os alunos buscavam compreender o drama vivenciado por eles ao final do semestre, os efeitos das vivências acadêmicas em cada um, e o sentimento

expressado era de cansaço, esgotamento, ansiedade, correria. Após o silêncio inicial, no decorrer da sessão e no contexto grupal os participantes conversaram livremente: complementavam as falas uns dos outros e interagiam sobre as diferentes percepções do que cada um estava vivenciando na faculdade. Depois que todos se colocaram, o clima no grupo ainda era de ansiedade e cansaço. A diretora propôs a realização de uma imagem coletiva ao final, haja vista que compartilharam as pressões vividas no plano verbal. Os participantes criaram a imagem conjuntamente e de forma corporal, sem programação ou planejamento. Essa atividade gerou descontração, intimidade e o clima tornou-se mais lúdico. Ao final, compartilharam em círculo uma música proposta por um dos participantes, demonstrando sintonia no drama compartilhado: o peso do final de semestre, a responsabilidade com as atividades acadêmicas, a frustração e os êxitos vividos no papel de aluno; a perda da espontaneidade-criatividade em função das demandas acadêmicas e os caminhos possíveis para o resgate da mesma.

4.9.1 Nono encontro: descrição

Data: 30/06/2017

Participantes: 7 (Jéssica, Isis, Aurora, Bruna, Ingrid, Tadeu, Ícaro)

Ausentes: 3 (Felipe, Anahí, Andressa)

Duração do Encontro: 2h30

Contextualização: conforme combinado previamente com o grupo, esse foi o último encontro do primeiro semestre, antes de os participantes entrarem de férias escolares. Nesse encontro, estavam ausentes três participantes, pois Andressa já havia viajado de férias; Anahí e Felipe confirmaram presença, mas não chegaram e não enviaram mensagens. A diretora combinou com os participantes, no início da sessão, a data de retorno dos encontros grupais, ficando agendado para o dia 11 de agosto, mesmo local e horário.

Aquecimento Inespecífico: depois de se acomodarem no teatro psicodramático, Jéssica perguntou para o grupo o que havia acontecido na sessão anterior, em que ela havia faltado e Ingrid respondeu à colega que tinha sido “bom” pois saíram para “beber” depois da sessão. Jéssica reclamou que não a esperaram e os participantes se descontraíram. Jéssica pergunta ainda se Tadeu virá ao encontro e Ícaro respondeu que o colega já estava vindo. Ingrid perguntou então sobre Anahí

e Felipe, dizendo que eles “estavam sumidos”. Passaram então a comentar sobre os participantes ausentes, Ícaro afirmou que Anahí havia dito para ele que estava sem carro e viria com Felipe, mas nenhum dos dois deram notícias. Ingrid então disse: “O Felipe não está vindo mais”; ao que Aurora respondeu: “daqui a pouco ele chega, ele costuma chegar 1h depois”. Os participantes riram do comentário e o clima era de tranquilidade. Após a chegada de Tadeu, a diretora fez o convite para realizarem uma avaliação do processo grupal vivenciado até esse encontro final do semestre. Os participantes aceitaram e quando a diretora questionou se alguém gostaria de comentar algo antes de começarem, permaneceram em silêncio. Como aquecimento inespecífico, foi proposta uma dança espontânea no palco, primeiramente individual e depois coletiva. O grupo aderiu à dança lentamente, aos poucos foram soltando-se e dançando de forma descontraída. Ao começarem a interagir fisicamente uns com os outros, dançaram e riram juntos, brincando e compondo movimentos, costas com costas, mãos com mãos. Bruna foi quem apresentou maior dificuldade de interação com os colegas nesse instante. Ao final do aquecimento o grupo todo estava dançando junto no palco, em roda, e o movimento do grupo incluiu Bruna. Ao final da música, foram diminuindo o movimento e começaram a caminhar pelo palco. O grupo se divertiu bastante ao longo do aquecimento e o clima se tornou relaxado e lúdico.

Aquecimento específico: após a dança espontânea, foi solicitado que os participantes caminhassem pelo palco, buscando revisitar o processo grupal; observando cenas e momentos vivenciados durante os oito encontros. A diretora pediu que quando encontrassem a cena, pegassem uma almofada para simbolizar essa escolha. Rapidamente os participantes buscaram as almofadas e continuaram caminhando pelo palco. A diretora então pediu que escolhessem um título para essa cena e verbalizassem em voz alta. Os participantes foram se colocando na seguinte ordem:

Tadeu: respeito a mim mesmo

Isis: redescobrimo o eu em mim

Jéssica: cambaleando

Aurora: as sutilezas e os impactos

Ícaro: evolução

Bruna: início

Ingrid: elaborar e aprender

Dramatização: depois que todos falaram o título, a diretora pediu que trocassem de papel com o mesmo e “falassem como se fossem” a cena/título. Foram utilizadas almofadas nesse momento para simbolizar a cena escolhida. Após um minuto de silêncio, Tadeu foi o primeiro a se colocar, dizendo:

“Respeite seu sentimento” (Tadeu, 4º ano).

Ao silenciar, foi seguido por Ingrid, que disse, de olhos fechados e muito concentrada:

“Como você é importante, você conseguiu elaborar de outra forma aquilo que foi mal resolvido, e como você aprende com isso...a necessidade que a gente tem disso é muito grande, é uma revelação do nosso eu quando a gente vivencia as coisas” (Ingrid, 4º ano).

Na sequência, Isis se colocou, como o título da cena escolhida, de forma emocionada:

“Nunca foi o outro que te prendeu, nunca foi o outro que te apontou, você era sua própria prisão, seu próprio medo, sua própria acusação, era tudo muito seu...e agora, o que você quer ser?” (Isis, 5º ano).

O clima no grupo era de bastante entrega e mobilização emocional. A próxima a se colocar foi Aurora:

“Eu soube desde o começo que você iria fugir de mim....mas eu sempre estive lá, entre a escassez do excesso...entre a dor e o amor, entre tantas coisas e quando você se permitia eu te envolvia e te mostrava através de gestos, de empatias, o sentido que as vezes você perdia” (Aurora, 5º ano).

Seguida por Ícaro, Jéssica e Bruna:

“Você está sempre fugindo mas vai se encontrar, vai se transformar” (Ícaro, 4º ano).

“Dói mesmo ficar cambaleando, não dá mesmo para aguentar muito tempo” (Jéssica, 5º ano).

“Esse foi só o início do processo para esclarecer tudo aquilo que está escuro, se reconhecer enquanto pessoa” (Bruna, 3º ano).

A participante Isis estava bastante mobilizada após a troca de papéis e a diretora subiu ao palco e permaneceu ao lado dela, acolhendo. Esperou a participante ir se acalmando e foi pedindo para os demais participantes permanecerem em sintonia com a própria cena e o aprendizado realizado ao longo de todo o processo grupal.

Pediu ainda que os participantes escolhessem uma palavra que simbolizasse o que tinham vivido nessa dramatização:

Jéssica: revelador

Tadeu: revelador

Ícaro: junção

Isis: angustiada

Bruna: lisonjeada

Ingrid: desafiador

Aurora: caótico

Em seguida, os participantes se encaminharam para o contexto grupal, a fim de realizarem o compartilhar.

Compartilhar: já no contexto grupal, a diretora convidou-os a compartilharem livremente como tinham vivenciado o encontro desde o aquecimento inespecífico e a dramatização, buscando identificar o que aprenderam e perceberam de si mesmos no processo grupal até a nona sessão. Houve um silêncio de dois minutos no grupo, entreolharam-se, sorriram uns para os outros, mas ninguém se colocou. A diretora então questionou se havia alguma tensão no ar, à medida que se mostraram espontâneos no contexto dramático e agora estavam silenciosos. Tadeu então se colocou, explicando para a diretora porque sentia dificuldade em realizar o compartilhar:

“É eu tenho que pensar tudo o que eu tenho que falar senão depois...porque as vezes eu falo e depois eu lembro, mas eu não volto para falar, digo, droga, perdi...sabe, já era minha chance de falar, droga, acabou (risos)... e aí eu acho que a gente tenta, pelo menos eu, tento não invadir o espaço dos outros também...ficar retomando toda hora fica parecendo que eu sou maior confuso...se bem que eu sou mesmo...de ficar falando e depois retoma...acho que isso incomoda outras pessoas e você fica...pelo menos no meu caso, por exemplo, toda hora que eu ficar lembrando de alguma coisa ficar pedindo a palavra, aí é muito chato, porque fico cortando outras pessoas...então é isso essa coisa da tensão” (Tadeu, 4º ano).

O grupo se mobilizou com o comentário de Tadeu: Ingrid; Jéssica e Isis se identificaram com o colega, dizendo que se sentem do mesmo modo:

Isis: gente eu não tinha consciência disso, é verdade

Ingrid: eu pensei que só eu sentia isso...eu tenho que aprender o que eu estou sentindo aqui e agora e falar o que for mais importante porque se eu for falar tudo o que eu tenho para falar eu vou ficar falando até sete horas, então acho que não é bom ficar até sete horas falando, aí eu me compreendo primeiro.

Tadeu: tem que pensar meu deus o que eu quero falar primeiro, depois segundo, terceiro...

Nesse momento, a participante Jéssica faz um comentário que movimenta o grupo ainda mais, provocando risos:

“Nossa gente eu pensei uma coisa louca, sabia que eu venho com fala pronta? Não tipo assim você sabe o que você quer falar, você passa a semana pensando isso aí chega aqui, eu nunca falo, aí parei com isso” (Jéssica, 5º ano).

Isis comentou com o grupo que organiza sua fala para ir à psicoterapia individual, mas que para vir ao grupo de universitários, ela já tinha entendido que não era esse o caminho. Destacou, entretanto, que passou a semana anterior ao encontro desejando chegar ao grupo, subir ao palco e chorar muito.

“Não isso de pensar no que vou fala eu não penso... ontem foi um dia tão massacrante assim que eu estava a ponto de explodir e fiquei o dia inteiro me segurando até essa bendita aqui me dar um abraço (fala para Aurora, que está a seu lado), mas eu estava assim, falei para os meninos tudo, falei para ela (aponta Aurora novamente), falei para o Felipe, para a Anahí, falei assim ó amanhã eu vou chegar na terapia e já começar a chorar no início vou ser protagonista porque eu estou precisando de uma explosão” (Isis, 5º ano).

“Eu sinto essa necessidade, por mim eu realmente ia na terapia todos os dias porque eu quero falar todos os dias não dá pra falar tudo num dia, porque tem uma semana inteira e o resto dos dias?” (Ingrid, 4º ano).

Isis retomou sua fala e compartilhou com o grupo como estava se sentindo exausta, pois assumiu muitas atividades ao longo do semestre e tudo acumulou agora no final, fazendo ela refletir sobre o quanto precisa se observar e colocar um “limite” em si mesma, além de ter de “aprender a falar não”. Contou que ainda precisará escrever a discussão dos resultados da pesquisa de Iniciação científica no fim de semana, o que provocou muita angústia, pois se deparou com a própria dificuldade em ainda continuar produzindo algo com qualidade, em pleno final de semestre, e sente muita cobrança interna para fazer algo que considerasse minimamente bom. Emocionou-se bastante ao longo de sua fala, e apresentava uma aparência física pálida e cansada.

“Ai gente.... eu to exausta...e-xa-us-ta... muito tensa, muito angustiada, muita coisa para fazer ainda...eu achei que hoje seria o fim mas não é o fim e aí eu to muito...a ponto de explodir... ontem eu estava segurando vamos fazer o que tem que fazer... mas minha vontade é assim de explodir...to explodindo... eu to desde ontem com aquela música ‘eu quero me curar de mim’ sabe? Eu to precisando disso sabe? Passar por esse processo de aceitar as minhas próprias limitações físicas sabe? Porque ai você conversa com as pessoas e elas me falam ‘não você dá conta você é capaz’, tipo eu não tenho dúvida disso não é isso a questão sabe? Não dar conta..o problema é esse sabe...eu sei que capacidade intelectual eu tenho mas não estou tendo o resto, não to tendo física não to tendo tempo” (Isis, 5º ano).

A diretora foi acolhendo a participante, que chorou bastante, e o grupo permaneceu em silêncio. Depois que se acalmou, Isis comentou sobre a vivência realizada no palco, contando para o grupo que se lembrou da cena em que assumiu o papel da supervisora e pôde entender o quanto “coloca pesos sobre si mesma” e que exatamente por isso precisa “redescobrir o eu em mim”.

“Lembrei da cena que eu fui minha supervisora...que nós trocamos...invertemos os papéis...foi bem nesse sentido que tipo assim o peso que eu estava me pondo era só meu sabe? Tipo assim era ... não era dela...e quando eu troquei de papel com ela eu fui ela, eu percebi o que eu estava fazendo comigo mesma...não era ela, era eu mesma tipo...então foi isso, por isso que foi “redescobrir o eu em mim” né...veio na hora, na hora que você falou veio a cena, esse título...porque eu tento ser inteira em tudo, eu tento ser intensa em tudo...então eu não consigo sentar, eu tenho que escrever uma introdução, não é tipo assim, vou ler e pronto, eu não, eu entro naquilo, eu entendo aquilo, e tudo...vou para um estágio, vou fazer, isso, vou atender, vou namorar...tudo...sabe? E tipo assim não dá...não dá para ser inteira em tudo aí tipo assim aí é sempre aquele sentimento que aí vai tudo e não fica nada...então essa é minha vida o paradoxo do tudo e do nada...em tudo...” (Isis, 5º ano).

Após essa fala, a diretora convidou Isis para fechar os olhos e visualizar uma imagem em que estivesse em paz, descansando. Isis aceitou, fechou os olhos e disse para o grupo que estava se vendo na praia, com o namorado, descansando. Após alguns instantes de silêncio, a diretora foi pedindo para que entrasse na cena e aprendesse a descansar quando necessário. A participante abriu os olhos e sorriu para a diretora, de forma amorosa.

Em seguida, Tadeu retomou a palavra e começou compartilhando que “entendia” a exaustão de Isis, pois as duas últimas semanas de aula foram muito cansativas, em função dos relatórios para entregar. Contou que pôde contar com a ajuda de Ícaro e Ingrid para finalizar um dos relatórios de estágio, agradecendo os colegas no grupo pela ajuda, à medida que não obteve ajuda dos colegas do grupo do trabalho da faculdade e precisou finalizar o relatório sozinho (Ícaro e Ingrid haviam oferecido ajuda para Tadeu na sessão anterior, pois já haviam terminado esse relatório).

Compartilhou ainda que a cena que lhe veio no palco foi a da sessão anterior, pois foi a sessão do grupo que mais gostou, à medida que pôde realizar todo o trabalho corporal no seu “ritmo”, e isso mostrou para ele o quanto precisa aprender a respeitar a si mesmo, pois percebeu que demora mais para realizar as atividades:

“E o que eu pensei que veio na minha cabeça foi na semana passada, e o que eu estava pensando é que eu acho que a sessão da semana passada foi a que eu mais gostei de todas assim né? É, teve muita coisa legal, e teve aquele momento que a gente ficou lá deitado, sentado, foi andando

essas coisas, lá eu fui muito no meu tempo então por isso que eu vim com o respeito né ...de mim mesmo aqui...acho que fui muito no meu tempo...acho que eu to num movimento desses sabe? De me respeitar mais, as coisas que eu penso assim e tal, falar mais me colocar mais então tá legal” (Tadeu, 4º ano).

A diretora ressaltou que Tadeu e Isis parecem estar descobrindo os próprios limites e dificuldades e eles concordam com ela, reafirmando que precisam aprender a colocar limites em si mesmo, aprender a falar não para os outros e aprender a si respeitar.

“E eu entendo que muita coisa que teve né, depois assim, de tudo o que foi acontecendo e muitas coisas meu problema é não ter o limite mesmo meu sabe? Igual ela falou de achar que dá conta ou querer dar conta e fazer pelos outros mais do que eu dou conta também isso sempre tem uma ressaca muito grande depois” (Tadeu, 4º ano).

“Isso ressaca...isso mesmo (Isis, 5º ano).

“É porque parece que você se preenche ou você se doa demais e na hora que o trem acaba ou passa, você fica vazio...ou então fica aquela angustia né? Aquela falta de respeito que você teve consigo mesmo que é o que eu vi no palco...então é isso aí...” (Tadeu, 4º ano).

Quando Tadeu terminou sua fala, houve alguns instantes de silêncio e então a diretora perguntou para Bruna como ela estava, pois tinha faltado duas semanas dos encontros grupais. Bruna então começou a se colocar:

“É eu estava pensando, estou muito igual ao Tadeu mesmo também, para falar eu tenho que pensar numa lógica para depois falar...(risos)...mas os outros dias que eu não vim é porque não teve como mesmo, é na quinta-feira passada foi confraternização do pessoal da minha sala já estava combinado e como eu nunca tinha ido o pessoal estava me cobrando para eu ir e eu fui” (Bruna, 3º ano).

A participante continuou a falar, reconhecendo-se identificada com Isis e Tadeu, pois percebeu que também está aprendendo a se respeitar mais, a colocar limites nas relações, como na relação com o irmão e a cunhada. Contou ainda que a cena que se lembrou no palco foi a cena da entrevista inicial realizada com a diretora antes do início do grupo, em que ela se sentiu muito acolhida e deu início a um processo de autoconhecimento, pois nunca havia feito psicoterapia, e apesar dos receios que sentiu em vir para o grupo, percebeu a importância do mesmo como um processo terapêutico de reconhecimento de si mesma:

“Eu escolhi uma cena, foi a cena da entrevista mesmo, primeiro dia que eu vim, eeee a palavra início porque eu acho assim foi o início de um processo que como eu falei eu não faço terapia então para mim aqui é uma terapia então cada detalhe assim a gente pega no ar e vai trazendo pra gente e as vezes eu saía daqui e ficava pensando em casa, como era comum com todo mundo ou como isso afetaria em mim e as vezes eu vinha e ficava pensando ‘ai meu deus que ferida que vai tocar hoje’ eu ficava meio com receio disso...mas toda vez que eu vinha eu vivenciava alguma coisa era um

aprendizado inexplicável, eu chegava ficava pensando, começava a entender as coisas que acontecia comigo e é só o começo de muita coisa pra me reconhecer enquanto eu mesma e eu acho que em grupo é muito importante também porque é tanta coisa que o pessoal vive e é tão comum com a gente e as vezes como eles fazem para lidar com isso também é uma nova perspectiva para lidar com a situação e eu acho que é isso essa cena para mim foi muito importante” (Bruna, 3º ano).

A estudante contou ainda que vir para o grupo foi desafiador para ela, pois muitas vezes não sentia vontade de vir para não se expor. Enquanto Bruna se colocava, Ingrid e Ícaro começaram a conversar entre eles, baixinho, e a diretora os observou por alguns instantes. Os dois então silenciaram, e Bruna não interrompeu sua fala, continuando:

“É muito bom, essa terapia, igual eu falei às vezes eu vinha com isso na cabeça, as vezes de não querer mexer em alguma coisa ou não falar tem dia que eu não to a fim de falar mas é sempre um aprendizado... igual pra mim agora eu não queria falar mas é um exercício então...é muito bom ter essa oportunidade de conhecer e poderia ser outras pessoas aqui no meu lugar, mas acho que tudo tem um porque acho que eu estava precisando disso nesse momento desse empurrão e é muito bom, aproximar das pessoas também que eu não conheço muito” (Bruna, 3º ano).

Angélica: então tem sido difícil vir Bruna, esse nível de exposição?

Bruna: é bem difícil

Angélica: mas me parece que você está lutando muito para continuar vindo

Bruna: é só esse período mesmo de vim depois que eu chego aqui já é mais tranquilo (risos)

Após essa fala, Bruna silenciou e sorriu para a diretora que comentou e tom de brincadeira com a participante que outras pessoas também estavam silenciosas no grupo; voltando-se para Ícaro, que respondeu: “viu Aurora!” Todos riram bastante do comentário do participante e se dispersaram, falando ao mesmo tempo. Tadeu comentou sobre como estava se sentindo relaxado após o trabalho no palco, que provocou “integração”. Isis brincou nesse momento que os relatórios finais da faculdade poderiam ser “um teatro”, e todos se divertiram, falando ao mesmo tempo sobre essa questão do “ter que fazer relatório” - de todas as intervenções realizadas nos estágios da faculdade. A diretora interrompeu pedindo para quem não se colocou ainda comentar como estavam se sentindo, pois se aproximavam do final da sessão.

Ingrid diz que chegou muito agitada e que todo o trabalho de dança no palco foi importante para que “chegasse em si mesma e se acalmasse”. A cena que viu no palco foi quando foi “protagonista” e pôde elaborar o que tinha acontecido na sala de aula com suas colegas de grupo de trabalho, o que foi muito positivo para ela.

“Eu falei tipo elaborar e aprender porque eu sou horrível para elaborar as coisas nossa. Tipo eu levo isso diariamente em terapia, porque eu faço umas elaborações às vezes e eu fico com isso e

às vezes nem é realmente...e sei lá, o psicodrama traz esse momento para a gente elaborar, rematizar, pra gente ver de novo...e eu lembrei daquele momento que eu tinha feito que deu tudo errado que a gente fez aqui de novo né? Lembrei daquele momento porque foi um momento que realmente foi elaborado que eu vi realmente o que eu não fiz no dia, e sempre que eu não faço as coisas depois eu fico me culpando nossa, eu acho que o maior problema da minha vida sou eu mesma, eu não tenho outro problema sou eu mesma...tipo eu não tenho nenhum problema na faculdade, na vida, meu problema sou eu e eu só me cobro eu só me culpo, eu me puno a toda instante, e eu faço isso a todo instante, sabe? Não sei eu tenho umas ideias loucas do nada...o Ícaro sabe? É muito difícil ser eu” (Ingrid, 4º ano).

Ingrid compartilhou ainda como percebeu, no palco, o quanto estava aflita pela proximidade das férias, pois voltará para casa dos pais, que a cobram muito; inclusive identificou como já existe uma cobrança sobre o que será no futuro profissional e isso a angustia bastante. Sente-se solitária em casa e é difícil voltar de férias. Nesse momento, Ingrid se emocionou e a diretora acolheu, dizendo para ela sentir a conexão com o grupo, pois nesse espaço sua fala é importante, assim como suas angústias. Ingrid agradeceu e quando se acalmou, sorriu afetuosamente para a diretora.

Após alguns instantes de silêncio, a diretora perguntou para Jéssica, Ícaro e Aurora o que gostariam de comentar sobre a sessão e sobre o vivenciado ao longo dos oito encontros e os participantes disseram que não gostariam de falar, se sentiam “representados” pela fala dos colegas. A diretora insistiu que dissessem uma palavra pelo menos sobre como estavam se sentindo. Aurora compartilhou que não sabia o que estava sentindo e percebeu-se muito caótica ao longo de todo o encontro. A diretora pediu que ela escolhesse uma palavra que a descrevesse nesse momento e Aurora disse:

“Eu estou procurando minhas emoções para não me jogar em abismos...se não me joga em abismos” (Aurora, 5º ano).

A diretora sorriu agradecendo e pediu para Ícaro e Jéssica se colocarem. Ícaro respondeu:

“Eu to passando por um processo de renovação mas eu não sei ainda” (Ícaro, 4º ano).

Em seguida, Jéssica afirmou que estava tudo bem com ela e sorriu para o grupo. Estava muito calada e diferente do modo como se colocou no grupo até este encontro, além de ter faltado à sessão anterior.

A diretora então convidou os participantes para subirem ao palco e realizarem um círculo de canto, a fim de despedirem-se para as férias. Todos de mãos dadas, cantaram a música “Tocando em Frente”, de Almir Sater. Cantaram de forma alegre e

o clima era leve e descontraído. Após o canto, se despediram com abraços uns nos outros e na diretora.

4.9.2 Síntese temática do nono encontro

Tema 1- Descoberta de si mesmo no processo grupal: a descoberta dos próprios limites, das cobranças internas e do próprio ritmo de trabalho

Jéssica, Ingrid, Aurora, Ícaro, Tadeu, Isis e Bruna retomaram cenas vivenciadas no processo grupal em que ampliaram autoconhecimento e reconheceram os próprios limites no papel de estudante, se deparando com as cobranças internas para desempenhar esse papel conforme os padrões institucionais. Além disso, revelaram a dificuldade em realizar as tarefas acadêmicas no próprio ritmo de produção, devido ao excesso de atividades para realizar em um curto período de tempo. Essas falas revelaram como as vivências no grupo oportunizaram aos participantes um reconhecimento de si mesmo no contexto social, que o modo como devem desempenhar o papel de aluno pode ser diferente do modo que podem fazê-lo, dadas as próprias particularidades.

Tema 2- As dificuldades em ser espontâneo nas relações sociais: a necessidade de vir com fala pronta para o grupo e a dificuldade de exposição no contexto grupal

Jéssica revelou para o grupo a necessidade de vir com “falas prontas” para o encontro, o que foi recebido com surpresa pelo grupo, que reconheceu a dinâmica pela busca da espontaneidade-criatividade vivida no processo grupal. Segundo a participante, apesar de vir com a fala pronta, a dinâmica vivenciada no grupo nunca permitiu que ela falasse o que ensaiava, aparecendo outros conteúdos a partir das propostas dos encontros. Bruna relatou as dificuldades de exposição que experimenta desde o início do grupo, reconhecendo o desafio que se constitui para ela a vivência em grupo. As duas participantes reconheceram então que o processo grupal provocou maior reconhecimento de si e maior compreensão daquilo que é vivido no universo acadêmico.

Tema 3- Sentimentos de esgotamento no final do semestre e o apoio dos companheiros de grupo para finalizar trabalhos acadêmicos

Isis e Tadeu relataram sobre o estresse e o sentimento de esgotamento e esvaziamento vivenciado ao final do semestre, em função do excesso de atividades e demandas acadêmicas. Tadeu revelou a ajuda recebida pelos colegas de sala, também colegas de grupo, para finalizar uma atividade acadêmica, demonstrando como o processo grupal pode funcionar como um dispositivo que promove apoio social e o estabelecimento de vínculos mais cooperativos.

Tema 4- A importância da dramatização para promover autoconhecimento e reconhecimento do eu

Ingrid revelou a importância da dramatização vivenciada em uma sessão específica para que ela pudesse sair do sentimento de fracasso que estava vivenciando no papel de aluna, elaborando internamente o que tinha vivenciado e criando um novo olhar para a experiência e para si mesma.

4.9.3 Nono encontro: processamento

“Redescobrir o eu em mim” (Isis, 5º ano).

Esse foi o nono encontro do grupo, e a proposta oficial era de avaliação do processo vivido até então. De certo modo, os participantes chegaram ao encontro já comentando sobre o processo, questionando as ausências de outros participantes e revelando a vinculação já iniciada entre eles. Ao sentirem falta de quem estava sumido, começaram a revelar a importância do contexto grupal e da presença ao mesmo.

O clima afetivo e tranquilo no início do encontro parecia revelar a intimidade já estabelecida entre eles. O modo como se colocou, espontânea e livremente, desde o início do encontro, pareceu revelar a chegada real de Tadeu no grupo, pois havia faltado a algumas sessões e desde o sétimo encontro pareceu ter criado um vínculo mais efetivo com o processo grupal. Por outro lado, a ausência por duas semanas de Felipe e Anahí provocou uma sensação de distanciamento, de não dificuldade de participação no processo grupal. A participação alternada nos encontros grupais de Anahí, Felipe, Andressa e Tadeu seria indicativa de conflitos sociométricos? Essa questão ecoava para a diretora após o nono encontro.

A proposta de revisitar os encontros grupais no momento em que os participantes estavam também finalizando o semestre permitiu que se observassem como estudantes universitários e tomassem consciência do que foram aprendendo de si mesmo, ao longo dos encontros, ao desempenhar o papel de aluno. Nesse sentido, Isis e Tadeu apresentaram o tema protagônico do dia: o aprendizado sobre si mesmo no papel de aluno; a descoberta das cobranças internas para corresponder aos padrões de desempenho ditados pela cultura; a descoberta do próprio ritmo de trabalho, que pode não ser adequada às exigências do contexto social. Ao longo do compartilhar, os participantes foram reconhecendo os diferentes fatores que bloqueiam a espontaneidade-criatividade no papel de aluno e que provocam sofrimento psíquico ao não oportunizar a liberdade de criação, em função das particularidades vividas no contexto social- a faculdade de Psicologia.

Os participantes revelaram também a dificuldade de se entender e organizar a fala para realizar o compartilhar, comentando entre eles que esse processo é de grande aprendizado, para não tomar todo o tempo do grupo com a própria fala ou ainda não “cortar” os outros integrantes ao longo do compartilhar. Especificamente sobre a avaliação do processo grupal até o momento, Isis, Ingrid e Tadeu revelaram um aproveitamento do mesmo para se desenvolverem e conhecerem mais a si mesmo, identificando dificuldades vividas no papel de estudante universitário. Nesse encontro, Isis saiu do processo de ansiedade que apresentou na semana anterior, demonstrando maior clareza das dificuldades que está vivendo no papel, especificamente, a sobrecarga de trabalho por “não saber falar não”. Tadeu e Ingrid relataram identificação com a fala de Isis, quando realizaram o compartilhar. Tadeu também estava aliviado por ter conseguido finalizar todos os relatórios e agradeceu a ajuda de Ícaro e Ingrid para finalizar os mesmos. Ingrid devolveu para o grupo a importância das atividades corporais para sair da tensão e da ansiedade e conectar-se consigo mesma para além do racional. Já os participantes Ícaro, Aurora e Jéssica escolheram não se colocar, à medida que ainda não tinham clareza do processo que estão vivenciando. Também não comentaram a avaliação do processo grupal. Jéssica, que estava bastante mobilizada no sétimo encontro e recebeu indicação de psicoterapia pela diretora, faltou do oitavo encontro e nesse dia, permaneceu silenciosa e em uma postura observadora, muito diferente do modo como se colocou no grupo até então. Bruna mostrou-se mais isolada no grupo e revelou algumas dificuldades de participação no processo grupal, por considerar muito difícil falar de si

mesma em grupo. Assumiu uma postura de observadora ao longo de todo o encontro, apesar das tentativas da diretora de incluí-la no compartilhar.

O nono encontro permitiu a avaliação do processo já vivido, revelando a importância das vivências em contexto dramático para maior reconhecimento dos conflitos vividos no contexto acadêmico, do sofrimento psíquico vivido e em consequência a liberação da espontaneidade-criatividade, da necessidade de reconhecimento do próprio jeito de ser aluno, na busca de “adequação a si mesmo”.

Além disso, ao comentarem sobre a dificuldade de se “colocar” no contexto grupal, os alunos revelaram a importância do reconhecimento de si, primeiramente, em um processo de conexão “consigo mesmo”, para depois aprender a se comunicar em grupo, o que permitiria o processo de vinculação com os outros, com os “*tus*” que se colocam o tempo todo, em nossas vidas.

4.10.1 Décimo encontro: descrição

Data: 11/08/2018

Participantes: Ícaro, Ingrid, Aurora, Isis, Jéssica

Ausentes: Anahí, Felipe, Andressa, Bruna, Tadeu

Duração do Encontro: 2h20

Contextualização: esse foi o primeiro encontro do grupo após um intervalo de 40 dias entre as sessões. Na sexta-feira anterior à da semana que precedeu o encontro, a diretora enviou mensagem pelo grupo do whatsapp confirmando o retorno para o dia 11 de agosto e convidando-os a confirmarem presença. Somente a participante Bruna não confirmou presença e foi contatada pela diretora por telefone, e na conversa, Bruna comentou com a diretora que estava com dificuldade em retornar para o grupo. Decidiram agendar uma entrevista individual para a semana seguinte. Os demais participantes confirmaram pelo grupo do whatsapp que viriam ao encontro, mas houve cinco faltas.

Aquecimento Inespecífico: conforme iam chegando, os participantes conversavam animadamente, sobre o retorno às aulas e aos estágios; disciplinas, TCC. Após 10 minutos de espera e bate-papo, foram convidados para entrarem no teatro psicodramático. Inicialmente a diretora convidou os participantes para retomarem o contrato grupal. O convite realizado foi para que os estudantes refletissem sobre como estavam retornando para o grupo, que comentassem sobre o

desejo de continuarem vindo até o final do semestre e como sentiam o vínculo com o grupo (se como obrigação ou escolha) e quais dificuldades estavam percebendo e vivenciando no processo grupal.

Jéssica foi a primeira a se colocar. Estava animada e bastante solta em sua fala, muito diferente de como participou na última sessão, antes das férias. Disse que estava aguardando “ansiosa” o retorno dos encontros grupais:

“Eu to voltando muito feliz para cá, to muito feliz assim, queria voltar já, desde a semana passada, começou as aulas e eu falei nossa tem que voltar já para o grupo, estava querendo já voltar, só que eu sinto assim, aqui, é um processo terapêutico para mim, então eu acho que é um processo muito importante que eu vivo aqui com outras pessoas que ele é mais voltado para o meu papel como estudante mas eu sinto também que é um papel de vida, é uma terapia em grupo, sabe? Eu brinco que eu tenho a individual e tenho a grupal que é aqui” (Jéssica, 5º ano).

Especificamente sobre como estava sentindo sua participação e vinculação com o grupo, Jéssica revelou que além de gostar bastante de vir aos encontros, sentia-se incomodada com o fato de alguns participantes não terem o mesmo compromisso de participação e assiduidade.

“E eu sinto que aqui não é uma obrigação, eu sinto que eu estou vindo aqui por uma escolha, para aprender mais sobre mim, aprender mais sobre os outros, aprender mais como que funciona um grupo, como que desenvolve um grupo e tal e eu sinto vontade de vim, não me pesa como uma obrigação nem nada, eu sinto uma vontade de vim...as vezes eu acho que nem todo mundo tem um compromisso com vir e estar aqui e tal, mas eu sinto que a partir do momento que eu me dispus a participar da pesquisa, se eu puder vir, eu vou escolher estar aqui, eu não vou colocar nada na sexta-feira porque eu tenho que estar aqui e venho com gosto escolhendo estar aqui, porque é uma escolha minha, é um processo meu, estou aqui porque eu quero estar aqui e tenho vontade de estar sempre aqui e por mim a gente ficava até dezembro de 2018 por causa deles” (Jéssica, 5º ano).

A participante referiu-se aos colegas do quarto ano e o comentário provocou descontração no grupo. O clima era de expectativa e após um silêncio de dois minutos, em que permaneceram entreolhando-se, Isis pediu a palavra e começou dizendo que não se sentia “obrigada” a vir ao grupo, e que percebeu, conforme ouvia Jéssica, o quanto também escolheu participar do processo e o quanto foram importantes os encontros para ela. Disse ainda que evitava marcar atividades nas sextas-feiras à tarde. Compartilhou que apesar do cansaço que sentia na sexta, não conseguia faltar porque sempre acreditou que as vivências seriam boas para ela. Concordou com Jéssica sobre a importância do processo terapêutico grupal, pois a maioria das questões que a afligem está relacionada ao papel de estudante e algumas são muito específicas e o grupo tem sido um suporte muito importante. Aprendeu a valorizar a importância do protagonismo à medida que conseguiu levar bastante para a vida dela.

Sente que já vê o grupo formado e vinculado e quando encontra o pessoal na faculdade é diferente, pois sente uma ligação importante com todos.

“Eu acho que pra mim ficou assim, é bem o que a Jéssica falou mesmo assim, eu faço das palavras delas as minhas, ficou algo, é um momento terapêutico assim que eu espero muito porque a maioria das questões que me afligem tem relação com o meu papel de estudante sabe? E algumas são muito específicas né? E aqui o grupo, nossa tem me ajudado muito mesmo....mesmo quando são outras dores que são trabalhadas né? A questão do protagonista eu consigo me trabalhar também né, estando ali no palco, na vivência junto, então eu acho que assim, para mim está muito bom, até assim, o grupo mesmo sabe? Eu vejo o pessoal na faculdade então já ficou aquele negócio nossa é mesmo tem grupo...eu olho para as pessoas é diferente assim igual voltou e aí eu vi as pessoas na faculdade e eu falei ‘nossa olha vai ter o grupo’, então eu acho que já está estreitando assim, eu quero estar aqui mas além do que o grupo me oferece as pessoas também acho que a gente está se tornando um grupo mesmo assim de querer estar com essas pessoas, além de estar aqui participando do grupo que eu sei que vai ser bom a vivência eu quero estar com essas pessoas sabe? Então ficou muito claro essa semana que voltou as aulas que eu ia vendo as pessoas assim no corredor e falava ‘ah sexta-feira tem’” (Isis, 5º ano).

A participante destacou como para ela já era importante encontrar os colegas no contexto social e grupal, pois percebeu o quanto se sente “ligada” em todos. Quando Isis encerrou, Aurora começou a se colocar logo em seguida, contando para os colegas que estava feliz pelo retorno do grupo e que sentiu falta dos encontros durante as férias, percebendo, assim como as outras participantes, que já estabeleceram um vínculo especial entre eles. Aurora realizou uma reflexão sobre o quanto foi desafiador para ela participar de um grupo com abordagem sociopsicodramática:

“Engraçado eu estava pensando aqui que Psicodrama de certa forma dá um pouco de medo porque a gente veste tantas máscaras a gente desenvolve tantos papéis na sociedade e eu acho que o papel mais difícil de desenvolver é o de si mesmo, ser si mesmo, é o papel mais difícil de todos e o psicodrama eu acho que lança essa ideia por isso que você quer estar nele mas você tem o receio de entrar nele totalmente né tem hora? Porque é difícil ser si mesmo, porque te mostra não só lados bons de você mas lados que as vezes você não queria saber que tem mas está aí e você precisa trabalhar, e eu gosto desse desafio do psicodrama” (Aurora, 5º ano).

Aurora comentou ainda que se percebeu com mais “gás” nesse retorno para as aulas, e que enquanto as colegas falavam, pensou também na importância do grupo como suporte para essa etapa de finalização da faculdade. Disse que quer terminar a faculdade “fazendo o que pode” (sic) e não o que “as pessoas esperam” (sic) e que nesse sentido, a convivência com os colegas no contexto grupal promove um apoio importante.

Quando Aurora terminou de falar, houve um silêncio no grupo por mais de um minuto, e então, Ingrid, que estava sentada de forma encolhida no canto do sofá, começou a se colocar. Disse para o grupo que estava retornando das férias “cansada

e com vontade de se esconder na vida” (sic). Ingrid tinha uma aparência abatida e desanimada. Sobre a participação no grupo, comentou que durante as férias percebeu a importância do processo grupal como um respaldo para ela, no papel de estudante:

“Eu acho assim, nessa ausência, nesse tempo que a gente ficou longe eu fiquei meio longe de tudo né porque eu fiquei de férias, não fiz nada mas eu fiquei de férias e eu comecei a ver o que me mantém sabe? O que me deixa mais forte, o que eu sinto falta, o que me ajuda e aqui foi um desses pontos sabe? Eu acho que com todas as pessoas aqui eu sinto como se fosse um respaldo e eu consigo me manter mais firme sabe? Então aqui eu acho que meio que criou um sentido para a minha vida estar aqui então é muito importante para mim estar aqui, então sim, é uma escolha minha” (Ingrid, 4º ano).

A participante apresentou um aspecto relacionado às faltas dos outros participantes que provocou uma mobilização e engajamento de todos na discussão:

Ingrid: eu me sinto muito bem aqui, eu gosto de todo mundo que está aqui embora tenha uns que falte muito senti falta de outras pessoas aqui hoje, é bom quando aqui está cheio, eu acho que cada um tem seu papelzinho aqui

Jéssica: dá vontade de pegar eles e falar ‘vem’

Ícaro: eu tenho vontade de fazer isso também

Aurora: é fica um buraco literalmente

Ingrid: é como se, cada um tem algo deles que preenche o grupo sabe, tá faltando a Andressa aqui do meu lado, tá faltando eu olhar para a Bruna quietinha ali, tá faltando o Felipe viajante, o Tadeu palhaço, sei lá...falta

Ícaro: é o grupo é muito maior que isso

Ingrid: é nós somos um grupo ainda

Ícaro: essa questão de falta eu acho assim, vai faltar pelo menos avisa sabe? Não deixa na mão o grupo, tipo nem avisa no zap ne? Às vezes acontece alguma coisa fala, pede para alguém falar se está sem celular avisa no outro dia porque que não foi, mas eu acho que quando não avisa, sei lá pode ser impressão minha, mas eu acho falta de respeito com o grupo, eu sei que todo mundo aqui é uma boa pessoa mas eu acho que pô, pelo menos avisa...eu já faltei também mas pelo menos avisa porque está faltando, ‘não quero ir’, beleza então fala, to faltando porque eu não quero ir hoje, sei lá, cada um é cada um”.

Isis: eu concordo com o Ícaro porque assim quando a pessoa manda no grupo que não vem, eu já preparo meu coração que a pessoa não vai estar, então você já vem preparado, isso que o Ícaro falou faz muito sentido, porque se não avisa, você chega aqui e espera que vai estar todos e aí você não vê todos e tipo assim não é um compromisso com a Angélica ou com a Elaine, é com todos, eu não sinto assim o pessoal não está querendo vir no grupo da Angélica, tipo assim o pessoal não está querendo vir para o nosso grupo, de estudantes, dá uma sensação de descaso.

Após essa discussão entre todos os participantes, seguida por alguns instantes de silêncio, Ícaro se colocou, comentando com o grupo que sobre essa questão das faltas, ele está aprendendo com essa experiência, pois já faltou sem avisar de muitos grupos e hoje percebeu como esse comportamento passa uma mensagem de

“descompromisso com o grupo” (sic). Comentou ainda que estava se sentindo muito bem em retornar para os encontros. Ícaro estava solto e bastante integrado ao grupo, também diferente do modo como participou dos encontros no semestre anterior. Ao final de sua fala, afirmou para a diretora que gostaria de participar de congressos de psicodrama no futuro e se ela já teria alguma informação sobre próximos eventos de psicodrama. O grupo iniciou uma discussão sobre possibilidades de ir ao próximo Congresso de Psicodrama, em 2018, em Fortaleza. Ícaro, Ingrid e Jéssica demonstraram mais entusiasmo do que Aurora e Isis, que observaram atentamente, mas permaneceram silenciosas.

Após essa breve discussão, Ícaro recomeçou falando que estava angustiado com o seu trabalho de conclusão de curso, por ainda não haver decidido o tema do mesmo. A diretora então começou a encerrar essa primeira etapa, ressaltando a importância de retomar com cada um dos participantes que não vieram a disponibilidade em continuar fazendo parte do grupo e problematizando essa questão das faltas. Isis pediu a palavra e expôs sua preocupação com as ausências frequentes de Felipe e Anahí, por sentir que os dois terminaram o semestre muito “ausentes do grupo” e que esse fato a deixou angustiada.

“A Andressa, a Bruna e o Tadeu, o Tadeu até mais ou menos tem vez que ele falta mais assim, mas parece que eles faltam quando não podem vir, mas a Anahí e o Felipe eu sinto eles tão distantes e ao mesmo tempo eu queria eles perto e aí eu não sei eu entro nessa fantasia que a Jéssica falou, não sei se é minha percepção porque eles são mais próximos de mim em outros contextos e eu fico muito preocupada pensando gente o que será que está acontecendo porque eles não estão conseguindo estar aqui, eu fico com essa coisa que a Jéssica falou, a gente espera, não hoje eles vão, e eles não vem, porque eu acho que eles são os mais ausentes assim então no meu coração está um espaço assim, sabe quando está querendo sair mas está aqui então isso parece que não tinha sido trazido para a realidade e eu senti muita angústia em pensar sobre isso” (Isis, 5º ano).

A diretora então reafirmou a importância de ela entrar em contato com Anahí e Felipe para conversar, explicando nesse momento que Bruna também já havia sinalizado dificuldade em retornar para o grupo. Comentou ainda com o grupo que seria importante aprofundar se as faltas dos colegas estavam relacionadas às questões sociométricas ou a dificuldades pessoais de participação.

Aurora se mobilizou com essa fala, afirmando que percebeu essa dificuldade em si mesma, pois em grupo de psicodrama é difícil não se expor e esse fato causou incômodo a princípio, pois ela percebeu o quanto no grupo eles são convidados a trazerem questões difíceis de serem colocadas no contexto social, e que precisam aprender a colocar tais questões no contexto grupal, em um processo de exposição

que gerou angústia, mas que valeria a pena. Após a fala de Aurora, o grupo silenciou por alguns instantes, e a diretora fez o convite para o aquecimento específico.

Aquecimento específico: foi feito o convite para os participantes se levantarem, a fim de movimentarem o corpo, espreguiçando, percebendo dores e tensões e aplicando-se uma “automassagem”. A diretora apagou as luzes e colocou uma música suave. Esse trabalho corporal durou por volta de 10 minutos. Ao final do mesmo, a diretora pediu que os participantes encontrassem uma palavra sobre como estavam se sentindo:

Isis- aberta

Jéssica- crescimento

Aurora- presente

Ícaro-esperança

Ingrid- necessidade

Os participantes foram convidados a “fazer de conta” que o palco psicodramático era a faculdade. A diretora pediu que observassem a estrutura física da faculdade, os espaços comuns, as salas de aula, e fossem percebendo a partir dessas imagens, os sentimentos despertados por esse retorno às aulas. Em seguida, pediu que fizessem um solilóquio:

Ingrid- meu desejo é de fuga, ela está ali e eu estou aqui e eu não queria voltar

Jéssica- o meu é de despedida

Ícaro- me causa uma sensação boa

Isis- desânimo

Aurora- é parte da vida

Em seguida, a diretora solicitou que se observassem na faculdade, deixando emergir uma imagem que traduzisse esse retorno deles ao contexto acadêmico. Pediu que fechassem os olhos e ficassem um pouco com essa imagem, escutando a mensagem que a mesma estava trazendo para cada um. Após alguns instantes, os participantes foram conduzidos de volta ao contexto grupal, e a diretora solicitou que movimentassem o corpo novamente, buscando despertar desse momento de relaxamento.

Dramatização: não houve dramatização nesse encontro.

Compartilhar: Isis foi a primeira a realizar o compartilhar, dizendo que a imagem que veio para ela trouxe muita angústia e que gostaria de falar sobre como estava se sentindo. Isis estava visivelmente abatida e falava baixo e devagar. Contou para o grupo que a imagem que veio para ela durante o aquecimento se passava no último dia de supervisão de estágio, e ela se viu sentada com as mãos segurando a cabeça, olhando para baixo e sentindo-se “desesperada” (sic). Compartilhou com o grupo o seu desânimo em voltar para o “peso” das vivências acadêmicas, pois sabe que será assim novamente o semestre, de esgotamento até o final:

“Porque o desânimo é assim a gente está numa fase, né, esse último semestre, último ano que para mim deveria ser um momento de tranquilidade, é utópico né, mas tipo assim, a gente já deu tanto sabe? Parece que a hora que eu vi essa faculdade aqui eu senti que estava desanimada porque eu senti sem energia porque toda a minha energia eu já entreguei ali, então é como se a faculdade já teve de mim tudo o que eu posso dar assim, já exigiu de mim tudo o que poderia ser exigido e aí o meu desânimo de voltar, me veio a cena do semestre passado, no último dia de supervisão que foi assim né, foi...eu estava acabada, foi o dia que eu tinha que terminar a iniciação, a orientadora me mandou um email que eu tinha que fazer já para segunda e era numa quinta e eu tinha o relatório do estágio...e assim é...foi aquela cena que eu cheguei na supervisão e eu não conseguia olhar no olho das pessoas porque senão eu ia cair em lágrimas e desmanchar...então eu tive que vestir assim uma negação...não sei, eu estava supitando e aí eu cheguei e fui fazendo a parte burocrática, e me veio a cena eu sentada lá assim explodindo por dentro não me aguentando e eu desânimo de passar isso sabe?” (Isis, 5º ano).

A participante comentou com os colegas que gostaria que o último semestre da faculdade fosse de preparação para o mercado de trabalho pois tem se percebido muito angustiada com o futuro profissional. Notou também como seu desânimo se relaciona à quantidade de relatórios que eles precisam entregar ao final dos estágios, somados à entrega do trabalho de conclusão de curso e relatório de iniciação científica, justamente o que a fez sofrer muito no final do semestre anterior. Isis disse que conseguiu montar sua agenda do segundo semestre de forma a ter um tempo livre para si mesma, o que já foi em sua percepção um grande passo:

“Então tipo assim vai vim sabe esse turbilhão de coisas e aí tem as disciplinas que também tem coisa para fazer, então tipo assim, eu estou desanimada de ter que enfrentar isso nesse último semestre...não era o que eu queria...porque vai vim tanta burocracia, tanta coisa assim ó aquela sensação aquela imagem minha sentada ali a ponto de explodir.... Me desanima sair do estado de relaxamento das férias e já entrar na cobrança, então esse é meu desânimo sabe? Ver a faculdade e saber que vai começar tudo de novo, que vai ser até um pouco mais porque vai ter apresentação do TCC, apresentação da iniciação lá...tudo... gente...já deu...se eu pudesse eu falava gente vamos encerrar aqui...já cumpri...eu gosto de ir para a aula, gosto de ir para a faculdade, mas você está ali na aula e sabe que vai ter prova, e o professor fala gente isso é importante, vai ter prova, e isso desanima sabe porque eu sei que eu não vou conseguir viver tudo. Mas aí eu fiz minha agenda desse semestre de forma a priorizar a minha saúde mental, porque semestre passado eu terminei muito mal, então fiz minha agenda deixando espaços para eu respirar, para eu viver...esse semestre não, eu fui, fiz de um jeito que eu vou ter tempo para respirar que eu vou ter um tempo de não ter nada então eu fui, foi difícil, mas eu deixei um horário para mim, que é a quinta-feira de manhã que não tem nada e eu quero que não tenha nada para mim ter um tempo na semana, sabe, mesmo que for para fazer coisas mas pelo

menos não vou ter que faltar de uma coisa para fazer outra, então eu consegui fazer a agenda assim” (Isis, 5º ano).

Ingrid, Ícaro e Jéssica se mobilizaram também com o assunto e o grupo começou a discutir os modelos de relatório de estágio, que são os mesmos desde o primeiro ano e que possuem pouco espaço para “criação” nos relatórios. Aurora se colocou afirmando que também gosta de fazer os estágios, mas são tantas atividades ao mesmo tempo que não se percebe fazendo-as com “vitalidade e qualidade”, mas no automático.

“Às vezes é um estágio muito bom, um estágio que você quer aproveitar que você quer viver, uma abordagem que você gosta...só que você estava numa aula, cansativa, aí dessa aula você almoçou correndo, foi para um estágio e desse estágio você foi para outro estágio...você quer se entregar mas você não tem energia para se entregar, entendeu? Você não tem energia para se entregar...não adianta você tentar que você vai ficar ruim entendeu? Ai você faz de qualquer jeito, pronto, fiz e passei...então eu penso assim, no quarto ano são no mínimo 3 estágios, no quinto ano mais 3, eu acho que se você pudesse escolher sei lá, dois daqueles que você realmente gosta, acho que tirar um já ia mudar muita coisa, a gente teria mais tempo para fazer melhor...eu sei que é bom conhecer muitas coisas, é muito importante, só que para mim seria melhor fazer um bem feito do que dois mal feito” (Aurora, 5º ano).

“E sabe o que é o mais engraçado? A gente fica até o terceiro ano sem fazer nada aí no quarto ano começa daquele jeito” (Ingrid, 4º ano).

O grupo permaneceu engajado na discussão sobre o modo de confecção dos relatórios e o clima se descontraíu por 15 minutos, e todos os presentes se colocaram comentando a temática apresentada por Isis. Promoveram uma reflexão sobre modos possíveis de realização dos relatórios de forma a integrar mais a vivência e a teoria:

“Ai gente, porque não pode pegar tudo o que a gente viveu no estágio e fazer uma poesia, sei lá, faz um texto que não seja repetitivo, faz uma relação com uma obra, sei lá (Jéssica, 5º ano).

“Mas tipo, o melhor que eu tive foi o que a gente tinha que, era tipo isso que a gente está falando, tinha que fazer um artigo mas o artigo era comparando com um mito ou uma deusa né que...e foi muito legal, foi o melhor assim, eu fiz com prazer porque eu fui lendo o mito e vendo a história da minha paciente, lendo o mito, os traços do personagem e fui podendo criar sabe? Tipo assim em todos ela viu a sua criação, nossa foi perfeito” (Isis, 5º ano).

Os participantes se estenderam por mais alguns minutos falando sobre os modos de realização dos relatórios e como se sentiam pressionados com a quantidade dos mesmos, pois além dos diários de campo e transcrição de sessões de atendimentos individuais que deveriam entregar semanalmente na supervisão, ainda precisariam montar o relatório do estágio com a discussão ao final. A diretora pediu que voltassem a observar a cena projetada no palco, a fim de comentá-la, e Ícaro contou para o grupo que não conseguiu ver uma cena na faculdade, mas lembrou-se

de uma história que leu durante as férias. O estudante disse para o grupo que se sentia angustiado com o futuro profissional e perdido com relação a quais possibilidades terá para assumir-se profissionalmente.

A fala de Ícaro introduziu uma nova temática, diferente da que estava sendo debatida até então:

“Eu vi uma coisa que eu não sei se tem muito a ver, mas é que me deu muita vontade de fazer o que ele fez...e que eu lembrei...eu lembrei de uma história, um rapaz aqui do Brasil, e ele trabalhava, estudava e tal, aí um dia ele foi passar as férias na Tailândia e aí a mochila dele sumiu, ele ficou um tempão procurando, perdeu a passagem de volta e não voltou para o Brasil, aí ficou procurando, procurando, aí descobriu que tinha sido um macaco que tinha pegado aí achou e até então, o pessoal lá acolheu muito bem ele, então ele precisava de alguma coisa para viver e ele foi dando aula de português para o pessoal lá e aí ele está lá até hoje, já faz quase cinco anos que ele mora lá na Tailândia dando aula de português e morando em frente a praia gente” (Ícaro, 4º ano).

O grupo se descontraiu bastante e Isis comentou: “que macaco abençoado” (sic). Riram da história contada por Ícaro, que também se relacionava à temática do futuro profissional e as inseguranças relacionadas à mesma. Após alguns instantes de silêncio, Ingrid começou a falar como estava se sentindo, contando para o grupo que a palavra que veio para ela foi fuga, e que se identificou com tudo o que os colegas falaram, sentindo-se oprimida e com vontade de fugir da faculdade. Ingrid disse que refletiu enquanto ouvia os colegas sobre como terminou o semestre anterior:

“Porque por exemplo, o semestre passado eu já tinha feito tudo, realmente estava tudo pronto, eu fiquei as últimas semanas despreocupadas porque eu já tinha feito tudo, mas aí depois eu parei para pensar, tá eu fiz tudo mas o que eu não acabei comigo para fazer tudo, o que eu tive que passar para fazer tudo, o que eu fiquei, a consequência de ter feito tudo, qual foi para minha vida? Entendeu? E pensar nisso foi tipo, valeu a pena? Eu faço porque eu amo psicologia, porque eu quero me formar, porque eu quero ser, mas o decorrer disso é cheio de decepção, frustração e sofrimento sabe? Então ver o que a Isis falou realmente, essas coisas de relatório é um absurdo, eu acho assim a gente ainda faz Psicologia, é um curso em que você está vendo o outro que você está se olhando, está falando de pessoas entendeu? Você está falando da subjetividade humana no qual não pensa em você? Aí eu olho isso e falo assim nossa como a gente está atrasado no próprio curso né? Tipo um curso que não olha o humano nunca...e isso causa raiva, é uma mistura de mil sensações, a respeito de tudo... nas minhas férias eu parei e pensei nossa eu não me coloquei em primeiro lugar em nenhum momento, entendeu? Eu costumo dizer para mim mesma, que a vida é feita de prioridades, e eu estar aqui é uma prioridade minha, porque eu deveria estar fazendo meu projeto de TCC, que não está pronto ainda e tem que entregar segunda...então eu quase nunca me coloco como prioridade, porque se não fizer tudo que tem que fazer...então eu entendi isso” (Isis, 4º ano).

Ingrid comentou ainda que não entendeu porque a faculdade antecipou a entrega do projeto de trabalho de conclusão de curso, que antes era no começo do 9º semestre e agora deveria ser entregue no começo do 8º semestre, o que provocou angústia, pois muitos colegas não sabiam ainda o tema que gostariam de trabalhar. Ícaro se colocou nesse momento, comentando que é um “desses colegas”, e que

estava se sentindo angustiado por não ter ideia ainda do que gostaria de trabalhar. Após a fala de Ícaro, Jéssica disse que precisava muito falar sobre o TCC com o grupo, mas Ingrid retomou a palavra e terminou de falar sobre sua indignação a respeito da antecipação do TCC. A diretora voltou a atenção para Jéssica pedindo para ela comentar o que estava vivenciando sobre o TCC.

Jéssica contou que sua palavra no aquecimento foi despedida, pois sentiu muita emoção em estar se encaminhando para o final da faculdade, à medida que reconheceu a importância desse espaço em que passou os últimos 5 anos, vivendo no local a maior parte do dia, que acabou se tornando sua “segunda casa” (sic). Contou como desenvolveu uma relação especial inclusive com os funcionários da faculdade e que viu muitas mudanças acontecerem na instituição. Jéssica contou que estava sentindo uma mistura de sentimentos, pois ao mesmo tempo que estava experimentando sentimentos bons, percebeu também sentimentos ruins e isso a deixou confusa. O que mais a está angustiando é a finalização do TCC. Virou-se para Ingrid e disse acreditar que é melhor para os alunos do 4º ano essa antecipação, pois assim terão mais tempo para desenvolver o trabalho, haja vista que sua turma teve somente 8 meses entre a entrega do projeto e o depósito da versão final.

“Eu fico um pouco revoltada de estar acontecendo isso justo com a minha turma entendeu, e eu estar tendo que viver isso...só que ao mesmo tempo também fico tranquila porque a gente está sinalizando isso para a direção, a coordenação sabe disso e eles estão sabendo que não está dando certo, que está massacrando a gente e eles estão fazendo propostas para mudar entendeu? Tanto que já mudou...o pessoal do quarto já mudou o prazo do projeto...só que de qualquer forma, até chegar nessa mudança, como por exemplo o TCC, a gente passou por isso, está passando ainda...eu fico olhando para o meu TCC, to entregando meu TCC semana que vem e eu fico pensando assim, talvez se eu tivesse mais um mês acho que eu ainda mudava, tudo, mais uma vez...” (Jéssica, 5º ano).

A diretora comentou com Jéssica que era importante ter espaço para vivenciar essa despedida, resgatando também aquilo que foi bom de se viver na faculdade, e que talvez ela precisasse se dar espaço para sentir essa finalização. Jéssica concordou e confirmou que esse final de curso trouxe muitas emoções contraditórias. A participante então silenciou e Ingrid voltou a comentar sobre as mudanças que já observou acontecendo na faculdade. Jéssica voltou a afirmar como se sentiu injustiçada na faculdade e como sua turma lutou para conseguir mudanças com a coordenação. Nesse momento, Aurora comentou com Jéssica que “muitas pessoas haviam morrido na fogueira” (sic) para que pudessem “evoluir” e todos riram bastante. Jéssica silenciou e a diretora perguntou se ela havia terminado, ao que ela respondeu afirmativamente.

Aurora compartilhou então que percebeu ao longo da sessão que apesar de todas as dificuldades que enfrentou na faculdade, o que ela se lembrou foram dos bons encontros que teve com os colegas, de momentos especiais com todas as pessoas que pôde conhecer ao longo dos últimos anos, e que na percepção dela, são esses bons encontros que lhe dão “forças” (sic) para terminar o semestre e o curso. Aurora afirmou ter priorizado mais as relações que desenvolveu do que as “coisas burocráticas” (sic) da faculdade:

“Na hora que pediu para pensar eu gostei muito da música que tocou na verdade antes, eu fiquei presa, envolvida pela música, aí ela me deu a sensação, sabe aquele quando tem uma cena nos filmes que vai passando vários momentos da vida das pessoas, momentos simples mas que marcam, sabe essas cenas que passam nos filmes e que toca uma música como aquela? Então me passou esses momentos na faculdade sabe que apesar de todas essas bagunças, que tem tudo essas questões, tem momentos assim que particularmente para mim eles ficam, sei lá, um bom dia diferente para alguém que as vezes eu nem tenho contato mas é engraçado sabe? Um momento que sem querer eu encontrava a Isis a gente nem combinava e sentava no sofá e começava a cantar sem importar com quem estava em volta sabe? Eu acho que isso, acho que me marcou esses encontros sabe? É, coisas que eu descobri de mim, dos outros, acho que isso que ficou muito importante pra mim...foi isso que eu lembrei, isso me deu forças para entrar lá...se não, não entraria não....se fosse pensar no material, no mecânico eu já tinha...as vezes eu mando, eu aperto um botão e nem ligo, as vezes eu faço um trabalho cinco horas antes da entrega...é errado mas...não sei se é errado mas é o que eu consigo...porque eu dou valor para esses momentos...se sei lá eu tiver que fazer o TCC mas uma amiga minha me liga e ela precisa conversar eu vou conversar com ela...eu deixo meu TCC...sei lá...é uma coisa de prioridade o TCC é papel a minha amiga é um ser humano né? Eu penso assim...mas aí vem o externo sempre cobrando e não vendo isso que você faz...é engraçado quando vem coisas assim, ponto X da vida né, cheques mates a gente esquece que tem o tabuleiro todo né? Que teve tantas jogadas que a gente fez antes de chegar no cheque mate...e eu acho que é isso” (Aurora, 5º ano).

A fala da participante provocou impacto no grupo, que silenciou nesse momento. Após alguns instantes, a diretora perguntou para Aurora se ela já havia terminado, e comentou que ela estava demonstrando estar melhor do que no final do semestre. Aurora agradeceu e então a diretora perguntou para Ícaro se ele gostaria de falar mais sobre si mesmo, e o participante se colocou demonstrando mobilização com a fala de Aurora:

“Parece que quando eu olho para a faculdade eu vou conseguir desbravar muita coisa ali pra mim sabe? É até clichê falar mas é a faculdade é onde querendo ou não tem muito conhecimento científico e eu tenho essa sensação boa por querer conhecer mais essa parte científica mas a gente esquece muito que não é só de ciência que a gente vive né, que a gente também tem as nossas relações sociais, a gente mesmo, pensar sobre a gente mesmo...igual eu até falei na sala essas férias foram muito boa pra mim, porque eu consegui observar o que que eu fazia, no segundo ano onde eu não tinha tanta coisa para fazer e como eu estava fazendo agora...então assim eu estava tratando as pessoas é, eu estava sendo ríspido as vezes porque eu tinha muita coisa para fazer e aí a pessoa vinha falar eu estava nervoso tratava mal sabe? Então nessas férias eu tentei voltar algumas amizades, com os meninos do colegial a gente está saindo quase toda semana para se encontrar, conversar, eu terminei o semestre muito estressado sabe? Então assim, eu to tentando tratar a minha família melhor porque as vezes eu estava muito estressado e aí minha mãe vinha e eu já saía assim nem queria conversar, então as vezes perguntar assim, ‘ah como você está como foi seu dia’, porque querendo

ou não tipo minha mãe não faz terapia, minha irmã não faz terapia, então elas precisam de alguém para ouvir elas sabe? Então eu to tentando fazer isso sabe? To tentando me melhorar, melhorar quem eu sou e não dar tanta atenção para a faculdade assim sabe? Eu dou atenção para a faculdade lógico, eu preciso disso, eu quero isso, é angustiante não ter tema e ter que fazer um tema e pensar que provavelmente eu vá mudar meu tema e eu vou ter que fazer tudo de novo....mas eu to focando mais igual a Aurora falou eu to focando mais em mim e nas pessoas que estão do meu lado, tentando tratar elas melhores, tentando crescer como pessoa, não só como profissional sabe? Então a faculdade me traz uma coisa boa porque é um pilar importante para mim eu acho que para todo mundo é e por mais que cause angústia até o momento me traz mais motivação do que angustia, então essa é a visão que eu tenho da faculdade” (Ícaro, 4º ano).

Após a fala de Ícaro, a diretora convidou o grupo para subirem ao palco a fim de encerrarem o encontro. Colocou novamente música suave e pediu que caminhassem pelo palco procurando sentir o que viveram ao longo de todo o encontro. Depois solicitou que os integrantes do grupo se colocassem em uma postura física que concretizasse o que estavam sentindo naquele momento. Os participantes realizaram a postura física e disseram uma palavra cada um de como estavam se sentindo.

Ícaro- perseverança

Aurora- como a vida pode ser surpreendentemente simples...e mesmo que eu me depare com meus limites, que eu ainda tente e arrisque...

Isis- é que no final, a vida não cabe no lattes...

Jéssica- que bom se despedir, mas que dor tão pesada se despedir, tão pesada, invisível, mas também tão viva...

Ingrid- no início, no percorrer, no fim, eu sou capaz de mudar, de me expressar...

A diretora pediu então que voltassem a se movimentar, saindo lentamente da postura e caminhando pelo espaço, se despedindo do momento. Em seguida, todos se reuniram em círculo no palco, de mãos dadas e a diretora disse: “sejam bem-vindos de volta”.

O grupo se descontraíu e Jéssica sugeriu “vamos cantar aquela da parceria”. Todos riram muito porque a primeira vez que a diretora cantou essa música com eles, se perderam várias vezes na letra. A diretora então ensinou novamente a letra da música e todos cantaram juntos, animados.

*Que bom que a paz seria,
Que bom que a paz será
Que boa parceria
Essa aqui que a gente está fazendo aqui nesse lugar.*

Após a música todos desceram do palco e ficaram conversando animadamente na sala por cerca de 15 minutos. Isis inclusive pediu informações para a unidade funcional acerca do processo de pós-graduação na USP.

4.10.2 Síntese temática do décimo encontro

Tema 1- Grupo sociodramático como dispositivo de apoio ao papel do estudante e compreensão do sofrimento psíquico

Quando convidados a retomarem o contrato de participação com o processo grupal, Jéssica, Isis, Ingrid, Aurora e Ícaro confirmaram a importância do mesmo como apoio social para a compreensão das dificuldades acadêmicas, pois em muitos momentos puderam criar um novo olhar para as dificuldades vivenciadas, despertando possibilidades novas para o desempenho desse papel. Destacaram também a percepção de estreitamento do vínculo entre eles em função das vivências do processo grupal, discutindo acerca da importância da presença de todos para que ocorresse a troca dos desafios vivenciados no papel.

Tema 2- Retorno às aulas: desânimo com o excesso de atividades “burocráticas”

Isis compartilhou um sentimento de desânimo em voltar para a faculdade em função do excesso de atividades burocráticas que ela precisaria cumprir, como a realização dos relatórios de estágio, provas e trabalhos de disciplina. Ícaro, Ingrid, Jéssica e Aurora se mobilizaram com essa fala e iniciaram uma reflexão sobre as atividades avaliativas obrigatórias das disciplinas e dos estágios; especificamente sobre os relatórios de estágios, referiram-se ao modelo que devem seguir para a confecção do mesmo, à medida que a cada visita ao campo ou atendimento deveriam elaborar o diário de campo, que depois se transformaria em um relatório padronizado. A vivência de peso pelo excesso de atividades apareceu como um sentimento de que tudo isso é feito de forma conservada e automática, não permitindo que os estudantes experimentassem o gosto pelo aprendizado e a potência da criação, da autoria e de um aprendizado que integra afetivo e cognitivo.

Tema 3- Sentimentos de desumanização e robotização no papel de estudante de Psicologia

Ingrid iniciou uma problematização do funcionamento do curso de Psicologia, que na visão dela, não levava em consideração “o humano”, a subjetividade e a

criatividade dos alunos, funcionando de forma burocrática, padronizada e com excesso de atividades fragmentadas, com pouco espaço para se perceberem “criadores”. Isis se mobilizou com essa fala e afirmou como essa vivência acabava promovendo uma sensação de vazio, de esgotamento e despersonalização.

Tema 4- Vivências relacionadas à finalização da faculdade e incertezas acerca do futuro profissional

Jéssica e Ícaro compartilharam as vivências contraditórias experimentadas ao final do processo de formação, em que parecia se misturar a produção do trabalho de conclusão de curso com as expectativas relacionadas ao futuro profissional. A escolha do TCC apareceu como um momento que provoca ansiedade e sofrimento psíquico e de certo modo parece se entrelaçar com as incertezas sobre o futuro profissional, em que já se questionam o que farão como “psicólogos”. Jéssica revelou a emoção sentida durante o encontro ao se conectar com a falta de espaço para vivenciar as emoções experimentadas no final da faculdade, o sentimento de despedida dos colegas e o sentimento de finalização de um ciclo.

Tema 5- Antecipação do trabalho de conclusão de curso

Para Ícaro e Ingrid, a antecipação do prazo para a entrega do projeto do trabalho de conclusão de curso do 9º semestre para o início do 8º, despertou ansiedades que passam pela dificuldade em encontrar o tema a ser desenvolvido, o orientador que irá acompanhar o trabalho e o prazo curto de que dispõem para realizar todo esse percurso.

Tema 6- Respostas novas para as velhas situações

Ao final do encontro, Aurora problematizou no grupo se todas as questões que discutiram não poderiam ser vivenciadas de forma diferente por eles mesmos, acrescentando uma nova perspectiva ao modo como o grupo vinha debatendo as vivências acadêmicas até então e trazendo a responsabilidade de mudança para os estudantes. Esse posicionamento permitiu a emergência de novas colocações por parte de Ícaro, que comentou um novo movimento existencial, ao se propor a não se entregar exclusivamente às atividades acadêmicas e resgatar a convivência com colegas do Ensino Médio e uma forma mais paciente de se relacionar com a mãe e a irmã.

4.10.3 Décimo encontro: processamento

“Eu tô focando mais em mim e nas pessoas que estão do meu lado... tentando crescer como pessoa, não só como profissional sabe?” (Ícaro, 4º ano).

Retorno ao grupo, após 40 dias de férias. Ao entrar em contato com os participantes para confirmar quem voltaria para os encontros grupais, revelou-se uma primeira questão a respeito da pausa no processo: ocorreu desaquecimento no grupo? Será que os participantes ainda estão sintonizados com o processo grupal? Todos comprometidos com o grupo sociodramático?

A participante Bruna foi a primeira a comunicar com a diretora sobre seu desejo de não continuar com o grupo. Essa conversa despertou na unidade funcional a necessidade de se retomar com os demais participantes o contrato grupal, pesquisando o interesse de todos em manter os encontros grupais ao longo de mais um semestre. Haveria o desejo de real participação de um grupo sociodramático de apoio ao estudante universitário?

Estavam presentes nesse dia cinco participantes: Jéssica, Aurora e Isis (5º ano); Ícaro e Ingrid (4º ano). Todos refletiram sobre o desejo de permanecer no grupo e comunicaram a ansiedade que sentiram para retornar aos encontros. Demonstraram incômodo com as repetidas faltas dos demais participantes e destacaram como sentem-se vinculados uns nos outros. Nesse sentido, a fala de uma participante revelou como a sociometria do grupo e possibilidade de um Encontro verdadeiro com os colegas emerge como a força terapêutica do grupo sociodramático:

“Eu quero estar aqui mas além do que o grupo me oferece as pessoas também acho que a gente está se tornando um grupo mesmo assim de querer estar com essas pessoas, além de estar aqui participando do grupo que eu sei que vai ser bom a vivência eu quero estar com essas pessoas sabe?” (Isis, 5º ano).

Por outro lado, enquanto os participantes desse dia confirmavam a importância desse espaço para eles e o desejo de continuidade, as ausências repetidas de outros colegas e a desistência de duas participantes do terceiro ano poderiam representar conflitos sociométricos vivenciados no contexto grupal e ainda não explorados. Quais motivos estariam impedindo Bruna, Anahí, Felipe e Andressa de frequentarem com regularidade o grupo? E por quais motivos não se desligaram do processo grupal? Com essas questões em mente, a diretora resolveu agendar uma entrevista individual com esses participantes, a fim de esclarecer as relações e as dificuldades de participação no grupo.

Nesse encontro em especial, os participantes refletiram, no contexto grupal, as diferentes questões que os incomodavam ao se perceberem retornando às aulas. Aspectos da vivência institucional que provocam sofrimento psíquico, por não haver, na percepção dos participantes, muito espaço para considerar a singularidade das pessoas no processo de aprendizagem. A quantidade de relatórios, disciplinas, trabalhos e provas despontaram como os grandes “vilões” dos estudantes universitários de Psicologia participantes do grupo, que relataram sentir-se massacrados e muitas vezes perdidos em meio ao excesso de atividades e demandas. Passaram todo o encontro revelando o modo de funcionamento do curso e as questões que os incomodavam, que não faziam sentido ou provocavam um sentimento de estar perdido, esgotado. Reconhecendo-se como estudantes universitários da mesma instituição e curso, se aqueceram para retomar os encontros grupais, após o período de férias. Estavam se aquecendo para assumir novamente o papel de estudante, após o descanso que tiveram.

No contexto grupal, conversaram livremente sobre as questões que os incomodavam nas vivências acadêmicas e cooperaram uns com os outros nesse processo de interação: complementado as reflexões uns dos outros e compondo juntos a compreensão do vivido no contexto social. Jéssica apresentou o sofrimento pelo processo de finalização do curso; Isis trouxe o sofrimento por voltar ao excesso de atividades burocráticas e massacrantes; Ingrid trouxe o esvaziamento de ter dado tudo de si no semestre anterior e ter vivenciado um grande vazio nas férias; Ícaro contou da ansiedade em ter de escolher o tema de seu trabalho de conclusão de curso e os medos referentes ao futuro profissional. Foi Aurora quem trouxe para o grupo a possibilidade de se relacionar de outro modo com as demandas institucionais:

“Então me passou esses momentos na faculdade sabe que apesar de todas essas bagunças, que tem tudo essas questões, tem momentos assim que particularmente para mim eles ficam, sei lá, um bom dia diferente para alguém que às vezes eu nem tenho contato mas é engraçado sabe? Um momento que sem querer eu encontrava a Isis a gente nem combinava e sentava no sofá e começava a cantar sem importar com quem estava em volta sabe? Eu acho que isso, acho que me marcou esses encontros sabe? É, coisas que eu descobri de mim, dos outros, acho que isso que ficou muito importante pra mim...foi isso que eu lembrei, isso me deu forças para entrar lá...se não, não entraria não” (Aurora, 5º ano).

Com essa fala, a participante pôde contribuir com os colegas com um novo modo de olhar para as questões do contexto acadêmico, destacando o quanto podem escolher aquilo que será a prioridade e quais caminhos possíveis para não se

identificar totalmente com o sistema produtivo do ambiente acadêmico, com os padrões determinados de qualidade e exigências.

4.11.1 Décimo primeiro encontro: descrição

Data: 18 de agosto de 2017

Participantes: Jéssica, Anahí, Tadeu, Ícaro, Ingrid, Andressa, Aurora

Ausentes: Felipe, Bruna, Isis

Duração do Encontro: 2h52

Contextualização: os participantes Bruna e Felipe avisaram que não participariam mais do grupo, em conversa telefônica com a diretora. Anahí conversou com a diretora que voltaria ao grupo. Isis avisou que iria faltar em função de atividade extra de estágio. Tadeu, Ingrid e Ícaro chegaram para o encontro aparentando empolgação e conversavam animadamente entre eles, tentando incluir os demais. Falavam sobre o trabalho de conclusão de curso.

Aquecimento inespecífico: a diretora começou explicando para o grupo o que conversaram na sessão anterior, em que retomaram o contrato de participação com aqueles que estavam presentes, e que seria importante refazer nesse momento com quem esteve ausente do encontro (Tadeu, Anahí, Andressa). Comentaram sobre como seria “retomar o contrato”: perceber quem gostaria de continuar no grupo e como estavam sentindo “essa escolha”. A diretora pediu para Anahí, Andressa e Tadeu comentarem como estavam se sentindo no grupo, se gostariam de continuar, o motivo das ausências, afirmando que não gostaria que eles permanecessem participando por “obrigação” dos encontros, convidando-os para avaliarem como estava sendo participar do grupo.

Andressa foi a primeira a se colocar, revelando sua dificuldade em retornar das férias e assumir o papel de estudante universitária. Contou para o grupo sobre sua viagem de férias e o quanto descansou e se divertiu. A respeito do processo grupal, Andressa comentou que ela gostaria de continuar pois o grupo foi uma possibilidade complementar para aprender sobre técnicas grupais:

“Nossa mais eu quero continuar porque eu gosto de estar aqui e eu aprendi muito também eu acho que estar aqui agregou na aula de grupo eu acho que casou muito então por mim eu continuaria até o final, também esse semestre está mais tranquilo, eu tenho dois estágios a menos, apesar que tem a iniciação, mas eu quero vim sim conversar sobre meus problemas (risos) (Andressa, 4º ano).

A participante finalizou sua fala rindo, divertida e o grupo permaneceu em silêncio. A diretora respondeu para Andressa que alguns participantes comentaram na semana anterior sobre como já se percebiam vinculados entre eles e que exatamente por isso desejavam vir ao grupo, para se encontrarem e compartilharem as vivências acadêmicas. Andressa disse que entendia e que também gostaria de continuar. Silenciou-se e Ingrid brincou com a colega que ela era a garota propaganda da faculdade, todos riram, e as colegas explicaram que saíram de uma “aula chata” para realizarem uma sessão de fotos nos corredores da faculdade, para a formatura.

Após alguns minutos em que se divertiram com essa experiência das colegas, Tadeu comentou que estava muito cansado mesmo após as férias e que esteve doente por mais de uma semana. Revelou para o grupo que trabalhou muito na semana anterior, dando aulas de canto e ensaiando com o coral do qual participa. Sobre o processo grupal, disse que gostaria de continuar.

“Eu não tenho nenhum ponto negativo de vir para cá, é tranquilo” (Tadeu, 4º ano).

Anahí se colocou em seguida, afirmando que gostaria de continuar seguindo com o grupo até o final do processo. Pediu desculpas por estar faltando muito, explicando que se sentiu muito mal pois percebeu um processo grupal acontecendo e ela se ausentando muito, à medida que “sempre acontece algo na sexta-feira” (sic) que a impedia de participar. Reafirmou várias vezes que gostava de participar e queria continuar.

A diretora explicou para Anahí que essa conversa não se constituía como uma cobrança, e que retomar o contrato grupal tinha o objetivo de olhar para o processo vivido e planejar o futuro. Anahí reafirmou que valorizava os encontros grupais, mas que percebia como tem vivido dificuldades emocionais que a impediam de participar e se colocar, por isso muitas vezes não conseguia vir, sentindo mais vontade de se isolar e ficar “só” (sic). Comentou com o grupo que ainda não teve oportunidade de fazer terapia individual e que como estava vivendo muitas “questões internas”, sentia-se muito perdida dentro de si mesma. A diretora devolveu para Anahí que parecia que ela estava cansada e não estava voltando das férias. A participante comentou:

“É eu estou bem cansada na verdade...demais sabe? Estou muito esgotada? Parece que eu não tenho tempo para pensar em mim, só pensando em paciente, em compromisso...muito cansada” (Anahí, 5º ano).

A diretora comentou com Anahí que estava preocupada com o fato de ela também sentir que o grupo era outro compromisso obrigatório, e que não gostaria que isso acontecesse, pois estava percebendo a participante esgotada. Explicou que o grupo funcionava como um espaço para compartilhar e cuidar das dificuldades vivenciadas no papel de estudante, e o convite era para ser uma oportunidade, e não uma obrigação. A participante respondeu que não sentia obrigação em vir e quando conseguia participar sempre saía sentindo-se mais leve, mas que por motivos diversos, não conseguiu participar dos encontros em várias sextas-feiras. Percebeu desde o final do semestre anterior que tem muita demanda para trabalhar em terapia individual e que não gostaria de falar no grupo, pois entendia que o foco do grupo era o papel de estudante.

“Até hoje eu não tive oportunidade de estar fazendo a terapia ainda sabe? Individual...então eu acho que isso está pesando muito sabe? Porque eu to vivendo muita coisa e parece que eu não consigo focar em mim...então eu acho que isso está pesando muito...mas aqui, é porque aqui é um grupo né, a gente está trabalhando coisas, eu me descarrego coisas da faculdade e tudo o mais, mas tipo coisas muito internas mesmo, eu sinto que isso é individual e que eu não estou trabalhando entendeu? Isso está pesando muito... mas aqui eu me sinto muito bem, é uma forma de alívio, de descarregar e tudo mais, mas eu ainda tenho coisas muito fortes em mim, coisas que preciso de terapia individual, por isso que está pensando tanto” (Anahí, 5º ano).

Quando Anahí terminou de falar, a diretora comentou com ela que talvez não fosse necessária uma divisão rígida entre o papel de estudante e a vida pessoal deles, e que ela poderia comentar sobre sua vida, suas dificuldades. Afirmou para Anahí que a dor dela não pesaria no grupo e que outros participantes puderam trazer suas questões pessoais familiares em outros momentos. Anahí chorou bastante e a diretora e o grupo permaneceram em silêncio. Um clima acolhedor se estabeleceu e após alguns minutos, a diretora comentou que sentia Anahí muito encolhida e em sofrimento, e ficou contente que ela tenha vindo, pois sua presença era importante para o grupo, assim como o que ela está vivendo, e que ela não precisava se desculpar, mas sentir-se convidada a “olhar” para compreender e acolher o que estivesse vivendo. A diretora agradeceu a participante por ter vindo e compartilhado sua dor com o grupo e sua dificuldade de participação. Anahí respondeu que quase não veio ao grupo novamente, pois estava se sentindo muito mal:

“É na verdade quase eu não venho porque eu estava muito mal e parece que é coisa que na verdade eu estou segurando eu não quero falar mesmo sabe? Eu acho que aqui no grupo, por mais que aqui me faça muito bem, eu tenho coisas que não sinto que é para compartilhar no grupo, porque

é coisa minha muito forte sabe? E por mais que eu goste muito daqui, eu sinto que essas questões minhas eu sinto que não é desse grupo aqui, para compartilhar aqui, é por isso que eu estou segurando, por isso que eu quase não vim, porque eu sei que isso está batendo forte e que eu não queria compartilhar aqui, por isso fiquei meio na dúvida mesmo” (Anahí, 5º ano).

A diretora devolveu que apesar de não poderem entrar em contato com o que ela estava vivendo, era importante acolher sua dor e não passar por cima de suas dificuldades em estar presente. Pediu para que Anahí respirasse fundo e sentisse se dava para continuar no grupo, se estava com condições de ouvir os colegas e a participante comentou ainda que veio com o intuito de segurar a dor, mas que após o choro e o acolhimento do grupo, estava se sentindo melhor e que foi um alívio poder chorar e se expressar, mesmo que pouco.

Após alguns instantes de silêncio, a diretora perguntou para Jéssica o que estava acontecendo com ela, pois a participante havia mandado uma mensagem pelo whatsapp, para a diretora, solicitando auxílio com o Trabalho de Conclusão de Curso, ao que a diretora respondeu que poderiam conversar no grupo.

“Eu acho que eu estou muito a flor da pele com esse negócio do TCC e às vezes eu acho melhor não falar sabe? Eu te mandei mensagem hoje cedo e agora não sei se quero falar...parece que estou remoendo, parece que entrou em um ciclo sem fim” (Jéssica, 5º ano).

A diretora devolveu para a participante que não estava entendendo o que havia acontecido com ela e Jéssica explicou que estava vivenciando dificuldades em finalizar o trabalho de conclusão de curso, pois não havia entendido as correções que sua orientadora tinha sugerido para ela e que se sentiu ainda mais desesperada porque sua orientadora teria entrado de licença médica. Contou para o grupo que buscou tutoriais na internet sobre como corrigir o trabalho e que ficou muito desesperada quando soube do afastamento da orientadora, chegando a ir parar no médico. Disse que havia começado a fazer terapia individual com Elaine (ego-auxiliar do grupo) e que elas conversaram sobre esse processo de finalização, mas que ela ainda estava muito nervosa com medo de não conseguir terminar e não conseguir se formar. Jéssica estava ansiosa e agitada, falando rapidamente. A diretora convidou então a participante para investigarem o que estava acontecendo com ela no palco e ela aceitou.

Aquecimento Específico e Dramatização: Jéssica foi convidada a caminhar pelo contexto dramático entrando em contato com aquilo que estava sentindo, deixando emergir também cenas relacionadas ao processo de orientação.

Jéssica realizou essa ação e após alguns instantes caminhando pelo palco, disse que só conseguia sentir desespero. A diretora pediu então que ela fizesse uma imagem que traduzisse esse sentimento e Jéssica se lembrou da pintura “O Grito”. A diretora pediu que a protagonista escolhesse um dos integrantes do grupo para ser ela e a participante escolheu Aurora, que subiu então no palco. Jéssica concretizou o sentimento de desespero por meio da postura de “O Grito” e então Aurora fez um espelho da mesma. A diretora então pediu que Jéssica colocasse as mãos na imagem representada por Aurora e “dessa voz” para a mesma:

Jéssica (como a voz da imagem O Grito): eu to paralisada não sei o que fazer...Eu estudei cinco anos (chora bastante)...será que eu não vou formar? E agora? Quem vai me ajudar? Qual que é a saída que eu realmente tenho? To cansada das pessoas falarem que vai ficar tudo bem e não ta ficando tudo bem...eu não tô conseguindo mais...me ajuda...alguém me ajuda...”

A participante silenciou e chorou bastante. A diretora esperou que ela se acalmasse e então pediu que Jéssica e Aurora trocassem de lugar. Enquanto Aurora repetia as palavras de Jéssica, a participante foi saindo da postura “O Grito” e falou para a diretora que não queria permanecer no desespero, mas que não estava vendo saídas pois percebeu o quanto estava com medo de não se formar. A diretora a convidou para concretizar o medo, pedindo para que a participante escolhesse uma almofada para representá-lo. Jéssica escolheu uma almofada preta e colocou no palco, em frente a ela, escolhendo novamente Aurora para fazer o seu papel. Como o “medo de Jéssica”, a participante fez um solilóquio:

Jéssica: eu fico com medo de não conseguir entregar, de não corrigir a tempo, da banca reprovar por alguma coisa que eu fiz e pode não estar certo, com medo de aí não formar, de ter meu diploma...com medo de ficar reconhecida como a chata da faculdade porque reclamou de orientador, conversou com o coordenador e parece que fez um fuzuê né? Com medo de...com medo de falar para os meus pais que eu não estou conseguindo mesmo, preciso de alguma ajuda porque eu não to conseguindo mais, eu queria conseguir mas...(chora baixinho e abaixa a cabeça).

A diretora propõe que as duas troquem de papel e então Aurora, como medo, repete para Jéssica:

Aurora (no papel do medo de Jéssica): eu to aqui com medo, de ser considerada a chata da faculdade, eu só queria fazer bem feito...

Jéssica: porque que você está procurando a coordenadora do curso? A orientadora de outras pessoas, a ajuda de outras pessoas, sendo que você tem a sua orientadora e você deveria conseguir fazer o trabalho é seu, você chegou até aqui vai fazer...

Aurora (como medo de Jéssica): eu não consigo mais...

Diretora: como você se sente Jéssica?

Jéssica: eu devo ser chata mesmo, complicada mesmo...(chora e silencia)

Diretora: e você acha que você é chata então, complicada?

Jéssica: as vezes eu sou...e se eu for?

Diretora: então olha para ela e responde para ela.

Jéssica: eu acho que você é chata mesmo (com a voz firme), se você estivesse numa situação tão caótica assim, a coordenadora não iria falar para você ficar calma e esperar até semana que vem...você ia encontrar alguém para te ajudar e se você não está encontrando e se a coordenadora mandou você ficar calma é porque não está assim, porque você pode estar exagerando, sentindo demais, sentindo muito mais do que realmente é...(silencia).

Diretora: então volta no que você está sentindo.

Jéssica: eu to acabada...não dou conta, to acabada, não sou inteligente igual as pessoas acham que eu sou, eu não consigo fazer mais do que eu já fiz...pensar mais do que eu já pensei...

Diretora: então faz a postura de acabada no limite.

Jéssica deita em posição fetal no palco e se encolhe inteira.

A diretora então pediu que Aurora reproduzisse a imagem de Jéssica-acabada, em posição fetal, e pediu para Jéssica se observar de fora, pensando alto sobre como se sentia. A participante então disse:

Jéssica: só ouvir...só ouvi-la e acolher...e ela pode também entender que as vezes do outro lado eles estão achando que está tudo bem...mas eu não to bem...as vezes a (Helena/orientadora) está pensando que está tudo bem...as vezes a coordenadora também...mas ela não.

Diretora: então vamos chamar só a Helena, para você falar com ela, pode ser? Quem pode ser a Helena?

Jéssica: a Ingrid.

A protagonista colocou Helena (a orientadora, representada por Ingrid) de um lado do palco e se colocou do outro lado. A diretora pediu que ela se colocasse primeiro fisicamente, concretizando como se sentia na relação com a orientadora. Jéssica ajoelhou e disse se sentir pequena, em seguida virou-se para a orientadora e disse:

Jéssica: Helena desculpa, mas eu não consigo entender sua doença agora e eu preciso muito da sua ajuda, preciso muito que você olhe para mim ou que pelo menos se posicione, responda minhas mensagens, me diz que não vai dar, qualquer coisa, mas responde minhas mensagens, se você acha que vai dar tempo me responde que vai dar, mas me responde, você não pode assim ficar doente, tirar licença e não responder...eu to aqui...você pode não estar preocupada mas eu estou...eu to preocupada o trabalho é meu...(silencia e para de chorar).

A diretora pediu que Jéssica se levantasse e trocasse de papel com Helena. Ingrid assumiu o papel de Jéssica e repetiu as palavras ditas pela colega, em espelho. No papel de Helena, a orientadora, Jéssica permaneceu em uma postura ativa e disse:

Helena: ela é assim, mais para baixo, cheia de problema...complicada, eu não quero ouvir ela, muito chata.

A diretora destrocou Jéssica com Helena e após Jéssica voltar para seu lugar, fez então um duplo da participante, dizendo:

Angélica (duplo de Jéssica): Helena eu me sinto muito pequena perto de você e rejeitada...você me rejeita e não entende que eu quero fazer um trabalho bem feito, quero que seja o melhor trabalho, eu preciso disso, simplesmente preciso e você não me ajuda a realizar o melhor trabalho, não responde minhas mensagens, me ignora...eu me sinto rejeitada...e sem saber se meu trabalho está realmente bom...

Após o duplo, a diretora perguntou para Jéssica como estava se sentindo e a participante disse que se lembrou de uma cena de quando era criança, chorou bastante e pediu para interromper a dramatização. A diretora acolheu o pedido da participante dizendo que iriam encerrar e sugeriu para Jéssica que ela caminhasse pelo palco, olhando para o futuro. Após alguns instantes, a diretora perguntou como ela estava se sentindo ao observar o futuro:

Diretora: como será que é o futuro?

Jéssica: acho que é bom...acho que eu vou no congresso de fortaleza (risos)

A diretora então perguntou para o grupo quem gostaria de acompanhar Jéssica rumo ao futuro, viajando para um congresso, especificamente no Nordeste, em Fortaleza. Os integrantes do grupo foram subindo ao palco e a diretora os convidou para realizarem um círculo.

Diretora: então Jéssica, estamos aqui com você juntos e cada um vai te dizer o que gostaria de viver junto no congresso de fortaleza, no futuro, depois da formatura...vamos fazer de conta que todo mundo vai junto e cada um vai dizer o que gostaria de viver junto com você lá .

Tadeu: a gente vai na praia depois do congresso dançar forró.

Ingrid: se a gente sentir fome eu faço miojo.

Andressa: eu desejo que a gente toma umas depois do congresso.

Elaine: eu espero compartilhar a dança de fortaleza, aquele forrozinho.

Ícaro: eu desejo compartilhar o barulho do mar depois de todas as atividades.

Tadeu: eu desejo compartilhar também uma noite bem gostosa depois de todos os trabalhos.

Aurora: eu desejo que a gente possa compartilhar uma noite estrelada e conversar despretensiosamente, compartilhando a alegria de viver, de estar lá...

Ingrid: eu desejo que a gente possa tirar várias fotos lindas para postar nas redes sociais e provocar inveja né? A gente vai estar em fortaleza...

Aurora: de biquíni no congresso.

Risos, o clima do grupo se descontraíu bastante.

Anahí: eu não conheço lá, então gostaria de conhecer e compartilhar com vocês a alegria de conhecer esse lugar novo, lindo, que a gente possa compartilhar muitas experiências boas...

Depois que todos se colocaram, conversando com a protagonista, a diretora convidou os integrantes do grupo para fecharem os olhos e sentirem, antes de descenderem do palco, o que tinham vivenciado conjuntamente, e irem respeitosamente se preparando para compartilhar com Jéssica o que viveram junto com ela. Ingrid sugeriu para o grupo que dessem um abraço coletivo e todos aceitaram. Após alguns instantes no abraço, em que houve um clima de aconchego e amorosidade, foram se soltando e Aurora comentou que tinha vontade de cantar a música Aquarela. A diretora então sugeriu que ela começasse a cantar e todos foram acompanhando a participante no canto:

*Numa folha qualquer eu desenho um sol amarelo
E com cinco ou seis retas é fácil fazer um castelo
Corro o lápis em torno da mão e me dou uma luva
E se faço chover, com dois riscos tenho um guarda-chuva
Se um pinguinho de tinta cai num pedacinho azul do papel
Num instante imagino uma linda gaivota a voar no céu
Vai voando, contornando a imensa curva norte e sul
Vou com ela, viajando, Havaí, Pequim ou Istambul
Pinto um barco a vela branco, navegando, é tanto céu e mar num beijo azul
Entre as nuvens vem surgindo um lindo avião rosa e grená
Tudo em volta colorindo, com suas luzes a piscar
Basta imaginar e ele está partindo, sereno, indo
E se a gente quiser ele vai pousar
Nessa estrada não nos cabe conhecer ou ver o que virá
O fim dela ninguém sabe bem ao certo onde vai dar
Vamos todos numa linda passarela
De uma aquarela que um dia, enfim, descolorirá
(Aquarela - M. Fabrizio; Toquinho; G. Morra; Vinicius de Moraes).*

Após cantarem esse trecho da música juntos, os participantes riram, soltaram as mãos e todos deram um abraço em Jéssica; após, descenderam do palco.

Compartilhar: a diretora convidou os integrantes do grupo a compartilharem o que vivenciaram com Jéssica no palco, sem falar dela, mas falando de si mesmo. O grupo permaneceu em silêncio por alguns instantes. Os participantes estavam reflexivos e silenciosos. A diretora então começou a compartilhar com Jéssica o que havia percebido durante a dramatização, destacando a relação de distância entre ela e a orientadora, e também o medo de fracassar que ela estava experimentando com “desespero”, e que tudo isso era mesmo muito forte de se viver ao final do curso. Jéssica concordou com a diretora e disse que vivenciou e entendeu o medo que estava sentindo com muita clareza:

Diretora: eu senti Jéssica que apareceu mesmo uma relação com a Helena distante, mas tinha um medo seu, medo grande de fracassar, de fracassar...

Jéssica: é...eu percebi esse medo mesmo...

Diretora: desde quando você começou a falar da cena, eu fiquei sentindo se não tinha um sentimento de, 'eu sempre tenho que ter sucesso, eu sempre tenho que acertar, eu sempre tenho que ser boa, eu não tenho direito ao erro', que de certa forma todos nós carregamos...todos nós...então o que é fracassar? Pode ser tanta coisa...pode ser não ser perfeito, pode não ser maravilhoso, pode não ter o melhor TCC, o TCC nota 10, pode ser não entregar o TCC no prazo valendo 10...ou... A gente passa a acreditar que ter êxito é entregar o TCC nota 10...a gente tem muito medo de não ser boa, de não ter sucesso... ...e se a Helena não voltar semana que vem você pode recorrer à faculdade novamente e solicitar outro orientador para finalizar no prazo, e poder brigar pelo seu 10....eu pensei que você tem o direito de querer entregar valendo 10, pode brigar por ele

Jéssica: eu queria tirar 10...agora já não quero mais...só quero entregar e acabar...eu sinto que eu sou tudo graças aos meus pais, eles me deram muito amor né? E eu tenho gratidão por isso...eu quero ser alguma coisa boa pra devolver pra eles tudo o que eles me deram de bom entendeu? (chora)

Diretora: e se você quer tirar 10 tudo bem, é seu direito.

Após esse comentário da diretora, Jéssica silenciou e aos poucos foi se acalmando, parando de chorar. O grupo permaneceu em silêncio por alguns instantes e então Aurora começou a comentar como se sentia mal com relação à entrega valendo nota do TCC. A participante disse identificar uma certa competição entre os alunos para disputar as notas e grande pressão para entregar valendo 10. Após o comentário da colega Jéssica afirmou:

“Eu estava fazendo o TCC com a Joyce, a gente estava sentando junto e fazendo sabe? Ela estava me ajudando e eu estava ajudando ela, e a gente estava assim, ela ia na minha casa eu ia na casa dela, e ela acabou... e entregou... e eu to feliz por ela ter acabado mas ao mesmo tempo eu to assim...a gente se sentiu desesperada e se juntou...mas o desespero dela acabou e eu ainda estou aqui no desespero...eu ainda não acabei...” (Jéssica, 5º ano).

Jéssica voltou a chorar e Angélica respondeu que o desespero dela ia se esclarecendo, já que a colega em quem tinha se apoiado para finalizar o trabalho

havia entregado valendo 10 e ela ainda não sabia quando iria entregar, o que dava medo de não conseguir 10, e não há formatura. O grupo permaneceu em silêncio e após alguns instantes de clima tenso, Elaine, ego auxiliar, comentou sobre como sentiu-se na realização de seu TCC, e que na época travou a coluna por ter ficado muitas horas na frente do computador. Após a fala dela, a diretora entrevistou solicitando que o grupo se colocasse também.

Anahí disse que gostaria de falar pois precisaria ir embora mais cedo. Comentou que se identificou com Jéssica sobre a questão do TCC no que se refere ao processo de orientação, pois está “fazendo sozinha” (sic). Contou ter conversado com o orientador em junho sobre o início do trabalho e começou a escrever em julho; então não conversava com o orientador há 2 meses. Contou brevemente sobre o tema, dizendo que também se interessou em pesquisar o sofrimento psíquico nos anos finais da graduação, havia realizado algumas entrevistas e no momento estava finalizando a análise de dados para enviar o texto pronto para o orientador. Disse ainda que não estava vivendo a angústia de ter de ganhar uma nota alta porque não se importava mais com a nota; à medida que se propôs a desenvolver o trabalho em seu ritmo. Anahí afirmou ainda que sua angústia maior é o prazo final, pois tem um ritmo de escrita que considera “lento” e isso a tem deixado ansiosa. Além disso, tem dificuldades com a formatação nas normas da ABNT.

“Mas essa coisa...eu demoro para escrever, eu já conversei com a Aurora aqui e a gente se identifica, eu demoro para escrever, eu penso muito e por isso demoro tanto para escrever, o meu único problema é esse, eu estou demorando muito a escrever e meu único medo é prazo mesmo, porque eu quero me formar e tudo mais, então eu to vivendo nesse sentido de ter que ficar pensando no prazo de terminar e quanto mais pressão parece que eu não consigo fluir sabe? Então eu me identifiquei muito com a Jéssica nesse sentido está muito pesado, tem que acabar, tem que entregar...mas pra mim eu estou fazendo um bom trabalho e não estou nem aí se alguém falar que tá ruim porque para mim está ótimo eu to ficando muito feliz com o que eu estou fazendo então eu só me sinto mal mesmo com essa pressão do prazo, normas da abnt, porque para mim o conteúdo está bom mas aí eu tenho que preocupar de perder nota por uma palavra, uma coisa que não está alinhada, então isso para mim é terrível...” (Anahí, 5º ano).

Quando Anahí terminou de falar, Ícaro e Ingrid se ofereceram para ajudá-la com a ABNT, afirmando que sabiam formatar o trabalho nas regras e manusear as ferramentas do Word. Anahí agradeceu, despediu-se do grupo dando um beijo em cada um dos presentes e foi embora.

Em seguida, a diretora perguntou quem mais gostaria de falar e Tadeu começou contando para o grupo qual professor que está o orientando e os participantes brincaram que ele “estava em uma situação difícil” (sic), riram bastante

e o clima se modificou. Tadeu recomeçou a falar, dizendo que até a semana anterior não tinha tema para o trabalho, pois tentou encontrar com o orientador nas férias e não foi possível. Contou que fez o projeto no fim de semana antes de entregar e na segunda feira de manhã, dia da entrega, o orientador corrigiu e deu um feedback positivo que ele poderia entregar. Contou ainda que pediu orientação de leitura para o orientador e ele disse que tinham “tempo ainda para pensar nisso” (sic), portanto estava tranquilo.

“Ai nisso eu já vejo que vou ter eu me virar muita coisa sozinho também sabe? Então ve a Jéssica assim eu já pensei no meu futuro...(risos)” (Tadeu, 4º ano).

Tadeu disse ainda que o que mais chamou atenção na dramatização foi a relação da protagonista com os pais, pois ele identificou que quando não está sentindo-se bem com ele mesmo, por algum conflito, distancia-se dos pais e não aceita ajuda. Ingrid cortou a fala de Tadeu dizendo que identificou o mesmo movimento nela.

Depois de alguns instantes de silêncio, a diretora pediu para Aurora comentar como havia sido participar da dramatização.

Aurora compartilhou com Jéssica que se sentiu emocionada em participar da vivencia e conhecer mais sobre ela e sua história, e que ficou tocada pela emoção muitas vezes em cima do palco. Devolveu para Jéssica que sempre a admirou na sala de aula e que tomou muitas vezes a colega como modelo de estudante: dedicada, disciplinada, participativa e sempre admirou isso, então conhecer a dor que ela vive por sempre se cobrar muito foi importante para Aurora aproximar-se mais dela como pessoa. Com relação ao TCC, Aurora disse que tem certeza que é uma das mais “atrasadas” da turma, pois se deu conta que estão em agosto e ela ainda está fazendo a transcrição dos dados; percebeu que não entrou em desespero ainda porque está fazendo o que pode e consegue. Disse que gostaria de deixar o TCC para realizar no ano seguinte, mas que sua mãe não autorizou, pois não teriam condições econômicas de adiar a formatura. Então ela decidiu que faria o que fosse possível de fazer, sem entrar em desespero. Aurora disse ainda que precisava falar com o grupo sobre a relação com seu pai, pois acessou essa relação de maneira intensa quando estava no palco. Compartilhou um pouco de suas questões familiares e o grupo ouviu atentamente. A participante se emocionou dizendo que tem sentido falta de colo, e em um movimento espontâneo, o grupo todo se levantou e foi até a participante, dando-

lhe um enorme abraço coletivo. Foi um momento bonito, silencioso, com intensa carga emocional mobilizada. Depois de dois minutos, os integrantes foram se soltando e voltando para seu lugar. Aurora agradeceu, dizendo sentir que carrega um “buraco” dentro dela e o grupo é muito importante para lhe dar apoio.

Após essa pausa, a diretora brincou com os integrantes do grupo que cada um teria um minuto para falar e o grupo se descontraíu, dizendo que estavam se sentindo como no programa de televisão intitulado “Big Brother”. Depois de muitos risos, Andressa pediu para falar, dizendo que se identificou muito com Jéssica e chorou bastante ao longo da vivência, pois também sempre se sentia desesperada com relação aos trabalhos da faculdade e que se sentiria muito frustrada se não pudesse entregar o seu TCC valendo nota 10, à medida que se esforçou muito ao longo dos anos para ser uma aluna excelente. Percebeu também realizando o projeto de TCC o quanto é solitário o processo de escrita e que apesar de ter uma boa orientadora, que dá muito suporte, descobriu que é um processo solitário pois o orientador tem muitas outras atividades e tem um tempo reduzido para cada aluno. Disse que entendia Jéssica pois muitas vezes gostaria de ter uma resposta pontual do orientador e essa resposta costumava demorar para vir.

Quando Andressa terminou de falar, silêncio no grupo e a diretora perguntou para Ingrid como ela estava. Ingrid disse que se sentia uma pessoa “ansiosa” por natureza e que o foco de sua terapia individual tem sido essa ansiedade por buscar muito a perfeição. Disse que se identificou muito com Jéssica pois tem a mesma orientadora que ela, e já percebeu grandes dificuldades na relação com Helena. Contou ainda que demorou para finalizar seu projeto e terminou no final de semana anterior à entrega, pois estava desanimada com o que produziu, e quem a ajudou a terminar foi Jéssica. Relatou que a orientadora delas estabeleceu uma relação de distanciamento com as alunas e que essa postura transmitia pouca segurança para os orientandos. Disse que durante a dramatização, sentiu que também estava perdendo a confiança em Helena, mas que se deu conta também do quanto ela mesma é muito exigente consigo e com os outros, por buscar muito a perfeição e se frustrar quando não tem suas expectativas atendidas. Quando Ingrid terminou de falar, Aurora disse que precisava ir embora para atender na clínica da faculdade e se despediu do grupo.

A diretora pediu que Ícaro também falasse dele, como estava, antes de encerrarem o encontro. Ícaro contou que conseguiu encontrar um tema e elaborou

seu projeto de TCC, mas quando mostrou para seu orientador, ele disse que não poderia orientá-lo por não trabalhar com a temática. Dessa maneira teve que mudar de orientador e ainda estava procurando quem pudesse ajudá-lo. Contou para o grupo que sentiu um grande alívio por ter encontrado um tema para trabalhar que realmente fizesse sentido para ele e que após sofrer muito com a falta de tema, agora estava mais aliviado, precisando somente de um orientador. O grupo se descontraiu e riu bastante do modo como Ícaro contou seu desligamento do orientador anterior. Após a fala de Ícaro, Ingrid disse que entendeu a relação de orientação como uma relação de amor e ódio, e todos riram bastante.

A diretora convidou para encerrarem o encontro e os participantes ainda se agitaram, comentando sobre os painéis de apresentação que deveriam desenvolver obrigatoriamente, para apresentar na semana da Psicologia e o quanto isso gerou revolta nos alunos, pois eles teriam de pagar do próprio bolso pelo pôster que não gostariam de fazer. A diretora pediu que contassem mais sobre o assunto na semana seguinte. Os estudantes se despediram da unidade funcional e foram embora, encerrando o encontro.

4.11.2 Síntese temática do décimo primeiro encontro

Tema 1- Participação no grupo para aprender sobre técnicas grupais

Andressa apresentou o desejo de permanecer no grupo por estar aprendendo mais sobre técnicas de trabalho em grupo, revelando como motivação a busca pela ampliação dos conhecimentos acadêmicos.

Tema 2- A demanda por psicoterapia individual

Anahí revelou que sua dificuldade em participar do processo grupal relacionava-se às dificuldades pessoais que estava vivendo com consequente demanda por terapia individual, à medida que ela não percebia o grupo de estudantes universitários como o espaço indicado para trabalhar suas questões pessoais. Anahí ainda revelou um movimento de isolamento social por não conseguir espaço para trabalhar as questões que tem vivido e relatou dificuldade em se apropriar do espaço grupal para esse objetivo.

Tema 3- Dificuldades vivenciadas na finalização do trabalho de conclusão de curso: a relação orientador-orientando

Jéssica, protagonista do encontro, revelou dificuldades vivenciadas para realização e finalização do trabalho de conclusão de curso, relacionadas à relação de orientação, apresentando uma relação vivida com sensação de distanciamento e dificuldade de diálogo, falta de clareza do contrato de trabalho de orientação e expectativas não atendidas no processo e não ditas. Anahí, Andressa e Tadeu compartilharam que o processo de orientação de trabalho de conclusão de curso é marcado por um sentimento de solidão por parte do aluno, que cria expectativas a respeito do papel do orientador, inclusive esperando “ser único” para o mesmo e receber toda a atenção e segurança necessária para escrever o trabalho, revelando como na perspectiva desses participantes, a relação de orientação pode constituir-se como um fator causador de sofrimento psíquico, que Jéssica disse ter entendido como uma relação de amor e ódio.

Tema 4- Dificuldades pessoais acionadas por meio da relação de orientação

A dramatização revelou o quanto Jéssica, na fase final do curso, sentiu medo de não corresponder a uma imagem pessoal e social do que é ser bem-sucedido, a medida que parece ter desenvolvido expectativas de sucesso e perfeição no desempenho das atividades acadêmicas. Assim, não conseguir tirar nota 10 no trabalho de conclusão de curso apareceu como uma ameaça ao próprio valor pessoal, provocando intenso sofrimento psíquico.

4.11.3 Décimo primeiro encontro: processamento

“E ali pela frente a esperar pela gente o futuro está” (Aurora, 5º ano).

Um encontro marcado pelas dificuldades: dificuldade em se expor, em dar continuidade ao processo grupal, em finalizar o trabalho de conclusão de curso e em sentir-se valorizado e validado como orientando. As dores vividas pelos estudantes universitários compuseram um mosaico de imagens no encontro desse dia.

Inicialmente, revelaram-se as demandas que alguns participantes trouxeram a fim de participar do grupo sociodramático para estudantes universitários: ao apontar a busca complementar pela aprendizagem das técnicas grupais como motivação para participar do grupo, Andressa revelou sua busca pessoal em integrar teoria e prática, suscitando na unidade funcional a compreensão de que Andressa estava presente

mais como observadora do processo grupal do que com disponibilidade a vivenciar o mesmo e compartilhar dramas estudantis com os colegas.

Apareceu também a demanda por psicoterapia individual, apresentada por Anahí, e apesar do acolhimento oferecido pelo grupo e pela unidade funcional, a participante revelou a possibilidade de o espaço grupal oferecer alívio para suas questões como estudantes, mas não ser o suficiente para suas questões pessoais.

A dramatização revelou que no conflito vivido com a orientadora, Jéssica sentia-se pequena, rejeitada e não acolhida, o que provocou sentimentos como desespero e medo na participante, concretizados no palco por diferentes imagens, que gritavam um pedido de ajuda, de socorro. Ao vivenciar esses sentimentos, trazendo-os para o corpo, Jéssica demonstrou a luta interna para ficar no desespero ou sair do mesmo, haja vista que em muitos momentos tentava se acalmar na dramatização, repetindo que outras pessoas haviam dito que tudo ficaria bem. Mas o que gritava o desespero de Jéssica?

Desde o início do grupo, Jéssica verbalizou sua busca para encontrar um caminho de pesquisa com a abordagem psicodramática. Conseguiu desenvolver a pesquisa, e desde o encontro anterior estava se “aquecendo” para compartilhar com o grupo suas angústias e frustrações no que se referia à finalização de seu trabalho. Afinal, o que revelou o protagonismo da participante? Jéssica trouxe para o grupo o desespero vivido pelo medo de não se formar, o medo de não conseguir entregar o trabalho de conclusão de curso valendo 10, o medo de não encerrar esse ciclo universitário sentindo que conseguiu encontrar um caminho de realização pessoal a acadêmica. Ao ser convidada a trocar de papel com a orientadora, Jéssica demonstrou o distanciamento que marcava a relação em sua perspectiva. Ao destocar de papel, Jéssica disse para a diretora que teria se lembrado de algo vivenciado na infância e que gostaria de encerrar a dramatização. A diretora acolheu o pedido dela e a dramatização se encerrou aí, de modo que uma nova resposta, um novo olhar para o drama vivenciado ainda permaneceu em construção. Quando convidada a olhar para o futuro Jéssica disse para a diretora que esse “seria bom”, e todo o grupo foi convidado a compartilhar o futuro com Jéssica no palco, vivência que causou acolhimento e um clima de intimidade.

Verificou-se como tema protagônico o processo de orientação do TCC, que mobilizou as dificuldades que todos estavam vivenciando nessa relação, principalmente a dificuldade de diálogo e as expectativas frustradas.

4.12.1 Décimo segundo encontro: descrição

Data: 25 de agosto de 2017

Participantes: Isis, Anahí, Aurora, Jéssica, Tadeu, Ícaro, Ingrid

Ausentes: Felipe, Andressa

Duração do Encontro: 2h40

Contextualização: os participantes Felipe e Andressa avisaram ao grupo pelo aplicativo whatsapp que não viriam ao encontro porque viajaram para um congresso. A ego auxiliar também não participou desse encontro. A participante Bruna conversou com a diretora e comunicou o desligamento do grupo por questões pessoais.

Aquecimento inespecífico: a diretora iniciou o encontro pedindo para Jéssica comentar como havia passado desde o último encontro, em que foi protagonista. Jéssica contou para o grupo que estava se sentindo melhor e que ficou bastante reflexiva desde o vivido no grupo. Disse que começou a enfrentar a possibilidade de não entregar o TCC na primeira data, valendo nota 10, apesar da orientadora Helena já ter retornado ao trabalho. Revelou para o grupo o quanto a dramatização foi importante pois pôde entender que estava vivendo algo como uma “desilusão amorosa” (sic). Segundo a participante, o sentimento de desilusão amorosa e decepção com a orientadora é pior do que terminar um namoro, pois dores de amor ela conseguiu superar, mas essa experiência ela sentia que nunca iria passar, “pior que namoro” (sic). O grupo se agitou com esse comentário, descontraindo-se e Tadeu devolveu para Jéssica que ele tinha uma percepção de que desilusão amorosa não “passa”; o que se modifica é o modo de olhar para a experiência e lidar com ela. Jéssica concordou e todos riram bastante. A participante disse que passou a semana tentando “mudar” e que está se sentindo melhor, à medida que não passou a semana “chorando e achando que o mundo iria acabar” (sic). Agradeceu ao grupo pelo processo vivido.

Em seguida, a diretora comunicou ao grupo que Bruna teria vindo conversar com ela, confirmando que não voltaria mesmo para o grupo (Bruna não veio em nenhuma sessão depois das férias). Na conversa, em que buscaram conversar sobre as razões do desligamento, Bruna disse que diferentes motivos estavam levando-a a desistir. Um primeiro aspecto, prático, como a dificuldade de locomoção até o local do grupo, mas que a diretora apontou que poderia ser solucionado com o esquema de

caronas que alguns participantes já realizavam. Bruna afirmou então que essencialmente não estava se identificando com a proposta do grupo. A diretora questionou se ela estava se sentindo isolada no grupo, pois havia permanecido “sozinha” como representante do terceiro ano, e Bruna concordou, explicando que não conseguiu se integrar ao grupo, pois se sentia com mais dificuldade de falar e no momento suas dificuldades eram mais familiares do que universitárias.

A diretora perguntou como os integrantes do grupo se sentiam com a saída de Bruna. Isis foi a primeira a se manifestar, dizendo que considerava “pesado” (sic) o desligamento da colega, por sentir que ela estava “isolada no cantinho” (sic), e que esse fato era desagradável de perceber, à medida que ela mesma, Isis, sentia-se muito bem em vir para o grupo e considerava uma pena Bruna não ter se sentido acolhida por todos. Tadeu concordou com Isis que também sentia “pesado” (sic), mas que acreditava que Bruna sempre dava sinais de que não estava se integrando, pois “ficava quietinha no cantinho” (sic). Aurora se colocou em seguida, dizendo que discordava dos colegas porque ela também se considerava “quietinha no seu canto” (sic), porém, muito identificada com o grupo e o processo que estavam vivenciando. Anahí concordou com Aurora, dizendo ainda que como entendia que o foco do grupo era a experiência acadêmica e as dores vividas na faculdade, ela sentia que o quarto e quinto ano apresentavam mais desafios para os alunos de Psicologia do que o terceiro ano, que ela via como “dissociado de dor ou de grandes dificuldades” (sic).

“Eu vejo por experiência própria, no terceiro ano eu não sofria nada do que eu sofri a partir do quarto e do quinto ano, então eu acho que a gente traz coisas que não batia com ela, que ela não se identificou” (Anahí, 5º ano).

A diretora devolveu para o grupo que uma das falas de Bruna foi justamente que se tivesse mais gente do terceiro ano, talvez se sentisse mais representada e menos solitária no contexto grupal. Ingrid comentou que se sentia triste com a saída de Bruna e que concordava com Anahí, pois percebeu que Bruna foi se isolando por não compartilhar das experiências do quarto e quinto ano. Exemplificou retomando a sessão anterior, em que o tema protagônico foi a escrita do trabalho de conclusão de curso e a relação de orientação, e que esse seria um tema distante do estudante do terceiro ano. Disse ainda que percebia Bruna muito fechada no grupo, principalmente nas últimas sessões, e a única vez que se lembrou de algo compartilhado pela colega foi quando ela relatou as dificuldades familiares que estava vivenciando.

Ícaro percebeu de modo diferente, dizendo que para ele existem dificuldades no terceiro ano de faculdade, mas que talvez as dificuldades de Bruna fossem mais relacionadas à família do que aos problemas acadêmicos.

Depois que todos se colocaram, a diretora convidou os participantes para se olharem com atenção, partindo da experiência do desligamento de Bruna do grupo, para se perceberem nos diferentes grupos que faziam parte e como estavam sentindo a participação deles nos mesmos. Pediu ainda que os integrantes fechassem os olhos e realizassem três ciclos de inspiração-expiração profunda e em seguida, identificassem como estavam se sentindo naquele momento no grupo de universitários de Psicologia. E que cada um dissesse uma palavra, ainda de olhos fechados:

Isis- confortável

Jéssica- diferente

Aurora- partilhando

Anahí- inteira

Tadeu- reflexivo

Ícaro- calmo

Ingrid- pensativa

Aquecimento específico: a diretora contou para os participantes que havia trazido um poema para lerem e se aquecerem, pensando nessa proposta de se perceber nos diferentes grupos, na forma como cada um estava vivenciando os diferentes papéis da vida. Isis, Tadeu, Ingrid e Jéssica estavam muito relaxados e silencioso no sofá. A diretora então distribui uma cópia do poema de Fernando Pessoa (Álvaro de Campos), Poema em Linha Reta, em uma prancheta, junto com caneta. Convidou os participantes para a leitura do poema e pediu que após a mesma, escrevessem livremente as sensações que emergiram durante a leitura.

POEMA EM LINHA RETA

Nunca conheci quem tivesse levado porrada.

Todos os meus conhecidos têm sido campeões em tudo.

E eu, tantas vezes reles, tantas vezes porco, tantas vezes vil,

Eu tantas vezes irresponsavelmente parasita,

Indesculpavelmente sujo,

Eu, que tantas vezes não tenho tido paciência para tomar banho,

Eu, que tantas vezes tenho sido ridículo, absurdo,

Que tenho enrolado os pés publicamente nos tapetes das etiquetas,

Que tenho sido grotesco, mesquinho, submisso e arrogante,

Que tenho sofrido enxovalhos e calado,
 Que quando não tenho calado, tenho sido mais ridículo ainda;
 Eu, que tenho sido cômico às criadas de hotel,
 Eu, que tenho sentido o piscar de olhos dos moços de fretes,
 Eu, que tenho feito vergonhas financeiras, pedido emprestado sem pagar,
 Eu, que, quando a hora do soco surgiu, me tenho agachado
 Para fora da possibilidade do soco;
 Eu, que tenho sofrido a angústia das pequenas coisas ridículas,
 Eu verifico que não tenho par nisto tudo neste mundo.
 Toda a gente que eu conheço e que fala comigo
 Nunca teve um ato ridículo, nunca sofreu enxovalho,
 Nunca foi senão príncipe - todos eles príncipes - na vida...
 Quem me dera ouvir de alguém a voz humana
 Que confessasse não um pecado, mas uma infâmia;
 Que contasse, não uma violência, mas uma covardia!
 Não, são todos o Ideal, se os ouço e me falam.
 Quem há neste largo mundo que me confesse que uma vez foi vil?
 Ó príncipes, meus irmãos,
 Arre, estou farto de semideuses!
 Onde é que há gente no mundo?
 Então sou só eu que é vil e errôneo nesta terra?
 Poderão as mulheres não os terem amado,
 Podem ter sido traídos - mas ridículos nunca!
 E eu, que tenho sido ridículo sem ter sido traído,
 Como posso eu falar com os meus superiores sem titubear?
 Eu, que venho sido vil, literalmente vil,
 Vil no sentido mesquinho e infame da vileza.
 (ÁLVARO CAMPOS)

Após a leitura, que foi feita pela diretora, os participantes tiveram alguns instantes para escreverem livremente as sensações. Em seguida, a diretora solicitou que escolhessem uma palavra para compartilhar, dentre todas as que tivessem registrado. Tadeu foi o primeiro a se colocar, seguido pelos demais:

Tadeu: satisfação

Aurora: passa pelo arrepio

Anahí: identificação

Ícaro: empatia

Ingrid: identificação

Isis: mascarados de si mesmos

Jéssica: desamparo

Em seguida, os participantes foram convidados a realizarem comentários sobre qual mensagem ficava para cada um, acerca do poema. Tadeu relatou que percebeu o poema como uma crítica, que ele atribui a como as pessoas em geral se preocupam mais em serem “príncipes” e em fazerem as coisas “certas”, para manter uma imagem, uma postura; que na sua visão, as pessoas muitas vezes “podem ter sido traídas,

nunca ter sido amadas, mas não podem ser ridículas” (sic), pois precisam manter a imagem que têm e por isso escondem a “verdade” de como realmente se sentem, as pessoas preferem se esconderem a se revelarem. Percebeu que o autor do poema propôs o contrário, preferia ser amado, ser traído do que não ser ridículo nunca. Tadeu disse ainda que gostou muito de um dos trechos do poema e pediu licença para ler, e a diretora o incentivou. Tadeu então repetiu: “queria ouvir de alguém a voz humana que confessasse não o pecado mas o infame” (sic); em seguida, disse que sentia que às vezes as pessoas falam mais sobre violências vivenciadas do que da própria covardia, e que não assumem quando erram, quando foram covardes e também provocaram algo visto como ruim. Ícaro interrompeu Tadeu dizendo ter destacado exatamente o mesmo trecho. Os dois silenciaram e Aurora começou a se colocar, repetindo o trecho “eu que tenho sofrido a angústia das pequenas coisas ridículas”. A participante revelou que se identificou com esse trecho por acreditar que uma dificuldade que ela vê nas pessoas é em assumir a própria parte mesquinha e podre, a sombra, pois todos querem mostrar somente a própria luz, e que ela percebia que quanto mais “perfeita quer ser mais mata coisas dentro de si mesma” (sic).

Isis começou sua fala lendo o trecho “ai estou farto de semideuses onde é que há gente no mundo, onde é que há gente no mundo” (sic). Disse que se lembrou de uma supervisão de estágio na faculdade em que percebeu que quando pegam os “casos” para atendimento, estão muito focados nos “casos”, e não percebem o quanto o que os pacientes trazem eles também vivem, em casa, na família, nas próprias vidas:

“Me lembrou até assim, o quanto na psicologia, a gente pega os casos e a gente está tão focado nos casos tem hora que a gente fala assim ‘mano isso a gente tem em casa a gente faz isso todo dia’ e a gente de repente está olhando para aquilo como se fosse anormal, porque a gente se dedica tanto a ver o caso e tem a parte importante, mas o que me remeteu foi a isso, sabe? Porque patologizar tudo? Porque está todo mundo neurótico precisando de ser curado? Ser curado de que? Até que ponto só precisa da cura porque a sociedade adocece? Até que ponto se produz doença para produzir cura? Precisa achar uma imperfeição para aí você ser a pessoa mágica que tem a fórmula de como curar...me veio um pouco disso...porque talvez não é doença não...talvez é só ser gente...Onde é que há gente no mundo? Então me veio isso...”(Isis, 5º ano).

A fala de Isis mobilizou Tadeu e Ingrid, que começaram a falar ao mesmo tempo sobre o estranhamento que têm a respeito de algumas teorias psicológicas, que na percepção deles se situam muito fora da vida, propondo interpretações muito elaboradas teoricamente, mas que eles não entendem funcionando na vida cotidiana. A diretora interveio pedindo que falassem um de cada vez, para que pudessem

escutar uns aos outros. Tadeu então retomou uma discussão que teve recentemente na sala de aula com um colega em função desse tema, pois ele já notou que muitos colegas querem ter a verdade sobre um assunto a partir de uma teoria e isso o deixava angustiado, porque ele considerava importante aprender a olhar o contexto, de forma sistêmica, e muitos discursos na faculdade, segundo ele, priorizam somente o psicológico ou somente o social, dicotomizando a complexidade da experiência humana.

O clima no grupo era de descontração e soltura, e Anahí começou a se colocar, compartilhando com o grupo que a leitura do poema e a discussão estavam provocando nela uma reflexão sobre a importância da simplicidade na vida:

“Essa coisa de simplicidade me lembrou uma banda que eu gosto bastante que eu me inspiro nas letras assim que eles são bem poetas e chama Brasa, e eles lançaram um álbum agora e tem uma música que a primeira frase, me lembrou assim a questão da simplicidade mesmo, que eles falam “amor não tem sinônimo, alma não tem gênero, poder não é virtude, e a vida é sopro efêmero”, então essas quatro frases assim eu acho sensacional...elas falam por si só, porque parece que tudo fica muito complicado e eu acho legal porque por exemplo a palavra amor pra mim parece idiota isso mas faz pouco tempo que eu entendi acho o significado da palavra amor, o que que é o amor mesmo...porque parece tantas coisas assim e aí eu fiquei pensando o que é realmente amar, de todas as maneiras possíveis, acho que é poder ser livre, com simplicidade mesmo” (Anahí, 5º ano).

O grupo ouviu Anahí atentamente e quando ela finalizou, a diretora agradeceu os comentários da participante. Voltou-se então para Jéssica e questionou como ela estava se sentindo com a conversa, à medida que estava muito quieta. Jéssica disse que estava acompanhando a discussão, e que teve uma visão diferente do grupo, porque entendia que “todos vivemos essas coisas” (sic) nas relações sociais e segundo ela, existe pouco espaço para uma pessoa se colocar de verdade e ser compreendida naquilo que sente. Ela disse que ao ler o poema lhe veio a palavra desamparo, e que ela gostou muito da frase “indesculpavelmente sujo”, que é como ela estava se sentindo, muito suja e desamparada. A diretora devolveu que a entendia, pois desde a semana passada percebia essa luta interna dela, entre se sentir fracassada e não compreender porque o trabalho de conclusão de curso havia se desencaminhado. Jéssica respondeu que vem sentindo-se assim há algum tempo:

“Eu acho que eu estou sentindo esse desamparo há um tempo mas eu acho que eu dei um grito assim com essa história do TCC, eu não sou uma deusa, eu acho que o TCC esfregou na minha cara que eu não sou mesmo e eu acho que até esfregou que eu sou uma bosta e eu comecei a ver isso e eu me senti suja, desamparada” (Jéssica, 5º ano).

A participante continuou dizendo como está refletindo sobre todo esse processo e podendo se descobrir mais a partir do mesmo, que não é perfeita, mas também que não gostaria de se sentir tão “suja” (sic). Os participantes riram do comentário de Jéssica e a diretora perguntou se alguém ainda gostaria de compartilhar algo antes de prosseguirem. Ícaro leu uma frase do poema: “confessasse não o pecado, mas a infâmia”, e “indesculpavelmente sujo” e disse que sentiu grande empatia e identificação com o poema, por revelar dores humanas de forma tão simples, e que gostaria de lê-lo muitas outras vezes, pois estava sentindo muito impacto.

Em seguida a diretora perguntou para Ingrid como ela estava se sentindo, pois estava muito calada. Ingrid disse que havia gostado muito do poema, e que escolheu a mesma frase de Aurora, “eu que tenho sentido a angústia das pequenas coisas ridículas” (sic) e também a frase “então sou só eu que é vil e errôneo nessa terra?” (sic), porque percebeu que as pessoas usam máscaras e ela se questionou muito na sua vida os porquês disso:

“Todo mundo usa mascaras sabe? E porque que a gente usa? Eu até escrevi uma frase, você se coloca no mundo ou o mundo molda você? Até que ponto a gente deixa o mundo moldar a gente ou a gente se coloca nele? Porque as duas coisas, mas até que ponto que vai isso para cada um, e eu, até pra mim foi interessante a hora que você falou o tema e trouxe a poesia eu pensei, foi um tema da minha semana porque teve uma atividade no estágio, na supervisão, que cada um tinha um papel nas costas e as pessoas escreviam características e impressões sua, e muita gente escreveu “alegre e divertida” no meu, e eu falei assim nossa que ponto que eu to passando pro mundo, eu pensei muito essa semana, a que ponto eu me coloco no mundo, tipo eu me mostro alegre e divertida? As pessoas me veem assim mas eu não acho, internamente eu não estou alegre e divertida como vocês estão vendo por fora, aí a professora até perguntou, pediu para eu falar alguma coisa do meu inferno e então, o que seria, e eu respondi que tem dia que minha vontade é chegar na sala ir para o fundo da sala e me colocar em posição fetal, mas acho que não seria interessante pra todo mundo me ver nessa posição então o que a gente faz? A gente sorri, então eu fiquei pensando, de que jeito que a gente se coloca no mundo, eu acho que ao mesmo tempo que a gente se coloca a gente também é moldado, coloca mascaras” (Ingrid, 4º ano).

A participante disse ainda que estava vivendo questões que a deixaram muito longe de se sentir alegre e divertida, e que tem sentido tristeza e solidão. Em seguida, silenciou e Jéssica imediatamente pediu a palavra:

“Gente posso falar uma coisa nada a ver mas eu preciso falar, é que aconteceu uma coisa comigo essa semana, pode não ter nada a ver, mas eu queria contar pra vocês, pra vocês me ajudarem a pensar, porque um dia pode acontecer com vocês, o meu paciente eu tenho um paciente ele tem doze anos e ele falou assim pra mim ó: “você está muito triste e desanimada, se você não voltar a ser quem era antes eu quero trocar” e eu assim eu nunca esperava que eu fosse ouvir isso de um paciente, eu esperava ouvir qualquer coisa menos isso, e eu to ligando pra isso ainda que ele falou, porque parece que a gente deposita assim uma coisa no nosso terapeuta, a gente nem sabe muito bem o que é, mas a gente deposita, e enquanto a Ingrid falava eu entendi, porque eu fiquei com raiva de você Angélica, não sei porque, mas fiquei” (Jéssica, 5º ano).

O grupo se divertiu com a fala de Jéssica, e a diretora devolveu para a participante que ela havia encontrado uma bela maneira de dizer que tinha sentido raiva dela e todos riram bastante, inclusive Jéssica. Perguntou se a participante saberia dizer por que sentiu raiva e ela disse que ainda não, mas que estava tentando entender esse sentimento. A diretora então convidou Jéssica para permanecer com esse sentimento durante a sessão, para ver se compreendiam mais sobre o mesmo. Jéssica concordou e sorriu para a diretora, silenciosa. Os participantes então foram convidados a subirem no palco, a fim de trabalharem o poema no contexto dramático.

Dramatização: a diretora apagou as luzes e colocou uma música de ritmo mais intenso, convidando os participantes para caminharem pelo palco, percebendo o próprio ritmo interno. Em seguida propôs que experimentassem vários ritmos, como caminhar lentamente arrastando os pés, depois um pouco mais rápido, e por fim pediu que andassem muito rápido. O grupo se soltou e experimentou os diferentes ritmos; quando estavam caminhando muito rápido, pisaram forte no chão e se esbarraram bastante, brincando uns com os outros. Foi um momento de intensidade e após algum tempo nessa atividade, a diretora pediu que parassem onde estavam, congelando na postura. Começou uma música suave e a diretora sugeriu que os participantes se movimentassem lentamente, respirando, abrindo a boca, se espreguiçando, alongando. Pediu que descobrissem um movimento novo e que caminhassem como se fossem esse movimento, permitindo que o corpo os guiasse, e não o intelecto. Tadeu, Ingrid, Isis e Ícaro realizaram a atividade com bastante presença, criando movimentos diferentes daqueles realizados até então. Anahí tinha se movimentava pouco e andava devagar no palco, não apresentando nenhum movimento novo.

Em seguida, a diretora pediu que voltassem a caminhar devagar, procurando uma atitude interna de descanso e foi lançando as seguintes questões para o grupo: “o quão linha reta você vem caminhando na sua vida?” “Eu venho andando em linha reta, em linha torta ou em linha circular? Como eu estou andando na minha vida? Como eu estou nos diferentes contextos que eu habito? Qual a minha linha favorita?” “Onde eu quero mudar a linha?” “Onde eu quero fazer diferente?” “Onde eu quero ser diferente?” “Onde eu estou precisando ser vil, torto?” “Onde eu estou precisando ser mais livre? Inteiro, verdadeiro?”

Após alguns minutos, pediu que os participantes deixassem vir uma cena que surgisse para eles como uma resposta para essas questões. E quando encontrassem a cena, ou experiência vivida que escolhessem um lugar para se acomodarem no

palco, a fim de fazer um solilóquio. Depois de dois minutos, Tadeu foi o primeiro a se manifestar, dizendo:

“Eu não tenho que agradar os outros, eu não tenho porque ter receio de ser eu mesmo” (Tadeu, 4º ano).

A participante Isis se colocou logo em seguida:

“Porque não ser só mais um na multidão? Talvez ser único é ser comum, não precisa tanto esforço, não precisa tantas metas, não precisa tantos tantos, só precisa viver, sentir, sentir o prazer de estar onde está, de estar fazendo o que tem que ser feito, mas de fazer também o que se gosta, o que ser quer, o futuro é muito longe para viver ele agora, e o presente é muito belo para deixar para depois” (Isis, 5º ano).

Enquanto Isis realizava o solilóquio, a participante Ingrid começou a chorar e a diretora subiu ao palco e foi até ela, permanecendo ao seu lado, com as mãos em suas costas, até ela se acalmar. O grupo também esperou uns instantes até que ela se acalmasse, e depois recomeçaram a fazer os solilóquios. Jéssica começou a pensar alto, de olhos fechados, assim como os demais participantes, em sequência:

“Esse buraco que tem na vida, que tem no palco, ele só assusta, porque não dá para ver o que tem lá embaixo, mas talvez se abrir, se abrir muito, dá para ver, talvez não, mas ele é assim” (Jéssica, 5º ano).

“Eu preciso me importar um pouco menos com o que as pessoas acham, e falar um pouco mais o que eu quero” (Ícaro, 4º ano).

“Porque não fazer o que te der vontade?” (Anahí, 5º ano).

“Vocês poderiam parar de falar, falar tanto? Ou pelo menos me deixar em silencio, porque o silencio é o que eu tenho a oferecer com relação a isso...não é só porque vocês sentem raiva que eu tenho que sentir também” (Aurora, 5º ano).

“Eu não sou como você, eu não sou como minha irmã, eu sou da forma que eu sou, eu não tenho que mudar para você me aceitar, para você fazer o que você quiser da sua vida, é a minha vida, minhas escolhas, sou eu que faço, não preciso te agradar, não preciso mentir para te agradar, as suas verdades não são as minhas verdades, o que você quer para mim não é o que eu quero para mim, e não adianta você fazer pirraça, você fazer graça, você pode cortar o que você quiser da minha vida, o que você quiser, você não vai mudar, não vai mudar quem eu sou, eu sou assim, se você não pode aceitar eu não posso fazer nada quanto a isso, não posso sentir da forma que você quer que eu sinta, não posso agir da forma que você quer que eu aja, não sou você, não sou a minha irmã, eu sou eu, somente eu” (Ingrid, 4º ano).

A diretora esperou alguns instantes até Ingrid se acalmar e em seguida, convidou os participantes para voltarem lentamente a movimentar o corpo, despedindo-se da cena que encontraram.

Em seguida, pediu que voltassem a caminhar, sentindo o que estavam precisando conquistar naquele instante, a partir da cena que resgataram e fizeram o soliloquio. A diretora colocou outra música e pediu que os participantes

concretizassem “essa nova conquista” que fizeram, que pudessem se movimentar como essa conquista, e até mesmo dançar um pouco como a nova conquista. Aos poucos, novos movimentos foram surgindo no palco e os participantes voltaram a dançar juntos, compondo movimentos com o corpo, se divertindo. O clima foi ficando leve, relaxado; inclusive Isis, Tadeu e Ingrid lembraram brincadeiras de infância, como “adoletá”, brincar de passar por baixos das pernas um do outro e dançar encostando as costas, convidando os demais para brincarem. Após o movimento cessar, no final da música, o grupo realizou um círculo de abraços e continuaram dançando em círculo, lentamente, de olhos fechados, encostados uns nos outros. Um clima de intimidade e entrega marcou o momento.

Depois que abriram os olhos, a diretora os convidou para se observarem por alguns instantes. Jéssica então perguntou se iriam cantar alguma música, e a diretora devolveu se ela estava com vontade de cantar. A participante respondeu que não, e que somente fez a pergunta porque em geral, cantavam em círculo. Angélica explicou que não era uma regra e que sempre poderiam sentir como tinham vontade de se expressar no momento. Jéssica respondeu que não gostaria de cantar. A diretora então pediu que os participantes fechassem os olhos e sentissem como gostariam de encerrar o momento vivenciado no palco. Após alguns instantes, Isis começou a cantar timidamente “viver, e não ter a vergonha de ser feliz...cantar e cantar e cantar a beleza de ser um eterno aprendiz...só isso” (sic). A diretora então convidou todos a cantarem juntos esse trecho e o grupo imediatamente começou.

*Viver e não ter a vergonha de ser feliz
Cantar e cantar e cantar a beleza de ser um eterno aprendiz
Eu sei, ah eu sei
Que a vida podia ser bem melhor e será
Mas isso não impede que eu repita
É bonita, é bonita e é bonita.
(GONZAGUINHA).*

Tadeu disse que gostaria de abraçar a todos e assim, permaneceram por alguns instantes trocando abraços entre eles. Quando terminaram, Tadeu deu a sugestão de darem “um bolinho” na diretora, que protestou que seria esmagada por ser muito pequena. Todos riram e o grupo todo envolveu a diretora, que ficou ao meio e em silêncio, e Tadeu dirigiu o momento, pedindo para os colegas que sentissem o momento. A diretora se emocionou por receber o abraço de todos, e permaneceram

no palco por um minuto, silenciosos. Após soltarem o abraço, os participantes foram convidados a realizar o compartilhar.

Compartilhar- Ícaro foi o primeiro a pedir a palavra e falar, e todos riram quando Ingrid destacou que era a primeira vez que o participante iniciava o compartilhar. Ícaro relatou que gostou muito do encontro pois gostava de sentir a “energia do grupo” (sic) e a confiança que já depositavam uns nos outros. Compartilhou que a vivência no palco trouxe à tona duas questões que ele está enfrentando mas para as quais ainda não tem resposta, não conseguiu elaborar, mas que sentiu com mais força o quanto precisava enfrentar essas duas questões.

Tadeu compartilhou que percebeu no palco o quanto está se sentindo cansado e esgotado, e que nas duas últimas semanas não encontrou tempo para realizar nada que o ajudasse a descansar e sentir-se melhor. Percebeu o quanto está cansado mentalmente, e por isso a vivência no palco foi muito gostosa, ele entrou em contato com um “afeto” importante e por isso sugeriu o abraço.

“E aí aqui foi bom...por isso que eu quis o afeto que eu falei né de todo mundo se abraçar...eu quis para a gente sabe? Eu me senti um pouco mais energizado também com esse abraço de todo mundo...”(Tadeu, 4º ano)

Tadeu complementou ainda que gostou muito do tema da sessão, de poderem conversar sobre liberdade, pois ele percebeu o quanto fica procurando “liberdade em seu cotidiano” (sic) e que no palco, notou que o grupo foi resgatando essa energia da criança em ser livre, à medida que puderam brincar se soltar com liberdade, corporalmente. Finalizou sua fala reafirmando o quanto a vivência foi importante e boa para ele, pois teve a nítida percepção de que o adulto Tadeu perdeu essa capacidade infantil de brincar e não se importar com o que “os outros vão pensar” (sic).

“Essa liberdade da criança seria muito importante a gente resgatar isso” (Tadeu, 4º ano).

Quando Tadeu terminou, a diretora se dirigiu para Ingrid e pediu que ela falasse um pouco como estava, visto que havia se emocionado bastante em cima do palco. Ingrid contou que o tema do aquecimento mexeu muito com ela, pois não estava sentindo-se bem há alguns dias e tomou consciência de que esse sofrimento é antigo e a acompanha desde criança; e notou o quanto o mesmo é oriundo de sua relação com a mãe.

“Minha mãe sempre comparou muito eu e minha irmã, tipo a vida inteira, até hoje sabe, parece que todas as escolhas que eu fiz nenhuma agradou minha mãe...de fato não agradou...ela me pergunta porque eu tenho que ser diferente em tudo (...)e isso está me atingindo tanto sabe? Não tem mais como eu relevar essa situação, não tem mais como eu tentar ser uma coisa que eu não sou porque se eu for o que eu sou isso vai prejudicar ela de certa forma...ela não vai lidar com isso, então eu fico com isso dentro de mim (...) Outro dia eu perguntei para ela, ‘mãe quantos anos você acha que eu tenho’? E ela respondeu ‘cinco filha’... então é difícil, e eu chorei tudo isso em cima do palco” (Ingrid, 4º ano).

Depois que Ingrid finalizou, a diretora perguntou como Anahí estava, e ela compartilhou que gostou muito do encontro e viu uma beleza no palco, quando todos estavam brincando como crianças e ela observou uma beleza na cena, todos se soltando e brincando, mas que ela não conseguiu se soltar, participar, somente observou a beleza do momento. Disse que observou mais a cena do que vivenciou, e que somente essa ação foi suficiente para fazê-la sentir muito melhor do cansaço que está sentindo na vida e que gostou de participar do encontro. Quando Anahí finalizou, Isis compartilhou com o grupo que tem sentido “ansiedade do futuro” (sic), e a cena que lhe ocorreu no palco foi ela sentada em sua cama com o notebook no colo pesquisando “mil sites de emprego, mil sites de concurso, lendo edital de concurso, eu faço isso todos os dias” (sic).

“Todos os dias é essa rotina, eu tenho que entrar no site e ver todas as oportunidades de emprego, emprego de mecânico que não tem nada a ver, eu leio todas as páginas, entro no site de concurso, vejo todos os concursos, vejo a distância de Franca até as cidades, tenho uma neura com isso e o que eu senti hoje no palco, eu to leve, porque tipo assim eu to preocupando com uma coisa que mesmo que eu consiga, tem algo que eu não vou conseguir adiantar, eu não formei! Eu posso querer adiantar tudo, mas eu não sou psicóloga, então como que eu to querendo adiantar o serviço se eu não sou ainda? Então tipo assim, eu fiz meu máximo, eu faço o meu máximo, as coisas vão aparecer, mas não precisa ser agora, eu não sou psicóloga, eu não sou formada, para que estou querendo emprego, eu preciso formar primeiro... Então eu senti isso no palco, calma sabe, porque não viver o aqui, agora? O solilóquio fez muito sentido sabe? O futuro está muito longe para viver agora e o presente é tão belo para deixar para depois...e é o que eu tenho feito todos os dias da minha vida, deixado o presente para depois para ficar vivendo no futuro, então eu preciso de paz, o que eu preciso, que eu vi no palco, é que eu preciso de paz, paz comigo mesma, paz de calma, não precisa ser deus, pode ser gente, pode ser gente, eu quero ser gente agora” (Isis, 5º ano).

Após a fala de Isis, a diretora perguntou para Jéssica como ela estava e se gostaria de se colocar. Jéssica disse que estava sentindo muito cansaço, mas que entendeu no palco “os buracos” que tem na sua vida, e que o solilóquio despertou nela a necessidade de encontrar forças para se levantar e reagir a essa situação que está vivendo, a frustração com o trabalho de conclusão de curso e todas as idealizações que criou na relação com a orientadora e até mesmo na faculdade. A diretora perguntou se ela havia descoberto porque estava sentindo raiva dela e Jéssica respondeu que “ainda não, mas melhorou” (sic). Quando Jéssica terminou de

falar, Anahí pediu desculpas para o grupo pois precisava ir embora, despedindo-se dos colegas. Depois que ela saiu, a diretora pediu para Aurora compartilhar o que estava vivendo e ela começou falando que percebeu ao longo do encontro que o cansaço que sentia em relação à faculdade não pesava para ela, e o que a tem deixado muito exausta na vida é a relação com a sua família, e que se pudesse sairia de casa e tiraria férias do grupo familiar. Percebeu também no palco o quanto a dinâmica de sua família e todos os conflitos que vivenciam atrapalharam bastante o seu envolvimento e desempenho acadêmico. Quando Aurora terminou de falar, a diretora comentou brevemente sobre a beleza das vivências reveladas por todos nesse dia. Agradeceu a presença de todos nesse dia e então encerrou o encontro.

4.12.2 Síntese temática do décimo segundo encontro

Tema 1- A relação de orientação como uma decepção amorosa

Ao comentar sobre a dramatização vivenciada na sessão anterior, Jéssica devolveu para o grupo que compreendeu estar vivenciando a decepção com a relação de orientação como aquelas que já experimentou com relações amorosas, quando ocorrem idealizações a respeito do outro e ao longo do processo, revela-se o hiato entre as próprias idealizações e aquilo que é concretamente vivenciado na relação.

Tema 2- Diferentes vivências acadêmicas dos estudantes do terceiro, quarto e quinto anos

A participante Anahí problematizou como a saída da participante Bruna pode estar relacionada às diferentes vivências acadêmicas dos estudantes do terceiro, quarto e quinto ano de Psicologia, argumentando que as vivências dos estudantes do terceiro ano seriam “dissociadas de dor e sofrimento” (sic), em sua perspectiva. Essa fala foi corroborada por Ingrid, que inclusive retomou a dramatização da sessão anterior, sobre o processo de escrita do trabalho de conclusão de curso, exemplificando que as vivências do quarto e quinto anos são mais próximas e portanto, Bruna poderia ter se sentido isolada no processo grupal. Ícaro discordou das colegas ao afirmar que ele encontrou dificuldades durante o terceiro ano e que talvez as dificuldades maiores de Bruna não estivessem relacionadas ao papel de estudante universitária.

Tema 3- A perda da espontaneidade infantil na vida adulta

O participante Tadeu afirmou que ao longo da vivência realizada no palco, nesse encontro, pode resgatar com o grupo a espontaneidade da criança que ele vem sentindo que está se perdendo no Tadeu-adulto, que ele percebe sentir-se constantemente cansado e não realizando atividades que permitem a livre expressão de seus desejos e criações. Na vivência de liberdade e no clima de brincadeira promovidos pelos participantes o palco foi descrito por Anahí como uma cena bonita, que ela, inclusive, sentiu dificuldade em participar.

Tema 4- Ansiedade a respeito do futuro profissional

A participante Isis revelou durante o compartilhar já estar vivenciando “ansiedade de futuro” a respeito do futuro profissional, à medida que irá se formar no final do ano, começou a sentir necessidade de já buscar vagas de emprego, o que tem causado ansiedade e sofrimento nela. Ao longo da vivência, a participante disse que conseguiu entrar em contato com essa ansiedade e perceber um outro modo de vivenciar o final do curso, resgatando o fato de que ainda não se formou e precisa passar por essa etapa antes de buscar uma vaga no mercado de trabalho.

4.12.3 Décimo segundo encontro: processamento

“Eu não tenho que agradar os outros, eu não tenho porque ter receio de ser eu mesmo” (Tadeu, 4º ano).

O que significa ser eu mesmo? O quanto tenho liberdade para ser eu mesmo, assumindo meus desejos; podendo errar e não ser perfeito; o quanto tenho me cobrado corresponder às expectativas sociais e a busca por aceitação?

Saindo do encontro desse dia, essas questões ecoavam para a unidade funcional. A proposta de leitura do poema como iniciador intelectual parece ter promovido disposição no grupo para se olhar de forma a interrogar-se, questionando a permissão própria de ser livre para simplesmente “sofrer pelas coisas ridículas”, “sentir-se indesculpavelmente sujo”, confessar a infâmia e o erro e não somente o sucesso. Se no contexto grupal discutiram as diferentes leituras realizadas acerca do poema de Álvaro de Campos, buscando problematizar as diferentes máscaras utilizadas nas relações sociais que impedem de certa forma, uma vida livre, autêntica; no contexto grupal, simplesmente dançaram juntos, resgataram brincadeiras infantis,

permitiram-se uma liberdade corporal e compuseram, juntos, novos movimentos no palco.

Ainda durante os solilóquios, em que foram convidados a buscarem cenas vividas e pensarem alto sobre a emergência dessas cenas, as falas revelaram a busca para se permitir ser mais um na multidão (Isis); o desejo de não ser comparada com a irmã e ser aceita como é (Ingrid); a necessidade de se comportar de modo mais livre, para além da busca por aceitação (Tadeu e Ícaro); o desejo de afastamento de uma família que faz sofrer (Aurora); a necessidade de fazer o que tem vontade (Anahí); o olhar para os buracos que aparecem na vida (Jéssica). Falas que promoveram liberdade de expressão, oportunizando o resgate da espontaneidade-criatividade apesar das exigências das conservas culturais.

Ao longo da sessão, Jéssica revelou o desconforto sentido na relação com a diretora, assumindo estar com raiva, porém, não foi explorado o que significaria esse sentimento no contexto do grupo. Houve espaço para a emergência do conflito sociométrico com a diretora por parte de Jéssica. Mas quais os sentidos possíveis dessa oposição? Estaria Jéssica ressentida com as intervenções realizadas pela diretora nos últimos encontros, em que trabalharam o desejo de Jéssica em tirar nota dez no trabalho de conclusão de curso e as frustrações vividas na relação com a orientadora de TCC?

Jéssica ainda questionou se não iriam cantar uma música, como de costume. A diretora respondeu que não era uma regra, o que mais uma vez, provocou desencontro entre ela e a participante na sessão. Isis então sugeriu uma canção, propondo o resgate da alegria da vida: “viver e não ter a vergonha de ser feliz”, expressava com simplicidade o clima grupal do final: afetuosos, íntimos, ternos, apesar dos conflitos entre parênteses. O encontro dos participantes no palco parecia ter libertado um tipo de “contato humano” despretensioso, mergulhado no aqui-agora da relação, permitindo que se abraçassem como velhos amigos que se reencontram em uma estação de trem. A energia amorosa foi levando a diferentes abraços: na diretora, uns nos outros, deixando entrever como o décimo segundo encontro já permitia ao grupo ser um locus de criação e encontro.

4.13.1 Décimo terceiro encontro: descrição

Data: 01 de setembro de 2017

Participantes: Jéssica, Tadeu, Andressa, Ingrid, Aurora, Isis, Jéssica

Ausentes: Felipe, Anahí

Tempo de duração: 3h

Contextualização: nesse dia, como estava ocorrendo um evento da semana da Psicologia na faculdade, três participantes do quinto ano estavam apresentando trabalho e Anahí avisou que não viria; Isis e Aurora avisaram que iriam chegar atrasadas. Ícaro mandou mensagem para pedir carona, pois estava na faculdade no evento e a ego auxiliar Elaine disse que poderia passar para pegá-lo.

Aquecimento inespecífico: o primeiro a chegar ao encontro foi Tadeu, que foi recebido pela diretora já no teatro psicodramático. Em seguida chegaram Andressa e Jéssica, e a diretora convidou os três para tomarem café na recepção, enquanto aguardavam os demais. Após 20 minutos de espera e bate papo sobre assuntos diversos, Ingrid também chegou e os participantes foram convidados a retornarem para o teatro e enquanto aguardavam, comentaram com a diretora acerca das atividades da semana de Psicologia da faculdade. Contaram sobre a elaboração dos pôsteres com relatos de experiências dos estágios, que fizeram para apresentar no evento e relataram indignação por terem sido obrigados a confeccionarem os mesmos, apesar de alguns supervisores de estágio terem oferecido suporte financeiro para viabilizarem o material. Andressa contou ainda que tiveram uma palestra sobre suicídio ; outra sobre grupo comunitário de saúde mental e uma terceira sobre Intuição na clínica psicanalítica. Jéssica relatou que não foi em nenhuma palestra pois estava sentindo-se cansada e desanimada das atividades da faculdade. Quando Jéssica estava terminando de se colocar, chegaram juntos Ícaro e Elaine, ego auxiliar, que se disponibilizou a passar na faculdade e pegar o participante para vir ao grupo. Após a chegada deles, em meio à dispersão e agitação do grupo, a diretora propôs um exercício de relaxamento e automassagem. Essa atividade proporcionou maior tranquilidade no clima grupal, e em seguida, a diretora convidou os participantes para compartilharem como estavam chegando, sugerindo que relatassem como se perceberam durante o relaxamento. Nesse momento, Isis chegou, bateu na porta e pediu desculpas ao grupo pelo atraso, à medida que estava na faculdade apresentando relato de experiência no evento supracitado.

Tadeu foi o primeiro a compartilhar, contando que teve dificuldades em concentrar-se e percebeu-se realizando os exercícios com pressa e rapidamente; relatou ainda que quase ao final foi acalmando-se e percebeu o quanto muitas vezes

é difícil habitar o corpo, por sentir insatisfação com o mesmo, e que em geral é crítico consigo mesmo, sentindo dificuldade em se cuidar no nível corporal.

Andressa se colocou em seguida, dizendo que estava tranquila ao longo do relaxamento e que foi prazeroso realizá-lo. Contou para o grupo que estava tranquila na faculdade e conseguindo realizar suas atividades sem correria, o que estava fazendo-a sentir-se bem.

Jéssica disse que chegou tranquila e começou a realizar o relaxamento de forma rápida, mas foi acalmando-se devagar e gostou muito de realizar a atividade, pois foi para ela um momento de contato consigo mesma e descanso.

Ingrid também relatou dificuldades de concentrar-se no relaxamento, pois estava dispersa e ansiosa, pensando nas atividades do dia e na viagem que fará para sua cidade no fim de semana. Contou que somente ao final do relaxamento é que entrou em contato com seu corpo, sentindo-se mais presente e percebendo que esteve ansiosa ao longo da semana inteira, mas que isso não se relacionava com questões acadêmicas, mas com questões de relacionamento amoroso. Ícaro, Tadeu e Isis riram e brincaram com a colega sobre esse tema.

Ícaro se colocou em seguida, contando que também se sentiu agitado ao longo do relaxamento e por isso lutou para fazer todos os exercícios de forma lenta, buscando encontrar um novo ritmo corporal, diferente da agitação. Isis então disse para Ícaro que ele não parecia estar agitado “no externo” e sempre aparentava estar calmo. Ícaro respondeu que “por dentro” (sic) sempre se sentia agitado e que na sala de aula nenhum colega gostava de sentar-se próximo a ele, devido à agitação corporal, mas que no grupo conseguia centrar-se mais em função dos exercícios de relaxamento.

Depois que Ícaro terminou de falar, a ego auxiliar Elaine comentou que também estava agitada ao realizar os exercícios e depois que ouviu os outros se deu conta que também demorou para “chegar” (sic) no corpo, pois teve um dia bastante agitado. Enquanto Elaine se colocava, a campainha tocou novamente e Tadeu levantou-se para abrir a porta. Aurora então foi a última participante a chegar, após 1 hora de início do encontro. O grupo se dispersou: Tadeu e Ícaro levantaram-se e buscaram café, Andressa disse que iria beber água. Enquanto isso, Aurora entrou na sala e se justificou pelo atraso, contando que estava apresentando trabalho no evento e por isso só conseguiu chegar após o início da sessão.

Após uma pausa de cinco minutos, depois que todos voltaram e se acomodaram na sala, a diretora retomou o movimento do grupo no dia, destacando que desde as mensagens iniciais no aplicativo do whatsapp comunicando atrasos e dificuldades de locomoção, começou a pensar se conseguiriam vir, e que isso se resolveu pelas caronas. Depois, comentou o fato de que foram chegando aos poucos, primeiro Tadeu, depois Jéssica, depois Andressa, por fim, Ingrid. Após meia hora desde a chegada de Tadeu chegaram Elaine e Ícaro; e depois do relaxamento inespecífico chegaram Isis e Aurora. A diretora brincou com o grupo que percebeu um movimento de dispersão e reorganização, e que aparentemente todos “lutaram” muito para estarem presentes.

Aurora e Isis contaram que estavam apresentando o trabalho na faculdade com a “cabeça no grupo”, verificando o relógio a todo momento. Ingrid, Tadeu e Isis falaram ao mesmo tempo, comentando como perceberam que a vida estava um “caos”.

A diretora pediu que Isis e Aurora falassem um pouco como estavam chegando e o grupo silenciou. Isis começou dizendo que se percebeu no mesmo movimento do grupo, sentindo-se agitada e correndo muito. Contou que ficou a tarde toda preocupada em como Aurora se deslocaria para o local do grupo e que tinha certeza que a colega não tinha pensado nisso ainda, por isso, estava ansiosa por ela. O grupo riu muito de toda a história contada por Isis, que se sentiu “culpada” por não ter levado um capacete extra para dar carona para a colega. Isis disse ainda que após a chegada de Aurora sentiu-se mais relaxada; entretanto, já estava pensando no compromisso que as duas teriam após o grupo, e todos riram bastante. Isis reafirmou que apesar de toda a confusão vivida, ficou claro para ela que gostaria muito de vir para o grupo, e que tinha certeza que seria acolhida mesmo atrasada e por isso fez muito esforço para participar. Aurora se colocou em seguida, pedindo desculpas pelo atraso e dizendo que sentiu grande vontade de vir ao grupo, mesmo que fosse nos “últimos cinco minutos para falar tchau” (sic) e que foi difícil participar do evento na faculdade com a cabeça no grupo. Agradeceu a Isis pela preocupação que demonstrou com ela.

Aquecimento Específico: a diretora comentou com o grupo que apesar de toda a correria e dispersão para conseguirem participar do encontro, ficou evidente o esforço de todos para estarem presentes e a vinculação com o processo grupal. Pediu que os participantes escolhessem um “estado de chegada”, e que uma vez feita essa escolha de sentimento, subissem no palco “como se fossem esse estado”.

A diretora subiu primeiro ao palco, para promover o aquecimento específico, explicando que aquele espaço estava destinado a acolher o encontro de diferentes pessoas-sentimentos, e que os participantes deveriam subir um por um, se apresentando, e que ela seria a anfitriã do encontro, dando para eles as boas-vindas. Os estudantes foram se levantando na seguinte ordem:

Tadeu- eu sou a angústia

Ingrid- eu sou a confusão

Jéssica- eu sou a preguiça

Andressa- eu sou a leveza

Ícaro- eu sou a calma

Isis- eu sou a correria

Aurora- eu sou a multiplicidade

A diretora recebeu cada um no palco de modo efusivo, dando as boas vindas e brincando com todos. Em seguida pediu que os participantes se aproximassem pela semelhança das palavras. Tadeu solicitou que todos os participantes repetissem as palavras novamente e falaram ao mesmo tempo, criando um burburinho de vozes que provocou confusão. A diretora solicitou que repetissem devagar, um por um; em seguida, foram formados dois subgrupos:

Subgrupo 1: preguiça, leveza, calma (Jéssica, Andressa, Ícaro)

Subgrupo 2: confusão, angústia, correria, multiplicidade (Ingrid, Tadeu, Isis, Aurora)

A diretora explicou para os participantes que já eram 17h, e que se todos tivessem que ir embora às 17h30, teriam pouco tempo para a troca nos subgrupos e o compartilhar. Isis então sugeriu que terminassem o encontro às 18h e todos concordaram. A diretora solicitou que conversassem entre eles, mas “como se fossem” os sentimentos que estavam concretizando naquele momento, explicando o que estavam “causando” na vida de cada um. Após conversarem, deveriam construir uma escultura coletiva do subgrupo. Esse momento durou vinte minutos e os participantes conversaram animadamente entre eles.

Dramatização: o primeiro grupo a se apresentar foi o de Tadeu, Isis, Ingrid e Aurora, por solicitação deles.

Subgrupo 2

Título da Escultura: “Até quando a gente acha que está sendo livre a gente não está”.

O grupo apresentou uma cena, e não uma escultura, em que os quatro integrantes permaneciam sentados no palco, em círculo, conversando sobre a tarefa dada pela diretora, concretizar em uma escultura o que conversaram. Após debaterem sobre o que iriam fazer, chegaram à conclusão de que não queriam fazer a escultura proposta pela diretora e silenciaram. Após alguns instantes de silêncio, Tadeu comentou: “é isso gente”, e todos começaram a rir. A diretora então pediu que a plateia dissesse uma palavra acerca de como a cena havia reverberado neles.

Jéssica- perdida

Andressa- ser o que dá conta

Ícaro- eu me vejo muito neles também, mas as vezes não...hoje eu não estou assim...

Silêncio no grupo e um clima de tensão. A diretora pediu que permanecessem com esses sentimentos, e que os integrantes do subgrupo 2 “gravassem” por meio de uma imagem como estavam se sentindo após apresentarem a cena. Depois pediu que trocassem os grupos e que o próximo se apresentasse.

Subgrupo 1:

Título da Escultura: “E assim somos!”

O grupo de Andressa, Jéssica e Ícaro subiu ao palco e permaneceram em pé, em círculo. Os integrantes fecharam os olhos e um por um, realizaram um solilóquio.

Ícaro- “nós somos filhos do mistério e do silêncio”.

Jéssica- “somente o tempo vai nos revelar quem somos”

Andressa- “e assim somos”

E os três repetiram: “e assim somos”.

O grupo na plateia bateu palmas e a diretora solicitou que fechassem os olhos e cada um dissesse uma palavra sobre como se sentiram vendo a cena apresentada pelo grupo:

Isis- acolhimento

Ingrid- deixa estar, deixa acontecer

Aurora- a gente espera da vida e a vida espera de nós um pouco mais de paciência

Tadeu- estar presente

O silêncio era absoluto no grupo nesse momento. A diretora convidou para o compartilhar, pedindo que os participantes percebessem para onde esse exercício os tinha levado e o que aprenderam com a experiência.

Compartilhar: Ingrid deu início ao compartilhar, contando para o grupo que “quase” tinha faltado do encontro do dia, pois tinha muitos compromissos, mas que acabou escolhendo vir e que todo o encontro havia feito muito bem para ela, à medida que tinha acontecido de forma leve e fluida:

“Foi tão legal hoje...foi só acontecendo...foi chegando um...eu juro para vocês, eu não ia vim, eu estava decidida a não vim, eu tinha que esperar o meu pai...mas aí várias vezes eu olhava no grupo do zap aquele tanto de mensagem e eu pensei não eu vou...eu quero ir...aí até briguei com meu pai e vim, eu queria estar aqui...aí eu fiquei mandando mensagem para o Ícaro se eles já estavam vindo, pensava como que eles não foram ainda, olha a hora... fiquei pensando nisso...mas enfim eu pensei eu vou, vou viver, minha psicóloga não falou para eu viver, então, vou viver...aí eu vim, e depois as meninas foram chegando também, foi acontecendo...e na hora que a gente foi fazer a escultura, a gente ficou um tempão pensando se a gente fazia mesmo o que a gente queria fazer ou se a gente não fazia...aí a gente pensou assim ‘esse é o sentido, fazer o que a gente quer fazer, aí a gente fez e sei lá, parece que encaixou tanto sabe? E de tudo o que eu passei hoje e esses dias, mas principalmente hoje assim, aqui sabe, me veio muito forte isso, que a gente tem que fazer o que faz a gente bem, que faz a gente feliz, e eu acho que eu vim aqui justamente porque eu fico bem aqui, eu me sinto feliz aqui e foi esse o principal motivo de todo mundo ter corrido tanto pra vim” (Ingrid, 4º ano).

Quando a colega finalizou, Isis começou a se colocar, dizendo que realizar aquela cena teria sido o momento de maior liberdade em sua vida, e que experimentou essa liberdade sem culpa. Contou que estavam compartilhando no subgrupo a quantidade de tarefas que precisavam realizar no cotidiano, o que acabava provocando um cansaço extremo. Nesse sentido, segundo a participante, no momento de realizarem a escultura escolheram não fazer, e por isso a cena em que permaneceram conversando sobre como cada um estava no momento, e que essa ação foi muito libertadora para ela, que sempre se cobra demais para realizar as tarefas de modo perfeito.

“A gente estava nesse processo sabe, de conversar, de sentir a presença um do outro, e aí eu falei, gente, se a gente está acabando de dizer que não quer fazer as coisas por obrigação, então vamos não fazer fazendo, tipo assim...não vamos ter que criar algo que a gente não está a fim de criar, porque assim a gente está tão saturado que não saia nada, a gente iria estar deitado, prostrado, que foi o que a gente pensou na hora” (Isis, 5º ano).

Tadeu e Ingrid se mobilizaram com a fala da colega e falaram juntos sobre como seria forçado se tivessem que fazer outra cena que não aquela realizada. Os

participantes riram bastante e Isis ainda comentou que por isso escolheram realizar a apresentação primeiro, antes do outro grupo, pois se descessem do palco sentiriam “culpa” por não terem preparado a escultura.

“E foi assim eu nunca senti isso na vida porque eu sempre sinto muita culpa, né, muita responsabilidade, eu sou uma pessoa que a responsabilidade me persegue...pra mim é muito forte a questão da responsabilidade e ali não sabe, tipo assim, não vamos fazer...mas foi uma liberdade com tanto amor que até o Tadeu questionou um pouco, a gente entrou em crise existencial...se a gente não estaria sendo rebelde, mas não, foi uma liberdade com tanto amor porque esse espaço já proporciona isso, vocês duas já proporcionaram isso e a gente sabia que seria acolhido do jeito que a gente está, então ter tido a oportunidade de viver isso foi muito bom, ser acolhido do jeito que você está, eu to imensamente leve, imensamente feliz, feliz, leve, livre, eu acho que vai ficar marcado para o resto da minha vida esse momento, que eu pude dizer não e ser tão livre e tão amada e acolhida no meu não e no meu estado de espírito” (Isis, 5º ano).

Tadeu e Ingrid bateram palmas ao final da fala de Isis e Ingrid gritou: “uhuuu”. Ingrid, Tadeu e Isis divertiram-se bastante. Aurora permaneceu sorrindo, mas silenciosa.

Tadeu complementou a fala de Isis dizendo que estava sentindo o oposto da colega, pois ao contrário de Isis, não costuma se preocupar excessivamente com o modo de realizar as atividades acadêmicas e não faz, na vida, aquilo que não tem vontade ou não vê o sentido. Ele se diverte em dizer para o grupo que se estranhou naquele momento, quando Isis propôs que não “fizessem nada”, ele sentiu-se desconfortável, à medida que sentiu vergonha por não seguir a orientação da diretora, com medo de magoá-la. Mas conforme a cena se desenrolou, ele compreendeu que o movimento do grupo era de rebeldia e desejo de libertação.

“A gente estava falando disso, sabe, ter que fazer as coisas, eu falei no grupo que apesar de estar fazendo coisas que geralmente eu gosto e que me descansa, está 90% obrigação e 10% de prazer, sabe? Às vezes eu penso, ‘ah sobrou um tempinho aqui e eu quero relaxar, então tenho que relaxar agora, aí eu vou e coloco uma música e não relaxo, porque tem a obrigação de relaxar, então não to vivendo isso” (Tadeu, 4º ano).

Tadeu disse ainda que a imagem apresentada pelo outro grupo suscitou muita leveza nele, e que fazia tempo que não se sentia tão solto e descontraído como os colegas se revelaram na imagem:

“A imagem deles ficou muito forte pra mim, porque eu gosto muito disso, da impressão, não sei dizer com uma palavra, mas pra mim ficou a imagem de alguém muito tranquilo, tipo assim, na beira da praia olhando o por do sol tá ligado, uma coisa assim, na praia, relaxado, olhando o mar, pensando em nada, aquela coisa de leveza, de vazio sabe? Tranquilo...e eu falei nossa que saudade de me sentir assim sabe? Faz muito tempo que eu não sinto isso e eu gosto muito dessa sensação, mas que faz tempo que eu não sei o que é isso... fico nessa angústia de ter que fazer as coisas e não estar vivendo nada direito, tudo tem que fazer por obrigação e aí não tem tempo pra fazer as coisas que eu quero fazer, as coisas que eu gosto de fazer não tem mais o mesmo gosto sabe? A gente até discutiu, a Ingrid

perguntou, será que o tédio é o contrário do tesão, porque eu falei isso, eu não tenho tesão, tenho tédio de estar fazendo”. (Tadeu, 4º ano).

Jéssica se colocou em seguida comentando que ficou muito reflexiva desde a semana anterior, em função do desligamento de Bruna:

“A semana passada, eu fiquei muito reflexiva sobre o feedback que você deu pra gente da Bruna, de como ela estava se sentindo no grupo, e aquilo me tocou muito porque parece que você falou de mim em um outro grupo que eu vivo fora daqui, mas ao mesmo tempo tem esse grupo, em que eu me sinto totalmente incluída, e daí eu fiquei assim muito reflexiva” (Jéssica, 5º ano).

Continuou sua fala dizendo que estava sentindo falta de Felipe e Anahí, e que não queria que o grupo terminasse sem eles, pois gostava muito do processo do grupo e queria continuar vivenciando o mesmo, e se saíssem mais participantes ela sentiria muito a perda. Além disso, comentou que tinha gostado muito do encontro desse dia, principalmente do que Isis havia dito sobre a possibilidade de se sentir muito livre nos encontros do grupo; e que gostou muito de fazer a escultura com o subgrupo dela (Ícaro, Jéssica e Andressa):

“Mas eu me senti de coração cheio...que bom que eu pude estar aqui, que bom que eu pude me expressar, que bom que eu pude estar com eles, a gente conversou e riu muito e o Ícaro até fez terapia comigo e com a Andressa” (Jéssica, 5º ano).

A diretora esperou Jéssica terminar de falar e devolveu para o grupo que ainda não tinha conversado com Felipe para saber se ele iria continuar, mas que como ele não tinha vindo em nenhum encontro em agosto, não deveria retornar. Tadeu e Jéssica pediram que a diretora conversasse com Felipe para ver se ele estava “dentro ou fora” (sic).

Tadeu disse que sentia todos muito vinculados no grupo, com exceção de Felipe, e que mesmo Anahí que costumava faltar mais, ele se sentia mais próximo a ela no grupo. Ingrid, Jéssica e Isis começaram a falar ao mesmo tempo sobre o comprometimento com o processo grupal e a diretora pediu que falassem um de cada vez. Isis então comentou que no começo do grupo vinha mais pela curiosidade para saber as vivências que a diretora iria propor, para aprender mais sobre psicodrama, e que agora ela sentia muito diferente, pois sentia que tinha um grupo para participar e que se vinculou com todos, e que cada falta é sentida como uma oportunidade de estarem juntos que se perdeu. Disse ainda para Andressa:

“Igual hoje...a Andressa...toda vez que eu vinha ela faltava e ela vinha eu faltava, então a gente não estava se encontrando aí eu vi ela a semana inteira na faculdade e até falei pra ela, ‘hoje você vai no grupo’ e ela falou que vinha então foi bom encontrar ela aqui, porque passou de ser o grupo da Angélica para ser o nosso grupo, então eu fico esperando que todo mundo vai estar aqui, porque eu quero partilhar esse momento aqui, eu sei que a minha semana vai finalizar assim com todo mundo que está aqui, então acho que muda essa percepção de vim pra ver o que vai acontecer, que vivencia que vai ser, eu quero estar com essas pessoas, por isso que a gente sente quando alguém não vem” (Isis, 5º ano).

Em seguida, Andressa pediu para falar, contando para o grupo que poderia ter ido embora desde quarta-feira, à medida que não estavam tendo aulas, mas ficou para participar do grupo na sexta-feira. Relatou ainda que gostou bastante desse encontro, pois apesar das angústias apresentadas, sentia que estavam mais verdadeiros uns com os outros e ela gostou do clima de liberdade e leveza que prevaleceu ao longo de todo o encontro. Andressa ressaltou que percebeu que o que estavam precisando nesse dia era “dar essas risadas gostosas” (sic).

Após a fala de Andressa, o grupo permaneceu em silêncio por alguns instantes. A diretora esperou e devolveu para o grupo que iria insistir para marcar um horário com Felipe para conversarem. E também respondeu para Jéssica que entendia a fala dela naquele momento como uma devolutiva para o grupo de quanto todo o processo foi importante para ela, o quanto sentiu-se incluída e pertencente. Jéssica concordou com a diretora e se emocionou.

Após mais alguns instantes de silêncio, a ego auxiliar se colocou, dizendo:

“Eu acho que foi bonito demais o grupo de hoje...cada um com a sua verdade, acho que, eu fiquei olhando para os dois grupos e fiquei pensando que era a representação da dualidade que habita em nós né? Nós somos isso, acho que são dois polos que habita em nós, um dia um pouco mais calmo, um dia um pouco mais confuso, então do jeito que foi, com a naturalidade que foi, foi bonito demais hoje, acho que hoje o grupo pulsou, como se estivessem dizendo ‘ nós somos um grupo’, como a Isis falou (Elaine, ego auxiliar).

Após a fala de Elaine, ego auxiliar, a diretora agradeceu a presença de todos e lembrou os participantes que na próxima semana seria feriado, nesse sentido, o próximo encontro ocorreria depois de 15 dias. Tadeu sugeriu que fizessem o grupo na quinta-feira de manhã, véspera do feriado e Jéssica e Ícaro concordaram. Começaram novamente a falar ao mesmo tempo sobre a possibilidade de marcarem churrasco na quinta-feira após o grupo, mas a diretora interrompeu dizendo que na semana seguinte seria importante descansarem e aproveitarem o feriado, já que não teriam aula desde quarta-feira. Depois pediu ainda para Ícaro e Aurora falarem como estavam se sentindo.

Aurora contou brevemente que fez muito esforço para vir ao grupo nesse dia e que mesmo chegando tão atrasada fez muita questão de vir, pois sempre se considerou uma pessoa reservada e mais fechada nos grupos, mas que nesse processo grupal, com aquelas pessoas, conseguiu se soltar, relaxar, brincar, se entregar.

“Eu estava pensando aqui, que o que eu senti aqui hoje, acho que o meu ser procurou este estado, essa vibe em tantas coisas, em coisas assim (risos) e aqui naturalmente eu recebi esse estado, de espírito, de SER, sem precisar me machucar ou...naturalmente...então sou muito grata, e é bom, essa viagem é boa”, eu lembrei de uma frase e eu mudei ela um pouco para finalizar, aquela frase que a alegria só vale a pena quando compartilhada, do filme na natureza selvagem, eu pensei que a vida só vale a pena quando compartilhada né? Acho que fica isso pra mim, obrigada gente” (Aurora, 5º ano).

A diretora disse para Aurora que se emocionou ao ouvi-la, pois percebeu que ela chegou silenciosa e retraída e conseguiu um pertencimento grupal muito bonito. Aurora agradeceu ao grupo pelos “band-aid” e a diretora afirmou que a fala de encerramento dela trazia muito beleza para o momento. Perguntou então para Ícaro se ele gostaria de dizer algo para o grupo e ele disse que estava se sentindo muito bem, que tirou a semana do evento da Semana da Psicologia para descansar. Contou ainda que passou a semana pensando muito no encontro anterior, sobre como está assumindo seus diferentes papéis nos pequenos grupos de que faz parte, o quanto se permite ser livre ou não e que tudo isso mexeu com ele. Agradeceu à diretora por ter dado o “poema em linha reta” e que todo dia lê o mesmo para decifrá-lo na própria vida. Disse para o grupo que tinha vindo vestindo “bermuda” (sic) pela primeira vez, porque está vivendo um movimento de se libertar, dado que sente vergonha do próprio corpo, mas que resolveu encarar isso ao longo da semana em pequenos detalhes. Ícaro então agradeceu ao grupo pelo encontro anterior, dizendo que foi o encontro mais importante para ele, em nível de profundidade. A diretora então propôs que encerrassem dizendo uma palavra:

Ingrid- felicidade

Isis- leveza

Aurora- estou aqui!

Tadeu- em busca da liberdade

Jéssica- enraizando-se

Andressa- Encontro

Ícaro- calma

A diretora agradeceu a presença de todos e desejou bom descanso no feriado. Os participantes não se levantaram e continuaram conversando por mais alguns minutos. A diretora então se levantou e disse: “tá bom gente” (sic); começando a arrumar a sala, pois já passava das 18h30. Os participantes então se levantaram e começaram a se despedir, abraçando uns aos outros efusivamente.

4.13.2 Síntese temática do décimo terceiro encontro

Tema 1- Queixas sobre a realização das atividades acadêmicas de modo automático e decisão de mudar o modo de apresentar o que a diretora do grupo havia proposto

O subgrupo composto por Tadeu, Ingrid, Isis e Aurora apresentou uma cena em que contestavam a orientação da diretora, para realizarem uma escultura que concretizasse o que estavam vivenciando como estudantes naquela semana. Isis explicou que a troca, a conversa, no subgrupo estava gostosa e decidiram não fazer a escultura, pois nenhum deles sentiu vontade de criá-la. Tadeu disse que pôde perceber o quanto está carregando um sentimento de “sufocamento” (sic) e aprisionamento em sua vida, fazendo as atividades cotidianas de modo automático. Isis e Tadeu comentaram que perceberam, durante a conversa no subgrupo, o excesso de atividades que precisam realizar e que não veem sentido, realizando-as pela obrigação das demandas acadêmicas. Isis afirmou ainda que o simples fato de estarem juntos conversando no palco já era prazeroso para eles, por não estarem precisando correr para fazer nada, somente estarem presentes conversando. Tadeu e Ingrid confirmaram a fala da colega, confirmando o quanto, durante a conversa, acessaram o desejo de não realizarem a escultura proposta pela diretora e que esse sentimento foi entendido por eles como rebeldia, como desejo de poder dizer não às demandas externas a eles que não veem sentido, ao desejo de ser livre para dizer “não”. Nesse sentido, revelaram um desejo de rompimento com um certo modo automático de realizarem as diversas atividades que precisam desempenhar na vida, na faculdade.

Tema 2- Compromisso com o processo grupal e questionamento das ausências de outros participantes

Os participantes Isis, Ingrid, Aurora e Ícaro relataram o quanto precisaram se desdobrar para virem participar do encontro do grupo, em função das diversas atividades que estavam vivenciando na Semana da Psicologia. Ingrid revelou que estava recebendo a visita do pai e apesar disso, acabou vindo para o grupo. Entretanto, revelaram que não queriam faltar em função do desejo de se encontrarem e serem acolhidos do modo como estavam. Jéssica questionou as faltas de Anahí e Felipe dizendo estar sentindo falta deles no grupo e Isis devolveu para Andressa que estava feliz por elas estarem juntas em uma sessão.

4.13.3 Décimo terceiro encontro: processamento

“Eu tô imensamente leve, imensamente feliz, feliz, leve, livre, eu acho que vai ficar marcado para o resto da minha vida esse momento, que eu pude dizer não e ser tão livre e tão amada e acolhida no meu não e no meu estado de espírito” (Isis, 5º ano).

Foram chegando aos poucos: vinham da faculdade, pediram carona, pensaram e repensaram se viriam ou não, questionaram as ausências de outros participantes. Nessa seção, o movimento sociométrico do grupo se revelou da seguinte forma: Ingrid, Isis e Aurora contaram da correria que viveram para não perderem o encontro do grupo. Aurora afirmou que gostaria de vir “nem que fosse para falar tchau” (sic). Ingrid contou que deixou o pai que a visitava para estar com o grupo. Ícaro pediu carona pelo grupo do whatsapp. Jéssica enfim revelou o próprio temor: porque Anahí e Felipe não estavam vindo mais? Estaria o grupo rumando para o final?

Nesse sentido, Jéssica questionou a diretora as ausências de dois participantes e seu medo de que o grupo terminasse. A questão mais uma vez ecoou pelo espaço grupal, e Isis acabou também devolvendo para Andressa que as duas não estavam se encontrando nas sessões, alternando as faltas. Andressa reafirmou o próprio esforço para estar presente nessa sessão, deixando de ir para sua cidade natal e vir participar.

Tudo isso trouxe algumas questões para a unidade funcional: o fato de Anahí, Felipe e Andressa faltarem muito indicava conflito sociométrico, dificuldade de estar em grupo e também uma não identificação com a proposta da pesquisa? Afinal, o

critério de formação do grupo foi por sorteio, e os possíveis conflitos sociométricos não foram levantados pela diretora e pelo grupo, o que poderia ter provocado a não participação de alguns estudantes.

Por outro lado, a afirmação do desejo de estar no grupo de Tadeu, Ícaro, Ingrid, Isis, Aurora e Jéssica revelou a formação de um subgrupo, também indicativa de conflito sociométrico com os demais integrantes? Ou ainda, teria ocorrido um esgotamento da proposta, de pesquisa e intervenção dos dramas do estudante universitário e indicava a necessidade de encerramento do processo grupal de pesquisa, para assim ocorrer a constituição de um novo grupo, com outra proposta? Ingrid, Isis, Aurora, Jéssica, Tadeu, Ícaro demonstraram então o interesse de comparecer às sessões, demonstrando vinculação entre eles e com o processo, para além da pesquisa. Nesse sentido, revelaram inquietação com as constantes faltas de Anahí, Felipe e Andressa, sentidas como falta de interesse em estar junto vivenciando o grupo.

Já no palco ainda uma outra questão se colocou: o desejo de dizer não às muitas e diferentes demandas vivenciadas na faculdade, pôde se concretizar no palco ao dizerem “não” à proposta da diretora, revelando o desejo de romper com um certo modo automático de fazer as coisas. O desejo de ser livre e romper com o sentimento de esvaziamento sentido por enfrentarem tantas demandas e atividades obrigatórias foi experimentado pelo grupo de Tadeu, Ingrid, Isis e Aurora, que afirmaram o prazer de simplesmente estarem juntos, conversando, em um nível de interação que iria além da correria do cotidiano.

Por outro lado, o subgrupo de Jéssica, Andressa e Ícaro revelava um outro caminho, uma outra possibilidade: a de estar tranquilo consigo mesmo, não se sentindo arrastado por demandas externas que provocam o sentimento de tédio traduzido por Tadeu:

“Fico nessa angustia de ter que fazer as coisas e não estar vivendo nada direito, tudo tem que fazer por obrigação e aí não tem tempo pra fazer as coisas que eu quero fazer, as coisas que eu gosto de fazer não tem mais o mesmo gosto sabe? A gente até discutiu, a Ingrid perguntou, será que o tédio é o contrário do tesão, porque eu falei isso, eu não tenho tesão, tenho tédio de estar fazendo” (Tadeu, 4º ano).

Poder-se-ia entender o referido tédio como o oposto da espontaneidade-criatividade, intensamente buscada por Tadeu, Ingrid, Isis e Aurora nessa sessão, e que muitas vezes são impossibilitados de viverem no contexto institucional, em função

das diversas e muitas demandas, mas também pelo modo como desempenham os papéis de estudantes?

4.14.1 Décimo quarto encontro: descrição

Data: 15 de setembro de 2017

Participantes: Tadeu, Andressa, Aurora, Isis, Ícaro

Ausentes: Felipe, Anahí, Ingrid, Jéssica

Tempo de duração: 2h

Contextualização: anteriormente a esse encontro, os participantes Felipe e Anahí entraram em contato com a diretora explicando que não poderiam continuar participando dos encontros grupais em função da finalização do trabalho de conclusão de curso; estavam sem tempo e sem condições de continuarem. A diretora convidou-os para participarem de um encontro de avaliação e os participantes responderam afirmativamente, ficando agendado o encontro para avaliação e fechamento para o dia 22 de setembro.

Nesse dia, as participantes Ingrid e Jéssica avisaram que não poderiam participar; Ingrid faria uma cirurgia dentária e Jéssica que tinha outro compromisso que não poderia desmarcar. Vieram para o encontro Andressa, que foi a primeira a chegar; em seguida, chegaram juntos Tadeu, Ícaro, Isis e Aurora. O ego auxiliar do grupo também não pôde participar do encontro nesse dia.

Aquecimento inespecífico: enquanto aguardavam a chegada dos demais participantes, Andressa e a diretora permaneceram no teatro psicodramático conversando. A diretora perguntou para Andressa como ela estava vivenciando o processo grupal e ela contou que estava bem e “mais tranquila na faculdade” (sic), à medida que tinha menos estágios nesse semestre e estava realizando tranquilamente a Iniciação Científica. Andressa explicou ainda que para ela os encontros na sexta-feira à tarde eram difíceis porque costumava ir embora para sua cidade logo após o almoço, mas que depois do início do grupo, ficava para participar do mesmo e só ia embora para sua cidade no sábado pela manhã. Revelou ainda que muitas vezes precisava ir embora na sexta-feira para resolver questões como ir ao médico e fazer compras, por isso faltou em alguns encontros grupais. Ressaltou que para ela seria melhor se o grupo acontecesse à noite, durante a semana. Quando a diretora pediu novamente para ela comentar como estava sentindo a própria participação no grupo,

Andressa explicou que gostava de vir, sentia-se bem e aprendia muito nos encontros. A diretora questionou se daria para ela identificar o que havia aprendido de forma mais marcante e Andressa contou que aprendeu “a estar com o outro, a estar num grupo mesmo” (sic), pois na sala de aula tinha dificuldades de relacionamento com alguns colegas. Contou que sentia dificuldade na relação com uma das participantes do grupo de pesquisa, por não “gostar muito do jeito dela” (sic), e que aprendeu a conviver com ela no grupo, e agora conversavam mais na faculdade. A diretora questionou como seria para ela trabalhar esses conflitos no grupo e Andressa respondeu que não se sentiria a vontade. Nesse momento, os demais participantes- Ícaro, Tadeu, Aurora e Isis chegaram e bateram na porta, entrando juntos. Depois que todos sentaram-se, em silêncio, a diretora começou explicando para eles sobre o desligamento de Felipe e Anahí do grupo. Comentou com os participantes que seria importante finalizar o processo da pesquisa, com um encontro de avaliação e que posteriormente poderiam continuar realizando os encontros com quem estivesse interessado em permanecer no processo grupal. Em seguida, pediu que os participantes comentassem como estavam e como se sentiam em função do encerramento da pesquisa. Tadeu disse que considerava importante finalizar o processo da pesquisa para poderem seguir com os encontros com quem realmente estivesse com vontade. Aurora comentou que considerava triste o encerramento do processo grupal, mas que sentia alívio por existir a possibilidade de encerrarem a pesquisa e continuarem o grupo em outro formato, à medida que ela gostaria de continuar vindo aos encontros. Isis se colocou em seguida, afirmando que percebia como Aurora, que gostaria de continuar participando do grupo. Contou ter entregado o trabalho de conclusão de curso naquele dia para sua orientadora e que ver o seu trabalho completo mexeu muito com ela, pois ficou emocionada por tomar consciência de que a faculdade estava realmente acabando, restando apenas dois meses até a formatura. Destacou ainda que gostaria que o grupo continuasse por mais tempo, pois no nível emocional sentia-se conectada com todos e gostaria de continuar tendo esse espaço para dar suporte ao final da faculdade. Disse que o processo grupal havia sido importante como espaço de encontro com os colegas, dado que no quinto ano o grupo de sala de aula se encontrava pouco na faculdade:

“Acho que vem o sofrimento de perder o espaço para falar sobre isso, porque eu não vejo as pessoas da minha sala, cada um escolheu um estágio e a gente tem uma aula em comum, que é na segunda, primeira aula da manhã, claro que eu chego atrasada, então tipo assim, é difícil assim, e aqui

é o contato que eu mais tenho, porque mesmo que são pessoas que não são da minha sala, mas eu posso falar sobre isso, me sentir acolhida, então o grupo faz esse papel na minha vida, eu consigo sentir algo que tipo assim, me dá esse suporte para sentir as questões da faculdade...e eu odeio fins, não gosto de terminar nada, é um período de muita inconstância” (Isis, 5º ano).

Aquecimento específico: a diretora perguntou para Isis se ela poderia fazer um duplo dela e Isis concordou, trocando de lugar com a diretora.

Angélica (como Isis, fazendo o duplo): é muito triste gente, acabar a faculdade, acabar o grupo, é muito triste...eu gosto muito de todo mundo...aqui eu encontro as pessoas... e tá acabando gente, a faculdade tá acabando...você não sabem o tanto que eu aprendi, cresci e aproveitei essa faculdade...e agora está acabando...

Isis observou o espelho e se emocionou. Depois que retornou para seu lugar, permaneceu em silêncio, assim como o grupo. Após alguns instantes, a diretora pediu que Isis comentasse como havia reverberado nela o duplo e Isis começou dizendo que a faculdade de Psicologia sempre havia sido o sonho dela, e esse sonho se realizou e que ela percebeu naquele momento o quanto se doou na faculdade para fazer o seu melhor, inclusive o quanto se doou para sua turma e pode desenvolver relações de amizade com muitas pessoas. Isis contou ainda que na semana anterior fez aniversário e seus colegas realizaram uma festa – surpresa para ela, que prepararam com muito carinho e teria sido um momento de grande emoção.

“Semana passada foi meu aniversário aí o pessoal fez uma surpresa para mim aí eu acho que ficou mais forte ainda, porque parece que eles ficaram muito tempo preparando a surpresa para mim, fizeram tão carinhoso assim, escreveram mensagens sabe? Então assim, ficou mais próximo ainda... escreveram tanta coisa linda para mim e foi delicado assim, eles fizeram uma cartolina e cada um foi escrevendo uma mensagem tão sensível sabe? Tão única pra mim, não aquelas mensagens prontas, não, sabe, mensagens assim profundas, personalizadas, e aí agora ficou mais difícil ainda separar deles, e eu acho que só agora eu consegui acessar essa emoção” (Isis, 5º ano).

Ao terminar sua fala, a participante estava bastante emocionada e então a diretora perguntou para Aurora se ela estava presente na festa e Aurora respondeu afirmativamente, que inclusive havia ajudado na organização. Quando Aurora terminou de falar, Isis reafirmou o quanto a festa de aniversário surpresa teria sido um momento iluminado para ela; dentre vários motivos, contou que todos os colegas presentes na ocasião disseram o motivo pelo qual ela era importante para eles, no decorrer do curso. Isis comentou que não “estava preparada para receber tanto amor” (sic) e estava sentindo dificuldade em deixar fluir essa emoção. A diretora então convidou Isis e Aurora para dramatizarem essa cena que tinham vivenciado.

Dramatização: a diretora apagou as luzes e pediu que Isis se conectasse com essa experiência, fechando os olhos, a fim de devolver para a “turma” o que estava sentindo nesse momento. Pediu ainda que Aurora fosse a representante de todos e sentasse ao lado de Isis, concretizando “a turma”. Aurora se levantou e sentou-se ao lado de Isis, que recomeçou a chorar, de olhos fechados. A diretora então pediu que ela imaginasse todos os colegas de sala em frente a ela, naquele momento, como no dia da festa de aniversário, e que dissesse a eles como estava se sentindo. Isis virou-se para Aurora, deu as mãos para a colega e disse, bastante emocionada:

“Vocês não sabem quanto amor eu sinto por vocês, o quanto essa surpresa foi importante...o quanto é importante receber o carinho que eu sempre dei para a sala, apesar dos pesares...o quanto foi essencial pra mim tudo isso... eu sempre tive muita ligação com a sala, eu sempre me doei muito, me sentia na posição de elo de ligação da sala, então sempre que teve alguma coisa era eu que resolvia, sempre que a sala se reuniu foi no meu aniversário, então é muita emoção receber de volta, eu não esperava receber de volta, muita emoção” (Isis, 5º ano).

Angélica pediu para Aurora se colocar como “turma”, o que ela teria a dizer para Isis. Aurora falou muito baixo e de forma emocionada, que ela merecia a homenagem, pois sempre foi uma amiga especial, sempre disposta a ajudar e estar com todos, sem discriminação, sem inimizades, e que ela era especial e merecia todo esse carinho. Disse para Isis: “eu te amo” e finalizou. As duas se abraçaram e permaneceram assim por alguns instantes, depois Isis disse para Aurora, ainda no papel de “turma do quinto ano”: “obrigada vocês”.

Compartilhar: após a dramatização, o grupo silenciou por dos minutos e a diretora pediu que Aurora retornasse ao seu lugar, para se desligar “do papel de turma”, e a participante disse que era melhor, pois estava muito tocada pela vivência realizada. Depois que Aurora voltou para onde estava sentada, a diretora pediu que os participantes se conectassem com o que estavam vivenciando, percebendo como estavam se sentindo em participar desse momento.

Após alguns instantes, Isis comentou que pôde perceber o quanto tem dificuldade para receber afeto das pessoas e que após a dramatização, percebeu a diferença em dar e receber, trocando verdadeiramente com os colegas.

Andressa pediu para falar, dizendo que toda a dramatização a deixou bastante emocionada, porque desde o primeiro ano de faculdade conhecia Isis (Andressa está no quarto ano, na turma anterior a Isis) em função de um programa de estágio que participaram juntas. Andressa devolveu para Isis que nunca conheceu uma pessoa tão humana e gentil como ela, e que aprendeu muito com Isis ao longo desses anos

de estágio, além de ter se espelhado muito nela, à medida que Andressa sentia dificuldade em falar em público e Isis a auxiliou bastante.

Isis se emocionou em ouvir Andressa e agradeceu suas palavras, dizendo para a colega que também aprendeu muito com ela no grupo de estágio de docência. A respeito de finalização do processo da pesquisa, Andressa revelou que sempre valorizou muito a oportunidade de participar do grupo, e que percebeu muitas pessoas de sua turma “frustradas” (sic) por não terem a chance de participar do processo, que foi feito por sorteio. Afirmou que foi uma oportunidade grande para aprender a “olhar nos olhos das pessoas e trocar” (sic), a compartilhar realmente os sentimentos em um grupo. Andressa citou uma cena vivenciada no grupo em que estavam em cima do palco e fizeram um exercício de olhar nos olhos para dizer uma saudação: “que bom que você está aqui”, e que esse momento era inesquecível para ela, pois pôde desafiar sua vergonha em “olhar nos olhos do outro” (sic).

Por esses motivos, Andressa notou que apesar de todas as dificuldades que teve para estar no grupo, aprendeu a falar com o outro, e não “do outro” (sic). Percebeu que aprendeu o sentido da Relação Eu-Tu que aprendeu nas aulas de Psicodrama da faculdade e que esse aprendizado foi significativo para ela. Nesse momento, quando a participante fez esse comentário, Tadeu brincou com Andressa, dizendo: “foi na aula hein?” (sic) e todos se descontraíram no grupo, rindo. Andressa respondeu sorrindo para Tadeu que foi à aula, gostou da teoria e vivê-la no grupo de universitários foi de grande aprendizagem humana.

O grupo silenciou por alguns instantes e então Ícaro pediu para falar, comentando com Isis sobre a vivência dela naquele dia. Devolveu para a colega que desde quando a conheceu na faculdade a percebeu muito determinada e talentosa, pois eles já tocaram e cantaram juntos em alguns eventos na faculdade. Ícaro disse a Isis que sempre sentiu uma energia positiva vindo dela, à medida que sempre a viu disposta em ajudar as pessoas.

A respeito do processo grupal, Ícaro disse que havia sido desafiador para ele à medida que sentia dificuldade em se colocar em “público” (sic), mas que aos poucos foi ganhando confiança e sentindo bem-estar em participar, aprendendo a compartilhar mesmo que um pouco de si mesmo. Comentou com o grupo que reconheceu ao longo dos encontros sua dificuldade em falar de si mesmo, pois em muitos momentos não sabia “bem o que estava sentindo” (sic) e não conseguia falar. Comentou que já teve mais facilidade em falar de si e que foi se fechando ao longo

da faculdade, mas que o grupo o ajudou a perceber esse “fechamento” e essa percepção foi positiva, à medida que agora desafia-se mais a se colocar, mesmo quando percebia “dramas muito maiores” (sic) do que os dele.

Em seguida, a diretora pediu que Aurora e Tadeu também comentassem como estavam se sentindo. Aurora começou dizendo que ficou emocionada com a vivência de Isis, pois são muito amigas desde o começo da faculdade e em muitos momentos o apoio de Isis foi fundamental para ela, por isso sente muita gratidão por tê-la conhecido. Pediu desculpas para Isis por ter “ficado no mundo dela, fechada” (sic) em alguns momentos, e que mesmo assim Isis soube respeitá-la, sabendo estar com ela nos momentos mais difíceis que passou ao longo do curso.

Tadeu disse para Isis que se identificava muito com ela no que dizia respeito ao modo de se doar para as relações, colocando-se sempre à disposição dos amigos. Tadeu comentou ainda que sentia muito carinho por Isis e que quando se encontravam na faculdade atualmente, sentia vontade de conversar e passar “um tempo” (sic) junto com ela, pois descobriu afinidade e intimidade com Isis e também com os demais integrantes do grupo. Agradeceu a todos que estavam presentes pelo processo vivido, pois aprendeu muito sobre ele mesmo ao longo do grupo, e que acreditava que essa troca humana tão profunda não teria sido possível na faculdade. Tadeu comentou ainda que ao longo de sua vida se “amaldiçoou” inúmeras vezes por ser tão afetivo com as pessoas, e que ao longo do encontro do dia fez as pazes com essa característica sua de ser um homem que gosta de “abraçar, ser amigo, ser próximo das pessoas” (sic), à medida que se machucou muitas vezes, e que o protagonismo de Isis tinha possibilitado que ele fizesse “as pazes” (sic) com ele mesmo.

Quando Tadeu terminou de falar, a diretora agradeceu todos e convidou para realizarem a finalização no palco. Depois que todos já haviam subido ao palco, a diretora pediu que caminhassem por alguns instantes, devagar e buscando uma atitude introspectiva. Após dois minutos, a diretora pediu que identificassem o que aprenderam sobre si mesmo no encontro do dia, e quando encontrassem uma palavra, que parassem no palco. Depois que todos ficaram imóveis, a diretora pediu que dissessem a palavra em voz alta:

Tadeu- encontro

Andressa- conquista

Isis- reciprocidade

Ícaro- empatia

Aurora- a vida

Depois que todos disseram sua palavra, a diretora pediu que voltassem a caminhar, deixando que essa palavra os conduzisse para outra busca, uma palavra que identificasse o que aprenderam uns com os outros naquele encontro.

Isis- psicodrama

Andressa- amor

Tadeu- amor

Ícaro- conquista

Aurora- amar

A diretora propôs um círculo e Isis disse que gostaria de abraçar todos os colegas presentes. Todos se abraçaram em silêncio e desceram do palco da mesma maneira. A diretora solicitou novamente que reforçassem com os colegas para todos tentarem vir no próximo encontro, que seria de avaliação e em seguida iriam combinar a continuidade do processo grupal para os interessados. Isis ainda perguntou para a diretora se não poderiam começar às 15h para terminar às 17h30 pois ela teria um compromisso às 18h. A diretora respondeu que poderiam tentar combinar com os outros participantes pelo grupo do whatsapp. Despediram-se uns dos outros e da diretora com abraços “silenciosos” e apertados.

4.14.2 Síntese temática do décimo quarto encontro

Tema 1- Conflito sociométrico entre os participantes do quarto ano

A participante Andressa revelou para a diretora a dificuldade de relacionamento que tinha com Ingrid antes do início do grupo, e que após a participação com ela no mesmo, pôde aprender a interagir com a colega na faculdade. Além disso, Tadeu, ao fazer uma brincadeira com Andressa ao longo da sessão, comentando que ela havia “ido à aula”, revelou um desconforto e modo crítico com a colega. Os conflitos entre Andressa e os colegas Ingrid e Tadeu apareceram como uma marca de todo o processo grupal.

Tema 2- Sentimentos despertados pela finalização da faculdade e reconhecimento da importância das amizades construídas

Ao comentar com o grupo sobre a festa surpresa de aniversário que recebeu dos colegas de sala, Isis revelou o afeto que sentia por todos os colegas, a importância da realização da faculdade de Psicologia em sua vida e a emoção sentida ao final da mesma, quando se viu encerrando esse ciclo muito importante de sua vida. Aurora também se emocionou durante a dramatização e reafirmou a importância do apoio afetivo recebido por Isis durante todo o percurso acadêmico, valorizando a amizade que desenvolveram e na qual se apoiaram durante o percurso acadêmico.

Tema 3- Aprendizagem de características pessoais:

A dramatização de Isis e Aurora despertou em Tadeu a compreensão de uma característica pessoal que o incomodava, o fato de ser afetivo e se relacionar com as pessoas de forma cooperativa, pois muitas vezes saiu machucado dessas relações. Tadeu revelou que aprendeu com Isis a se aceitar a ser um homem que gosta de abraçar e ser afetivo com as pessoas em sua vida. Ícaro também revelou ter percebido sua dificuldade em falar de si mesmo ao longo do grupo, pois muitas vezes não sabia dizer o que estava sentindo e que com o processo grupal pôde voltar a falar um pouco sobre os próprios sentimentos, revelando-se mesmo que com dificuldades.

4.14.3 Décimo quarto encontro: processamento

“Acho que vem o sofrimento de perder o espaço para falar sobre isso” (Isis, 5º ano).

Esse encontro começou de modo a revelar alguns desconfortos do processo grupal. A diretora e Andressa começaram a conversar primeiramente sobre as dificuldades dela em frequentar o grupo de maneira mais assídua. Andressa revelou dois desconfortos: o dia da realização dos encontros (sexta-feira) e as dificuldades vivenciadas com uma colega no processo grupal, apesar de ter aprendido a conviver com ela. Quando a diretora questionou a possibilidade desse conflito ser trazido à tona no grupo, a participante disse que não se sentia confortável.

Essa fala foi interrompida pela chegada dos demais participantes, e no momento da escrita do processamento, olhando retrospectivamente, a diretora se deu conta da dificuldade que viveu para enfrentar o conflito sociométrico que permeou todo o processo, entre Andressa, Ingrid e Tadeu. A pesquisadora se sobrepôs à

psicodramatista? Quer dizer, para proteger as relações dos participantes no contexto social, institucional, não problematizou esse conflito sociométrico que veio minando a verdade das relações grupais ao longo de todo o processo?

Com a desistência de participação de Felipe e Anahí, e as vindas alternadas de Andressa, estaria o grupo dividido ao meio? Ingrid, Tadeu, Ícaro, Aurora, Isis e Jéssica permaneciam presentes no processo grupal? Como esclarecer e enfrentar os conflitos vivenciados e dar sentido ao esvaziamento do processo?

O convite de realizar uma avaliação do processo grupal antes da saída definitiva de Anahí e Felipe revelou o desejo de alguns participantes de que não houvesse o encerramento do processo grupal, e a possibilidade de continuidade foi recebida por Tadeu, Isis e Aurora de forma positiva.

Aprender a encerrar o processo vivenciado surgiu como tema nessa sessão, e o fato de estarem vinculados entre eles trouxe à tona a dor de que o grupo formado para a realização da pesquisa precisasse ser encerrado antes da formação de outro, mais focado no processo psicoterápico, conforme demandado por alguns participantes.

Nesse encontro, Andressa pôde reafirmar outras dificuldades que enfrentou para participar do processo grupal: estar em grupo desde o início mostrou-se desafiador para ela, pelo fato de sentir vergonha de se colocar. Tal vivência foi corroborada por Ícaro, que também percebeu nele o quão desafiador foi a participação no processo grupal, à medida que precisou aprender a nomear os próprios sentimentos e vivências e se permitir falar de si mesmo em meio “a dramas mais pesados”.

A dramatização de Isis e Aurora, em que a cena da festa surpresa de Isis, preparada pelos colegas de sala, foi resgatada, revelou o profundo afeto sentido pelos colegas, demonstrando a importância das relações de amizade desenvolvidas por Isis, ao longo do processo de formação e a gratidão sentida pela oportunidade de realização do curso. Aurora pôde agradecer a amiga por todo o apoio recebido dela ao longo da faculdade, o que provocou um bonito encontro entre as duas.

A dramatização permitiu que Tadeu se reconhecesse em suas características pessoais, e o participante mostrou-se mais à vontade para exprimir esse afeto na relação com Isis.

O “início do fim” do processo grupal emergiu como uma realidade para todos, provocando um clima de despedida afetuoso ao final do encontro.

4.15.1 Décimo quinto encontro: descrição

Data: 22 de setembro de 2017

Participantes: Tadeu, Aurora, Isis, Ícaro, Ingrid, Felipe, Anahí, Jéssica

Ausentes: Andressa

Tempo de duração: 2h

Contextualização: antes do encontro, Andressa avisou a diretora que não poderia participar porque teria de viajar para sua cidade para ir ao médico. Pediu desculpas por não poder estar presente no encontro de avaliação. Ícaro avisou que se atrasaria pois participaria de uma seleção de estágio em uma empresa. Os demais confirmaram presença e chegaram no horário.

Aquecimento inespecífico: enquanto aguardavam a chegada de todos na sala de espera, os participantes conversavam animadamente entre eles a respeito de uma reunião ocorrida na faculdade, no departamento de Psicologia, em que a representante discente teria participado pela primeira vez, e comentavam sobre esse acontecimento. Quando a diretora fez o convite para entrarem no teatro psicodramático, Ingrid, Felipe e Tadeu continuaram conversando sobre o assunto a caminho do teatro, e continuaram falando por cerca de dez minutos sobre o tema, explicando para a unidade funcional o que havia ocorrido. Em seguida, a diretora convidou os participantes para fecharem os olhos e perceberem como estavam chegando no espaço grupal. Pediu que cada um dissesse uma palavra sobre como estava se sentindo nesse momento inicial.

Ingrid- cansada

Jéssica-preocupada

Tadeu- expectativa

Anahí- esgotada

Isis- leve

Aurora- concentrada

Felipe- entregue

A diretora comentou em seguida sobre a trajetória do grupo até chegarem ao décimo quinto encontro, em que puderam realizar um percurso bonito de pesquisa e

co-criação. Agradeceu a presença de todos, pois a proposta do dia era que pudessem realizar uma avaliação do processo grupal vivido, a fim de encerrar o grupo sociodramático com estudantes universitários e que havia a possibilidade de dar seguimento, até o final do ano, com aqueles que estivessem interessados em permanecer no grupo, em outro formato. Nesse momento, Ícaro chegou e pediu desculpas pelo atraso, acomodando-se no teatro. A diretora comentou ainda que considerou importante todos se encontrarem para trocar a respeito do processo vivenciado, a fim de construírem juntos uma compreensão do que haviam vivido e valorizarem o vínculo criado, assim como o afeto que circulava entre todos no grupo. Além disso, era importante simbolizar o fechamento desse ciclo, antes de dar início a outro. A diretora então convidou-os para falarem livremente como estavam entendendo esse convite e o que avaliavam sobre a própria participação no processo.

Tadeu foi o primeiro a se colocar, após alguns instantes de silêncio. Comentou que não sabia ainda muito bem o que dizer, mas que entendia que era importante um ciclo se encerrar antes de iniciarem outro, pois ele entendeu que começaram a fazer o grupo para falarem das vivências como estudantes e acabaram estreitando os laços e criando intimidade para compartilharem questões mais pessoais:

“A gente já estava tomando outro rumo, já estava deixando de ser voltado só para institucional e tal, e voltando mais para a gente, nossos sentimentos mais pessoais, então eu acho que é isso e foi rico demais, eu quero continuar” (Tadeu, 4º ano).

Logo que Tadeu finalizou sua fala, Isis contou para o grupo que havia entregado o trabalho de conclusão de curso na semana anterior e que no momento de escrita dos agradecimentos teria vivenciado intensa emoção; e dentre todas as pessoas que pôde agradecer pela sua conquista em se formar na faculdade, ela se lembrou muito do grupo de universitários, pois compreendeu a importância do processo grupal para ela, por diversos motivos. Primeiro, ela explicou para o grupo a importância de os encontros terem ocorridos nas sextas-feiras:

“E eu compreendi que esse grupo né, o que que eu avalio dele, que foi um momento de poder... é como se durante a semana, e foi muito legal ser na sexta, não sei se foi algo pensado ou se foi algo espontâneo que surgiu, mas ser na sexta-feira fez todo sentido, não sei se o pessoal concorda assim, tem um negócio que você já está muito cansado mas tem um negócio que você já viveu a semana inteira, então chegar aqui é um lugar assim, que foi pra mim, essencial, é como se durante a semana na faculdade, nos estágios, nas aulas, eu me enchesse, e enchesse ao ponto de supitar, e a hora que chegasse aqui, e tipo assim, sabe quando estava tudo flutuando? E esse grupo era o lugar onde tudo conseguia se encaixar, então é essa sensação que eu tinha que abria um tanto de gavetas, um tanto de coisas durante a faculdade, talvez um conteúdo muito denso, um atendimento muito denso, uma situação que acontecia lá muito assim e que ia ficando, abria lá um tanto de gavetas assim e aí de repente quando chegava aqui conseguia integrar, então é como se na faculdade, durante o dia a dia

da faculdade, eu tivesse que desintegrar de mim, não sei se o pessoal também faz isso, né? Mas tem alguns estágios que a gente tem, por mais que a gente vai com o coração tem hora que a gente não dá conta, então a gente tem que desintegrar um pouco, as vezes nas aulas; desintegra e tenta estar ali só de corpo presente, tenta absorver o mínimo necessário e aí eu acho que esse grupo foi fundamental assim, eu avalio como um suporte para poder integrar o que que eu vivi a semana inteira, sabe, integrar o que que eu to fazendo na faculdade, então eu acho que foi fundamental, essencial, o grupo, porque ele deu essa possibilidade de fazer com que a minha formação fosse minha, não fosse só algo para fora” (Isis, 5º ano).

Isis comentou ainda com o grupo como, a partir das vivências que tiveram nesse processo, ela ia conseguindo integrar e dar sentido ao que estava aprendendo na faculdade:

“Porque igual a questão de nota, de prova, de fazer um trabalho, fazer um relatório, você fica só colocando o que você tem e o que não tem para fora, e acho que aqui me ofereceu essa oportunidade de trazer o que eu produzi para fora e também reconhecer que ainda tem um pouco aqui que não foi tudo, o que que ficou disso, porque eu recebo um modelo de fora, elaboro dentro e produzo outro e muitas vezes eu me sentia assim, quando eu produzia, que é o resultado no final de semestre por exemplo, não sobrava nada em mim, porque eu joguei tudo para fora sabe? E aqui no grupo eu tive essa chance de elaborar, de processar isso e perceber o que, daquilo que eu produzi, ainda estava aqui, e o que que era essencial de tudo isso que eu fiz, que estava uma bagunça durante a semana que as vezes só resultava em cansaço, esgotamento, o que que isso repercutia aqui na minha vida, o que me fez é compreender pessoalmente e profissionalmente, assim, de uma forma integrada, acho que a palavra é essa” (Isis, 5º ano).

E por fim, comentou com o grupo como foi entendendo suas vivências acadêmicas e o sofrimento psíquico no interior de um contexto institucional específico, a faculdade de Psicologia, a partir das vivências grupais:

“O que eu avalio desse grupo foi a possibilidade de perceber o processo de ensino-aprendizagem e o processo de formação de forma integrada, poder estar integrado no que você está fazendo...perceber...porque quando você se torna consciente do seu sofrimento, o que está realmente te fazendo sofrer, chega aqui (aponta a cabeça e coração) e aí você consegue lidar...não vai acabar o sofrimento, mas você consegue se respeitar mais, achar alternativas, achar formas de sofrer menos, achar formas de buscar outras vias por exemplo, mas enquanto está só de fora a gente fica culpando ‘ah o professor que não sabe dar aula, ééé os estágios que é muita carga horária, e aqui eu conseguia trazer para mim e ver o que é isso, não é só de fora tem coisa minha também, o que eu posso fazer para sofrer menos? Não que seja minha culpa ou culpa do sistema, mas não é, são os dois, isso eu pude perceber em todas as vivências, foi nesse sentido que tinha tanto coisas da instituição que eu não concordava e ter espaço para falar sobre isso igual a gente falou muito, questões da instituição, que poderia ser diferente, mas também questões minhas que eu poderia lidar melhor com essas situações, como que eu poderia sofrer menos, diante de todas essas situações como eu poderia sofrer menos? Mesmo que eu não vou conseguir muda-las, as questões institucionais, que talvez é uma mudança demorada, o que eu fui fazendo ao longo do tempo foi vendo como eu posso sofrer menos? Me respeitando mais, e tendo consciência de como eu estou diante dessas situações, o que que essas situações estão repercutindo em mim...então eu acho que esse espaço para mim foi isso” (Isis, 5º ano).

Após a fala de Isis, o ego auxiliar pediu para sair por alguns instantes, a fim de tomar uma medicação para dor de cabeça, e enquanto estava fora da sala, a participante Jéssica disse que gostaria de compartilhar, mas que iria esperar o retorno

de Elaine. Todos concordaram e após um breve silêncio, Jéssica comentou com Isis que havia escrito os agradecimentos do TCC antes de fazer o texto inteiro, e que agora ao final havia mudado o que tinha escrito, dado o percurso difícil que realizou para escrever o trabalho. Felipe brincou com Jéssica que ela era “adiantada” e Tadeu, Ingrid e Isis se divertiram com o fato de ela ter se posicionado assim, modificando os agradecimentos. Após o retorno de Elaine, ego auxiliar, para o contexto grupal, Jéssica começou a se colocar:

“Eu queria falar assim que pra mim é muito difícil quando a gente fala de despedida porque eu não gosto de despedir, acho que ninguém gosta mais eu não queria me despedir de ninguém mesmo...mas eu também entendo que faz parte do processo e eu vou fazer isso mas não era o que eu queria não sabe? Me despedir de ninguém...eu acho que esse grupo, pra mim, foi o único grupo que eu pude existir de verdade, me vincular com cada um aqui e parece que em cinco anos eu nunca me senti inclusa realmente e aqui eu me senti inclusa, com cada um, de cada jeito, de cada forma e sempre tive muita vontade de vir aqui, de vir, de estar aqui, de aprender com cada um aqui, aprender comigo aqui, então acho que foi de uma importância indescritível não tem como explicar como foi o grupo pra mim e eu sinto que eu aprendi aqui, tanto no lado profissional, porque eu aprendi muitas técnicas de psicodrama e aí você vê e você fala assim nossa parece que tem uma coisa mágica sabe? E eu aprendi muito com isso, mas eu aprendi também muito comigo, com meu pessoal, com o grupo, de vínculo de grupo mesmo que é diferente de outros vínculos que eu tenho na vida, que ou é de uma pessoa, eu e outra pessoa, ou é eu e uma sala com quarenta pessoas, como é na faculdade, mas não um grupo assim menor que a gente realmente tem um grupo que eu sempre senti isso aqui com todo mundo....então eu aprendi demais aqui com o pessoal, comigo, muitas vezes ficou claro algumas questões minhas, ficou no palco, sabe assim? Ficou na minha cara, não tinha nem jeito de eu não ver, e eu aprendi demais aqui, quero demais continuar, mesmo que as vezes eu me desdobre em dez para estar aqui na sexta-feira, mas eu venho, eu quero vim” (Jéssica, 5º ano).

Jéssica comentou ainda que concordava com Isis sobre a pertinência do grupo ocorrer na sexta-feira, pois as vezes em que não houve os encontros grupais ela sentia que a semana não terminava.

“Quando não teve o grupo, aquelas vezes que foi feriado, eu tive uma sensação de que a minha semana não acabou, daí eu ficava assim vou esperar até a semana que vem para ter o grupo, daí parece que acabava a semana, parece que da uma sensação de encerramento da semana, de um rever o papel de universitário, ‘o que que eu to fazendo da minha vida’, sabe? O que que eu to fazendo na faculdade, o que que eu to fazendo como profissional? O que que eu to fazendo como estudante e como pessoa, que é o que eu estava colocando aqui, então eu acho muito importante estar aqui, quero muito continuar”. (Jéssica, 5º ano).

Jéssica finalizou sua fala dizendo para Anahí e Tobias que gostaria de transbordar esse sentimento de pertencimento para os dois e que sentia muito o desligamento deles. Quando Jéssica finalizou, novamente o silêncio, e a diretora comentou que estava se sentindo como na música “Encontros e Despedidas”, de Milton Nascimento. Cantou um trecho da música e foi seguida por Isis e Tadeu. Jéssica disse que gostava muito da música e que iria ouvi-la depois. Novamente,

silêncio e a diretora perguntou quem mais gostaria de compartilhar. Após alguns instantes, disse para Aurora que estava achando ela muito abatida. Aurora contou para o grupo que se sentia exausta e numa postura mais “racional” (sic), pegando “energia da reserva” (cis) para terminar o semestre e que nada em sua vida estava fazendo muito sentido para ela. Aurora afirmou que se via dentro de um “devir”: não sabia o que seria do futuro e o passado já estava indo embora. Comentou com o grupo que sentir-se assim causava medo, mas que ela entendia que todo final deveria ser assim, um devir, e que o grupo ajudou a suportar seu processo de “devir existencial” (sic). Comentou ainda que a experiência do grupo foi e era importante para ela:

“Eu queria dizer que aqui no grupo eu habito verdadeiramente, espontaneamente, é, sendo difícil ou não é sempre pra mim, eu sempre quero estar aqui, sou grata por isso, por cada um, pelo que cada um trouxe...esse conjunto forma essa unidade, eu sinto uma unidade aqui, uma unidade que não tira a unidade de cada um” (Aurora, 5º ano).

Aurora finalizou sua fala dizendo que como estudante sentia-se mal, pois comparada ao padrão do bom aluno percebia-se distante, e que terminava o curso procurando se convencer que fez o melhor que pôde, dada as suas circunstâncias familiares:

“Esses dias teve uma frase que me veio que era assim, o máximo que eu posso é o mínimo que é imposto...então estou tentando lidar com isso, porque engraçado que não é só na faculdade que tem isso, na família também, então é na instituição social, te cobram produção a todo momento, e o sentimento vira secundário e para mim ele é primário.” (Aurora, 5º ano).

Após a fala de Aurora, seguida por alguns instantes de silêncio, Jéssica virou-se para Ingrid e disse: “fala como você está, eu quero que você fala” (sic). Ingrid começou a rir e disse que estava sentindo-se perdida, sem saber o que falar. Percebia-se confusa na vida e estava sem palavras. A diretora então pediu para ela sentir o grupo, como poderia situar-se a partir daquilo que estavam conversando.

“É porque algo em mim mudou sabe? E isso me deixa muito emotiva então eu to emocionada, to emotiva então eu fico quieta porque eu não sei lidar com as minhas emoções...se eu parar aqui eu choro, mas eu não choro de tristeza, não choro uma dor, vou chorar é de felicidade, vou chorar é de muita emoção e foi muito bom aqui pra mim” (Ingrid, 4º ano).

Ingrid compartilhou que o processo grupal foi de grande transformação para ela e estava sem palavras para descrever o vivido, estava somente sentindo emoção. A participante silenciou por alguns instantes e depois recomeçou:

“É que tudo que a gente viveu aqui foi um processo aqui, foi, mas foi um processo tão maior que aqui, eu aprendi tanta coisa, tanto as pessoas que eu conheci, que a gente se aproximou, pessoas que eu queria conhecer mais, que eu só olhava o rosto lá na faculdade, a gente passava reto, não sei...tudo mudou sabe? Eu mudei e parece que aqui fez parte da minha mudança e eu olho isso e é algo que me emociona aí eu não sei dizer o que causa em mim, é estranho, é mais ou menos isso” (Ingrid, 4º ano).

Jéssica disse para Ingrid que compreendeu o que ela estava dizendo pois também se sentia como ela. Ingrid silenciou novamente e quando retomou, disse:

“Eu acho que eu estou aprendendo a ser verdadeira com meus sentimentos, e isso aqui é verdadeiro” (Ingrid, 4º ano).

Após a fala de Ingrid, Anahí pediu a palavra. Primeiro comentou sobre como foi para ela participar do processo grupal, dizendo o que pôde perceber sobre ela mesma:

“Primeiro eu queria falar sobre o processo do grupo, que foi muito diferente assim pra mim, pelo que eu me lembre assim foi realmente o primeiro grupo que acessou coisas minhas profundas assim né? E não sei me acrescentou em tantas, é difícil nomear ou falar aqui no momento, mudou muita coisa igual a Ingrid falou, mudou muita coisa em mim, é, desde o primeiro dia, quando a gente saiu lá fora, andando pelo jardim, assim, tudo, as pessoas aqui, a gente iniciou eu já conhecia todo mundo já mas esse grupo mais profundo a gente criou aqui e eu admiro todo mundo aqui, cada pessoa, cada indivíduo aqui, cada serzinho com suas particularidades é bonitas assim teve uma vez que eu estava muito cansada aqui, acho que foi uma das últimas vezes que a gente estava andando pelo palco, que eu vim, e eu não conseguia fazer nada, eu estava muito cansada, muito esgotada, mas eu estava bem em ficar observando cada um assim, como todos estavam se interagindo e eu me senti muito bem” (Anahí, 5º ano).

Anahí compartilhou ainda que quando o grupo teve início, sentia-se bem em compartilhar com todos as angústias da faculdade, sentia que compartilhava os sentimentos tristes e alegres de ser estudante, mas recentemente se isolou no grupo porque suas angústias, sua demanda emocional, não estão mais relacionadas à faculdade e por isso sentia-se fora do grupo, pois tem vivido questões pessoais “complicadas” e não está fazendo terapia individual.

“Só que, igual começou a proposta do grupo que foi essa questão da faculdade, que foi como estava afetando a gente é, as nossas angustias e felicidades também trazendo aqui é eu sinto que isso estava pegando muito, estava fazendo bem vir compartilhar vê que tinha pessoas que compartilhavam dos mesmos sentimentos, só que mais para o final do semestre eu senti que para mim as minhas angustias, a demanda já não estava sendo mais as angustias da faculdade, eu senti que eram coisas próprias minhas, individuais, e eu já estava ficando fora do grupo já, eu estava começando a me isolar e eu senti que eu tinha que voltar mais para mim, porque a dinâmica de um grupo é diferente de um individual, e eu sinto que a minha demanda no momento é individual, porque são coisas que estão pesando, muito em mim, e por mais que eu tenha criado um vínculo muito forte aqui com o grupo, são coisas que eu acho difícil até mesmo para mim enxergar quem dirá em expor para um grupo, então eu sinto que seria muito difícil para mim” (Anahí, 5º ano).

Anahí justificou para o grupo que por esse motivo não veio mais aos encontros, e apesar da gratidão que sentia por todas as vivências que tiveram, estava em um momento difícil de sua vida e com dificuldade de estar em grupo.

“Por mais que eu admire todas as coisas que eu passei aqui com o grupo, me fez muito bem, eu vi que chegou um ponto que não dava mais, porque eu senti que minha semana inteira é voltada para o externo, atender pessoas, ajudar pessoas, eu me sinto muito bem em fazer isso, mas parece que eu to sempre voltada para fora, para fora, para fora, e chegava aqui eu já não conseguia me expor muito e parecia que eu já chegava voltada para o outro, na dor do outro aqui então eu estava ficando muito cansada, porque eu já ficava a semana inteira nessa dor e chegava aqui mais angustia do outro quando compartilhava e parecia que eu estava voltando muito para os outros e nunca para mim, então eu cheguei nesse momento que eu decidi parar, por mais que eu goste muito de todos eu vim explicar porque que a minha demanda já não é mais para grupo” (Anahí, 5º ano).

Anahí afirmou ainda para os colegas que também não gosta de despedidas e que vir ao encontro encerrar sua participação foi difícil, mas que ela considerou importante em respeito ao percurso do grupo. A diretora devolveu para Anahí que respeitava sua decisão e que entendia seu posicionamento, e que apesar de sua saída demonstrou uma atitude de respeito e gratidão pelo grupo. Tadeu e Jéssica devolveram para Anahí que foi muito importante para eles ouvi-la, Jéssica agradeceu a colega pela coragem e compromisso com todos, afirmando que gostaria de dar um abraço coletivo nela. Anahí sorriu para a colega e agradeceu.

Em seguida, Felipe pediu para falar. Contou para o grupo que tem tido dificuldade em estar presente em todas as atividades da faculdade, principalmente nos estágios e que percebeu que teve um ano em que “fugiu de tudo” (sic) e não quis se conectar com nada, nem com ninguém. Compartilhou que apesar de todas as pressões institucionais, ele vem percebendo que sempre conseguia “burlar” o sistema e passar de ano, mais dessa vez está vendo de forma diferente e não gostaria de terminar a faculdade com a sensação de não merecimento.

“Bom a hora que você falou que fazem 15 sessões que está completando hoje eu tive o mesmo sentimento que vivi na quarta feira no estágio que eu fui assinar lá minha presença e eu olhei que no mês de agosto eu tinha que comparecer lá duas vezes por semana e eu acho que eu fui lá três vezes e aí eu to pensando aqui que nessas 15 sessões eu vim três ou quatro vezes e eu acho que o meu ano foi bem assim, eu acho que eu estava querendo fugir de mim o máximo possível, não querendo conectar com nada nem ninguém nem nada e quando eu pensava de vim aqui qualquer motivo era motivo pra mim não vim, então alguém se alguém quebrava o carro eu ia ajudar, se minha mãe precisava ir em algum lugar eu levava ela e não vinha, nenhum momento eu pensei ‘não eu tenho a obrigação de ir lá, e minha faculdade esse ano foi isso, foi uma fuga completa de tudo acho que a única coisa que eu não fugi foi do estágio com a Isis, e eu estava pensando que nós todos reclamamos que a gente faz tanta coisa na faculdade só porque é preciso cumprir tabela, precisa corresponder a certas normas internas lá da faculdade, tem que ter tantas horas, tirar tal nota, e a faculdade, nossa eu me senti tão bem lá e eu vou terminar assim fugindo? (Felipe, 5º ano).

Felipe continuou comentando suas dificuldades em vivenciar e aproveitar os estágios e as aulas durante o quinto ano, assim como não conseguiu aproveitar o grupo, pois tudo o que não queria era falar de faculdade:

“Eu sinto que eu não aproveitei os estágios como eu não aproveitei aqui o grupo né? Eu não consegui estar aqui...embora quando eu vim, das poucas vezes que eu vim eu estive aqui, consegui compartilhar e absorver o que cada um trazia, mas o vir pra cá era muito difícil pra mim, eu sabia que eu ia vim ouvir de faculdade e tudo o que eu não queria era ouvir de faculdade, eu fugi de mim, até quando você fala assim, para ver quem continua, nossa dá muita vontade de continuar de realmente fazer parte dessa experiência mas assim como a Anahí no momento eu não to disponível para o grupo igual o grupo merece, acho que é isso” (Felipe, 5º ano).

Quando Felipe finalizou, Jéssica disse que precisava dizer para ele o quanto sentiu sua falta no grupo de universitários, apesar de nunca ter sentido falta dele nas aulas da faculdade. O grupo se descontraiu e Tadeu exclamou: “nossa estava bonitinho” (sic) e todos riram muito pelo modo como Jéssica falou com Felipe. A diretora entrevistou nesse momento, pedindo para Jéssica comentar mais sobre porque sentiu falta do colega no grupo.

“Eu senti falta da sua presença aqui, porque me traz uma compreensão do ser humano, de questões muito pessoais, de uma compreensão e aceitação muito incondicional de cada um, e eu precisava muito de você aqui, eu senti muita falta de você...e eu preciso te perguntar uma coisa, você falou assim, que burla o sistema, mas como?” (Jéssica, 5º ano).

Tadeu riu do comentário de Jéssica e disse: “isso é tão natural” (sic). Felipe disse que quando comentou sobre burlar o sistema estava se referindo a ir fazer uma prova estudando um dia antes e tirar nota para passar, ou passar a noite escrevendo um relatório um dia antes de entregar e que ele estava considerando que com esse comportamento não aproveitou bem a faculdade, e que gostaria de ter aproveitado melhor as aulas e os estágios. Tadeu emendou dizendo que tinha ido naquele dia fazer uma prova lendo as anotações de uma colega e teria conseguido fazer a avaliação com tranquilidade.

Jéssica respondeu que atualmente esse modo de Felipe ser na vida a tocava demais:

“É isso que me toca em você...de alguma forma você me instiga porque assim, hoje tudo o que quero é aprender uma forma de burlar todo o sistema e nunca mais sofrer” (Jéssica, 5º ano).

Felipe respondeu para Jéssica que está tentando aprender a não burlar tudo, pois em alguns estágios gostaria de realmente vivenciar e aprender mais sobre os conteúdos acadêmicos.

“Com certas coisas não dá para enganar a si mesmo e eu não quero me enganar agora que chegou no momento final da faculdade, certas coisas que são muito importantes, igual essas matérias que eu acho interessantes, gostaria de aprender mesmo que isso implique em fazer de novo” (Felipe, 5º ano).

Tadeu disse para Tobias que se identificava com ele:

“Eu me identifico muito com o que o Felipe estava falando, com esse jeito dele sabe? Eu acho que tem muito a ver comigo também essa coisa tipo, eu também não me comprometo com muita coisa, faço de qualquer jeito, sempre dou um jeitinho e consigo dar um jeito e tem hora que eu penso assim ‘nossa como eu queria tomar um pau, sabe’? Pra ver se eu aprendo, pra ver se eu mudo o meu jeito e às vezes não muda e aí quando eu pego pra fazer alguma coisa que eu me forço assim e aí eu faço, vou estudar e alguma coisa assim, eu penso ‘veio porque que eu não fiz isso antes e aí eu fico muito puto comigo mesmo...ontem eu fui ler os textos da professora pra prova de hoje, li um pouco e aí eu fiquei assim, nossa que textos legais, eu gostei tanto, assunto interessante, psicossomática e eu pensei, ‘porque que eu não li isso antes, com calma, para discutir na aula e aprender’? Mas eu nem estava indo na aula direito, e se bobear nem tenho falta sabe? Está tudo certo e isso é horrível pra mim também...é muito ruim” ((Tadeu, 4º ano).

Felipe então reafirmou que se sentia mal quando tirava 10, pois não se considerava merecedor, haja vista que lê as anotações dos colegas horas antes da prova, comentando que gostaria de ser diferente e se sentir merecedor da nota 10.

Tadeu comentou ainda como estava se sentindo indignado com os colegas de sala, pois uma professora permitiu que fizessem uma avaliação em duplas e com consulta ao material da disciplina e muitos colegas estavam pesquisando na internet conteúdo da matéria, o que o deixou constrangido perante a professora. Felipe rebateu que provavelmente até a professora achava desnecessária a avaliação naqueles moldes e Anahí, Felipe, Tadeu, Aurora e Ingrid iniciaram uma discussão a respeito do tema das avaliações.

Aurora então disse que gostaria de se posicionar sobre como via as avaliações das disciplinas, pois percebia um certo exagero nas reclamações dos colegas de sala, que muitas vezes reclamavam dos professores “somente para reclamar” (sic). Ingrid concordou que a quantidade de reclamações dos colegas a deixavam irritada também.

“Eu não gosto de tanta reclamação sabe? Eu entendo que existem coisas que a gente tem que reclamar mas tem coisas que eu acho que só porque a gente não queria que fosse assim a gente reclama” (Aurora, 5º ano).

Tadeu deu um exemplo de um professor que desistiu de dar “boas aulas” (sic) na sala dele, pois implicou com a sala devido à quantidade de reclamações. Anahí acreditava, a respeito desse assunto, que ou estão na posição de vítimas ou de contraventores do sistema:

“Mas eu acho que esse modo de ser assim da gente a gente aprende por conta do sistema, ou a gente é a vítima, ou a gente está passando a perna para se sair bem, porque você é sempre a vítima, você sempre está com tanta coisa para fazer, tanto trabalho, prova, enfim aí quando você tem a oportunidade de sair bem, uma oportunidade de passar a perna, de burlar de certo modo, você vai e faz, você não consegue ter um equilíbrio, todo mundo aprende a sobreviver assim no sistema” (Anahí, 5º ano).

Felipe emendou que funcionava assim, na sua percepção, porque o importante seria conseguir tirar nota dez. Junto com ele, Aurora emendou que os professores também são parte do sistema e devem responder ao mesmo, devendo promover aprendizado. Citou o exemplo de uma professora que passou um trabalho interessante e todos da sua sala reclamaram, e ela ficou chateada porque gostava da professora e do trabalho que ela passou.

Felipe, Tadeu, Ingrid e Aurora começaram a falar ao mesmo tempo e a diretora interrompeu, dizendo que estava entendendo uma discussão sobre aprender a se comprometer consigo mesmo, a fazer as próprias escolhas.

Ingrid disse que estava aprendendo a fazer o que gosta com qualidade e Isis complementou, dizendo que estava aprendendo a fazer “as coisas” com sentido, porque se sentia mais integrada à vida. Entretanto, percebeu durante a faculdade que até os professores solicitavam trabalhos que pareciam não fazer sentido nem para eles, pois um docente do curso nunca deu devolutiva dos trabalhos realizados pelos alunos.

O grupo se agitou e começaram a falar ao mesmo tempo sobre esse professor. A diretora interviu, pedindo para Ícaro falar um pouco de si, à medida que se aproximavam do final da sessão. Ícaro disse que se identificava muito com Tadeu e Felipe, e que até o terceiro ano de faculdade não estudava muito porque tirava notas com facilidade. Mas que no quarto ano passou a sentir necessidade de parar de “procrastinar” (sic), apesar de sempre ter tirado notas boas mesmo procrastinando, no momento sentia mais vontade de ser um aluno mais organizado, buscando manter as leituras em dia e não faltar das aulas.

“Eu acho que a faculdade passa muito conteúdo, muita matéria e não aprofunda muito em quase nenhuma, é um semestre de uma matéria, um semestre de outra e não aprofunda em nada aí eu sinto que você sabe um monte de coisa e não sabe nada, é o que eu acho, que eu sinto...agora sobre a minha vida mesmo eu continuo sendo muito procrastinador” (Ícaro, 5º ano).

Ícaro afirmou ainda que todo o processo do grupo teria sido de grande aprendizagem para ele e que gostaria de continuar vivenciando esse processo com

os colegas. Elaine, ego auxiliar, também se colocou na sequência, dizendo também perceber as dificuldades do processo de profissionalização, principalmente porque é um processo que exige escolhas e renúncias, e um aprendizado de se comprometer com aquilo que “nos chama” (sic). Hoje ela percebia que profissionalmente estava se comprometendo com o caminho do Psicodrama.

Em seguida, a diretora convidou os participantes para subirem ao palco. Isis pediu licença para sair mais cedo pois teria um compromisso. Despediu-se de todos e saiu da sala.

Todos subiram ao palco e a diretora pediu que caminhassem pelo mesmo, mais atentos a si mesmos. Depois pediu que se olhassem, reconhecendo a presença de cada um no palco e deixando toda a conversa grupal ecoar no corpo. Pediu que cada um encontrasse uma imagem dentro de si que revelasse algo aprendido sobre si mesmo no processo grupal. E que quando encontrassem, que parassem de caminhar, observando a imagem de olhos fechados. Depois que todos se aquietaram no palco, a diretora os convidou para fazerem um solilóquio, começando com a frase:

“Eu aprendi aqui no grupo...”

Após dois minutos de silêncio, Aurora começou:

Aurora: “eu vejo cada um em si, eu vejo cada um com o outro, eu vejo as partes, depois eu vejo o todo, eu sou o que sou porque somos todos juntos”.

Felipe: “eu aprendi que eu também posso subir no palco”.

Jéssica: “olha que bonito a gente aqui, falando com nossos botões e com o botão de cada um, de cada cor e de cada jeito...e aprendendo a ser “ser humano”, só sentindo de peito aberto, que bom que a paz seria, que bom que a paz será”.

Ícaro: “eu aprendi a começar a falar sobre mim”.

Ingrid: “eu aprendi a dar liberdade aos meus sentimentos, quando eu dou liberdade aos meus sentimentos, eu sou livre, e se eu sou livre eu sou fiel a mim mesma, então ser o que eu sou é ser livre”.

Anahí: “eu aprendi a ter um olhar mais apurado da beleza interna de cada um”.

Tadeu: “eu aprendi a não colocar tanto peso nas coisas, que as coisas podem vim e eu recebo elas e deixo elas fluírem”.

Depois que todos realizaram o solilóquio, a diretora pediu que se movimentassem e voltassem a caminhar pelo palco. Depois a unidade funcional também subiu ao palco e a diretora fez o convite para realizarem um círculo, de mãos dadas. Sugeriu que cantassem a música que Jéssica se lembrou e cantaram duas

vezes “que bom que a paz seria, que bom que a paz será, que boa parceria essa aqui que a gente está fazendo aqui nesse lugar”.

Em seguida, a diretora agradeceu a todos pela presença, pela disponibilidade e disse que a presença deles havia tornado possível o processo de pesquisa e as vivências de transformações possíveis. Agradeceu a entrega de todos ao processo. Perguntou como gostariam de se despedir de Felipe e Anahí, e Jéssica sugeriu que se dessem um abraço coletivo. Após alguns instantes no abraço, Felipe disse que estava se sentindo como em um barco, balançando. A diretora pediu que todos fechassem os olhos e se percebessem nesse barco, que estava prestes a aportar.

Após alguns instantes, abriram os olhos, começaram a se despedir com abraços, descontraidamente. Desceram do palco e depois de cinco minutos ainda conversando entre eles e com a unidade funcional, foram embora.

4.15.2. Síntese temática do décimo quinto encontro

Tema 1- Aprofundamento do processo grupal extrapolando os dramas do papel de estudante universitário

Tadeu referiu-se ao fato de o grupo ter se iniciado com a proposta de abordar as vivências acadêmicas e ter se aprofundado, abrindo a possibilidade de trabalhar questões mais pessoais e vinculadas a outras temáticas que não somente o papel de estudante, o que motivaria o desejo dele de continuidade no grupo. Por outro lado, Anahí destacou que quando o grupo se iniciou, por ser voltado mais para o papel de estudante, ela aproveitou os encontros para trabalhar as angústias desse papel, mas que ao longo do processo, questões mais pessoais foram emergindo, o que impedia, na percepção da participante, a continuidade dela no processo, por não sentir que o grupo seria o espaço adequado para ela trabalhar conflitos pessoais.

Tema 2- Sentimento de integração das vivências acadêmicas ocorridas ao longo da semana por meio do grupo

Isis revelou como os encontros do grupo às sextas-feiras promoveu para ela um sentimento de integração das vivências realizadas na faculdade ao longo da semana. Segundo a participante, tudo o que havia sido vivenciado ao longo dos dias, na faculdade, em que muitas vezes ela não se sentia presente integralmente, pôde ser depois retomado no grupo, ganhando um sentido ampliado. Segundo a

participante, o processo vivido no grupo ofereceu a oportunidade dela compreender e integrar o que estava vivenciando na faculdade.

Tema 3- Compreensão do sofrimento psíquico provocado em função das vivências acadêmicas e auto- responsabilização para encontrar saídas para as dificuldades

Na percepção de Isis, a participação no grupo permitiu que ela tomasse consciência daquilo que a fazia sofrer no contexto acadêmico, passando a formular suas questões, dificuldades e desafios pessoais, o que muitas vezes não representava a solução para os problemas, mas já amenizava o sofrimento, trazendo novas possibilidades de olhares para aquilo que estava sendo vivenciado. Essa percepção de Isis também foi corroborada por Jéssica, que revelou ter compreendido mais das próprias questões pessoais durante as vivências no grupo que permitiram que ela enxergasse os próprios desafios de uma maneira nova. Jéssica afirmou também que o vínculo que construiu no grupo proporcionou a ela um sentimento de pertencimento grupal que nunca havia experimentando.

Tema 4- Sentimento de respeito à individualidade de cada um dos participantes

Aurora revelou que se sentiu muito à vontade no decorrer do processo grupal e que conseguiu habitar o grupo com muita espontaneidade, por sentir que aprendeu com todos os participantes e formaram uma unidade em que as diferentes individualidades foram respeitadas.

Tema 5- Mudanças pessoais durante o processo grupal

Ingrid revelou para o grupo o quanto as vivências grupais extrapolavam o contexto do grupo e permitiram que ela tivesse ganhos significativos em sua vida pessoal, pois aprendeu mais sobre os próprios sentimentos; pôde conhecer melhor as pessoas da faculdade que conhecia somente de vista e estreitar vínculos com os colegas, e que sentiu grande transformação em si mesma.

Tema 6- Percepção de estreitamento de vínculos com colegas da faculdade apesar da dificuldade de participação:

Anahí destacou que apesar de já conhecer todos os participantes do grupo na faculdade, pode estreitar os vínculos e conhecer melhor os colegas durante as vivências do grupo. Revelou também que apesar de suas dificuldades em realizar algumas propostas vivenciais do grupo, o fato de estar presente observando a

interação dos colegas muitas vezes proporcionou bem-estar e alívio do cansaço e esgotamento.

Tema 7- Sentimento de desorganização perante as vivências acadêmicas e dificuldade de participação no grupo

Felipe revelou para o grupo as dificuldades pessoais pelas quais estava passando e que inclusive estavam atrapalhando sua frequência à faculdade, o que se estendeu ao grupo, pois não se sentiu disposto a compartilhar e ouvir sobre vivências acadêmicas.

Tema 8- Angústias suscitadas pelo comportamento procrastinador

Felipe, Tadeu e Ícaro reconheceram muita angústia quando procrastinam a realização de atividades acadêmicas, revelando como se sentiam pouco comprometidos e presentes com as atividades da faculdade, como ler os textos para assistir às aulas e fazer as provas com antecedência. Apesar desse comportamento, percebiam êxito nas atividades, conseguindo aprovação nas disciplinas mesmo procrastinando. Revelaram dificuldade de organização para desempenhar as atividades propostas no tempo estipulado pelos docentes.

Tema 9- Percepção do padrão de atuação reproduzido pelos alunos: vitimização e contravenção

Jéssica questionou Felipe como ele conseguia burlar o sistema acadêmico e ainda assim se sair bem, o que provocou uma discussão a respeito do modo de atuação do papel de aluno. Aurora afirmou que percebia muitas vezes os alunos reclamarem dos professores somente por reclamar e Ingrid concordou com a colega. Anahí revelou a percepção de que os estudantes ou estão se colocando na posição de vítimas do sistema educacional ou de contraventores, burlando o modo ideal de realização das atividades. Nesse sentido, Isis argumentou que estava aprendendo a fazer as atividades acadêmicas que mais aprecia com qualidade e sentido, pois já havia entendido que não seria possível realizar todas as demandas acadêmicas desse modo mais integrado.

4.15.3 Décimo quinto encontro: processamento

“Mas eu acho que esse modo de ser assim da gente a gente aprende por conta do sistema, ou a gente é a vítima, ou a gente está passando a perna para se sair bem, porque você é sempre a vítima, você sempre está com tanta coisa para fazer, tanto trabalho, prova, enfim aí quando você tem a oportunidade de sair bem, uma oportunidade de passar a perna, de burlar de certo modo, você vai e

faz, você não consegue ter um equilíbrio, todo mundo aprende a sobreviver assim no sistema” (Anahí, 5º ano).

O movimento e o processo do grupo, na perspectiva de cada um dos participantes, constituíam-se no convite desse dia para a realização do encontro.

Após o retorno das férias de julho, em que não retornaram para os encontros grupais Bruna e Felipe, e as faltas alternadas de Anahí e Andressa, a diretora foi questionada periodicamente por Jéssica, Ingrid, Tadeu e Ícaro sobre a continuidade dos três colegas no processo. Apesar de todas as tentativas da diretora de marcar uma entrevista individual para conversar com eles sobre as dificuldades que estavam vivendo e um possível desligamento do grupo, somente Bruna compareceu à mesma, desligando-se efetivamente do grupo. Felipe, Anahí e Andressa disseram que continuariam, mas Felipe continuou faltando, Andressa e Anahí alternando as faltas. Por fim, Felipe e Anahí optaram pela não continuidade no processo e avisaram a diretora antes do décimo quinto encontro. Nesse sentido, a unidade funcional entendeu que seria importante convidá-los para a sessão de avaliação do processo de pesquisa e despedida dos dois integrantes, à medida que havia o desejo de alguns de continuarem com o processo grupal, o que seria combinado posteriormente à avaliação e finalização da pesquisa.

Em resposta ao convite, Felipe e Anahí vieram se despedir e após ouvi-los, Jéssica e Tadeu manifestaram gratidão pelos colegas terem vindo e explicado os motivos pelos quais não puderam continuar participando do grupo. Durante a avaliação, emergiu o desejo de alguns em continuarem com os encontros grupais, mais livres para trabalharem questões pessoais e não somente aquelas ligadas ao papel de estudante. O que justamente era diferente do desejo de Anahí, que manifestou por diversas vezes sua dificuldade em estar presente no grupo em função de questões pessoais, que não gostaria de trabalhar no processo grupal. Por outro lado, Andressa não compareceu à sessão de avaliação, o que acabou impedindo também o enfrentamento das questões relativas aos conflitos sociométricos e a resposta negativa ou positiva dela acerca da disponibilidade em continuar no grupo.

Ao longo da avaliação do processo, Isis revelou como o processo do grupo ofereceu suporte na elaboração de suas próprias questões, seus próprios problemas, como estudante. Afirmou ainda que todo o processo vivenciado as sextas-feiras permitiu que ela integrasse as vivências acadêmicas, dando sentido para suas

experiências e fazendo com que sua formação fosse para ela mesma. Devolveu para o grupo que todo aquele espaço havia sido importante para ela integrar sua vida acadêmica e problematizar o sofrimento vivido, mesmo que às vezes não houvesse resoluções rápidas para o mesmo. Jéssica concordou com Isis e reafirmou a importância do processo vivenciado para ela, e que sentiria muito a falta dos encontros grupais. Aurora também se colocou de forma a avaliar seu processo no grupo, dizendo ter percebido como conseguiu habitar espontaneamente esse espaço, e que percebeu o quanto as individualidades foram respeitadas ao longo do processo.

Ingrid estava emocionada e reafirmou a importância do grupo para ampliar sua percepção a respeito de si mesma e do que estava vivenciando como aluna, mas também como pessoa, extrapolando suas dificuldades nesse papel, pode também ser perceber em outras dimensões de sua vida. Ícaro revelou como foi desafiador aprender a falar de si e se expor no grupo, pois muitas vezes, teve dificuldade de definir o que estava vivendo e sentindo. O grupo permitiu que aprendesse mais sobre ele mesmo, a elaborar suas questões pessoais, mesmo que silenciosamente.

A revelação de Jéssica para Felipe, de que sentiu muito a falta dele nos encontros grupais, pois gostaria de ter aprendido mais com ele, provocou uma discussão no grupo acerca das diferentes possibilidades de ser estudante universitário, externalizando dificuldades, dúvidas, anseios, o que foi problematizado por Anahí como a possibilidade de estarem no papel de outras maneiras, não como vítimas ou contraventores do sistema educacional. Nesse sentido, Isis revelou uma conquista realizada ao longo do processo: conseguir problematizar a vida acadêmica de forma a realizar as atividades com sentido e, por esse caminho, revelou como o grupo de universitários se constituiu em um espaço, em sua percepção, para dar vazão aos problemas acadêmicos, mais do que para resolvê-los.

E foi em um movimento terno e alegre que o décimo quinto encontro chegou ao final, permitindo que todos expressassem de que maneira aquele espaço havia contribuído para o processo de formação e enfrentamento dos problemas acadêmicos e do sofrimento psíquico, que, ao se revelar, pôde também se transformar.

5 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

5.1 AS SÍNTESES TEMÁTICAS: DIÁLOGO COM A LITERATURA

A fim de discutir as diversas sínteses temáticas produzidas a partir das sessões grupais, e em diálogo com a literatura sobre as vivências acadêmicas, foram criados os seguintes eixos temáticos de discussão: 1) pessoal, 2) vocacional, 3) social e 4) acadêmico. Os eixos foram desenvolvidos de forma a abarcar a singularidade das experiências reveladas pelos participantes ao longo do processo grupal e conforme já mencionado, dialogar com a literatura apresentada na introdução.

Segundo Soares, Almeida e Ferreira (2000), o conceito de vivência acadêmica engloba quatro dimensões: acadêmico, social, pessoal, vocacional. Cada uma dessas dimensões busca englobar, conceitualmente, os diferentes desafios do desenvolvimento humano que emergem especificamente em contexto acadêmico/universitário, objetivando contemplar as diferentes demandas a que são submetidos os jovens estudantes durante essa etapa do ciclo vital e relacionadas especificamente ao processo de formação profissional. No decorrer do curso universitário, os estudantes podem apresentar vulnerabilidades nessas áreas, indicativas de não adaptação ao contexto acadêmico e desencadeadoras de sofrimento psíquico.

A dimensão pessoal está ligada ao desenvolvimento de aspectos como autoestima, autoconhecimento, identidade e a percepção de mundo. Para Almeida e Soares (2003), os anos universitários devem concorrer para o estabelecimento de um forte sentido de identidade, de um maior conhecimento de si próprio e o desenvolvimento, por parte do estudante, de uma visão pessoal do mundo. A dimensão vocacional inclui a necessidade de desenvolvimento, durante o período universitário, de uma identidade vocacional, em que a especificação, implementação e o comprometimento com determinados objetivos vocacionais parecem assumir particular importância. Destaca-se assim a importância de avaliar o nível de engajamento do aluno com o curso e a futura profissão (SOARES et al., 2016).

Já no nível social, os autores acreditam que os anos passados na universidade demandam o desenvolvimento de um padrão de relacionamento interpessoal mais maduro com a família, com os professores e os colegas, com o sexo oposto e com as

figuras de autoridade (ALMEIDA, SOARES, 2003, p. 19). Na dimensão acadêmica inclui-se a necessidade de desenvolvimento de novos ritmos de trabalho e de estratégias de aprendizagem, objetivando a adaptação às demandas do Ensino Superior, assim como a adaptação constante ao novo estatuto de aluno e aos novos sistemas de ensino e avaliação.

Para Soares et al (2016), essas dimensões das vivências acadêmicas envolvem comportamentos desejados pelos estudantes como obter êxito nas avaliações por meio de boas notas, fazer novas amizades, desenvolver boas relações com os professores, participar de eventos sociais e estabelecer metas futuras de carreira.

Eixo temático de discussão 1: desafios relacionados ao desenvolvimento pessoal

Nesse eixo de discussão, estão incluídos os temas emergidos nas sessões do grupo e que foram entendidos como relacionados aos aspectos do desenvolvimento pessoal e emocional dos participantes com interferência nas vivências acadêmicas, como as questões referentes à autoestima ou visão de si mesmo como pessoa atuante no mundo. Refletem-se aspectos pessoais apresentados pelos participantes em que aparecem revelando as diversas idiossincrasias; tomando consciência de características pessoais que apresentaram nas atividades do grupo e com as quais tiveram de lidar ao longo do mesmo, sejam elas relativas a dificuldades ou potencialidades pessoais. Nesse sentido, esse eixo de discussão objetiva promover um diálogo entre os conteúdos que emergiram no grupo, a partir dos desafios oriundos das vivências acadêmicas e que provocaram a necessidade de desenvolvimento pessoal por parte dos estudantes, especificamente o que a literatura denomina como a necessidade de estabelecimento de um forte sentido de identidade durante os anos universitários; de um maior conhecimento de si mesmo para o desenvolvimento de uma visão pessoal do mundo e o desenvolvimento da autoestima.

Pesquisas referidas durante a introdução do presente trabalho apontam que a especificidade do período de desenvolvimento em que se encontram os estudantes universitários deve ser considerada para a compreensão das experiências acadêmicas e o impacto das mesmas na saúde física e mental dos discentes (SILVA, 2010; OSSE, 2013).

Segundo Osse (2013), há múltiplas abordagens possíveis para a compreensão do desenvolvimento humano ao longo do ciclo vital. A autora acredita que esta diversidade de análise é a melhor ilustração da existência de um potencial de plasticidade no desenvolvimento humano ao longo da vida, como consequência natural da interação recíproca entre um indivíduo ativo e um mundo em mudança. Algumas perspectivas encontradas na literatura, pela autora, enfocam a importância do contexto social no desenvolvimento humano. Durante todo o ciclo vital, o indivíduo é desafiado a estabelecer novas relações consigo mesmo e com o mundo e a superar limitações. Para Osse (2013), não seria possível compreender as angústias vivenciadas pelo jovem estudante universitário sem a compreensão dos aspectos vitais que marcam esse período do desenvolvimento humano. A autora adota o conceito de jovem adulto para fazer referência à população de jovens com idades entre 18 e 25 anos e destaca como essa fase do desenvolvimento humano é marcada pelo aparecimento de importantes mudanças fisiológicas, cognitivas e sociais, que ocorrem ao mesmo tempo em que o jovem passa a tomar decisões marcantes em sua vida. Nesse período, estabelece-se uma busca de senso de identidade, emergindo padrões de comportamento marcados por fatores como dúvida, instabilidade emocional e conflito de papéis e todos esses fatores desencadeiam muita angústia no jovem.

É nessa fase que o jovem começa a deixar para trás a dependência da infância e adolescência, mas sem ainda assumir totalmente as responsabilidades que fazem parte dos papéis sociais e expectativas dos adultos. Para que o desenvolvimento transcorra de maneira saudável, se faz necessário o estabelecimento da autonomia, confiança em si mesmo, iniciativa e produtividade. A busca por um novo senso de identidade passa pela tomada de consciência de um novo espaço no mundo e o surgimento de uma nova realidade, em que o jovem experimenta confusão de conceitos e perda de certas referências de vida que carregava até esse período. O jovem encontra-se nesse momento explorando os próprios potenciais, acalentando grandes sonhos e muita esperança, contando com sua própria capacidade para conduzir seu processo existencial e completar vazios existentes nas bases de sua experiência de vida. Aparecem oportunidades para reavaliar situações tanto da infância quanto do momento presente e o modo como irá explorar suas capacidades pessoais será fundamental na busca pela autonomia. São vivências de compreensão e afirmação de si mesmo nas diversas relações com o mundo, de maior autonomia e

independência com relação aos pais e a possibilidade de intimidade nas amizades e nas relações românticas; aparecem também novas oportunidades de vida que irão constituir a nova identidade do jovem, possibilitando que assuma novos papéis sociais. Todo este processo faz parte do desenvolvimento normal das experiências de vida, em que ocorrem a descoberta e a afirmação de si mesmo, podendo despertar estados de ansiedade, tornando o jovem vulnerável à instalação de sofrimento psíquico.

Na perspectiva da autora, o jovem que vai para a universidade é suscetível ao sofrimento psíquico por dois fatores: essa fase de desenvolvimento em que se encontra e a condição de estudante universitário. Nesse novo papel, deverão desenvolver novas redes sociais, vivenciar a separação da família e antigos amigos, serão expostos a mais exigências acadêmicas, sendo que ao mesmo tempo, estão passando pelas tarefas do desenvolvimento expostas anteriormente (OSSE, 2013).

Tema de discussão 1: O cuidado de si e o desenvolvimento da autoestima

O quadro a seguir apresenta as sínteses temáticas oriundas das sessões que se relacionam aos diferentes desafios pessoais vivenciados pelos estudantes em função das demandas da vida acadêmica e que revelaram modos de relacionamento consigo mesmo e com o próprio corpo.

Quadro 3- Sínteses temáticas relativas ao Tema 1- desenvolvimento da autoestima

Temas	Encontro
Tema 1- O (des) afeto por si mesmo	1º Encontro
Tema 3- Conflitos despertados pelas atividades vivenciais de grupo realizadas na faculdade	3º Encontro
Tema 4- Experiências de rejeição, discriminação e preconceito vivenciadas pelos participantes durante adolescência	3º Encontro
Tema 1- Importância do grupo sociodramático como suporte emocional para vivências pessoais e acadêmicas	4º Encontro

Fonte: elaborado pela autora.

Foram incluídos nesse tema de discussão as sínteses temáticas em que os participantes revelaram um modo destrutivo e crítico de relacionamento consigo

mesmos enquanto estudantes universitários, marcado por um sentimento de excessivo auto- cobrança e falta de paciência com as próprias dificuldades.

Nesse sentido, a atividade corporal de autocuidado realizada no aquecimento da primeira sessão permitiu que Aurora, Tadeu e Anahí entrassem em contato com um certo distanciamento de si mesmo e do próprio corpo, revelado pela percepção de que estavam relacionando-se consigo mesmos, como estudantes, de um modo destrutivo, com sentimento de auto- cobrança e falta de paciência. A fala da participante Aurora resumiu de forma enfática o que pôde ser apropriado com essa atividade:

“E foi bem forte ver também é a questão do tocar a si mesmo como o Tadeu e a Anahí falou porque ééé, o jeito que eu tenho lidado comigo mesma, como estudante também, tem sido algo bem destrutivo assim né... eee eu acho que até para o estudante a gente tem que ter paciência com a gente mesmo não se autocobrar tanto, entender seu tempo e eu não tenho feito isso, então ser estudante pra mim tem sido difícil e poder me tocar e me sentir com afeto, porque eu senti afeto por mim mesma aqui foi muito importante pra mim é...e associar éé no jeito que eu to lidando comigo mesma como estudante então eu fiz essa associação” (Aurora, 5º ano).

A fala de Aurora parece destacar um modo destrutivo de relacionar-se consigo mesmo como estudante, revelando a auto- cobrança vivida nesse papel e sugerindo a dificuldade de entender e se permitir ter o próprio tempo para vivenciar as demandas acadêmicas, o que parece provocar falta de paciência consigo mesma e um modo destrutivo de relação com o próprio corpo. A respeito dessa temática das práticas de autocuidado em estudantes universitários e como pode ocorrer um abandono das mesmas durante a formação universitária, a pesquisa de Bonifácio et al. (2011) com 17 estudantes de 4º e 5º ano de Psicologia encontrou resultados semelhantes, destacando como a estrutura da grade curricular do curso de Psicologia, em que as aulas acontecem em período integral e acarretam uma série de atividades extras para além da sala de aula, acabam causando sobrecarga nos estudantes, apresentando-se como um fator estressor com intenso impacto na saúde mental dos discentes, especialmente, no modo de cuidado de si mesmo e enfrentamento do estresse. Os alunos participantes do estudo revelaram que em função da intensa rotina de atividades acadêmicas, que os levavam a dedicar a maior parte do tempo à faculdade, acabavam abandonando ou adiando a realização de atividades físicas ou de lazer que seriam importantes modos de enfrentamento do estresse provocado pelas vivências acadêmicas. Os estudantes relataram o abandono e/ou a falta de tempo para dedicar-se a atividades de autocuidado ou mesmo a atividades de lazer, como realizar um

curso de instrumento musical, sair com amigos e visitar familiares, destacando-se o impacto das contingências do Ensino Superior na saúde física e mental dos participantes da pesquisa.

Pode-se destacar nesse sentido, que quando os três participantes da presente pesquisa retomaram, na primeira sessão do grupo, o bem-estar físico e psicológico que sentiram durante a realização da atividade de autocuidado, destacaram também que fazia tempo que não se tocavam com afeto e cuidado, ou dedicavam tempo para práticas de autocuidado consigo mesmos. A ausência de atividades físicas ou atividades de autocuidado aparecem na literatura como um dos fatores de impacto na saúde dos discentes universitários (SILVA, 2010). Nesse sentido, a simples proposta de automassagem realizada na primeira sessão do grupo despertou um maior afeto e percepção de falta cuidado físico de si nos participantes, revelando como exercícios simples de atividades corporais puderam ter benefícios terapêuticos para os mesmos.

Panache (2003) conceitua o desenvolvimento pessoal como o processo de mudanças, em intensidade ou direção, de aspectos cognitivos, psicológicos, culturais, sociais e físicos ocorrido durante o período em que o estudante permanece na universidade. A autora defende a importância da compreensão do como e do quanto as vivências acadêmicas favorecem/dificultam a promoção da autoconfiança, responsabilidade, independência, autoconceito e sociabilidade dos estudantes universitários, além da importância de avaliar a atenção consigo mesmo que o estudante desenvolve ao longo de seu percurso na universidade. Essa última característica busca refletir a preocupação do indivíduo com seu bem-estar físico e psicológico durante os anos de estudos universitários, além de abordar a percepção do aluno sobre seu processo de amadurecimento após o ingresso na universidade. Em sua pesquisa com 122 alunos de diferentes áreas do saber (Ciências Humanas e Artes; Ciências Biológicas e Saúde; Ciências exatas e Tecnológicas) da Universidade Estadual de Campinas, objetivando analisar diferentes aspectos das vivências acadêmicas que influenciam no desenvolvimento pessoal dos estudantes, a autora destaca como significativo o percentual dos participantes da pesquisa que acreditavam terem mudado para pior em relação à atenção consigo mesmo após o ingresso na universidade. Assim, a preocupação com a prática de atividades físicas, o lazer, a alimentação e o vestuário foram os fatores que sofreram maior queda após a entrada na universidade, e a falta de tempo foi considerada a principal causa de descuido consigo mesmos.

Outro estudo a respeito de práticas de autocuidado em estudantes universitários foi realizado por Menezes, Fiorentin e Bizarro (2012), que objetivaram explorar o interesse de estudantes de graduação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul pela prática da meditação e os motivos para esse interesse. Dentre os aspectos apresentados pelos alunos para participarem da pesquisa, destacaram-se os benefícios emocionais e cognitivos obtidos por meio da prática da meditação sentada e silenciosa: os benefícios emocionais foram caracterizados pelos participantes como a vontade de aprender a lidar melhor com aspectos como ansiedade, estresse e depressão e com a possibilidade de adquirir melhorias na qualidade de vida. Já na categoria benefícios cognitivos, os respondentes relataram uma motivação voltada para o aperfeiçoamento de habilidades como concentração e atenção. Os autores concluem indicando como intervenções desse tipo podem ser oferecidas como atividade aplicada de pesquisa e extensão, atendendo a diversas demandas e objetivos; dentre eles, o desenvolvimento emocional e cognitivo do estudante universitário.

Além das dificuldades na prática do cuidado de si, os participantes da presente pesquisa revelaram as dificuldades relacionadas à própria autoestima, quando confrontados com a necessidade de exposição de si em contexto social, em que foram mobilizados sentimentos de vergonha, auto rejeição e resistência às atividades vivenciais realizadas na faculdade. Tais dificuldades apareceram interligadas a diferentes vivências de rejeição e preconceitos pelas quais passaram durante a infância e adolescência, que segundo os participantes, criaram marcas negativas no modo de ver a si mesmo, provocando insegurança sobre o próprio valor pessoal.

O protagonismo de Andressa vivenciado na terceira sessão fez ecoar no grupo o drama do processo de diferenciação de si mesmo com relação a quem era ela antes de entrar na universidade, em como se via e como se colocava no mundo, e como as vivências acadêmicas provocaram a necessidade de transformação do drama pessoal: assumir a própria voz e se colocar no grupo alavanca a necessidade de assumir-se a si mesmo, a própria voz, enfrentando o medo da exposição de si e consequente reprovação social.

Pode-se depreender desse dado como a experiência de sofrimento emocional de estudantes no contexto acadêmico se constitui na interação complexa de fatores subjetivos e objetivos. Questões de ordem mais subjetivas, relacionadas às condições pessoais do sujeito, como a timidez, a baixa autoestima e a ansiedade interagem

constantemente com aspectos do contexto educativo como o processo de ensino-aprendizagem, a avaliação de desempenho e a reprovação. A dinâmica interativa entre características de ordem mais pessoal, como a timidez e a baixa autoestima, pode provocar sofrimento quando confrontadas com as demandas da vida acadêmica, como a necessidade de exposição diante dos colegas e professores. Conforme pôde ser observado com o protagonismo de Andressa vivenciado na terceira sessão do grupo, o medo da reprovação social e da rejeição pelo outro aparece como fonte significativa de sofrimento para alguns estudantes universitários (CAIXETA; ALMEIDA, 2013).

O contexto acadêmico apresenta diversas características e demandas que causam impacto no desenvolvimento psicossocial dos estudantes, exigindo que o mesmo se torne competente intelectual, social e emocionalmente. Além disso, os anos universitários parecem proporcionar, na perspectiva de Almeida, Soares (2003), que o estudante fortaleça o próprio senso de identidade, estabelecendo maior estabilidade e integração do self, desenvolvendo aceitação pessoal, tanto no que se refere à imagem corporal, como ao gênero e à orientação sexual, ocorrendo valorização pessoal, da autoestima e maior satisfação com os papéis de vida desempenhados. Vê-se que esse processo não irá ocorrer no vazio, mas se dará em um contexto repleto de demandas e nesse sentido, os estudantes vão se deparar com a necessidade constante de desenvolvimento pessoal e diferenciação de si mesmo, experimentando demandas como a de se mostrar e de ser visto, ser reconhecido e posicionar-se neste contexto, além da necessidade de construir um saber sobre si que permita ter mais clareza das próprias potencialidades e limitações. Os estudantes experimentam situações que despertam a necessidade de crescimento pessoal e diferenciação de si, que pode ser acompanhada pelo sofrimento.

Pode-se pensar, nesse sentido, que quando existe a possibilidade de o estudante trabalhar o que as atividades acadêmicas despertam em termos de conflitos pessoais, como ocorrido na sessão do grupo, se favorece um aumento no autoconhecimento, o que pode oferecer sustentação às frustrações vividas em contexto acadêmico, com consequente enfrentamento do sofrimento psíquico. Na perspectiva de Matos (2013), a formação profissional perpassa a formação pessoal, numa dinâmica de permanente construção da identidade e personalidade. No processo de consolidação da identidade pessoal em sintonia com a construção de uma identidade ocupacional, ocorre interação desses aspectos com diversas

questões da vida do universitário que podem ocasionar situações conflituosas e de sofrimento psíquico.

Os dados apresentados no tema de discussão 1 buscaram evidenciar os aspectos revelados pelos participantes da presente pesquisa que se referiram a práticas de cuidado de si e a experiências que remeteram à necessidade de desenvolvimento da autoestima. Tais vivências foram reveladas e trabalhadas em diferentes sessões do grupo, evidenciando a necessidade de oferecimento, por parte das instituições de ensino e formação, de espaços que promovam possibilidade de autocuidado dos estudantes universitários, permitindo que se fortaleçam física e emocionalmente e desenvolvam um modo mais cuidadoso de se ver e se relacionar consigo mesmo. Na quarta sessão do grupo, por exemplo, as participantes Bruna e Jéssica relataram a importância do grupo de pesquisa para que trabalhassem as questões pessoais despertadas em função das vivências acadêmicas, à medida que não estavam realizando psicoterapia e o grupo estava funcionando como um espaço terapêutico de suporte. Nesse sentido, serviços de apoio ao estudante que ofereçam atendimentos psicoterápicos, individuais ou em grupo, a fim de atender às dificuldades de ordem emocional dos estudantes, são amplamente sugeridas pela literatura, para o suporte às necessidades de desenvolvimento pessoal dos estudantes em decorrência das vivências acadêmicas (ANDRADE et al., 2016; OSSE, 2013; RAMOS et al, 2018).

Tema de discussão 2: A descoberta de si mesmo e a possibilidade de maior autoconhecimento

Quadro 4- Sínteses temáticas relativas ao Tema 2- A descoberta de si mesmo.

Temas	Encontro
Tema 3- Reconhecimento das mudanças pessoais vivenciadas ao longo do percurso da faculdade	1º Encontro
Tema 4- Relatos de transformações vivenciadas ao longo do curso de Psicologia	7º Encontro
Tema 1- Descoberta de si mesmo no processo grupal: a descoberta dos próprios limites, das cobranças internas e do próprio ritmo de trabalho.	9º Encontro
Tema 2- As dificuldades em ser espontâneo nas relações sociais: a necessidade de vir	9º Encontro

com fala pronta para o grupo e a dificuldade de exposição no contexto grupal	
Tema 4- A importância da dramatização para promover autoconhecimento e reconhecimento do eu	9º Encontro
Tema 2- A demanda por psicoterapia individual	11º Encontro
Tema 3- A perda da espontaneidade infantil na vida adulta	12º Encontro
Tema 3- Aprendizagem de características pessoais	14º Encontro
Tema 4- Mudanças pessoais durante o processo grupal (15º Encontro)	15º Encontro

Fonte: elaborado pela autora.

Nesse tema de discussão, foram incluídas as sínteses que revelaram o processo de transformação e desenvolvimento pessoal vivenciado pelos participantes ao longo do curso e que puderam vir à tona ao longo do processo grupal, sendo oportunizada a possibilidade de integração das mesmas.

Os participantes Isis, Ingrid, Tadeu, Anahí, Felipe, Aurora revelaram, no sétimo encontro; assim como Ícaro, na primeira sessão, um sentimento positivo vivenciado ao tomarem consciência do processo de transformação que vivenciaram ao longo do curso, pois puderam resgatar durante a sessão as modificações vivenciadas e reconheceram não sentir mais semelhanças com quem eram no início da faculdade. Foi no contexto do sétimo encontro que Jéssica revelou uma percepção negativa das próprias mudanças pessoais experimentadas ao longo da faculdade, quando Felipe comentou com a colega o quanto ela também havia se modificado, e que talvez estivesse precisando “aceitar” as mudanças vividas:

“E a faculdade de psicologia é muito, bom eu não fiz as outras, né? Mas eu acho que é muito, precisa ser assim, né? Não tem como você passar incólume a ela, só com as teorias e aprender uns negócios...nossa, se você não viver o negócio e eu acho que é muito isso, não tem jeito de você ser a mesma, eu vejo isso lá na faculdade, todo mundo assim, e você mesmo, você mudou durante a faculdade e agora tem que aceitar, ver o que é essa mudança, ter uma compreensão disso, porque é muito, você vê, é tanta vivência, tanto desafio você lidar com outras pessoas, nossa é muito, te tira, cada dia, assim, cada semestre, te tira uma pele e fica aquela pele nova, meio sensível assim, mas que vai virar casca que vai virar outra coisa, mas é realmente, sei lá, eu acho que a faculdade é muito foda, muito foda” (Felipe, 5º ano).

Pode-se afirmar que os participantes puderam, ao longo dos encontros, resgatar muitas percepções sobre o quanto tiveram a oportunidade de descobrir o próprio potencial ao longo do curso, ao entrarem em contato com as diferentes disciplinas e conteúdos acadêmicos, diferenciando-se de quem eram antes da entrada no mesmo. Nesse sentido, revelaram um processo de crescimento pessoal em função do contato com disciplinas e conteúdos acadêmicos especificamente relacionados à compreensão da subjetividade humana.

Os participantes revelaram como diferentes experiências singulares e positivas vivenciadas na faculdade desencadearam um processo de desenvolvimento pessoal: Isis revelou como o fato de ter se destacado algumas vezes como a melhor aluna do curso era especial para ela, pois via nesse fato a oportunidade de descoberta do próprio potencial; ou ainda encontrar um sentido para a própria vida estudando os conteúdos acadêmicos e superando um sentimento de vazio existencial, como revelaram Isis, Anahí e Felipe. Apareceu também a percepção de conquista de maior liberdade para “ser quem se é”: Anahí pôde reconhecer como conseguiu abandonar o uso de antigas máscaras e ser mais autêntica na relação consigo mesma e com as outras pessoas. São experiências narradas e percebidas, durante o processo grupal, e que contam de um sentimento de grande transformação pessoal.

Tais dados revelados durante os encontros da presente pesquisa se assemelham aos apresentados por Panache (2003). Discutindo a importância dos estudos universitários na vida dos jovens e investigando o impacto da vivência universitária no desenvolvimento pessoal do aluno, a pesquisadora problematizou, a partir dos dados de sua pesquisa com 122 alunos de diferentes áreas da Universidade Estadual de Campinas, o quanto as expectativas iniciais dos jovens estudantes com relação ao desenvolvimento profissional e acadêmico apresentaram baixos índices de satisfação. No entanto, esses mesmos universitários que buscavam o Ensino Superior em busca de qualificação profissional, após alguns anos na universidade apontaram os relacionamentos pessoais e o crescimento pessoal como os aspectos mais significativos da vivência universitária, encontrando poucas menções ao crescimento profissional como fator de satisfação. Com relação aos fatores de desenvolvimento pessoal percebido pelos estudantes da pesquisa, 89,34% dos participantes afirmaram mudanças pessoais relacionadas à autoconfiança, percebidas especialmente pelo desenvolvimento de atitudes mais seguras, responsáveis e independentes. Os estudantes afirmaram também o desenvolvimento de um maior senso de

responsabilidade, a conquista de maior independência e um aumento no autoconhecimento, passando geralmente a se aceitar de um modo melhor, compreendendo seus limites, aspirações, capacidades, defeitos e qualidades. A autora conclui a partir desses resultados como os aspectos mais voltados a características pessoais, como personalidade e atitudes foram aqueles que os estudantes mais perceberam mudanças no decorrer das vivências acadêmicas, destacando a contribuição dessas experiências ao processo de desenvolvimento pessoal dos estudantes.

Por outro lado, as experiências vivenciadas ao longo do percurso acadêmico também provocaram sentimentos negativos e conflitos no modo dos estudantes da presente pesquisa verem a si mesmo, relatados como dúvidas a respeito das próprias características e capacidades pessoais. Nesse sentido, Jéssica revelou em sua fala no 7º encontro uma percepção sobre perdas de características pessoais em função das vivências acadêmicas- da própria sensibilidade e confiança na relação com as pessoas, em função das experiências de rejeição interpessoais vivenciadas durante a faculdade; Felipe revelou em alguns encontros suas dúvidas a respeito da própria capacidade de ser psicólogo, em função de um sentimento de desorganização na própria vida. A influência negativa das vivências acadêmicas no que tange ao desenvolvimento pessoal dos alunos também foram discutidas na pesquisa de Pellá e Magnabosco-Martins (2018) com estudantes do terceiro ano de Psicologia, que argumentaram como os estudantes desse curso podem desenvolver uma sensação de insuficiência pessoal em seu processo de formação profissional, especialmente por se sentirem pressionados para dar conta, com desenvoltura, de todas as demandas vivenciadas no curso, percebidas pelos estudantes como exaustivas e excessivas.

Os participantes avaliaram a importância das vivências realizadas nos encontros grupais para ampliarem autoconhecimento e reconhecerem os próprios limites no papel de estudante, à medida que puderam se deparar com as cobranças internas para desempenhar esse papel conforme os padrões institucionais. Nas vivências grupais, puderam problematizar essa identificação com a cultura institucional e abriram a possibilidade de perceber a si mesmo na relação com essa cultura, buscando um modo mais singular de desempenhar o papel de aluno no contexto institucional específico do qual faziam parte. Por exemplo, reconheceram a dificuldade em realizar as tarefas acadêmicas no próprio ritmo de produção, devido ao excesso de atividades para realizar em um curto período de tempo. Esse

aprendizado permitiu aos participantes um maior reconhecimento de si mesmo e abriu a possibilidade de desempenharem o papel de aluno a partir das próprias particularidades, e não somente buscando identificação com as exigências institucionais, promotoras de sofrimento emocional na percepção dos mesmos.

Para Gomes, Araújo, Comoniani (2018), a competição e as formas de relações sociais de reclusão e exclusão entre os alunos, podem ser entendidas como derivadas do não acompanhamento ou correspondência aos padrões e processos educacionais desenvolvidos pelos professores, pautados em elementos das dinâmicas institucionais e pedagógicas. O sofrimento psíquico que se produz nos alunos, a partir da percepção de não correspondência a esses padrões institucionais, também foi encontrado na pesquisa desses autores com 10 estudantes de cursos da área da saúde de uma Universidade Federal do Sul de Minas Gerais.

Outro aspecto problematizado pelos participantes nos encontros da pesquisa foi a necessidade de ter falas prontas e adequadas para apresentar no grupo; a dificuldade e a vergonha em se expor no contexto grupal ou ainda a dificuldade em falar de si mesmo, pois muitas vezes não sabiam dizer o que estavam sentindo e o próprio processo grupal permitiu aprendizado emocional. Apareceu também a vergonha sentida pela percepção de características pessoais: por exemplo, ser um homem afetivo e cooperativo nas relações, que gosta de abraçar as pessoas, comportamento mal visto nas relações sociais e que acaba provocando a perda da própria espontaneidade e da livre expressão, o que acarreta um sentimento de cansaço contínuo, em função do esforço para desempenhar o papel de aluno de modo mais adequado aos padrões sociais.

O processo vivenciado no grupo também foi percebido como promotor de mudanças pessoais por uma participante que aprendeu a identificar mais os próprios sentimentos, e ao nomeá-los, se percebeu mais aberta para as relações sociais, menos desconfiada das pessoas.

A demanda por psicoterapia individual foi por diversas vezes reafirmada durante o processo grupal, à medida que o processo de transformação pessoal provocado pelo contato com os conteúdos acadêmicos relacionados à subjetividade humana e o atendimento de pacientes em sofrimento psíquico demandam um constante processo de transformação de si mesmo, de integração e compreensão das próprias características de personalidade e conflitos emocionais. Pelo próprio modo de funcionamento da dinâmica grupal psicodramática, as questões pessoais puderam

muitas vezes emergir, mas nem sempre puderam ser trabalhadas com profundidade, conforme a demanda do grupo naquele encontro/sessão. Fica evidente, nesse sentido, a demanda dos estudantes de Psicologia pelo atendimento psicoterápico a fim de trabalhar questões pessoais que emergem durante o curso, conforme também discutido por outros autores (ANDRADE et al., 2016; OSSE, 2013).

Como o contato com os diversos conteúdos acadêmicos suscita diferentes transformações nos alunos, parece fundamental um espaço de escuta no contexto acadêmico que se abra para dar lugar à integração das múltiplas formas de viver e singularizar aquilo que é aprendido. Atenção ao modo como os estudantes vão processando a aprendizagem e integrando-a à própria vida; afinal, se novos modos de ser são produzidos, tais percursos de experiências, como mostram os dados da presente pesquisa, não são vivenciados sem sofrimentos e emoções que reviram os estudantes, os colocando em um fluxo contínuo de interrogação de si, de busca por novas composições e modos de ver a vida, o mundo e a si mesmo. É desafiador, mas se bem encaminhado, pode gerar crescimento. Na mesma perspectiva, Pellá e Magnabosco Martins (2018), acreditam que o contexto universitário promove, além da formação acadêmica, profissional e intelectual do aluno, a formação de sujeitos, de modos de viver, de vidas; dizendo de outro modo, são vidas em formação. E nesse sentido, vale questionar como a universidade tem contribuído para aspectos do desenvolvimento pessoal dos alunos, especificamente no que se refere a espaços de promoção de saúde mental e de fortalecimento da autoestima, de uma diferenciação de si mesmo e compreensão dessa transformação.

Eixo temático de discussão 2: desafios relacionados à dimensão vocacional

Nesse eixo de discussão, foram incluídas as sínteses temáticas produzidas a partir dos encontros grupais em que os participantes revelaram aspectos, sentimentos, expectativas voltadas à construção da identidade vocacional; em que se interrogaram e se perceberem na condição de estudante de Psicologia e futuros profissionais. Apareceram dúvidas e sentimentos de ansiedade a respeito do futuro profissional, revelando-se as preocupações dos estudantes a respeito do desempenho do papel profissional, ou mais especificamente, a necessidade de discutir questões relativas à definição de metas de carreira e a entrada no mercado

de trabalho. A literatura apresenta a dimensão vocacional das vivências acadêmicas como a necessidade de desenvolvimento, durante o período universitário, de uma identidade vocacional, destacando-se a importância de avaliar o nível de engajamento do aluno com o curso e a futura profissão, assim como atenção ao desenvolvimento de projetos vocacionais, de aptidões e perspectivas (OLIVEIRA, MORAIS, 2015; SOARES et al, 2016). Nesse sentido, durante o percurso acadêmico, podem aparecer dúvidas vocacionais nos estudantes que se não forem trabalhadas, podem ser fonte de sofrimento psíquico e de evasão, de onde advém a importância de serviços de apoio ao estudante que ofereçam suporte para a construção dos projetos profissionais dos estudantes, ou ainda, que procurem estabelecer junto aos mesmos a ligação entre o que se aprende na faculdade/universidade e o mundo do trabalho (RAMOS et al., 2018).

Tema de discussão 1: A construção do papel de psicólogo

Quadro 5- Sínteses temáticas incluídas no Tema 1- a construção do papel de psicólogo

Temas	Encontro
Tema 4- Sentimento de gratidão e realização por estar no curso de Psicologia	1º Encontro
Tema 2- Identificação e afirmação dos próprios anseios e buscas como estudante universitário	2º Encontro
Tema 2- Sentimento de falta de sentido da sessão de fotos do quinto ano: vivências acadêmicas relacionadas ao encerramento do curso	7º Encontro
Tema 5- Vivências de dúvidas profissionais antes da faculdade	7º Encontro
Tema 6- Vivências de dúvidas sobre o futuro pessoal e profissional	7º Encontro
Tema 4- Vivências relacionadas à finalização da faculdade e incertezas acerca do futuro profissional	10º Encontro
Tema 4- Ansiedade a respeito do futuro profissional	12º Encontro

Fonte: elaborado pela autora.

Especificamente sobre a escolha pelo curso, Felipe, Aurora e Tadeu relataram como se deu o processo de escolha para cursarem Psicologia. Para Felipe, o curso foi sua terceira experiência de graduação, e antes disso abandonou dois cursos diferentes. Aurora começou a fazer outra graduação e deixou no segundo ano, após uma pausa de um ano, resolveu fazer Psicologia. Tadeu revelou que fez cursinho para

se decidir entre Psicologia e outro curso e acabou optando pela mesma. Os três participantes revelaram satisfação com a escolha realizada, apesar de que para Felipe, havia certa ansiedade a respeito da futura atuação profissional. Nesse sentido, Jéssica e Felipe revelaram a ansiedade que sentiam com a proximidade do final do curso e as preocupações acerca do futuro profissional, pois emergiram dúvidas se seriam capazes de assumir a profissão e encontrar um caminho de atuação profissional. Esse sentimento já havia sido revelado, de modo incipiente, no início do sétimo encontro, quando comentaram sobre a sessão de fotos para a formatura e como essa se constitui em uma vivência dissociada, indicando a importância de cuidado com as vivências de término experimentadas ao final do curso. Jéssica e Ícaro compartilharam as vivências contraditórias experimentadas ao final do processo de formação, em que parecia se misturarem a produção do trabalho de conclusão de curso com as expectativas relacionadas ao futuro profissional. A escolha do TCC apareceu como um momento que provoca ansiedade e sofrimento psíquico e de certo modo parece se entrelaçar com as incertezas sobre o futuro profissional, em que já se questionam o que farão como “psicólogos”.

As vivências reveladas pelos estudantes podem ser compreendidas na perspectiva apresentada por Gondim, Bendassoli e Peixoto (2016), que compreendem o processo de construção da identidade profissional exigindo um papel ativo do estudante, embora seja fundamental o suporte oferecido pela universidade na construção desse papel. Quando os estudantes estão mais próximos do final do curso, apresentam preocupações com as reais possibilidades de futura inserção no mercado de trabalho e nesse sentido seria importante as ações de suporte desenvolvidas pela universidade, a fim de facilitar na definição de metas de carreira e no desenvolvimento da identidade profissional. Seria importante o estabelecimento, nas universidades, de espaços de reflexão acerca dos conhecimentos técnicos e as habilidades humanas legitimadas no contexto social como própria à determinado grupo profissional, permitindo que os jovens estudantes se apropriem desse conhecimento, a fim de reconhecerem e se sentirem seguros a respeito das próprias características fortes que vão oferecer condições de exercício do papel profissional. Dentro dessa perspectiva, o domínio de um “corpo de conhecimento teórico e técnico é um elemento chave, e a identificação afetiva com o que se crê poder fazer e ser está na base da identidade profissional” (IDEM, IBIDEM, p. 226).

Essa identificação afetiva com o que se crê poder fazer, destacada pelos autores, aparece como um fator determinante para o que estudante esteja fortalecido no momento da saída da universidade, e a influência de professores e supervisores é significativa nesse processo, assim como o modo de relação que estabelecem com estudantes tendo em vista a futura atuação profissional:

“Ambos, professores e supervisores, apresentam-se como “modelos” profissionais e influenciam de modo significativo a motivação e o nível de aprendizado adquirido pelos estudantes durante o curso. Se esses modelos profissionais são fortes e confirmadores de um nítido delineamento do campo profissional, os estudantes sentem-se mais motivados a aprender conceitos e práticas que oferecem maior aplicabilidade em situações cotidianas de trabalho” (idem, ibidem, p. 227).

Observa-se assim a importância da relação professor-aluno também na construção da identidade profissional e minimização da instalação do sofrimento psíquico oriundo da constituição do papel profissional, à medida que é nessa relação que os estudantes podem identificar-se afetivamente com posturas do campo profissional e orientar as escolhas de carreira.

Outro aspecto observado na presente pesquisa foi durante o compartilhar realizado na primeira sessão, em que as participantes Bruna e Laura comentaram o sentimento de gratidão que vivenciaram, ainda no palco, por estarem no terceiro ano de Psicologia, pois se perceberam nesse momento confirmando a certeza pela escolha do curso e superando as dificuldades que vivenciaram até conseguir chegar à faculdade. As duas participantes puderam reafirmar, nesse momento, a importância da realização do curso de Psicologia e como estavam satisfeitas com o percurso realizado até o terceiro ano, convictas de que haviam escolhido a profissão correta para elas. A respeito dessa temática, a literatura afirma que a escolha e a satisfação com o curso frequentado destacam-se como um aspecto relevante para promover uma melhor adaptação e integração do estudante à faculdade e às atividades acadêmicas. Nesse sentido, estudantes universitários com maiores expectativas se expõem a mais atividades no contexto acadêmico e conseguem obter melhores resultados, à medida que se mobilizam bastante para participar das diferentes atividades oferecidas pela faculdade, o que pode gerar uma ampliação de visão a respeito do mercado de trabalho e de perspectivas profissionais (PELLÁ, MAGNABOSCO-MARTINS, 2018; OLIVEIRA, MORAIS, 2015).

A busca de afirmação do próprio caminho como estudante revelou-se na fala de Jéssica, durante o segundo encontro, quando comentou sobre o trabalho de

conclusão de curso e toda a problemática envolvida na escolha do tema e do referencial teórico-metodológico, destacando como essa é uma escolha que a estava mobilizando e desafiando. Jéssica trouxe em diferentes sessões questões relacionadas à finalização do trabalho de conclusão de curso, assim como as dificuldades vivenciadas na área de Psicologia Organizacional que a deixaram frustrada e com dúvidas a respeito de qual área deveria realmente seguir no futuro percurso profissional, à medida que havia escolhido a prática nas empresas e apesar de todo o esforço como estagiária e na elaboração do TCC sobre essa prática profissional, em que havia se empenhando na elaboração de metas de carreira, não se percebia tendo sucesso nessas tentativas e não recebia feedback positivo da orientadora/supervisora. Destaca-se nesse sentido a importância de os professores trabalharem questões referentes à construção da identidade vocacional dentro da sala de aula, ao abordarem conteúdos acadêmicos, ou mesmo quando realizam orientação de trabalhos acadêmicos, no intuito de integrar a realização das atividades cotidianas dos alunos com um aspecto importante da formação profissional, justamente a dimensão vocacional. Afinal, dentre as diversas demandas a que é submetido ao longo de seu percurso acadêmico, assumem particular importância os desafios relacionados à construção de sua carreira futura, desenvolvendo habilidades técnicas e pessoais para passar pelas transições entre os estudos e o trabalho (AMBIEL; SANTOS; DALBOSCO; 2016).

Na perspectiva de Ramos et al. (2018), seria fundamental o estabelecimento de serviços de apoio ao estudante universitário que auxiliassem, além da promoção de adaptação à vida acadêmica, no desenvolvimento de habilidades ao estudo e ao sucesso profissional, preparando o estudante para a realidade que irá encontrar quando concluir seu curso superior e ingressar no mercado de trabalho. Uma prática importante, nesse sentido, seria a oferta de programas de educação para a carreira, que consiste em uma modalidade de orientação profissional que deve ser desenvolvida de forma sistemática, para estabelecer a ligação entre o que se aprende na faculdade/universidade e o mundo do trabalho.

Dentre os programas de apoio ao estudante desenvolvidos na atualidade, destaca-se o Programa de Tutoria e Mentoring desenvolvida por tutores e mentores e adotada em escolas médicas no Brasil e no mundo (MURAKAMI et al., 2018). Dentre diferentes objetivos, o Programa de tutoria e mentoring desenvolvido pelas autoras em um centro de apoio ao estudo de uma instituição superior pública no interior do

Estado de São Paulo, visa a identificar as motivações do estudante para a profissão e dirigi-las adequadamente, auxiliando-o a ter uma perspectiva real sobre a prática profissional. Nesse sentido, a relação de tutoria pode oferecer ao aluno um momento adequado para a discussão da identidade profissional em desenvolvimento, e pode favorecer um menor sofrimento na vida acadêmica (IDEM, IBIDEM).

Na presente pesquisa, apareceram dúvidas vocacionais e ansiedades a respeito do futuro profissional apresentadas pelos participantes do quarto e quinto anos, que já se mostravam bastante interessados na temática do futuro profissional. Ao longo das sessões, puderam trabalhar essas ansiedades e conversarem entre eles sobre aspectos relativos ao mercado de trabalho e as angústias próprias dessa fase de ensino. Na décima sessão do grupo puderam expressar essa ansiedade relativa ao futuro profissional, conforme a fala de Ícaro:

“Eu vi uma coisa que eu não sei se tem muito a ver mas é que me deu muita vontade de fazer o que ele fez...e que eu lembrei...eu lembrei de uma história, um rapaz aqui do Brasil, e ele trabalhava, estudava e tal, aí um dia ele foi passar as férias na Tailândia e aí a mochila dele sumiu, ele ficou um tempão procurando, perdeu a passagem de volta e não voltou para o Brasil, aí ficou procurando, procurando, aí descobriu que tinha sido um macaco que tinha pegado aí achou e até então, o pessoal lá acolheu muito bem ele, então ele precisava de alguma coisa para viver e ele foi dando aula de português para o pessoal lá e aí ele está lá até hoje, já faz quase cinco anos que ele mora lá na Tailândia dando aula de português e morando em frente à praia gente” (Ícaro, 4º ano).

Evidencia-se assim a ansiedade relativa ao futuro profissional experimentada pelos estudantes dos anos finais do curso de psicologia participantes da pesquisa realizada, destacando-se como uma demanda psicológica a ser trabalhada a fim de proporcionar cuidado com a saúde mental dos estudantes e dando condições para refletir sobre aspectos concernentes ao desenvolvimento de carreira.

Eixo temático de discussão 3: desafios relacionados às relações sociais

As sínteses temáticas produzidas a partir dos encontros grupais e que se referiram às diferentes vivências dos participantes nas relações sociais em contexto acadêmico, foram incluídas nesse eixo de discussão, a fim de promover reflexões acerca dos diferentes modos de envolvimento dos estudantes participantes da pesquisa com os demais atores do contexto acadêmico. Segundo Soares et al (2016), as relações sociais que se estabelecem na universidade são fundamentais para a adaptação, vivência e alcance de resultados acadêmicos pretendidos pelos

estudantes; nesse sentido, a adaptabilidade ao contexto acadêmico e as relações interpessoais estão fortemente relacionadas.

Pode-se afirmar que a dimensão social/interpessoal das vivências acadêmicas abrange todos os aspectos vivenciados pelos estudantes na universidade e que se associa às diferentes possibilidades de relacionamento interpessoal, de amizade e cooperação com colegas, o modo que se desenvolve a relação professor-aluno e dos alunos com funcionários. A perspectiva adotada por Almeida, Soares e Ferreira (2000), está relacionada ao desenvolvimento de padrões mais maduros de relacionamento com familiares, colegas, professores e pessoal administrativo. Envolve também o relacionamento ou envolvimento com atividades de caráter extracurricular, como a participação em atividades culturais, recreativas e desportivas da universidade (OLIVEIRA, MORAIS, 2015).

As sínteses temáticas foram agrupadas de modo a organizar as falas produzidas nas sessões e que se referiam às diferentes percepções dos participantes sobre as relações sociais desenvolvidas em contexto acadêmico. Ao longo das sessões, os participantes apresentaram diferentes modos de relação com os demais atores educacionais e que puderam favorecer o aparecimento do sofrimento psíquico, ou ainda funcionar como promotores de sentimentos de bem-estar, pertencimento e cooperação para o desenvolvimento das atividades acadêmicas. Foram destacadas, assim, as sínteses temáticas que se referem à relação aluno-aluno; professor-aluno, aluno- família, que interferiram de algum modo, na perspectiva dos participantes, no modo de desempenhar o papel de estudante.

Tema de discussão 1: A relação aluno-aluno

Quadro 6- Sínteses Temáticas do tema de discussão 1 - A relação aluno-aluno.

Sínteses Temáticas	Encontro
Tema 2- Importância do Encontro com os colegas de sala no palco e da vivência em subgrupo: reconhecimento de si e possibilidade de apoio e transformação das vivências acadêmicas Tema 2.1 Visões sobre o final da faculdade Tema 2.3 Importância do brincar em grupo como atividade terapêutica	1º Encontro
Tema 1- Conflitos e importância dos relacionamentos interpessoais na faculdade	3º Encontro
Tema 3- Conflitos despertados pelas atividades vivenciais de grupo realizadas na faculdade	3º Encontro
Tema 1- Dificuldade de participação em atividades vivenciais na sala de aula: conflitos interpessoais	4º Encontro
Tema 2- Competição entre o grupo de alunos do quarto ano: os trabalhos em grupo	4º Encontro
Tema 5- Desafios na realização dos trabalhos e estágios em grupo: conflitos nas relações interpessoais	5º Encontro
Tema 6- Questionamento do aluno ideal e possibilidade de problematização da relação de competição entre os alunos	5º encontro
Tema 2- Padrão competitivo dos alunos do quarto ano	6º encontro
Tema 3- Sobre a realização de atividades acadêmicas em grupo de colegas	8º Encontro
Tema 3- Sentimentos de esgotamento no final do semestre e o apoio dos companheiros de grupo para finalizar trabalhos acadêmicos	9º Encontro
Tema 1- Conflito sociométrico entre os participantes do quarto ano	14º Encontro
Tema 2- Sentimentos despertados pela finalização da faculdade e reconhecimento da importância das amizades construídas	14º encontro
Tema 5- Percepção de estreitamento de vínculos com colegas da faculdade apesar da dificuldade de participação	15º Encontro

Fonte: elaborado pela autora.

A relação entre os estudantes apareceu como fonte de sofrimento emocional, em diversas sessões do grupo, e se referiram aos conflitos afetivos-amorosos, à relação de competição entre os pares e dificuldade de aceitação das diferenças e compreensão mútua das motivações pessoais e acadêmicas, assim como das diferentes potencialidades e dificuldades, seja de si mesmo, seja dos colegas. Na visão de Colomina e Onrubia (apud SOARES et al, 2016), as interações entre os

estudantes em contexto escolar podem ocorrer de três formas: cooperativa, competitiva e individualista. Quando assume uma perspectiva mais cooperativa, os estudantes estabelecem relações mais associativas, buscando a resolução conjunta de problemas comuns, para que todos possam ser beneficiados ao atingir os objetivos pretendidos. Por outro lado, as situações de caráter mais competitivo aparecem quando os sujeitos visam a ganhar, se destacar; para isso, outros devem perder. Por fim, nas relações individualistas, não ocorre interação com os demais membros do grupo, em uma postura de desconsideração com os objetivos coletivos e foco nos próprios objetivos e ganhos. Em uma pesquisa com estudantes de Direito, Enfermagem, Psicologia e Engenharia de Produção de uma universidade particular do Rio de Janeiro, os autores encontraram esses tipos de interações dentro da universidade, que provocam dificuldades na realização das atividades acadêmicas por parte dos alunos.

Ao longo da realização da presente pesquisa-intervenção, o modo competitivo, individualista e cooperativo de relacionamento entre os colegas de sala apareceu quando foram narradas pelos participantes situações envolvendo trabalhos em grupo, a medida que apresentaram diferentes experiências de sofrimento emocional na realização de atividades acadêmicas que envolviam grupos de alunos. Por outro lado, em várias situações os participantes demonstraram a importância para eles das relações de amizade construídas em contexto acadêmico que funcionavam de modo cooperativo, como uma rede de apoio social e emocional para a execução das atividades acadêmicas e também como suporte para questões mais pessoais.

Desse modo, já na primeira sessão do grupo sociodramático, a proposta de separação dos participantes em subgrupos, conforme a série em que estavam cursando na faculdade, provocou diferentes reações emocionais nos mesmos e possibilitou que emergissem diferentes percepções relacionadas ao modo de perceber a relação aluno-aluno. Os alunos compartilharam como o encontro com os colegas de sala provocou reconhecimento da importância do vínculo entre os pares para apoio e compartilhamento das experiências acadêmicas, demonstrando como seria importante para eles o estabelecimento de relações de cooperação, que foram possíveis no encontro grupal.

Nesse sentido, a vivência realizada no palco, na primeira sessão, nos subgrupos, apareceu na fala dos participantes como qualitativamente diferente do vivido até então no contexto grupal, no primeiro dia do grupo. Pode-se pensar que

nesse momento, o campo tenso transformou-se em campo relaxado, houve diminuição das resistências e barreiras pessoais e liberação de espontaneidade-criatividade no papel de estudante de Psicologia, permitindo que se aproximassem entre eles de maneira mais aberta e descontraída. O encontro realizado com os colegas no palco permitiu que os participantes acessassem também uma maior compreensão de si mesmo, a partir do outro, ocorrendo por parte dos participantes valorização desses encontros. Para as alunas participantes do terceiro ano, houve fortalecimento de vínculo, à medida que compartilharam experiências parecidas nessa fase do curso, expressas como um momento de descoberta de si mesma e gratidão por cursarem Psicologia. Apesar de não serem amigas no contexto de sala de aula, puderam se conhecer mais no primeiro encontro do grupo e compartilhar experiências comuns, o que favoreceu o reconhecimento de si mesmo no papel de estudante e o fortalecimento do vínculo.

Para os estudantes do quarto ano, da vivência realizada no primeiro dia do grupo destacou-se a possibilidade de apoio mútuo se forem além dos conflitos vividos entre as “panelinhas” da sala de aula, quando revelaram, de forma ainda incipiente, o padrão competitivo de relacionamento entre os subgrupos da turma do quarto ano. Apesar de não serem próximos no contexto de sala de aula, durante a realização do encontro conseguiram um movimento de aproximação uns dos outros com maior liberdade, e se permitiram olhar e reconhecer as distâncias vivenciadas em sala de aula, até mesmo valorizando a possibilidade de funcionarem como uma rede de relações cooperativas e de apoio.

Para os alunos do quinto ano, já na primeira sessão do grupo acessaram as angústias de ser aluno do quinto ano, e a brincadeira que descobriram entre eles, no palco psicodramático, possibilitou revelação do sentimento de peso da responsabilidade com os estágios e as angústias advindas com a proximidade do final do curso. A vivência no subgrupo permitiu que os estudantes do quinto ano reconhecessem semelhança nas experiências angustiantes vividas na última etapa do curso, e estabelecessem uma brincadeira entre eles que permitiu a liberação de tensões e sofrimento emocional. Conseguiram, por meio desse contato íntimo e lúdico, a construção de uma forma nova de vivenciar o final da faculdade, integrando a tristeza provocada pelo final do curso e percebendo como estavam finalizando um ciclo e dando início a outro.

Na perspectiva de Oliveira et al. (2014), ocorre correlação positiva do desenvolvimento acadêmico dos estudantes com o envolvimento dos mesmos com seus pares e o contexto universitário. Os autores acreditam que o bom relacionamento entre os colegas de turma resulta em melhoria no rendimento acadêmico, e que os relacionamentos interpessoais dos estudantes universitários podem ainda ser determinantes na decisão de abandonar ou permanecer no curso. As vivências reveladas pelos participantes no decorrer do primeiro encontro reforçam esse dado da literatura, pois quando os participantes puderam ter um contato mais íntimo uns com os outros durante a sessão do grupo, resgataram de diferentes maneiras a importância das relações interpessoais com os colegas, para promover apoio e transformação das vivências acadêmicas.

Os participantes demonstraram também uma maior compreensão de si, a partir do encontro com o outro, relatando como puderam se perceber mais como estudantes de Psicologia a partir do encontro com os colegas, o que proporcionou fortalecimento dos vínculos e revelação da importância dos relacionamentos entre os pares em contexto acadêmico: não somente como suporte social e auxílio para a realização das tarefas acadêmicas; o encontro com os colegas de sala no grupo oportunizou o reconhecimento de si mesmo ao longo da trajetória das vivências acadêmicas, despertando sentimentos de bem estar por rever o próprio processo de transformação. Nesse sentido, houve também um reconhecimento de si mesmo pelo olhar do outro: Ícaro revelou ter se sentido invadido por uma intensa emoção no palco, quando os colegas disseram que ele havia mudado bastante durante os três primeiros anos do curso. O participante disse que se reconheceu e se emocionou com essa fala dos colegas, pois percebeu ter bloqueado sua dimensão emocional e se fechado para falar de si mesmo, e que reconhecer esse movimento teria sido importante para se abrir para o novo, para descobrir o que houve de mudança pessoal no papel de estudante de Psicologia, provocada pelas diversas interações decorrentes do ambiente acadêmico.

A importância do relacionamento com os colegas em âmbito acadêmico se revelou durante todo o processo grupal. No terceiro encontro, o participante Ícaro revelou sua percepção de que sua sala tinha virado grupo, valorizando a proposta de trabalho vivencial que vinham passando na disciplina de grupos. Essa percepção foi ressaltada por ele quando, ao longo daquela semana, se juntaram para comemorar

os aniversariantes do mês, e compartilhou essa percepção com a colega Andressa, quando estava em dupla com ela no palco, no trabalho sociodramático:

“Então o Ícaro falou para mim que a palavra dele foi grupo eee ele me falou o grupo porque na semana passada na nossa sala na quinta feira a gente comemorou os aniversários do mês na sala pela primeira vez eee... é comemorou e nesse dia levaram bolo salgadinho teve nossa, colocou muitas músicas tal todo mundo participou né (...) é durante a aula, então o Ícaro falou para mim que naquele dia ele sentiu realmente o grupo que agora a nossa sala é um grupo que ele viu a sala como um grupo mesmo e que agora ele está se sentindo melhor né, mais com ele não com a situação isso né? (Andressa, 4º ano).

A fala de Ícaro, repetida pela colega Andressa, pareceu emergir como um sinalizador de como os relacionamentos interpessoais positivos entre os colegas de sala tornavam o clima grupal mais favorável para a convivência e aprendizagem, e ao afirmar que estava percebendo o grupo da sala realmente se tornando um grupo, revelou a importância de um ambiente confiável, confortável e favorável para que os estudantes possam coconstruir aprendizagem, tornando o território da sala de aula confortável para um mergulho também nas próprias dificuldades. A fala de Ícaro permitiu perceber como essas relações podem se constituir de diferentes maneiras, ora mais próxima da cooperação e da parceria, ora marcada pela competitividade e segregação, o que pode revelar a importância de um clima relacional positivo no contexto de sala de aula para adaptação acadêmica, favorecimento da integração e bem-estar no contexto acadêmico. Nesse sentido, Padovani et al. (2015), destacaram a importância das relações interpessoais na percepção de bem-estar psicológico de estudante universitários, revelando que o suporte social está diretamente associado ao comportamento de saúde e inversamente relacionado a sintomas depressivos e ansiosos. Na perspectiva dos autores, o suporte social está relacionado à percepção da existência de apoio emocional nas relações, assim como à percepção de compartilhamento de interesses comuns com outras pessoas e à possibilidade de sentir-se compreendido e respeitado. Em contexto acadêmico, a percepção de suporte social funciona como fator protetivo ao estresse e ao sofrimento psíquico.

Entretanto, durante o processo grupal, diferentes conflitos experimentados na relação aluno-aluno foram revelados, assim como um padrão competitivo marcante nessa relação. A partir da terceira sessão do grupo, apareceram dificuldades vivenciadas na relação aluno-aluno marcadas por conflitos não resolvidos com colegas e ex-namorada, fontes de sofrimento emocional na perspectiva dos participantes. A dificuldade de resolver questões conflituosas surgidas no interior dos

vínculos amorosos apareceu como causadores de sofrimento psíquico em função da incompreensão, por parte dos participantes, dos motivos pelos quais ocorriam raiva e hostilidade nessas relações, aparecendo possíveis dificuldades de autenticidade nas relações sociais.

Soares et al. (2016) afirmam que o contexto universitário pode reproduzir de forma intensa as demandas sociais encontradas no dia-a-dia. No cotidiano da vida universitária, o estudante irá se deparar com pessoas de diferentes características, tanto do ponto de vista pessoal quanto social, e terá a possibilidade de dialogar com diferenças, ou dificuldade em se relacionar com as mesmas. Em sua pesquisa sobre relações interpessoais na universidade com estudantes de Psicologia, os autores destacaram a dificuldade revelada pelos participantes na relação aluno-aluno, que identificaram como intolerância às diferenças. Nessa perspectiva, a igualdade de características sociais e raciais foi percebida como facilitador da formação de grupos em sala de aula, e as diferenças sociodemográficas e das características pessoais emergem como fatores que dificultam a boa convivência entre os subgrupos que se constituem na sala de aula. Os estereótipos e as diferenças entre os estudantes no contexto acadêmico podem funcionar como disparadores e situações de conflitos e até violência nas interações entre os pares (SOARES et al., 2016).

Além disso, quando ocorre a demanda de realização de trabalhos em grupo, por exemplo, no decorrer do processo formativo, que pode funcionar como um convite a essa experiência de diálogo com o diferente, o estudante acaba se aproximando de pessoas com as quais perceba características parecidas com as dele, buscando interagir com os colegas utilizando como critério a afinidade e evitando assim um contato mais aprofundado com as diferenças. Ao formarem grupos, a intenção dos estudantes está associada ao objetivo de se sentirem reciprocamente apoiados e trabalhar com mais liberdade com colegas que acreditam possuir características parecidas com as suas.

A presente pesquisa corrobora esses dados encontrados na literatura, pois quando na quarta sessão, a participante Andressa retomou sua dificuldade de participação em atividades vivenciais na sala de aula, esclareceu um pouco mais sobre os conflitos interpessoais vivenciados pelo grupo de alunos do quarto ano, que puderam a partir desse encontro se manifestar de forma mais nítida. Andressa retomou no início dessa sessão suas dificuldades pessoais em participar das atividades vivenciais realizadas no curso, por exigirem um nível de exposição pessoal

que a incomodava. A fala de Andressa, narrando cansaço em participar de vivências, foi antagonizada pela fala de Tadeu, ao afirmar que não estava sentindo-se cansado de participar das atividades, porém notava que sua dificuldade e que talvez a de alguns colegas de turma fosse o desafio da exposição pessoal na sala, em função de conflitos relacionais existentes, mas que já percebia evolução da turma nas vivências realizadas no contexto dessa disciplina sobre grupos e enfrentamento das dificuldades de exposição e de relacionamento interpessoal entre os colegas. Andressa silenciou após essa fala de Tadeu. No decorrer dessa sessão, ao comentarem sobre a realização de atividades vivenciais nessa disciplina, Andressa, Tadeu, Ingrid e Ícaro, alunos do quarto ano de Psicologia, revelaram a competição que percebiam perpassar os subgrupos de sala ao realizarem as atividades e os conflitos vividos no contexto acadêmico, que acabaram atualizados no contexto grupal. A participante Andressa estava sentindo-se realizada pela atividade que havia aplicado na sala e com a sensação de dever “cumprido” e foi muito elogiada pelos colegas de grupo, como Tadeu e Ingrid. Porém, quando os colegas problematizaram os conflitos relacionais percebidos na sala de aula e a dificuldade de exposição, Andressa se calou e não tocou mais no assunto, reafirmando o quanto estava realizada com a aplicação de sua vivência.

Já na quinta sessão, a participante Ingrid, também do quarto ano, apresentou uma experiência negativa vivenciada na elaboração de um trabalho em grupo em função das divergências com as colegas que não conseguiram trabalhar de forma cooperativa, resultando em um trabalho de intervenção que lhe despertou sentimentos de incapacidade e fracasso. Ao dramatizar a cena desse trabalho em sala de aula, durante o quinto encontro do grupo, Ingrid demonstrou o quanto as diferenças de interesse pela referida disciplina entre ela e as colegas, assim como o envolvimento das mesmas com a atividade, não permitiram que desenvolvessem uma proposta de trabalho mais integrada em que todas pudessem colaborar com o que sabiam a respeito do assunto. Nesse sentido, destacam-se as diferenças de envolvimento dos estudantes com os conteúdos acadêmicos como um fator de conflito entre os pares.

Além disso, a vivência dramatizada pela participante proporcionou que Isis e Felipe, colegas de sala e de estágio, conversassem sobre os próprios desafios que enfrentavam como dupla de estágio, problematizando as dificuldades vivenciadas na parceria e possíveis soluções para as mesmas. Felipe se desculpou com a colega pelo comportamento procrastinador que estava apresentando na realização do

estágio, e por não ajudar a colega na elaboração das atividades a serem propostas nos encontros. Isis disse ao colega que também percebia dificuldade dela em “esperar” o tempo do colega, pois como ele nunca se manifestava, ela sempre tomava a dianteira na organização das atividades. Puderam refletir sobre o modo como estavam se relacionando para desenvolver a atuação no estágio e encontrar uma possível saída para a dificuldade de ambos, que seria a de que em cada semana um deles desenvolveria o trabalho interventivo, assumindo a liderança e contando com o auxílio do outro. Essa negociação foi possível ao final do encontro do grupo de pesquisa e pareceu promover um clima de aceitação e compreensão mútua dos colegas, o que pode ter favorecido um modo mais cooperativo para a relação de trabalho no estágio e a superação das dificuldades que estavam vivendo como dupla no referido estágio.

As interações sociais podem assumir um caráter mais competitivo entre os alunos, o que na visão de Gomes, Comoniani e Araújo (2018) provoca relações sociais de reclusão e exclusão no contexto acadêmico, derivados do não acompanhamento ou correspondência aos padrões e processos educacionais desenvolvidos pelos professores, perpassados pelas dinâmicas institucionais e pedagógicas estabelecidas. Os participantes da pesquisa pertencentes à turma do quarto ano, revelaram como percebiam a competitividade entre os alunos em função dos trabalhos realizados em sala de aula. Se durante a quarta sessão Andressa demonstrou satisfação imensa com a realização de atividade grupal desenvolvida no contexto de uma disciplina, sendo bastante elogiada pelos colegas no grupo, Ingrid revelou na quinta sessão como ela mesma idealizou um desempenho alto para si mesma no desenvolvimento desse mesmo trabalho de grupo, sentindo-se frustrada por não ter sentido o mesmo compromisso por parte das colegas:

“As duas elas me ajudam muito mas em outros trabalhos, qualquer outra matéria que você pensar elas fazem de tudo entendeu? Exceto se fala da Fabi...elas não gostam de nada que é técnica grupal ou psicodrama ou algo desse tipo...então elas nesse sentido elas não fazem absolutamente nada, mas em outros quesitos elas são muito boas, e foi justamente por isso que eu não quis falar mal, pra nem criar uma imagem do tipo ‘ah elas não faz nada’, porque elas fazem sim eee nesse dia foi horrível, acho que foi o pior dia meu na faculdade de quatro anos eu queria me esconder em algum lugar e sumir do mapa, eu fiquei a vivência toda depois escondida, bem no canto, onde ninguém me enxergasse... então a Fabi olhou pra mim com e eu falei ‘não Fabi aqui não dá para eu falar’, tipo, tá, o certo era eu falar, mas não dava tipo é grupo de sala, as meninas estavam ali, era impossível falar ali, não tinha como eu falar ali...ai eu não falei né, guardei pra mim...aí depois disso ainda minha psicóloga não podia me atender, tive que ir outro dia aí fui guardando isso, fui guardando, guardando, inclusive não faço mais grupo com elas. Teve um trabalho que foram marcar e eu simplesmente não fiz com elas”. (Ingrid, 4º ano).

Em sua pesquisa com estudantes de terceiro ano de Psicologia, Pellá, Magnabosco-Martins (2018) destacaram a ansiedade relatada pelos alunos em função das atividades grupais, à medida que alguns estudantes desenvolvem a expectativa que os colegas correspondam aos padrões de desempenho criados por eles, começando a cobrar a realização das atividades com o empenho idealizado, gerando conflito nas relações. Aparecem sentimentos de ansiedade e frustração na preparação e execução dos trabalhos em grupo relacionados às expectativas de desempenho altas.

Além disso, destacaram como os conflitos interpessoais vivenciados e “silenciados” pelos alunos da turma do quarto ano, por não serem enfrentados, acabavam atrapalhando as relações interpessoais na sala de aula e, portanto, comportamentos mais autênticos e aprendizagem mais cooperativa entre os subgrupos. Ingrid e Andressa também revelaram a percepção de que a competitividade entre os alunos foi incentivada por uma professora do curso, quando esta apontou a excelência de um trabalho apresentado pelo grupo de Ingrid em uma outra disciplina.

Além disso, os conflitos sociométricos e as nuances de competição estabelecidas entre os participantes do quarto ano emergiram também quando o participante Tadeu, durante a quarta sessão, fez uma brincadeira com a colega Andressa, comentando que ela estava sabendo bastante dos conteúdos de determinada disciplina porque havia “ido à aula”, o que revelou um desconforto e modo crítico de se referir à colega, que não respondeu ao comentário e permaneceu séria observando a diretora. Os conflitos entre Andressa e os colegas Ingrid e Tadeu apareceram como uma marca de todo o processo grupal, revelando as dinâmicas competitivas que podem assumir a interação entre os pares em contexto acadêmico. Segundo Gomes, Araújo e Comoniani (2018), a dinâmica competitiva entre os alunos se faz reforçada pelas próprias dinâmicas pedagógicas, por valorizarem objetiva e subjetivamente as boas notas e se pautarem em políticas e projetos educacionais que desfavorecem a construção de novos recortes disciplinares e pedagógicos, que pudessem promover processos de formação mais amplos e coerentes com as necessidades e demandas dos alunos.

Além das marcas competitivas que emergiram das relações entre os estudantes do quarto ano, a participante Andressa revelou para a diretora a

dificuldade de relacionamento que tinha com uma das participantes antes do início do grupo, e que após a participação com ela no mesmo, em que a conheceu de forma mais íntima, pôde aprender a interagir com a colega na faculdade e a respeitá-la. Além disso, Tadeu também agradeceu, durante o nono encontro, em que se mostrou visivelmente abatido e cansado em função das muitas demandas de atividades de encerramento do semestre, a ajuda recebida por Ingrid e Ícaro para finalização de um relatório de estágio, à medida que relatou no grupo a dificuldade que estava para encerrar esse trabalho e recebeu a oferta de ajuda dos colegas, que já haviam terminado a atividade.

Em uma pesquisa com 13 estudantes de Psicologia de uma universidade pública do Estado do Rio de Janeiro, Soares et al. (2016) buscaram verificar e conhecer, por meio de um grupo focal, quais relações interpessoais os estudantes vivenciavam como fáceis e quais consideravam difíceis no espaço acadêmico. Especificamente sobre as relações aluno-aluno desenvolvidas na universidade, os estudantes destacaram a importância do estabelecimento de relações de amizade que proporcionam ajuda mútua entre os pares, demonstrando a necessidade do estabelecimento de relações interpessoais adequadas aos objetivos acadêmicos comuns aos discentes, para aumento de produtividade e criação de um ambiente propício ao ensino e aprendizado.

Ainda sobre a temática da competição entre os grupos de pares, apareceram também as possíveis idealizações no desempenho do papel de aluno, entendido como aquele estudante que tira as melhores notas e consegue realizar todas as atividades acadêmicas com sucesso. Na quinta sessão, a fala de Aurora, quando se deparou com a dramatização da colega Isis, revelou as percepções acerca do que seria o estudante ideal:

“Foi surpreendente...eu não sei...é como se e a gente estivesse lá de novo...e ainda mais porque eu faço parte da supervisão da Isis então ...eu...revivi... eu estava lá quando ela estava...quando ela narrou todo o caso e tal e por mais que às vezes eu sinto que ela ficou incomodada, eu não sabia o tamanho desse caso, dessa situação pra ela, estando do lado dela, sendo uma grande amiga dela eu não sabia o tamanho e poder saber a profundidade disso pra ela foi importante pra mim e importante ver né... eu acho que como estudante é...eu vou falar, pra mim, a estudante ideal é a Isis sabe? Vou falar mesmo o que eu...e eu sou tipo aquela estudante muito é descompromissada sabe? Não que eu seja, mas o meu jeito de não ter a eficácia que ela tem em tudo o que ela faz com as coisas da faculdade, a força que ela trouxe aqui, eu me cobro muito ter essa força sabe? Não é uma rixa entre nós duas, mas é só o jeito mesmo...eee...e aí parece que ela impacta no jeito de ela ser, mas não é, ela tem os limites e as fraquezas dela mesmo com essa força toda né...e então eu venho trazer que eu não tenho que ser o jeito dela eu tenho que entender que o jeito que eu sou, e tentar ser o meu melhor do meu jeito como estudante eu acho que foi isso...(risos)” (Aurora, 5º ano).

Nesse dia, durante o quinto encontro, Isis apresentou a dificuldade que estava vivendo a partir de uma orientação dada por sua supervisora de estágio, e ao longo da dramatização pôde enfrentar essa dificuldade e encontrar uma nova resposta para enfrentar a situação. Durante o compartilhar, Aurora afirmou que em sua perspectiva a colega era a estudante ideal, perfeita, que não apresentava dúvidas, e que se percebeu surpresa com as revelações da dramatização da colega, o que também foi confirmado por Felipe. Aurora disse estar aliviada para se assumir sendo a estudante que é, pois pôde ser continente às próprias dificuldades nessa sessão, indo além de uma visão negativa de si mesma como aluna. Nessa perspectiva, Matias; Martinelli (2017) apresentaram uma grande quantidade de estudos sobre o autoconceito que tem constatado como esse é um dos fatores afetivo-emocionais que mais se encontra relacionado com o desempenho escolar. Para Suehiro (2006), o autoconceito do estudante, entendido como as percepções e os sentimentos que ele apresenta em relação a si mesmo e a sua própria competência acadêmica, pode estar relacionado positivamente ao desempenho acadêmico do mesmo; porém, destaca o papel do professor no processo de aprendizagem do estudante, ao exercer grande influência sobre as avaliações que os alunos fazem de si mesmo e sobre o próprio desempenho.

As relações de amizade no contexto acadêmico e a importância das mesmas para os participantes da pesquisa apareceram de forma mais enfática na 14^o e 15^o sessões do grupo sociodramático. Ao comentar com o grupo sobre a festa surpresa de aniversário que recebeu dos colegas de sala, Isis revelou o afeto que sentia por todos os colegas, a importância da realização da faculdade de Psicologia e a emoção sentida ao final da mesma, quando se viu encerrando esse ciclo muito importante de sua vida. Aurora também se emocionou durante a dramatização e reafirmou a importância do apoio afetivo recebido por Isis durante todo o percurso acadêmico, valorizando a amizade que desenvolveram e na qual se apoiaram durante o percurso acadêmico. Além disso, Aurora e Felipe devolveram para Isis em alguns encontros o quanto a colega assumia um importante papel de liderança em sala de aula, sempre disposta a ajudar os colegas com as atividades acadêmicas e promovendo encontros de integração entre todos da turma. Anahí, outra participante do quinto ano, destacou no décimo quinto encontro que apesar de já conhecer todos os participantes do grupo na faculdade, pôde estreitar os vínculos e conhecer melhor os colegas durante as vivências do grupo de pesquisa. Revelou também que apesar de suas dificuldades

em realizar algumas propostas vivenciais durante os encontros, o fato de estar presente observando a interação dos colegas muitas vezes proporcionou bem-estar e alívio do cansaço e esgotamento.

Essas experiências apresentadas pelos participantes da pesquisa, em que destacaram a importância das amizades e do estreitamento dos vínculos no contexto acadêmico confirmam o que já é apresentado na literatura (SOARES et al., 2016; SOARES et al, 2016), o fato de que o bom relacionamento com os colegas de turma resulta em melhoria no rendimento acadêmico, além de reafirmar a importância dos relacionamentos interpessoais para adaptação acadêmica dos estudantes, funcionando como rede social de apoio e fator de proteção à evasão e à instalação do sofrimento psíquico.

No entanto, seria válido problematizar o que a literatura acerca das vivências acadêmicas vem propondo como a importância do estudante universitário desenvolver, no tocante às relações interpessoais, padrões mais maduros de relacionamento, o que na visão de Soares, Almeida (2003) seriam relações interpessoais desenvolvidas de modo a promover o estabelecimento de identidade madura, que inclui a aceitação e o aumento da tolerância às diferenças individuais, assim como a capacidade para estabelecer relações íntimas saudáveis. A partir dos dados revelados pela presente pesquisa, questiona-se o que seria o desenvolvimento de posturas sociais mais maduras? Ir além das relações de competição, de submissão, de rejeição e exclusão do diferente? Nesse sentido, vê-se que os estudantes reproduzem no interior da universidade a dinâmica relacional adotada no contexto social, pautando-se em estereótipos e afinidades para estabelecer seus vínculos no contexto acadêmico. Desse modo, seria legítimo questionar como seria possível promover atitudes interpessoais de abertura ao novo, de abertura para a convivência com a diferença, no interior de processos formativos que reiteram uma lógica competitiva, fortemente reproduzida em contexto social e acadêmico?

Na perspectiva de Macêdo (2018), o sofrimento psíquico em contexto acadêmico se relaciona com a cultura da alta performance e a fragilização da solidariedade entre os membros da comunidade acadêmica, sendo que as relações interpessoais deixaram de ser concretas, sentidas e vividas de forma a se criar coletivamente um sentido para às experiências compartilhadas. A autora destaca a importância de espaços de cuidado na universidade que funcionem como espaços de escuta coletivos do sofrimento, em um processo de fortalecimento de vínculos que

permita o enfrentamento do sofrimento, para que o estudante não se sinta à mercê de si mesmo, mas desenvolva um sentimento de pertencimento e perceba a possibilidade da construção coletiva de estratégias de enfrentamento desse sofrimento.

Observando-se os dados aqui apresentados a respeito da relação aluno-aluno, pode-se entender como são relações que podem assumir uma lógica de competição e não abertura ao novo, ao diferente. Ressalta-se assim, como na perspectiva de Macedo (2018), a importância do estabelecimento de espaços de trabalho coletivo, na universidade, que possam favorecer a convivência dos alunos de modo a problematizar a diferença que percebem entre eles e o sofrimento psíquico oriundo das relações interpessoais.

Tema de discussão 2: A relação professor-aluno

Quadro7- Sínteses Temáticas do tema de discussão 2 – A relação professor-aluno

Sínteses Temáticas	Encontros
Tema 1- Importância do grupo sociodramático para transformar as experiências vividas na faculdade: novas saídas na relação professor-aluno; aluno-aluno; aluno-paciente	5º Encontro
Tema 3- Dificuldades vivenciadas na finalização do trabalho de conclusão de curso: a relação orientador-orientando	11º Encontro
Tema 4- Dificuldades pessoais acionadas por meio da relação de orientação	11º Encontro
Tema 1- A relação de orientação como uma decepção amorosa	12º Encontro

Fonte: elaborado pela autora.

Dentre as relações estabelecidas com os professores em contexto acadêmico e destacadas pelos participantes da presente pesquisa durante os encontros grupais, revelaram-se como fonte de dificuldade aquelas especificamente desenvolvidas no interior do curso de Psicologia, como a relação de supervisão em estágios profissionalizantes e de orientação de trabalho de conclusão de curso. As experiências apresentadas por Isis e Jéssica, ambas alunas do quinto ano, permitiram a dramatização de cenas vivenciadas em contexto acadêmico e que apresentavam, de início, conflitos das alunas com professores, mas que ao longo da dramatização, revelaram dificuldades surgidas na relação e que emergem, a um só tempo, do modo como ocorre a interação professor-aluno no processo formativo e de questões

peçoais acionadas em função do contato do aluno com as demandas próprias do contexto acadêmico de formação.

A dramatização de Isis, no quinto encontro, iniciou-se com uma cena dela e da supervisora de estágio em psicoterapia, quando a estagiária narrava para a supervisora o que havia se passado na sessão de atendimento do paciente e como ela havia manejado o trabalho com o mesmo, especificamente no final da sessão. Ao receber a orientação de sua supervisora de que talvez fosse adequado permitir que o paciente entrasse em contato com esses sentimentos negativos a respeito dele mesmo, Isis sentiu-se incompreendida pela supervisora e incomodada com a fala da mesma. Ao longo da dramatização, foi se revelando a dificuldade pessoal de Isis, que somente se apropriou da mesma ao trocar de papel com sua supervisora. Ao assumir o lugar de sua professora-supervisora, Isis disse para si mesma:

*“Isis (**agora no papel de supervisora**): Isis eu acho que o que você está sentindo é a frustração de que por mais que a gente queira ajudar o paciente ele faz o próprio caminho e às vezes na terapia nem sempre vai ser flores, às vezes vai precisar que o paciente se sinta desconfortável, vai precisar que seja chato vai precisar que seja sofrido porque às vezes é.... A nossa profissão não é de evitar o sofrimento, mas a sua presença com ele, e estar ali, é um suporte, mesmo que às vezes ele vai ter que olhar para a dor dele, mesmo que as vezes vai ser dolorido pra ele, independente do que você fale ou deixe de falar, que você pergunte ou deixe de perguntar, a sua presença é um suporte pra ele, infelizmente você não vai conseguir deixar que tudo seja lindo, porque às vezes ele vai precisar entrar em contato com esses dois e nem sempre você vai ser aquela que vai conseguir transformar em flores, às vezes você vai precisar conseguir entrar na bosta junto com ele e estar ali e está tudo bem... não se sinta, não pense que você deve fazer mais do que você pode, você está dando o seu máximo” (Isis, 5º ano).*

Pode-se observar como a estudante, ao se observar de fora, assumindo outro papel, encontrou em si mesma a resposta para o conflito que estava vivenciando com a supervisora, e que a remeteu às próprias questões pessoais no processo de tornar-se terapeuta. A dramatização, nesse sentido, permitiu uma nova saída para o enfrentamento da relação professor-aluno, quando ela conseguiu fazer a inversão de papéis com sua supervisora de estágio e olhar com os olhos da professora a orientação que estava sendo dada pela mesma, o que ampliou a compreensão dessa orientação e permitiu que Isis percebesse o que a estava fazendo sofrer como psicoterapeuta-estagiária. Isis pôde também construir um novo olhar para sua relação com o paciente, ao compreender os conflitos que estava vivendo no papel de estagiária de psicoterapia e a cobrança que sentia para sempre dar respostas para os conflitos e angústias do paciente.

Segundo Falcone, D'Augustin (2016) a supervisão em psicoterapia se constitui como uma atividade ministrada por um profissional experiente de uma profissão (supervisor) a um ou mais membros iniciantes da mesma profissão (supervisando), almejando o desenvolvimento de competências na prática da psicoterapia. É a partir dos estágios supervisionados, realizados nas clínicas-escola dos centros de formação, que os estudantes podem integrar a teoria à prática, indispensáveis ao desenvolvimento dessas competências. Nesse sentido, os supervisores de estágio são membros do corpo docente dos cursos de graduação em Psicologia, com conhecimento teórico e prático para promover essa integração e o aprendizado dos estagiários.

Barreto e Barletta (2010) explicam que a supervisão em estágio de psicoterapia é um processo de ensino e de aprendizagem que permite a aquisição das habilidades terapêuticas, visto que nesse processo se objetivam mudanças no comportamento do aluno, para facilitar o fazer do psicólogo. Os autores entendem que esse é um processo de aprendizagem crucial do treino do papel de terapeuta, pois permite a integração de teoria e prática, fortalecendo o embasamento teórico, e a afirmação de aspectos éticos concernentes ao papel de terapeuta. Entretanto, por ser uma forma diferente da relação professor-aluno estabelecida em sala de aula, à medida que se torna uma relação mais próxima, permite que no contexto da supervisão os estagiários exponham mais suas vulnerabilidades e potencialidades. No decorrer do processo de supervisão, o estagiário se torna consciente dos comportamentos esperados pelo supervisor, assim como de quais aspectos da sua prática clínica são percebidos como mais relevantes. Ao longo do contato com o paciente, por meio da prática do estágio supervisionado, o estudante irá colocar-se pela primeira vez no lugar de terapeuta, aparecendo a necessidade de adaptar-se à esse novo papel. Dessa forma, ao assumir pela primeira vez o papel de terapeuta, o estudante depara-se com um modo diferente de relacionar-se com os pacientes, surgindo a necessidade do desenvolvimento de habilidades próprias do manejo clínico, independente da abordagem seguida pelo supervisor. Caberá ao supervisionando o desenvolvimento de um certo modo de interação com seus pacientes para atendimento das demandas próprias do contexto clínico. Todo esse processo pode se configurar como uma situação geradora de ansiedade, impaciência, dúvidas e frustrações, sendo que o estresse produzido pela adaptação do aluno aos desafios concernentes à aprendizagem da prática clínica deverá ser trabalhado com a ajuda do supervisor, que se torna um importante vínculo

promotor do crescimento pessoal e profissional do estagiário (FALCONE, D'AUGUSTIN, 2016).

A dramatização de Isis permitiu que se revelasse uma possível fonte de sofrimento para o estudante de Psicologia, que ao assumir pela primeira vez o papel de terapeuta, não está somente se colocando em um novo papel, mas testando as próprias potencialidades e limitações para se tornar um terapeuta. Nesse sentido, irá se deparar com questões pessoais que o desafiam, provocando a necessidade de se desenvolver como pessoa e como profissional. Ao chegar à sessão, Isis apresentou a dificuldade que estava sentindo na relação com sua supervisora, que ao ser dramatizada, permitiu o enfrentamento desse sofrimento tornando-a consciente das próprias questões pessoais, atualizadas na relação com o paciente. Deixou de culpar a supervisora por não compreendê-la e também a si mesma, por perceber que estava se exigindo algo idealizado no contexto da prática clínica.

Seria válido questionar, nesse sentido, as possibilidades de Isis assumir, no momento da supervisão, o quanto havia se sentido incompreendida pela supervisora, e como não estava de acordo com a orientação recebida, saindo de uma postura mais submissa e adotando uma postura mais dialógica com a supervisora. Esta atitude poderia favorecer que Isis transformasse a incompreensão e o conflito em aprendizado mais profundo.

Nesse mesmo sentido, Jéssica, protagonista do décimo primeiro encontro, revelou dificuldades vivenciadas para realização e finalização do trabalho de conclusão de curso, relacionadas à relação de orientação, apresentando uma relação vivida com sensação de distanciamento e dificuldade de diálogo, falta de clareza do contrato de trabalho de orientação e expectativas não atendidas no processo. Anahí, Andressa e Tadeu compartilharam que o processo de orientação de trabalho de conclusão de curso é marcado por um sentimento de solidão por parte do aluno, que cria expectativas a respeito do papel do orientador, inclusive esperando “ser único” para o mesmo e receber toda a atenção e segurança necessárias para escrever o trabalho, revelando como na perspectiva desses participantes, a relação de orientação pode constituir-se como um fator causador de sofrimento psíquico, que Jéssica disse ter entendido como uma relação de amor e ódio. A participante comentou com os colegas que estava entendendo a relação de orientação como fonte de decepção, como aquelas que já teria experimentado em relacionamento amorosos, quando

ocorrem idealizações a respeito do outro e ao longo do processo, revela-se o hiato entre as próprias idealizações e aquilo que é concretamente vivenciado na relação.

No decorrer da dramatização realizada no décimo primeiro encontro, que se iniciou com intenso sofrimento da participante, vivido no processo de escrita do trabalho de conclusão de curso, foi se revelando o quanto Jéssica, na fase final do curso, sentiu medo de não corresponder a uma imagem pessoal e social do que é ser bem-sucedido, à medida que parece ter desenvolvido expectativas de sucesso e perfeição no desempenho das atividades acadêmicas. Assim, não conseguir tirar nota 10 no trabalho de conclusão de curso apareceu como uma ameaça ao próprio valor pessoal, provocando intenso sofrimento psíquico.

Os conflitos apresentados pelas participantes da pesquisa e vivenciados especificamente na relação professor-aluno permite problematizar o modo como os alunos se colocam na relação com seus professores e vice-versa, repetindo a submissão a que foram educados a repetir no papel de aluno, ao longo de todo o período da vida escolar.

Em contexto universitário, se desenvolvem múltiplas relações, sendo a relação professor-aluno uma das mais importantes. A qualidade dessa relação em âmbito acadêmico está relacionada a diversos fatores, sendo que a responsabilidade por essa qualidade não está nas mãos somente de professores e alunos, mas também de todo o contexto didático-pedagógico institucional (RONCAGLIO, 2004). Nessa perspectiva, a relação entre discentes e docentes se constrói no cotidiano universitário concreto, compartilhado por ambos e perpassado por normas acadêmico/institucionais, escolhas pedagógicas, objetivos dos alunos, dos professores e do curso, critérios de avaliação; convenções que em geral não são estabelecidas pelos professores e alunos, mas pela gestão do curso e até pelas políticas educacionais. Por mais que o professor do Ensino Superior possa se apresentar como um facilitador da aprendizagem, em uma postura dialógica calcada em pressupostos humanistas, a relação professor-aluno apresenta-se como uma relação de autoridade, assimétrica e vertical, mesmo que desenvolvida no interior de um contexto democrático. É o professor quem assume a responsabilidade de decidir como irá se desenrolar a construção do conhecimento; caberá a ele desenvolver o plano de ensino, definir os conteúdos, a metodologia, a bibliografia, as formas de avaliação. Ao aluno restará acatar as decisões docentes, estudar, aprender e provar que aprendeu, mostrando-se capaz de produzir conhecimento. Configura-se assim a

relação autoridade-subordinação; dominador-dominado, e o professor terá o papel de fazer o controle social do processo educativo (RONCAGLIO, 2004). A relação professor-aluno no contexto acadêmico assume, na visão da autora, uma característica assimétrica que permite o estabelecimento de um vínculo de dependência entre seus atores; a partir disso, sabe-se que a relação de poder que se estabelece pode assumir um caráter mais ou menos autoritário, conforme a prática adotada pelo professor. Pode se aproximar de um modo mais democrático ou distanciar-se do mesmo, assumindo um caráter autoritário. De qualquer maneira, a marca principal da relação professor-aluno será a de uma relação de poder, que pode provocar sofrimento psíquico discente em função da maior ou menor violência vivenciada nessa relação.

Quando se reflete sobre o modo de Isis e Jéssica se colocarem na relação com a supervisora e a orientadora, questiona-se sobre a possibilidade de as participantes se colocarem de forma mais livre, no interior dessa relação de poder que se constitui a relação professor-aluno em contexto escolar. Nesse sentido, vale refletir sobre o papel social de aluno que se desenvolve, desde a educação infantil, passando pelo Ensino Médio, pautado por um processo de disciplina em que a relação professor-aluno assume o aspecto de uma relação de poder com vistas a produzir a docilidade e obediência esperada (GOMES, ANDRADE, RIBEIRO, 2013). Desde criança, dentro da família e também na escola, repetem-se processos de disciplina e docilização de corpos e o estudante aprende a receber passivamente as orientações e prescrições das figuras de autoridade; por outro lado, os professores atuam no contra-papel também de maneira a afirmar e solicitar essa passividade. Nesse sentido, o que se pode perceber é que seriam muitas quebras, muitas libertações necessárias para o desempenho do papel social de estudante de forma mais espontânea ou não alienada, assim como para a obtenção de práticas docentes mais democráticas, em que houvesse uma escuta mais profunda do aluno e a vivência mais dialógica na relação professor-aluno. Entretanto, essa mudança não se daria no vazio, e sim no nível institucional, o que exigiria transformação nos papéis sociais de todos os atores escolares.

Nesse sentido, a pesquisa de Oliveira e Silva (2018) com psicólogos atuantes no âmbito da assistência estudantil de universidades federais mineiras revelou como, na perspectiva dos participantes, a demanda dos estudantes que procuram o serviço de atendimento se relaciona a questões institucionais e pedagógicas, que provocam

dificuldades e sofrimento emocional discente. Problemas na relação professor-aluno, autoritarismo em sala de aula, abuso de poder no processo avaliativo e assédio moral, métodos de ensino e práticas educativas perversas e excludentes, modos de avaliação tradicionais, dentre outros aspectos, surgem como demandas para atendimento psicológico e emergem como desafiadoras para a prática do psicólogo escolar, evidenciando como muitas questões apresentadas pelos estudantes em suas demandas passam pelas questões de cunho institucional, como a relação dos alunos com os docentes, a organização curricular, as metodologias de ensino, propostas avaliativas, dentre outras.

Dentro dessa mesma perspectiva, segundo Bisinoto e Marinho-Araujo (2015), os serviços de apoio psicológico na educação superior no Brasil ainda são restritos e recentes e muitas vezes tem privilegiado a ênfase no atendimento ao estudante universitário em uma perspectiva individualizada, reproduzindo práticas historicamente desenvolvidas em escolas de educação básica. Os autores realizaram uma pesquisa pioneira objetivando mapear os Serviços de Psicologia das instituições de educação superior e de forma específica, a atuação dos psicólogos escolares atuantes nesses serviços. De acordo com os resultados obtidos, os serviços de apoio ao estudante e o trabalho dos psicólogos escolares privilegiam ainda práticas de acompanhamento psicológico e psicopedagógico, ofertando apoio clínico-terapêutico de assistência estudantil, inclusive em função da demanda crescente de problemas de saúde mental dos estudantes. Ainda aparecem de forma incipiente, ações interventivas para o desenvolvimento pessoal e profissional dos diferentes atores da instituição e a promoção do processo ensino-aprendizagem, partindo de um envolvimento com a avaliação institucional. Os autores destacaram a importância do estabelecimento, pelas instituições de Ensino Superior, de práticas preventivas e focadas em ações com os demais membros da comunidade escolar que participam do processo formativo, como investimentos na formação de professores, o trabalho conjunto com coordenadores de curso e a participação no planejamento e avaliação dos processos de ensino-aprendizagem, ampliando para o nível institucional de intervenção a prática do psicólogo escolar.

As vivências apresentadas pelos estudantes da presente pesquisa apontam nessa mesma direção, pois se observando que a relação professor-aluno assume um caráter assimétrico, notadamente vivenciada como uma relação de poder, seria válido o estabelecimento de ações interventivas que promovessem um contato interpessoal

em que haja espaço para que os dois lados da relação tenham liberdade em expor aquilo que vivenciam a cada momento, espontaneamente se percebendo atores de um contexto institucional em que se deve entregar um produto final, de preferência, com alta qualidade. Como as expectativas de alunos na relação com seus professores podem ser fonte de sofrimento, conforme visto a partir do protagonismo de Isis, seria válido considerar a importância de trabalhos interventivos, em contexto institucional, que busquem abordar essa relação de modo a torná-la mais aberta ao desempenho de papéis cada vez mais descolados do padrão autoridade-subordinação, que conforme visto, produzem sofrimento psíquico

Tema de discussão 3: As questões familiares e o impacto nas vivências acadêmicas

Quadro 8- Sínteses temáticas incluídas na categoria 3- As questões familiares

Temas	Encontro
Tema 1- Importância do grupo sociodramático como suporte emocional para vivências pessoais e acadêmicas	4º Encontro
Tema 3- Sofrimento psíquico e conflitos familiares	6º Encontro

Fonte: elaborado pela autora.

Os aspectos referentes às relações familiares apareceram em duas sessões do processo grupal, quando alguns participantes apresentaram questões relacionadas ao contexto familiar que provocavam impacto no desempenho do papel de estudante universitário, e compartilharam com o grupo questões familiares que estavam provocando sentimentos negativos e causando dificuldades em realizar e estar presente nas atividades acadêmicas.

Durante o quarto encontro, Bruna e Jéssica relataram ter sentido falta de participar do grupo durante a pausa realizada e que para elas o grupo funcionava como um espaço terapêutico de suporte, à medida que não estavam realizando psicoterapia individual. Bruna inclusive mencionou sobre o estresse pelo qual passou ao perder a avó em semana de provas e não poder se ausentar da faculdade; por ter sido um período de tensão, sentiu falta dos encontros grupais. Além disso, a participante Aurora compartilhou com o grupo dificuldades advindas de seu contexto familiar que a estavam impedindo de desempenhar o papel de estudante da forma como gostaria, e que inclusive, estava faltando bastante da faculdade em função

desses conflitos familiares. Nesse encontro, a participante foi acolhida pelo grupo e ao final do mesmo, disse estar sentindo alívio por ter compartilhado essas questões com o grupo.

“Eu já quis desistir bastante e já fiz coisas para que eu precisasse desistir mas não foi...e ainda tem toda a cobrança do que tem que ser feito na faculdade e minha mãe me cobra que eu não to fazendo não to produzindo, porque que eu to triste tenho que tomar um remédio, que eu to depressiva eeee...só me falam o que eu to ninguém me pergunta como eu acho que eu to e porque que eu to assim porque apontar é fácil né? Mas eu queria que eu mesma pelo menos reconhecesse o meu esforço sabe? É eu to fazendo a minha obrigação mas pra mim foi um grande esforço” (Aurora, 5º ano).

Pode-se verificar que algumas dificuldades vivenciadas em contexto familiar, somadas às sempre crescentes demandas experimentadas na faculdade, colocavam-se como fontes de sofrimento para Aurora, que inclusive expressou para o grupo o desejo de não continuar na faculdade. Nesse sentido, o acolhimento do grupo foi relatado pela participante como significativo e permitiu um sentimento de pertencimento, que para ela estava sendo difícil sentir em outros ambientes, pois frequentemente se via escondendo os próprios sentimentos para passar a imagem de que estava conseguindo dar conta daquilo que estava sentindo e que, na verdade, provocava intenso sofrimento.

Eixo temático de discussão 4: desafios relacionados ao desempenho acadêmico

Segundo Soares, Almeida, Ferreira (2000) desde sua entrada na universidade, o estudante irá se deparar com a necessidade de adaptação às diferentes demandas desse nível de ensino, que diferem qualitativamente daquelas vivenciadas até então, no contexto do Ensino Médio. Esse processo adaptativo é complexo e multideterminado, envolvendo fatores de natureza intrapessoal e contextuais. Os autores argumentam sobre a importância de se levar em consideração, nas pesquisas sobre vivências acadêmicas e os diferentes aspectos que as perpassam, as exigências, pressões, desafios que a vida universitária envolve, observando a poderosa influência dos próprios contextos universitários para adaptação e promoção de desenvolvimento cognitivo, emocional e social nos estudantes. Pode-se pensar, nesse sentido, sobre as influências do contexto acadêmico na produção do sofrimento psíquico dos estudantes, refletindo sobre o modo singular como esses estudantes

estão vivenciando a vida acadêmica de forma a sentirem os impactos dessa vivência na saúde mental.

Durante a realização dos encontros com o grupo de acadêmicos de Psicologia na presente pesquisa-intervenção, foram produzidas diferentes falas que revelaram as dificuldades encontradas por esses estudantes no modo de vivenciar as demandas acadêmicas da faculdade. Desde o primeiro encontro, os participantes se referiram a sentimentos negativos e de incapacidade despertados na relação com as demandas do curso, como a excessiva carga horária de atividades e de conteúdo a serem estudados, a dificuldade de organização para dar conta de todas as demandas e os desafios da atuação prática por meio dos estágios, revelando diferentes áreas de vulnerabilidade na dimensão acadêmico/institucional da vida do estudante, com recorrente produção de sofrimento psíquico.

Os eixos temáticos de discussão, criados a partir das sínteses temáticas produzidas durante as sessões, foram organizados de modo a abarcar dificuldades expressas no âmbito dos estudos, em que os participantes apresentaram quando e onde se sentiam incompetentes no papel de estudante de Psicologia e revelaram sintomas físicos e psicológicos de sofrimento. Além disso, foram retomadas as diferentes experiências vivenciadas no interior dos estágios profissionalizantes e que provocavam angustias nos participantes, segundo os relatos apresentados.

Tema de discussão 1: Estudo-Aprendizagem

Quadro 9- Sínteses Temáticas relativas ao tema de discussão 1 estudo-aprendizagem.

Síntese Temática	Encontro
Tema 4- Sentimento de incapacidade frente às demandas do quarto e quinto ano (1º Encontro)	1º Encontro
Tema 3- Gestão do tempo: falta de organização, procrastinação e sentimento de incapacidade (2º Encontro)	2º Encontro
Tema 1- Sentimento de desânimo e cansaço devido à sobrecarga de atividades da faculdade	4º Encontro
Tema 5- Importância do grupo sociodramático como suporte emocional para vivências pessoais e acadêmicas	4º Encontro
Tema 2- Diferenças entre vivências do quarto e quinto ano de Psicologia, na percepção dos alunos	5º Encontro
Tema 1- Importância do grupo sociodramático: resgate da espontaneidade-criatividade no papel de estudante	6º Encontro
Tema 1- Cansaço físico e emocional vivenciado ao final do semestre	7º Encontro
Tema 1- Vivências de cansaço e estresse do fim do semestre	8º Encontro
Tema 2- Estratégias para lidar com o estresse de final de semestre	8º Encontro

Tema 4- Busca de novas respostas para as demandas da faculdade	8º Encontro
Tema 2- Retorno às aulas: desânimo com o excesso de atividades “burocráticas”	10º Encontro
Tema 1- Grupo sociodramático como dispositivo de apoio ao papel do estudante e compreensão do sofrimento psíquico	10º Encontro
Tema 3- Sentimentos de desumanização e robotização no papel de estudante de Psicologia	10º Encontro
Tema 7- Respostas novas para as velhas situações	10º Encontro
Tema 1- Participação no grupo para aprender sobre técnicas grupais	11º Encontro
Tema 2- Diferentes vivências acadêmicas dos estudantes do terceiro, quarto e quinto ano	12º Encontro
Tema 1- Queixas sobre a realização das atividades acadêmicas de modo automático e decisão de mudar o modo de apresentar o que a diretora do grupo havia proposto	13º Encontro
Tema 2- Compromisso com o processo grupal e questionamento das ausências de outros participantes	13º Encontro
Tema 1- Aprofundamento do processo grupal extrapolando os dramas do papel de estudante universitário	15º Encontro
Tema 3- Compreensão do sofrimento psíquico provocado em função das vivências acadêmicas e autorresponsabilização para encontrar saídas para as dificuldades	15º Encontro
Tema 3- Sentimento de respeito a individualidade de cada um dos participantes	15º Encontro
Tema 6- Sentimento de desorganização perante as vivências acadêmicas e dificuldade de participação no grupo	15º Encontro
Tema 7- Angústias suscitadas pelo comportamento procrastinador	15º Encontro
Tema 8- Percepção do padrão de atuação reproduzido pelos alunos: vitimização e contravenção	15º Encontro

Fonte: elaborado pela autora.

Durante o primeiro encontro do grupo, após as dramatizações, Andressa e Tadeu resgataram um sentimento de impotência e dúvidas a respeito da própria capacidade em realizarem todas as atividades do quarto ano, assim como um medo do fracasso. Tadeu afirmou ainda que estava percebendo em sua sala de aula um sentimento de incapacidade e medo de não conseguirem assumir o papel profissional no futuro:

“O que que está acontecendo tá todo mundo muito angustiado por isso que não vai dar tempo o que que tem que fazer o pessoal se perde você está fazendo uma coisa e ai esquece de fazer outra e a gente chega na aula e ninguém leu o texto porque tem dez mil pra ler e ninguém leu o texto e fica todo mundo da sala com aquele sentimento de nossa sou um bosta” (Tadeu, 4º ano).

Essa fala de Tadeu retomou uma percepção dos participantes que emergiu em diferentes encontros, relacionadas ao sentimento de incapacidade pessoal em função das mudanças drásticas que sentiam ocorrer entre o terceiro e o quarto ano do curso,

e desse para o quinto ano. Essa temática das diferenças entre vivências do terceiro, quarto e quinto anos de Psicologia veio à tona no primeiro, no quinto e no décimo segundo encontro, e pareceu estar interligada a um sentimento de incapacidade pessoal frente às novas demandas que surgem de um ano para o outro e que expressaram sentir-se despreparados para assumir, mostrando-se assustados com a novidade apresentada pelas propostas de atividades específicas de cada ano do curso, que parecem exigir mais tempo de dedicação, não somente aos estudos e à organização do tempo para dar conta dos mesmos, mas também para estar presente nas atividades práticas, conforme revelado pela fala de Andressa, ainda no primeiro encontro:

“Então a gente sai do sexto semestre, até o sexto semestre é muito tranquilo a gente mal tem aula, aí você entra no sétimo muda muito...então...muda da água pro vinho, de repente você começa a ter aula todos os dias todos os horários você nem tem tempo de almoçar já tem que estar num lugar com outras pessoas e a noite também...então é duro...e por isso suporte, a gente precisa se dar suporte...” (Andressa, 4º ano).

Acerca das diferenças entre as demandas acadêmicas dos diferentes períodos de formação em Psicologia, a pesquisa de Fogaça et al. (2012) com 282 alunos do curso de uma faculdade particular em São Paulo, do 1º ao 5º ano do curso, objetivou identificar diferenças nas dimensões da Síndrome de Burnout nessa população de estudante. A Síndrome de Burnout é considerada um problema na área de saúde mental de relevância e se caracteriza como um processo vivenciado em três dimensões: exaustão emocional, marcada por um sentimento de carência de energia e esgotamento emocional; despersonalização, caracterizada como cinismo e indiferença nos relacionamentos interpessoais e sentimento de baixa realização profissional, quando se instala um sentimento de diminuição da capacidade relacionada ao trabalho. Nesse sentido, os resultados obtidos apontaram que os estudantes do último ano apresentaram maiores níveis de exaustão emocional quando comparados aos estudantes de primeiro ano, assim como apresentaram uma maior percepção de ineficácia profissional, entendida como a percepção de estar sendo incompetente como estudante. Já os estudantes de primeiro ano do curso apresentaram maiores índices de despersonalização. Esses dados sugerem, na perspectiva dos autores, que os estudantes de quinto ano de Psicologia estão mais propensos à exaustão frente às exigências dos estudos, assim como utilizam com menos frequência estratégias de enfrentamento. Além disso, entende-se a

importância de trabalhos interventivos com alunos de primeiro ano, à medida que assumir o novo papel de estudante universitário demanda profundas transformações pessoais. Tais resultados encontrados pela pesquisa podem sugerir um estressor acadêmico institucional decorrente de um deficiente suporte social e instrumental por parte da instituição pesquisada. Os autores concluem sobre a importância de intervenções frente ao acadêmico de Psicologia que possam desenvolver programas especificamente voltados para essa população, a fim de que possam lidar com os eventos estressores específicos decorrentes do processo de formação, promovendo assim melhoria na qualidade de vida dos estudantes.

As falas produzidas na presente pesquisa possibilitaram a expressão, por parte dos participantes, de um sentimento de caos frente a todas essas demandas acadêmicas, onde se mostraram pressionados para dar conta de tudo, junto às dúvidas sobre as próprias capacidades pessoais:

“E é agressivo, muito agressivo pra mim é...dói, tem dia que você se sente uma bosta, que você não deu conta, você tentou, fez o máximo, mas não deu conta e ninguém entende porque você não deu conta, acha que você tá fazendo corpo mole, mas você estava se matando...aí por isso que você vai lá e bebe um pouquinho...pra relaxar...só um pouquinho...” (Aurora, 5º ano).

A fala de Aurora, do quinto ano, afirmando como se sentia em meio ao caos que estava vivenciando em função das diversas demandas do curso demonstra o modo como os próprios estudantes buscam estratégias pessoais para lidar com o sentimento de incapacidade vivenciado no papel de estudante. Isis também apresentou uma fala, ainda no primeiro encontro, apresentando uma vivência que na perspectiva dela era nova em seu modo de desempenho o papel de estudante. Relatou para o grupo que até o início do quinto ano não havia sentido desconfiança da própria capacidade de dar conta de todas as atividades do curso, o que estava provocando nela angústia e preocupação:

“Essa semana inteira eu senti que eu não ia dar conta...e isso é muito novo pra mim porque eu nunca senti que eu não iria dar conta assim de não vou dar conta eu tenho medo eu tenho receio eu fico ansiosa mas eu sempre sei que eu vou dar conta, assim em vários ou quase todos os aspectos e essa semana não, essa semana juntou tudo eu comecei todos os meus estágios é também desesperador, comecei todos, to atendendo em todos, do hospital psiquiátrico e aí eu senti um peso assim...” (Isis, 5º ano).

Pode-se afirmar que os participantes do grupo de pesquisa revelaram, no decorrer das sessões, um sentimento de caos relativo ao aumento das demandas do terceiro para o quarto e desse para o quinto ano. Do mesmo modo, Pella;

Magnabosco-Martins (2018) observaram em seu estudo não somente a produção de sofrimento psíquico na vivência universitária de estudantes de Psicologia, mas também a ausência de reflexão e propostas de enfrentamento, por parte da instituição em que desenvolveram a pesquisa, com as demandas dos alunos do curso por parte da instituição pesquisada.

Ao longo do processo grupal, os participantes diversas vezes revelaram as dificuldades na gestão do tempo para realização de todas as atividades, pois percebiam em si mesmos uma falta de organização, um sentimento de incapacidade e procrastinação para realização das tarefas e atividades. Felipe, Isis e Ícaro revelaram no segundo encontro a dificuldade de organização e a gestão do tempo de estudos, somadas às exigências do trabalho em campo (estágios), compartilhando como se constituíam em desafios geradores de sofrimento emocional, evidenciados pelos sentimentos de desorganização e incapacidade frente às diversas demandas acadêmicas. O sentimento de estarem vivendo um excesso de atividades e demandas, parecia suscitar, na perspectiva dos participantes do grupo, comportamentos procrastinadores e de fuga da realização de atividades.

Com relação ao comportamento procrastinador, pode-se afirmar que desde o primeiro encontro foi apresentado por Felipe e reiterado por outros participantes, como um aspecto doloroso de se lidar no papel de estudante e que acarreta muita angustia. Os participantes revelaram que quando procrastinam a realização de atividades acadêmicas, se sentem pouco comprometidos com as atividades da faculdade, como ler os textos para assistir às aulas e fazer as provas com antecedência. Revelaram assim dificuldade de organização para desempenhar as atividades propostas no tempo estipulado pelos docentes. Felipe, Ícaro e Tadeu se mostraram angustiados com esse comportamento desde o primeiro encontro, e quando voltaram a esse tema no encontro de finalização, perceberam como o comportamento procrastinador foi uma constante durante o processo de formação deles, e que apesar de realizarem as atividades da faculdade de última hora, percebiam êxito nas mesmas, conseguindo aprovação nas disciplinas mesmo procrastinando. Nesse sentido, relataram o quanto gostariam de ter uma ação diferente frente às tarefas acadêmicas. Felipe apresentou dificuldade de participação nas atividades da faculdade sempre que veio aos encontros do grupo, e no último dia, disse que estava sentindo muita necessidade de se transformar, mas que ainda não havia conseguido encontrar um modo de se sentir

mais produtivo e organizado no desempenho das atividades acadêmicas, atribuindo a si mesmo todas essas dificuldades:

“A faculdade está foda pra todo mundo mas assim eu não to conseguindo lidar com isso muito bem to meio que desistindo antes da hora assim...nossa eu não vou dar conta...eu lembro que teve uma vez que uma pessoa falou pra mim, uma terapeuta falou pra mim que eu era perfeccionista eu falei ‘tá doida perfeccionista?’ aí ela explicou que quando eu quero fazer de um jeito muito bom e quando eu vejo que ou vai dar muito trabalho ou eu não vou conseguir ser daquele jeito eu desisto, simplesmente deixo quieto... aí não sei se isso tem a ver, sei que foi uma semana muito triste pra mim, fiquei muito mal...mas bola pra frente..vamo ver...”(Felipe, 5º ano).

Pode-se verificar como a fala de Felipe, que em muitos momentos provocou mobilização no grupo, apresenta a percepção de sentimentos de incapacidade em função da sobrecarga de atividades, que parecem estar interligadas ao comportamento procrastinador. A respeito da temática do comportamento procrastinador e da importância da criação de hábitos de estudo por parte de estudantes universitários, Ramos et al. (2018); Basso et al. (2013) destacaram a importância de as universidades oferecerem cursos e oficinas voltadas para a população dos estudantes universitários visando o desenvolvimento de ferramentas necessárias para a criação de hábitos de estudo, utilizando, por exemplo, discussões em que os alunos possam refletir sobre o significado de estudar e as diferenças entre o estudo no ensino médio e no superior, a fim de criarem estratégias mais eficientes de estudo e buscado identificar aspectos facilitadores para essa organização. Basso et al. (2013) argumentam também que, em função da especificidade que envolve cada período da formação acadêmica, haja vista que no início, no meio e no final, os alunos apresentam demandas diferentes de apoio psicopedagógicos, vê-se a necessidade da realização de atividades para auxiliar os estudantes em suas dificuldades na aprendizagem ou mesmo para melhoria no aproveitamento dos conteúdos, aprimorando as técnicas de estudo e a organização do tempo. Os autores sugerem que a oferta de intervenções psicopedagógicas, por meio de serviços e programas institucionais nas universidades e enfocando os aspectos educacionais durante a graduação, como a potencialização do processo de leitura, maior concentração, organização e planejamento de estudos e integração das atividades acadêmicas nas rotinas de vida do estudante, pode se associar a resultados positivos na qualidade dos estudos e também na saúde psíquica dos estudantes.

Os participantes relataram diversas vezes como a sobrecarga com as atividades acadêmicas impossibilitava que tivessem tempo livre para descansar ou se

dedicar a outras experiências, o que foi problematizado por Aurora, quando a participante afirmou, durante o quarto encontro, como percebia uma falta de cuidado com o ser humano no interior do curso de Psicologia, destacando a dissociação entre teoria e prática:

“Mas é isso, é muito difícil quem acredita nisso é muito fácil falar nas teorias, é muito bonito isso, ‘respeite a individualidade de seu paciente’, respeite as pessoas, mas na própria rotina da nossa faculdade e na vida, você tem que ter muito papel e muita postura assim dura...” (Aurora, 5º ano).

Outro aspecto importante revelado pelos participantes da pesquisa se relaciona à concentração de demandas acadêmicas no final do semestre, provocando sentimentos de esgotamento por parte dos estudantes. Conforme o grupo foi se aproximando do final do primeiro semestre, a partir do sétimo encontro, começaram a aparecer os relatos de esgotamento em função das demandas acadêmicas que se condensam nesse período, provocando cansaço e desânimo na realização das atividades do curso. Os participantes comentaram sobre o sentimento de cansaço vivenciado ao final do semestre, revelando insônia e dificuldades como acordar cedo para ir à aula, o que acarretava problemas com faltas, e sentimento de esgotamento. Relataram cansaço e esgotamento físico, em função das diferentes demandas e atividades do final do semestre (atendimentos nos estágios, relatórios de estágios, trabalhos para disciplinas, provas).

No oitavo encontro, já próximo do encerramento do 1º semestre letivo de 2017, Andressa revelou para o grupo que estava muito ansiosa, que havia sentido dificuldade em estar presente no grupo realizando as atividades propostas, pois a todo momento sentia que iria “surtar”, em função da quantidade de tarefas a realizar antes de entrar de férias.

“Eu vou falar, porque eu estou muito ansiosa, eu estou achando que eu vou surtar, juro por Deus, vou até levantar. Gente, essa semana, olha, eu falei até para a Rita na supervisão, falei ‘agora eu estou sentindo aquela linha entre saúde mental e patologia, sabe?’ Estou sentindo que está balançando, mas eu vou conseguir, eu vou lá mas eu volto. Gente eu estou em uma ansiedade, numa angústia, que Deus é pai, está vendo? Eu estou assim. E é muita coisa para fazer, gente vocês não tem noção, sabe? Tipo assim, você coloca seis matérias mais quatro estágios, fora o projeto, então assim, é muita coisa. E eu vou viajar, falta uma semana para mim viajar ficar um mês, eu estou desesperada gente...eu estou aqui desesperada porque eu não tenho tempo para sentar na frente do computador para procurar nada, sabe? Não dá, não dá tempo mais de responder o whatsapp, dá tempo gente? Sabe, não dá. Você tem que escolher as pessoas que você responde porque não dá tempo. Eu ando chorando tanto, eu ando saindo da faculdade chorando assim, e parece que a coisa não acaba, não acaba. Mas eu estou feliz. Não, dá esse desespero, mas eu estou feliz, sabe?” (Andressa, 4º ano).

A participante revelou ainda que o modo de realização das atividades acadêmicas em grupo era sempre desafiador para ela, destacando o peso que sentia no corpo:

“Nossa, eu acho que eu não aconselharia as pessoas a fazerem psicologia não. Nossa gente é muito pesado, né? A gente sofre muito, sabe? É desgastante assim, é não dormir, é chorar, é nossa, ter vontade de matar os outros. Por que sério tudo é em grupo, tudo é em grupo, esse ano, então tudo o que você faz é em grupo, até as pessoas que você tem contato diariamente assim você começa a ver a pessoa muito e começa a ter atrito, sabe? Mas a gente assim é muito aberto um com o outro assim, o meu grupo, às vezes a gente se xinga assim, mas se entende, né? Então é muita coisa, é muito pesado mesmo, assim, até hoje eu acho que está pesado aqui na nuca, sabe? E é muito conhecimento, sabe? Muito conhecimento, você acaba não captando nada eu acho, porque é muito jogado, sabe? Nem sei a hora que passar o quinto ano eu te falo o que é que ficou disso. Eu não consigo nem ver férias, não consigo, mas é o que eu quero, igual a hora que eu vi o resultado lá, eu falei “nossa eu me esforcei para isso”, sabe? Ai vem a felicidade assim” (Andressa, 4º ano).

Nesse mesmo dia, oitavo encontro, Isis revelou para o grupo que estava tendo manifestações psicossomáticas advindas do cansaço, como a ansiedade, sentimento de esvaziamento e compulsão alimentar, em função da quantidade de tarefas a serem feitas no final do semestre e que gostaria de aprender a respeitar as próprias limitações físicas e não se cobrar tanto:

“Então tipo assim, esse ano eu estava indo na academia, tal, estava me alimentando de uma forma mais saudável, comendo quando realmente era preciso, e aí agora de um mês para cá, comecei a não ter tempo para ir para a academia, e aí foi indo, foi desencadeando, desencadeando e aí eu fico nisso, e aí eu fico bem chateada, sabe? Porque é tudo, eu estou tentando assim me por tarefas para o dia “hoje eu vou fazer isso, e só isso, se eu terminar isso, está ótimo”. Aí eu fico o dia inteiro, e aí você começa e o trem não flui e eu volto, sento e faço, e isso está maneirando minha ansiedade, mas está difícil, aí eu vejo e penso “gente, depois para mim recuperar isso”, aí eu já fico ansiosa, além da ansiedade normal, eu já fico ansiosa de recuperar o que eu estou ganhando agora, porque tipo assim, não é saudável, eu fico com vontade de comer qualquer coisa, sabe? Não é tipo, uma coisa ou outra, é qualquer coisa, porque para mim o maior prazer que tem é comer, que preenche, porque do resto é como se tivesse uma máquina assim, que fosse sugando, então eu tenho que produzir, porque fazer um relatório, até os próprios atendimentos é isso, é você com o que você tem, você oferece, né? Você produz, então eu estou nisso assim, esse buraco que nunca é preenchido, esse buraco que nunca é preenchido porque é essa questão do ‘nunca acaba’... e é assim que eu estou” (Isis, 5º ano).

Aparecem assim diversas manifestações psicossomáticas e sofrimento psíquico desencadeadas em função das demandas acadêmicas. Em revisão integrativa de literatura a respeito do sofrimento psíquico em estudantes universitários e fatores de risco e proteção associados, Graner e Abreu (2019) destacaram como a grande maioria dos estudos encontrados apontou as condições relativas à vida acadêmica como o principal fator de risco para instalação do sofrimento dessa população. As autoras destacaram que as características da vida acadêmica e relacionais associaram-se à instalação de sofrimento psíquico nos universitários e

reafirmaram que são fatores passíveis de modificação por parte das instituições de ensino, se adotarem estratégias interventivas que visem a favorecer o bem-estar dos alunos e vivências mais positivas no ambiente educacional.

Na presente pesquisa, apareceram falas relativas às estratégias que os participantes utilizavam para lidar com o estresse de final de semestre, e os mesmos revelaram como era difícil ter tempo livre para lazer e relaxamento no período que antecedia as férias. Apareceram nesse sentido três estratégias diferentes para enfrentar a vivência de estresse do final do semestre: sair à noite com amigos, o que foi entendido pelos participantes como bom até certo ponto, pois impedia que dormissem pelo tempo necessário ao descanso; o planejamento adequado para realização das atividades surge como uma saída importante, na visão de Isis; e a possibilidade de se conseguir ter uma vida mais espontânea e criativa, quando Aurora refletiu sobre a importância, em sua perspectiva, de descobrir como vivenciar as atividades da faculdade todos os dias sem tamanha cobrança.

Quando o grupo retornou das férias, após a pausa de 40 dias, já no primeiro encontro ainda ecoavam as experiências de estresse físico e emocional vivenciadas ao final do semestre, e desde o primeiro dia do retorno, Isis, Aurora, Ícaro e Ingrid compartilharam sentimentos de desânimo em voltar para a faculdade, quando se davam conta do excesso de atividades burocráticas que precisariam cumprir. Isis se referiu especificamente ao excesso de relatórios de estágio, provas e trabalhos de disciplina.

“Porque o desânimo é assim a gente está numa fase, né, esse último semestre, último ano que para mim deveria ser um momento de tranquilidade, é utópico né, mas tipo assim, a gente já deu tanto sabe? Parece que a hora que eu vi essa faculdade aqui eu senti que estava desanimada porque eu senti sem energia porque toda a minha energia eu já entreguei ali, então é como se a faculdade já teve de mim tudo o que eu posso dar assim, já exigiu de mim tudo o que poderia ser exigido e aí o meu desânimo de voltar, me veio a cena do semestre passado, no último dia de supervisão que foi assim né, foi...eu estava acabada, foi o dia que eu tinha que terminar a iniciação, a orientadora me mandou um email que eu tinha que fazer já para segunda e era numa quinta e eu tinha o relatório do estágio...e assim é...foi aquela cena que eu cheguei na supervisão e eu não conseguia olhar no olho das pessoas porque senão eu ia cair em lágrimas e desmanchar...então eu tive que vestir assim uma negação...não sei, eu estava supitando e aí eu cheguei e fui fazendo a parte burocrática, e me veio a cena eu sentada lá assim explodindo por dentro não me aguentando e eu desânimo de passar isso sabe?” (Isis, 5º ano).

Ícaro, Ingrid, Jéssica e Aurora se mobilizaram com essa fala da colega no contexto do retorno às aulas e iniciaram uma reflexão sobre as atividades avaliativas obrigatórias das disciplinas e dos estágios. Especificamente sobre os relatórios de

estágios, referiram-se ao modelo que deviam seguir para a confecção dos mesmos, à medida que a cada visita ao campo ou atendimento deveriam elaborar o diário de campo, que depois se transformaria em um relatório padronizado. A vivência de peso pelo excesso de atividades apareceu como um sentimento de que tudo isso é feito de forma conservada e automática, não permitindo que os estudantes experimentassem o gosto pelo aprendizado e a potência da criação, da autoria e de um aprendizado que integra afetivo e cognitivo, como fica exemplificado pela fala de Jéssica, Isis e Ingrid:

“Ai gente, porque não pode pegar tudo o que a gente viveu no estágio e fazer uma poesia, sei lá, faz um texto que não seja repetitivo, faz uma relação com uma obra, sei lá (Jéssica, 5º ano).

“Mas tipo, o melhor que eu tive foi o que a gente tinha que, era tipo isso que a gente está falando, tinha que fazer um artigo mas o artigo era comparando com um mito ou uma deusa né que...e foi muito legal, foi o melhor assim, eu fiz com prazer porque eu fui lendo o mito e vendo a história da minha paciente, lendo o mito, os traços do personagem e fui podendo criar sabe? Tipo assim em todos ela viu a sua criação, nossa foi perfeito” (Isis, 5º ano).

“Porque por exemplo, o semestre passado eu já tinha feito tudo, realmente estava tudo pronto, eu fiquei as últimas semanas despreocupadas porque eu já tinha feito tudo, mas aí depois eu parei para pensar, ‘tá eu fiz tudo mas o que eu não acabei comigo para fazer tudo, o que eu tive que passar para fazer tudo, o que eu fiquei, a consequência de ter feito tudo, qual foi para minha vida? Entendeu? E pensar nisso foi tipo, valeu a pena? Eu faço porque eu amo Psicologia, porque eu quero me formar, porque eu quero ser, mas o decorrer disso é cheio de decepção, frustração e sofrimento sabe? Então ver o que a Isis falou realmente, essas coisas de relatório é um absurdo, eu acho assim a gente ainda faz Psicologia, é um curso em que você está vendo o outro que você está se olhando, está falando de pessoas entendeu? Você está falando da subjetividade humana no qual não pensa em você? Ai eu olho isso e falo assim nossa como a gente está atrasado no próprio curso né? Tipo um curso que não olha o humano nunca...e isso causa raiva, é uma mistura de mil sensações, a respeito de tudo... nas minhas férias eu parei e pensei nossa eu não me coloquei em primeiro lugar em nenhum momento, entendeu? Eu costumo dizer para mim mesma, que a vida é feita de prioridades, e eu estar aqui é uma prioridade minha, porque eu deveria estar fazendo meu projeto de TCC, que não está pronto ainda e tem que entregar segunda...então eu quase nunca me coloco como prioridade, porque se não fizer tudo que tem que fazer...então eu entendi isso” (Ingrid, 4º ano).

Ingrid iniciou uma problematização do funcionamento do curso de Psicologia, que na visão dela, não levava em consideração “o humano”, a subjetividade e a criatividade dos alunos, funcionando de forma burocrática, padronizada e com excesso de atividades fragmentadas, com pouco espaço para se perceberem “criadores”.

Por diversas vezes os participantes retomaram essas queixas sobre a realização das atividades acadêmicas de modo automático. No 13º encontro do grupo, resolveram romper com esse modo automático de realizarem as atividades e tomaram a decisão de mudar o modo de apresentar o que a diretora do grupo havia proposto. Nessa sessão, após um longo desabafo sobre as diversas demandas da faculdade e

as dificuldades de organização para realização das mesmas, sentimento de falta de sentido e pressão com prazos, durante a proposta de trabalho sociodramático, o subgrupo composto por Tadeu, Ingrid, Isis e Aurora apresentou uma cena em que contestavam a orientação da diretora, para realizarem uma escultura que concretizasse o que estavam vivenciando como estudantes naquela semana. Isis explicou que a troca, a conversa, no subgrupo estava gostosa e decidiram não fazer a escultura, pois nenhum deles sentiu vontade de criá-la. Tadeu disse que pôde perceber o quanto estava carregando um sentimento de “sufocamento” (sic) e aprisionamento em sua vida, fazendo as atividades cotidianas de modo automático. Isis e Tadeu comentaram que perceberam, durante a conversa no subgrupo, o excesso de atividades que precisavam realizar e que não viam sentido, realizando-as pela obrigação das demandas acadêmicas. Isis afirmou ainda que o simples fato de estarem juntos conversando no palco já era prazeroso para eles, por não estarem precisando correr para fazer nada, somente estarem presentes conversando. Tadeu e Ingrid confirmaram a fala da colega, dizendo que durante a conversa, acessaram o desejo de não realizarem a escultura proposta pela diretora e que esse sentimento foi entendido por eles como rebeldia, como desejo de poder dizer não às demandas externas a eles que não veem sentido, ao desejo de ser livre para dizer “não”. Nesse sentido, revelaram um desejo de rompimento com um certo modo automático de realizarem as diversas atividades que precisam desempenhar na vida e na faculdade.

Pode-se pensar que o processo de vinculação dos participantes no grupo, entre eles e com a unidade funcional, permitiu que a vivência em dizer “não” para a diretora acontecesse no 13º encontro, mas desde a quarta sessão da pesquisa houve diferentes relatos sobre como o processo sociodramático grupal estava funcionando como suporte emocional e social para compreensão das vivências acadêmicas e nesse sentido, em maior apropriação do modo singular de cada um deles desempenhar o papel de estudante. No sexto encontro, por exemplo, Ingrid compartilhou com o grupo como a dramatização que tinha vivenciado na semana anterior tinha sido de grande alívio emocional e que ela havia saído da paralisia que estava no papel de estudante. No oitavo encontro, Aurora devolveu para o grupo que estava percebendo a importância de se relacionar de forma diferente com as demandas da faculdade, dado que as mesmas continuarão existindo, ela gostaria de não se submeter cegamente às mesmas. A fala dela nessa sessão foi confirmada por Jéssica, Isis, Ingrid e Ícaro, que confirmaram a importância do grupo como apoio social

para a compreensão das dificuldades acadêmicas vivenciadas por eles de forma singular, e que em muitos momentos vividos no grupo puderam criar um novo olhar para essas dificuldades. Outro ponto importante destacado pelos participantes foi a respeito do vínculo que estavam criando entre eles, que permitia uma maior liberdade de exposição das angústias que viviam no papel de estudante; nesse sentido, questionaram a ausência frequente de alguns participantes de quem sentiam falta durante os encontros do grupo, revelando como a presença de todos potencializava maior aprendizado sobre as dificuldades vivenciadas no papel de estudante universitário.

Durante a realização do 15º encontro, em que realizaram a avaliação do processo grupal, os participantes apresentaram diferentes percepções sobre a importância do que tinham vivido nos encontros para dar apoio ao que viviam no papel de estudantes. Na perspectiva deles, o grupo teria funcionado como um dispositivo importante para integração das vivências realizadas na faculdade, à medida que puderam em muitas sessões tomar consciência daquilo que estava fazendo sofrer em contexto acadêmico, oportunizando que formassem e nomeassem as próprias questões, dificuldades e desafios pessoais, o que muitas vezes não representava a solução para os problemas, mas já amenizava o sofrimento. Relataram também a importância do vínculo que construíram no grupo e que proporcionou um sentimento de pertencimento importante para eles, pois notaram como as individualidades foram respeitadas no contexto grupal e a cada encontro sentiam-se mais livres para expressar o que viviam como estudantes. Ao final do décimo quinto encontro, os participantes revelaram uma percepção importante que puderam ter: que no papel de estudantes universitários, ou estavam se colocando na posição de vítima ou contraventores do sistema educacional, e que seria talvez a saída possível para romper com esses padrões cristalizados fosse descobrir a si mesmo em meio a todo esse processo, assumindo mais os desafios singulares de cada um no processo de formação e aprendendo a escolher o que gostariam de vivenciar com mais qualidade e sentido durante a realização do curso superior, haja vista que na perspectiva deles, não seria possível atender a todas as demandas acadêmicas com excelência.

Tema de Discussão 2: vivências realizadas nos estágios profissionalizantes

Quadro 10 - Sínteses Temáticas relativas ao tema de discussão 2 – Vivências realizadas nos estágios profissionalizantes.

Síntese Temática	Encontro
Tema 4- Angústias vivenciadas ao assumir o cuidado psíquico do outro	2º Encontro
Tema 2- Sentimentos positivos e negativos despertados nas vivências de estágio prático e de observação	3º Encontro
Tema 1- Dificuldade de atuação vivenciadas nos estágios profissionalizantes	4º Encontro
Tema 3- Angústia vivenciada ao assumir o cuidado psíquico do outro	5º Encontro
Tema 3- Sentimentos negativos vividos após atendimento de paciente em estágio de psicoterapia	7º Encontro

Fonte: elaborado pela autora.

Em vários encontros do grupo, os participantes do quinto ano apresentaram diferentes sentimentos despertados em função dos estágios profissionalizantes e o contato com paciente. No segundo encontro, Isis e Felipe revelaram as angústias que estavam sentindo em função da quantidade de atividades a serem desempenhadas ao mesmo tempo e o contato com o sofrimento humano nos estágios de psicoterapia. De forma mais enfática, Isis e Felipe relataram as angústias sentidas e verbalizadas por eles como o “peso da responsabilidade” e o “medo de crescer” que estão experimentando a partir das vivências nos estágios profissionalizantes, suscitados em função do contato com o sofrimento humano e a aprendizagem dos diferentes modos de intervenção no mesmo.

Ao longo do terceiro encontro, Isis e Jéssica revelaram dificuldades vivenciadas no contexto dos estágios: Jéssica compartilhou com o grupo a experiência negativa que havia vivenciado na realização do estágio de psicologia organizacional, quando viu suas propostas de atuação e intervenção rejeitadas pelos donos da empresa do estágio. Durante o quarto encontro a participante retomou esse tema, que em sua percepção teria deixado nela marcas negativas, pois em função das dificuldades vivenciadas nesse estágio, quando suas propostas de intervenção foram rejeitadas e ela somente recebia tarefas que não eram da área, sentiu-se frustrada e acabou entrando em conflito pela dúvida se realmente iria seguir trabalhando nessa área.

Durante o terceiro encontro, Isis comentou sobre as dificuldades sentidas por ela ao começar a assumir pacientes em psicoterapia individual, relatando mais uma vez como sentia angústia pelo peso da responsabilidade em entrar em contato com o sofrimento humano. Por outro lado, Anahí revelou a alegria sentida ao conseguir desenvolver um trabalho de intervenção com crianças, que segundo ela, foi bem-sucedida a medida que as crianças se entregaram e participaram ativamente da proposta. Bruna também revelou nesse encontro a emoção sentida ao entrar em contato com um paciente no contexto hospitalar, em um estágio de observação.

A temática dos atendimentos dos pacientes em psicoterapia individual foi novamente apresentada pelos participantes no quinto encontro, quando Anahí revelou para o grupo que estava saindo dos atendimentos clínicos com dores no corpo por sentir que concretizava as dores do paciente no próprio corpo. Anahí também revelou que estava desenvolvendo diferentes sintomas psicossomáticos, como dificuldade para dormir e tonteadas, relacionadas em sua percepção ao excesso de atividades e demandas dos atendimentos. Felipe, Ingrid e Isis se mobilizaram com essa fala, o que pôde explicitar os medos e angústias que enfrentavam para assumir o papel profissional, questionando-se sobre a própria capacidade em assumir o mesmo no futuro. Inclusive nesse encontro Ingrid se posicionou questionando a pesquisadora a respeito de quantos atendimentos ela como profissional já teria assumido como terapeuta, possibilitando a explicitação do quanto estavam preocupados a respeito do futuro exercício profissional, o medo vivido ao pensarem em assumir a responsabilidade do papel de psicólogos.

A respeito das vivências acadêmicas e a produção do sofrimento psíquico em estudantes de Psicologia, a pesquisa de Andrade et al. (2016), apresentou resultados que revelam de forma enfática uma real existência de sofrimento psíquico em função das atividades desenvolvidas pelos alunos do curso de Psicologia, relatada por 107 dos 119 respondentes (90% da amostra participante do estudo). As questões apresentadas pelos estudantes como causadoras de sofrimento são diversas e estão relacionadas à carga horária excessiva de atividades do curso, a natureza específica do estudo da Psicologia, que mobiliza sentimentos e aborda temas de caráter pessoal nos alunos; às demandas emocionais vivenciadas nos estágios dos dois últimos anos do curso; à excessiva ênfase no desempenho acadêmico.

As falas dos participantes ao longo das sessões, com relação a vivência nos estágios profissionalizantes, demonstram as dificuldades advindas do aprendizado de

uma atitude clínica, por perpassar questões pessoais do estudante que muitas vezes ainda não foram trabalhadas na própria psicoterapia individual. Além disso, nos estágios profissionalizantes os estudantes parecem se ver desafiados a juntar todas as peças do quebra-cabeça que foram guardando ao longo da formação e que estão soltas: o desafio da formação nos estágios parece recair na necessidade de alinhar, juntar os conteúdos teóricos aprendidos nas diferentes linhas teóricas de abordagem com as especificidades da prática, daquilo que vão se deparar no encontro com cada um dos pacientes que serão atendidos, ou em cada instituição que forem atuar. Aprender a ser psicoterapeuta e entrar em contato com os temas relativos à subjetividade humana emerge como um dos grandes desafios do estudante universitário de Psicologia.

5.2 DISCUSSÃO ACERCA DO PROCESSO GRUPAL SOCIODRAMÁTICO

Nessa seção será apresentada a discussão dos processamentos realizados ao longo da coleta de dados, à luz de alguns aspectos da teoria moreniana. O processo grupal será retomado de forma a discutir, de modo sintético, a estruturação sociométrica apresentada em cada um dos encontros, os temas protagônicos que emergiram e como puderam ser trabalhados no contexto dramático, de forma a favorecer uma maior compreensão, entre os participantes, do modo como estavam desempenhando o papel de aluno. Na perspectiva de Nery (2012), o sociodrama proporciona ao grupo a vivência terapêutica de seus conflitos no espaço dramático. Nesse espaço, permite-se a fluência da imaginação, ou do “como se”; é quando os participantes podem realizar a dramatização de suas situações-problema, focando os papéis sociais e os sofrimentos coletivos.

A primeira sessão tinha o objetivo de realizar a apresentação dos membros do grupo, participantes e unidade funcional e o estabelecimento do contrato de sigilo grupal. Os participantes revelaram a curiosidade e a ansiedade que sentiram para saber quem seriam os integrantes do grupo de pesquisa, demonstrando o receio de que estivessem presentes colegas de faculdade com quem não tinham contato, conforme pode-se depreender dessa fala de Isis:

“Meu nome é Isis, eu to no quinto ano, também to confortável, eu admito assim que quando falou que seria terceiro, quarto e quinto ano eu fiquei um pouco assim ansiosa, por saber quem seriam as pessoas, porque tem pessoas que eu não converso não conheço então não no sentido negativo

assim aí não tem ninguém que eu não goste algo assim, mas foi aí quem será né? Me deu um pouco de curiosidade, de ansiedade sim, porque é algo que a gente precisa, formar esse grupo, então eu fiquei ansiosa, aí agora chegando aqui eu to muito confortável, muito confortável assim, todas as pessoas, as duas eu não conheço muito né (aponta para as duas integrantes do terceiro ano) porque a gente não se ve, já o pessoal do quarto ano (risos, os colegas riem também) e da minha sala, então assim é um grupo que eu fiquei muito feliz a hora que eu fui vendo todo mundo chegando” (Isis, 5º ano).

Assim como foi apresentado pela fala de Isis e de outros integrantes, havia um temor dos estudantes a respeito de quem seriam os componentes no grupo. Apesar de verbalizarem no contexto grupal que estavam tranquilos por estarem na presença uns dos outros, foi somente quando passaram ao contexto dramático e se reuniram em subgrupos conforme a série que estavam cursando na faculdade, que o campo tenso se transformou em campo relaxado e puderam compartilhar com os colegas de sala como estavam se sentindo como estudantes de Psicologia e produziram uma imagem coletiva a respeito desses sentimentos. Nesse sentido, pode-se perceber que o trabalho em subgrupos com os colegas de sala funcionou como uma boa estratégia para diminuição de comportamentos defensivos, possibilitando maior descontração nos participantes e a possibilidade de compartilharem e dramatizarem como estavam se sentindo nesse papel. O encontro com os colegas em cima do palco foi relatado como de grande emoção e muitos revelaram conter o choro nesse momento: as alunas do terceiro ano relataram que a partir da conversa que tiveram no palco, identificaram experiências em comum como estudantes de Psicologia e o sentimento de gratidão por estarem no terceiro ano da faculdade. Já os estudantes do quarto ano identificaram a possibilidade de estabelecerem relações de apoio uns para os outros nesse momento do curso, se conseguissem ir além das panelinhas e das relações conflitivas vivenciadas na sala de aula. Os participantes do quinto ano revelaram a emoção que sentiram ao se encontrarem no palco, pois se deram conta de que nesse momento do curso já não possuem o mesmo contato frequente em sala de aula e que estavam dando início ao último ano de faculdade. A tomada de consciência desses dois fatores foi relatada como significativa pelos participantes do quinto ano, que inclusive verbalizaram como tiveram a experiência de transformarem, no palco, o sentimento “de peso” por serem estudantes do quinto ano em leveza, por meio de uma gostosa brincadeira. Percebeu-se, nesse primeiro encontro, que os participantes sentiram-se mais a vontade quando reunidos em subgrupo e que no momento das dramatizações, as imagens grupais revelaram diferentes vivências acadêmicas, conforme a especificidade de cada série do curso: terceiro, quarto ou quinto ano

expressaram sentimentos diversos sobre a experiência de ser aluno de determinado período.

No segundo encontro do grupo os participantes chegaram introspectivos e silenciosos, e a interação não fluía livremente no contexto grupal. Com o trabalho corporal de aquecimento realizado no contexto dramático, revelaram-se experiências de intenso sofrimento emocional. Nesse sentido, destacou-se a importância do aquecimento corporal como o intermediador do contato dos participantes consigo mesmos e a necessidade de alguns em se manter mais voltados para dentro de si. Ingrid, Laura e Andressa permaneceram mais silenciosas, apesar das tentativas da diretora, utilizando a técnica do duplo, para que compartilhassem o que haviam acessado em termos de experiência e comentassem umas com as outras. A participante Laura também revelou ter sentido apreensão por vir ao encontro como única representante do terceiro ano, a medida que sua colega Bruna avisou antecipadamente que não viria. Mas ao final do encontro, revelou que esse desconforto inicial se dissipou e ela pôde sentir mais leveza com tudo o que foi vivenciado. A participante estava bastante emocionada ao longo do encontro e comentou de forma breve, no subgrupo, questões vividas na relação com seus pais. Andressa e Ingrid optaram pelo silêncio e apesar de intensa mobilização emocional, não falaram sobre o que estavam vivendo.

Por outro lado, o grupo 1, formado pelos estudantes do quinto ano: Jéssica, Isis, Felipe, Aurora e Ícaro, do quarto ano, mostrou-se mais solto e integrado, e os participantes conversaram entre si sobre as dificuldades vivenciadas ao longo da semana na faculdade e produziram um “grito coletivo”, concretizando dessa maneira as angústias vividas no papel de estudante e encontrando uma saída espontânea-criativa para revelar o que estavam vivendo como estudantes e que mostrou-se mais difícil sem aquecimento, no contexto grupal. Apropriaram-se do sofrimento vivido, expresso na dramatização com a participação de todos:

Cena: “Eu grito” (Os participantes em fila um ao lado do outro, e um a um se alternam para frente, dizendo uma frase para a plateia dando voz e sequencia um à fala do outro).

Ícaro: eu fico aqui parado, não consigo mexer, não tenho reação, mas sei que eu posso sair disso, parece que tá contra mim...

Jéssica: eu fico aqui parada, e eu também fico aqui cansada, também fico aqui imóvel sem conseguir e querendo muito mexer...

Felipe: eu fico aqui parado, eu fico aqui cansado, tenho medo do fracasso

Isis: eu fico aqui parada, eu fico aqui cansada, com medo do fracasso, mas tentando, tentando, e tentando...

Aurora: eu tenho comodismo, tenho cansaço, tenho medo, posso fracassar, mas vou continuar tentando, porque diante de tudo isso, mesmo não sendo ouvida, eu grito...

Todos juntos: eu grito!

Após a dramatização dessa cena, de volta ao contexto grupal, quando foram realizar o compartilhar, os participantes revelaram o tema protagônico do encontro, que identificaram como o “medo de crescer”: as falas revelaram sintomas de sofrimento psíquico relacionadas às vivências universitárias, especialmente as experimentadas pelos estudantes do quinto ano de psicologia, que protagonizaram o encontro. Os estudantes compartilharam sentimentos de desorganização, de vazio, de medo, principalmente em função dos estágios e dos atendimentos dessa etapa do curso, em que realmente entram em contato com o sofrimento humano e assumem a responsabilidade em desenvolver uma prática de acompanhamento psicoterapêutico. Apontaram também a quantidade de atividades a serem desempenhadas como um fator de desorganização, a medida que não conseguem “estar inteiros” em todos os compromissos e sentem-se atropelados. Ao final do encontro, algumas falas apontaram alívio em terem participado do encontro e a necessidade de buscarem novas respostas frente às situações vivenciadas no curso.

Nessa sessão, o grupo começou a assumir novas configurações sociométricas, em função das correntes emocionais vividas e possibilitando que fossem além da divisão por “salas”, abrindo espaço para uma nova configuração grupal, por maior identificação télica e não somente por pertencerem à mesma sala. Destacou-se também a revelação de uma experiência de Felipe e Isis, que trabalhavam juntos em um estágio. O participante pediu desculpas à colega por tê-la deixado esperando para realização de uma atividade de estágio, e Isis a princípio manteve-se silenciosa, mas quando foi realizar o próprio compartilhar, disse a Felipe que também estava se sentindo atropelada pela quantidade de tarefas a realizar e com medo de não ser capaz de tudo, e que por isso poderia desculpá-lo. Foi um momento significativo de reconhecimento daquilo que estavam vivenciando no papel de estudante, e a conversa realizada entre eles pareceu revelar uma retomada de espontaneidade na relação.

O terceiro encontro teve início com os participantes interagindo de forma livre e descontraída durante o café da manhã oferecido pela diretora em função da troca

do dia e horário. As participantes Isis e Anahí mostravam-se mais retraídas e silenciosas em um primeiro momento. Quando subiram ao palco como estudantes de Psicologia, no momento do aquecimento específico, todos aos participantes apresentavam-se bem à vontade, o que se confirmou na conversa em duplas que realizaram. A interação entre os participantes pareceu ocorrer de forma natural e livre. Quando foram convidados para escolherem uma cena a ser dramatizada, a maioria dos participantes, e especificamente, todos os estudantes do quarto ano, escolheram a cena de Andressa, que se passava na sala de aula durante a realização de uma atividade vivencial e que ela se sentiu mal e relatou ter acessado muita raiva. Andressa foi a protagonista nesse encontro e a dramatização teve início com essa cena na sala de aula, quando estava realizando a vivência e sentiu raiva. A protagonista revelou como sentiu-se mal por ter entrado em contato com sentimentos de baixa autoestima. Durante a dramatização, a protagonista lembrou-se de uma cena vivenciada na infância, quando ela tinha seis anos e brincava de bonecas na casa de uma amiga. Pode-se assim, questionar o que o protagonismo e a dramatização da participante estava revelando nesse dia a respeito do drama coletivo vivido no papel de estudante, especificamente, os conflitos vivenciados pelos alunos do quarto ano?

A vergonha sentida em situações de exposição de si mesmo nas relações interpessoais pareceu se revelar, e a dramatização da cena permitiu que os participantes, a sua própria maneira, se remetessem às dores vivenciadas nas relações interpessoais e que geraram vergonha e sentimento de rejeição, assim como momentos em que não se sentiram aceitos e escolhidos pelos outros. Pode-se afirmar que no terceiro encontro os participantes pareciam trazer a dificuldade de se expor, se revelar em grupo, e o quanto o convite para participar desse grupo era desafiador? Apesar de soltos e falantes na interação social do café da manhã, será que estavam prontos para se mostrar de forma mais íntima, revelando o que é sentido e experimentado na esfera privada do papel, mostrando aquilo que os fazem sofrer enquanto estão jogando esse papel e se envergonham de mostrar? Será que estavam problematizando ainda no nível co-inconsciente o medo da rejeição nas relações sociais? A necessidade de se mostrar sempre bom e competente em um papel? Tadeu comentou a vergonha que sentiu muitas vezes quando precisou se colocar e acabou optando por se calar, por medo de parecer “bobo” (sic); Ingrid começou a falar sobre as dores vivenciadas nas relações em sua época do fundamental II, em que vivenciou experiências de discriminação e preconceito. Ao se colocar, Ingrid também

manifestou como tinha se sentido por não ter sido escolhida por Andressa para participar da dramatização:

“Meu coração tá assim pequenininho sabe? Apertado tá doendo...mil coisas na minha cabeça agora...vendo a situação eu pensei nossa ainda bem que eu não estava em nenhum papel ali dentro...porque nossa...eu sofri muito na minha época de fundamental II, antes assim do colegial ... muito... nossa é horrível sabe? (Ingrid, 4º ano).

A fala de Ingrid pareceu estar ligada a um questionamento sobre não ser escolhida por alguém em uma dramatização, mas poderíamos pensar também sobre um certo modo de falar de uma experiência de rejeição, de não se sentir escolhida? Ingrid continua sua fala contando para o grupo como teve que mudar ao longo da vida para sentir-se mais aceita nas diferentes relações, nos diferentes grupos, e que durante a dramatização sentiu vontade de sair do grupo, por ainda perceber-se lutando para saber quem é e porque não se sente aceita, escolhida.

Bruna trouxe a vergonha que sentia de si mesma quando era criança; Ícaro falou sobre situações de discriminação vivenciadas na escola durante a adolescência. Anahí retomou a criança submissa que parece carregar dentro de si e que gostaria de superar para sentir-se mais livre. Isis também retomou sua adolescência e algumas experiências de discriminação vivenciadas nessa época, mas emocionou-se durante o compartilhar quando se deparou com a dor em ser considerada a melhor aluna da sala: sua fala marcada pelo choro permitiu que contasse para o grupo como sentia-se solitária e sobrecarregada pelo fato de *não poder errar (sic)*. No começo da sessão, Jéssica compartilhou o quanto vinha sentindo-se rejeitada por profissionais da empresa em que estava realizando o estágio de Psicologia Organizacional e ao final do encontro, se emocionou bastante após o duplo realizado pela diretora, em que foi colocado o termo “rejeição”, que pode ter evocado os sentimentos decorrentes da experiência de não ser escolhido, de ser rejeitado, como ela pareceu se sentir após sair da empresa em que estagiava. No terceiro encontro, o grupo parecia tatear o quanto esse seria um espaço confiável para explorar as experiências de sofrimento no papel de estudante, para poder falar de si mesmo com liberdade, confiando nas outras pessoas e na possibilidade de ser aceito como se é.

O quarto encontro, realizado após uma pausa de um mês nos encontros grupais, foi vivido quase inteiramente no contexto grupal e somente ao final utilizou-se o contexto dramático para retomar a aproximação entre os integrantes e a unidade funcional, em busca de campo relaxado para se explorar as vivências do papel de

estudante. Ao longo do quarto encontro, as falas foram sugerindo conflitos vivenciados no contexto social e que se transportaram também para o contexto grupal: Andressa pareceu antagonizar com a diretora, com Tadeu e Ingrid nesse encontro, mostrando-se isolada e adotando uma postura silenciosa e observadora. Primeiro, revelou que tinha sentido preguiça de vir ao grupo. Depois, compartilhou sobre como tinha se sentido feliz pela realização da própria atividade vivencial na sala de aula, que havia sido muito elogiada pelos colegas. As falas da participante foram antagonizadas por Tadeu e Ingrid, que se sentiram felizes por retornar ao grupo de pesquisa e que estavam gostando bastante das vivências na faculdade. Apesar de elogiarem a vivência desenvolvida pelo grupo de Andressa, disseram que não conseguiram se expor totalmente devido à dificuldade com alguns colegas no interior da sala de aula, aspecto que viam como o disparador das resistências às vivências. Nesse sentido, ao longo da sessão, os participantes revelaram a competição vivenciada entre os alunos para a realização das atividades vivenciais no contexto da disciplina sobre grupos, que já havia aparecido no terceiro encontro, quando Andressa revelou ter sentido raiva por precisar entrar em contato mais íntimo consigo mesma e se expor na sala de aula, durante a realização da vivência desenvolvida pelo grupo de Tadeu. Durante o quarto encontro, as falas de Tadeu pareceram antagonizar com Andressa, revelando um possível conflito vivido entre eles. Tadeu, Ingrid e Ícaro apresentaram maior sintonia entre eles e Andressa permaneceu mais isolada. Por outro lado, Jéssica, Bruna e Aurora pareceram ter se conectado entre si, principalmente após a fala de Aurora, que revelou o sofrimento que tem sentido como estudante, inclusive com dificuldade de frequentar a faculdade. As falas das participantes remeteram à experiências de dificuldade no desempenho de papel de aluna e um modo solitário de estar vivenciando esse papel. Nesse sentido, a diretora sentiu a importância de um trabalho de aquecimento específico que promovesse maior sintonia entre os participantes, provocando maior percepção de si mesmo e criando condições para um reconhecimento do outro e assim, trabalhar os conflitos que se revelavam no contexto grupal, assim como os participantes que se mostravam isolados sociometricamente. O jogo dramático experimentado no palco relaxou o ambiente e permitiu que os participantes reconhecessem a si mesmos, as questões pessoais vivenciadas e o que estavam sentindo necessidade de afirmar a respeito de si, revelando o processo de busca de afirmação da própria singularidade. Ao trocarem de “papel” com os próprios sentimentos, falaram de modo mais livre de como estavam buscando entender o que

sentiam, quem eram e o que estavam vivendo. Apareceram então diferentes estados emocionais como o reconhecimento e a afirmação de experiências de tensão e de solidão; um modo intenso de ser que pode provocar incômodos; a confirmação da busca pelo crescimento e a sensação de estar perdida dentro de si mesma, junto ao desafio de tornar-se quem se é. A participante Aurora inclusive revelou o nível de sofrimento psíquico que estava sentindo como estudante, sentindo-se atemporal e sem cronologia, não conseguindo ir à faculdade ou realizar as atividades necessárias. Ao afirmar que ninguém se interessava em saber como ela estava, mas somente se ela estava fazendo o TCC, contou para o grupo a profundidade do sentimento de solidão pelo qual estava passando. Com a realização da atividade no palco, Aurora mostrou-se mais integrada ao grupo, conectando-se aos demais participantes e permitindo-se experimentar a liberdade em ser aceita exatamente como estava se sentindo. Ao final, estava visivelmente relaxada e comentou estar sentindo-se feliz por pertencer ao grupo, a medida que tinha vivido no palco um sentimento de que no grupo cada um poderia se mostrar como estava, com liberdade e respeito às singularidades. Pode-se pensar que o exercício realizado em cima do palco, quando puderam observar a diversidade que cada um trazia para o grupo e saudar a mesma por meio da brincadeira, repetindo a frase “que bom que você está aqui”, proporcionou relaxamento e integração entre os participantes, resgatando o processo vivido antes da pausa de um mês, preparando o grupo para os próximos encontros e quem sabe, cultivando um campo mais relaxado para o enfretamento dos conflitos que começaram a aparecer.

A partir do quinto encontro, apareceram de forma mais clara as diferentes experiências de sofrimento vivenciadas pelos participantes no papel de estudante, e essa sessão foi particularmente marcante nesse processo. Os participantes Tadeu e Andressa faltaram dessa sessão, e desde o início do encontro o clima do grupo era relaxado. Ingrid mostrou-se bastante à vontade e disposta a trabalhar suas questões como estudante. Aurora também estava à vontade e destacou como tinha sido importante para ela o encontro anterior, em que sentiu-se muito acolhida pelo grupo. A fala de Ícaro emergiu como síntese do que estava sendo vivido no grupo, ainda no início da quinta sessão:

“E ver o vínculo de confiança que a gente está criando aqui dentro né, porque não é fácil falar de muita coisa que a gente fala...e a gente está falando dessas coisas, então eu acho isso muito importante, foi o que mais ficou pra mim semana passada...” (Ícaro, 4º ano).

E nesse clima, começaram a se apropriar de como estavam sentindo-se como estudantes de psicologia, e diferentes sentimentos negativos emergiram, expressos por meio de diferentes palavras, solicitadas pela diretora no final do aquecimento inespecífico: incapaz; desesperança; pressão, fracasso, medo, força, “lá e cá”. No contexto dramático, os participantes realizaram movimentos corporais distintos, primeiro concretizando como estavam se sentindo no papel de estudante universitário, depois buscando uma saída, também corporal, para esse sentimento. Esse foi um momento importante, pois as ações corporais realizadas no palco buscavam novos modos de ser e de estar, em um movimento de liberdade que parecia demonstrar que o grupo estava em condições de aprofundamento nos possíveis conflitos mobilizados. A diretora então sugeriu a formação de subgrupos, com a proposta de que os integrantes de cada grupo menor compartilhassem uma cena vivida na faculdade recentemente, escolhendo uma delas para dramatizarem, representando o grupo todo. Orientou que a cena dramatizada deveria ter início, meio e fim. Os participantes trabalharam em grupo demonstrando descontração e liberdade e duas cenas foram escolhidas: a primeira, apresentada por Isis e que contou com Ícaro e Anahí como egos-auxiliares, revelava um conflito de Isis, vivido na relação com a supervisora de estágio. A segunda cena trabalhada foi apresentada por Ingrid e contou com Felipe, Jéssica e Ícaro como egos auxiliares; essa cena referia-se a uma experiência vivida por Ingrid na sala de aula quando precisou dirigir uma atividade vivencial com duas outras colegas e sentiu que a atividade havia sido um fracasso, sentindo-se culpada e incompetente como estudante, a ponto de ter medo de sua atuação profissional futura. As duas dramatizações promoveram, segundo termo empregado por Naffah Neto (1997), uma “desalienação do papel”, ou seja, as participantes iniciaram as dramatizações retomando o papel social de estudante, quando atuaram, como no contexto social, de modo a reproduzir o silêncio e a submissão que entendiam como adequadas ao papel. No entanto, durante a dramatização, Isis trocou de papel com sua supervisora e compreendeu o quanto precisava suportar o não saber enquanto estagiaria de psicoterapia. Ingrid percebeu o quanto não ter construído a atividade vivencial em parceria cooperativa com suas colegas culminou em uma falta de integração e clareza do grupo no tocante à proposta de intervenção, dificultando que fizessem o trabalho de forma coerente.

Ao realizar uma revisão dos conceitos morenianos, especificamente no tocante à teoria dos papéis, Naffah Neto (1997) explica que os papéis sociais são aqueles prescritos pela coletividade, produtos da conserva cultural, propostos sempre com um certo grau de rigidez. Já os papéis decorrentes do espaço da fantasia, que se configuram a partir da brecha entre a fantasia e a realidade, ele chama de Papéis Imaginários. Por fim, os papeis psicodramáticos que podem incluir a criação pessoal, flexibilidade e liberdade. A dramatização permite que o protagonista condense num mesmo espaço simbólico a sociedade, o grupo e o indivíduo, provocando a transformação dos papeis sociais em papeis psicodramáticos. Nas palavras de Naffah Neto (1997):

Do papel dramático, conservado, estratificado e perpetuador de um drama deslocado do ator, chegamos ao papel psicodramático que retoma e focaliza num mesmo eixo o ator e o drama como duas partes implicadas entre si, possibilitando a emergência da espontaneidade e da criatividade e a retomada pelo ator de seu sentido verdadeiro: o de agente (p. 194).

Pode-se pensar que nesse momento, das duas dramatizações vivenciadas, as protagonistas, e também o grupo, começaram um processo de superação da clivagem entre papel social e pessoa privada, trazendo para o centro do palco, no contexto dramático, as dificuldades singulares e o que se colocava como desafiador a ser superado no papel de estudante, de forma a assumir uma relação de interioridade, de sentido com aquilo que estava sendo aprendido. As duas participantes se permitiram uma abertura durante as dramatizações, indo além das feridas- entendidas por Ingrid como fracasso- e abrindo-se para o não saber, para a possibilidade de se colocarem no processo de construção do conhecimento e de si mesmo, vivido no decorrer da formação profissional. As dramatizações de Isis e Ingrid permitiram uma compreensão daquilo que era próprio, em termos de necessidade de enfrentamento de si, no processo de assumir o papel de psicólogo.

Por outro lado, Isis pôde olhar para as próprias cobranças de perfeição no papel de estudante, de ser aquela que sempre dá conta de tudo, e olhar para suas dúvidas e medos, que se tornaram conscientes por meio da dramatização. A dramatização da participante provocou inclusive uma reação de espanto por parte de seus colegas Felipe e Aurora, sendo que esta chegou a verbalizar que Isis era para ela, Aurora, a estudante ideal, e que se deparar com as dificuldades da colega tinha possibilitado

que ela entendesse as múltiplas singularidades possíveis que perpassam os estudantes universitários no desempenho desse papel.

No sexto encontro as participantes chegaram ainda processando o quinto encontro, revelando para as demais integrantes do grupo as reverberações daquilo que tinham vivido no palco. Ao contar para o grupo como a dramatização da sessão anterior teria sido importante para ela se retomar como estudante, saindo da paralisia que estava mergulhada, Ingrid comentou sobre a experiência vivida, abrindo espaço para que ela e Andressa pudessem compreender o padrão competitivo que permeava a relação entre os estudantes da sala do quarto ano de psicologia. Andressa não veio na sessão anterior, assim como Bruna, e as duas permaneceram quietas a maior parte do encontro. Nesse sentido, a diretora conversou com Bruna sobre como ela estava se sentindo após o desligamento de Laura, sua colega do terceiro ano. Bruna disse que gostaria de continuar no grupo, pois entendia como uma oportunidade de autoconhecimento. Durante a sexta sessão, Aurora pôde sair do silêncio a respeito de si mesma e revelar as dificuldades que vivenciava em função de suas relações familiares e que provocavam sofrimento emocional. O grupo acolheu Aurora de forma bastante solidária e amorosa, e o clima grupal de ternura possibilitou que Jéssica também comentasse sobre questões relativas ao universo familiar que estava precisando compartilhar. As relações grupais se mostraram continentes a diferentes dramas das participantes nesse dia, e extrapolando questões relativas ao universo acadêmico, o sexto encontro se encerrou no contexto dramático, concretizando a rede de apoio social que o grupo sociodramático estava se tornando para as participantes presentes nesse dia.

No sétimo encontro, os estudantes do quinto ano começaram a apresentar uma problemática relativa à formatura: o modo automático e dissociado que tinham vivenciado a sessão de fotos, no dia anterior. Revelaram a dificuldade em resgatar a alegria para vivenciar o momento, ou mesmo comemorar a formatura próxima. Viveram a sessão de fotos como mais uma atividade burocrática e não encontraram sentido para a mesma; ou quem sabe não estavam conseguindo se conectar internamente com o que estavam vivendo. A proposta de revisitar a história individual desde a entrada na faculdade proporcionou um sentimento de apropriação do processo de transformação vivenciado desde que se tornaram estudantes de psicologia, e puderam olhar com cuidado para a importância do percurso acadêmico em suas vidas. Entretanto, Jéssica retomou o quanto estava experimentando um

sentimento de caos nesse momento final do curso, em função de diversos conflitos interpessoais vivenciados tanto em sala de aula quanto nos estágios, emergindo uma vivência de dúvida a respeito de si mesma e da própria capacidade de ser psicóloga.

O oitavo encontro também aconteceu em dia e horário diferentes. Em pleno final do semestre, os participantes demonstraram cansaço e desânimo com as atividades da faculdade. Dessa maneira, os alunos buscavam compreender o drama vivenciado por eles ao final do semestre, os efeitos das vivências acadêmicas em cada um. O sentimento expresso era de cansaço, esgotamento, ansiedade, correria. Após o silêncio inicial, no decorrer da sessão e no contexto grupal os participantes conversaram livremente: complementavam as falas uns dos outros e interagiam sobre as diferentes percepções do que cada um estava vivenciando na faculdade. Depois que todos se colocaram, o clima no grupo ainda era de ansiedade e cansaço. A participante Andressa relatava ansiedade mas negou as tentativas de intervenção da diretora para revelar no contexto dramático o que se passava. Isis, que também estava abatida e relatando o quanto sentia o desempenho no papel de estudante de forma automática e conservada, aceitou o espelho proposto pela diretora, e se viu perdida em meio ao “paradoxo do tudo e do nada”. Os participantes presentes nesse dia concordaram que se viam assim como estudantes ao final do semestre: engolidos pela quantidade de atividades que tinham para realizar. A diretora propôs a realização de uma imagem coletiva ao final, aja vista que compartilharam as pressões vividas no plano verbal. Os participantes criaram a imagem conjuntamente e de forma corporal, sem programação ou planejamento. Essa atividade gerou descontração, intimidade e o clima tornou-se mais lúdico. Ao final, compartilharam em círculo uma música proposta por um dos participantes, demonstrando sintonia no drama compartilhado: o peso do final de semestre, a responsabilidade com as atividades acadêmicas, a frustração e os êxitos vividos no papel de aluno; a perda da espontaneidade-criatividade em função das demandas acadêmicas e os caminhos possíveis para o resgate da mesma.

O nono encontro constitui-se no último do primeiro semestre e os participantes iniciaram, já no aquecimento inespecífico, comentando sobre o processo, questionando as ausências de outros participantes e revelando a vinculação já iniciada entre eles. Ao sentirem falta de quem estava “sumido”, começaram a revelar a importância do contexto grupal e de participarem do mesmo. Observando-se as frequências individuais dos participantes do grupo, Bruna, Tadeu e Andressa eram os

que mais havia perdido sessões do grupo. Mas nesse dia, que Andressa já teria viajado e não estava presente, o clima era afetivo e tranquilo no início do encontro, e parecia revelar a intimidade já estabelecida entre eles. O modo como se colocou, espontânea e livremente, desde o início do encontro, pareceu revelar a chegada real de Tadeu no grupo, pois havia faltado algumas sessões e desde o sétimo encontro pareceu ter criado um vínculo mais efetivo com o processo grupal. O nono encontro permitiu a avaliação do processo já vivido, revelando a importância das vivências em contexto dramático para maior reconhecimento dos conflitos vividos no contexto acadêmico, do sofrimento psíquico vivido e em consequência a liberação da espontaneidade-criatividade, como a necessidade de reconhecimento do próprio jeito de ser aluno, na busca de uma relação de sentido com a vida, como estudante.

O décimo encontro ocorreu após uma pausa de 40 dias, em função das férias escolares. A participante Bruna se desligou efetivamente do grupo, explicando para a diretora que estava com dificuldades de se locomover até o local de realização das sessões. A diretora considerou importante reiniciar o grupo retomando o contrato de participação dos outros estudantes, a fim de verificar como ressoava a desistência de Bruna- se era indicativa de um início de esvaziamento do processo grupal. Nesse sentido, a fala de uma participante revelou como a sociometria do grupo e possibilidade de um Encontro verdadeiro com os colegas emergia como a força terapêutica, na perspectiva de se constituir em uma rede social de apoio entre eles:

“Eu quero estar aqui mas além do que o grupo me oferece as pessoas também acho que a gente está se tornando um grupo mesmo assim de querer estar com essas pessoas, além de estar aqui participando do grupo que eu sei que vai ser bom a vivência eu quero estar com essas pessoas sabe?” (Isis, 5º ano).

Nesse encontro em especial, os participantes refletiram, no contexto grupal sobre as diferentes questões que os incomodavam ao se perceberem retornando às aulas. Aspectos da vivência institucional que provocam sofrimento psíquico, por não haver, na percepção dos participantes, muito espaço para considerar a singularidade das pessoas no processo de aprendizagem. A quantidade de relatórios, disciplinas, trabalhos e provas despontaram como os grandes “vilões” dos estudantes universitários de psicologia participantes do grupo, que relataram sentir-se massacrados e muitas vezes perdidos em meio ao excesso de atividades e demandas. Passaram todo o encontro revelando o modo de funcionamento do curso

e as questões que os incomodavam, que não faziam sentido ou provocavam um sentimento de estar perdido, esgotado.

No décimo primeiro encontro, Andressa revelou o interesse em participar do grupo para aprender mais sobre técnicas grupais e participou como observadora. Anahí revelou a demanda por psicoterapia individual, a medida que estava passando por questões pessoais que ela não considerava que poderia trabalhar no grupo sociodramático. Nessa seção, Jéssica foi a protagonista e em sua dramatização, trouxe a relação com sua orientadora do trabalho de conclusão de curso e as dificuldades que encontrava nessa relação, sentindo-se “pequena” perto da orientadora, que ela sentia trata-la com indiferença. Jéssica também trabalhou o medo de não conseguir tirar nota 10 no TCC e não se formar do modo como havia sonhado. Durante a dramatização, quando trocou de papel com sua orientadora, lembrou-se de um fato de sua infância e pediu para encerrar a dramatização, pois não se sentia em condições de continuar. A diretora acolheu o pedido da participante e o grupo foi convidado a subir no palco para devolver para Jéssica “qual futuro” gostariam de compartilhar com ela. O grupo foi acolhedor e ao final do encontro, Aurora propôs que todos cantassem um trecho de uma música, revelando-se solidaria com Jéssica e todo o sofrimento que ela havia trabalhado no contexto dramático.

No décimo segundo encontro, ao longo da sessão, Jéssica revelou o desconforto sentido na relação com a diretora, assumindo estar com raiva. Houve espaço para a emergência do conflito sociométrico com a diretora por parte de Jéssica. Mas quais os sentidos possíveis dessa oposição? Jéssica afirma a oposição com a diretora, mas não revela diretamente os motivos pelos quais tinha sentido raiva, após a dramatização da semana anterior. Nesse encontro, no contexto grupal discutiram as diferentes leituras realizadas acerca do poema de Álvaro de Campos, levado pela diretora, buscando problematizar as diferentes mascaras utilizadas nas relações sociais que impedem de certa forma, uma vida livre, autêntica. No contexto grupal, simplesmente dançaram juntos, resgataram brincadeiras infantis, permitiram-se uma liberdade corporal e compuseram, juntos, novos movimentos no palco. Ainda durante os solilóquios, em que foram convidados a buscarem cenas vividas e pensarem alto sobre a emergência dessas cenas, as falas revelaram a busca por se permitir ser mais um na multidão (Isis); o desejo de não ser comparada com a irmã e ser aceita como é (Ingrid); a necessidade de se comportar de modo mais livre, para além da busca por aceitação (Tadeu e Ícaro); o desejo de afastamento de uma família

que faz sofrer (Aurora); a necessidade de fazer o que tem vontade (Anahí); o olhar para os buracos que aparecem na vida (Jéssica). Falas que promoveram liberdade de expressão, oportunizando o resgate da espontaneidade-criatividade apesar das exigências das conservas culturais.

Anteriormente à realização do décimo terceiro encontro, os participantes Felipe e Anahí avisaram a diretora que iriam se desligar do grupo, por diferentes motivos. Mais uma vez, a diretora devolveu para o grupo como se sentiam com o desligamento dos colegas e Jéssica mostrou-se triste e inconformada. Ao conversar sobre essa questão com os participantes nesse dia, a diretora questionou se não haveria um sinal de esvaziamento da proposta da pesquisa e possível necessidade de finalização do grupo. Nesse sentido, Tadeu, Ícaro, Ingrid, Isis, Aurora e Jéssica revelavam o desejo em continuarem com o processo grupal, pois sentiam como um espaço de apoio importante para compartilharem aquilo que viviam como estudantes de psicologia. Destacaram o fato de estarem vinculados entre si e sentirem vontade de encontrarem-se no contexto grupal para compartilharem o vivido no contexto social, institucional. A diretora então propôs a formação em subgrupos e a produção de uma escultura que provocou o desejo de dizer não às muitas e diferentes demandas vivenciadas na faculdade, e pôde se concretizar no palco ao dizerem “não” à proposta da diretora, revelando o desejo de romper com um certo modo automático de fazer as coisas. O desejo de ser livre e romper com o sentimento de esvaziamento sentido por enfrentarem tantas demandas e atividades obrigatórias foi experimentado pelo grupo de Tadeu, Ingrid, Isis e Aurora, que afirmaram o prazer de simplesmente estarem juntos, conversando, em um nível de interação que iria além da correria do cotidiano. Tadeu externalizou o que viveram no encontro no subgrupo:

“Fico nessa angústia de ter que fazer as coisas e não estar vivendo nada direito, tudo tem que fazer por obrigação e aí não tem tempo pra fazer as coisas que eu quero fazer, as coisas que eu gosto de fazer não tem mais o mesmo gosto sabe? A gente até discutiu, a Ingrid perguntou, será que o tédio é o contrário do tesão, porque eu falei isso, eu não tenho tesão, tenho tédio de estar fazendo” (Tadeu, 4º ano).

Poderíamos entender o referido tédio como o oposto da espontaneidade-criatividade, intensamente buscada por Tadeu, Ingrid, Isis e Aurora nessa sessão, e que muitas vezes não conseguem viver no contexto institucional, em função das diversas e muitas demandas, mas também pelo modo como desempenham os papéis de estudantes, quando não conseguem superar a clivagem existente entre o papel

social e a pessoa privada, e permanecem continuamente não encontrando um modo de ser sujeito atuante no mundo, em uma relação de interioridade com a vida, nos termos propostos por Naffah Neto (1997):

Legitimados e universalizados como modelos de conduta naturais, os roles passam a ser assumidos e desempenhados; as máscaras acabam por se confundir com o corpo e transformam-se em atitudes e os sujeitos assim envolvidos e confundidos passam a se acreditar agentes quando, na verdade, são tão-somente 'agidos'(p. 184).

Nesse encontro, os participantes afirmaram o próprio desejo e as próprias verdades, falando não para a proposta da diretora e encontrando assim um espaço para superação da clivagem do papel social e do eu privado, integrando-se como sujeitos agentes, abandonando a postura de “agidos” e afirmando-se no contexto grupal, de modo que essa ação como sujeitos que estabelecem relações de sentido com o mundo se tornasse possível também no contexto social, provocando enfrentamento das muitas e dissociadas demandas advindas do papel social de estudante.

No décimo quarto encontro, estavam presentes Isis, Aurora, Tadeu e Andressa. Houve uma dramatização de Isis e Aurora, em que uma cena sobre a festa surpresa de Isis, preparada pelos colegas de sala, foi resgatada, revelando o profundo afeto sentido pelos colegas, demonstrando a importância das relações de amizade desenvolvidas por Isis ao longo do processo de formação e a gratidão sentida pela oportunidade de realização do curso. Aurora pôde agradecer a amiga por todo o apoio recebido por ela ao longo da faculdade, o que provocou um bonito encontro entre as duas. A dramatização permitiu que Tadeu se reconhecesse em suas características pessoais, e o participante mostrou-se mais à vontade para exprimir esse afeto na relação com Isis. Os participantes mostraram-se entristecidos com o fato de que o próximo encontro seria o último, pois seria feita a avaliação do processo grupal e finalização.

O décimo quinto encontro foi marcado pela finalização do processo, relatado como difícil por alguns participantes: Jéssica, Tadeu e Aurora. Nesse dia, apesar de já terem comunicado o desligamento do processo grupal, Felipe e Anahí vieram se despedir e após ouvi-los, Jéssica e Tadeu manifestaram gratidão pelos colegas terem vindo e explicado os motivos pelos quais não puderam continuar participando do grupo. Durante a avaliação, emergiu o desejo de alguns em continuarem com os encontros grupais, mais livres para trabalharem questões pessoais e não somente

aquelas ligadas ao papel de estudante. O que justamente era diferente do desejo de Anahí, que manifestou por diversas vezes sua dificuldade em estar presente no grupo em função de questões pessoais, que não gostaria de trabalhar no processo grupal. Por outro lado, Andressa não compareceu à sessão de avaliação, o que acabou impedindo também o enfrentamento das questões relativas aos conflitos sociométricos e a resposta negativa ou positiva dela acerca da disponibilidade em continuar no grupo. A revelação de Jéssica para Felipe, de que sentiu muito a falta dele nos encontros grupais, pois gostaria de ter aprendido mais com ele, provocou uma discussão no grupo acerca das diferentes possibilidades de ser estudante universitário, externalizando dificuldades, dúvidas, anseios, o que foi problematizado por Anahí como a possibilidade de estarem no papel de outras maneiras, não como tradicionalmente: vítimas ou contraventores do sistema educacional. Nesse sentido, a sessão de avaliação permitiu que revelassem aquilo que teria sido possível perceber durante os encontros do processo sociodramático: a atenção ao modo como desempenhavam o papel e o quanto se apropriavam daquilo que fazia sentido para eles, fazendo-se presença na instituição, nas relações, no modo de aprender. Os questionamentos que ecoaram durante o encontro de avaliação permitiram que se percebesse o padrão de estudantes que estavam sendo: enquanto vítimas de um sistema ou contraventores do mesmo, mas em ambas atuando um papel social de maneira alienada. Nesse sentido, parece que compreenderam uma saída possível do sofrimento do papel de estudante, que seria justamente a possibilidade de ser mais espontâneo-criativo: reestabelecendo um corpo em ação, comprometido, responsável, indo além de um corpo estático ou inerte, retomando a possibilidade de ações espontâneas, entendidas como exercícios de liberdade.

Observa-se assim, que o processo grupal permitiu em certa medida a superação da clivagem entre papel social e pessoa privada enquanto estudantes, o que promoveu movimentação do sofrimento que permanecia inconsciente.

Algumas conservas culturais, tanto do papel de estudante quanto relativas ao funcionamento institucional, foram percebidas e experimentadas ações espontâneo-criativas de superação. Além disso houve incremento da Tele nas relações interpessoais, possibilitando diálogos francos e novos acordos, a partir da revelação das diferenças nos modos de ser dos participantes.

Observou-se ainda que o corpo em ação e a vivência da realidade suplementar, experimentados no contexto dramático, possibilitaram investigações e compreensões

que não seriam possíveis no contexto social e por meio somente da linguagem verbal, o que afirma a especificidade e importância do método psicodramático na condução da pesquisa, que produziu dados originais, além de transformações nos diversos modos de sofrimento apresentados pelos estudantes de Psicologia.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O sofrimento psíquico na população de estudantes universitários tem atingido elevados índices de incidência, e, a presente pesquisa realizou-se tendo por objetivo compreender as vivências desses estudantes e mapear situações desafiadoras e geradoras do referido sofrimento psíquico, assim como as vivências ampliadoras de potencialidades. Foram realizadas 15 sessões de grupo embasadas no referencial teórico metodológico do Psicodrama com 11 estudantes de Psicologia a fim de investigar os desafios acadêmicos, pessoais, sociais e vocacionais vividos pelos estudantes universitários, assim como compreender as relações interpessoais vivenciadas pelos participantes da pesquisa no cotidiano acadêmico.

Os resultados permitiram identificar que os estudantes universitários no desempenho desse papel assumem diversos desafios, relacionados ao desenvolvimento pessoal e vocacional. As relações sociais vivenciadas em contexto acadêmico também se mostraram como um aspecto importante da vivência dos alunos, funcionando ora como fonte de sofrimento psíquico e também como apoio social. A interação com os fatores específicos da vida acadêmica e o funcionamento do curso de Psicologia também se revelaram como fonte significativa de sofrimento.

No âmbito pessoal, os estudantes revelaram dificuldades na prática do cuidado de si, como a prática de esportes e atividades de lazer, em função das excessivas demandas vividas na faculdade. Demonstraram as dificuldades relacionadas a própria autoestima, quando confrontados com a necessidade de exposição de si em contexto social, e sentimentos de vergonha e auto rejeição apareceram como fontes de sofrimento emocional quando os estudantes se deparam com a necessidade de exposição pessoal em nível acadêmico.

A construção do futuro papel de psicólogo aparece como fonte de sofrimento e observou-se a importância da relação professor-aluno na construção da identidade profissional e minimização da instalação do sofrimento psíquico oriundo da constituição do papel profissional, à medida que é nessa relação que os estudantes podem identificar-se afetivamente com posturas do campo profissional e orientar as escolhas de carreira.

Nesse sentido, serviços de apoio ao estudante que ofereçam atendimentos psicoterápicos, individuais ou em grupo, a fim de atender as dificuldades de ordem emocional dos estudantes, são amplamente sugeridas pela literatura, visando o

suporte às necessidades de desenvolvimento pessoal dos estudantes em decorrência das vivências acadêmicas.

Por outro lado, revelaram-se diversos desafios nas vivências das relações sociais em contexto acadêmico, tais como a relação aluno-aluno; professor-aluno, aluno-família, que interferiram de algum modo, na maneira de desempenhar o papel de estudante. As relações aluno-aluno mostraram-se ser fonte de sofrimento psíquico quando permeadas por uma lógica competitiva, baseada em uma cultura de alta performance acadêmica em que o aluno ideal emerge como um personagem a ser perseguido no desempenho do papel.

A relação professor-aluno no contexto acadêmico pesquisado pode assumir, na perspectiva dos participantes, um caráter assimétrico, notadamente vivenciada como uma relação de poder. Os alunos demonstraram vivenciar diferentes expectativas na relação com os professores que podem ser fonte de sofrimento e seria válido considerar a importância de trabalhos interventivos, em contexto acadêmico, que busquem abordar essa relação de modo a torná-la mais aberta ao desempenho de papéis cada vez mais descolados do padrão autoridade-subordinação, que conforme visto, produzem sofrimento psíquico.

No tocante aos desafios relacionados ao desempenho acadêmico, apareceram diversas manifestações psicossomáticas e sofrimento psíquico desencadeados em função das demandas acadêmicas, em que se destaca a excessiva ênfase no desempenho acadêmico. As questões apresentadas pelos estudantes como causadoras de sofrimento são diversas e estão relacionadas à carga horária excessiva de atividades do curso e a natureza específica do estudo da Psicologia, que mobiliza sentimentos e aborda temas de caráter pessoal nos alunos; as demandas emocionais vivenciadas nos estágios dos dois últimos anos do curso. a excessiva ênfase no desempenho acadêmico. Com relação à vivência nos estágios profissionalizantes, os resultados revelaram dificuldades advindas do aprendizado de uma atitude clínica, por perpassar questões pessoais do estudante que muitas vezes ainda não foram trabalhadas na própria psicoterapia individual. Aprender a ser psicoterapeuta e entrar em contato com os temas relativos à subjetividade humana emerge como um dos grandes desafios do estudante universitário de Psicologia.

Os resultados sugerem a importância de ações e o estabelecimento de práticas interventivas de cuidado, em contexto acadêmico, visando o desenvolvimento pessoal e profissional dos diferentes atores da instituição. Destacou-se a importância de

práticas preventivas e focadas em ações com os demais membros da comunidade escolar que participam do processo formativo, como investimentos na formação de professores, o trabalho conjunto com coordenadores de curso e a participação no planejamento e avaliação dos processos de ensino-aprendizagem, ampliando a intervenção para o nível institucional.

A presente pesquisa também teve o objetivo de investigar os benefícios do Sociodrama moreniano para promoção de saúde mental de estudantes universitários, buscando favorecer o resgate do espontâneo-criativo nas vivências acadêmicas. Os resultados oriundos do processo grupal sociodramático permitiram observar que esse se constitui em uma potente ferramenta de intervenção com grupos de estudantes universitários, na medida em que permite um resgate de relação de interioridade com a vida, promovendo uma maior consciência, por parte dos participantes, no modo como desempenham o papel de estudante e quais fatores bloqueiam sua experimentação de forma mais autêntica, saindo de ações repetitivas e automáticas. A vivência da realidade suplementar experimentada no contexto dramático possibilitou investigações e compreensões que não seriam possíveis no contexto social e por meio somente da linguagem verbal, o que afirma a especificidade e importância do método psicodramático na condução da pesquisa, que produziu dados originais, além de transformações nos diversos modos de sofrimento apresentados pelos estudantes de psicologia.

Sugere-se que novas pesquisas sejam realizadas, ampliando a intervenção para o nível institucional e para estudantes de todas as etapas do curso de Psicologia sendo que na atual pesquisa optou-se pelos anos finais.

Os próprios alunos possuem recursos de enfrentamento do sofrimento proveniente da vida acadêmica, desde que tomem consciência de suas vivências, desafios e dificuldades, encontrando saídas individuais e coletivas para as questões que emergem durante o curso de graduação. As vivências acadêmicas, se bem trabalhadas e refletidas, podem ser fonte de amadurecimento e desenvolvimento pessoal e profissional.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, W. C. **Moreno- encontro existencial com as psicoterapias**. São Paulo: Ágora, 1991.
- AMBIEL, R. A. M.; SANTOS, A. A. A.; DALBOSCO, S. N. P. Motivos da evasão, vivências acadêmicas e adaptabilidade de carreira em universitários. **Psico.**, Porto Alegre, v. 47, n. 4, p. 288-297, 2016.
- ANDRADE, J. B. C. et al. Contexto de formação e sofrimento psíquico de estudantes de medicina. **Rev. bras. educ. med.**, Rio de Janeiro, v. 38, n. 2, 2014.
- ANDRADE, A. S. et al. Vivências acadêmicas e sofrimento psíquico de estudantes de psicologia. **Psicol. cienc. prof.**, Brasília, v. 36, n. 4, p. 831-846, dez. 2016. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932016000400831&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 14 ago. 2017.
- ALMEIDA, L. S.; SOARES, A. P. Os estudantes universitários: sucesso escolar e desenvolvimento psicossocial. In: MERCURI, E.; POLYDORO, A. J. (orgs). **Estudante universitário: características e experiências de formação**. Coleção Psicologia e Educação Superior. Taubaté: Cabral editora e Livraria universitária, 2003.
- ALMEIDA, L. S.; SOARES, A. P. C.; FERREIRA, J. A. G. Transição e adaptação à Universidade: Apresentação de um Questionário de Vivências Acadêmicas (QVA). **Psicologia**, Lisboa, v. 14, n. 2, p. 189-208, 2000. Disponível em: <http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0874-20492000000200005&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 04 fev. 2017.
- ANSOLIN, A. G. A. et al. Prevalência de transtorno mental comum entre estudantes de psicologia e enfermagem. **Arquivos de Ciências da Saúde**, [S.l.], v. 22, n. 3, p. 42-45. Disponível em: <<http://www.cienciasdasaude.famerp.br/index.php/racs/article/view/83>>. Acesso em: 27 maio 2019.
- BARDAGI, M. P.; HUTZ, S. Eventos estressores no contexto acadêmico: uma breve revisão da literatura brasileira. **Interação Psicologia**, v. 15, n. 1, p.111-119, 2011.
- _____. Evasão universitária e serviços de apoio ao estudante: uma breve revisão da literatura brasileira. **Psicologia Revista**, São Paulo, v. 14, n. 2, p. 279-301, 2005.
- BASSO, C. et al. Organização de tempo e métodos de estudo: oficinas com estudantes universitários. **Rev. bras. orientac. prof**, São Paulo, v. 14, n. 2, p. 277-288, 2013. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-33902013000200012&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 09 jun. 2019
- BOLSONI-SILVA, A. T.; LOUREIRO, S. R. Validação do Questionário de Avaliação de Habilidades Sociais, Comportamentos, Contextos para Universitários. **Psic.:**

Teor. e Pesq., Brasília, v. 32, n. 2, p. 1-10, 2016. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-37722016000200211&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 15 mar. 2017.

BONIFÁCIO, S. P.; SILVA, R. C. B.; MONTESANO, F. T.; PADOVANI, R. C. Investigação e manejo de eventos estressores entre estudantes de Psicologia. **Revista Brasileira de Terapias Cognitivas**, Ribeirão Preto, v. 7, n.1, p.15-20, 2011.

BRITO, V. Um convite à pesquisa: epistemologia qualitativa e psicodrama. In: MONTEIRO, A. M.; MERENGUÉ, D.; BRITO, V. **Pesquisa qualitativa e Psicodrama**. São Paulo: Ágora, 2006.

BUSTOS, D. M. **Novos Rumos em Psicodrama**. São Paulo: Ática, 1992.

BUZELI, C. P.; COSTA, A. L. R. C.; RIBEIRO, R. L. R. Promoção da saúde de estudantes universitários: contribuições da Terapia Comunitária. **Revista eletrônica gestão e saúde**, Brasília, v. 3, n. 1, p. 608-619, 2012.

CERCHIARI, E. A. N.; CAETANO, D.; FACCENDA, O. Prevalência de transtornos mentais menores em estudantes universitários. **Estudos de Psicologia**, v.10, n.3, p. 413-420, Natal, 2005.

COLARES, M. F.A.; ANDRADE, A. S. Atividades grupais reflexivas com estudantes de Medicina. **Rev. bras. educ. med.**, Rio de Janeiro, v. 33, n. 1, p. 101-114, mar. 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-55022009000100014&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 14 mar. 2017.

CONTRO, L. Veredas da pesquisa psicodramática: entre a pesquisa-ação crítica e a pesquisa-intervenção. **Rev. bras. psicodrama**, São Paulo, v. 17, n. 2, p. 13-24, 2009. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-53932009000200002&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 15 mar. 2017.

_____. **Grupos de apoio ao processo de trabalho em saúde: articulações teórico-práticas entre Psicodrama e Análise Institucional**. Campinas, 2009. 272f. Tese (Doutorado em Saúde Coletiva) - Faculdade de Ciências Médicas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2009.

COSTA, E. F. O. et al. Common mental disorders and associated factors among final-year healthcare students. **Rev. Assoc. Med. Bras.**, São Paulo, v. 60, n. 6, p. 525-530, 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-42302014000600525&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 14 ago. 2017.

CUKIER, R. **Psicodrama Bipessoal**. São Paulo: Ágora, 1992.

FERREIRA, C. P. B. **A Expressividade no Sociodrama**. Brasília, 2010, 133f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de Brasília, Brasília, 2010.

FOGACA, M. C. et al. Burnout em estudantes de psicologia: diferenças entre alunos iniciantes e concluintes. **Aletheia**, Canoas, n. 38-39, p. 124-131, dez. 2012. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-03942012000200010&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 10 jun. 2019.

FONAPRACE, Fórum Nacional de Pró-Reitores de Assuntos Comunitários e Estudantis. **Perfil Socioeconômico e cultural dos estudantes de graduação das instituições federais de ensino superior**. Brasília: FONAPRACE, 88p. 2011.

FONSECA, J. S. F. **Psicodrama da Loucura**- correlações entre Buber e Moreno. São Paulo: Ágora, 1980.

FOX, J. **O Essencial de Moreno**: textos sobre psicodrama, terapia de grupo e espontaneidade. São Paulo: Editora Ágora, 2002.

GOMES, A.T; PEDRÃO, L. J.; RIBEIRO, D. F; ANDRADE, A.S. Sociodrama com estudantes universitários: um instrumento de investigação e promoção de saúde mental. In: FADEL, B; CARVALHO, S.N. (Org.). **Desenvolvimento Regional em perspectiva: sociedade, políticas e desenvolvimento**. Franca: Uni-FACEF, p. 81-89, 2016.

GOMES, C., COMONIAN, J. O., ARAÚJO, C. L. Sofrimento psíquico na universidade: uma análise dos sentidos configurados por acadêmicos. **Revista Psicologia, diversidade e saúde**, Salvador, v.7, n.2, p. 255-266, 2018.

GONÇALVES, C. S.; WOLFF, J. R.; ALMEIDA, W. C. **Lições de Psicodrama**: Introdução ao pensamento de J. L. Moreno. São Paulo: Ágora, 1988.
MORENO, J. L. **Psicodrama**. 2008.

GRANER, K. M.; CERQUEIRA, A. T. A. R. Revisão integrativa: sofrimento psíquico em estudantes universitários e fatores associados. **Ciênc. saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v. 24, n. 4, p. 1327-1346, 2019. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232019000401327&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 10 jun. 2019.

HORTA, R. L., HORTA, B. L., HORTA, C. L. Uso de drogas e sofrimento psíquico numa universidade do Sul do Brasil. **Psicologia em Revista**, Belo Horizonte, v. 18, n. 2, p. 264-276, 2012.

IGUE, É. A; BARIANI, I. C. D.; MILANESI, P. V. B. Vivência acadêmica e expectativas de universitários ingressantes e concluintes. **Psico-USF**, Itatiba, v. 13, n. 2, p. 155-164, 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-82712008000200003&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 26 mai. 2019.
<http://dx.doi.org/10.1590/S1413-82712008000200003>.

MALAQUIAS, M.C. Teoria dos grupos e sociatria. In: NERY, M.P.; CONCEIÇÃO, M.I.G. (orgs). **Intervenções grupais**: o psicodrama e seus métodos. São Paulo: Ágora, 2012.

MARTIN, M. A. F. **Elaboração, aplicação e avaliação de um programa sociodramático para suporte emocional e desenvolvimento de papéis sociais em grupo de pais de pessoas com deficiência intelectual**. 2016. 159 f. Tese (Doutorado em Distúrbio do Desenvolvimento)- Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2016.

MATIAS, R. C.; MARTINELLI, S. C. Um estudo correlacional entre apoio social e autoconceito de estudantes universitários. **Avaliação**, Campinas, v. 22, n. 1, p. 15-33, 2017. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/aval/v22n1/1982-5765-aval-22-01-00015.pdf>>. Acesso em: 4 jun. 2019.

MATTA, C. M. B; LEBRAO, S. M. G; HELENO, M. G. V. Adaptação, rendimento, evasão e vivências acadêmicas no ensino superior: revisão da literatura. **Psicol. Esc. Educ.**, Maringá, v. 21, n. 3, p. 583-591, 2017. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-85572017000300583&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 02 jun. 2019.

MENEZES, C. B.; FIORENTIN, B.; BIZARRO, L. Meditação na universidade: a motivação de alunos da UFRGS para aprender meditação. **Psicol. Esc. Educ.**, Maringá, v. 16, n. 2, p. 307-315, 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-85572012000200014&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 25 mai. 2019.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 11.ed. São Paulo: Hucitec, 2008.

_____. (org). **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2008.

MINAYO, M. C. S. & SANCHES, O. Quantitativo-Qualitativo: Oposição ou Complementaridade? **Cad. Saúde Públ.**, Rio de Janeiro, 9 (3): 239-262, jul/set, 1993.

MORENO, J. L. **Psicodrama**. 16.ed. Trad. Álvaro Cabral. São Paulo: Editora Cultrix, 2008.

_____. **J. L. Moreno: autobiografia**. Trad. Luiz Cuschnir. São Paulo: Saraiva, 1997.

MORENO, P. F.; SOARES, A. B. O que vai acontecer quando eu estiver na universidade? Expectativas de jovens estudantes brasileiros. **Aletheia**, Canoas, n. 45, p. 114-127, 2014. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-03942014000200009&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 21 mai. 2019.

MURAKAMI, K. et al. Atuações de um centro educacional e psicológico junto a estudantes universitários. **Rev. bras. orientac. prof**, Florianópolis, v. 19, n. 1, p. 109-119, 2018. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-33902018000100012&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 13 jun. 2019.

NAFFAH NETO, A. **Psicodrama: descolonizando o imaginário**. 2.ed. São Paulo: Plexus, 1997.

NERY, M. P.; COSTA, L.; CONCEIÇÃO, M. I. G. O Sociodrama como método de pesquisa qualitativa. **Paidéia**, Ribeirão Preto, v. 16, n. 35, 2006.

_____. Sociodrama e política de cotas para negros: um método de intervenção psicológica em temas sociais. **Psicol. Cienc. prof.**, Brasília, v. 25, n. 1, p. 132- 145, 2005.

NERY, M.P. Sociodrama. In: NERY, M.P.; CONCEIÇÃO, M.I.G. (Orgs.). **Intervenções grupais: o psicodrama e seus métodos**. São Paulo: Ágora, 2012.

OLIVEIRA, A.G.S. et al. Promoção de Saúde Mental dos Acadêmicos de Enfermagem. **Revista pró-UniverSUS**, Vassouras, v.7, n. 3, p. 32-38, 2016.

OLIVEIRA, C.T. et al. Adaptação acadêmica e coping em estudantes universitários brasileiros: uma revisão de literatura. **Rev. bras. orientac. prof**, São Paulo, v. 15, n. 2, p. 177-186, 2014. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-33902014000200008&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 03 jun. 2019.

PACHANE, G. G. A experiência universitária e sua contribuição ao desenvolvimento pessoal do aluno. In: MERCURI, E.; POLYDORO, A. J. (orgs.). **Estudante universitário: características e experiências de formação**. Coleção Psicologia e Educação Superior. Taubaté: Cabral editora e Livraria universitária, 2003, p. 155-186.

PANÚNCIO-PINTO, M.; COLARES, M. F. O estudante universitário: os desafios de uma educação integral. **Medicina (Online)**, Ribeirão Preto, v.48, n. 3, p. 273-281, 2015.

PELLÁ, L. M., MAGNABOSCO-MARTINS, C. R. Vidas em formação: narrativas de acadêmicos sobre a experiência na graduação em Psicologia. **Revista Psicologia, Diversidade e Saúde**, Salvador, v.7, n.3, p. 385-399, 2018.

PEREIRA, R. A. **As cenas temidas do psicoterapeuta iniciante: a construção do papel profissional do psicoterapeuta**. São Paulo: Ágora, 2011.

PERES, R.S.; SANTOS, M. A.; COELHO, H. M. B. Atendimento psicológico a estudantes universitários: considerações acerca de uma experiência em clínica-escola. **Estud. psicol.** Campinas, v. 20, n. 3, p. 47-57, 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-166X2003000300004&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 14 ago. 2017.

PILLON, S. C. et al. Uso de álcool e espiritualidade entre estudantes de enfermagem. **Rev. esc. enferm. USP**, São Paulo, v. 45,n. 1, p. 100-107, 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0080-62342011000100014&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 14 ago. 2017.

RAMALHO, C. M. R. O Sociodrama e o Roleplaying na prática Sociopsicodramática. In: MARRA, M. M.; FLEURY, H. J. **Grupos: Intervenção Socioeducativa e Método Sóciopsicodramático**. São Paulo: Ágora, 2008.

RIBEIRO, D. F. **Os bastidores da relação família e escola**. 2004. 266 f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2004.

_____. ANDRADE, A. S. **Recriando o papel profissional: o cuidado à pacientes HIV positivo**. 52 f. Monografia – FEBRAP, Ribeirão Preto, 2000.

RIBEIRO, D. F. Desenvolvimento como liberdade e educação: a pesquisa-intervenção sociodramática e a promoção da condição de agente. In: ZAMBAUM, N.J. **Estudos sobre Amartya Sen: pesquisa e repercussão social**. Erechim: Deviant, 2018.

ROCHA, M. L. Psicologia e as práticas institucionais: a pesquisa- intervenção em movimento. **PSICO**, v. 37, n. 2, p. 169-174, maio/ago. 2006.

ROCHA, E. S.; SASSI, A. P. Transtornos mentais menores entre estudantes de medicina. **Rev. bras. educ. med.**, Rio de Janeiro, v. 37, n. 2, p. 210-216, 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-55022013000200008&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 14 ago.2017.

SANTOS, A. A. A. et al. Integração ao ensino superior e satisfação acadêmica em universitários. **Psicol. cienc. prof.**, Brasília, v. 33, n. 4, p. 780-793, 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932013000400002&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 28 mai. 2019.

SARRIERA, J. C. et al. Estudo comparativo da integração ao contexto universitário entre estudantes de diferentes instituições. **Rev. bras. orientac. prof**, São Paulo, v. 13, n. 2, p. 163-172, dez. 2012. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-33902012000200004&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 28 mai. 2019.

SCHUTZENBERGER, A. A. **O teatro da vida: psicodrama**. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1970.

SILVA, É. C.; TUCCI, A. M. Intervenção breve para redução do consumo de álcool e suas consequências em estudantes universitários brasileiros. **Psicol. Reflex. Crit.**, Porto Alegre, v. 28, n. 4, p. 728-736, 2015. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-79722015000400011&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 14 ago. 2017.

SILVA, R. R. **O perfil de saúde de estudantes universitários: um estudo sob o enfoque da Psicologia da Saúde**. Santa Maria, 2010. 90 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Centro de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2010.

SILVA, A. G.; CERQUEIRA, A. T. A. R.; LIMA, M. C. P. Apoio social e transtorno mental comum entre estudantes de Medicina. **Rev. bras. epidemiol**, São Paulo, v. 17, n. 1, p. 229-242, 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-790X2014000100229&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 11 mar. 2017.

SILVA, R. S.; COSTA, L. A. Prevalência de Transtornos Mentais Comuns entre estudantes universitários da área da saúde. **Encontro: Revista de Psicologia**, Londrina, v. 15, n. 23, p. 105-112, 2012.

SOARES, A.; MELLO, T.; BALDEZ, M. Vivências acadêmicas em estudantes universitários do estado do Rio de Janeiro. **Interação em Psicologia**, Curitiba, v.15, n.1, p. 59-69, 2011.

SOARES, A. P. C., VASCONCELOS, R. M.; ALMEIDA, L. S. Adaptação e Satisfação na universidade: apresentação e validação do questionário de satisfação acadêmica. In: POUZADA, A. S, ALMEIDA, L. S. VASCONCELOS, R. **Contextos e dinâmica da vida acadêmica**. Lusografe: Guimarães, 2002.

SOARES, A. B. et al. Relações interpessoais na universidade: o que pensam estudantes da graduação em psicologia? **Est. Inter. Psicol.**, Londrina, v. 7, n. 1, p. 56-76, jun. 2016. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2236-64072016000100005&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 22 mai. 2019.

SOARES, A. B. et al. O impacto das expectativas na adaptação acadêmica dos estudantes no Ensino Superior. **Psico-USF**, Itatiba, v. 19, n. 1, p. 49-60, 2014 Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-82712014000100006&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 28 mai. 2019.

SOARES, A. B. et al. Situações interpessoais: o que dizem os estudantes universitários? In: SOARES, A.B. MOURÃO, L. MOTA, M.M. P. E. **O estudante universitário brasileiro: características cognitivas, habilidades relacionais e transição para o mercado de trabalho**. Curitiba: Appris, 2016, p. 115-126.

SANTOS, M. V. F.; PEREIRA, D. S.; SIQUEIRA, M. M. Uso de álcool e tabaco entre estudantes de Psicologia da Universidade Federal do Espírito Santo. **J. bras. psiquiatr.**, Rio de Janeiro, v. 62, n. 1, p. 22-30, 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0047-20852013000100004&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 14 de ago. 2017.

SCHERER, Z. A. P.; SCHERER, E. A.; CARVALHO, A. M. P. Grupoterapia com estudantes de Enfermagem durante a transição teórico-prática. **Rev Latino-am Enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 15, n.2, 2007.

SEQUEIRA, C.; CARVALHO, J.C.; BORGES, E.; SOUSA, C. Vulnerabilidade mental em estudantes de enfermagem no ensino superior: estudo exploratório. **Journal of Nursing and Health**, Pelotas, v.3, n.2, p.170-181. 2013. Disponível em: <<https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/enfermagem/article/view/3551>>. Acesso em 14 de ago. 2017.

SOUZA, A. R. Adaptação acadêmica dos alunos da psicologia do CESUCA ao Ensino Superior: uma proposta de avaliação e intervenção. **Mostra de iniciação científica do CESUCA**, [S.l.], 7, 2013. Disponível em: <<http://ojs.cesuca.edu.br/index.php/mostrac/article/view/446>>. Acesso em 14 de ago. 2017.

SUEHIRO, A. C. B. Autoconceito e desempenho acadêmico em alunos de psicologia. *Psicologia Argumento*, Curitiba, v. 24, n.44, p. 55-64, 2006.
OSSE, C. M. C. **Saúde Mental de Universitários e Serviços de Assistência Estudantil**: estudo multiaxial em uma Universidade Brasileira. Brasília, 2013, 246f. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica) - Instituto de Psicologia, Universidade de Brasília, Brasília, 2013.

RAMALHO, C. M. R. **Psicodrama e dinâmica de grupo**. São Paulo: Iglu Editora, 2011.

RAMOS-CERQUEIRA, A. T. A. et al. Era uma vez... contos de fadas e psicodrama auxiliando alunos na conclusão do curso médico. **Interface**, Botucatu, v. 9, n. 16, 2005.

VENDRAMINI, C. M. M. et al. Construção e validação de uma escala sobre avaliação da vida acadêmica (EAVA). **Estud. psicol.**, Natal, v. 9, n. 2, p. 259-268, 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-294X2004000200007&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 14 ago. 2017.

WECHSLER, M. P. F. Pesquisa e Psicodrama. **Revista Brasileira de Psicodrama**, São Paulo, v. 15, n. 2, 2007.

XAVIER, A.; NUNES, A.I.B.L.; SANTOS, M.S. Subjetividade e sofrimento psíquico na formação do Sujeito na Universidade. **Rev. mal-estar subj.**, Fortaleza, v. 8, n. 2, 2008.

APÊNDICE A - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Convite

Prezado aluno(a).

Você está sendo convidado(a) para participar da pesquisa intitulada **“Sociodrama com estudantes universitários: um instrumento de investigação e promoção de saúde mental”**, que pretende compreender as vivências de estudantes universitários e mapear situações desafiadoras e geradoras de sofrimento psíquico, assim como as vivências ampliadoras de potencialidades. Após ser esclarecido sobre a pesquisa e caso aceite participar, você receberá uma via deste documento assinada pelo pesquisador e a outra, assinada por você, ficará arquivada na Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo.

➤ **Como será minha participação nesse estudo?**

Nessa pesquisa serão realizados 12 encontros grupais empregando uma técnica intitulada Sociodrama, instrumento de condução de grupo focado no levantamento das questões do próprio grupo. Essas atividades serão propostas em 12 encontros totalizando 4 meses de pesquisa. Além disso, você será convidado a realizar duas entrevistas individuais com a pesquisadora. A primeira entrevista terá o objetivo de conhecer um pouco mais sobre você e sua história de vida e será realizada previamente ao processo grupal. A segunda entrevista será feita para que você tenha espaço de avaliar sua participação no processo grupal.

➤ **Onde serão realizados os encontros e entrevistas? E qual será o tempo de duração?**

A pesquisa será realizada no Centro Universitário Municipal de Franca. As entrevistas terão duração de 1h e os encontros em grupo de 2h, sendo que os dias e horários serão combinados com os participantes. A entrevista será gravada em áudio e os encontros em grupo serão filmados. Somente a pesquisadora terá acesso ao material videogravado, que servirá apenas como apoio para o registro de dados no diário de campo. Após as entrevistas e os encontros grupais, as gravações e as filmagens serão transcritas pela própria pesquisadora e em seguida desgravadas. Será mantido o sigilo referente à sua participação no estudo e seu nome ou sua imagem não será divulgada no caso de publicação ou exposição do trabalho.

➤ **Existe algum risco ou benefício da minha participação na pesquisa?**

A sua participação na pesquisa pode lhe causar algum desconforto imediato, devido a exposição de sua vivência acadêmica, no entanto, se isso acontecer e você quiser interromper a participação no grupo poderá fazê-lo sem nenhum prejuízo a você. Caso queira se estender sobre a questão que o(a) incomodou(a) você poderá conversar com a responsável pela pesquisa. Por outro lado, a pesquisa pode lhe beneficiar, por oportunizar momentos de reflexão e aprendizado sobre as experiências e dificuldades relacionadas à formação acadêmica, assim como na busca de enfrentamento dessas dificuldades. A pesquisa também beneficiará o campo de estudos sobre assistência estudantil universitária, uma vez que compreender as vivências geradoras de sofrimento psíquico pode levar a criação, pelas Universidades, de ações que minimizem tal sofrimento.

➤ **Serei identificado?**

Não. Esta pesquisa garante a segurança de que você não será identificado e que serão mantidas em segredo as informações que você nos falar, assim como as

experiências vividas no grupo. Garante ainda o compromisso de que será você será devidamente acompanhado e assistido durante todo o processo de pesquisa. A sua participação na pesquisa é voluntária e você pode desistir a qualquer momento. Garantimos a você o direito de receber resposta a qualquer pergunta, ou esclarecimento a qualquer dúvida, sobre os procedimentos que serão realizados. Não haverá nenhum custo ou benefício financeiro caso aceite participar, e você tem direito a indenização, segundo as leis vigentes no país, caso ocorra dano decorrente de sua participação nesse estudo, por parte do pesquisador e da instituição a que se vincula. Os resultados dessa pesquisa serão apresentados em congressos científicos e em revistas de pesquisa sem identificar ninguém que tenha participado dela.

➤ **E se eu tiver dúvidas, com quem posso conversar?**

Caso você tenha alguma dúvida ao longo da pesquisa ou sinta necessidade de apoio ao longo do processo, poderá conversar com a pesquisadora pessoalmente no Uni-FACEF (Centro Universitário Municipal de Franca) ou pelo telefone (16) 98112-7858.

Essa pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em pesquisa da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo, que tem a função de proteger eticamente o participante da pesquisa. Dessa forma, você será respeitado durante todo o processo de pesquisa, não sendo obrigado a participar de nenhuma fase desta.

Eu, _____, data de nascimento _____, tenho ciência do exposto acima e declaro livremente minha vontade de participar da pesquisa.

Assinatura do participante da pesquisa

Franca, _____.

Angélica Teixeira Gomes

Profº Drº Luiz Jorge Pedrão

Contatos:

Angélica Teixeira Gomes

Email: angelicagomes@usp.br

Profº Drº Luiz Jorge Pedrão - email: lujope@eerp.usp.br

Comitê de Ética em Pesquisa da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto- USP

Avenida Bandeirantes, 3900, Ribeirão Preto, SP. Tel.: (16) 3315-9197

Horário de funcionamento: Segunda a sexta-feira das 8h às 17h.

ANEXO A – Parecer do Comitê de Ética em Pesquisa da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo.

Centro Colaborador da OPAS/OMS para o
Desenvolvimento da Pesquisa em Enfermagem

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE ENFERMAGEM DE RIBEIRÃO PRETO

Avenida Bandeirantes, 3900 - Ribeirão Preto - São Paulo - Brasil - CEP 14040-902
Fone: 55 16 3315.3382 - 55 16 3315.3381 - Fax: 55 16 3315.0518
www.eerp.usp.br - eerp@usp.br

Ofício CEP-EERP/USP nº 417/2016, de 23.12.2016

Prezado Senhor,

Comunicamos que o projeto de pesquisa abaixo especificado foi analisado e considerado **aprovado “ad referendum”** pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo (CEP-EERP/USP) em 23 de dezembro de 2016.

Protocolo CAAE: 62229716.2.0000.5393

Projeto: Sociodrama com estudantes universitários: um instrumento de investigação e promoção de saúde mental.

Pesquisadores: Angélica Teixeira Gomes
Luiz Jorge Pedrão (orientador)

Em atendimento à Resolução 466/12, deverá ser encaminhado ao CEP o relatório final da pesquisa e a publicação de seus resultados, para acompanhamento, bem como comunicada qualquer intercorrência ou a sua interrupção.

Atenciosamente,

Prof.ª Dra. Angelita Maria Stabile
Coordenadora do CEP-EERP/USP

Ilmo. Sr.

Prof. Dr. Luiz Jorge Pedrão

Departamento de Enfermagem Psiquiátrica e Ciências Humanas
Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto - USP